

Colleen McCullough

A CANÇÃO DE
TRÓIA



Revisão: Lancelot – troca_de_ebooks@yahoogrupos.com.br



COLLEEN McCULLOUGH
A CANÇÃO DE TRÓIA

Capítulo Primeiro

Narrado por Príamo

Nunca houve uma cidade como Tróia. O jovem sacerdote Calcas, enviado à egípcia Tebas durante o seu noviciado, regressou indiferente às pirâmides construídas ao longo da margem ocidental do Rio da Vida. Tróia, disse ele, era mais imponente, pois toda ela se erguia mais alto e os seus edifícios albergavam os vivos e não os mortos. No entanto, acrescentou, havia uma circunstância atenuante: os Egípcios possuíam deuses inferiores. Os Egípcios tinham movido as suas pedras com mãos mortais, ao passo que as poderosas muralhas de Tróia haviam sido erigidas pelos próprios deuses. Aplanar Babilônia, disse ainda Calcas, também não podia competir com Tróia, pois tinha apenas a altura que era permitida pela lama do rio e as suas muralhas assemelhavam-se a uma obra de crianças.

Não se lembra homem nenhum de quando foram construídas as nossas muralhas, pois isso sucedeu há muito, muito tempo. Contudo, todos os homens conhecem a história. Dárdano (filho do rei dos nossos deuses, Zeus) apossou-se da península que existe na ponta extrema da Ásia Menor, onde, a norte, o mar Euxino derrama as suas águas no mar Egeu, através do exíguo estreito do Helesponto. Dárdano dividiu este novo reino em duas partes. Deu a parte sul ao seu segundo filho, que chamou Dardânia ao seu domínio e instalou a capital na cidade de Lirnesso. Embora menor, a parte norte é muitíssimo mais rica; foram-lhe conferidos a tutela sobre o Helesponto e o direito de impor tributos a todos os mercadores que entrem ou saiam do mar Euxino. A esta parte chamamos Tróada. A sua capital, Tróia, ergue-se sobre o monte do mesmo nome.

Zeus amava o seu filho mortal. Por isso, quando Dárdano pediu ao seu divino pai que desse a Tróia muralhas indestrutíveis, foi com grande prazer que Zeus satisfez o seu desejo. Por essa altura, havia dois deuses que não estavam nas boas graças de Zeus: Poseidon, senhor do mar, e Apolo, senhor da luz. Ordenou-lhes Zeus que seguissem para Tróia e construíssem muralhas mais altas, mais grossas e mais fortes do que todas as outras. Era um trabalho muito pouco indicado para o delicado e enfadado Apolo, que preferia pegar na sua lira a ficar todo sujo e transpirado - uma maneira, explicou ele ao ingênuo Poseidon, de ajudar a passar o tempo enquanto as muralhas iam subindo. E foi assim que Poseidon empilhou pedras atrás de pedras, enquanto Apolo lhe cantava as suas canções.

Poseidon, no entanto, não trabalhava de graça: com efeito, todos os anos, deveria ser depositada a soma de cem talentos de ouro no seu templo em Lirnesso.

O rei Dárdano concordou; desde tempos imemoriais que os cem talentos de ouro são pagos todos os anos ao templo de Poseidon em Lirnesso. O problema é que, precisamente na altura em que o meu pai, Laomedonte, subiu ao trono troiano, um terremoto devastador destruiu a Casa de Minos em Creta e arrasou o império da ilha de Tera. A nossa muralha ocidental ruíu e o meu pai contratou o engenheiro grego Éaco para a reconstruir.

Éaco fez um bom trabalho, ainda que a nova muralha não tivesse nem as linhas suaves nem a beleza do resto da grandiosa cintura de pedra erigida pelos deuses.

O contrato com Poseidon (pelos vistos, Apolo não se dignou sequer pedir o seu salário de músico), disse então o meu pai, deixara de ter validade. As muralhas, afinal de contas, não eram indestrutíveis. Portanto, os cem talentos de ouro pagos todos os anos ao templo de Poseidon em Lirnesso não voltariam a ser pagos. Nunca mais. Superficialmente, este argumento parecia válido - só que os deuses sabiam, com toda certeza, aquilo que eu, então um rapaz, estava farto de saber: o rei Laomedonte era um sovina incurável e odiava ter de pagar o precioso ouro de Tróia a um templo situado numa cidade rival que era governada por uma dinastia rival, apesar de ligada à nossa pelo sangue.

Fosse qual fosse a verdadeira razão, o certo é que o ouro deixou de ser pago e nada de invulgar aconteceu durante aqueles anos em que eu, da criança que era, passei ao homem que sou.

Quando o leão apareceu, a ninguém passou pela cabeça que um tal sucesso pudesse estar relacionado com deuses ofendidos ou com as muralhas da cidade.

Nas verdejantes planícies a sul de Tróia, ficava a quinta onde o meu pai criava os seus cavalos, o único prazer que ele se permitia - embora, para o rei Laomedonte, até mesmo o prazer tivesse de dar lucro. Pouco tempo depois de Éaco, o Grego, ter concluído a construção da muralha ocidental, chegou a Tróia um homem vindo de uma terra longínqua - tão longínqua que, dela, só sabíamos que as suas montanhas suportavam o céu e que a sua erva era mais tenra e viçosa do que todas as outras ervas do mundo. O refugiado trazia consigo dez cavalos: três garanhões e sete éguas. Nunca tínhamos visto cavalos assim - corpulentos, velozes, graciosos, com abundantes crinas e compridas caudas e bonitos focinhos, bem

comportados e dóceis. Esplêndidos para puxarem bigas! No instante em que o rei os viu, o destino do estrangeiro ficou traçado: morreu. Quanto aos seus cavalos, passaram a ser propriedade privada do rei de Tróia. O qual, graças a esses dez belos exemplares, criou uma raça tão famosa que mercadores de todo o mundo começaram a aparecer em Tróia, desejosos de comprarem éguas e machos castrados; sim, porque o meu pai era demasiado astuto para cair no erro de lhes vender um garanhão.

Pelo meio da quinta, passava um velho e sinistro caminho, outrora usado pelos leões que, no Verão, atravessavam a Ásia Menor rumo à Cítia, no norte, e que, no Inverno, seguiam para sul, para a Cária e a Lícia, onde o sol conservava o poder de aquecer as suas fulvas peles. As caçadas tinham-nos dizimado; o caminho dos leões transformara-se num rego por onde corriam as águas de um riacho.

Há seis anos, os camponeses acorreram ao palácio de meu pai, lívidos de medo. Não esquecerei nunca a calma do rei, quando lhe disseram que três das suas melhores éguas estavam mortas e que um garanhão fora gravemente mutilado e que tudo fora obra de um leão.

Laomedonte não era, de seu natural, propenso a acessos de cólera. Com uma voz rigorosamente controlada, ordenou a um destacamento dos Guardas Reais que se postasse no caminho em causa na Primavera seguinte e que matasse o animal.

Mas não era um leão vulgar, aquele leão! Aparecia todos os Outonos e Primaveras, mas tão furtivamente que ninguém o via, e matava muito mais do que a sua barriga precisava. Matava porque gostava de matar. Dois anos após o seu aparecimento, os Guardas Reais surpreenderam-no a atacar um garanhão. Avançaram para ele, batendo com as espadas nos escudos, com o que pretendiam encostá-lo a um canto a fim de poderem usar as suas lanças. Em vez disso, o leão rugiu o seu grito de guerra, correu na direção dos soldados e passou por eles como um pedregulho deslizando por uma encosta. Os soldados dispersaram, mas o rei dos animais teve ainda tempo para matar sete homens antes de seguir o seu caminho sem um único arranhão.

Deste desastre resultou uma coisa boa. Um homem dilacerado pelas garras do animal sobreviveu e foi contar aos sacerdotes, e em particular a Calcas, que o leão tinha a marca de Poseidon; no seu pálido flanco, via-se claramente o tridente negro do deus. Calcas consultou imediatamente o Oráculo e anunciou que o leão pertencia a Poseidon. Que nenhuma mão troiana tocasse no animal!, exclamou Calcas, pois este era um castigo infligido a Tróia por ter se furtado ao pagamento dos cem talentos anuais ao senhor dos mares. E mais: o leão só se iria embora quando Tróia retomassem o devido pagamento.

De início, o meu pai ignorou Calcas e o Oráculo. No Outono seguinte, ordenou de novo aos Guardas Reais que matassem o leão. Mas Laomedonte tinha subestimado o medo que todos os homens comuns têm aos deuses: mesmo quando ameaçou os guardas com a morte, estes recusaram-se a obedecer. Furioso, mas decidido a não ceder, o meu pai informou Calcas de que se recusava a pagar ouro troiano a Lirnesso - os sacerdotes que pensassem numa alternativa. Calcas voltou a consultar o Oráculo, que anunciou, de uma forma muito clara, que havia realmente uma alternativa. Se, todos os Outonos e Primaveras, seis moças virgens escolhidas à sorte fossem acorrentadas e deixadas nos campos onde os cavalos pastavam para que o leão delas fizesse banquete, Poseidon ficaria satisfeito pelo menos por uns tempos.

Claro que o rei preferia dar virgens ao leão a perder ouro; e foi assim que o novo plano foi posto em prática. O problema é que o meu pai nunca confiou efetivamente nos sacerdotes nesta matéria particular, não por ser um homem sacrílego - dava aos deuses aquilo que achava que os deuses tinham direito -, mas porque detestava que outras pessoas ficassem com o ouro que, afinal, era só dele. Assim, todos os Outonos e Primaveras, todas as virgens de Tróia, meninas de não mais do que quinze anos, eram cobertas da cabeça aos pés com um pesado manto branco, de molde a que não fosse possível identificá-las, e levadas para o pátio de Poseidon, o Construtor de Muralhas, onde os sacerdotes escolhiam seis daqueles embrulhos tão brancos quanto anônimos para o sacrifício.

A manobra resultou. Duas vezes ao ano, o leão passava pelo seu caminho, matava as moças acorrentadas e deixava os cavalos incólumes. Para o rei Laomedonte, era um preço insignificante a pagar para que nem o seu orgulho, nem o seu comércio, saíssem molestados.

Há apenas quatro dias, foram escolhidas as seis virgens deste Outono. Cinco delas eram moças da cidade; a sexta era da cidadela, o palácio real. A mais amada das filhas do meu pai, Hesíona. Quando Calcas surgiu com a triste notícia, o rei nem queria acreditar.

- O quê? Então tu foste idiota ao ponto de não deixares nenhuma marca no manto dela? - replicou o meu pai. - A minha filha - a minha filha! - tratada do mesmo modo que todas as outras moças da cidade?

- Limito-me a obedecer às ordens de Poseidon - retorquiu calmamente Calcas.

- Não! Poseidon não ordenou que a minha filha fosse escolhida! O que ele ordenou foi que lhe dessem seis moças virgens - foi isso, apenas isso! Por isso, Calcas, trata de escolher outra vítima!

- Não posso, Grande Rei. E não havia maneira de convencer Calcas do contrário. Uma mão divina presidia à escolha: portanto, se Hesíona fora escolhida, só ela poderia satisfazer os termos do contrato.

Ainda que nenhum membro da corte tivesse assistido a este tenso e irado encontro, o certo é que, ao fim de pouco tempo, as novidades corriam soltas pela cidadela. Bajuladores como Antenor condenavam energicamente o sacerdote, ao passo que os muitos filhos do rei - incluindo eu, o seu herdeiro - pensavam que Laomedonte teria finalmente de ceder e pagar a Poseidon os cem talentos de ouro anuais. No dia seguinte, o rei convocou o seu Conselho. Participei, evidentemente, na reunião; o herdeiro tem de estar presente sempre que o rei toma uma decisão.

O rei Laomedonte parecia calmo; não havia nele nada que denunciasse a agitação que dentro dele fervia. Era um homem pequeno, o meu pai, já longe do vigor da juventude; eram da cor da prata os seus longos cabelos e da cor do ouro o comprido manto. A sua voz sempre nos surpreendeu; agora, era com uma voz grave, nobre, melódica, forte, que se dirigia aos seus conselheiros.

- A minha filha Hesíona - disse ele aos filhos, primos diretos e primos mais afastados - concordou em submeter-se ao sacrifício. Obedece assim à vontade do deus.

Talvez Antenor tivesse adivinhado o que o rei iria dizer a seguir; eu não adivinhei, e os meus irmãos também não.

- Meu pai! - exclamei, sem conseguir controlar-me. - Não podes permitir que isso aconteça! Quando Tróia vive tempos difíceis, o rei pode sacrificar-se para salvar o seu povo, mas as suas filhas virgens pertencem à virgem Ártemis e não a Poseidon!

O meu pai pouco se preocupava com o fato de o seu filho mais velho o repreender diante de toda a corte; os seus lábios franziram-se, o seu peito inchou, e logo veio a resposta:

- A minha filha foi escolhida, Príamo Podarkes! Escolhida por Poseidon!

- Poseidon ficaria mais contente - repliquei, furioso - se pagasses os cem talentos de ouro ao templo de Lirnesso.

Nesse preciso momento, dei-me conta do sorriso satisfeito de Antenor. Ah, o que ele adorava as desavenças entre o rei e o seu herdeiro!

- Recuso-me - disse o rei Laomedonte - a pagar ouro que tanto nos custou a obter, a um deus que não conseguiu construir uma muralha capaz de resistir a um dos seus próprios terremotos!

- Não podes condenar Hesíona à morte!

- Eu não estou a condená-la à morte! A decisão foi de Poseidon!

O sacerdote Calcas mexeu-se um nada para logo ficar quieto.

- Um homem mortal como tu - disse eu - não deveria responsabilizar os deuses pelas suas próprias fraquezas!

Nota do tradutor: Podarkes é um termo do Grego antigo que significa de pés ligeiros», «veloz.

- Estás a dizer que eu tenho... fraquezas?

- Todos os homens mortais as têm - respondi. - Até mesmo o rei da Tróada!

- Podes retirar-te, Príamo Podarkes! Desaparece! Quem sabe? Pode ser que, no próximo ano, Poseidon exija que os herdeiros ao trono se submetam ao sacrifício!

Antenor continuava a sorrir. Obedeci a meu pai; saí e procurei consolo na cidade e no vento.

Um vento frio e úmido vindo do distante pico do monte Ida esfriou a minha raiva, enquanto atravessava o pátio lajeado à saída da Sala do Trono, a caminho dos degraus - duzentos, ao todo - que conduzem ao ponto mais alto da cidadela. Aí, muito acima da distante planície, cravei as minhas mãos em pedras que homens haviam moldado; sim, porque a cidadela não fora construída pelos deuses, mas sim pelos homens de Dárdano. Aqueles ossos da Mãe Terra, cuidadosamente trabalhados por mãos humanas, como que penetraram no mais íntimo do meu ser; com efeito, senti, nesse preciso instante, todo o poder que ao rei era inerente. Quantos anos, perguntei-me, quantos anos teria ainda de esperar até poder usar a tiara de ouro e sentar-me na cadeira de marfim que era o trono de Tróia? Os homens da Casa de Dárdano costumavam morrer muito velhos e Laomedonte não chegara ainda aos setenta.

Durante um longo tempo, observei o vaivém constante de homens e mulheres lá em baixo na cidade; depois, os meus olhos procuraram paragens mais distantes, as verdejantes planícies onde os preciosos cavalos do rei Laomedonte esticavam os seus longos pescoços para se alimentarem das tenras ervas. Mas essa era uma visão que contribuía apenas para agravar o meu sofrimento. Olhei então para

oeste, para a ilha de Ténedo, e para o fumo das fogueiras com que os habitantes da pequena aldeia portuária de Sigeu combatiam o frio. Para norte, as águas azuis do Helesponto imitavam o céu; vi a longa curva acinzentada da praia, entre os estuários dos rios Escamandro e Simoente, os dois rios que irrigavam a Tróada e alimentavam os campos de trigo e cevada que ondulavam ao sabor de um vento que nunca se cansava de zumbir.

Por fim, o vento fez-me regressar ao grande pátio diante da entrada dos palácios, onde esperei que um criado me trouxesse o meu carro.

- Para a cidade - disse eu para o condutor. - Deixa que os cavalos te conduzam.

A estrada principal descia da cidadela para se juntar à curva da avenida que corria à volta das muralhas da cidade. As muralhas construídas por Poseidon. Na junção das duas ruas, erguia-se uma das três portas das muralhas, a Porta Ceia. Não me lembrava de alguma vez a ver fechada; dizia-se que isso só aconteceria em tempos de guerra e não havia no mundo uma nação que fosse forte o bastante para declarar guerra a Tróia.

A Porta Ceia tinha uma altura de vinte cúbitos e era feita de enormes toras de madeira unidas umas às outras com pregos e chapas de bronze; tão pesada era que nem as maiores dobradiças do mundo poderiam movê-la. A Porta Ceia abria-se segundo um princípio que teria sido concebido pelo arqueiro Apolo, enquanto descansava ao sol vendo Poseidon trabalhar. O fundo da porta assentava numa grande pedra redonda inserida numa cova funda e curva e envolvida por maciças correntes de bronze. Se a porta tivesse de ser fechada, trinta bois atrelados às correntes puxariam lentamente a porta, pois a enorme pedra redonda só assim giraria no fundo da sua cova.

Em menino, desejoso de assistir a um tal espetáculo, suplicara ao meu pai que mandasse atrelar os bois às correntes da pedra. O meu pai rira-se e recusara.

No entanto, agora, ali estava eu, um homem de quarenta anos, marido de dez esposas e possuidor de cinquenta concubinas, desejoso ainda de ver a Porta Ceia fechar-se.

Por sobre a porta, um arco ligava as muralhas, permitindo assim que não houvesse nenhuma interrupção no caminho que, no topo das muralhas, percorria todo o perímetro da cidade. A Praça Ceia permanecia permanentemente na sombra, graças àquelas fantásticas muralhas de construção divina; estas erguiam-se a uma altura de trinta cúbitos acima de mim, suaves e elegantes, brilhantes quando o sol as banhava.

Acenei para que o condutor seguisse em frente, mas, antes que ele pudesse dar o necessário movimento às rédeas, mudei de idéia e mandei-o parar. Um grupo de homens entrara pela Porta Ceia e encontrava-se agora na praça.

Gregos. Isso era manifesto nos seus modos e vestuário. Usavam saíotes de cabedal ou calções também de cabedal, muito justos, que iam até ao joelho; alguns estavam nus da cintura para cima e outros envergavam blusas de cabedal abertas, deixando a descoberto o peito. Não faltavam os adornos na sua indumentária; algumas peças de roupa eram enfeitadas com desenhos de ouro, outras com borlas ou fitas de cabedal tingido; as suas cinturas eram estreitadas por amplos cintos de ouro e bronze cravejado de lápis-lazúli; contas de cristal polido pendiam dos lóbulos das suas orelhas; cada pescoço era cingido por um grande colar incrustado de pedras preciosas; e as suas cabeleiras, muito compridas, caíam livres em caracóis cuidadosamente moldados.

Os Gregos eram mais altos e mais esbeltos do que os Troianos, mas aqueles Gregos eram mais altos e mais esbeltos e tinham um ar mais violento e perigoso do que todos os homens que vi na minha vida. Só a riqueza das suas roupas e armas me permitiu concluir que não eram vulgares bandidos, já que traziam consigo lanças e espadas.

À sua frente, seguia um homem que era seguramente uma criatura única: um gigante que suplantava em estatura todos os outros membros do grupo. Devia ter seis cúbitos de altura e tinha uns ombros que mais pareciam montanhas negras. Negra como breu e pontiaguda, uma barba cobria o seu queixo poderoso e saliente, e o seu cabelo negro, embora cortado curto, erguia-se desgrenhado sobre a testa que se projetava sobre as órbitas como se fosse um toldo. A sua única peça de roupa era uma enorme pele de leão sustentada por uma alça sobre o ombro esquerdo e que descaía depois sob o braço direito; a cabeça do leão era como um capuz que trazia às costas, com a temível bocarra aberta, exibindo as poderosas presas.

O gigante virou-se e surpreendeu-me a olhar para ele. Subjugado, olhei-o nos olhos, uns olhos tão grandes quanto serenos - uns olhos que já tinham visto tudo, suportado tudo, vivido todas as degradações que os deuses poderiam impor a um homem. Olhos que faiscavam de inteligência. Senti-me mentalmente

encostado à parede da casa que estava atrás de mim, o meu espírito completamente posto a nu, a minha mente um brinquedo nas mãos dele.

Apesar disso, consegui incutir algum vigor à minha débil coragem e, enchendo-me de brios, recompus-me do choque e assumi uma postura tão direita quanto possível; afinal de contas, era eu quem possuía um título grandioso, mais aquele carro ornamentado a ouro, mais aqueles cavalos brancos, melhores do que todos os que ele jamais vira. Afinal de contas, era eu o herdeiro deste reino, o mais poderoso de todos os reinos do mundo.

O gigante avançou por entre o tumulto da praça do mercado como se não houvesse tumulto nenhum e veio direito a mim com dois dos seus companheiros imediatamente atrás; então, com uma mão do tamanho de um presunto, afagou delicadamente os focinhos negros dos meus cavalos brancos.

- Diz-me: tu és do palácio? Da Casa Real? - perguntou-me ele com uma voz ressoante, ainda que sem sombra de arrogância.

- Eu sou Príamo Podarkes, filho e herdeiro de Laomedonte, rei de Tróia respondi.

- Eu sou Héracles - disse ele. Fitei-o boquiaberto. Héracles! Héracles estava em Tróia! Molhei os lábios secos.

- É uma grande honra para Tróia poder receber-te, Héracles. Gostaria de te convidar para casa de meu pai. Havia uma doçura surpreendente no seu sorriso.

- Agradeço-te muito, príncipe. O convite inclui todos os meus homens? Todos eles pertencem a casas nobres gregas: não envergonharão a tua corte, nem me deixarão envergonhado a mim.

- Claro, Héracles. Acenou para os dois homens que estavam na sua sombra, um sinal de que deveriam avançar.

- Posso apresentar-te os meus amigos? Este é Teseu, rei supremo da Ática, e este é Télamon, filho de Éaco, rei de Salamina.

Engoli em seco. O mundo inteiro conhecia Héracles e Teseu; os bardos cantavam incessantemente os seus feitos. Éaco, o pai do adolescente Télamon, reconstruíra a nossa muralha ocidental. Quantos outros nomes famosos haveria naquele pequeno grupo de Gregos?

Tal era o poder daquele nome que até mesmo o avarento do meu pai decidiu abrir os cordões à bolsa e oferecer ao famoso Héracles uma régia recepção. Assim, naquela mesma noite, o rei Laomedonte deu um banquete em honra de Héracles no salão do palácio, com muitas e variadas iguarias e bebidas servidas em baixela de ouro e com harpistas, bailarinas e acrobatas para entreter os convidados. Se eu sentira um temor reverente ao ver Héracles, também o meu pai experimentava agora esse sentimento; todos os gregos que faziam parte do grupo de Héracles eram reis pelos seus próprios méritos. Assim sendo, perguntei-me por que razão aceitavam seguir um homem que não reivindicava nenhum trono? Um homem que limpava estábulos? Que fora arranhado, mordido, dilacerado por todo tipo de animais, desde o mosquito ao leão?

Sentei-me na mesa régia com Héracles à minha esquerda e Télamon à minha direita; o meu pai ficou sentado entre Héracles e Teseu. Embora a iminência da morte sacrificial de Hesíona ensombrasse a nossa hospitalidade, ocultávamos tão bem esse fato que disse para mim mesmo que os nossos convidados gregos não tinham dado por nada. A conversa fluía ligeira e fácil, pois eles eram homens cultos, adequadamente instruídos em tudo, desde a aritmética mental às palavras dos poetas que, como nós, sabiam de cor. Restava saber uma coisa - por debaixo dessa capa, que gênero de homens eram os Gregos?

Eram poucos os contatos entre as nações da Grécia e as nações da Ásia Menor, entre as quais Tróia. De uma maneira geral, nós, os que vivíamos na Ásia Menor, pouca importância dávamos aos Gregos. Eram homens notoriamente sinuosos, famosos pela sua curiosidade insaciável - isso sabíamos nós; mas aqueles homens que estavam conosco deviam ser os melhores entre os Gregos, já que os Gregos escolhiam os seus reis por razões estranhas ao sangue.

O meu pai, em particular, não atribuía importância nenhuma aos Gregos. Nos últimos anos, tinha firmado tratados com os diversos reinos da Ásia Menor, dando-lhes a maior parte do comércio entre o Euxino e os mares Egeus, o que significava que havia restringido severamente o número de navios mercantes gregos autorizados a passar pelo Helesponto. A Mísia e a Lídia, a Dardânia e a Cária, a Lícia e a Cilícia, não queriam partilhar o comércio com os Gregos, e por uma razão muito simples: de algum modo, os Gregos superavam-nos sempre, os Gregos obtinham sempre os melhores negócios. E o meu pai cumpriu a sua parte, mantendo os mercadores gregos o mais longe possível das águas negras do Euxino. Todas as esmeraldas e safiras, todos os rubis, todo o ouro e prata da Cólquida e da Cítia iam para as

nações da Ásia Menor; os poucos mercadores gregos que haviam recebido a necessária autorização do meu pai tinham de concentrar os seus esforços no estanho e no cobre da Cítia.

No entanto, Héracles e os seus companheiros eram criaturas demasiado bem educadas para se porem a discutir temas tão controversos como embargos comerciais. Limitaram a sua conversa a observações elogiosas sobre a nossa cidade e as suas imponentes muralhas, sobre o tamanho da cidadela e a beleza das nossas mulheres - embora, no que tocava a mulheres, apenas conhecessem as escravas que iam de mesa em mesa, servindo guisados, distribuindo pães e carnes várias, enchendo de vinho as taças.

Como seria de esperar, ao tema das mulheres seguiu-se o dos cavalos; aguardei que Héracles abordasse o assunto, pois vira aqueles seus astutos olhos negros apreciando a qualidade dos meus cavalos brancos.

- Os cavalos que puxavam o carro do teu filho eram verdadeiramente magníficos - disse finalmente Héracles. - Nem mesmo a Tessália se pode gabar de possuir uma tão bela raça. Diz-me, Laomedonte, tens por hábito vender alguns daqueles belos espécimes?

Na expressão do meu pai, notaram-se imediatamente os traços da avareza.

- Sim, são de fato animais encantadores e é verdade que vendo alguns - mas temo que consideres o preço proibitivo. Costumo pedir mil talentos de ouro por uma boa égua.

Héracles pôs uma expressão pesarosa e encolheu os portentosos ombros.

- Talvez pudesse pagar-te esse preço, rei Laomedonte, mas, neste momento, tenho de comprar coisas mais importantes. O dinheiro que pedes é uma verdadeira fortuna.

E não voltou a falar de cavalos.

À medida que a tarde foi avançando e a luz declinando, o meu pai começou a ficar cada vez mais triste, pois não conseguia esquecer-se de que, no dia seguinte, a sua filha seria conduzida aos braços da morte. Vendo-o assim, Héracles pôs a mão no braço do meu pai, tentando consolá-lo.

- Diz-me, rei Laomedonte, o que te preocupa?

- Nada, meu amigo, nada.

Héracles fitou-o com aquele seu sorriso, tão estranhamente doce.

- Grande rei Laomedonte, o que eu leio nos teus olhos é preocupação. Conta-me tudo, peço-te.

E logo a história foi contada, ainda que o meu pai, como seria de esperar, desse de si mesmo uma imagem que não correspondia à realidade: todos os anos o seu reino era vítima de um leão que pertencia a Poseidon, os sacerdotes haviam ordenado o sacrifício de seis donzelas todos os Outonos e Primaveras, e, entre as escolhidas deste Outono, contava-se a filha que, entre todos os seus rebentos, ele mais amava - Hesiona.

Héracles escutou toda a história com um ar pensativo. Por fim, perguntou ao meu pai:

- Que disseram os sacerdotes? Que nenhuma mão troiana poderá erguer-se contra o animal? Foi isso, não foi?

Os olhos do rei brilharam.

- Precisamente, Héracles: nenhuma mão troiana.

- Nesse caso, os sacerdotes não se podem opor a que uma mão estrangeira se erga contra o leão... Não é verdade, rei Laomedonte?

- Sim, é uma conclusão lógica, Héracles. Héracles olhou de relance para Teseu.

- Eu já matei muitos leões - disse -, incluindo o de Neméia, cuja pele envergo.

O meu pai rompeu a chorar.

- Oh, Héracles, livra-nos desta maldição! Se o fizeres, ficaremos eternamente em dívida para contigo. Falo, não só em meu nome, mas em nome de todos os Troianos, que já perderam trinta e seis filhas para darem de comer ao leão.

Aguardei a resposta de Héracles, numa deleitosa expectativa; o gigante seria tudo menos idiota: não se ofereceria para lutar contra um leão enviado por um deus, sem pedir em troca alguma recompensa...

- Rei Laomedonte - disse o gigante grego suficientemente alto para que todas as cabeças se virassem para ele -, proponho-te um contrato: eu mato o leão e, em troca, tu dás-me dois dos teus cavalos, um garanhão e uma égua.

Que podia o meu pai fazer? Praticamente encostado à parede, devido à natureza pública da proposta, o rei não tinha outra possibilidade senão concordar com o preço; se não concordasse, toda a corte - os seus parentes próximos e afastados - criticaria o seu desapiedado egoísmo. Acedeu, por isso, conseguindo mesmo imitar uma expressão alegre.

- Se conseguires matar o leão, Héracles, dar-te-ei aquilo que pedes.
- Assim seja - disse Héracles, após o que, de súbito, ficou muito quieto, como que ausente: os seus grandes olhos pareciam não ver; nem pestanejavam, nem viam o que se passava à sua volta. Por fim, com um suspiro, pareceu regressar à terra. Olhou, não para o rei, mas para Teseu.
- Iremos amanhã, Teseu. O meu pai diz que o leão aparecerá ao meio-dia. Mesmo os outros gregos que estavam à mesa ficaram assombrados com tão estranho transe.

Com os delicados pulsos vergados ao peso das correntes, os tornozelos presos com grilhetas de ouro, vestidas com os seus mais belos trajes e com o cabelo primorosamente encaracolado e os olhos pintados, as seis moças esperavam que os sacerdotes chegassem ao pátio defronte do templo de Poseidon, o Construtor de Muralhas. Hesíona, a minha meia-irmã, estava entre elas, calma e resignada, embora um ligeiro tremor num dos cantos da sua meiga boca, traísse o medo que lhe ia à alma. Ressoavam no pátio o pranto e os lamentos de pais e parentes, o tinido das pesadas grilhetas, a respiração ofegante das seis aterrorizadas donzelas. Fiquei apenas o tempo suficiente para dar um beijo a Hesíona; depois, fui-me embora. Hesíona nada sabia da tentativa que Héracles ia fazer para a salvar.

Não lhe disse nada talvez porque, mesmo então, suspeitava que não nos veríamos livres da maldição tão facilmente - que, se Héracles matasse realmente o leão, Poseidon, o Senhor dos Mares, seria muito capaz de inventar algo de pior. As minhas apreensões dissiparam-se enquanto corria na direção da pequena porta nas traseiras da cidadela onde Héracles reunira o seu grupo. O gigante escolheu apenas dois ajudantes para a caçada: o venerável guerreiro Teseu e o jovem Télamon. No último momento, demorou-se a falar com um outro membro do grupo, o rei Perítoos dos Lápitais; consegui ouvi-lo dizer a Perítoos que levasse todos os homens para a Porta Ceia por volta do meio-dia e que esperasse aí por ele.

Héracles estava com pressa de partir, o que era compreensível; os gregos queriam chegar antes do Inverno aos domínios das Amazonas, onde pretendiam roubar a cinta da rainha Hipólita.

Depois daquele transe extraordinário ocorrido na noite anterior, no salão do palácio, ninguém punha em causa a convicção de Héracles de que o leão apareceria naquele dia - embora o leão nunca tivesse passado tão cedo pelas nossas terras. Mas Héracles sabia. Ele era filho do Senhor de Tudo, Zeus.

Eu tinha quatro irmãos germanos, todos eles mais novos do que eu: Titono, Clício, Lampo e Hicetáon. Acompanhamos Héracles integrados na escolta do nosso pai e chegamos ao local escolhido antes dos sacerdotes aparecerem com as donzelas. Héracles tratou imediatamente de inspecionar o terreno; por fim, voltou para junto de nós e indicou a posição que ocuparia tendo em vista o ataque, determinando que Télamon empunharia o arco e Teseu a lança. A arma dele seria uma maça enorme.

Enquanto subíamos ao alto de um outeiro mais protegido, por causa do vento e também porque daí se via melhor, o nosso pai permaneceu no caminho à espera dos sacerdotes, visto que aquele seria o primeiro dia do sacrifício. Por vezes, as pobres moças eram obrigadas a esperar muitos dias, presas às suas grilhetas de ouro, tendo por cama o chão e por alimento a pouca comida que uns quantos jovens sacerdotes, cheios de medo, lhes levavam.

O Sol ia já alto quando surgiu o cortejo que saía do santuário de Poseidon, Construtor de Muralhas. Os sacerdotes não permitiam que as lacrimosas moças parassem, empurrando-as constantemente; ao mesmo tempo, entoavam os seus cânticos rituais e batiam em minúsculos tambores com minúsculas baquetas amortecidas. Por fim, à sombra de um olmo, enterraram no chão grossas estacas a que prenderam as correntes, e desapareceram com a celeridade que a dignidade permitia. Quanto ao meu pai, subiu a toda a pressa a encosta na direção do nosso esconderijo. Instalamo-nos na relva e esperamos.

Por um momento, observei indolentemente tudo o que se passava lá em baixo, pois não contava que acontecesse alguma coisa antes do meio-dia. De súbito, o jovem Télamon saiu do seu esconderijo e correu como uma seta na direção do local onde as moças tinham se agachado, debatendo-se com as suas correntes.

Ouvi o meu pai murmurar qualquer coisa acerca do atrevimento dos gregos no preciso momento em que o rapaz abraçou a minha meia-irmã e encostou a cabeça dela ao seu peito bronzeado e nu. Hesíona era uma bela moça, bela o bastante para atrair as atenções da maior parte dos homens: mas era uma loucura correr para ao pé dela quando o leão podia aparecer a qualquer momento! Perguntei-me se Télamon teria agido com a autorização de Héracles.

As mãos de Hesíona agarravam-se desesperadamente aos braços dele; Télamon baixou a cabeça para lhe murmurar qualquer coisa ao ouvido, depois beijou-a demorada e apaixonadamente, como nenhum homem fora autorizado a beijá-la em toda a sua curta vida. Por fim, secou-lhe as lágrimas com a mão e correu, despreocupadamente, para o lugar que Héracles lhe reservara. Conseguimos ouvir as risadas dos

três gregos; fiquei tremendo de raiva. O sacrifício era sagrado! E, no entanto, aqueles homens atreviam-se a rir! Porém, quando voltei a olhar para Hesíona, constatei que ela havia perdido todo o medo, que se erguera do chão cheia de orgulho e que os seus olhos brilhavam - e tal era o seu brilho que eu, tão distante dela, podia vê-lo.

A hilaridade dos gregos manteve-se até ao fim da manhã; então, de um momento para o outro, calaram-se. Tudo o que ouvíamos era o inquieto vento troiano, soprando incessantemente.

Uma mão tocou-me no ombro. Pensando que o leão tinha aparecido, virei-me num ápice, o coração batendo desordenadamente. Mas era apenas Tissanés, um criado do palácio que trabalhava para mim. Inclinou a cabeça para me segredar:

- A princesa Hécuba pede a sua presença, senhor. A criança está prestes a nascer e as parteiras dizem que a vida da princesa está presa por um fio.

Porque é que as mulheres escolhiam sempre o momento errado? Acenei a Tissanés para que se sentasse e estivesse quieto e calado e virei-me a fim de me concentrar no caminho: mais exatamente num lugar em que, após uma pequena elevação, surgia uma cova. Os pássaros tinham deixado de cantar e de se chamar uns aos outros. O vento parara. Um calafrio percorreu-me todo o corpo.

O leão começou a subir tranquilamente a pequena elevação. Em toda a minha vida, nunca vira um animal tão grande. Tinha uma pele castanho-clara, uma imensa juba negra e uma cauda que terminava numa espessa felpa igualmente negra. No flanco direito, lá estava a marca de Poseidon, o tridente. Quando ia a meio da descida, e já perto do local onde se encontrava Hércules, o leão parou, com uma das patas erguida, a cabeça bem alta, a cauda açoitando o ar, as narinas muito abertas. Então, viu as suas vítimas paralisadas de terror; a perspectiva de um belo banquete levou-o a tomar a decisão que tomou. Baixou a cauda, convocou toda a força dos seus músculos e avançou na direção das moças a uma velocidade cada vez maior. Uma das donzelas deu um grito agudo e penetrante. A minha irmã resmungou qualquer coisa e a jovem calou-se.

Hércules ergueu-se da relva, um gigante vestido com uma pele de leão, a maça suspensa da sua mão direita. O leão parou, a bocalha aberta revelando os dentes amarelados. Hércules agitou a maça e soltou um rugido de desafio no momento em que o leão saltou. Mas Hércules saltou também, evitando a temível investida das garras e batendo com tal força na barriga tufada de negro do animal que este, num ápice, perdeu o equilíbrio. Os quadris do leão recuaram, mas uma garra ergueu-se para golpear o homem; contudo, nesse mesmo momento, a maça atingiu-o em cheio. Ouviu-se um horrendo ruído de esmagamento quando a arma entrou em contacto com o crânio do animal; a garra vacilou e o homem desviou-se. De novo a maça atingiu o crânio do animal: o segundo ruído foi mais suave do que o primeiro, pois o crânio já estava dilacerado. Mas aquilo nem fora um combate! O leão jazia no caminho, a juba negra fumegando do sangue quente que escorria.

Enquanto Teseu e Télamon dançavam e davam vivas, Hércules pegou na sua faca e cortou a garganta do animal. O meu pai e os meus irmãos começaram a descer a encosta apressadamente, na direção dos radiantes gregos, com o meu criado Tissanés avançando furtivamente na sua esteira, ao passo que eu segui na direção contrária, rumo à minha casa. Hécuba, a minha esposa, ia dar à luz e a sua vida corria perigo.

As mulheres não eram importantes. A morte de parto era comum entre a nobreza e eu tinha mais nove esposas e cinquenta concubinas, para além de uma centena de filhos. No entanto, Hécuba era a mulher que eu mais amava; ela seria a minha rainha quando eu subisse ao trono. O filho, pouco contava. Mas que iria eu fazer se ela morresse? Sim, Hécuba era importante para mim, apesar de ser originária da Dardânia e de ter levado o seu irmão, Antenor, para Tróia.

Quando cheguei ao palácio, Hécuba estava ainda em trabalho de parto; como nenhum homem podia ter acesso aos mistérios das mulheres, passei o resto do dia tratando dos meus assuntos, ou melhor, das tarefas que o rei desdenhava executar.

Ao anoitecer, comecei a sentir-me inquieto, pois o meu pai não me contara e eu não ouvira ainda nenhum grito de alegria no interior dos majestosos palácios que encimavam a colina de Tróia. Aos meus ouvidos não chegara ainda nenhuma voz: nem grega, nem troiana. Apenas silêncio. Muito estranho.

- Príncipe! Príncipe! Era o meu criado. Estava lívido, os olhos esbugalhados de terror, tremia incontrolavelmente.

- Que aconteceu? - perguntei, lembrando-me de que ele ficara na quinta de meu pai para ver o leão. Tissanés caiu de joelhos e as suas mãos prenderam-se aos meus tornozelos.

- Príncipe, só há instantes me atrevi a mexer-me! Depois... depois corri! Não falei com ninguém, vim direto ao palácio!

- Levante-se, homem! Levante-se e me conte tudo!
 - Príncipe, o seu pai, o rei, está morto! Os seus irmãos estão mortos! Todos morreram!
- Uma imensa calma invadiu-me nesse instante. Finalmente era rei.
- Os Gregos também?
 - Não, príncipe! Os gregos mataram-nos!

Fala devagar, Tissanés, e conta-me o que aconteceu. Hércules ficou muito contente com o seu feito. Ria-se e cantava enquanto esfolava o leão, ao passo que Teseu e Télamon tratavam das moças, libertando-as das correntes. Logo que a pele do leão foi estendida para secar, Hércules pediu ao rei que o acompanhasse às suas cavaliças. Queria escolher imediatamente o garanhão e a égua que lhe tinham sido prometidos, porque estava com muita pressa. - Tissanés parou, molhou os lábios secos.

- Continua.
- O rei ficou furioso. Negou que tivesse prometido o que quer que fosse. O leão, disse, não passara de um passatempo. Hércules matara-o por desporto. Hércules e os outros dois ficaram tão furiosos como o rei, mas o rei não estava disposto a ceder.

Ah, o meu pai, o meu pai! Não dar a um deus como Poseidon o que lhe é devido é uma coisa - as represálias dos deuses são lentas e ponderadas. Mas Hércules e Teseu não eram deuses. Eram heróis - e os heróis são muito mais perigosos e muito mais rápidos.

- Teseu estava lívido - prosseguiu o meu criado. - Cuspiu no chão, na direção dos pés do rei, e chamou-lhe ladrão e mentiroso. O príncipe Titono pegou na espada, mas Hércules meteu-se no meio e dirigiu-se de novo ao rei. Pediu-lhe que capitulasse, que procedesse ao pagamento que havia sido acordado.

O rei respondeu que não permitiria que um bando de vis mercenários gregos o roubassem. Nesse mesmo instante, reparou que Télamon pusera o braço à volta da cintura da princesa Hesíona. Avançou para eles e esbofeteou Télamon. A princesa desatou a chorar - o rei esbofeteou-a também. Quanto ao resto, príncipe... é tudo tão horrível ... ! - O meu criado limpou o suor do rosto com a mão.

- Faz um esforço, Tissanés. Conta-me o que viste.
- Hércules, de súbito, pareceu ficar tão grande como um auroque. Pegou na sua maça e, com um só golpe, deitou por terra o rei. O príncipe Titono tentou apunhalar Teseu, mas foi logo trespassado pela lança de Teseu. Télamon pegou no seu arco e matou o príncipe Lampo. Por fim, Hércules pegou em peso no príncipe Clício e no príncipe Hicetaón e, batendo com as cabeças de ambos uma na outra, esmagou-as como se fossem amoras.

- E onde estavas tu enquanto tudo isso se passava, Tissanés?
- Eu... eu escondi-me, príncipe - disse o homem, de cabeça baixa.
- Bom, tu és um escravo e não um guerreiro. Prossegue.
- Os gregos pareciam ter caído em si... Hércules pegou a pele do leão e disse que já não tinham tempo para irem buscar os cavalos e que teriam de partir imediatamente. Teseu apontou para a princesa Hesíona e disse que, se não levavam os cavalos, então teriam de levar a jovem. Poderiam dá-la a Télamon, pois o rapaz estava enamorado dela e, desse modo, a honra grega não sairia molestada. Partiram imediatamente, rumo à Porta Ceia

- Afastaram-se já das nossas praias?
- Tratei de me informar a meio do caminho, príncipe. O guarda da Porta Ceia disse-me que a tarde mal começara quando Hércules apareceu. Mas não viu Teseu, nem Télamon, nem a princesa Hesíona. Todos os gregos seguiram pela estrada que vai até Sigeu, onde se encontrava o seu navio.

- E as outras moças? Tissanés baixou de novo a cabeça.
- Não sei, príncipe. A única coisa em que pensei foi em dar-lhe a notícia o mais depressa possível.
- Essa é boa, Tissanés! Tu estiveste escondido até ao crepúsculo porque estavas cheio de medo! Vai ter com o chefe da casa do meu pai e diz-lhe que procure as moças. E que traga também os cadáveres de meu pai e dos meus irmãos. Conta-lhe tudo o que me contaste e ordena, em meu nome, que se faça tudo o que for necessário. Podes retirar-te, Tissanés.

Hércules limitara-se a pedir dois cavalos! Dois cavalos! Não haveria no mundo remédio para a cobiça? Não haveria na mente humana um mecanismo qualquer pelo qual a prudência obrigasse à generosidade? Ah, se ao menos Hércules tivesse esperado! Poderia ter apelado para a corte - todos nós ouvíamos a promessa de meu pai. Hércules acabaria por receber aquilo a que tinha direito.

Em vez disso, a ira e a cobiça haviam triunfado. E eu - eu era rei de Tróia. Esquecida Hécuba, dirigi-me ao salão principal do palácio e bati no gongo, convocando assim a assembléia da corte.

Desejosos de conhecerem o resultado do combate com o leão - e irritados por causa da hora tardia - vieram todos num instante. Não chegara ainda o momento de me sentar no trono; mantive-me de pé ao lado dele e fitei o pequeno mar de rostos curiosos: rostos que pertenciam aos meus meios-irmãos, aos meus primos de todos os graus, à alta nobreza que só pelo casamento se unira a nós. O meu cunhado Antenor estava presente, os olhos bem alerta. Acenei-lhe para que se aproximasse, após o que bati com o meu bastão no chão de lajes vermelhas.

- Nobres de Tróia, o leão de Poseidon foi morto por Hércules, o Grego, anunciei.

Antenor olhava-me de esguelha, intrigado. Sendo ele da Dardânia, não poderia ser amigo de Tróia. No entanto, Antenor era também irmão de Hécuba e, por causa dela, eu tolerava a sua presença.

- Deixei o local nesse momento, mas o meu criado ficou. Regressou há pouco e contou-me que os três gregos tinham assassinado o nosso rei e os meus quatro irmãos. Partiram no seu navio há demasiado tempo para que possamos agora persegui-los. E levaram um refém: a princesa Hesíona.

Era impossível prosseguir, tendo em conta o tumulto que se seguiu; sustive a respiração, debatendo comigo mesmo que porção da história poderia contar-lhes. Não, não lhes poderia dizer que o rei Laomedonte se recusara a cumprir uma promessa solene; Laomedonte estava morto e a sua régia memória teria de ser preservada; a memória de um rei não poderia ser maculada por um final tão miserável. Seria preferível dizer-lhes que os gregos haviam congeminado tamanha atrocidade em represália contra a política que negava aos seus mercadores o acesso ao mar Euxino.

Eu era o rei. Tróia e a Tróada eram minhas. Eu era o guardião do Helesponto e o zelador do Euxino.

Quando voltei a bater com o meu bastão, o ruído esbateu-se imediatamente. A diferença era tão grande, tão clara, agora que era rei!

- Diante da corte aqui reunida - disse eu -, juro solenemente que, enquanto for vivo, não esquecerei nunca aquilo que os gregos fizeram a Tróia. Este dia ficará para sempre na nossa história como um dia de luto: neste dia, todos os anos, os sacerdotes percorrerão as ruas da cidade, entoando cânticos que denunciarão os crimes dos mercenários gregos. E não descansarei enquanto Tróia não fizer com que os gregos se arrependam dos crimes cometidos!

- Antenor, nomeio-te chefe do meu governo. Prepara uma proclamação pública: a partir deste dia, nenhum navio grego será autorizado a atravessar o Helesponto e a entrar no Euxino. O cobre pode ser obtido em outros locais, mas o estanho vem todo da Cítia. E o cobre e o estanho juntos dão-nos o bronze! Nenhuma nação pode sobreviver sem bronze! No futuro, os Gregos terão de comprá-lo a um preço exorbitante às nações da Ásia Menor, pois estas terão o monopólio do estanho. Será a decadência das nações da Grécia!

Os vivas e aplausos foram ensurdecedores. Apenas Antenor mantinha uma expressão desconfiada; sim, teria de lhe contar toda a verdade, mas num encontro a sós. Entretanto, entreguei-lhe o meu bastão e apressei-me na direção do meu palácio, onde - lembrei-me de súbito - Hécuba estava às portas da morte. Uma parteira esperava-me ao alto das escadas, o rosto molhado de lágrimas.

- Hécuba morreu, mulher? A velha bruxa olhou para mim com um sorriso desdentado, apesar da mágoa que aparentemente sentia.

- Não, não! Eu estou a chorar a morte de seu pai, o rei Laomedonte! A rainha está livre de perigo e deu à luz um belo e saudável menino.

Tinham levado Hécuba diretamente do banco de parir para a sua grande cama, onde descansava agora, esgotada e lívida, com uma trouxa enfaixada na curva do braço esquerdo. Ninguém lhe contara as tristes notícias e eu só as contaria quando ela estivesse mais forte. Baixei-me para beijá-la. Então, Hécuba desviou o pano que tapava a cara da criança. Este quarto filho que ela me dera parecia ser a encarnação do sossego. Por outro lado, não contorcia as feições como os recém-nascidos costumam fazer. Era de uma beleza extraordinária e a sua pele era muito suave e tão branca como o marfim, em vez de vermelha e engelhada. Um cabelo negro, encaracolado, cobria-lhe maciçamente o crânio; as pestanas eram negras e compridas; as sobrancelhas negras eram elegantes arcos sobre uns olhos cuja cor não conseguia distinguir: eram tão escuros, de fato, que não saberia dizer se eram azuis ou castanhos. Hécuba fez-lhe cócegas sob o queixo perfeito.

- Que nome lhe vais dar, príncipe?

- Páris - respondi eu imediatamente.

Hécuba fitou-me perplexa.

- Páris? Casado com a morte? É um nome sinistro, príncipe. Por que não Alexandre, como tínhamos previsto?

- Se chamará Páris - disse eu, desviando o olhar. Em breve, também Hécuba saberia que o nosso filho casara com a morte no dia em que nascera.

Deixei-a depois de a ter erguido um pouco mais sobre as almofadas. Quando me retirei do quarto, Hécuba embalava debilmente a criança contra os seus seios inchados.

- Páris, meu homem pequenino! - dizia ela. - És tão bonito ... ! Oh, os corações que tu vais destroçar! Todas as mulheres te amarão, Páris. Páris, Páris...

Capítulo Segundo

Narrado por Peleu

Quando a ordem começou a imperar no meu novo reino da Tessália - e quando pude finalmente confiar nas pessoas que deixava em lolcos, sentindo-me seguro de que tratariam adequadamente dos meus assuntos - viajei até à ilha de Círos. Exausto, ansiava pela companhia de um amigo; e a verdade é que, mesmo nessa altura, não tinha em lolcos um único amigo que pudesse rivalizar com o rei Licomedes de Círos. Licomedes era um homem afortunado: nunca fora banido do reino de seu pai, como eu fora; nunca precisara lutar desvairadamente para construir um novo reino para si mesmo, como eu precisara; nunca travara uma guerra para o defender, como eu travara. Os seus antepassados haviam governado aquela ilha rochosa desde o princípio dos tempos, dos deuses e dos homens, e ele subira ao trono depois de o pai ter morrido na cama, rodeado por filhos e filhas, esposas e concubinas; é que o pai de Licomedes aderira à Velha Religião, tal como Licomedes - a monogamia estava vedada aos governantes de Círos!

Com a Velha ou com a Nova Religião, Licomedes teria por certo o mesmo tipo de morte que o pai, ao passo que eu não teria seguramente a mesma sorte. Invejava a sua tranqüila existência, mas, enquanto passeava com ele nos seus jardins, percebi que Licomedes não gozara ainda muitos dos prazeres que a vida nos proporciona. O seu reino e o seu reinado pouco significavam para ele, ao contrário do que sucedia comigo; executava a sua obra de uma forma competente e conscienciosa, pois era ao mesmo tempo um homem generoso e um dirigente capaz, mas faltava-lhe algo que eu tinha: a determinação de lutar ferreamente por aquilo que era seu, já que, na realidade, nunca ninguém ameaçara tirar-lhe o que quer que fosse.

Eu conhecia plenamente o significado de palavras como perda, fome e desespero. E amava o meu novo reino da Tessália - tão duramente conquistado! - como ele nunca poderia amar Círos. Tessália, a minha Tessália! Eu, Peleu, era rei supremo da Tessália! Outros reis deviam-me obediência - a mim, que só há poucos anos voltara às terras a norte da Ática. Era eu o rei dos Mirmidões, o povo de lolcos a quem chamavam Formigas.

O rei de Círos interrompeu os meus pensamentos.

- Estás a pensar na Tessália - disse.

- Não consigo pensar em outra coisa. Licomedes ergueu uma mão branca e indolente.

- Meu caro Peleu, os deuses não me dotaram dos teus poderosos entusiasmos. Enquanto que eu ardo em fogo lento, tu és uma labareda refulgente e vibrante. Embora deva dizer que me sinto satisfeito com aquilo que sou. Se estivesses no meu lugar, só terias parado depois de teres conquistado todas as ilhas entre Creta e a Samotrácia.

Encostei-me ao tronco de uma nogueira e suspirei.

- E no entanto, meu amigo, estou muito, muito cansado. Já não sou o jovem de outros tempos.

- Uma verdade tão óbvia que nem vale a pena proclamá-la... - Os seus olhos pálidos examinavam-me atentamente. - Peleu - prosseguiu ele -, sabes com certeza que tens a reputação de seres o homem mais notável de toda a Grécia... Até mesmo Micenas é obrigada a reparar em ti.

Endireitei-me e continuei a andar.

- Eu sou igual a qualquer outro homem.

- Podes negá-lo à vontade, mas a verdade tem de ser dita! Tu tens tudo, Peleu! Um corpo belo e atlético, uma mente astuta e sutil, uma arte inquestionável no que toca à chefia de homens, um talento notável para inspirar o amor do teu povo - pois se tu até tens um rosto encantador!

- Continua com elogios desses, que eu pego já nas minhas coisas e vou embora.

- Sossega que já terminei. Para dizer a verdade, gostaria de discutir contigo uma questão muito específica. O meu péan de louvor à tua pessoa era apenas uma maneira de chegar a esse assunto...

Fitei-o com curiosidade.

- Ah sim? Licomedes molhou os lábios, franziu o sobrolho e, por fim, decidiu mergulhar de chofre em águas agitadas.

- Peleu, tu tens trinta e cinco anos. És um dos quatro reis supremos da Grécia e, portanto, possuis um poder extraordinário nesse território. Contudo, não tens esposa, ou seja, não tens rainha. E, ah - visto que é um adepto fiel da Nova Religião, o que quer dizer que escolheste a monogamia, como é que vais garantir a sucessão do trono da Tessália se não tens uma esposa?

Não consegui controlar o riso.

- Mas que impostor que tu me saíste, Licomedes! Já percebi tudo: escolheste uma esposa para o teu amigo!

Ele fitou-me com um ar manhoso.

- É possível... A não ser que tenhas outras idéias...

- Licomedes, devo dizer-te que penso muitas vezes no meu casamento. Infelizmente, porém, não gosto de nenhuma das candidatas.

- Pois eu conheço uma mulher a que talvez não resistas. Estou certo de que daria uma esposa esplêndida.

- Diz tudo, homem! Sou todo ouvidos.

- És todo ouvidos e estás todo excitado... Mas eu vou contar-te tudo. A mulher em questão é a grande sacerdotisa de Poseidon em Ciros. Ordenou-lhe o deus que se casasse, mas ela resistiu ao casamento. Eu não posso obrigar tão augusta sacerdotisa a obedecer às ordens de Poseidon ou às minhas ordens. Contudo, se quero salvar o meu povo e a minha ilha, tenho de convencê-la a casar-se.

Por essa altura, já eu o fitava com um espanto sem fim.

- Licomedes! Com que então eu não passo de um objeto para conseguires os teus fins! Francamente!

- Não, não! - exclamou ele, com uma expressão aflita. - Ouça-me até ao fim, Peleu!

- Poseidon ordenou-lhe que se casasse?

- Sim. Os oráculos dizem que, se ela não se casar, o Senhor dos Mares abrirá ao meio as terras de Ciros e levará a minha ilha para as profundezas do mar, fazendo dela mais um dos seus territórios.

- Disseste "oráculos"... Quer dizer que consultaste vários?

- Consultei até a pitonisa de Delfos e a floresta de carvalhos de Dodona. A resposta foi sempre a mesma - ou ela se casa, ou vocês morrem.

- Porque é que ela é tão importante? - perguntei, fascinado. Na sua expressão, o temor transpareceu de súbito.

- Porque ela é filha de Nereu, o Velho Deus do Mar. Assim sendo, ela é, pelo sangue, metade divina, metade humana - e há uma divisão na sua lealdade. A sua linhagem pertence à Velha Religião; no entanto, é a Nova Religião que ela serve. Peleu, tu conheces bem a agitação que varreu o nosso mundo grego desde que os impérios de Creta e Tera se desmoronaram. Pensa no caso de Ciros! Nunca fomos tão dominados pela Mãe como Creta ou Tera ou os reinos da ilha de Pélops - aqui, foram sempre os homens que governaram -, mas a Velha Religião possui uma força inegável. Contudo, Poseidon é um deus da Nova Religião e nós estamos sob o seu domínio - para além de ser o Senhor dos Mares que nos rodeiam, Poseidon é também o Senhor dos Terremotos.

- Devo concluir, portanto - disse eu, lentamente -, que Poseidon está furioso com o fato de uma mulher da Velha Religião ser precisamente a sua sacerdotisa suprema. No entanto, Poseidon deve ter aprovado a nomeação dessa mulher.

- E aprovou! Mas agora está furioso - tu sabes como são os deuses, Peleu! Alguma vez os deuses foram coerentes? Apesar de ter aprovado a nomeação da sacerdotisa, agora está furibundo e não quer que o seu altar seja servido por uma filha de Nereu.

- Licomedes, Licomedes! Acreditas mesmo nessas histórias de homens e mulheres gerados pelos deuses? - perguntei eu, incrédulo. - Tinha-te em melhor juízo! Os homens e as mulheres que afirmam ser filhos de deuses são, na sua maior parte, simples bastardos - e, geralmente, filhos de um pastor ou de um moço de estrebaria.

Licomedes desatou a dar aos braços como uma galinha assustada.

- Sim, sim, sim! Eu sei que isso é verdade, Peleu, mas a verdade é que acredito! Tu nunca a viste, tu não a conheces. Eu já a vi, eu conheço-a. Nunca vi criatura mais estranha ... ! Basta uma pessoa olhar para ela, para logo ficar sem dúvidas: aquela mulher veio do mar!

Por essa altura, já eu me sentia francamente ofendido.

- Não posso acreditar no que estou ouvindo! Muito obrigado pela oferta! Queres impingir uma mulher doida ao rei supremo da Tessália? Pois bem, comigo é que ela não se casa!

Licomedes agarrou-me no antebraço com ambas as mãos.

- Peleu, acha-me capaz de uma baixeza dessas? Exprimi-me mal, é tudo - não queria ofender-te, juro-te que não! Só que... logo que te vi, ao fim de tantos anos, o meu coração disse-me que aquela era a mulher certa para ti. Não lhe faltam pretendentes nobres... Todos os solteiros bem nascidos de Ciro já lhe propuseram casamento. Mas ela tem-nos recusado a todos. Diz que está à espera daquele que o deus prometeu enviar-lhe - esse homem virá com um sinal divino.

Suspirei.

- Está bem, Licomedes, eu vou vê-la. Mas não te prometo nada! Entendido?

O recinto e o altar sagrados de Poseidon - de fato, não se tratava de um verdadeiro templo - situavam-se na outra ponta da ilha, a zona menos fértil e menos habitada; uma localização muito peculiar para o principal santuário do Senhor dos Mares. Os seus favores eram vitais para todas as ilhas, cercadas por todos os lados pelos seus líquidos domínios. A sua disposição determinava a prosperidade de um local ou a fome que grassava noutro; por alguma razão Poseidon era também aquele que fazia tremer a terra. Eu próprio vira os frutos da sua raiva: cidades inteiras destruídas, tão rasas e tão lisas como o ouro sob o martelo do artífice. Poseidon enfurecia-se por tudo e por nada e era muito cioso do seu prestígio; por duas vezes, tanto quanto se sabia, Creta fora arrasada pela violência da sua vingança, pois os seus reis, sentindo-se inchados de importância, haviam negligenciado a veneração que a Poseidon era devida. O mesmo acontecera com a ilha de Tera.

Se aquela mulher que Licomedes queria para minha esposa era filha de Nereu - que governara os mares no tempo em que Cronos governara o mundo do seu trono no Olimpo - não admirava que os oráculos exigissem o seu afastamento do cargo. Zeus e os seus irmãos não tinham tempo a perder com os velhos deuses que haviam derrubado - bom, e vendo bem as coisas, quem é que poderia perdoar a um pai que devorava os seus filhos?

Cheguei ao recinto sozinho e a pé, envergando um vulgar traje de caça e conduzindo a minha oferenda com uma corda. Queria que ela pensasse que eu era um anônimo membro do povo, queria que ela não suspeitasse sequer que eu era o rei supremo da Tessália. O altar erguia-se sobre um promontório sobranceiro a uma pequena enseada; avancei lentamente por entre o sagrado bosque que havia diante do altar, aturdido com o silêncio e com a sufocante religiosidade que impregnava o local. Até mesmo o mar chegava aos meus ouvidos como que abafado, ainda que as ondas não parassem de se erguer e de se esmagar, numa multidão de bolhas brancas, contra as rochas da torturada base do precipício. Diante do altar, um altar simples, desprovido de ornamentos, ardia a chama eterna sobre um tripé dourado; aproximei-me da chama, parei e puxei a minha oferenda para perto de mim.

Nesse momento, a sacerdotisa emergiu para a luz do sol, ainda que com alguma relutância, como se preferisse viver na sombra, numa versão mais fresca e líquida do dia. Fitei-a fascinado. Pequena, elegante, feminina, possuía, no entanto, uma qualquer qualidade que, de feminino, nada tinha. Em vez do vestido habitual das sacerdotisas, com todos os seus bordados e rufos, envergava uma simples túnica feita com o belo e transparente linho que os Egípcios tecem, e a cor da sua pele via-se claramente sob o linho, pálida e azulada, listrada porque o material fora mal tingido. Os lábios eram cheios, mas de um rosa desmaiado; os olhos, os olhos mudavam de cor consoante os matizes e os estados de ânimo do mar - cinzentos, azuis, verdes, até mesmo um púrpura tão escuro como o vinho; não usava qualquer pintura no rosto, exceto uma linha negra e muito fina desenhada em torno dos olhos e prolongada na direção das sobrancelhas para lhe dar um ar vagamente sinistro. O cabelo dela não tinha cor nenhuma, era de um branco como o branco das cinzas, embora possuísse um brilho que, na escuridão de um quarto, o faria por certo parecer azul.

Avancei, conduzindo a minha oferenda.

- Suprema sacerdotisa, estou de visita à tua ilha e decidi fazer uma oferenda ao Pai Poseidon.

A sacerdotisa aquiesceu e segurou na corda. Depois, examinou o vitelo branco com um olhar conhecedor.

- O Pai Poseidon ficará satisfeito. Há muito que não via um animal tão belo.

- Como os cavalos e os touros são sagrados para ele, pensei que deveria oferecer-lhe aquilo de que ele mais gosta.

Ela fitou atentamente a chama do altar.

- O momento não é propício para um sacrifício. Farei a oferenda mais tarde disse.

- Como queiras, sacerdotisa. - Virei-lhe costas, decidido a ir-me embora.

- Espere.

- Sim?

- Tenho de dizer ao deus o nome do homem que lhe oferece o vitelo. Como te chamas?

- Peleu. Sou o rei de lolcos e o rei supremo da Tessália. Os olhos dela mudaram rapidamente de cor: o azul-claro passou a ser um cinzento-escuro.

- Não é um homem vulgar, Peleu. O teu pai era Éaco e o pai dele era o próprio Zeus. O teu irmão Télamon é rei de Salamina e tu pertences à realeza.

Sorri.

- Sim, eu sou filho de Éaco e irmão de Télamon. Quanto ao meu avô, não faço idéia quem foi. Embora duvide que fosse o rei dos deuses. Sinto-me mais inclinado a acreditar que fosse um bandido qualquer que se apaixonou perdidamente pela minha avó.

- A impiedade, rei Peleu - retorquiu ela serenamente -, conduz ao castigo divino.

- Não consigo encontrar em mim sinal de impiedade, sacerdotisa. É com a mais profunda fé que venero os deuses e lhes faço oferendas.

- No entanto, negas que Zeus tenha sido o teu avô.

- Tais histórias, senhora, são contadas para realçar os direitos de um homem a um trono - foi o que aconteceu com o meu pai, Éaco.

Ela afagou o focinho do vitelo com um ar ausente.

- Deves estar hospedado no palácio... Por que razão o rei Licomedes te deixou vir até aqui sozinho e sem seres anunciado?

- Porque eu assim o quis, senhora. Depois de ter amarrado o vitelo branco a uma argola que havia num dos pilares, virou-me as costas.

- Suprema sacerdotisa, quem aceita a minha oferenda? Olhando-me por cima do ombro, mostrou-me uns olhos de um cinzento frio e neutro.

- Eu sou Tétis, filha de Nereu. E não se trata apenas de rumores, rei Peleu. o meu pai é um grande deus.

Era tempo de partir. Agradei-lhe e retirei-me.

Mas não fui muito longe. Armado de cuidados para que nenhum espião do santuário me visse, deslizei pelo caminho de cobras que conduzia à enseada, arrumei a lança e a espada atrás de uma rocha e deitei-me na areia quente, à sombra de um penhasco. Tétis. Tétis. Não havia dúvida: aquela mulher tinha nela o mar. Dei comigo até a querer acreditar que ela era filha de um deus, pois me deixara enlevar por aqueles olhos camaleônicos, pois vira neles todas as tempestades e bonança que moldam o mar, pois vira neles um eco de um qualquer fogo frio que as palavras não podem descrever. E queria que ela fosse minha esposa.

Ela também estava interessada em mim; a minha idade e o meu cabedal de experiência levavam-me a essa conclusão. Faltava apenas saber quão forte era a sua atração; dentro de mim, sentia já a advertência de que, naquele combate, a derrota poderia ser minha. Tétis recusara já um sem-número de pretendentes: por que haveria de querer a mim? Embora não sentisse qualquer inclinação por homens, o certo é que, até então, as mulheres pouco mais tinham significado para mim do que a satisfação de um apetite que dilacera tanto os mais augustos deuses como os simples mortais. Por vezes, levava uma mulher da casa para dormir comigo, mas, na realidade, nunca sentira por nenhuma verdadeiro amor. Estivesse ela ou não ciente disso, Tétis pertencia-me. E como eu defendia a Nova Religião em todos os seus aspectos, Tétis não teria esposas rivais. Eu seria só dela.

O sol ardia-me agora nas costas com uma força cada vez maior. O meio-dia veio; despi o meu traje de caçador, para que os raios de Hélios penetrassem na minha pele. Mas não conseguia parar quieto. Acerta altura, soergui-me e fitei o mar, culpando-o da perturbação que sentia. Depois, cerrei os olhos e ajoelhei.

- Pai Zeus, concede-me os teus favores! Tu sabes que, da minha boca, só tens ouvido súplicas nos momentos de maior abandono e necessidade, tu sabes que, quando apelo à tua intervenção, é como se procurasse o auxílio de um avô! Mas é por isso que agora rezo, é por isso que agora apelo aos teus mais benévolos e doces sentimentos! Tu sempre me ouviste, porque eu nunca te aborrego com trivialidades. Ajuda-me agora, rogo-te! Dá-me Tétis como me deste lolcos e os Mirmidões e toda a Tessália! Dá-me a melhor das rainhas para o trono mirmidão, dá-me filhos possantes, capazes de ocuparem o meu lugar quando eu morrer!

De olhos cerrados, mantive-me ajoelhado por um longo tempo. Quando me levantei, verifiquei que nada tinha mudado. O que não era para admirar: os deuses não fazem milagres para instilarem a fé nos

corações dos homens. Então, de súbito, a vi. O vento agitava a sua frágil túnica como se fosse uma bandeira, o seu cabelo, sob a violência do sol, parecia cristal, o seu rosto erguido parecia extasiado. Ao lado dela, estava o vitelo branco; na mão direita, Tétis empunhava um punhal.

O vitelo caminhava para a morte tranquilamente; aninhou-se mesmo sobre os joelhos de Tétis quando ela se ajoelhou na areia que as ondas beijavam; e não lutou, nem gemeu de dor, quando ela lhe cortou a garganta, apertando-o contra si enquanto cintilantes fios escarlates se espalhavam pelas suas coxas e pelos braços nus. A água à volta dela ganhou um tom vermelho desmaiado, enquanto as caprichosas correntes sugavam o sangue do vitelo, diluindo-o na sua própria substância.

Ela não tinha me visto. E não me viu enquanto deslizava pelos caminhos do mar, arrastando o vitelo morto; quando a água lhe cobriu os seios, pôs o vitelo à volta da nuca e começou a nadar. Por fim, já a alguma distância da praia, encolheu os ombros e libertou o vitelo, que afundou imediatamente. Uma rocha enorme e plana erguia-se do mar; nadou até à rocha, subiu para o seu leito duro e, por um momento, manteve-se de pé, uma silhueta desenhada contra o céu claro. Depois, deitou-se de costas, aconchegou a cabeça sobre os braços cruzados e, aparentemente, adormeceu.

Um ritual bizarro, um ritual que não era aprovado pela Nova Religião. Tétis aceitara a minha oferenda em nome de Poseidon, mas quem a recebera fora Nereu. Sacrilégio! E era ela a suprema sacerdotisa de Poseidon! Ah, Licomedes, tu tinhas toda a razão! Aquela mulher albergava as sementes de destruição de Círos. Ela não dava ao Senhor dos Mares aquilo que lhe era devido, tão-pouco respeitava o Senhor dos Terremotos que Poseidon também era.

O ar estava calmo e suave, a água límpida; porém, enquanto caminhava na direção das ondas, tremia tanto como se estivesse com as sezões. A água não conseguiu refrescar-me enquanto nadava; Afrodite apertara de tal modo as suas sedosas garras que me lacerava até os ossos. Tétis era minha e eu ia possuí-la. Salvava assim o pobre Licomedes e a sua ilha.

Quando cheguei à rocha, agarrei-me a uma saliência e ergui-me com um esforço que quase me fendeu os músculos; curvei-me sobre Tétis antes que ela pudesse aperceber-se de que eu estava mais perto dela do que o palácio de Círos está perto da cidade. Mas Tétis não estava dormindo. Os olhos dela, agora de um verde suave, sonhador, estavam abertos. Então, afastou-se bruscamente de mim, e os seus olhos tornaram-se negros.

- Não me toque! - disse ela, ofegante. - Homem nenhum se atreve a tocar-me! Eu pertenço ao deus!

A minha mão estendeu-se num ápice, detendo-se a uma escassa distância do seu tornozelo.

- Os votos que fizeste não são permanentes, Tétis. Podes casar-te. E casarás comigo.

- Eu pertenço ao deus!

- De que deus falas tu? Quando falas, serves um deus, mas quando procedes aos sacrifícios, estás a servir outro deus! Tu me pertences, Tétis, e acredita que a minha ousadia não conhece limites. Se o deus - seja ele quem for! - exigir a minha morte por isto, acredito que aceitarei a sua sentença.

Soltando um grito de aflição e pânico, tentou deslizar pela rocha na direção do mar. Mas eu era mais rápido do que ela: agarrei-lhe uma perna e arrastei-a para mim; os dedos dela enclavinavam-se na superfície arenosa, podia mesmo ouvir as suas unhas rasgando tudo aquilo em que se podiam cravar. Agarrei-a pelos pulsos, libertando-lhe o tornozelo, e ergui-a.

Lutou comigo como dez gatos selvagens, com todas as suas forças, chutando-me e me mordendo silenciosamente enquanto os meus braços a apertavam. Uma dúzia de vezes escapou à tenaz dos meus braços, uma dúzia de vezes voltei a prendê-la. O sangue tingia-nos os corpos. A carne do meu ombro estava dilacerada, os lábios dela estavam fendidos, mancheias do cabelo de ambos rodopiavam ao sabor do vento que de súbito se levantara. Não era uma violação, nem eu pretendia que fosse; era um mero concurso de forças, homem contra mulher, a Nova Religião contra a Velha. Terminou como tais concursos devem terminar: com a vitória do homem.

Caímos sobre a rocha com uma violência que a deixou sem fôlego. O corpo dela estava agora acorrentado sob o meu, os ombros já não se debatiam. Olhei-a nos olhos.

- Perdeste o combate. Conquistei-te. Os lábios dela tremiam; virou-me a cara.

- Tu és ele. Eu soube disso logo que te vi no santuário. Quando jurei servi-lo, o deus disse-me que um homem viria um dia do mar, um homem do céu que retiraria o mar da minha mente e me tornaria a sua rainha. - Suspirou. - Pois que assim seja, se essa é a vontade do deus.

Com pompa e circunstância, sentei a nova rainha no trono de Iolcos. Durante o primeiro ano da nossa união, Tétis ficou grávida. Era o culminar do nosso júbilo. Nunca fomos tão felizes como durante as

nove luas em que esperamos pelo nascimento do nosso filho. Nenhum de nós admitia sequer que pudesse ser uma menina.

A minha própria ama, Aresune, foi nomeada chefe das parteiras; por isso, quando Tétis começou com as dores de parto, de nada me valeu o poder do trono; a velha ama impôs a sua autoridade e baniu-me para o outro extremo do palácio. Tive de aguardar que o carro de Febo desse uma volta inteira: durante esse tempo, refugiei-me na solidão, ignorando os criados que me rogavam que comesse ou bebesse. Nesse momento, a única coisa que sabia fazer era esperar... Até que, já a noite ia alta, Aresune veio ter comigo. Não se dera sequer ao trabalho de mudar de roupa; manchas de sangue espalhavam-se pelo seu vestido; mirrada e curvada, parecia encolhida dentro daquelas roupas ensangüentadas e, no rosto enrugado, a dor desenhara os seus traços. Os olhos, que, de tão fundos, pareciam duas covas negras, eram uma fonte de lágrimas.

- Era um rapaz, rei Peleu, mas não viveu o suficiente para inspirar o ar da vida. A rainha está bem. Perdeu algum sangue e está muito cansada, mas a sua vida não corre perigo. - As mãos escanzeladas contorciam-se uma na outra.

- Senhor, juro-lhe que não houve erro nenhum no meu trabalho! Um rapaz tão bonito, tão forte! Foi a vontade da deusa.

Não suportava que ela visse o meu rosto à luz da lamparina. O meu sofrimento era tanto que não conseguiria chorar. Num ápice, virei costas à minha ama e fui-me embora dali.

Vários dias passaram até conseguir arranjar forças para ir ver Tétis. Quando finalmente entrei no seu quarto, fiquei espantado com o que vi: Tétis parecia gozar de ótima saúde e o seu ar não podia ser mais feliz. Disse tudo o que seria correto dizer em tais circunstâncias, ensaiou mesmo algumas palavras que exprimiam tristeza, mas nada daquilo era verdadeiro! Tétis estava contente!

- O nosso filho está morto! - explodi. - A morte de um filho é insuportável! Ele nunca conhecerá o sentido da vida! Nunca ocupará o meu lugar no trono. Durante nove luas trouxe-o no teu ventre - e afinal para nada!

Tétis afagou-me a mão com um ar vagamente protetor.

- Oh, meu querido Peleu, não sofras mais! O nosso filho não tem uma vida mortal, mas já te esqueceste de que eu sou uma deusa? Como ele não respirou o ar da terra, pedi ao meu pai que concedesse ao nosso filho a vida eterna, e o meu pai acedeu ao meu pedido. O nosso filho vive agora no Olimpo - come e bebe com os outros deuses, Peleu! Não, ele nunca será o rei de lolcos, mas desfruta de algo que nenhum homem mortal jamais poderá desfrutar. Ao morrer, o nosso filho tornou-se imortal. Portanto, nunca morrerá.

O meu espanto transformou-se em repulsa. Olhei-a nos olhos e perguntei-me como era possível que Tétis se tivesse deixado enredar de tal maneira por aqueles disparates. Ela era tão mortal como eu e o filho dela era tão mortal como nós dois. Então, reparei na confiança extrema que havia no seu olhar e não consegui dizer aquilo que ansiava dizer-lhe. Se acreditar em tais disparates lhe aliviava a dor, pois que acreditasse! A vida com Tétis ensinara-me que ela não pensava, nem se comportava, como as outras mulheres. Por isso, limitei-me a afagar-lhe a cabeça e retirei-me.

Seis filhos me deu Tétis e todos mortos. Quando Aresune me trouxe a notícia da morte do segundo rapaz, quase enlouqueci. Durante muitas luas, não consegui sequer aproximar-me de Tétis, pois sabia o que ela me diria - que o nosso filho era agora um deus. No fim, porém, o amor e o desejo levavam-me de volta aos seus braços e de novo percorríamos o medonho ciclo até ao fatal desenlace.

Quando a sexta criança nasceu morta - como era possível que tivesse morrido à nascença, se a gravidez durara as nove luas e a criança, no seu minúsculo carro funerário, parecia tão forte, apesar do tom azul-escuro da pele? - jurei que nunca mais daria filhos meus ao Olimpo. Mandeí um emissário à pitonisa de Delfos e a resposta foi esta: Poseidon estava furioso porque eu lhe roubara a sua sacerdotisa! Quanta hipocrisia! Hipocrisia e loucura! Primeiro, não a queria; agora, mudara de idéia. Não duvidemos: não há no mundo um só homem que consiga entender o que pensam e o que fazem os deuses, Novos ou Velhos.

Durante dois anos, não vivi com Tétis, que continuava a querer conceber mais filhos para o Olimpo. Então, no final do segundo ano, levei um potro branco a Poseidon Criador de Cavalos e ofereci-o diante de todos os Mirmidões, o meu povo.

- Revoga a tua maldição e dá-me um filho vivo! - gritei. As entranhas da terra ribombaram, a cobra sagrada, que estava sob o altar, disparou como um relâmpago castanho, o chão agitou-se, percorrido de espasmos. Um pilar caiu mesmo ao meu lado, mas eu não me mexi. Entre os meus pés, surgiu uma fenda e quase sufocava com o cheiro a enxofre, mas mantive-me quieto e direito até que o tremor se esbateu e a

fenda se fechou. O potro branco jazia no altar sem um pingo de sangue e pateticamente quieto. Três luas depois, Tétis disse-me que estava grávida do nosso sétimo filho.

Ao longo das nove fatigantes luas que se seguiram, ordenei que a vigiassem como um falcão vigia pintinhos; ordenei a Aresune que dormisse com ela todas as noites, ameacei as mulheres da casa com as torturas mais terríveis, caso a deixassem sozinha por um instante que fosse, a menos que Aresune se encontrasse por perto. Tétis suportava estes «caprichos», como ela lhes chamava, com paciência e bom humor; nunca discutia, nunca tentava infringir as minhas leis. Certa vez, ouvi-a cantar um estranho cântico da Velha Religião; um arrepio gelado percorreu-me o corpo. Porém, quando lhe ordenei que se calasse, Tétis obedeceu prontamente e nunca mais a ouvi entoar tais cânticos. Aproximava-se a hora em que daria à luz o sétimo filho. Comecei a nutrir algumas esperanças. Se eu sempre respeitara os deuses, por que razão não haveriam eles de me dar um filho vivo?

Possuía uma armadura que havia pertencido a Minos; era, entre todos os meus tesouros, aquele que eu mais prezava. Era um objeto extraordinário: sobre quatro camadas separadas de bronze e três de estanho, era forrada de ouro e incrustada com lápis-lazúli e âmbar, e ornamentada com um padrão maravilhoso de coral e cristal. O escudo, de idêntica construção, era tão alto como um homem e fazia lembrar dois escudos redondos sobrepostos; de fato, possuía como que uma cintura. A couraça e as grevas, o elmo e o saiote e as proteções dos braços, tinham sido feitos para um homem mais corpulento do que eu; por isso eu respeitava o falecido Minos, que usara aquela armadura nas suas viagens pelo reino cretense, confiando que nunca precisaria dela para se proteger, desejoso apenas de exibir diante do seu povo toda a sua riqueza. E quando Minos caíra, a armadura de nada lhe servira, pois Poseidon esmagara-o, bem como a Creta, porque nem Minos nem Creta queriam a Nova Religião. A Mãe Kubaba, a Grande Deusa da Velha Religião, Rainha da Terra e dos Céus, sempre reinara em Creta e Tera.

Com a armadura de Minos, guardara uma lança de freixo das encostas do monte Pélion; tinha uma ponta pequena, feita com um metal chamado ferro, tão raro e precioso que a maior parte dos homens pensava tratar-se de uma lenda, pois poucos o tinham visto. A experiência havia provado que a lança atingia sempre o seu alvo, apesar de mais parecer uma pena na minha mão. Quando deixei de precisar dela, porque a guerra terminara, guardei-a com a armadura. A lança tinha um nome: Velha Pélion.

Antes do nascimento do meu primeiro filho, fora buscar estas raridades e limpava-as e polira-as, certo de que a armadura assentaria que nem uma luva ao meu filho. Porém, com as sucessivas mortes dos meus filhos, mandei-as de novo para os subterrâneos onde guardava os meus tesouros, condenando-as a viverem numa escuridão que não era mais negra do que o meu desespero.

Cerca de cinco dias antes do esperado nascimento do meu sétimo filho, peguei numa lamparina e desci os velhos e gastos degraus de pedra que conduziam às entranhas do palácio. Depois, avancei lentamente por infundáveis corredores até que avistei a grande porta de madeira da sala dos tesouros. Porque estava eu ali? perguntei a mim mesmo, mas não consegui encontrar uma resposta satisfatória. Abri a porta, preparando já os olhos para a escuridão; porém, em vez de escuridão, deparou-se uma luz dourada no extremo oposto da imensa câmara. Apaguei a minha lamparina e avancei furtivamente, com a mão no punhal. A sala estava atravancada de urnas e baús, cofres e indumentária sagrada; tinha de avançar com todo o cuidado.

Ao aproximar-me da luz, ouvi o inconfundível som de uma mulher chorando. Aresune, a minha ama, estava sentada no chão, embalando nos seus braços o elmo de ouro que havia pertencido a Minos; as belas plumas douradas do elmo balouçavam sobre a sua mão mirrada. Eram lágrimas brandas, mas amargas; ao mesmo tempo, entoava o cântico de luto de Egina, a ilha de onde ela e eu éramos originários, a ilha que fora o reino de Éaco. Ó Kore! Aresune chorava já o meu sétimo filho!

Não podia deixá-la sem consolo, não podia sair dali furtivamente, fingindo que não a tinha visto, que não a tinha ouvido. Quando a minha mãe lhe ordenara que me desse o seu seio, Aresune era já uma mulher madura; fora ela quem me criara, sob o olhar indiferente de minha mãe; seguira-me nas minhas deambulações por uma dúzia de estados, tão fiel como o mais fiel dos meus cães; e quando conquistei a Tessália, atribuí-lhe um importante cargo no meu lar. Por tudo isto, aproximei-me dela, toquei-lhe brandamente no ombro e supliquei-lhe que não chorasse. Tirei-lhe o elmo dos braços e estreitei o seu corpo velho e rígido, dizendo-lhe muitas meiguices tontas, procurando confortá-la com o meu próprio sofrimento. Por fim, Aresune acalmou-se, ainda que os seus dedos magros continuassem cravados na minha túnica.

- Meu querido rei, porquê? - disse ela, num tom plangente. - Porque a deixa fazer aquilo?

- Porquê o quê? O que é que eu deixo fazer? E a quem?

- À rainha - retorquiu ela, por entre soluços. Mais tarde, dei-me conta de que o sofrimento a deixara transtornada; caso contrário, nunca teria conseguido arrancar-lhe aquela confissão. Embora a amasse muito mais do que jamais amara minha mãe, Aresune sempre tivera uma consciência muito clara da diferença de estatuto que havia entre nós. Prendi-a com tal violência entre as minhas mãos que a pobre desatou a contorcer-se e a lamentar a sua sorte.

- O que é que a Rainha faz? - berrei.

- Mata os teus filhos! Todo eu tremia.

- Tétis? Os meus filhos? Que história é essa? Fala! A velha ama já não se debatia entre os meus braços. Fitava-me apenas, fitava-me horrorizada porque descobrira, naquele preciso momento, que eu não sabia nada.

Abanei-a.

- Aconselho-te a me contar tudo, Aresune. Como é que a minha mulher mata os seus filhos? E porquê? Porquê?

Mas Aresune cerrou os lábios e nada disse; os seus olhos aterrados fixavam a chama da lamparina. Empunhei o punhal; encostei a sua temível ponta àquela pele velha e flácida.

Notas: 1- Kubaba ou Cíbele; Kubaba era uma deusa da Anatólia a que Cíbele foi posteriormente assimilada. A origem de Cíbele é a Frígia. O seu culto espalhou-se por toda a Grécia e chegou também a Roma.

2- A autora utiliza um dos nomes de Perséfone, filha de Zeus e Deméter, Kore: neste caso, Perséfone é invocada na sua qualidade de rainha dos Infernos, ou seja, do mundo dos mortos.

- Fala, mulher, ou, por Zeus Onipotente, juro que te arrancarei as unhas e os olhos - juro que tudo farei para te desatar a língua! Fala, Aresune, fala!

- Peleu - disse ela, com uma voz tremula -, se eu falar, ela me amaldiçoará, e a maldição dela é muito pior do que qualquer tortura.

- Essa maldição seria funesta para Tétis, porque se viraria contra ela. Conte-me tudo.

- Eu pensava que sabias, que tinhas consentido... Quem sabe, talvez ela tenha razão - talvez a imortalidade seja preferível à vida na terra, porque os imortais não envelhecem.

- Tétis é louca - disse eu.

- Não, meu senhor. Tétis é uma deusa.

- Não é tal, Aresune! Apostaria a minha vida em como ela é tão mortal como tu!

Aresune não parecia convencida da condição mortal de Tétis; eu não conseguia abalar as suas superstições.

- Ela matou todos os teus filhos, Peleu. Com a melhor das intenções.

- Como é que ela faz isso? Toma alguma poção?

- Não, meu querido senhor. O processo é muito mais simples. Quando a sentamos no banco de parir, ela manda sair todas as mulheres exceto eu. Depois, ordena-me que ponha um balde cheio de água debaixo dela. Logo que a cabeça da criança sai de dentro dela, Tétis a conduz na direção da água e aí a mantém até sufocar o bebê.

Os meus punhos cerravam-se e abriam-se.

- Então é por isso que os meninos têm aquela cor azul! - Ergui-me. Volta para junto dela, Aresune, ou dará pela tua falta. Te juro, como teu rei, que nunca direi a ninguém que foste tu quem me contou a verdade. Farei com que ela não tenha a menor possibilidade de te fazer mal. Vigia-a de perto. Quando as dores de parto começarem, corra a avisar-me. Entendido?

Ela acenou que sim, já sem lágrimas nos olhos e sem culpa no coração. Depois, beijou-me as mãos e, no seu passo trôpego, retirou-se.

Fiquei ali um tempo infindo sem me mexer, enquanto as chamas das lamparinas se esbatiam. Tétis matara os meus filhos - e para quê? Por causa de um sonho impossível, de um sonho demente. Por superstição. Por uma ilusão. Privara-os do direito a tornarem-se homens. Cometera crimes tão vis que eu daria tudo para, naquele momento, poder trespassá-la com a minha espada. Mas Tétis trazia ainda no seu ventre o meu sétimo filho. A espada teria de esperar. E a vingança pertencia aos deuses da Nova Religião. Cinco dias depois de ter falado com Aresune, a velha procurou-me. Corria como louca, o cabelo desgrenhado pelo vento. A tarde estava chegando ao seu termo e eu fora aos estábulos a fim de examinar os garanhões, pois a época de acasalamento aproximava-se e os cavaleiros queriam mostrar-me os casais que haviam escolhido.

Corri como um corcel rumo ao palácio, com Aresune empoleirada no meu pescoço.

- Que vai fazer? - perguntou-me ela quando a larguei diante da porta de Tétis.

- Vou entrar contigo - disse eu. HorrORIZADA, Aresune soltou um grito agudo.

- Meu senhor, meu senhor! Isso é proibido!

- Matar também é proibido - retorqui, e abri a porta.

O nascimento de uma criança é um mistério feminino, um mistério que não pode ser profanado pela presença de homens. Quando a Nova Religião venceu a Velha, houve coisas que não mudaram; a Mãe Kubaba, a Grande Deusa, continua a governar os assuntos das mulheres. E, em particular, tudo o que tenha a ver com o desenvolvimento dos frutos humanos - e com a sua colheita, estejam eles verdes, perfeitamente maduros ou secos e mirrados pela idade.

Quando entrei, ninguém me viu durante breves momentos; tive tempo para observar, cheirar, ouvir. A sala tresandava a suor e sangue e a outras coisas estranhas e aterradoras para um homem. O trabalho de parto ia avançado, pois as mulheres da casa estavam nesse momento conduzindo Tétis da sua cama para o banco de parir, onde as parteiras rondavam e instruíam numa azáfama constante. A minha mulher estava nua, o abdômen grotescamente inchado, quase luminoso de tão distendido. Dispuseram cuidadosamente as suas coxas sobre a dura superfície de madeira do banco; o assento do banco tinha no meio um amplo buraco, concebido para ajudar à distensão da extremidade do canal do parto, o local por onde saía o corpo do bebê, sendo a cabeça a primeira porção do corpo a aparecer.

No chão, perto do banco, havia um balde de madeira transbordando de água, mas nenhuma das mulheres olhava sequer para ele, pois nenhuma delas sabia para que servia aquele objeto. Mal me viram, quase voaram para mim, com a raiva estampada no rosto, pensando que o rei enlouquecera, determinadas a correrem comigo dali para fora. Com uma bofetada, deitei por terra aquela que ousou aproximar-se mais; as outras recuaram imediatamente. Aresune estava curvada sobre o balde, murmurando feitiços para afastar o mau olhado, e não se mexeu enquanto eu expulsava as mulheres e trancava a porta.

Tétis viu tudo. O seu rosto cintilava de suor e os seus olhos estavam negros como breu. Apesar disso, conseguia controlar a sua fúria.

- Vá embora, Peleu - disse ela, num tom brando. Respondi-lhe afastando Aresune, pegando no balde e despejando no chão a água do mar.

- Não matarás mais ninguém, Tétis! Este filho é meu!

- Matar? Matar? Oh, pobre idiota! Eu não matei ninguém! Eu sou uma deusa! Os meus filhos são imortais!

As minhas mãos cravaram-se nos ombros dela.

- Os teus filhos estão mortos, mulher! Estão condenados a viver como sombras errantes porque tu não os deixaste realizar os feitos que atraem o amor e a admiração dos deuses! Não pisarão nunca os Campos Elíseos, não serão nunca heróis, não encontrarão nunca o seu lugar entre as estrelas! Tu não és uma deusa! Tu és uma mulher mortal!

A resposta dela foi um estridente grito de aflição; as suas costas arquearam-se e as mãos agarraram os braços de madeira do banco com tanta força que as juntas dos dedos brilhavam que nem prata. Aresune, entretanto, parecia ter despertado de um longo torpor.

- Chegou a hora! - exclamou. - Está prestes a nascer!

- A criança não será tua, Peleu! - rosnou Tétis. Começou a tentar juntar as pernas, o que contrariava o instinto que lhe ordenava que as abrisse.

- Vou esmagar a cabeça dele! - exclamou, a voz prenhe de raiva. Depois, desatou a gritar, um grito que parecia não ter fim. - Oh, Pai! Pai Nereu! Ele está a rasgar-me!

As veias ressaltavam-lhe na testa como se fossem cordões púrpura, as lágrimas corriam-lhe pelas faces. Mesmo assim, continuava a lutar para fechar as pernas. Apesar de desvairada de dor, convocou todas as fibras da sua vontade e uniu inexoravelmente as pernas e cruzou-as e entrelaçou-as para que ficassem tão fechadas como a porta que eu trancara havia pouco.

Aresune estava sentada no chão encharcado, a cabeça sob o banco; ouvi-a gritar, mas, logo a seguir, a velha ama desatou num riso que mais parecia um relincho.

- Ai! Ai! - guinchou ela por fim. - Peleu, é o pé dele! Ele vem ao contrário, é o pé dele! - Arrastou-se para o lado, levantou-se e, com a força de um jovem no seu velho braço, fez com que eu me virasse para ela. - Quer um filho vivo? - perguntou-me.

- Quero, quero!

- Então, abre-lhe as pernas! Os pés estão a sair primeiro, a cabeça dele não corre perigo!

Ajoelhei-me e agarrei com a mão esquerda o joelho mais alto de Tétis; em seguida, enfiei a mão direita sob esse joelho a fim de agarrar o outro; por fim, usei de toda a minha força para lhe afastar as pernas. Os ossos dela rangiam perigosamente; ela empinava a cabeça e vociferava maldições e cuspiu algo que mais parecia uma chuva corrosiva, e o seu rosto - aqui o juro, pois eu não tirava os olhos dela e ela não tirava os olhos de mim -, o seu rosto ganhara as escamas e a forma da cabeça de uma serpente. Os joelhos começaram enfim a separar-se; eu era demasiado forte para ela. Não seria essa uma prova incontestável da sua condição mortal?

Aresune mergulhou sob as minhas mãos. Fechei os olhos e resisti à força de Tétis. Então, ouvi um som agudo e breve, um respirar convulsivo e, de repente, o quarto encheu-se do choro de um bebê vivo. Os meus olhos abriram-se num ápice. Fiquei a olhar incrédulo para Aresune e para a criatura em que ela pegava com uma mão, de cabeça para baixo - uma coisa medonha, molhada, escorregadia, que se contorcia e debatia e berrava com tal força que os seus berros chegariam por certo ao teto dos céus - uma coisa com pênis e escroto, salientes sob a película membranosa. Um filho! Eu tinha um filho vivo!

Tétis permaneceu quieta e calada, o rosto vazio e parado. Mas os olhos dela não se tinham fixado em mim, mas sim no meu filho, que Aresune envolvia agora com um pano branco, depois de ter atado o cordão umbilical e de o ter limpo.

- Um filho que fará as delícias do teu coração! - riu-se Aresune. - O bebê mais forte e saudável que jamais vi! Foi pelo calcanhar direito que o puxei.

Entrei em pânico.

- O calcanhar! O calcanhar direito, velha! Está partido? Está deformado? Aresune afastou o pano e mostrou-me um calcanhar perfeito - o esquerdo e um pé e um calcanhar inchados e contundidos.

- Ambos os calcanhares estão intactos. O direito acabará por sarar e as marcas desaparecerão.

Tétis riu-se, um som débil e toldado.

- O calcanhar direito... Com que então foi assim que ele conseguiu respirar o ar da terra. O pé saiu primeiro... Não admira que me tenha rasgado tanto. Sim, as marcas desaparecerão, mas esse calcanhar direito será a sua ruína. Um dia, quando ele precisar de um calcanhar firme e possante, o calcanhar direito se lembrará do dia em que ele nasceu e o trairá.

Ignorei-a, estendendo os braços para Aresune.

- De-me o meu filho, Aresune! Deixe-me vê-lo! Deixe-me ver o amor da minha vida, a razão do meu ser, o meu filho! O meu filho!

Informei a corte de que tinha um filho. Quanta exultação, quanta alegria! Toda a lolcos, toda a Tessália, haviam sofrido comigo ao longo dos anos.

Porém, depois de todos terem partido, sentei-me no meu trono de imaculado mármore branco com a cabeça entre as mãos, quase morto de exaustão. As vozes começaram a esbater-se ao longe, e a noite começou a tecer as suas mais negras e solitárias teias. Eu tinha um filho vivo, mas deveria ter tido sete filhos vivos. A minha mulher era louca.

Penetrou descalça na câmara escassamente iluminada, envergando uma vez mais aquela túnica transparente e flutuante que eu lhe vira em Ciro. Com um rosto velho, enrugado, atravessou lentamente as geladas lajes do chão. O seu caminhar expressava bem o sofrimento do seu corpo.

- Peleu - disse ela, mal chegou ao estrado onde o meu trono assentava. Vira-a através dos meus dedos. Ergui a cabeça para falar com ela.

- Vou voltar para Ciro, marido.

- Licomedes não te quer.

- Nesse caso, irei para onde me queiram.

- Como Medeia, num carro puxado por cobras?

- Não. Farei a minha viagem nas costas de um golfinho.

Nunca mais a vi. Ao alvorecer, Aresune veio com dois escravos que me levantaram e levaram para a cama. Dormi tanto que, quando acordei, já o carro de Febo dera uma volta inteira ao nosso mundo; não me lembrei de um único sonho, mas lembrei-me de que tinha um filho. Corri ao seu quarto como se tivesse as sandálias aladas de Hermes nos meus pés e encontrei Aresune pegando nele, depois de ter mamado nos seios da sua ama - uma jovem saudável que perdera o seu bebê, disse-me logo a velha. Chamava-se Leucipa, um nome que significava "égua branca".

Era a minha vez agora. Peguei-o e constatei que o rapaz era pesado. O que não era para admirar, pois ele parecia ser feito de ouro. Um cabelo dourado, todo aos caracóis, uma pele dourada, sobrancelhas e pestanas douradas. Os olhos, que não largavam os meus, eram escuros, mas imaginei que, quando comessem a ver, seriam de um qualquer tom dourado.

- Como lhe vais chamar? - perguntou Aresune. Não sabia que resposta lhe dar. Ele tinha de ter o seu próprio nome, um nome que mais ninguém tivesse. Mas que nome? Olhei-lhe para o nariz, para as faces, para o queixo, para a testa, e achei-os tão delicadamente moldados... Um rosto mais parecido com o de Tétis do que com o meu. Os lábios, os lábios só poderiam ser dele, porque lábios era coisa que não tinha; uma simples fenda, ferozmente determinada e, no entanto, dolorosamente triste, era a sua boca.

- Aquiles - disse eu, finalmente. Ela concordou.

- Sem lábios. Um bom nome para ele, meu querido rei. - Depois, suspirou. - A mãe dele fez aquela profecia... Vais consultar a pitonisa de Delfos?

Abanei a cabeça.

- Não. A minha mulher é louca, não acredito nas suas predições. Mas a pitonisa diz a verdade - e eu não quero saber o que o destino reserva ao meu filho.

Capítulo Terceiro

Narrado por Quíron

Eu tinha um lugar preferido à saída da minha gruta, esculpida na rocha pelos éons divinos muito antes de os homens terem chegado ao monte Pélion. Era mesmo na ponta do penhasco, e muitos eram os momentos que eu passava sentado nessa espécie de banco, com uma pele de urso estendida em cima dele, para proteger os meus velhos ossos das duras carícias da pedra. Aí sentado, os meus olhos dominavam terra e mar como se fossem os olhos de um rei: o rei que eu nunca fui.

Estava velho, demasiado velho. Era sobretudo no Outono que me apercebia disso, pois era no Outono que começavam as dores que anunciavam o Inverno. Ninguém - e ainda menos eu - fazia idéia da minha idade; um tempo vem em que a realidade da idade fica como que paralisada, em que todos os anos e todas as estações se resumem afinal a um longo dia em que não fazemos outra coisa senão esperar pela morte.

O alvorecer prometia um dia de beleza e paz. Por isso, antes que o Sol se erguesse no céu, executei os meus poucos trabalhos domésticos, após o que saí para o ar fresco do monte. A minha gruta ficava bem no alto, quase que no cume da vertente sul do Pélion, sobranceira a um fundo precipício. Afundei-me na minha pele de urso para ver o Sol. Nunca me cansava de ver o mundo que dali se via; ao longo de incontáveis anos, do alto do Pélion, vigiara o mundo que se estendia sob os meus pés, a costa da Tessália e o mar Egeu. E enquanto via o Sol erguendo-se no horizonte, tirei alguns favos gotejantes de mel da caixa de alabastro onde guardava os meus confeitos e afundei neles as minhas gengivas desdentadas, sugando-os esfomeado. Aquele mel sabia a flores silvestres, a doces zéfiros, às florestas de pinheiros.

O meu povo, os Centauros, vivera no monte Pélion durante mais tempo do que os homens poderiam registrar, servindo os reis da Grécia como preceptores dos seus filhos. De fato, nós éramos os melhores professores do mundo. Digo "éramos" porque eu sou o último dos Centauros; com a minha morte, morrerá a minha raça. No interesse do nosso trabalho, a maior parte dos Centauros escolheu o celibato; por outro lado, aqueles que se casavam nunca escolhiam mulheres de outros povos; por isso, as nossas mulheres, quando se cansaram de uma existência vulgar, pegaram nas suas coisas e partiram. Por essa razão, os nascimentos diminuíram drasticamente; com efeito, a maior parte dos nossos homens não tinha sequer tempo para fazer a viagem até à Trácia, a região para onde tinham ido as nossas mulheres a fim de se juntarem às Ménades e de participarem no culto de Dioniso. E, a pouco e pouco, uma lenda nasceu: a lenda segundo a qual os Centauros eram invisíveis porque tinham medo de se mostrar aos outros homens; e tinham medo porque - acrescentava a lenda - seriam meio homens, meio cavalos. Uma criatura sem dúvida interessante, caso tivesse existido. Mas não, tal criatura nunca existiu: os Centauros mais não eram do que homens, em tudo iguais aos outros homens.

O meu nome era conhecido em toda a Grécia; eu sou Quíron e fui o mestre da maior parte dos jovens que, chegando à idade adulta, se tornaram heróis famosos: Peleu e Télamon, Tideu, Hércules, Atreu e Tiestes, isto para referir apenas alguns. Contudo, isso fora já há tanto tempo... Para dizer a verdade, enquanto assistia ao nascer do Sol, não era em Hércules, nem na sua estirpe, que eu pensava.

Abundam no monte Pélion as florestas de freixos, freixos mais altos e eretos do que todos os outros, um mar tremeluzente de um amarelo radioso nesta altura do ano, visto que todas as folhas, moribundas mas prenhes de luz, estremecem e caem ao sabor da mais ligeira das brisas. Aos meus pés, caía a pique o precipício, quinhentos cúbitos de rocha nua, sem uma sombra sequer de verde ou amarelo, e, sob o abismo, de novo a floresta de freixos erguendo os seus ramos para o céu e muitos pássaros com

suas vozes distintas. Não ouvia nunca os sons dos homens, pois entre mim e os pináculos do Olimpo não havia outro homem. Estendendo-se muito ao longe e reduzida ao tamanho de um reino de formigas, surgia lolcos - e não será forçada esta descrição, pois chamavam Mirmidões, ou formigas, ao povo de lolcos.

Entre todas as cidades do mundo, tirando as de Creta e Tera antes de Poseidon as ter arrasado, lolcos era a única que não tinha muralhas. Quem ousaria invadir a pátria dos Mirmidões, que eram guerreiros sem par? A ausência de muralhas levava-me a amar ainda mais lolcos. É que eu odiava muralhas. Outrora, quando viajava, não suportava ver-me encerrado dentro das muralhas de Micenas ou Tirinto mais do que um ou dois dias. As muralhas eram estruturas construídas pela morte com pedras das pedreiras do Tártaro.

Deitei fora os favos de mel e peguei no meu odre, aturdido pelo sol que tingia de carmesim a amplidão da baía de Págasa, reverberando nas figuras douradas do telhado do palácio, dando nova cor às cores dos pilares e das paredes dos templos, do palácio e dos edifícios públicos.

Um caminho serpenteava desde a cidade até ao meu quase inexpugnável retiro, mas havia muito tempo que não era usado. Naquela manhã, porém, alguém decidira usá-lo; com efeito, ouvi um veículo aproximando-se. A raiva que senti destronou por completo a doce contemplação; levantei-me, cambaleante, decidido a enfrentar o insolente intruso e a mandá-lo dali para fora. Era um nobre e conduzia um veloz carro de caça, puxado por dois cavalos baios da Tessália; na túnica do homem, viam-se as insígnias da casa real. Eram claros os seus olhos e radioso o seu sorriso; desceu do carro com uma elegância que só os jovens conhecem e encaminhou-se na minha direção. Recuei; naqueles tempos, o cheiro de um homem causava-me repulsa.

- O rei manda-te as suas melhores saudações, Quíron - disse o jovem.

- Que pretendes? Que pretendes? - perguntei, descobrindo, para meu grande pesar, que a minha voz soava rouca e áspera.

- Ordenou-me o rei que te trouxesse uma mensagem, Quíron. Amanhã, ele e seu irmão virão ter contigo: deixarão à tua guarda os seus filhos até estes crescerem. Deverás ensinar-lhes tudo aquilo que eles devem saber.

Todo o meu corpo se retesou de indignação. O rei Peleu que nem pensasse nisso! Estava demasiado velho para aturar meninos turbulentos. Há muito que deixara de ensinar. E não voltaria a ensinar - nem mesmo que os alunos fossem descendentes de uma casa tão ilustre como a de Éaco.

- Diz ao rei que fiquei furioso com a sua proposta! Não tenciono dar aulas ao filho dele, nem ao filho do seu régio irmão, Télamon. Diz-lhe que, se subir o Pélion amanhã, estará a perder o seu tempo. Quíron abandonou já o seu velho mestre.

O jovem fitou-me desalentado.

- Quíron, eu não ousaria levar-lhe tal mensagem. O rei ordenou-me que te anunciasse a sua visita e foi isso que eu fiz. Mas Peleu não me encarregou de levar uma resposta.

Quando o carro de caça desapareceu, regressei ao meu banco e descobri que a paisagem que, momentos antes, contemplara, desaparecera sob um véu escarlate. O véu da minha raiva. Como se atrevia o rei a pensar que eu daria aulas ao seu filho - ou ao filho de Télamon, agora? Anos antes, fora o próprio Peleu que enviara arautos a todos os reinos da Grécia, anunciando que Quíron, o Centauro, se retirara. Agora, Peleu dava o dito por não dito.

Télamon, Télamon... Tinha muitos filhos, mas havia dois que eram os preferidos... O mais velho era um bastardo, filho da princesa troiana Hesíona, e chamava-se Teucro. O outro era o seu herdeiro legítimo, Ájax. Por outro lado, Peleu tinha um único filho, um filho de Tétis, a sua rainha, miraculosamente nascido de - pois de seis crianças terem morrido à nascença. Chamava-se Aquiles. Que idade teria agora Aquiles e Ájax? Eram meninos pequenos, certamente. Malcheirosos, ranhosos, algures entre o bicho e o homem. Que horror.

Morta a minha alegria, reduzida a cinzas a minha raiva, regressei à minha caverna. Não havia maneira de recusar o trabalho. Peleu era o rei supremo da Tessália; eu era seu súdito e tinha de obedecer-lhe. Por isso atentei no meu amplo e arejado retiro e senti um receio imenso dos dias e dos anos que viriam. A minha lira estava esquecida numa mesa, ao fundo da câmara principal; nas suas cordas, há tanto tempo caladas, o pó tinha-se acumulado. Fitei-a com olhos sombrios, relutantes; então, de repente, peguei nela e apaguei as provas da minha negligência. Não havia uma única corda que estivesse devidamente retesada; tive de afiná-las a todas; só depois disso pude tocar na minha velha lira.

Ah, e a minha voz! Perdera-se, morrera! Enquanto Febo conduzia o seu carro de oriente a ocidente, toquei e cantei, tentando convencer os meus dedos entorpecidos a reencontrar a antiga flexibilidade, exercitando as mãos e os punhos, percorrendo para a frente e para trás a escala dos sons. Um professor

ter de praticar diante dos alunos era uma coisa horrível; por isso, tinha de recuperar toda a prática perdida antes que eles chegassem. E só parei quando a escuridão inundou a caverna e as sombras silenciosas dos morcegos começaram a agitar as asas, demandando o seu refúgio, algures num local mais recôndito da montanha. Estava morto de cansaço, cheio de frio e de fome e o meu humor, garanto-lhes, não era o melhor.

Peleu e Télamon chegaram ao meio-dia. Vinham os dois juntos no carro real, seguido por um outro carro e por uma pesada e lenta carroça puxada por bois. Desci o caminho para os saudar e esperei de cabeça baixa. Havia anos que não via o rei supremo e uma eternidade que não via Télamon. Já de melhor humor, ergui os olhos para os ver. Sim, eles eram reis, aqueles dois homens que irradiavam força e poder. Peleu continuava o homem corpulento e pujante de sempre, Télamon mantinha a agilidade de outros tempos. Agora, ambos podiam dizer que os seus problemas se haviam dissipado - mas só depois de longos períodos de discórdia, guerra, preocupações. E os forjadores do metal das almas dos homens tinham deixado neles a sua marca indelével. O ouro dos seus cabelos esbatia-se já, antes que a prata os invadisse, mas não encontrava qualquer sinal de decadência nos seus corpos vigorosos, nos seus rostos duros e graves.

Peleu foi o primeiro a descer e acercou-se de mim antes que eu pudesse recuar; senti um arrepio de repulsa quando ele me abraçou afetuosamente; mas logo essa repulsa foi temperada pelo seu calor.

- A partir de uma certa altura, Quíron, já não é possível parecermos mais velhos. Como tens passado? Estás bem?

- Apesar de tudo, posso dizer que estou muito bem. Afastamo-nos um pouco dos carros. Lancei-lhe um olhar de revolta.

- Como podes pedir-me que volte a ensinar? Não fiz eu já trabalho que chegue? Não há mais ninguém no mundo capaz de instruir os vossos filhos?

- Quíron, tu não tens rival. - Fitando-me do alto da sua elevada estatura, Peleu agarrou-me no braço. - Sabes, com toda a certeza, que Aquiles significa tudo para mim. É o meu único filho - não haverá mais. Quando eu morrer, Aquiles ficará com ambos os tronos. Terá de ser por isso um homem educado. Eu próprio poderia educá-lo, mas faltam-me os fundamentos adequados. Só tu poderás instilar-lhe os rudimentos, Quíron, e tu sabes disso. Na Grécia, a posição dos reis hereditários é muito precária. Há sempre inimigos à espreita de uma oportunidade. - Suspirou, para logo acrescentar: - Além disso, Quíron, eu amo Aquiles mais do que a própria vida. Como poderia eu negar-lhe a educação que tive?

- Fico pensando se não terás já estragado o rapaz.

- Não, Quíron. Creio que Aquiles é incorruptível.

- Eu não quero este trabalho, Peleu. Desviou o olhar, franziu muito o sobrolho.

- Seria idiota da minha parte insistir. Mas... não queres ver ao menos os rapazes? Pode ser que mude de idéia.

- Nem que fossem novos Hércules ou Peleus... Mas está bem. Já que assim desejas, vê-los-ei.

Peleu virou-se e acenou para dois rapazes que se encontravam junto ao segundo carro. Aproximaram-se lentamente, um atrás do outro; não conseguia enxergar o rapaz que vinha atrás. Não admira: o rapaz que vinha à frente era daqueles que faziam o possível por atrair as atenções. No entanto, era uma verdadeira decepção... Seria aquele o filho de Peleu, o adorado filho único? Não, não podia ser. Aquele só poderia ser Ajax; Aquiles seria ainda um menino por certo. Catorze anos? Treze? Já era tão alto como um homem, e os seus braços e ombros eram poderosos e musculosos. Não tinha mau aspecto o rapaz, mas também não tinha nada de especial. Apenas um adolescente fisicamente desenvolvido, com um nariz ligeiramente achatado e uns olhos cinzentos impassíveis, nos quais não se via a luz de um verdadeiro intelecto.

- Este é Ajax - disse Télamon, cheio de orgulho. - Tem só dez anos, embora pareça muito mais velho.

Acenei para que Ajax se afastasse.

- E este é Aquiles? - perguntei, com um aperto na voz.

- Sim - disse Peleu, tentando dar uma impressão de distância. - Também está muito grande para a idade. Acaba de fazer seis anos.

De súbito, senti a garganta seca. Estava pasmo. Apesar de ter apenas seis anos, Aquiles possuía já uma magia muito sua, uma espécie de encantamento que ele usava sem saber e que prendia os homens a ele e que os levava a amá-lo. Fisicamente, não era tão possante como o primo, mas, mesmo assim, era uma criança alta e dotada de uma forte constituição. Tinha uma postura muito descontraída para um menino da sua idade; distribuía o peso do seu corpo por uma só perna, enquanto a outra avançava apenas

um pouco, e os braços caíam livres junto ao corpo, embora de um modo gracioso. Tranquilo e inconscientemente régio, parecia feito de ouro. O cabelo assemelhava-se aos raios de Hélios, as sobrancelhas brilhavam como cristal amarelo, a pele parecia ouro polido. Muito belo, exceto no que tocava à boca - apenas uma fenda riscada no rosto; uma boca dolorosamente triste, mas tão determinada que intimidaria qualquer um. Fitava-me gravemente com uns olhos que tinham a cor do final do alvorecer, amarelos e nublados; uns olhos cheios de curiosidade, dor, mágoa, espanto e inteligência.

Despedi-me de sete dos poucos anos que me restavam quando me ouvi dizer, "Serei o professor deles".

Peleu fitou-me com um sorriso radiante e Télamon abraçou-me; só agora tinham certeza de que eu aceitava.

- Não ficaremos mais tempo - disse Peleu. - Na carroça, vem tudo o que eles precisam, e trouxe criados para cuidarem de ti. Diz-me, Quíron, a tua velha casa ainda não caiu?

- Continua de pé - respondi.

- Nesse caso, poderá hospedar os criados. Eles têm ordens para obedecerem a todas as tuas ordens. Falarás em meu nome, Quíron.

Pouco depois, foram-se embora.

Deixei os escravos descarregando a carroça e avancei para os rapazes. Ájax erguia-se como a própria montanha, impassível e dócil, os olhos sem a menor sombra; aquele crânio poderoso teria de ser muito malhado até que a mente que lá estava dentro ganhasse consciência da sua verdadeira função. Aquiles fitava ainda o caminho por onde seguia o pai, os seus olhos enormes reluzindo das lágrimas que não chorara. Aquela separação assumia, para ele, uma extrema importância.

- Venham comigo, rapazes, vou mostrar-lhes a vossa nova casa. Seguiram-me silenciosamente até à caverna. Mostrei-lhes quão confortável poderia ser uma morada tão estranha. Mostrei-lhes as macias e espessas peles onde dormiriam, a área da câmara principal onde decorreriam as nossas aulas. Depois, levei-os até à beira do precipício e sentei-me no meu assento preferido, com um de cada lado.

Estão ansiosos por começarem a vossa instrução? - perguntei, mais para Aquiles do que para Ájax.

- Sim, meu senhor - disse Aquiles, cortesmente; o pai, pelo menos, dera-lhe lições de boas maneiras.

- O meu nome é Quíron. Pode tratar-me por Quíron.

- Sim, Quíron. O meu pai diz que eu devo aplicar-me nos estudos. Virei-me para Ájax.

- Na caverna, sobre uma mesa, encontrarás uma lira. Traga-a mas tenha cuidado, não a deixe cair.

O possante rapaz fitou-me sem qualquer animosidade.

- Eu nunca deixo cair nada - respondeu-me ele, como se aquela fosse a mais trivial das respostas.

As minhas sobrancelhas ergueram-se; havia nos meus olhos uma luz de divertimento que, no entanto, não acendeu qualquer resposta nos olhos cinzentos do filho de Télamon. Em vez disso, fez exatamente o que lhe disse: o bom soldado obedecendo às inquestionáveis ordens do seu chefe. Era o melhor que eu poderia fazer por Ájax, pensei. Transformá-lo no mais forte e capaz dos soldados. Ao passo que os olhos de Aquiles espelhavam a minha própria hilaridade.

- Ájax leva sempre muito a sério o que a gente diz - disse ele, com aquela voz tão agradável, firme e equilibrada, de que eu já gostava. Esticou uma mão para indicar a cidade, lá muito ao fundo.

- lolcos?

- Sim.

- Então aquilo, ali na colina, deve ser o palácio! Parece tão pequeno, visto daqui! Sempre pensei que fosse maior do que o Pélion, mas, visto daqui, é apenas uma casa como as outras.

- Todos os palácios são casas como as outras: basta que uma pessoa possa vê-los de longe.

- Sim, estou percebendo.

- Já está com saudades do teu pai.

- Pensei que ia chorar, mas passou....

- Voltará a vê-lo na Primavera. Verá que o tempo passará num instante. Não poderá preguiçar aqui; a preguiça é a mãe do descontentamento, das maldades, das travessuras das crianças.

Respirou fundo.

- O que é que eu vou ter de aprender, Quíron? Que preciso eu de saber para ser um grande rei?

- Demasiadas coisas, Aquiles. Não poderia responder-te a essa pergunta com poucas palavras. Um grande rei é uma fonte de conhecimento. Os reis são os melhores homens do seu povo, mas um grande rei é aquele que compreende que é o representante do seu povo diante do deus.

- Nesse caso, tenho de começar a aprender.

Ájax voltou com a lira. Segurava-a com todo o cuidado. Era um grande instrumento, parecido com as harpas dos Egípcios, construído a partir de uma enorme carapaça de tartaruga com cintilantes manchas castanhas e cor de âmbar, e tinha cravelhas de ouro. Encostei-a ao meu joelho e afaguei as cordas com um toque muito leve que produziu um belo som, mas não uma melodia.

- Vocês terão de conhecer todos os segredos da lira e aprender as canções do vosso povo. O maior de todos os erros é ser impolido ou inculto. Terão de conhecer de cor a história e a geografia do mundo, todas as maravilhas do universo, todos os tesouros que há sob o regaço de Mãe Kubaba, que é a Terra. Os ensinarei a caçar, a matar, a lutar com toda a sorte de armas, a fabricar as vossas próprias armas. Ficarão conhecendo as ervas que curam as doenças e as feridas. Os ensinarei a extrair remédios dessas ervas. Saberão também como usar talas para curar pernas ou braços partidos. Um grande rei dá mais valor à vida do que à morte.

- E a oratória? - perguntou Aquiles.

- Não faltarão. Depois de aprenderem comigo, a vossa oratória terá um efeito poderoso sobre os corações dos vossos ouvintes, seja por via da alegria, seja por via da tristeza. Quando saírem daqui, saberão julgar equilibradamente os homens, tal como elaborar leis e executá-las. Lhes ensinarei aquilo que o deus espera de vocês, porque vocês são os eleitos. - Sorri. - E isto é só o princípio!

Assentei a lira no chão, passei com a mão pelas cordas. Toquei apenas por breves momentos: então, chegado ao clímax, quando o último acorde se esbateu para dar lugar ao silêncio, comecei a cantar. «Ele estava só e rodeado de inimigos. Hera, irritada, abriu de fúria os braços E o teto dourado do Olimpo tremeu. Hera não abrandava a sua vigilância. Implacável a raiva da esposa de Zeus! No seu céu, afinal, Zeus não tinha poder, Pois prometera à gloriosa Hera Que o seu filho da terra seria servo. Euristeu, o frio e impiedoso amante, Sorria enquanto contava os ribeiros de suor que a Hércules impusera. Porque os filhos dos deuses têm de saber que contra os deuses não podem revoltar-se E que essa é a diferença entre os homens E os deuses que deles fazem fáceis presas. Filho bastardo sem icor nas suas veias, Hércules pagou o preço da paixão. E pagou com sofrimento e degradação, Enquanto Hera ria de ver Zeus chorando ... »

Era a Balada de Hércules, que morrera havia não muitos anos antes. Enquanto cantava, observava atentamente os dois rapazes. Ájax escutava atentamente. Aquiles, tão vibrante como as cordas da lira, inclinou-se para mim, com o queixo apoiado nas mãos e ambos os cotovelos no braço do meu assento, os olhos a escassa distância do meu rosto. Quando finalmente afastei de mim a lira, deixou cair as mãos, suspirando exausto.

E foi assim que tudo começou e foi assim que tudo prosseguiu nos anos que haviam de vir. Aquiles avançava rapidamente em tudo, Ájax empenhava-se tenazmente na execução dos seus deveres. No entanto, o filho de Télamon não era propriamente um pobre tonto. Ájax tinha uma coragem e uma determinação capazes de fazerem inveja a qualquer rei e, de algum modo, conseguia sempre estar à altura daquilo que lhe era exigido. Porém, Aquiles é que era o meu rapaz, a minha alegria. Tudo o que eu lhe dizia era ciosamente guardado - para ser usado mais tarde, quando fosse um grande rei, como ele dizia, sorridente. Adorava aprender e destacava-se em todos os ramos do conhecimento. Era tão bom com as mãos como com a mente. Ainda guardo alguns dos desenhos e das tigelas de barro que então fez. Porém, mais do que para as matérias eruditas, Aquiles nascera para a ação, para a guerra e os feitos heróicos. Mesmo do ponto de vista físico, Aquiles superava o primo, pois eram velocíssimas as suas pernas e gostava de manejar armas tanto como uma mulher cúpida adora mexer nas suas jóias. Com a lança, nunca falhava o alvo; quando pegava na espada, eu mal via a alada arma! Empunhar, atacar, golpear. Ah sim, ele nascera para ser chefe! Ele compreendia a arte da guerra sem qualquer esforço - por instinto. Era um caçador natural e, muitas vezes, regressava à caverna arrastando um javali demasiado pesado para trazer às costas, e, com os veados, conseguia correr atrás deles e lançar-lhes de perto a lança fatal. Uma única vez o vi aflito. Certa vez em que, depois de ter perseguido a presa a toda a velocidade, se estatelou redondo no chão, de tal modo que só ao fim de algum tempo recuperou a consciência. Fora o seu pé direito, explicou, fora o seu pé direito que falhara.

Nota do tradutor: Icor era o etéreo fluido que, segundo a mitologia grega, corria nas veias dos deuses em vez do humano sangue.

Ájax podia ter violentos acessos de fúria, mas nunca vi Aquiles perder a compostura. Não era tímido nem retraído; possuía, contudo, no mais fundo de si mesmo, uma serenidade e um comedimento inabaláveis. Ele era o guerreiro pensador. Uma espécie rara. Poderia pensar que aquela cutilada que tinha no lugar da boca seria a tradução física do outro lado da sua natureza; porém, havia um único aspecto em que essa correspondência se revelava: quando havia alguma coisa que não estava de acordo com o seu sentido da justiça, era capaz de ser tão frio e inflexível como o vento norte que sempre traz a neve.

Aqueles sete anos deram-me mais prazer do que todo o resto da minha vida, graças não apenas a Aquiles, mas também a Ájax. O contraste entre os primos era tão notório, e eram tão excelentes os dois, que transformá-los em homens foi, para mim, uma obra amorosamente cumprida. De todos os rapazes que foram meus alunos, Aquiles foi aquele que mais amei. Chorei quando foi embora pela última vez; e, durante muitas luas após a sua partida, a minha vontade de viver transformou-se num moscardo tão persistente como aquele que atormentou-lo. Só ao fim de muito tempo consegui contemplar o remate dourado do telhado do palácio cintilando ao sol sem que uma névoa pairasse diante dos meus olhos - uma névoa que fazia com que esse remate dourado e o telhado se dissolvessem um no outro como minério no crisol.

Capítulo Quarto

Narrado por Helena

Xantipa era uma opositora terrível; quando cheguei dos campos, vinha ofegante e exausta. Tínhamos atraído uma vasta audiência e não deixei de oferecer ao círculo dos rostos que nos admiravam o mais radioso dos meus sorrisos. Nenhum homem quis dar os parabéns a Xantipa por ter vencido o combate. Eles estavam lá unicamente para me verem. Quando o combate terminou, os homens rodearam-me, cobriram-me de elogios, usaram de todos os pretextos para me afagarem a mão ou o ombro; os mais atrevidos propuseram-me até - brincavam, é claro - que combatesse contra eles. Esquivei-me aos seus gracejos e sugestões com o maior dos agrados; infelizmente, não havia nas suas palavras o mínimo resquício de sutileza.

Quanto à idade, eu era ainda uma criança. Os olhos deles, contudo, negavam isso; os olhos deles diziam de mim coisas que eu já sabia, pois havia nos meus aposentos espelhos de cobre polido e também eu tinha olhos. Embora fossem nobres da corte, nenhum deles era verdadeiramente importante. Sacudi-os para longe de mim como sacudiria a água depois de ter tomado banho, peguei na toalha de linho que a minha criada trazia e com ela envolvi as minhas pernas nuas e suadas no meio de um coro de protestos.

Foi então que vi meu pai para lá da multidão. O meu pai tinha assistido ao combate? Mas que coisa rara! Pois se ele se recusava a ver as mulheres parodiando os desportos masculinos! A minha expressão de surpresa fez com que alguns dos nobres se virassem; e, num ápice, todos desapareceram. Fui ter com meu pai e beijei-o na face.

- Tens sempre um público tão entusiasta? - perguntou-me ele de sobrolho franzido.
- É verdade, pai - retorqui, enquanto dava um jeito na minha roupa. Talvez não saiba, mas sou muito admirada.
- Se não sabia, fiquei sabendo. Devo estar ficando velho, devo estar perdendo os meus poderes de observação. Felizmente, o teu irmão mais velho não é cego nem velho. Disse-me esta manhã que talvez não fosse má idéia passar pelo campo onde as mulheres praticam desportos.

Fiquei furiosa.

- Não faz sentido nenhum Castor preocupar-se comigo! - retorqui.
- Estaríamos mal, se ele não se preocupasse contigo! Estávamos chegando à porta da Sala do Trono.
- Vai lavar-te e vestir roupa nova, Helena. Depois, vem ter comigo.

No rosto dele não havia a menor sugestão quanto ao que pretendia dizer-me; limitei-me a encolher os ombros e desatei numa corrida a caminho dos meus aposentos. Neste estava à minha espera, ansiosa por poder cacarejar as suas censuras. Deixei-a tirar-me a toalha, desejosa como estava de um bom banho quente, da sensação do raspador na minha pele. Neste, que ainda não se calara, atirou a toalha para um canto e desapertou os cordões da minha tanga. Mas eu não ouvia nada do que ela dizia. Corri pelas lajes frias, saltei para a água quente do banho e desatei a chapinhar alegremente. Era a maior das delícias, sentir a água ondeando à minha volta, acariciando-me - e poder acariciar-me a mim mesma, porque os olhos velhos de Neste só conseguiam ver alguma coisa se a água fosse tão límpida como a de uma

nascente. E que agradável que era depois, quando ela me massageava com óleos fragrantes - e eu própria me massageava um pouco. Nunca eram demasiados aqueles momentos em que podia acariciar-me, mexer-me, proporcionar-me aqueles arrepios e frêmitos a que outras moças, como Xantipa, pouco pareciam ligar. Talvez porque não tinham tido um Teseu a ensiná-las.

Uma das minhas outras criadas dispôs em círculos no chão a minha saia para que eu pudesse entrar pelo meio. Ergueram-na depois ao longo das minhas pernas e apertaram-na na cintura. Era pesada, mas eu já estava habituada àquele peso, pois envergava uma saia de mulher há já dois anos, desde que regressara de Atenas. A minha mãe achava demasiado ridículo que eu voltasse a vestir roupas de criança depois daquele episódio.

Vieram depois a blusa, atada sob os seios, e o amplo cinto e o avental que só poderiam ser apertados se eu sustivesse o suficiente a respiração. Uma diligente criada enfiou os meus caracóis no diadema de ouro, outra me colocou nas orelhas um belo par de brincos de cristal. Estendi os meus pés nus um de cada vez e deixei-as enfiar pequenas alianças e sininhos em todos os meus dedos, estendi os braços para receber dezenas de tilintantes braceletes, estendi os dedos para os esperados anéis.

Quando acabaram, pus-me diante do maior dos meus espelhos e examinei a minha aparência com uns olhos críticos. A saia era a mais bonita que eu possuía, um mar de folhos e babados desde a cintura aos tornozelos, transbordando de contas de cristal e âmbar, amuletos de lápis-lazúli e ouro trabalhado, sininhos dourados e pingentes de faiança, de tal forma que todos os meus movimentos eram acompanhados por música. O meu cinto não estava suficientemente apertado; chamei duas mulheres das mais fortes para procederem a tal operação.

- Neste, porque é que eu não posso pintar de ouro os meus mamilos? perguntei. - De nada lhe vale queixar-se a mim, jovem princesa. Pergunte à sua mãe. Mas, se quer um conselho, recorra a um tal artifício apenas quando precisar dele. Por exemplo, depois de ter dado à luz um filho, pois os seus mamilos ganharão um tom castanho-escuro.

Decidi que Neste era muito capaz de ter razão. Eu era, nesse particular, muito afortunada; os meus mamilos eram de um belo tom rosa e, pela sua forma, faziam lembrar um botão de rosa, os meus seios eram cheios e ereto.

Que dissera Teseu? Dois gordos cachorrinhos brancos com uns narizes cor-de-rosa. A minha disposição mudou por completo mal pensei nele; afastei-me bruscamente da minha imagem, e toda a saia tilintou e cintilou. Ah, daria tudo para voltar a estar nos seus braços ... ! Teseu, meu querido Teseu! A boca dele, as mãos, o modo como atormentava o meu corpo até que este já não agüentava mais e suplicava que ele o saciasse... Até ao dia em que os meus mui respeitáveis irmãos, Castor e Pólux, resolveram aparecer e levar-me de Atenas. Ah, se ao menos ele estivesse em Atenas quando eles chegaram! Mas Teseu estava em Cirios, com o rei Licomedes, e por isso ninguém ousou opor-se aos filhos de Tíndaro.

Deixei que as criadas traçassem uma linha de pó negro à volta dos meus olhos e pintassem de ouro as pestanas, mas recusei o carmim para as faces e os lábios. Não precisava de carmim nenhum - fora o que Teseu dissera. Depois, encaminhei-me para a Sala do Trono. O meu pai estava sentado numa espreguiçadeira junto à janela. Levantou-se imediatamente.

- Vem para cá, que há mais luz - disse ele. Obedeci sem protestar; Tíndaro era o meu indulgente pai, mas também era o rei. Quando me viu banhada de sol, recuou uns passos e olhou-me como nunca havia olhado.

- Não há dúvida - disse ele. - Os olhos de Teseu viram mais e melhor do que todos os olhos da Lacedemônia! A tua mãe tinha razão: já é uma mulher. Portanto, temos de fazer qualquer coisa antes que apareça outro Teseu.

O meu rosto ardia, mas nada disse.

- É tempo de se casar, Helena. - Refletiu por um momento. - Que idade tens?

- Catorze anos, pai. - Casamento! Mas que interessante!

- Não é demasiado cedo - disse ele. A minha mãe entrou nesse momento. Evitei os olhos dela: era uma sensação muito estranha, estar ali diante do meu pai, enquanto ele me apreciava com os olhos de um homem, e não com os de pai. Mas a minha mãe ignorou-me. Foi para junto dele e também ela tratou de me apreciar. Depois, trocaram um olhar demorado, conclusivo.

- Eu já te tinha dito, Tíndaro - disse ela.

- Eu sei, Leda. Ela precisa de um marido. A minha mãe desatou a rir: um riso sonoro, musical, que (diziam os rumores) deixara o onipotente Zeus extasiado. Leda tinha mais ou menos a minha idade quando a encontraram nua e abraçada a um cisne, gemendo de prazer. A minha mãe arranjara rapidamente uma explicação para tão estranho caso. O cisne era Zeus! Zeus tinha-a desflorado! Mas eu, que era sua filha,

não acreditava em tais histórias e imaginava o prazer que aquelas deliciosas penas brancas lhe teriam proporcionado. O pai dela casara-a com Tíndaro três dias depois e Leda dera à luz dois pares de gêmeos: Castor e Clítemenestra, primeiro, Pólux e eu, depois. Ainda que, agora, aparentemente, toda as pessoas achassem que Castor e Pólux é que eram gêmeos. Ou que tínhamos nascido todos do mesmo parto. Se assim fosse, quais seriam os filhos de Zeus e quais os de Tíndaro? Um mistério.

- As mulheres da minha casa amadurecem cedo e sofrem muitíssimo - disse Leda, rindo ainda.

O meu pai não riu. Limitou-se a dizer que sim, num tom bastante triste.

- Não será difícil encontrar-lhe um marido. Serão tantos os pretendentes que terás de corrê-los com o teu bastão.

- Ora essa! A nossa filha pertence a uma nobre estirpe e o seu dote é muito valioso: poucos ousarão pedir a sua mão.

- Tolices, Tíndaro, tolices! Ela é tão bonita que nem precisa de dote. O rei supremo da Ática fez-nos um grande favor - espalhou louvores à sua beleza desde a Tessália a Creta. Não é todos os dias que um homem tão velho e gasto como Teseu faz uma loucura como raptar e deflorar uma moça de doze anos.

Os lábios de meu pai franziram-se de raiva.

- Preferia que esse assunto não fosse mencionado - disse ele, categórico.

- Só é pena que seja mais bela do que Clítemenestra.

- Clítemenestra está bem para Agamêmnon.

- Então é pena que não haja dois reis supremos de Micenas.

- Há outros reis supremos na Grécia - disse ele, num tom mais prático e eficiente.

Afastei-me sub-repticiamente da luz, pois não queria que reparassem que eu ainda ali estava e que me mandassem embora. O assunto - ou seja, eu própria era demasiado interessante. Gostava de ouvir as pessoas dizerem que eu era bela.

Especialmente quando acrescentavam que era mais bela do que Clítemenestra, a minha irmã mais velha, que se casara com Agamêmnon, rei supremo de Micenas e rei supremo de toda a Grécia. Nunca gostara dela. Quando eu era pequena, ficava aterrorizada com os seus famosos acessos de cólera. Desatava a andar de um lado para o outro, o seu cabelo cor de fogo parecia eriçar-se de fúria, os seus olhos negros pareciam dardejear. Sorri um imenso sorriso só de pensar nela. O marido -rei supremo ou não - devia andar numa dança constante por causa das fúrias dela! No entanto... no entanto Agamêmnon parecia capaz de controlá-la. De fato, era tão prepotente como Clítemenestra.

Os meus pais continuavam a debater o meu casamento.

- O melhor será mandar mensageiros a todos os reis - disse o meu pai.

- Sim - e quanto mais depressa, melhor. Embora a Nova Religião não veja com bons olhos a poligamia, há muitos reis que ainda não escolheram rainha. Idomeneu, por exemplo. Imagina só! Uma filha no trono de Micenas, e a outra no trono de Creta! Seria um verdadeiro triunfo!

- Creta não é já a potência de outros tempos - objetou o meu pai. - As duas posições não são equivalentes.

- Filoctetes?

- Sim, é um homem brilhante, e esperam-no grandes feitos, segundo se diz. Contudo, Filoctetes é um dos reis da Tessália o que significa que deve vassalagem a Peleu, bem como a Agamêmnon. Estou mais inclinado para Diomedes, que acaba de regressar da campanha de Tebas, coberto de riquezas e glória. Gosto da idéia de a nossa filha ficar em Argos, um reino tão perto do nosso. Se Peleu fosse mais jovem, tê-lo-ia escolhido sem pensar duas vezes, mas, segundo consta, Peleu recusa voltar a casar-se.

- Não vale a pena perdemos tempo com aqueles que não estão disponíveis - retorquiu a minha mãe. - Há sempre uma outra hipótese... Menelau.

- Eu não me esqueci dele. Quem poderia esquecer-se de Menelau?

- Envia convites a todos, Tíndaro. Para além de reis, também há herdeiros. Ulisses, de Ítaca, é agora o rei, pois o velho Laertes está senil. E Menesteu é um rei supremo da Ática muito mais estável do que Teseu jamais foi - agradeçamos a todos os deuses o fato de não termos de lidar com Teseu!

- Que quer dizer com isso, mãe? - perguntei eu, sentindo já um formigueiro percorrendo-me a pele. A minha esperança, a esperança que o meu coração acalentava, era que Teseu viesse buscar-me e desposar-me. Desde que voltara de Atenas que não ouvia falar de Teseu.

A minha mãe pegou nas minhas mãos, apertou-as com firmeza.

- Bom, Helena, é melhor que sejamos nós a dar-te a notícia. Teseu morreu. Foi morto no seu exílio em Círos.

Afastei-me dela e corri dali para fora. Os meus sonhos estavam reduzidos a cinzas. Morto? Teseu estava morto? Teseu estava morto e uma parte de mim morreria também.

O meu cunhado Agamêmnon chegou duas luas mais tarde e trazia consigo o seu irmão Menelau. Eu estava presente quando entraram na Sala do Trono - uma novidade para mim, mas uma novidade que me deixava eufórica; de súbito, todas as discussões giravam em torno de mim. Mensageiros tinham-nos avisados da sua chegada; por isso, o rei supremo de Micenas e de toda a Grécia entrou no palácio ao som de trombetas e os seus imperiais pés pisaram, não as vulgares lajes, mas uma passadeira de ouro.

Não conseguia decidir se gostava dele ou não; compreendia, no entanto, o temor que ele inspirava. Muito alto e direito e tão disciplinado como um soldado profissional, Agamêmnon caminhava como se fosse o dono do mundo. No seu cabelo preto, espreitavam já alguns salpicos grisalhos; os olhos negros, faiscantes, podiam tornar-se de súbito ameaçadores; o nariz era altivamente adunco; os lábios finos encrespavam-se nos cantos, numa constante expressão de desdém.

Homens tão escuros eram invulgares na Grécia, uma terra de homens tão atléticos quanto brancos. Porém, em vez de ter vergonha da sua tez escura, Agamêmnon exibia-a cheio de vaidade. Ainda que a moda ditasse que os homens rapassem a barba, o meu cunhado usava uma longa barba negra que havia sido transformada num sem-número de tranças apertadas e realçadas com fios de ouro; o cabelo, usava-o exatamente do mesmo modo. Envergava uma túnica de lã púrpura bordada com um complicado padrão de fio de ouro e, na mão direita, empunhava o cetro imperial de ouro maciço - e com tanta facilidade como se o cetro fosse feito de greda.

O meu pai levantou-se do trono e ajoelhou para lhe beijar a mão, prestando-lhe a homenagem que todos os reis gregos deviam ao supremo rei de Micenas. A minha mãe avançou para se juntar a eles. Por ora, todos me ignoravam, o que me dava tempo para apreciar Menelau, um dos meus pretendentes. Oh, oh! A expectativa deu lugar a uma profunda decepção. Metera na cabeça que Menelau seria uma réplica de Agamêmnon, mas aquele homem nada tinha em comum com o irmão. Seria mesmo irmão germano do supremo rei de Micenas, filho de Atreu e da mesma mãe? Francamente: tal não parecia possível. Era pequeno. Atarracado. As pernas eram tão grossas e disformes que, enfiadas naqueles calções apertados que ele trazia, davam-lhe uns ares profundamente ridículos. Os ombros eram redondos e curvados. Uma criatura mansa e tímida. Traços vulgaríssimos. O cabelo era igual ao da minha irmã: cor de fogo. Até era capaz de gostar um bocadinho mais dele se o cabelo fosse de outra cor.

O meu pai acenou-me. Avancei meio embaraçada e dei-lhe a minha mão. O visitante imperial fitou-me: um olhar escaldante, prenhe de admiração. Pela primeira vez, senti algo que viria a tornar-se muito comum: eu era muito simplesmente um animal valioso oferecido em leilão a quem pudesse pagar mais.

- É perfeita - disse Agamêmnon ao meu pai. - Como é que consegue produzir filhos tão belos, Tíndaro?

O meu pai riu-se, enquanto abraçava a minha mãe pela cintura.

- Eu sou só responsável por metade - disse. Afastaram-se então e deixaram-me a conversar com Menelau, mas ainda pude ouvir a questão decisiva.

- Digam-me: afinal o que é que se passou realmente com Teseu? - perguntou Agamêmnon.

Leda adiantou-se ao marido:

- Ele raptou-a, Agamêmnon. Felizmente, os Atenienses chegaram no momento certo: apanharam-no antes que ele conseguisse deflorá-la. Castor e Pólux trouxeram-na virgem.

Mentirosa, mentirosa! Menelau não tirava os olhos de mim; retoquei um pouco o meu aspecto.

- Nunca tinha estado em Arníclas - disse-lhe por fim. Ele murmurou qualquer coisa e baixou a cabeça, muito triste. - Que disseste? - perguntei.

- Na-na-na-nada - disse ele, e, desta feita, ouvi. Menelau ficara gago!

Os pretendentes acorreram a Arníclas. Menelau era o único que podia residir no interior do nosso palácio, graças à sua relação com a nossa família - e à influência do irmão. Os outros ficaram nas casas dos nobres da corte e no palácio destinado aos convidados. Uma centena de pretendentes. A descoberta mais animadora que fiz foi que nenhum deles era tão maçador ou insípido como o gago e ruivo Menelau.

Filoctetes e Idomeneu chegaram juntos; o corpulento e louro Filoctetes parecia a energia personificada, ao passo que o altivo Idomeneu se comportava com a arrogância consciente de quem nascera na Casa de Minos e que, depois de Catreu, seria o supremo rei de Creta.

Quando Diomedes entrou, concluí estar perante o melhor de todos os meus pretendentes. Um verdadeiro rei e guerreiro. Tinha o mesmo ar de experiência mundana que encontrara em Teseu, ainda que fosse moreno, ao passo que Teseu era louro; de fato, Diomedes era tão escuro como Agamêmnon. Que belo que ele era! Alto e ágil, uma pantera negra. Os olhos dele cintilavam de um humor impudente, a boca

parecia estar sempre rindo. E eu soube, nesse exato instante, que seria ele o meu eleito. Quando falou comigo, o seu olhar arrebatou-me; a faca do desejo cravou-se bem funda dentro de mim, o meu sexo ansiava por aquele homem. Sim, eu escolheria o rei de Argos - para mais, como dissera o meu pai, Argos ficava tão perto...

Logo que chegou o último dos pretendentes, o meu pai ofereceu um monumental banquete. Sentei-me no estrado como se fosse já uma rainha, fazendo de conta que não reparava nos cem pares de ardentes olhos que constantemente me espreitavam. Quanto aos meus olhos, sempre que a ousadia me permitia, procuravam Diomedes. O qual, inopinadamente, deixou de olhar para mim, para atentar num homem que avançava por entre os bancos, um homem cuja chegada foi saudada por vivas de alguns e carrancas de outros. Diomedes levantou-se de um salto, o desconhecido virou-se e abraçaram-se calorosamente. Após um rápido diálogo, o desconhecido seguiu na direção do estrado a fim de saudar o meu pai e Agamêmnon, os quais se encontravam já de pé. Agamêmnon levantara-se?

O rei supremo de Micenas não se levantava nunca perante homem nenhum!

Era diferente, o recém-chegado. Era um homem alto, mas seria consideravelmente mais alto se as suas pernas fossem proporcionais ao resto do corpo. Mas não eram. Eram anormalmente curtas e algo arqueadas; a sua constituição musculosa era demasiado imponente para estar empoleirada em cima de suportes tão atrofiados. O rosto era inegavelmente belo: os traços eram muito corretos e os olhos cinzentos eram grandes, luminosos, eloqüentes. O cabelo era ruivo, o ruivo mais brilhante e mais agressivo que jamais vira; as cabeleiras de Clítemenestra e Menelau não eram nada ao pé daquele fogo que lhe adornava a cabeça.

Quando os seus olhos me fitaram, senti muito claramente todo o seu poder. Até estremeci. Quem era aquele homem?

O meu pai acenou impaciente para um criado, que correu a colocar uma cadeira régia entre ele e Agamêmnon. Quem poderia ser aquele homem, para ser objeto de tantas honrarias? E para ficar tão pouco impressionado com essas honrarias?

- Apresento-te Helena - disse o meu pai.

- Não admira que quase toda a Grécia esteja aqui, Tíndaro - disse ele jovialmente, após o que pegou numa perna de galinha, cravando imediatamente na carne os seus dentes brancos. - Não há dúvida, os boatos eram verdadeiros - ela é de fato a mais bela mulher do mundo. Vai ter problemas com esta multidão de homens enfeitados, pois só poderá agradar a um e terá de desiludir todos os outros.

Agamêmnon e o meu pai riram-se do comentário.

- Ulisses: estava à espera de que resumisse brilhantemente o problema logo que chegasse - disse o rei supremo.

Senti-me uma parva, agora que a minha surpresa e admiração se tinham esfumado. Claro: só poderia ser Ulisses. Que outro homem se atreveria a falar com Agamêmnon como se este fosse um igual? Que outro homem poderia ter direito a uma cadeira especial no estrado régio?

Muita coisa ouvira acerca de Ulisses. O seu nome vinha à baila sempre que se falava de leis, de decisões, de novos tributos, de guerra. O meu pai, em tempos, chegara mesmo a deslocar-se a Ítaca - uma viagem particularmente fatigante - só para consultá-lo. Era considerado o homem mais inteligente do mundo, mais inteligente ainda do que Nestor e Palamedes. E não era só inteligente; também era sábio. Não admira que, na minha imaginação, Ulisses fosse um venerável ancião de barbas brancas, todo curvado sob o peso de um século de existência, tão velho como o rei Nestor de Pilos. Quando Agamêmnon tinha assuntos importantes a discutir mandava chamar Palamedes, Nestor e Ulisses, mas, normalmente, era Ulisses quem tinha a última palavra.

Dizia-se tanta coisa sobre a Raposa de Ítaca, como lhe chamavam os homens. Dizia-se que o seu reino era formado por quatro pequenas ilhas rochosas e estéreis ao largo da costa ocidental, um pobre e desprezível domínio se comparado com a maior parte dos outros reinos. O palácio dele era modesto; o próprio Ulisses era agricultor, já que os seus nobres não podiam pagar-lhe os tributos adequados à posição de um rei; no entanto, o seu nome tornara famosas as quatro pequenas ilhas - Ítaca, Leucádia, Zaquinto e Cefalónia.

Por essa altura, Ulisses não teria muito mais do que vinte e cinco anos - e, quem sabe, talvez fosse até mais novo, pois a sabedoria sempre envelhece o rosto de um homem. Continuaram a conversar, esquecidos talvez de que eu estava à esquerda do meu pai e poderia ouvir tudo o que eles diziam, fingindo que não estava escutando. Como do outro lado tinha Menelau, não havia conversas susceptíveis de me distraírem.

- Tencionas pedir a mão de Helena, meu astuto amigo? Ulisses pôs um ar malicioso.

- Você me conhece, Tíndaro.

- Claro que conheço, mas... porquê? Não estava à espera que tentasse conquistar uma beldade estonteante, mas a verdade é que Helena tem um belíssimo dote.

Ulisses fitou o meu pai com uma expressão algo decepcionada.

- A minha curiosidade, Tíndaro - não se esqueça de que sou muito curioso! Acha que eu perderia um espetáculo destes?

Agamêmnon sorriu, mas o meu pai riu bem alto.

- Espetáculo é mesmo a palavra certa! Mas que hei de fazer, Ulisses? Olha só para eles! Cento e um reis e príncipes rosnando todos uns para os outros e perguntando-se quem será o felizardo - e decididos a contestar a escolha, por muito lógica ou política que esta seja.

Agamêmnon resolveu finalmente falar.

- Isto transformou-se numa espécie de concurso. Quem será o preferido do supremo rei de Micenas e do seu sogro Tíndaro da Lacedemônia? Eles sabem que Tíndaro seguirá os meus conselhos! Creio que esta situação só poderá produzir uma coisa - uma inimizade duradoura.

- Sem dúvida. Reparem em Filoctetes: o modo como ele ergue o seu arrogante pescoço, o desprezo com que olha para os outros. Isto para não falar de Diomedes e Idomeneu. Ou de Menesteu. Ou de Euripilo. E assim por diante.

- Que havemos de fazer? - perguntou o rei supremo.

- Esse é um pedido formal de conselho, Agamêmnon?

- Muito formal, Ulisses.

Furiosa, dei-me conta de quão insignificante era o meu papel em todo aquele teatro. De súbito, apetecia-me chorar. Quem escolhia? Eu? Nem pensar! Eles - Agamêmnon e o meu pai - escolheriam por mim. Ainda que, apercebia-me disso agora, fosse nas mãos de Ulisses que estava o meu destino. E Ulisses, gostaria de mim? Nesse exato momento, Ulisses piscou-me o olho. Senti-me desolada. Não, ele não gostava de mim. Não havia sombra de desejo naqueles belos olhos cinzentos. Ulisses não viera disputar a minha mão; viera porque sabia que precisavam dos seus conselhos. Viera unicamente para consolidar ainda mais o seu prestígio.

- Como sempre, terei muito gosto em ajudá-los - disse ele num tom insinuante, fitando agora o meu pai. - No entanto, Tíndaro, antes de abordarmos o problema do casamento de Helena, um casamento que deverá ser politicamente adequado, tenho um pequeno favor a pedir.

Agamêmnon pareceu ofendido; perplexa, perguntei-me que subtil negócio iria sair dali.

- Quer Helena para ti? - perguntou o meu pai. Que maneira mais grosseira de pôr as coisas!, disse para mim mesma.

Ulisses desatou numa tal risada que, por um momento, todo o salão se calou.

- Não, não! Não me atrevera a disputar a mão de Helena, pois a minha fortuna é desprezível e o meu reino vive numa eterna penúria! Pobre Helena! Imagina só: uma mulher tão bela confinada a uma rocha, no meio do mar Jónio! Não, eu não quero desposar Helena. É outra que eu quero.

- Ah! - disse Agamêmnon, mais tranquilo. - Quem é a felizarda? Ulisses preferiu dar a resposta ao meu pai.

- A filha do teu irmão Icário, Tíndaro. Penélope.

- Não será difícil - disse o meu pai, surpreendido.

- Icário detesta-me e é natural que haja pretendentes muito melhores que eu.

- Eu tratarei disso - disse o meu pai.

- Está descansado que Penélope será tua - disse Agamêmnon. Fiquei estupefata! Era possível que eles entendessem o que Ulisses via em Penélope, mas eu não entendia. Conhecia-a bem; era minha prima direita. Para além de ser uma herdeira rica, não era feia; no entanto, era cá uma maçadora! Certa vez, surpreendera-me com um nobre da minha casa, a quem eu deixara que me beijasse os seios - claro que não o deixaria fazer mais do que isso! -, e pregara-me uma tal homilia! Que os desejos da carne eram baixos e degradantes, disse-me ela com aquela voz que ela tem, fria, comedida, sem sombra de emoção. E que deveria interessar-me pelas artes verdadeiramente femininas, como a tecelagem. Fiquei pasmada a olhar para Penélope, como se ela estivesse louca. A tecelagem! Ulisses começou a falar; abandonei os meus pensamentos sobre a prima Penélope e pus-me à escuta.

- Julgo saber a quem tenciona conceder a mão da tua filha, Tíndaro, e compreendo as tuas razões. Contudo, o fato de escolher este ou aquele pretendente é irrelevante. O que é relevante é que salvguarde os teus próprios interesses, bem como os de Agamêmnon - e o teu relacionamento com os cem infelizes,

depois de ter anunciado a tua escolha. Creio que conseguiremos salvaguardar tudo isso - mas é preciso que façam exatamente aquilo que vou lhes dizer.

Agamêmnon respondeu:

- Faremos.

- Nesse caso, o primeiro passo a dar consistirá em devolver todas as prendas que os pretendentes ofereceram e em agradecer as suas generosas intenções do modo mais elegante possível. É essencial que nenhum destes homens te considere um ganancioso, Tíndaro.

O meu pai olhava-o com um ar pesaroso.

- É mesmo necessário?

- Não é necessário, Tíndaro: é imperioso.

- As prendas serão devolvidas - disse Agamêmnon.

- Ótimo. - Ulisses inclinou-se um pouco para frente, os dois reis fizeram o mesmo. - Anunciará a tua escolha de noite, na Sala do Trono. É preciso que o palácio esteja mal iluminado - esperemos que a Lua colabore - e que haja na atmosfera uma forte presença sagrada. Ordena a todos os sacerdotes que venham. Manda queimar grandes quantidades de incenso. O meu objetivo é oprimir os espíritos dos pretendentes e isso só pode ser alcançado através de cerimônias rituais. Não pode correr o risco de provocar reações intempestivas da parte de guerreiros consideravelmente inflamados.

- Como quiser - disse o meu pai com um suspiro; Tíndaro detestava minúcias.

- Isto, Tíndaro, é só o princípio. No teu discurso, informarás os pretendentes de que idolatras a valiosa jóia que é a tua filha e que passaste horas sem fim rezando aos deuses para que te guiassem na difícil escolha. A tua escolha - lhes dirá então - foi aprovada no Olimpo. Os augúrios são auspiciosos e os oráculos claros. Porém, o onipotente Zeus impôs uma condição, a saber: antes que qualquer homem - exceto tu mesmo - saiba o nome do feliz vencedor, todos os homens terão de pronunciar um juramento a fim de apoiarem a tua escolha. Mas há mais. Todos os homens deverão também jurar que darão ao marido de Helena todo o apoio e cooperação de que este precisar. E que, se for preciso, todos eles irão para a guerra, a fim de defenderem os direitos e prerrogativas do marido de Helena.

Agamêmnon ficou calado, o olhar perdido no espaço, mordendo os seus lábios e ardendo visivelmente de um qualquer fogo interior. O meu pai parecia simplesmente espantado. Ulisses recostou-se na cadeira, debicando mais uma perna de galinha, obviamente satisfeito consigo mesmo. De súbito, Agamêmnon virou-se para ele e agarrou-o pelos ombros, as juntas dos dedos pálidas devido à violenta pressão das mãos, o rosto pressagiando ameaças. Ulisses, porém, sem qualquer receio, olhou para ele tranquilamente.

- Pela Mãe Kubaba, Ulisses, tu és um gênio! - O rei supremo virou-se depois para o meu pai. - Tíndaro, sabe o que significa isto? Quem casar com Helena, disporá de alianças permanentes e irrevogáveis com quase todas as nações da Grécia! O futuro desse homem estará garantido! A sua posição será reforçada um milhar de vezes!

O meu pai, embora profundamente aliviado, franziu o sobrolho.

- Mas que juramento lhes hei de eu impor? - perguntou. - Que juramento será capaz de os obrigar a algo que abominam?

- Só há um juramento capaz disso - disse Agamêmnon lentamente. - O Juramento do Cavalo Esquartejado. Por Zeus, o Senhor dos Trovões, por Poseidon, o Senhor dos Terremotos, pelas filhas de Kore, pelo rio e pelos mortos.

As palavras caíam como gotas de sangue da cabeça de Medusa; o meu pai estremeceu, escondeu o rosto entre as mãos. Nada impressionado, Ulisses mudou abruptamente de assunto.

- Que acontecerá no Helesponto? - perguntou ele a Agamêmnon como se estivesse a ter a mais normal das conversas.

O supremo rei franziu o sobrolho.

- Não sei. Oh, mas afinal o que é que se passa com o rei Príamo de Tróia? Porquê a sua cegueira perante as vantagens que obteria se deixasse os mercadores gregos entrarem no mar Euxino?

- Creio - disse Ulisses, escolhendo um bolo de mel para sobremesa - que Príamo tem muito a ganhar ao excluir os mercadores gregos. Ele já está rico com os tributos do Helesponto. Além disso, firmou tratados com os outros reis da Ásia Menor e estou certo de que fica com uma parte dos exorbitantes preços que nós temos de pagar pelo estanho e pelo cobre da Ásia Menor. A exclusão dos Gregos do Euxino significa mais dinheiro para Tróia, não menos.

- Télamon fez-nos muito mal quando raptou Hesíona! - disse o meu pai, furioso.

Agamêmnon abanou a cabeça.

- Télamon fez o que estava certo. Tudo o que Héracles pediu foi que lhe pagassem o grande serviço que prestou a Tróia. Quando Laomedonte, aquele miserável sovina, se recusou a pagar-lhe, até mesmo um idiota saberia prever o desfecho.

- Héracles morreu há mais de vinte anos - disse Ulisses, deitando água no seu vinho. - Teseu também está morto. Só Télamon vive ainda. Télamon nunca aceitaria que o separassem de Hesíona, mesmo que Hesíona o desejasse. Essas histórias de rapto e violação já não convencem ninguém - prosseguiu Ulisses calmamente. Pelos vistos, nunca ouvira falar da história de Helena e Teseu. -

Além disso, pouco têm a ver com política. A Grécia está a crescer. A Ásia Menor sabe disso. Portanto, que melhor política poderiam seguir Tróia e as outras nações da Ásia Menor senão recusar à Grécia aquilo que a Grécia tem de ter - o estanho e o cobre com que se faz o bronze?

- Sem dúvida - disse Agamêmnon, afagando as tranças da barba. - Nesse caso... o que acontecerá se o embargo comercial de Tróia se mantiver?

- A guerra - retorquiu tranquilamente Ulisses. Mais tarde ou mais cedo, terá de haver uma guerra. Quando a situação se tornar insustentável - quando os nossos mercadores desatarem a exigir justiça em todas as Salas do Trono entre Cnossos e Iolcos - quando já não tivermos estanho suficiente para transformarmos o nosso cobre em bronze e para produzirmos espadas e escudos e pontas de flechas - então haverá guerra.

A conversa ficou ainda mais maçadora do que já estava; bom, também é verdade que eu deixara de ser o tema central. Além disso, já não podia mais com aquele Menelau ao meu lado. O vinho começava a perturbar a reunião: era cada vez menor a quantidade de rostos que se viravam para me adorar. Levantei-me e escapei por uma porta que havia por detrás da cadeira do meu pai. Meti então pela passagem que seguia paralela ao salão: infelizmente, trazia aquela barulhenta saia e cada passo meu produzia uma música insuportável. A escadaria que dava acesso à ala das mulheres ficava no final dessa passagem; subi as escadas correndo sem que ninguém desse por mim e me ordenasse que regressasse ao salão. Agora, teria apenas de passar pelos aposentos da minha mãe. De cabeça baixa, afastei a cortina.

De repente, senti os meus braços dominados por vigorosas mãos. O meu grito de alarme foi imediatamente sufocado por uma dessas mãos. Diomedes! Com o coração batendo desvairadamente, fitei-o. Até então, não tivera oportunidade de estar a sós com Diomedes, e a conversa que mantivera com ele resumira-se a umas quantas saudações formais.

A luz da lamparina cintilava na sua pele e dava-lhe um brilho de âmbar; na coluna da sua garganta, uma corda batia veloz; permiti que os meus olhos beijassem os seus olhos escuros transbordantes de desejo e senti a mão dele afastando-se da minha boca. Que belo que era aquele homem! E eu amava tanto a beleza! Mas a beleza que eu mais amava era sem dúvida a dos homens.

- Vem ter comigo ao quintal - segredou-me. Abanei energeticamente a cabeça.

- Deve estar louco! Largue-me que eu não contarei a ninguém que estava à entrada dos aposentos da minha mãe! Largue-me!

O branco dos seus dentes cintilou: ria silenciosamente.

- Não saio daqui enquanto não me prometer que vai ter comigo ao quintal. O banquete ainda está para durar - ninguém dará pela nossa falta. Eu te desejo, moça! As suas decisões, os seus subterfúgios, não me demoverão. Te quero para mim e vai ser minha!

Tinha ainda a cabeça tonta da excitação do banquete; levei a mão à cabeça e esta, como se tivesse ganho vida própria, acenou que sim! Diomedes largou-me imediatamente e eu corri para os meus aposentos. Neste estava à minha espera para me despir.

- Vai para a cama, velha! Eu dispo-me sozinha! Habituada como estava ao meu mau gênio, Neste recolheu de bom grado ao seu quarto, deixando-me a desapertar os inúmeros laços com os mais trêmulos dos dedos, a tirar o corpete e a blusa, a libertar-me da saia. Arranquei sinos, braceletes e anéis e, por fim, peguei o meu roupão de banho e vesti-o. Depois, corri pelo corredor, desci depressa as escadas das traseiras e respirei fundo o ar fresco da noite. O quintal, dissera ele: com um sorriso, enxerguei na escuridão as couves e os outros legumes. Ninguém se lembraria de nos procurar no meio dos legumes!

Diomedes estava nu sob um loureiro. Despi o roupão, longe dele o suficiente para que pudesse apreciar-me sob a chuva do luar. Um momento depois, ele estava ao meu lado, colocando o roupão no chão para que servisse de leito; por fim, abraçou-me e deitou-me sobre a Mãe Terra, aquela Mãe que, conforme as leis dos deuses, fortalece as mulheres e enfraquece os homens.

- Só dedos e línguas, Diomedes - murmurei. - Quero ir para o casamento com o hímen intacto.

Diomedes sufocou o seu riso entre os meus seios.

- Foi Teseu quem te ensinou a preservar a virgindade? - perguntou-me.

- Eu não preciso que me ensinem isso - retorqui, afagando os braços e os ombros dele, suspirando.
- Não sou muito velha, mas sei que a minha cabeça é o preço que terei de pagar, se perder a virgindade com outro homem que não o meu marido.

Creio que, quando nos separamos, Diomedes partiu satisfeito, ainda que as suas expectativas não tivessem sido totalmente cumpridas. Porque nutria por mim verdadeiro amor, respeitara as minhas condições - tal e qual como Teseu. Não que eu tivesse ficado muito preocupada com a satisfação ou a insatisfação de Diomedes. O que contava realmente é que eu tinha ficado satisfeita.

Satisfação bem visível na noite seguinte, quando me sentei ao lado do trono do meu pai, caso tivesse havido olhos para a ver. Diomedes estava com Filoctetes e Ulisses no meio da multidão - demasiado longe de mim para que eu pudesse perceber o que o seu rosto dizia. Para mais, a Sala do Trono, embelezada por frescos representando guerreiros dançando e por colunas escarlates, havia mergulhado numa imensa escuridão. Os sacerdotes surgiram então, trazendo consigo uma densa e enjoativa fumarada de incenso; silenciado todo o eventual alvoroço, a Sala do Trono ganhou a atmosfera solene, opressiva, de um verdadeiro templo.

Ouvi o meu pai dizer as palavras que Ulisses preparara; a opressão apoderou-se da sala como se fosse uma coisa viva. Trouxeram então o cavalo sacrificial, um belíssimo garanhão de uma alvura absoluta e com uns olhos cor-de-rosa, os cascos escorregando nas velhas lajes, a cabeça serpeando no cabresto dourado. Agamêmnon pegou no enorme machado de cabeça dupla e brandiu-o com mãos experientes. O cavalo caiu por terra, mas muito lentamente, a crina e a cauda flutuando como algas ao sabor da corrente, enquanto o sangue jorrava abundante.

Enquanto o meu pai informava a audiência do juramento exigido, segui com horror os movimentos dos sacerdotes, que dividiam em quatro partes o cadáver do belíssimo animal. Não esquecerei nunca essa cena: os pretendentes avançando um a um, equilibrando os seus dois pés sobre quatro peças de carne quente, pronunciando o terrível juramento de lealdade e obediência ao meu futuro marido. As vozes soavam débeis e apagadas, pois o poder e a masculinidade não resistiam ao pavor que a cerimônia infundia nas mentes daqueles homens. Rostos pálidos e suados surgiam para logo se esfumarem, ao sabor da luz dos archotes; um vento vindo não sei de onde soprava incessante, gritando como uma sombra perdida.

A cerimônia chegou ao fim. A carcaça fumegante do cavalo jazia ignorada, os pretendentes erguiam os seus olhos, como que drogados, para o rei Tíndaro da Lacedemônia.

- Dei a mão da minha filha a Menelau - anunciou o meu pai. Ouvi um enorme suspiro, nada mais. Ninguém gritou um rápido protesto. Nem sequer Diomedes se ergueu furioso da sua cadeira. Os meus olhos encontraram-se com os dele quando os criados começaram a acender as lamparinas; os nossos olhos despediram-se, com meia centena de cabeças de permeio, sabendo que tínhamos sido derrotados. Creio que as lágrimas me corriam pelas faces enquanto o fitava, mas ninguém reparou nas minhas lágrimas. Por fim, a minha mão flácida deixou que a mão úmida de Menelau pegasse nela.

Capítulo Quinto

Narrado por Páris

Regressei a Tróia a pé e sozinho, o arco e a aljava dependurados do ombro. Sete luas passaram nas florestas e clareiras do monte Ida e não trazia comigo um único troféu para lhes mostrar. Adorava caçar, mas não suportava ver um animal cair por terra trespassado por uma seta; preferia vê-lo vivo e livre como eu. No que tocava a caçadas, os meus melhores momentos envolviam presas mais apetecíveis do que o veado ou o javali. Para mim, a mais interessante das caças era a que eu fazia aos habitantes humanos das florestas do Ida, as moças e pastoras selvagens. Quando uma moça caía, derrotada, só uma seta a trespassava, a de Eros; não havia rios de sangue, nem os gemidos que anunciavam a morte, mas apenas suspiros de doce contentamento, enquanto eu a estreitava nos meus braços, ofegante ainda do êxtase da perseguição e pronto a perder de novo o fôlego por obra e graça de uma outra espécie de êxtase.

Passava sempre a Primavera e o Verão no monte Ida; a vida na corte deixava-me louco de aborrecimento. Ah, o que eu odiava aquelas vigas de cedro, oleadas e polidas até se tornarem de um castanho cintilante, aquelas salas de paredes pintadas, aquelas torres sustentadas por colunas! Estar encerrado dentro de enormes muralhas era sufocar, era estar preso. Tudo o que eu queria era correr léguas e léguas de erva e árvores, deitar-me exausto sobre um leito perfumado pelas folhas que as árvores

à terra ofereciam. Porém, todos os Outonos, tinha de regressar a Tróia e de passar o Inverno com o meu pai. Esse era o meu dever, ainda que simbólico. No fim de contas, eu era apenas o seu quarto filho de uma vasta prole. Ninguém me levava a sério - antes assim!

Num dia frio e ventoso, entrei na Sala do Trono no final de uma assembléia, envergando ainda as minhas roupas de montanha, ignorando os sorrisos de desdém, os lábios franzidos de reprovação. O crepúsculo se esbatia já, para dar lugar à melancolia da noite; fora longa a reunião.

O meu pai, o rei, estava sentado na sua cadeira de ouro e marfim, sobre um estrado de mármore púrpura, ao fundo da sala, o seu longo cabelo branco requintadamente encaracolado, a sua imponente barba branca entrançada com finos fios de ouro e prata. Invulgarmente orgulhoso da sua prolecta idade, era assim que ele mais gostava de estar: sentado, como um deus antigo, sobre um elevado pedestal, contemplando tudo aquilo que possuía.

Se a sala fosse menos imponente, o espetáculo que o meu pai oferecia talvez não fosse tão impressionante; contudo, segundo diziam, aquela sala era ainda maior e mais grandiosa do que a velha Sala do Trono do palácio cretense de Cnossos. Espaçosa o suficiente para albergar trezentas pessoas sem que parecesse apinhada de gente, o seu teto altíssimo, para lá das vigas de cedro, fora pintado de azul e salpicado de constelações douradas. Possuía colunas maciças que afunilavam nas bases azul-escuras ou púrpura, simples capitéis redondos e plintos dourados. As paredes eram de mármore púrpura sem quaisquer relevos até à altura da cabeça de um homem; mais acima, exibiam frescos com cenas de leões, leopardos, ursos, lobos e caçadores - figuras a preto e branco, amarelas, carmins, castanhas e cor-de-rosa contra um fundo azul-pálido. Por detrás do trono, via-se um retângulo de ébano egípcio, incrustado com padrões de ouro, e os degraus que conduziam ao estrado régio eram debruados a ouro.

Entreguei o arco e a aljava a um criado e avancei por entre os cortesãos até chegar ao estrado. Ao ver-me, o rei inclinou-se para tocar suavemente na minha cabeça baixa com a esmeralda do seu cetro de marfim, o sinal de que deveria erguer-me e aproximar-me dele. Beijei-lhe a face engelhada.

- Estou tão contente por te ver, meu filho! - disse ele.

- Quem me dera poder dizer-te que estou contente por voltar - retorqui.

O meu pai afastou-me para que eu me sentasse aos seus pés. Com um suspiro, observou:

- Ainda não perdi a esperança de te ver todo o ano em Tróia, Páris. Poderia fazer muito por ti, se tu não te ausentasses tanto.

Afaguei-lhe a barba porque ele gostava disso.

- Eu não quero levar uma vida de príncipe, meu pai.

- Mas tu és um príncipe! - Suspirou uma vez mais, mexeu-se nervoso no seu trono. - Embora seja ainda muito novo, eu sei. Temos tempo.

- Não, pai, tempo é coisa que não temos. Tu pensas que eu ainda sou um rapaz, mas a verdade é que eu sou um homem há já muito tempo. Tenho trinta e três anos.

Príamo não ouviu nada do que eu disse, imaginei eu, pois o vi erguer a cabeça e acenar com o seu bastão para alguém que estava ao fundo da sala: Heitor.

- Páris insiste que tem trinta e três anos, meu filho! - disse ele quando Heitor parou junto aos três degraus. Apesar dos degraus, Heitor era alto o bastante para que o seu rosto ficasse ao mesmo nível do nosso pai. Os olhos escuros de Heitor examinaram-me atentamente.

- Suponho que deve ter essa idade, Páris. Eu nasci dez anos depois de ti e tenho vinte e três anos e seis luas. - Pôs um sorriso imenso e acrescentou: - Mas a verdade é que pareces muito mais novo!

Desatei a rir.

- Obrigado, irmãozinho! Tu é que pareces ter a minha idade. E tudo porque és tu o herdeiro. Ser o herdeiro de um trono envelhece um homem - fica-se acorrentado ao estado, ao exército, à coroa. Eu prefiro a eterna juventude da irresponsabilidade!

- Aquilo que está bem para um homem, não está necessariamente bem para outro homem - foi a sua tranqüila resposta. - O meu apetite por mulheres é muito menos acentuado do que o teu: por isso, que importância tem que eu pareça velho antes de realmente o ser? Enquanto tu desfrutas das tuas incursões ao harém, eu sinto um prazer genuíno em comandar o exército sempre que há manobras. Por outro lado, o meu rosto poderá ficar prematuramente engelhado, mas o meu corpo permanecerá forte e capaz, ao passo que o teu se vergará sob o peso de uma enorme pança!

Desisti. Heitor tinha uma facilidade sobrenatural para descobrir os nossos pontos fracos! Mal via um homem, localizava o seu ponto fraco e atirava-se a ele como um leão. E não tinha medo nenhum de usar as suas garras. O fato de ser o herdeiro transformara-o rapidamente num homem maduro. A exuberante, e irritante, juventude do ano anterior pusera como que por magia: Heitor moldara os seus inegáveis talentos

à tirania do trabalho útil. Fosse como fosse, a verdade é que Heitor era corpulento o suficiente para agüentar essa tirania. Eu não era uma fraca figura, mas Heitor era muito mais alto do que eu e, quanto a largura, tinha o dobro da minha. Vestia-se de uma forma muito simples - e, portanto, com uma dignidade indesmentível; bastava-lhe um saiote e uma camisa de cabedal, a longa cabeleira negra entrançada, apanhada atrás num belo rabo-de-cavalo. Todos nós, os filhos de Príamo e Hécuba, éramos famosos pela nossa beleza, mas Heitor tinha algo mais: uma autoridade natural.

Quase sem dar por isso, vi-me de pé e afastado da companhia de meu pai; o velho Antenor indicara, com um ar mal-humorado, que pretendia falar com o rei antes que a assembléia terminasse. Heitor e eu escapulimo-nos do estrado real sem que ninguém desse pela nossa falta.

- Tenho uma surpresa para ti - disse o meu irmão mais novo com um prazer tranqüilo, enquanto atravessávamos as passagens aparentemente infundáveis que ligavam as alas e os palácios menos importantes da cidadela.

O palácio do herdeiro ficava ao lado do palácio real, daí que a caminhada não fosse demasiado longa. Quando entrei na ampla sala de entrada do palácio de Heitor, parei de repente e pus-me a olhar à minha volta, absolutamente estupefato.

- Heitor! Onde é que ela está? Aquele que fora um armazém atravancado de lanças, escudos, armaduras e espadas, era agora uma sala. E também não tresandava a cavalos, ainda que Heitor adorasse cavalos. Não me lembrava da decoração das paredes do velho armazém, mas as paredes daquela sala brilhavam de árvores em tons jade e azul, de flores púrpuras, de cavalos a preto e branco, cabriolando. O chão estava tão limpo que o seu mármore preto e branco cintilava. Trípodas e ornamentos haviam sido polidos, e cortinas púrpura, magnificamente bordadas, pendiam de argolas douradas em todas as portas e janelas.

- Onde é que ela está? - repeti. Heitor corou.

- Não demora - resmungou. Ela entrou nesse mesmo instante. Examinei-a de alto a baixo e tive de concordar que o meu irmão tinha bom gosto; a sua esposa era extremamente bonita. Tão morena como ele, alta e robusta. E tão desajeitada como ele no que tocava aos contactos sociais; olhou uma só vez para mim e logo desviou os olhos.

- Apresento-te a minha esposa, Andrómaca - disse Heitor. Beijei-a na face.

- Aprovo inteiramente, irmãozinho! Mas Andrómaca não é destas bandas, pois não?

- Não. É filha do rei Eecião da Cilícia. Estive lá na Primavera, em representação do nosso pai, e trouxe-a comigo. Não foi planejado, mas... - e respirou fundo - aconteceu...

Andrómaca falou por fim, com óbvio embaraço.

- Quem é, Heitor? Exasperado, Heitor bateu com tanta força na sua coxa que quase me assustou.

- Mas quando é que eu aprenderei estas coisas? É Páris, o meu irmão. Algo de que não gostei assomou por um momento aos olhos dela. Ah! Aquela jovem tinha uma força imensa: bastava que o embaraço e a estranheza se dissipassem.

- A minha Andrómaca é muito corajosa - disse Heitor, inchado de orgulho, um braço à volta da cintura dela. - Deixou o seu lar e família para vir comigo para Tróia.

- Deveras? - disse eu polidamente, e por aí me fiquei.

Depressa me resignei à monotonia da vida dentro da cidadela. Enquanto o granizo batia nas persianas de concha de tartaruga ou a chuva caía em cascatas do topo das muralhas ou a neve atapetava os pátios, eu farejava e rondava os aposentos das mulheres, ansioso por encontrar uma fêmea nova e interessante - alguém que acendesse em mim pelo menos uma fagulha do desejo que as pastoras do monte ida tão facilmente incendiavam. Um trabalho que, sobre ser esgotante, não me incitava, bem pelo contrário, a dar o meu máximo. Um trabalho que nunca conduzia aos arrebatados e violentos exercícios que as mulheres do monte Ida me proporcionavam. Heitor tinha razão. Se correrias furtivas por corredores proibidos eram o meu desporto favorito, depressa ficaria com uma pança enorme.

Quatro luas após o meu regresso, Heleno entrou nos meus aposentos e instalou-se confortavelmente num banco almofadado junto a uma janela. Estava um dia radioso - bastante quente, o que, nos Invernos troianos, era uma raridade - e a vista que se desfrutava dos meus aposentos era belíssima: os nossos olhos podiam abarcar toda a cidade e ainda o porto de Sigeu e a ilha de Ténedo.

- Quem me dera ter a influência que tu tens junto do nosso pai, Páris - disse-me Heleno.

- Bom, Heleno, acontece que tu és ainda muito novo, apesar de seres um filho imperial. A sabedoria é algo que só vem com a idade.

Heleno, que não fazia ainda a barba, era um jovem muito belo, com cabelos e olhos muito escuros, tal como todos os filhos imperiais de Hécuba. Era gêmeo de Cassandra e contavam-se coisas muito

estranhas acerca dos dois. Tinham dezessete anos apenas; a juventude de Heleno impedira que se tivesse desenvolvido entre nós uma verdadeira intimidade. Além disso, Heleno e Cassandra possuíam a Segunda Visão. Sobre eles pairava uma aura que deixava os outros (mesmo os seus irmãos e irmãs) manifestamente constrangidos. Essa estranha aura era menos evidente em Heleno do que em Cassandra. Pois ainda bem para Heleno: Cassandra era louca.

Eram ainda bebês quando foram consagrados ao serviço de Apolo. Esta decisão arbitrária conformara os seus destinos; se havia no seu íntimo alguma revolta contra tal decisão, a verdade é que nunca a exprimiram. De acordo com as leis promulgadas pelo rei Dárdano, um filho e uma filha do rei e da sua rainha, de preferência gêmeos, tinham de presidir aos Oráculos de Tróia. Não admirava, pois, que Heleno e Cassandra tivessem sido escolhidos. Por ora, gozavam ainda de alguma liberdade; porém, logo que fizessem vinte anos, seriam formalmente entregues aos cuidados do trio que governava o culto de Apolo em Tróia: Calcas, Laoconte e a mulher de Antenor, Teano.

Heleno vestia a longa e flutuante túnica dos religiosos. Aliando uma beleza extrema a uma expressão sonhadora, a sua figura, enquanto observava a cidade da minha janela, era impressionante o suficiente para me prender a atenção. Gostava mais de mim do que de todos os outros irmãos - fossem eles filhos de Hécuba, de qualquer outra esposa ou de uma concubina - porque eu não sentia a menor inclinação para a guerra ou para matar. Embora a sua natureza ascética fosse obviamente avessa às minhas aventuras com mulheres, Heleno gostava de conversar comigo, pois as minhas palavras eram mais pacíficas do que marciais.

- Trago-te uma mensagem - disse-me ele, sem se virar. Suspirei.
- O que é que eu fiz de mal?
- Nada que mereça censura. Disseram-me apenas que tens de participar numa assembléia a realizar depois da ceia.

- Não posso. Tenho um compromisso para depois da ceia.
- Terá de desistir desse compromisso. A mensagem que te trago é do nosso pai.
- Mas que seca! Porquê eu, Heleno?
- Não faço a mínima idéia. Pelo visto, é um grupo muito pequeno. Alguns dos filhos imperiais, Antenor e Calcas.

- Um estranho grupo... Qual será o assunto?
- Vai, e logo saberás.
- Ai vou, vou! Também foste convidado? Heleno não me respondeu. De súbito, os seus belos traços arrepanharam-se e os olhos pareciam não ver nada à sua volta, ainda que vissem algo de indefinível: o olhar que associamos ao místico. Não era a primeira vez que assistia a um transe visionário, mas nada fiz para o interromper; pelo contrário, observei com um extremo fascínio as alterações por que Heleno passava. Subitamente, porém, com um acentuado estremecimento de todo o corpo, o meu irmão regressou ao seu estado normal.

- Que viste? - perguntei.
- Eu não consegui ver... - disse ele lentamente, limpando o suor da testa. Um padrão. Dei-me conta de um padrão... O início de uma mudança que conduzirá a um desfecho inevitável.

- Alguma coisa deve ter visto, Heleno!
- Chamas... Gregos envergando armaduras... Uma mulher que, de tão bela, só poderia ser Afrodite... Navios - centenas e centenas de navios... Tu, o nosso pai, Heitor...

- Eu? Mas eu não sou importante!
- Acredita no que te digo, Páris: tu és importante - disse ele com uma voz cansada. Então, sem mais nem menos, levantou-se. - Preciso falar com Cassandra. É muito freqüente vermos as mesmas coisas, mesmo quando não estamos juntos.

Porém, também eu sentia vagamente aquela presença obscura, rodeando-nos como uma teia, e abanei a cabeça.

- Não, não vá ter com ela. Cassandra destruirá a tua visão.

Heleno tinha razão: o grupo era, de fato, muito pequeno. Fui o último a chegar; sentei-me na ponta do banco onde já estavam sentados os meus irmãos Tróilo e Ílio - porquê eles? Tróilo tinha oito anos, Ílio apenas sete. Eram os dois últimos filhos de minha mãe e os seus nomes evocavam o espectro que tirara o trono ao rei Dárdano. Heitor também estava lá. Tal como o nosso irmão mais velho, Deífobo. Deífobo deveria ter sido nomeado herdeiro, mas todos aqueles que o conheciam - incluindo o nosso pai - sabiam que, ao fim de um ano de reinado, Tróia sucumbiria ao seu poder. Ganancioso, estouvado, violento,

egoísta, imoderado - era com estes adjetivos que Deífobo era descrito. Sentia por nós um ódio terrível! Sobretudo por Heitor, que lhe usurpara o título a que tinha direito - pelo menos era isso o que ele pensava. A inclusão do tio Antenor era lógica. O chanceler tinha de estar presente em todas as reuniões. Mas porquê Calcas? Uma criatura inquietante...

O tio Antenor fitava-me com uma expressão feroz e não era por eu ter chegado tarde. Com efeito, dois Verões antes, no monte Ida, disparara uma seta a um alvo fixado numa árvore, mas um vento repentino desviara o seu curso. Acabei por encontrar a seta alojada nas costas do filho mais novo de Antenor e da concubina que ele mais amava; o pobre rapaz andava espiando uma pastora que se banhava numa fonte. O filho de Antenor estava morto e eu era culpado de homicídio involuntário. Não se tratava verdadeiramente de um crime; mesmo assim, eu teria de expiar a morte do jovem. E só havia uma maneira de a expiar: teria de encontrar um rei estrangeiro que estivesse disposto a presidir às cerimônias de purificação.

O tio Antenor não chegara ao ponto de clamar por vingança, mas a verdade é que não me perdoara. A ferocidade do seu olhar fez-me lembrar que ainda não fizera nada para encontrar o tal rei estrangeiro. Os reis eram os únicos sacerdotes aptos a conduzir os ritos de purificação exigidos por um caso de homicídio accidental.

O meu pai bateu no chão com a base do seu cetro de marfim, cuja cabeça redonda cintilava de verde, pois continha uma enorme e perfeita esmeralda. - Convoquei esta reunião, porque quero discutir algo que me atormenta há muitos anos - principiou o meu pai com a sua voz firme e forte. - Um acontecimento que voltou a dominar os meus pensamentos, porque me ocorreu, há poucos dias, que o meu filho Páris nasceu precisamente no dia em que tudo se passou. Um dia de morte e perda. O meu pai Laomedonte foi assassinado. Tal como os meus quatro irmãos. A minha irmã Hesíona foi raptada e violada. Só o nascimento de Páris impediu que aquele dia fosse o mais negro de toda a minha vida.

- Pai, por que razão nos convocaste a nós? - perguntou Heitor num tom afetuoso. Ultimamente, sempre que a mente do nosso pai começava a divagar, Heitor tomava a seu cargo a tarefa de a reconduzir ao caminho certo; com efeito, a mente de Príamo revelava uma tendência cada vez mais acentuada para se perder em estranhas deambulações.

- Ah... eu não lhes disse? Bom, convoquei-te a ti, Heitor, porque és o herdeiro. Convoquei Deífobo, porque é o mais velho dos filhos imperiais. Heleno, porque será ele o encarregado dos Oráculos de Tróia. Calcas, porque é ele quem preside aos Oráculos enquanto Heleno não fizer vinte anos. Tróio e Ílio, porque Calcas diz que há profecias a respeito deles. Antenor, porque ele estava presente nesse dia. E Páris, porque nasceu nesse dia.

- Qual é então o assunto desta reunião? - perguntou Heitor.

- Tenciono enviar uma embaixada formal a Télamon, rei de Salamina, logo que o estado do mar o permita - disse o nosso pai. Uma resposta que me parecia perfeitamente lógica, ainda que Heitor tivesse franzido muito o sobrolho, como que inquieto com a novidade. - Essa embaixada solicitará a Télamon o regresso da minha irmã a Tróia.

Fez-se silêncio. Antenor encaminhou-se para o espaço que havia entre o meu banco e o outro, após o que se virou para o meu pai. Coitado do meu tio, andava quase que curvado, devido a uma terrível doença dos ossos de que padecia há um tempo; todos achavam que os estragos causados pela doença eram a causa do seu notório mau gênio.

- Rei Príamo, isso não passa de uma aventura disparatada! - atirou ele, sem mais aquela. - Para quê gastar o ouro de Tróia numa coisa dessas? Sabe, tão bem como eu, que, ao longo dos seus trinta e três anos de exílio, Hesíona nunca nos fez saber que lamentava o seu destino. O filho dela, Teucro, será um bastardo; no entanto, ocupa uma posição extremamente importante na corte de Salamina e é amigo e mentor do herdeiro, Ájax. A resposta será «não», Príamo. Assim sendo, por que razão havemos de nos meter em trabalhos?

O rei levantou-se de um salto, furibundo.

- Está me acusando de estupidez, Antenor? Não sabia que Hesíona estava satisfeita por estar exilada! Não, Télamon é que a impede de nos pedir ajuda!

Antenor agitou o punho cerrado.

- Eu estava falando, rei Príamo! E quem está falando, não deve ser interrompido! Porque insiste em pensar que fomos nós os ultrajados? Foi Hércules quem foi ultrajado: eu sei que, no fundo, até concorda comigo. Gostaria também de lembrar que, se Hércules não tivesse morto o leão, Hesíona não estaria hoje viva.

O meu pai tremia da cabeça aos pés. Apesar de serem cunhados, não havia sombra de afeição entre Antenor e Príamo. O coração de Antenor permanecia fiel à Dardânia: o inimigo dentro das nossas muralhas.

- Se fôssemos jovens - disse o meu pai, cada palavra uma seta -, haveria uma maneira de pôr termo a esta guerra constante. Poderíamos pegar em escudos e espadas e resolver a questão. Mas tu não passa de um inválido e eu estou demasiado velho. Repito: vou enviar uma embaixada a Salamina logo que seja possível. Entendido?

Antenor fitava-o com o maior desdém.

- Tu és o rei, a decisão é tua. Quanto a duelos - é natural que te aches demasiado velho, mas garanto-te que a minha invalidez não me impediria de te deixar feito em pedaços! Nada me daria mais prazer!

Dito isto, retirou-se. O meu pai regressou ao trono, mordiscando furiosamente na barba. Levantei-me, surpreendido com o fato de ter levantado, mas ainda mais surpreendido com aquilo que nesse instante comecei a dizer.

- Pai, eu ofereço-me para conduzir a tua embaixada. De qualquer modo, teria sempre de me deslocar ao estrangeiro, a fim de buscar a purificação que a morte do filho de Antenor exige.

Heitor riu-se e até bateu as palmas.

- Páris, deixa-me saudar a tua iniciativa! Mas Deífobo não gostou.

- Porque não eu, pai? Eu é que deveria ser nomeado! Eu sou o mais velho! Heleno declarou-se favorável a Deífobo; não conseguia acreditar no que estava ouvindo, pois Heleno detestava o nosso irmão mais velho.

- Pai, por favor, manda Deífobo! Se for Páris o escolhido, Tróia chorará lágrimas de sangue!

Com ou sem lágrimas de sangue, a decisão do rei Príamo estava tomada. Confiou-me a embaixada a Salamina. Depois de todos terem partido, permaneci algum tempo com o meu pai.

- Estou tão contente, Páris! - disse ele, afagando-me o cabelo.

- O teu contentamento é prêmio suficiente para mim. - De súbito, desatei a rir. - Se não conseguir trazer a tia Hesíona, pode ser que consiga trazer uma princesa grega em vez dela ... !

O meu pai riu também; a minha piada apontava para algo que não lhe desagradava.

- Não faltam princesas na Grécia, meu filho. Olho por olho, dente por dente: admito que, se seguíssemos essa norma, os Gregos receberiam o mais correto dos castigos.

Beijei-lhe a mão. O ódio implacável que votava à Grécia e a tudo o que fosse grego era bem conhecido em Tróia; e eu fizera-o feliz. Que importava que a piada não fosse mais do que isso, uma simples piada sem quaisquer conseqüências, se o tinha feito rir?

Como parecia que o ameno Inverno ia terminar cedo, instalei-me em Sigeu durante vários dias, a fim de discutir a organização da frota com os comandantes e mercadores que participariam nela. Queria vinte navios grandes com tripulações completas e porões vazios; como era o Estado a pagar a conta, não iam faltar os voluntários. Embora sem perceber que demônio me levava a oferecer os meus serviços ao rei, o certo é que sentia uma excitação extraordinária perante a perspectiva de uma tal aventura. Em breve poderia ver longínquos lugares, lugares que muitos olhos troianos nunca veriam. Lugares gregos.

Terminada a reunião, decidi dar um passeio pelo porto, a fim de respirar aquele ar cortante e salgado e observar a azáfama dos homens na praia; os navios que, durante o Inverno, eram arrastados para um leito de seixos longe das águas, viam-se agora rodeados de uma pequena multidão que inspecionava os costados revestidos a pez e concluía se as embarcações estavam ou não em condições de navegar. Um enorme navio escarlate manobrava nas proximidades da praia; os olhos da sua proa tentavam fixar-me e a figura que rematava o capuz curvo da sua popa era, obviamente, a minha própria deusa: Afrodite. Que construtor de navios a teria visto em sonhos (e em que sonhos?) para a ter representado de uma forma tão maravilhosa?

Por fim, o capitão do navio encontrou espaço suficiente para instalar os seus pesados costados entre os seixos; logo desceram as escadas de corda. Nesse instante, reparei que o navio trazia uma bandeira real na proa, decorada com incrustações escarlates e debruada a ouro - aquele navio trazia um rei estrangeiro! Avancei lentamente, ajeitando o meu manto em elegantes dobras.

O régio indivíduo desceu cuidadosamente. Era um grego. Uma conclusão fácil, dado o modo como estava vestido e a superioridade inconsciente com que ele

- Como qualquer grego - olhava para o resto do mundo. Porém, à medida que o rei se foi aproximando, todo o meu espanto inicial se dissipou. Um homem de aspecto tão vulgar ... ! Não era especialmente alto, nem especialmente bem-parecido. E era ruivo. Sim, não havia dúvida: era grego. Pelo

visto, metade dos gregos eram ruivos. O saiote de cabedal fora tingido de púrpura e adornado a ouro, a franja que o debruava era de ouro, o amplo cinto era de ouro incrustado com pedras preciosas, a blusa púrpura abria-se para revelar um peito magro, e, à volta do pescoço, usava um imponente colar de ouro e jóias. Um homem muito rico.

Quando me viu, alterou o seu curso.

- Bem-vindo às praias de Tróia! - disse eu formalmente. - Sou Páris, filho do rei Príamo.

O homem pegou no braço que eu lhe estendera e envolveu-o com os seus dedos.

- Obrigado, príncipe. Eu sou Menelau, rei da Lacedemônia e irmão de Agamêmnon, rei supremo de Micenas.

Os meus olhos arregalaram-se de espanto.

- Gostaria de te oferecer o meu carro, rei Menelau - disse-lhe. - Poderemos seguir sem demora para a cidade.

O meu pai estava ocupado com as suas audiências diárias. Segredei ao arauto, o qual, imediatamente, abriu as portas de par em par.

- Rei Menelau, da Lacedemônia! - atropelou o homem.

Entramos juntos e deparou-se uma multidão reduzida à mais absoluta imobilidade. Heitor estava de pé, ao fundo, com a mão estendida e a boca aberta devido a uma palavra que não chegara a pronunciar, Antenor estava meio virado para nós, e o meu pai estava sentado no seu trono, direito que nem um fuso, a mão apertando com tanta força o bastão que este não parava de tremer. Se o meu companheiro concluiu nesse instante que os Gregos não eram bem-vindos, a verdade é que não houve nele nada que o denunciasse; depois de conhecê-lo melhor, decidi que, provavelmente, não tinha reparado na hostilidade. Mirou a sala e o mobiliário e, pelos vistos, não ficou particularmente impressionado: fiquei pensando como não seriam os palácios gregos, já que ele não abrira a boca de espanto.

O meu pai desceu do estrado e estendeu-lhe a mão.

- Sentimo-nos muito honrados com a tua visita, rei Menelau - disse ele. Apontando para um enorme divã juncado de almofadas, o meu pai pegou no braço do visitante. - Proponho-te que nos sentemos. Páris, vem ter conosco, mas primeiro diz a Heitor que venha também. E diz aos criados que nos tragam comida e vinho.

A corte estava muito quieta (só os olhos dos cortesãos andavam numa roda-viva), mas a conversa no divã era inaudível a dois passos de distância. Terminadas as necessárias formalidades, o meu pai perguntou a Menelau os motivos da sua visita.

- Trata-se de um caso de vital importância para o povo da Lacedemônia, rei Príamo - retorquiu Menelau. - Eu sei que aquilo que busco não se encontra nas terras troianas, mas Tróia pareceu-me o melhor local para dar início ao meu inquérito.

- Pergunta à vontade, rei Menelau. Menelau inclinou-se para frente e virou-se, a fim de poder olhar para o rosto inexpressivo do meu pai.

- Rei Príamo, o meu reino está sendo assolado pela peste. Os meus sacerdotes não conseguiram adivinhar a causa. Procurei então a pitonisa de Delfos, que me disse que eu deveria ir pessoalmente procurar os ossos dos filhos de Prometeu e levá-los para Amiclas - a minha capital. Têm de ser enterrados em Amiclas. Só então venceremos a peste.

Ah! Afinal, a missão dele nada tinha a ver com a tia Hesíona, ou a escassez de estanho e cobre, ou os embargos comerciais no Helesponto. A missão de Menelau era muito mais vulgar. Perfeitamente comum. A luta contra a peste exigia medidas extraordinárias; havia sempre um ou outro rei vagueando pelos mares e pelas praias, à procura de um qualquer objeto que os Oráculos exigiam que levasse para casa. Perguntava-me, por vezes, se o objetivo dos Oráculos não seria mandar para longe o rei até que a doença chegasse ao seu inevitável fim. Uma forma de proteger o rei do castigo; se o rei permanecesse em casa, seria muito provável que morresse da mesma peste ou que acabasse por ser ritualmente linchado.

Claro que o rei Menelau tinha de ser hospedado. Talvez no ano seguinte o Oráculo ordenasse ao rei Príamo que pedisse ajuda ao rei Menelau... Os elementos da realeza, fossem quais fossem as suas divergências ou as suas nacionalidades, mostravam-se solidários em determinadas situações. Por isso, enquanto o rei Menelau se instalava na nossa cidade, os batedores do meu pai trataram de localizar os ossos dos filhos de Prometeu. Concluíram que estavam na Dardânia. O rei Anquises da Dardânia protestou energicamente, mas nada podia fazer. Estivesse ou não de acordo, teria de ficar sem as relíquias.

Foi-me atribuída a tarefa de velar pelo bem-estar de Menelau até que ele pudesse seguir, com toda a pompa que o seu cargo exigia, para a cidade de Lirnesso, onde reclamaria os ossos. O que me levou a

fazer-lhe uma oferta que, em tais circunstâncias, era perfeitamente comum: a escolha de uma mulher de que ele gostasse, desde que a mulher em questão não tivesse sangue real.

Menelau desatou a rir-se, abanando enfaticamente a cabeça.

- Eu não preciso de outras mulheres, Páris! Basta-me a minha Helena! retorquiu.

Fiquei curioso, muito curioso.

- Deveras? - disse. Os olhos dele ganharam uma luminosidade extrema; diria que o homem estava embriagado, não de vinho, mas de adoração.

- Páris, eu estou casado com a mulher mais bela do mundo - disse ele, com a maior solenidade.

Sem perder a polidez que um tal diálogo impunha, dei rédea solta à minha incredulidade.

- Deveras, rei Menelau?

- Ah sim, Páris, sem a menor dúvida. Helena não tem rival neste nosso mundo.

- É mais bela do que a mulher do meu irmão Heitor?

- A princesa Andrômaca é uma pálida Selene, se comparada com o esplendor de Hélio - disse ele.

- Gostaria que fosses mais preciso, Menelau.

O rei suspirou, agitou os braços.

- Como descrever Afrodite? Como pintar a perfeição visual com meras palavras? Vai ver o meu navio, Páris, e atenta na figura de proa - Helena foi o modelo.

Semicerrei os olhos, tentando lembrar-me. Mas tudo o que consegui ver foi um par de olhos tão verdes como os de um gato do Egito.

Ah, eu tinha de conhecer aquela beldade! Não que acreditasse nele - a figura de proa seria certamente superior ao modelo. Nenhuma das estátuas de Afrodite que conhecia poderia rivalizar com o rosto daquela figura (embora, verdade seja dita, os escultores não passassem de uns artífices medíocres que teimavam em dar sorrisos tontos, traços desgraciosos e corpos ainda mais desgraciosos às suas estátuas)-

- Rei Menelau - disse eu, movido por um irresistível impulso. - Em breve, terei de conduzir uma embaixada a Salamina, a fim de me avistar com o rei Télamon e de inquirir sobre o bem-estar de minha tia Hesíona. Porém, enquanto estiver na Grécia, terei de submeter-me a um ritual purificador, visto que cometi um homicídio involuntário. Diz-me uma coisa: a Lacedemônia fica muito longe de Salamina?

- Bom, Salamina é uma ilha que fica ao largo do litoral ático, ao passo que a Lacedemônia fica no interior da ilha de Pélops, mas - não, não é uma viagem especialmente difícil.

- Rei Menelau, aceitarias presidir à cerimônia da minha purificação?

O rei fitou-me radiante.

- Claro que aceito! É o mínimo que posso fazer para retribuir a tua amabilidade. Visita-nos no próximo Verão e eu realizarei os necessários ritos. - De súbito, pôs um ar altivo. - Duvidaste de mim, quando te falei da beleza de Helena

- Sim, sim, eu sei que duvidaste! Os teus olhos traíram-te... Mais uma razão para visitares Amiclas - vê-la-ás com os teus próprios olhos. Depois disso, espero que me apresentes as tuas desculpas.

Selamos o pacto com um gole de vinho, após o que nos concentramos no planeamento da viagem a Lirnesso, onde Menelau exumaria os ossos dos filhos de Prometeu, sob o olhar indignado do rei Anquises e do seu filho Enéias. Com que então Helena era tão bela como Afrodite! Perguntei-me como é que Anquises e Enéias reagiriam a essa comparação quando Menelau se saísse com ela - e sair-se-ia com toda certeza. É que, como todos sabiam, Anquises, na sua juventude, fora tão irresistivelmente belo que a própria Afrodite se humilhara para que ele fizesse amor com ela. Depois, a deusa fora-se embora, mas deixara-lhe Enéias. Pois é: as loucuras de juventude tinham sempre um preço!

Capítulo Sexto

Narrado por Helena

Depois de os ossos dos filhos de Prometeu terem sido enterrados em Amiclas rodeados de preciosos artefatos, cada caveira coberta com uma máscara de ouro, os efeitos da peste começaram a esbater-se. Era maravilhoso poder passear de novo pela cidade, participar em caçadas nas montanhas, assistir aos jogos na arena que ficava por detrás do palácio! Não menos maravilhoso era ver os sorrisos de alegria nos rostos das pessoas, ouvi-las saudarem-nos e louvarem-nos quando passávamos por elas. O rei acabara com a peste e a felicidade voltara ao reino.

Só o coração de Helena não era feliz. Menelau vivia com um espectro a seu lado. Com o passar dos anos, fui-me tornando uma mulher cada vez mais apagada, cada vez mais grave - respeitável e obediente, sempre. Dei a Menelau duas filhas e um filho. O meu marido dormia na minha cama todas as noites. Nunca lhe recusava o acesso aos meus aposentos quando ele batia à porta. E ele amava-me. Perante o seu amor, eu não poderia fazer nada de mal. E era por isso que eu era uma esposa respeitável e obediente; não conseguia resistir a um homem que me tratava como se eu fosse uma deusa. Havia ainda outra razão: eu queria que a minha cabeça estivesse sempre presa aos meus ombros.

Se ao menos eu tivesse conseguido manter o meu corpo distante e frio quando ele veio ter comigo após o casamento! Mas não consegui. Helena era uma criatura toda ela de carne feita; uma criatura que não era imune às carícias de um homem, de qualquer homem - mesmo de um homem tão enfadonho e desajeitado como o meu marido. Um homem, um homem qualquer, era melhor do que homem nenhum.

O Verão veio, o mais escaldante de que havia memória. As chuvas cessaram e os rios secaram, e, nos altares, os sacerdotes começaram a murmurar palavras agourentas. Tínhamos sobrevivido à peste; seria a fome o nosso próximo tormento? Por duas vezes, senti Poseidon, o Senhor dos Terremotos, gemer e mover as entranhas da terra, como se também ele estivesse inquieto. O povo começou a falar de maldições e os sacerdotes ergueram ainda mais as suas vozes quando o trigo morreu na terra ressequida; até a cevada, mais resistente do que o trigo, parecia encaminhar-se para o mesmo triste fim.

Porém, quando o calor do Verão atingiu um pico insustentável, o Senhor dos Trovões, exibindo o seu sombrio semblante, falou ao nosso reino. Num dia opressivo, sufocante, enviou os seus mensageiros, as nuvens que anunciam as tempestades, aglomerando-os contra o branco metálico do céu. Ia a tarde a meio quando o Sol se escondeu e a escuridão caiu sobre a terra; Zeus explodiu finalmente. Fazendo atroar todo o seu poder ao ponto de ensurdecer os humanos, disparou os seus raios com uma ferocidade tal que a própria Mãe se encolheu, tremendo de medo, pois cada dardo que a sua medonha mão lançava era uma coluna de puro fogo.

Tremendo de terror, transpirando de pânico, balbuciando rezas, refugiei-me num divã da pequena sala que usava perto das áreas públicas e tapei os ouvidos enquanto os trovões rebentavam e aquela luz tão branca e violenta descia vezes sem conta sobre a terra. Menelau, Menelau, onde estás?, perguntava-me eu, desvairada de medo.

Nesse momento, ao longe, ouvi a voz dele. Falava com invulgar animação com alguém que também falava Grego, embora com um acento estrangeiro. Disparei na direção da porta e corri para os meus aposentos, pois não queria provocar o descontentamento do meu marido; como todas as mulheres do palácio, e porque o calor era muito, acostumara-me a vestir roupa feita de linho egípcio, muito leve e transparente.

Imediatamente antes do jantar, Menelau apareceu nos meus aposentos para me ver entrar no banho. Nunca tentava sequer tocar-me quando eu tomava banho; era a sua oportunidade de não fazer outra coisa senão olhar.

- Minha querida - disse ele, pigarreando -, temos uma visita. Gostaria que esta noite vestisse o teu traje régio.

Fitei-o surpreendida.

- É assim tão importante, essa visita?

- Muito. É o meu amigo Páris, príncipe de Tróia.

- Ah sim, lembro-me de me teres falado dele.

- Quero que esteja mais bonita do que nunca, Helena, pois eu falei-lhe muito da tua beleza quando estive em Tróia. E Príamo - vê lá tu - mostrou-se céptico!

Sorridente, rebolei-me na água quente, fazendo transbordar a imensa banheira.

- Prometo-te que nunca me terás visto tão bonita como nesta noite.

Tive certeza de que nunca me tinham visto tão bela, no preciso instante em que entrei no salão de jantar, pouco antes da corte se reunir para comer a última refeição do dia com o rei e a rainha. Menelau já estava lá, de pé junto à mesa régia, conversando com um homem que estava de costas para mim. Umas costas muito interessantes. Muito mais alto do que Menelau, o homem em questão tinha uma comprida e espessa cabeleira encaracolada que lhe chegava a meio das costas e estava nu da cintura para cima, no que seguia a moda cretense. Sobre os ombros, caía-lhe um enorme colar de pedras preciosas engastadas em ouro; braceletes de ouro e cristal adornavam-lhe os braços portentosos. Olhei para o seu saiote púrpura e para as pernas fortes e bem proporcionadas e senti uma excitação que há muitos anos desconhecia. De costas, era de fato uma bela visão; provavelmente - disse para mim mesma, desdenhando já do que não conhecia - tem uma cara de cavalo.

Dei um jeito nos folhos para que a música soasse. Menelau e o estrangeiro viraram-se. Olhei para o estrangeiro e apaixonei-me. Tão simples como isso. Apaixonei-me. Se eu era a mulher perfeita, ele era, seguramente, a perfeição feita homem. Fiquei parada e pasmada a olhar para ele. Defeito nenhum. A perfeição absoluta. E eu estava apaixonada.

- Minha querida - disse Menelau, abeirando-se de mim -, apresento-te o príncipe Páris. Devemos-lhe todas as cortesias e atenções que pudermos prodigalizar-lhe - ele foi para mim um excelente anfitrião. - Menelau olhou para Páris, com as sobrancelhas bem erguidas. - Então, meu amigo, ainda duvidas de mim?

- Não - disse Páris. E de novo: - Não. Menelau sorriu radiante: graças à sua esposa, a noite estava ganha. Um pesadelo, aquele jantar! Rios de vinho eram servidos, ainda que - porque era mulher - eu não pudesse beber uma única gota. Mas que malévolo deus teria convencido Menelau a beber copo atrás de copo, quando, normalmente, era abstinência. Páris estava sentado entre nós dois, o que me impedia de fazer fosse o que fosse para, com modos suaves, convencer o meu marido a parar de beber. Por outro lado, aquele príncipe troiano também não se comportava com a circunspeção que seria de esperar. Claro que eu vira a atração chamejando nos seus olhos negros no instante exato em que se haviam, pela vez primeira, fixado em mim; mas havia tantos homens que reagiam assim e que, depois, se mostravam tão tímidos como cordeirinhos... Não era esse o caso de Páris. Ao longo de toda a refeição, desfiou um rosário de escandalosos cumprimentos. Quanto aos seus olhares, eram descaradamente íntimos; diria que os seus olhos tinham se esquecido de que estávamos sentados na mesa régia e que estávamos a ser vistos por uma centena de homens e mulheres da corte.

Num tumulto de medo e confusão, fiz o possível para que tais observadores (metade dos quais eram espíões de Agamêmnon) pensassem que não se estava a passar nada de menos decente. Procurando mostrar-me cortês e fingindo uma descontração que não sentia, desatei a perguntar a Páris como era a vida em Tróia, ou se em todas as nações da Ásia Menor se falava Grego, ou se Tróia ficava muito longe de nações como a Assíria ou Babilônia, ou se nessas nações também se falava Grego.

Conhecedor dos femininos artifícios, Páris respondeu-me facilmente e com autoridade, enquanto os seus olhos maliciosos vagueavam entre os meus lábios e o meu cabelo, entre os meus dedos e os meus seios.

À medida que a interminável refeição ia avançando, o discurso de Menelau tornava-se cada vez menos inteligível; o meu marido parecia não ver outra coisa senão o vinho que transbordava do seu copo. E Páris tornou-se cada vez mais atrevido. A certa altura, aproximou-se tanto de mim que pude sentir o seu hálito no meu ombro e cheirar o seu embriagante perfume. A pouco e pouco fui me afastando dele, acabando por ficar sentada mesmo na ponta do banco.

- Os deuses são cruéis - sussurrou ele - por deixarem tanta beleza nas mãos de um único homem.

- Príncipe Páris, tem cuidado com o que dizes! Suplico-te: sê discreto! A resposta que ele me deu foi um sorriso. O coração pareceu afundar-se no meu peito. Presa de um fogo súbito, comprimi os joelhos um contra o outro.

- Eu te vi esta tarde - prosseguiu ele, como se eu não tivesse dito nada, fugindo de nós. Tinha um vestido tão transparente...

Um mar escarlate desenhava-se já sob a minha pele; pedia a todos os deuses que os muitos olhos que nos miravam não reparassem em nada do que se estava a passar. A mão dele caiu e encontrou o meu braço. Dei um salto, tão intolerável era aquele toque; a sensação que produzira no meu corpo era idêntica ao que sentira quando o Senhor dos Trovões falara.

- Príncipe Páris, por favor! O meu marido pode ouvir-te!

Rindo-se a bom rir, voltou a pôr a mão na mesa, mas de uma forma tão abrupta que fez tombar o seu copo; o vinho tinto espalhou-se como um lago pela pálida madeira. Acenei para que um criado viesse limpar a mesa, mas, enquanto eu acenava, ele abeirava-se uma vez mais de mim.

- Amo-te, Helena - disse ele.

Os criados! Teriam ouvido? Porque é que os rostos dos criados nunca diziam nada, sempre que executavam as ordens dos seus superiores? Olhei de relance para Menelau: estava ébrio, muito ébrio, os seus olhos sonolentos miravam o vazio.

Com efeito, estava demasiado embriagado para ir ter comigo naquela noite. Os criados levaram-no para os seus aposentos e deixaram-me seguir sozinha para os meus. Por um longo período de tempo, deixei-me ficar sentada à janela do meu salão, pensando: Que havia de fazer? Como havia de passar os próximos dias talvez muitos, não sabia quantos - sabendo que aquele homem, aquele perigo, estaria presente? Uma única refeição ao seu lado e ficara arrasada. Seduzia-me despidoradamente, achando que o meu marido era demasiado idiota para se dar conta disso. Mas Menelau não se apercebera de nada

unicamente por causa do vinho - e, no jantar do dia seguinte, Menelau estaria sóbrio. Mesmo o mais estúpido dos homens tem, dentro de si, um vigilante; além disso, não me admirava nada que um dos nobres da casa fosse intrigar junto dele. Agamêmnon pagava-lhes para que eles espiassem tudo. Bastava que um deles decidisse que eu era infiel e, um dia depois, Agamêmnon me condenaria por infidelidade.

Páris, ainda que fosse um príncipe troiano, perderia a sua cabeça. Tal como eu. Tal como eu!

Dividida entre o medo e o desejo, sofria horrivelmente. Ah, eu amava-o tanto! Mas que espécie de amor era aquele, tão súbito, tão avassalador tão de repente? À mera lascívia, sabia eu resistir; aprendera a resistir-lhe ao longo do meu casamento. O amor, em contrapartida, era irresistível. Ansiava estar com Páris por todos os motivos. Ansiava viver a minha vida com ele. Queria saber o que ele pensava, como é que ele vivia, o que é que ele sentia, como era a sua aparência enquanto dormia. A seta trespassara-me, a seta que levava Fedra ao suicídio, Dánae a atirar-se para uma arca que o seu pai lançara ao mar, Orfeu a enfrentar o reino de Hades em busca de Eurídice. A minha vida já não me pertencia; pertencia a Páris. Eu seria capaz de morrer por ele! Contudo... Que êxtase poder viver para ele!

Menelau entrou no meu quarto pouco depois de eu me ter deitado exausta, enquanto os galos cantavam estridentes e a orla do céu oriental empalidecia sob o nevoeiro. Com um ar constrangido, recusou-se me beijar.

- O meu hálito tresanda a vinho, minha querida. É estranho que eu tenha bebido tanto. Não faz sentido.

Acenei-lhe para que se sentasse ao meu lado.

- Como está esta manhã, tirando o hálito? Menelau sorriu.

- Um pouco indisposto. - De súbito, franziu o sobrolho. - Helena, estou com um problema.

Fiquei com a boca seca; dei comigo a molhar os lábios. Um dos nobres da casa tinha-lhe contado tudo! Palavras! Eu tinha de encontrar as palavras certas!

- Um problema? - balbuciei.

- Sim. Um mensageiro de Creta acordou-me. O meu avô Catreu morreu e Idomeneu decidiu atrasar o funeral, a fim de que eu ou Agamêmnon possamos comparecer. Claro que Idomeneu está à espera que seja eu. Agamêmnon não pode sair de Micenas.

Sentei-me na cama, boquiaberta.

- Menelau! Tu não podes ir!

A minha veemência surpreendeu-o, mas entendeu-a como um cumprimento.

- Não há alternativa, Helena. Tenho mesmo de ir a Creta.

- E vais estar fora muito tempo?

- Pelo menos meio ano. Podia saber um bocadinho mais de geografia... Os ventos outonais me levarão até Creta, mas terei de esperar pelos ventos do Verão para regressar.

- Oh - disse eu, e suspirei. - Quando tens de partir? Menelau apertou-me o braço.

- Hoje, minha querida. Terei de ir primeiro a Micenas, a fim de falar com Agamêmnon, e, como terei de fazer-me ao mar a partir de Lerna ou Náuplia, não poderei passar por aqui. É pena, mas que havemos nós de fazer? - disse ele, deliciado com a minha consternação.

- Mas tu não podes partir, Menelau. Já te esqueceste de que tens um convidado real na tua casa?

- Páris compreenderá. Realizarei os ritos de purificação esta manhã, antes de partir para Micenas. Mas lhe direi também que permaneça aqui o tempo que quiser.

- Leva-o para Micenas contigo - disse eu, de súbito inspirada.

- Helena, francamente! A correr? Claro que ele pode ir a Micenas, mas com tempo! - disse o meu tonto marido, ansioso por agradar ao convidado, mas cego perante o perigo que ele representava.

- Menelau, tu não podes deixar-me sozinha com Páris! - exclamei. Menelau pestanejou.

- Porque não? O que não falta na nossa corte são damas de companhia, Helena...

- Agamêmnon pode não ser da mesma opinião. A minha mão apertava-lhe o antebraço; ele baixou-se para a beijar e para me afagar o cabelo.

- Helena, fica tranqüila. As tuas preocupações são encantadoras, mas desnecessárias. Eu confio em ti. Agamêmnon confia em ti.

Como explicar-lhe que era eu que não confiava em mim mesma?

Nessa tarde, desci a escadaria do palácio para me despedir do meu marido. De Páris, nem sinal.

Logo que os carros e carroças desapareceram, regressei aos meus aposentos e aí fiquei. Disse aos criados para me trazerem as refeições. Se Páris não me visse, era possível que se cansasse daquele jogo de sedução - e, quem sabe, podia ser que partisse para Micenas ou para Tróia. Por outro lado, deste modo, os nobres da corte também não teriam qualquer oportunidade de nos verem juntos.

Porém, quando a noite veio, não consegui dormir. Depois de muito vaguear pelo meu quarto, decidi sentar-me junto à janela. A mais absoluta escuridão caíra sobre Amiclas: não se via uma única luz e as montanhas pareciam anônimas corcundas da terra contra o pano de fundo de um céu estrelado. A lua cheia pairava imensa e prateada, derramando silenciosamente uma delicada luz pelo vale de Lacedemônia. Assomei à janela e, sorvendo o ar da noite com um prazer extremo, deixei que toda esta quietude me penetrasse e aquietasse os nervos. Vivia ainda este apaziguamento encantado quando me dei conta de que ele estava atrás de mim, contemplando a beleza dos céus por cima do meu ombro. Não gritei, nem me virei, mas ele sabia que eu estava consciente da sua presença. As mãos dele envolveram os meus cotovelos e, suavemente, levaram o meu corpo a repousar contra o seu.

- Helena de Amiclas, és tão bela como Afrodite.

O meu corpo ficou sem forças. Movi um pouco a cabeça sob o seu queixo.

- Não tentes essa deusa, Páris. Ela detesta rivais.

- Mas não te detesta, Helena... Não compreende? Foi Afrodite quem me ofereceu Helena... Eu pertenço à deusa, sou o seu favorito.

- É por isso que, segundo se diz, nunca fizeste um filho?

- É. - As mãos dele moviam-se em círculos lentos na minha cintura, sem qualquer pressa, como se ele tivesse todos os dias do mundo para fazer amor comigo. Os lábios encontraram a minha nuca.

- Helena, nunca desejaste ardentemente deixar este palácio durante a noite e correr para as mais recônditas paragens da floresta? Nunca invejaste a leveza e a agilidade do veado? Nunca sonhaste correr tão livre como o vento e cair exausta sob o corpo do único homem que amas?

Duas respostas deu o meu corpo: um espasmo percorreu-me os tendões, mas a minha boca seca retorquiu:

- Não. Eu nunca sonho com coisas dessas.

- Pois eu sonho. E, nos meus sonhos, tu estás sempre presente. Vejo a tua longa cabeleira loura fluando enquanto corres, as tuas longas pernas lutando para que o caçador que eu sou não te consiga apanhar. Era assim que eu deveria ter-te conhecido, e não neste palácio vazio e sem vida. - As mãos dele abriram-me o roupão e descansaram, tão leves como plumas, sobre os meus seios.

- Ao pé de ti, todo o brilho dos palácios empalidece.

Nesse momento, tudo se precipitou. Virei-me para os seus braços e olvidei tudo, exceto que ele era a minha outra metade, o meu companheiro natural. Que eu o amava, que eu o amava verdadeiramente.

Escrava dos seus desejos, jazia nos seus braços tão lânguida e mole como a boneca de trapos da minha filha. A manhã nascia, mas eu só queria que não nascesse mais manhã nenhuma.

- Vem para Tróia comigo - disse ele de súbito. Ergui-me para ver o seu rosto, para ver o meu amor refletido naqueles belos olhos negros.

- Isso seria uma loucura - retorqui.

- Loucura, não; bom senso - Uma mão demorava-se no meu ventre, a outra brincava com o meu cabelo. - Tu não nasceste para seres esposa de um homem insensível e estúpido como Menelau. Tu nasceste para seres minha.

- Eu nasci nesta terra, nasci neste mesmo quarto. Eu sou a rainha. Os meus filhos vivem neste palácio. - Limpei as lágrimas que começavam a molhar-me as faces.

- Helena, tu pertences a Afrodite, tal como eu! Em tempos, jurei solenemente no templo de Afrodite que lhe daria tudo - preteri Hera e Palas Atena para a adorar apenas a ela. E pedi-lhe que me concedesse apenas uma coisa: uma mulher chamada Helena.

- Eu não posso abandonar o meu reino!

- Helena, tu não podes ficar. Eu não ficarei.

- Oh, amo-te tanto, Páris! Como poderei viver sem ti?

- Não viverás sem mim, Helena.

- Pedes-me o impossível. - As minhas lágrimas eram já um rio descendo pelas faces.

- De modo nenhum! Qual é o obstáculo, Helena? Os teus filhos? Esta pergunta fez-me refletir. A minha resposta não poderia ter sido mais sincera.

- Não, de fato, não. O problema dos meus filhos é que... são tão vulgares! São iguais a Menelau. Até no cabelo! Até têm sardas...

- Se os teus filhos não são um obstáculo, então só vejo uma razão: Menelau. Seria? Não, não era. Pobre Menelau: dominado, oprimido, um mero títere nas mãos de Micenas. No fim de contas, que obrigações tinha eu para com ele? Eu não quisera casar com Menelau! As obrigações que tinha para com ele eram as mesmas que tinha para com o seu irmão, aquele homem de ar carrancudo e modos

ameaçadores que nos usava a todos nós como simples peças num jogo monumental. Agamêmnon não atribuía qualquer importância à pessoa que eu realmente era - aos meus desejos, às minhas necessidades, aos meus sentimentos.

- Irei contigo para Tróia - respondi por fim. - Não há nada que me prenda a Amiclas. Nada.

Capítulo Sétimo

Narrado por Heitor

O capitão do porto de Sigeu mandou-me um mensageiro com a notícia de que a frota de Páris regressara finalmente de Salamina; mal cheguei à sala onde o rei concedia as suas audiências diárias, ordenei a um pajem que fosse dar a notícia ao meu pai. Eram as audiências do costume, enfadonhas e intermináveis - disputas por causa de propriedades, escravos, terras e outras causas que tais, uma embaixada da Babilônia, uma queixa em torno de direitos de pasto apresentada pelos nossos parentes nobres da Dardânia e defendida, como sempre, pelo tio Antenor.

A embaixada da Babilônia já fora recebida e o rei estava prestes a pronunciar a sua sentença acerca de um caso sem qualquer importância, quando as trombetas soaram e Páris avançou todo emproado pela Sala do Trono. Impossível não sorrir, dado o seu traje; transformara-se num consumado cretense! Tudo nele eram requintes, desde o saiote púrpura franjado de fios de ouro até às jóias e aos caracóis do cabelo. Estava com ótimo aspecto e parecia muito satisfeito consigo mesmo. Que andara ele a tramar para parecer um chagal que conseguia chegar à presa antes do leão? É claro que, nos olhos do nosso pai, brilhava a luz do seu amor senil - como era possível que um homem sábio o bastante para estar sentado num trono ficasse tão cego perante coisas tão primárias como o encanto e a beleza?

Páris chegou rapidamente ao estrado e já estava instalando-se no degrau de cima quando me aproximei. Antenor, um abelhudo incurável, encontrava-se também suficientemente perto para poder ouvir toda a conversa. Decidi então me colocar ostensivamente junto ao trono do meu pai.

- Traz boas notícias, meu filho? - perguntou o rei.

- Acerca da tia Hesíona, não - disse Páris, abanando a cabeça, os anéis do cabelo num vaivém. - O rei Télamon mostrou-se extremamente cortês, mas recusou-se categoricamente a entregar-nos a tia Hesíona.

O meu pai todo se inteirou: de súbito, a brandura dava lugar à fúria. Nunca conheci um ódio tão profundo como aquele. Por que razão - ao fim de tantos anos! - continuava o meu pai a abominar tão implacavelmente a Grécia? O silvo da sua respiração silenciou toda a sala.

- Como se atreve? Como se atreve Télamon a insultar-me? Viste a tua tia, tiveste oportunidade de falar com ela?

- Não, meu pai, não pude ver a tia Hesíona.

- Malditos sejam todos eles! - Empinou muito a cabeça e cerrou os olhos. Ò poderoso Apolo, Senhor da Luz, Senhor do Sol e da Lua e das Estrelas, concede-me a oportunidade de reduzir a pó o orgulho grego!

Inclinei-me para ele e disse-lhe:

- Pai, acalme-se! Não estava à espera de outra resposta, não é?

O rei Príamo virou a cabeça na minha direção e abriu os olhos.

- Não, suponho que não. Obrigado, Heitor. Como sempre, és tu quem me faz regressar à fria realidade. Mas por que raio é que os Gregos hão de levar sempre a sua avante? Por que raio é que hão de ficar impunes se cometeram um crime - o rapto de uma princesa troiana?

Páris colocou a mão no joelho do nosso pai, afagou-o delicadamente. O rei olhou para ele e logo a sua expressão ganhou uma doçura nova.

- Pai, a arrogância grega não ficou impune. Eu dei-lhe o melhor dos castigos - disse Páris, os olhos muito brilhantes.

Chegara a pensar em retirar-me, mas houve qualquer coisa no tom com que Páris disse aquilo que me deteve.

- Como, meu filho?

- Olho por olho, dente por dente, meu pai! Os Gregos raptaram a tua irmã, não foi? Pois eu te trouxe da Grécia uma presa muito mais valiosa do que uma simples moça de quinze anos! - Ergueu-se de um salto, tão cheio de si que já não suportava continuar sentado aos pés do rei Príamo.

- Pai - exclamou ele, com uma voz tão sonora que chegava às alturas do teto -, eu te trouxe Helena! A rainha da Lacedemônia, esposa de Menelau, o irmão de Agamêmnon, e irmã da rainha Clítemenestra, esposa de Agamêmnon!

Tão grande foi o choque que senti que fiquei sem saber o que dizer - uma tragédia, pois o tio Antenor pôde falar primeiro do que eu. Avançou tão depressa quanto pôde, erguendo as mãos - as juntas inchadas dos dedos faziam com que estas parecessem enormes e disformes garras.

- O que tu fizeste foi a mais estúpida das ingerências, digna do mais ignorante e imbecil dos homens! - atroou Antenor - Será possível que essa carinha efeminada não veja outra coisa senão saias? Já agora, podias ter feito jus à tua cegueira de pinga-amor e raptado a própria Clítemenestra! Os Gregos não se revoltaram por causa dos nossos embargos comerciais, nem por causa da escassez de estanho e cobre, mas vão revoltar-se por causa do que tu fizeste! Idiota! Imbecil! Deste a Agamêmnon a oportunidade que ele estava à espera há muitos anos! Lançaste-nos para uma guerra que será a ruína de Tróia! O que te falta em tino, sobra-te em presunção! Ah, se ao menos o teu pai te tivesse enfeitado! Se ao menos ele tivesse sufocado à nascença a tua devassidão! Quando tivermos colhido todas as tempestades dos ventos que semeaste, nenhum Troiano pronunciará o teu nome sem cuspir de nojo!

Uma parte de mim aplaudiu silenciosamente o discurso do velho; com efeito, ele ecoava os meus próprios sentimentos. No entanto, ao mesmo tempo, amaldiçoava o tio Antenor. Que teria decidido o meu pai se Antenor tivesse se calado? Quando Antenor acusava, o rei defendia. Príamo podia até estar de acordo com Antenor, mas Antenor, com aquele discurso inflamado, empurrara-o para o lado de Páris.

O meu irmão estava estupefato com a reação.

- Pai, eu fi-lo por ti! - disse ele, suplicante. Antenor fitou-o com um sorriso de escárnio.

- Ah, sim, claro, claro que o fizeste pelo teu pai! E já te esqueceste do mais famoso de todos os oráculos? "Cuidado com a mulher grega que é raptada e levada para Tróia!" Não achas que o oráculo fala por si?

- Não, eu não me esqueci do oráculo! - gritou o meu irmão. - Mas Helena não foi raptada! Ela veio comigo de livre vontade porque quer casar-se comigo! E, como prova disso, trouxe consigo um magnífico tesouro - ouro e jóias que chegam para comprar um reino! Um dote, pai, um dote! - E deu um risinho satisfeito. - Eu fiz pior aos Gregos do que raptar uma rainha - eu pus-lhes os cornos!

Antenor parecia ter perdido a batalha. Abanando lentamente a cabeça alva, refugiou-se entre os cortesãos. Páris fitava-me suplicante.

- Heitor, ajude-me! - disse.

- Como posso te ajudar? - perguntei furioso. Páris virou-se de novo para o pai, ajoelhou e, com os seus braços, envolveu as pernas do rei.

- Diga-me, meu pai: que mal poderá advir daquilo que eu fiz? - perguntou ele, tentando puxar o pai ainda mais para o seu lado. - Alguma vez a fuga voluntária de uma mulher deu origem a uma guerra? Helena veio de sua livre vontade! Helena não é uma menina pequena! Tem vinte anos, é uma mulher! Esteve casada durante seis anos - tem filhos! Imagina só quão terrível foi a sua vida para ter tomado esta decisão! Para ter deixado um reino e os seus filhos! Pai, eu a amo! E ela me ama! - exclamou ele, com uma voz pateticamente embargada, as lágrimas começando a deslizar pelas faces.

Ternamente, o rei afagou o cabelo de Páris.

- Quero vê-la - disse o nosso pai.

- Não, espera! - Era Antenor que voltava à carga. - Rei Príamo, antes de veres essa mulher, suplico-te que me ouças! Manda-a de volta para a sua terra, Príamo, manda-a de volta para a Lacedemônia! Manda-a de volta para Menelau sem que ninguém a veja - e apresenta as tuas mais sinceras desculpas e devolve-lhe todos os tesouros que ela trouxe e recomenda-lhe que corte a cabeça à esposa infiel! Porque é isso que ela merece! Amor! Que amor é esse que abandona os filhos? Não será essa uma prova mais do que suficiente? Ela trouxe para Tróia um tesouro magnífico, mas não os seus filhos!

O meu pai não queria olhar para ele, mas devia saber o que todos nós estávamos sentindo, pois não fez qualquer tentativa para interromper o discurso.

Antenor pôde continuar falando.

- Príamo, eu receio o rei supremo de Micenas - e tu devias também receá-lo! O ano passado, ouviste Menelau gabar-se de que o seu irmão Agamêmnon conseguira transformar toda a Grécia num obediente vassalo de Micenas! Que acontecerá, se Agamêmnon optar pela guerra? Mesmo que o derrotemos, ele nos arruinará. A riqueza de Tróia tem crescido desde tempos imemoriais por uma única razão - Tróia sempre evitou a guerra! A guerra destrói as nações, Príamo quantas vezes te ouvi dizer isso! O oráculo afirma que a mulher que há de vir da Grécia será a nossa ruína. E, no entanto, tu queres vê-la!

Presta atenção ao que os nossos deuses dizem! Não feches os teus ouvidos à sabedoria dos seus oráculos! Que são os oráculos senão uma oportunidade que os deuses dão aos mortais de entreverem o futuro? Tu prosseguiste a obra de Laomedonte, teu pai, e agravaste as suas medidas - enquanto Laomedonte se limitou a restringir o número de navios mercantes gregos com acesso ao Euxino, tu proibiste todos os navios gregos de entrarem no Euxino. E agora, os Gregos têm fome de estanho! Sim, eu sei que eles podem ir buscar cobre no ocidente, ainda que tenham de pagar um preço absurdo. Mas o estanho - onde poderão eles ir buscá-lo? Em lugar nenhum! Apesar de serem ricos e poderosos.

Com o rosto sulcado de lágrimas, Páris ergueu os olhos para o rei.

- Pai, eu já te disse: Helena não foi raptada! Ela veio de sua livre vontade! Portanto, Helena não pode ser a mulher de que falam os oráculos - não pode!

Desta feita, consegui ser mais rápido do que Antenor. Abandonei o estrado e falei.

- Páris, tu dizes que ela veio de sua livre vontade - mas que dirão os Gregos? Achas que Agamêmnon dirá aos reis seus vassalos que o seu irmão é o mais ridículo dos homens - um cornudo? Não Agamêmnon, que é o mais orgulhoso dos homens! Não, Agamêmnon lhes dirá que Helena foi raptada. Antenor tem razão, pai. Estamos a um passo da guerra. E uma guerra contra a Grécia não afetará apenas a nós. Nós temos aliados, pai! Pertencemos a uma federação de estados da Ásia Menor. Temos tratados de comércio e amizade com todas as nações costeiras entre a Dardânia e a Cilícia, e também com todas as nações interiores até à Assíria e, a norte, até à Cítia. As terras costeiras são ricas e pouco povoadas - não possuem efetivos suficientes para enfrentar o invasor grego. Essas nações apoiam o nosso bloqueio e têm enriquecido com a venda de estanho e cobre aos Gregos. Caso haja uma guerra, crês que Agamêmnon limitará a sua ação a Tróia? Não! Haverá guerra por todo o lado!

O meu pai olhava-me fixamente; olhei-o também, sem medo. Momentos antes, dissera-me, "Como sempre, és tu quem me faz regressar à fria realidade". Mas agora - disse para mim mesmo, desesperado - o meu pai abandonara a realidade. As minhas palavras e as de Antenor haviam tido um único efeito: levá-lo a tomar a posição contrária à que pretendíamos.

- Ouvi tudo o que me interessa ouvir - disse ele, num tom gélido. Arauto, manda entrar a rainha Helena.

Aguardamos. Toda a sala estava tão quieta e calada como um túmulo. Lancei ao meu irmão um olhar feroz, perguntando-me como fora possível que tivéssemos permitido que Páris se houvesse transformado num tão consumado idiota. Páris virara as costas ao pai (ainda que mantivesse uma mão no joelho dele, afagando-o) e olhava fixamente para as portas, a boca encurvada num imenso sorriso de vaidade. Ele não tinha a menor dúvida de que estávamos todos à espera de uma surpresa maravilhosa: lembrava-me muito bem de Menelau ter dito que Helena era uma bela mulher. Mas eu sempre desconfiei de tais elogios quando as elogiadas eram rainhas ou princesas. Muitas eram as que recebiam tal epíteto só porque tinham o título.

As portas abriram-se de par em par e ela parou por um momento antes de avançar na direção do trono. Ao sabor dos seus movimentos, a saia emitia um delicado tinido, transformando-a numa melodia viva. Dei comigo boquiaberto, a respiração suspensa; tive de forçar-me a exalar. Não havia dúvida: ela era a mais bela mulher que eu jamais vira. Até Antenor estava de boca aberta.

Com os ombros para trás e a cabeça imperiosamente erguida, caminhava com dignidade e graça, sem sombra de vergonha ou de timidez. De elevada estatura, para uma mulher, possuía o mais soberbo corpo que Afrodite dera a humanas fêmeas. Cintura estreita, ancas graciosamente cheias, longas pernas. Não, não havia nela nada que não agradasse. Os seios! Nus, de acordo com a indecorosa moda grega, ereto e cheios, desconheciam todos os artifícios, exceto que os mamilos estavam pintados de ouro. Um tempo infindo pareceu passar até os nossos olhos Pousarem naquele pescoço de cisne. Superlativos, demasiados superlativos! A memória que tenho dela nesse dia é simples: Helena era simplesmente... bela.

Massas de cabelo ouro-pálido, sobrancelhas e pestanas negras, os olhos da cor da relva primaveril, maquiados com um fino traço que subia nos cantos, à maneira das Cretenses e Egípcias. Quanto do que estávamos vendo seria real e quanto não seria mais do que um encantamento? Nunca o saberei. Helena é a maior obra de arte que os deuses jamais puseram na Mãe Terra.

Para o meu pai, Helena era o Destino. Não tão velho que tivesse olvidado os prazeres que as mulheres nos davam, Príamo olhou para ela e apaixonou-se. Não sei se terá sido amor, se mera lascívia. Porém, como era demasiado velho para a roubar ao filho, preferiu considerar como um elogio a si mesmo o fato de um filho seu ter conseguido seduzi-la e roubá-la ao marido, aos filhos, à sua própria terra. Inchado de orgulho, virou os seus olhos maravilhados para Páris.

Faziam sem dúvida um casal notável: ele, tão escuro como Ganimedes, ela, tão loura e branca como Ártemis da floresta. Apenas com uma breve caminhada, Helena vencera por completo a silenciosa sala. Nenhum dos homens presentes poderia continuar a censurar Páris pela loucura que cometera.

Logo que o rei dissolveu a assembléia, coloquei-me ao seu lado, subindo deliberadamente para o estrado e aproximando-me lentamente do trono. Ficava assim três degraus mais alto do que os amantes fugitivos e muito mais alto do que o trono de ouro e de marfim do meu pai. Normalmente, não exibia tão brutalmente o meu estatuto de herdeiro, mas a verdade é que Helena mexia com os meus nervos; queria que ela soubesse qual era o lugar exato de Páris na corte - e qual era o meu lugar. Os seus estranhos e insondáveis olhos verdes fixaram-se no meu rosto.

- Querida rainha, este é Heitor, o meu herdeiro - disse o meu pai. Helena inclinou solene e regamente a sua cabeça.

- Muito prazer em conhecer-te, Heitor. - Os olhos dela ganharam de súbito uma vivacidade coquete.
- Por todos os deuses, Heitor, és um homem enorme!

Era obviamente uma provocação. Porém, não era desejo que ela queria provocar em mim; no que tocava a homens, as suas inclinações iam mais para os efeminadamente belos como Páris do que para os guerreiros possantes como eu. Ainda bem que era assim: eu não sabia se conseguiria resistir-lhe.

- O maior de Tróia, rainha - retorqui, incapaz de disfarçar a tensão.

Ela riu.

- Não duvido, não duvido... - disse.

- Pai - disse eu - me dá licença para que me retire?

- Os meus filhos são verdadeiramente magníficos, não são, rainha Helena? - disse o meu pai, inchado de satisfação. - Heitor é o orgulho do meu coração um grande homem! Um dia, será um grande rei!

Helena nada disse, enquanto me apreciava atentamente; porém, para lá do seu olhar brilhante, a mente perguntava-se se não seria possível afastar-me e pôr Páris no meu lugar. Ela que pensasse o que quisesse! O tempo lhe ensinaria que Páris abominava todo o tipo de responsabilidades.

Estava já prestes a sair quando o meu pai me chamou:

- Espere, espere! Heitor, diz a Calcas que quero falar com ele. Uma estranha ordem. Porque quereria o rei falar com aquele homem repulsivo, excluindo Laconte e Teano? Havia muitos deuses na nossa cidade, mas a nossa principal divindade era Apolo. O culto de Apolo era uma especificidade nossa, o que fazia com que os seus sacerdotes - Calcas, Laconte e Teano - fossem os prelados mais poderosos de Tróia.

Encontrei Calcas caminhando sonolentemente à sombra do altar dedicado a Zeus do Pátio. Não questioneei sequer o fato de ele estar ali; Calcas era o tipo de homem cujos atos ninguém questionava. Envergava uma longa e ondeante túnica negra, bordada a prata com estranhos signos e símbolos, e a pele doentamente branca da sua cabeça calva brilhava tenuemente à luz do entardecer. Certa vez, era eu ainda uma criança, descobrira um ninho de cobras, tão brancas como arminho, na cripta do palácio. Porém, depois de ter encontrado essas criaturas cegas e debilitadas, escravas de Kore, nunca mais me aventurara a descer à cripta. Calcas despertava em mim precisamente os mesmos sentimentos.

Dizia-se que Calcas viajara por todo o mundo, desde as terras dos Hiperbóreos ao rio do Oceano, desde terras muito a oriente de Babilônia a terras muito a sul da Etiópia. A indumentária de Calcas fora imitada da dos sacerdotes de Ur e da Suméria. No Egito, assistira aos rituais que haviam sido transmitidos, ao longo de muitas gerações de ilustres sacerdotes, desde o princípio dos deuses e dos homens. Outras coisas se diziam a respeito dele: que era capaz de preservar os corpos dos mortos, de tal modo que estes, ao fim de cem anos, pareciam não ter sofrido a corrosão natural do tempo; que Participara nos horrendos ritos do negro Seth; dizia-se até que beijara o falo de Osíris e que acedera assim ao supremo conhecimento. Nunca consegui gostar dele. Emergi dos pilares e avancei para o pátio. Ele sabia que era eu quem se aproximava, embora não tivesse olhado para mim uma única vez.

- Procuras-me, príncipe Heitor?

- Sim, sagrado sacerdote. O rei quer que vás ter com ele à Sala do Trono.

- Para falar com a mulher que veio da Grécia. Eu vou. Fui à frente dele - como era meu direito - pois ouvira falar de sacerdotes que julgavam poder tornar-se eminências pardas dos reis; não queria que Calcas nutrisse tais esperanças.

Enquanto Helena o fitava com uma repulsa constrangida, Calcas beijou as mãos do meu pai e aguardou que ele falasse.

- Calcas, o meu filho Páris trouxe uma noiva. Quero que os case amanhã.
- Como te aprouver, rei Príamo. De seguida, o rei ordenou a Páris e Helena que se retirassem.
- Vai, Páris, e mostra a Helena o seu novo lar - disse ele para o meu estúpido irmão.

Saíram de mãos dadas. Desviei os olhos daquele espetáculo de felicidade. Calcas permanecia silencioso, imóvel.

- Sabe quem ela é, sacerdote? - perguntou o meu pai.
- Sei sim, rei Príamo: é Helena. A mulher grega raptada. Estava à espera dela. Estaria mesmo? Ou teriam sido os seus espiões tão eficientes como sempre?
- Calcas, tenho uma missão para ti.
- Sim, rei Príamo.
- Preciso dos conselhos da pitonisa de Delfos. Vai a Delfos após o casamento e descobre o que significa Helena para nós.
- Sim, rei Príamo. Deverei obedecer à pitonisa?
- Claro. A pitonisa é a Boca de Apolo. Que se estaria a passar realmente ali, na Sala do Trono? perguntei-me. Quem enganava quem? As respostas estavam na Grécia. Todas as respostas pareciam estar na Grécia. Seria o Oráculo de Delfos servo do Apolo troiano ou do Apolo grego? Seriam os dois Apolos o mesmo deus?

O sacerdote retirou-se. Fiquei finalmente a sós com o meu pai.

- Tomaste uma decisão lamentável - disse-lhe eu.
- Não, Heitor, eu tomei a única decisão possível. - Ergueu as mãos irritado. - Não percebe que não podia mandá-la embora? O mal está feito, Heitor. Está feito desde o momento em que ela deixou o seu palácio de Amiclas.
- Nesse caso, pai, não a devolva toda aos Gregos: devolva-lhe apenas a cabeça.
- É tarde demais, Heitor - retorquiu ele, o seu pensamento vagueando por outras paragens. - Tarde demais... tarde demais...

Capítulo Oitavo

Narrado por Agamêmnon

Clitemenestra estava de pé junto à janela, banhada pelo sol. A luz semeava na sua cabeleira chamas acobreadas, tão ardentes e brilhantes como ela própria. A minha esposa não possuía a beleza de Helena, mas, para mim, os seus atributos eram mais interessantes e o seu sexo mais forte. Clitemenestra era uma fonte viva de poder, não um simples ornamento.

A vista que dali se desfrutava sempre a encantara, talvez porque era o claro espelho da magnífica situação geográfica de que Micenas gozava. A nossa cidadela era mais elevada do que todas as outras. Dali se via uma paisagem imensa, desde a montanha do Leão ao vale de Argos, o extenso verde dos campos cultivados, e depois, mais acima, as montanhas que nos rodeavam, com as suas densas florestas de pinheiros sobranceiras a vastos olivais.

A certa altura, gerou-se um tumulto à porta do meu quarto; ouvia distintamente as vozes dos meus guardas, protestando que o rei e a rainha não queriam ser incomodados. Irritado e intrigado, levantei-me. Porém, não tinha dado ainda um passo quando a porta se abriu de par em par e Menelau entrou cambaleante. Veio direito a mim, caiu de joelhos, encostou a cabeça às minhas coxas e desatou a soluçar. Lancei um olhar aturdido a Clitemenestra, que fitava o meu irmão estupefata.

- Que se passa? - perguntei, afastando-o dos meus joelhos e sentando-o numa cadeira, Mas a resposta de Menelau eram lágrimas, apenas lágrimas. Tinha o cabelo emaranhado e sujo, as vestes em desalinho, uma barba de três dias. Clitemenestra encheu um copo de vinho sem água e estendeu-me. Depois de ter bebido, Menelau acalmou-se um pouco: pelo menos, os soluços abrandaram.

- Menelau, conta-nos o que se passa.

- Helena partiu!

Clitemenestra correu para ele.

- Morreu?

- Não! Antes tivesse morrido! Helena deixou-me, Agamêmnon!

Soergueu-se na cadeira, fez um esforço para se controlar.

- Conta-me tudo devagar, Menelau - pedi-lhe.

- Regressei de Creta há três dias. Ela não estava lá... Ela fugiu, irmão - fugiu para Tróia com Páris.

Ficamos parados olhando para ele, boquiabertos de espanto.

- Fugiu para Tróia com Páris - repeti eu, quando pude.
- Sim, sim! E levou consigo o tesouro!
- Não acredito - disse eu.
- Oh, pode acreditar, marido, pode acreditar! Aquela harpia estúpida e lasciva! silvou Clitemenestra.

- Outra coisa não seria de esperar de uma mulher que se entregou a Teseu! Uma rameira, é o que ela é! Uma prostituta! Uma cadela amoral!

- Tonto na língua, mulher! Ela mostrou-me os dentes, mas obedeceu.
- Quando aconteceu isso, Menelau? Com certeza que foi há menos de cinco luas!
- Há quase seis luas, irmão - foi no dia em que eu parti para Creta.
- Não é possível! Admito que não estive em Amiclas na tua ausência, mas tenho bons amigos na cidade - amigos que, sem demora, me teriam comunicado o sucedido.
- Ela lançou-lhes o mau olhado, Agamêmnon! Helena foi ao Oráculo da Mãe Kubaba e falsificou a sua mensagem: o Oráculo, segundo ela, dizia que eu usurpara o trono da Lacedemônia. Depois, convenceu a Mãe Kubaba a amaldiçoar os meus nobres. Nestas condições, ninguém se atreveria a contar-te.

Sufoquei a raiva que sentia.

- Com que então, na Lacedemônia, a Mãe e a Velha Religião continuam a ser reis e senhores ... !

Deixa estar que eu trato disso ... ! Mais de cinco luas e eu sem saber de nada... - Encolhi os ombros. - Bom, agora não há nada a fazer. Não vale a pena ir atrás de Helena.

- Não há nada a fazer? Não vamos fazer nada? - disse Menelau, erguendo-se de um salto. - Agamêmnon, tu és o rei supremo! Tem de fazer tudo para que ela volte!
- Ela levou os seus filhos? - perguntou Clitemenestra.
- Não - disse ele. - Apenas o tesouro.
- Por aí se vê quais são as prioridades daquela cadela... -, rosnou a minha esposa. - Esquece-a, Menelau! Ficarás muito melhor sem ela!

Menelau ajoelhou-se, de novo em lágrimas.

- Eu quero que ela volte! Eu quero que ela volte, Agamêmnon! Me dê um exército! Me dê um exército e deixe-me seguir para Tróia!
- Levante-se, irmão! Controle-se!
- Dá - me um exército! - exclamou ele, fora de si. Suspirei de enfado.
- Menelau, isto é um caso meramente pessoal. Não posso dar um exército só para levar a tribunal uma prostituta! Admito que todos os Gregos têm razões de sobra para odiarem Tróia e os Troianos, mas nenhum dos reis meus vassalos consideraria a fuga voluntária de Helena razão suficiente para declararem guerra a Tróia.
- Tudo o que eu te peço é um exército formado pelas minhas e pelas tuas tropas, Agamêmnon!
- Tróia reduziria os nossos homens a pó, Menelau. Consta que o exército de Príamo tem cerca de cinqüenta mil soldados - expliquei-lhe eu.

Nesse instante, Clitemenestra deu-me uma cotovelada nas costas.

- Marido, já esqueceu do Juramento? - perguntou. - Graças ao Juramento do Cavalo Esquartejado, pode formar um exército muito maior! Cem reis e príncipes pronunciaram esse Juramento!

Abri a boca para informá-la que as mulheres não passavam de uns seres idiotas, mas fechei-a imediatamente sem lhe dizer uma única palavra. A Sala do Trono não ficava longe; foi para lá que fui sem mais demoras. Sentei-me na Cadeira do Leão, as minhas mãos coladas às garras que rematavam os seus braços, e refleti.

Um dia antes, apenas, recebera uma delegação de reis de toda a Grécia, protestando contra o encerramento do Helesponto e as conseqüências daí advindas. Já não tinham dinheiro que chegasse para comprar estanho e cobre aos estados da Ásia Menor. As nossas reservas de metais - e, em particular, de estanho - haviam chegado ao fim; as relhas dos arados, agora, eram feitas com madeira e osso. Se as nações da Grécia queriam sobreviver, teriam de acabar com a política troiana de deliberada exclusão dos mercadores gregos. A norte e a oeste, as tribos bárbaras começavam a concentrar-se, prontas a exterminarem-nos, tal como, outrora, nós havíamos exterminado os primitivos Gregos. E onde iríamos nós buscar o bronze necessário para produzir os milhões de armas de que precisávamos para enfrentarmos essas tribos?

Escutara os reis meus vassalos e prometera-lhes uma solução. Sabendo que não havia outra solução senão a guerra - mas sabendo também que muitos desses reis recusariam a mais desesperada

das medidas. Agora, um dia depois, tinha nas minhas mãos os meios necessários. Clítemenestra mostrara-me como. Eu era um homem no pleno apogeu das suas capacidades e participara já em muitas guerras - e era um bom guerreiro, um bom militar. Sim... eu era capaz de chefiar uma invasão de Tróia! Helena me serviria de pretexto... O astuto Ulisses previra a guerra sete anos antes, quando aconselhara o falecido Tíndaro a exigir o Juramento aos pretendentes de Helena.

Se queria que o meu nome permanecesse vivo depois da minha morte, teria de deixar grandes feitos aos vindouros. Haveria no mundo maior feito do que a invasão e conquista de Tróia? O Juramento me permitiria dispor de cerca de cem mil soldados - um número suficiente para executar uma tal missão em dez dias. E com Tróia em ruínas, quem me impediria de concentrar os meus esforços nos estados costeiros da Ásia Menor, quem me impediria de reduzi-los a meros satélites de um império grego? Pensei no bronze, no ouro, na prata, no eletro, nas jóias, nas terras a conquistar. Tudo isso seria meu: bastava-me invocar o Juramento do Cavalo Esquartejado. Sim, eu poderia construir um império para o meu povo!

A minha esposa e o meu irmão, de pé no meio da sala, não tiravam de mim os olhos; endireitei-me no trono, falei-lhes com um ar grave.

- Helena foi raptada - disse eu. Menelau abanou a cabeça, com a mais infeliz das expressões.

- Quem me dera que tivesse sido, Agamêmnon! Mas a verdade é que não foi. Helena não precisou de nenhuma coação para fugir.

Apetecia-me lhe bater. Era isso que costumava fazer-lhe quando éramos pequenos. Claro que não bati, mas confesso que tive de fazer um grande esforço para reprimir os meus impulsos. Pela Mãe, que idiota que era o meu irmão! Como era possível que o nosso pai, Atreu, tivesse feito aquele idiota chapado?

- Pouco importa a verdade, Menelau! - atirei-lhe, furioso. Dirá a todo mundo que ela foi raptada! A mais leve sugestão de que a fuga dela foi voluntária destruirá tudo - ainda não percebeu? Se obedecer às minhas ordens sem discussões, garanto-te que, recorrendo ao Juramento, reunirei um exército imenso!

O mais infeliz dos homens ganhou um ânimo novo; a escuridão deu lugar à luz.

- Isso mesmo, Agamêmnon, isso mesmo! Olhei de relance para Clítemenestra. Havia nos seus lábios um amargo sorriso. O meu irmão era um imbecil, a irmã dela não lhe ficava atrás, e ambos estávamos perfeitamente conscientes disso.

Um criado encontrava-se ao fundo da sala, demasiado longe para ouvir a nossa conversa; bati as palmas para que se aproximasse.

- Vá chamar Calcas - ordenei.

O sacerdote entrou na sala momentos depois. Prostrou-se a meus pés. Olhei-lhe para a nuca, perguntando-me que motivo o trouxera efetivamente a Micenas. Calcas era um troiano da mais alta nobreza. Até há pouco tempo, fora um dos supremos sacerdotes de Apolo em Tróia. Quando de uma peregrinação a Delfos, a pitonisa dissera-lhe que deveria servir Apolo em Micenas. Ordenara-lhe ainda que não regressasse a Tróia e que nunca mais voltasse a servir o Apolo troiano. Depois de ter aparecido na minha corte, mandei um enviado a Delfos para confirmar a história; a pitonisa não deixou margem para dúvidas - era tudo verdade. Calcas teria de ser sacerdote de Micenas porque o Senhor da Luz assim o queria. Tenho de admitir, por outro lado, que nunca me dera razões para que eu suspeitasse de uma eventual traição. Dotado da Segunda Visão, informara-me, poucos dias antes, que o meu irmão me viria procurar devido a um grave problema.

A sua aparência era desagradável, pois Calcas era uma raridade entre as raridades - um albino verdadeiro. A cabeça era completamente calva, a pele tão branca como a barriga de um peixe. Os olhos eram rosa-escuro e muito vesgos, numa cara enorme e redonda que exibía uma expressão permanente da mais absoluta estupidez. Pura ilusão: Calcas seria tudo, menos estúpido.

Enquanto se endireitava, tentei sondar a sua mente. Contudo, era impossível ler fosse o que fosse naqueles olhos nublados, como que cegos.

- Calcas, há quanto tempo deixaste o rei Príamo?

- Há cinco luas, rei Agamêmnon.

- O príncipe Páris já tinha regressado de Salamina?

- Não, rei Agamêmnon.

- Pode retirar-se. Notei no seu ar que tinha ficado ofendido por eu o ter tratado tão sumariamente; era evidente que, em Tróia, estava habituado a ser tratado com mais deferência. Mas Tróia adorava Apolo como deus supremo, ao passo que, em Micenas, o deus supremo era Zeus. Devia ser uma humilhação terrível para ele, um troiano, ser obrigado por Apolo a servir numa terra onde era rebaixado. Bati de novo as palmas.

- Chamem o arauto-mor. Menelau suspirou, lembrando-me que continuava ali, na Sala do Trono; embora eu não me tivesse esquecido, por um só momento, de que Clitemenestra ainda ali estava.

- Coragem, irmão. Nós traremos Helena de volta. Ninguém pode infringir o Juramento do Cavalo Esquartejado. Terá o seu exército na Primavera do próximo ano.

O arauto-mor entrou.

- Aauto, enviará mensagens a todos os reis e príncipes da Grécia e de Creta que pronunciaram o Juramento do Cavalo Esquartejado, diante do rei Tíndaro, há sete anos. O funcionário encarregado dos Juramentos sabe de cor os seus nomes. Os teus mensageiros recitarão aquilo que te vou ditar: "Rei – ou príncipe, ou seja lá o que for - eu, vosso suserano, Agamêmnon, rei dos reis, ordeno-vos que se desloquem imediatamente a Micenas, a fim de discutirmos o Juramento que pronunciaram quando do casamento da rainha Helena com o rei Menelau." Decorou tudo?

Orgulhoso da sua memória, o arauto-mor acenou que sim.

- Decorei tudo, rei Agamêmnon.

- Então, faz o que te ordenei.

Clitemenestra e eu livramo-nos de Menelau, dizendo-lhe que precisava de um banho. Desandou imediatamente, todo feliz; Agamêmnon, o irmão mais velho, tinha a situação controlada - portanto, o menino podia descansar.

- Supremo rei da Grécia é um título grandioso - disse Clitemenestra mas rei supremo do Império Grego é incomparavelmente melhor.

Fitei-a com um sorriso arreganhado.

- Também acho, mulher.

- Agrada-me a idéia de Orestes herdar um tal título - disse ela, sonhadora. Um comentário que dizia tudo sobre Clitemenestra. No seu coração selvagem, a minha rainha era uma chefe, uma mulher que achava humilhante ter de se vergar ao poder de alguém ainda mais forte do que ela. Eu estava perfeitamente consciente das ambições dela; sabia que ela ansiava substituir-me no trono, que ansiava fazer renascer a Velha Religião e usar o rei unicamente como um símbolo vivo da sua fertilidade. E mandá-lo para o machado quando a terra gemesse de dor. O culto de Mãe Kubaba, na ilha de Pélops, não estava ainda suficientemente reprimido. O nosso filho, Orestes, era muito pequeno ainda; nascera quando eu já desesperava de ter um filho varão. Electra e Crisótemis eram já púberes quando ele nascera. Um filho varão era um rude golpe para Clitemenestra; a minha mulher nutria a esperança de governar através de Electra; ultimamente, porém, transferira toda a sua afeição para Crisótemis. Electra adorava o pai, não a mãe. Contudo, Clitemenestra não desarmava. Agora que tínhamos certeza de que Orestes, um bebê forte e saudável, sucederia ao pai, a mãe esperava que eu morresse antes que ele tivesse a idade necessária para subir ao trono. Depois, governaria através dele. Ou através da nossa filha mais nova, Ifigênia.

Alguns dos homens que haviam pronunciado o Juramento do Cavalo Esquartejado chegaram a Micenas antes de Menelau ter regressado de Pilos com o rei Nestor. De Micenas a Pilos era uma longa distância; muitos dos reis que vieram viviam mais perto da minha capital. Palamedes, o filho de Náuplio, não demorou muito a chegar. A sua presença alegrou-me muito: só Ulisses e Nestor eram mais sábios do que ele.

Estava conversando com Palamedes na Sala do Trono, quando reparei que havia alguma agitação entre o pequeno grupo de reis menos importantes que se encontravam na sala. Palamedes, reparando no mesmo que eu, sufocou um risinho.

- Por Heracles, que colosso! Deve ser Ájax, o filho de Télamon. Que vem ele aqui fazer? Era apenas uma criança quando o Juramento foi pronunciado e o pai dele não estava lá.

O jovem avançou decididamente na nossa direção: era sem dúvida o homem mais corpulento de toda a Grécia; os seus ombros e a sua cabeça erguiam-se mais alto do que todos os presentes. Pertencendo a um grupo de jovens que aderira a um regime rigorosamente atlético, Ájax desprezava a comum blusa; fosse qual fosse a estação do ano, fizesse frio ou sol, andava de tronco nu e descalço. Não conseguia tirar os olhos do seu peito maciço, dos poderosos músculos dos braços e das pernas, sem sombra de gordura. De cada vez que punha um pé nas minhas lajes de mármore, parecia até que as paredes tremiam.

- Dizem que Aquiles, o primo dele, é quase tão grande como ele - comentou Palamedes.

- Isso não nos interessa - retorqui, irritado. - Os senhores do norte nunca se dignam prestar homenagem a Micenas. A Tessália, pensam eles, é suficientemente forte para ser independente.

- Bem-vindo, filho de Télamon - disse eu. - Que te traz a Micenas? Os seus olhos infantis examinaram-me serenamente.

- Vim oferecer os serviços de Salamina, rei Agamêmnon, em representação de meu pai, que se encontra doente. Disse-me que seria uma boa experiência para mim.

Fiquei sinceramente satisfeito. Pena que o outro filho de Éaco, Peleu, fosse tão arrogante. Télamon reconhecia os seus deveres para com o rei supremo; em contrapartida, ninguém estaria à espera de que Peleu, Aquiles e os Mirmidões aparecessem.

- Agradecemos a tua presença, filho de Télamon. Sorrindo, Ájax deixou-nos e encaminhou-se, com a sua possante passada, na direção de alguns amigos que o saudavam freneticamente. De súbito, porém, parou, e virou-se para mim.

- Esquecia-me de uma coisa, rei Agamêmnon. O meu irmão Teucro está comigo. Ele pronunciou o Juramento.

Palamedes estava ainda rindo, ainda que ocultasse o riso com uma mão.

- Será que vamos abrir uma escola para rapazinhos do campo, Agamêmnon?

- Sim, é de fato pena que o rapaz seja um brutamontes. Mas não podemos menosprezar as tropas de Salamina.

À hora do jantar, ao entardecer, tinha já comigo Palamedes, Ájax, Teucro, o outro Ajax da Lócrida, conhecido como o pequeno Ájax, Menesteu, o rei supremo da Ática, Diomedes de Argos, Toas da Etólia, Eurípilo de Orménion, e outros mais; para minha grande surpresa, alguns dos que tinham vindo não haviam pronunciado o Juramento. Disse-lhes que tencionava invadir a península de Tróia conquistar a cidade e libertar o Helesponto. Pensando na reabilitação do meu irmão, alonguei-me na descrição das perfídias de Páris, mas a verdade é que nenhum dos presentes se deixou iludir; eles sabiam muito bem quais eram as verdadeiras razões daquela guerra.

- Nos últimos tempos, os nossos mercadores têm-nos massacrado com protestos: querem, e com razão, que o Helesponto seja reaberto. Precisamos de mais estanho e cobre. Os bárbaros canibais do norte e do oeste já começaram a cobiçar as nossas terras. Alguns de nós governam estados que se tornaram demasiado populosos, com todas as consequências que daí advêm - pobreza, agitação, motins, conspirações. - Fitei-os com um ar grave. - Que ninguém se iluda: Helena não é o único objetivo desta guerra. Esta expedição contra Tróia e os estados do litoral da Ásia Menor não conduzirá apenas a uma acumulação de riquezas e à obtenção de bronze barato. Esta expedição oferece-nos a oportunidade de colonizar territórios ricos e pouco povoados com os nossos excedentes populacionais. O mundo em torno do Egeu fala já Grego com mais ou menos sotaque. Mas imaginem que todo esse mundo em torno do Egeu se torne grego! Imaginem a Grécia não como um simples reino, mas como um império!

Ah, eles adoravam ouvir tais palavras! Todos morderam avidamente a isca; terminado o discurso, nem precisei de invocar o Juramento, e ainda bem que assim foi. A avareza era melhor capataz do que o medo. Claro que Atenas me apoiava inteiramente; nunca duvidei da cooperação de Menesteu. Cooperação que encontrei também em Idomeneu de Creta, o terceiro rei supremo. Mas o quarto Peleu - não me apoiaria. Quando muito, contaria apenas com a ajuda de alguns dos seus reis vassalos.

Vários dias depois, chegou Menelau com Nestor. Ordenei que trouxessem imediatamente o ancião à minha presença. Mandeí embora Menelau e reunimo-nos, com Palamedes, no meu salão privado; mandava a prudência que Menelau continuasse a acreditar que Helena era a única e exclusiva razão para aquela guerra. Não lhe ocorrera ainda qual seria o inevitável desfecho do suposto resgate de Helena - e ainda bem. Logo que estivesse nas nossas mãos, Helena teria de dizer adeus à sua cabeça.

Não fazia idéia de qual seria a idade do rei de Pilos. Era eu ainda um rapaz e já ele era um velho de cabelos brancos. Era senhor de uma sabedoria notável e o seu discernimento continuava tão agudo como no tempo em que eu era um jovem; não havia sinal de senilidade nos seus penetrantes e brilhantes olhos azuis, não havia sombra de tremuras nos seus dedos carregados de anéis.

- Diga-me, Agamêmnon, afinal qual é a verdadeira razão de tudo isto? perguntou-me. - O teu irmão está cada vez mais tonto! A sua saúde mental não melhorou nada... Tudo o que me disse foi que Helena fora raptada - uma história muito estranha... Nunca me pareceu que Helena precisasse de ser forçada... E não me venha dizer que Menelau convenceu o irmão a satisfazer-lhe os caprichos! Uma guerra por causa de uma mulher? Francamente, Agamêmnon.

Meu caro Nestor, as razões desta guerra são o estanho, o cobre, o alargamento das vias mercantis, a livre passagem através do Helesponto e a colonização do litoral da Ásia Menor. A fuga de Helena com o tesouro do meu irmão é, muito simplesmente, o mais perfeito dos pretextos.

- Hum. - Nestor franziu os lábios. - Fico contente por te ouvir falar assim. Está contando com quantos homens?

- As informações de que dispomos referem oitenta mil soldados. Com mais de vinte mil ajudantes não combatentes, teremos mais de cem mil homens. Deveremos fazer-nos ao mar em cerca de mil navios, na próxima Primavera.

- Uma campanha gigantesca, Agamêmnon. Espero que estejam a planeá-la com todos os cuidados.

- Naturalmente - retorqui eu com um ar altivo. - No entanto, será uma guerra muito breve - um tão grande número de homens arrasará Tróia em poucos dias.

Os olhos dele arregalaram-se de surpresa.

- Acha que sim? Tem mesmo certeza disso, Agamêmnon? Alguma vez esteve em Tróia?

- Não.

- Mas já deve ter ouvido falar das muralhas troianas...

- Claro que já ouvi falar! No entanto, Nestor, não há muralhas que resistam a uma centena de milhar de homens.

- Talvez... Te daria, porém, um conselho: espere que os teus navios aportem em Tróia. Poderá então ter uma idéia mais precisa da situação. Tróia, ao que se diz, é o oposto de Atenas, que possui uma cidadela fortificada e uma única muralha que se estende na direção do mar. Não, Tróia encontra-se completamente cercada por verdadeiros baluartes. Acredito que o desfecho da campanha seja a tua vitória. Mas acredito também que será uma longa campanha....

- Teremos de concordar que, quanto a este ponto, divergimos, rei Nestor retorqui eu, firmemente.

Nestor suspirou.

- Seja como for, nem eu, nem nenhum dos meus filhos, pronunciou o Juramento; contudo, podes contar com o nosso apoio. Se não acabarmos com o poder de Tróia e dos estados da Ásia Menor, Agamêmnon, nós - e a Grécia depressa pereceremos! - Pôs-se a olhar para os anéis, após o que perguntou: Onde está Ulisses?

- Mande um mensageiro a Ítaca.

- Oh! Ulisses não vem com simples mensagens... - disse Nestor.

- Tem de vir! Ele também jurou!

- Os Juramentos nada significam para um homem como Ulisses. Não que possamos acusá-lo de sacrilégio - mas a verdade é que foi ele quem concebeu todo este plano! Provavelmente, pronunciou muito baixinho o Juramento do fim para o princípio e ninguém deu por isso. No fundo, Ulisses é um homem que adora a tranquilidade e, segundo consta, adaptou-se com a maior das felicidades à rotina doméstica. Disseram-me que havia perdido todo o seu velho interesse pela intriga. Não, Agamêmnon, ele não quererá ir contigo. Mas tens de contar com ele entre os teus chefes.

- Eu sei, rei Nestor.

- Então vai buscá-lo tu - retorqui Nestor. - Leva Palamedes contigo. E soltou um risinho malandro.

- Para apanhar um ladrão, não há melhor do que outro ladrão...

- Acha que leve Menelau? Os olhos dele cintilaram de divertimento.

- Sem a menor dúvida. Sempre é uma maneira de pôr Menelau a falar mais de sexo e menos de economia...

Fizemos a primeira etapa da nossa viagem por terra e, numa pequena aldeia da costa ocidental da ilha de Pélops, embarcamos rumo a Ítaca. Mal chegamos à praia, examinei a ilha e confesso que fiquei triste com o que vi - era uma ilha pequena, rochosa, algo árida; enfim, não seria por certo o mais adequado dos reinos para a mente mais notável do mundo. Enquanto avançava a pé por um caminho de pastores que conduzia à única cidade da ilha, amaldiçoei Ulisses por nem sequer se preocupar em assegurar a existência de transportes na única praia da ilha onde um barco poderia aportar. Na cidade, contudo, conseguimos encontrar uns quantos burros infestados de pulgas; profundamente satisfeito por nenhum dos meus cortesãos estar presente (que triste espetáculo, o rei supremo empoleirado num burro!), segui na direção do palácio.

Apesar de pequeno, o palácio foi uma verdadeira surpresa. O exterior era magnífico, os pilares eram enormes, as pinturas levavam-nos a pensar que o interior seria por certo suntuoso. Claro que o dote da esposa de Ulisses incluía vastas extensões de terra, baús cheios de ouro e jóias reais. O pai de Penélope, Icário, fartara-se de protestar contra uma tal união, pois não queria dar a filha a um homem que, até para ganhar uma corrida, usava de artimanhas! A verdade, porém, é que agora Penélope era a esposa de Ulisses.

Contava que Ulisses estivesse à nossa espera no pórtico; era mais do que provável que a notícia da chegada tivesse chegado já ao palácio, levada pelos habitantes da cidade. Porém, quando finalmente

deixámos os nossos ignóbeis corcéis, verificámos que o palácio estava tão silencioso quanto deserto. Nem os criados se dignavam aparecer! Tomei o comando do grupo e avancei pelas salas do palácio

- Por Zeus, que frescos maravilhosos! Excelentes, sem dúvida! - sentindo-me mais perplexo do que ofendido por descobrir que, de uma ponta a outra do palácio, não havia sinal de vida. Nem sequer aquele maldito cão, Argos, que Ulisses levava para todo o lado, se dignava ladrar aos visitantes.

Um par de magníficas portas de bronze disse-nos onde ficava a Sala do Trono; Menelau abriu-as. Ficamos no vão da porta, pasmados, apreciando a qualidade da arte e a perfeita distribuição das cores, até que os nossos olhos repararam numa mulher que estava sentada no último degrau do estrado do trono e que chorava rios de lágrimas. A cabeça estava parcialmente tapada pelo manto; porém, quando o ergueu, logo descobrimos de quem se tratava, pois o seu rosto estava tatuado com uma teia azul, a qual tinha no meio uma aranha carmim: a insígnia de uma mulher consagrada a Palas Atena, no seu disfarce de tecedeira. Penélope era tecedeira.

Levantou-se num repente e logo caiu de joelhos para beijar a bainha do meu saiote.

- Rei Agamêmnon! Não estávamos à tua espera! Ah, é muito triste a recepção que te ofereço! - E rompeu de novo a chorar.

Fiquei parado olhando para aquela cena, sentindo-me o mais ridículo dos homens: uma mulher histérica enroscada nas minhas pernas! Olhei de relance para Palamedes e não consegui evitar um sorriso. Como esperar o trivial, se estávamos na corte de Ulisses? Palamedes inclinou-se para mim e disse-me ao ouvido:

- Rei Agamêmnon, vou dar uma volta às imediações para ver se descubro alguma coisa. Me dá licença?

Acenei que sim, após o que tratei de erguer a chorosa Penélope.

- Então, prima, acalme-se. Conte-me o que se passa - disse-lhe.

- Foi o rei, primo! - disse ela. - O rei enlouqueceu! Ah, primo, Ulisses está louco varrido ... ! Nem sequer reconhece a sua esposa! Está lá em baixo, no pomar sagrado! Fala sozinho e só diz disparates, coitado!

Palamedes regressou a tempo de ouvir aquilo.

- Temos de ir vê-lo, Penélope - disse eu.

- Vão vê-lo, vão... - disse ela, soluçando. Penélope conduziu-nos até às traseiras do palácio, de onde se viam terras de cultivo que se espalhavam em todas as direções; o centro de Ítaca era muito mais fértil do que o litoral. Íamos nós descendo a escadaria das traseiras quando apareceu uma velha com um bebê bo colo.

- Rainha, o príncipe não pára de chorar! Há muito que devia ter mamado! Penélope pegou logo na criança, embalando-a nos seus braços.

- É o filho de Ulisses? - perguntei.

- Sim, é Telêmaco. Fiz-lhe umas cócegas no rosto, após o que tratei de avançar; o destino do seu pai era muito mais importante. Passamos por oliveiras muito velhas - tão velhas que os seus troncos torturados eram mais grossos do que touros - e nos vimos por fim numa área murada que seria talvez o pomar, ainda que tivesse mais terra seca do que árvores de fruto. E foi nesse instante que vimos Ulisses. Menelau murmurou qualquer coisa numa voz estrangulada, mas eu nem murmurar consegui. Ulisses estava arando a terra com o duo mais estranho que eu jamais vira preso a um arado - um boi e uma mula! Os animais puxavam cada um para seu lado, o arado erguia-se da terra e girava obliquamente, os sulcos que fazia na terra eram tão tortuosos como Sísifo. Sobre a cabeleira vermelha, Ulisses trazia um chapéu de feltro de camponês e atirava não sei o quê, a esmo, por sobre o ombro esquerdo.

- Que ele está fazendo, Penélope? - perguntou Menelau.

- A semear sal - respondeu ela, impassível. Tagarelando disparatadamente consigo mesmo, rindo-se desvairadamente, Ulisses continuou a arar e a semear o seu sal. Tinha-nos visto certamente, mas os seus olhos não nos tinham reconhecido. Não havia dúvida: o brilho daqueles olhos era inconfundível, era o brilho da loucura! Perdêramos o homem de quem mais precisávamos!

Não suportava assistir por mais tempo àquela triste cena.

- Vamos embora, deixemo-lo em paz - disse.

O arado estava agora perto de nós e os animais estavam cada vez mais furiosos, cada vez mais incontrolláveis. Então, sem mais nem menos, Palamedes tirou o bebê dos braços de Penélope e, numa corrida, foi pô-lo a uma escassa distância dos cascos do boi. Com um grito estridente, Penélope tentou correr para salvar a criança, mas Palamedes deteve-a. Nesse momento, o estranho duo parou; Ulisses correu para frente do boi e pegou no filho.

- Que se passa? - perguntou Menelau. - Ele afinal está bom da cabeça?
- Tão bom da cabeça como qualquer um de nós - retorquiu Palamedes, sorridente.
- Fingiu que estava louco? - perguntei.
- Claro, rei Agamêmnon. Porque só desse modo poderia escapar ao Juramento...
- Mas como é que teve certeza disso? - perguntou Menelau, aturdido.
- Encontrei um criado à saída da Sala do Trono. O pobre homem tinha um defeito: falava pelos cotovelos. Contou-me que Ulisses consultara ontem o Oráculo. Ao que parece, se ele for para Tróia, terá de permanecer vinte anos longe de Ítaca - disse Palamedes, satisfeito com o seu pequeno triunfo.

Ulisses entregou o bebê a Penélope - que, agora, estava chorando de verdade.

Todos sabiam que Ulisses era um grande ator, mas, pelos vistos, Penélope não ficava atrás. Estavam mesmo bem um para o outro. Os olhos cinzentos de Ulisses não largavam Palamedes, enquanto o seu braço descansava sobre os ombros da mulher. Era uma cara de poucos amigos, a de Ulisses. Palamedes atraía o ódio de alguém que era capaz de esperar uma vida inteira pela vingança perfeita.

- Fui descoberto - disse Ulisses, sem sombra de arrependimento. Sempre é verdade que precisas dos meus serviços, rei Agamêmnon?

- Preciso, sim, Ulisses. Mas diga-me: porquê uma tão grande relutância?

- Porque a guerra contra Tróia será longa e sangrenta, rei Agamêmnon, e eu não gostaria nada de participar nela.

Outro que assegurava que seria uma longa campanha! Mas como poderia Tróia resistir a cem mil homens, por muito altas que fossem as suas muralhas?

Regressei a Micenas com Ulisses, depois de o ter posto a par de todos os fatos. Não valia a pena dizer a Ulisses que Helena fora raptada. Como de costume, o rei de Ítaca revelou-se uma mina de conselhos e informações. Nem por uma vez se virou para ver a sua ilha esbater-se no horizonte; nem por uma vez deu mostras de que teria saudades da mulher - nem ela dele, já agora. Ulisses e Penélope, a mulher da face tatuada com uma teia, eram criaturas que sabiam controlar muito bem as suas emoções e que viviam num mundo de segredos.

Quando chegamos ao Palácio do Leão, verifiquei que o meu primo Idomeneu de Creta já tinha chegado. Estava desejoso de participar na minha expedição a Tróia - por um preço, evidentemente. Pediu-me o título de co-comandante: um pedido que tratei de satisfazer sem demora. Co-comandante ou não, se curvaria perante as minhas ordens. Idomeneu tivera uma paixão assolapada por Helena e reagiu muito mal à sua fuga (a ele, também tive de contar a verdade).

Poucos tinham faltado à chamada. Entretanto, enquanto os meus funcionários decoravam aquilo que havia a decorar, todos os construtores de navios da Grécia se lançaram energeticamente ao trabalho. Felizmente, nós, os Gregos, éramos os melhores construtores de navios do mundo e possuíamos vastas florestas de pinheiros e abetos, todo o pez de que precisávamos, graças à muita resina, e escravos em número suficiente para darem os seus cabelos que depois seriam misturados com o pez, e suficientes cabeças de gado para obtermos a necessária pele para as velas. Não tínhamos a menor necessidade de encomendar navios a estrangeiros que, assim, ficariam conhecendo os nossos planos. O total era ainda melhor do que eu tinha previsto: com efeito, foram-me prometidos mil e duzentos navios e mais de cem mil homens.

Logo que a frota começou a ser construída, convoquei o meu conselho restrito. Nestor, Idomeneu, Palamedes e Ulisses estudaram comigo todos os pormenores da campanha. Por fim, pedi a Calcas que realizasse um augúrio.

- Uma boa idéia - disse Nestor, que gostava de se mostrar deferente com os deuses.

- Que te disse Apolo, sacerdote? - perguntei a Calcas. - Tudo correrá bem na nossa expedição?

Calcas não hesitou.

- Só se da tua expedição fizer parte Aquiles, o sétimo filho do rei Peleu.

- Oh, Aquiles, Aquiles! - exclamei, furioso. - Para onde quer que me vire, só ouço esse nome!

Ulisses encolheu os ombros.

- É um grande nome, Agamêmnon.

- Essa é boa! O rapaz ainda nem sequer tem vinte anos!

- Mesmo assim - disse Palamedes - creio que deveríamos nos informar melhor acerca dele. - Virou-se para Calcas. - Quando sair, sacerdote, diz a Ajax, o filho de Télamon, que venha ter conosco.

Calcas não gostava de receber ordens dos Gregos. Mas obedecia, o albino vesgo. Teria percebido de que eu mandara espiar todos os seus movimentos? Só por precaução...

Ajax apareceu pouco depois.

- Fale-me de Aquiles - disse eu. Este simples pedido levou-o a desfiar um rosário de superlativos que, pelo menos a mim, me deixaram com os nervos em frangalhos. Por outro lado, não nos disse nada que nós não soubéssemos. Agradei-lhe e mandei-o embora. Mas que brutamontes!

- Então? - perguntei ao meu conselho.

- Aquilo que nós pensamos ou deixamos de pensar não interessa para o caso, Agamêmnon - disse Ulisses. - O sacerdote diz que temos de ter Aquiles.

- Mas Aquiles não virá se Agamêmnon lhe ordenar - disse Nestor.

- Muito obrigado, isso também eu sei! - atirei-lhe.

- Acalme-se, Agamêmnon - disse o ancião. - Peleu já não é nenhum jovem. Ele não estava presente quando ocorreu o Juramento. Nada o obriga a apoiar-nos, tão-pouco nos ofereceu o seu apoio. No entanto, pensa um pouco, Agamêmnon... Imagina o que não seria o nosso exército se pudéssemos contar com os Mirimídões!

A sua voz enfatizou aquele nome mágico: "os Mirmidões"... Impôs-se na sala um pesado silêncio que o próprio Nestor quebraria momentos depois.

- Preferia ter um mirmidão nas minhas costas do que meia centena de homens de outros povos - disse.

- Nesse caso - disse eu, decidido a castigar alguns dos meus conselheiros, sugiro-te, Ulisses, que leve Nestor e Ájax a Iolcos e que solicite ao rei Peleu os serviços de Aquiles e dos Mirmidões.

Capítulo Nono

Narrado por Aquiles

Estava já perto dele: já lhe sentia o cheiro desagradável, já lhe sentia a fúria.

Empunhando firmemente a lança, rastejei na sua direção por entre as moitas. Sentia já o seu hálito enquanto ele farejava à sua volta, sentia o pó que as suas patas levantavam ao revolverem o chão. Foi então que o vi. Era tão grande como um touro pequeno, o corpanzil assente em curtas e vigorosas pernas, a cerda negra eriçada, os beiços largos e cruéis abertos, revelando as presas encurvadas e amareladas. Os olhos dele eram os olhos de quem estava condenado ao Tártaro; via já as fúrias diante de si; a ira tremenda das brutas feras dominava-o por completo. Velho, selvagem, um assassino de homens.

Gritei bem alto para lhe dizer que estava ali. De início, não se mexeu; depois, lentamente, virou para mim a cabeça maciça. Uma nuvem de pó ergueu-se do chão enquanto dava às patas, enquanto baixava o focinho e rasgava um momento de terra com as presas, ganhando forças para a carga. Avancei para ele, mantendo a minha Velha Pélion preparada para o embate, desafiando-o a avançar também. A visão de um homem enfrentando-o com tamanha ousadia era para ele uma novidade; por um momento, pareceu ficar sem saber o que fazer. Depois, desatou num trote portentoso que fazia tremer o chão, um trote que depressa se transformou num verdadeiro galope. Era espantoso, simplesmente espantoso, que uma grande criatura conseguisse correr tão depressa.

Calculei a altura a que ele investiria e permaneci onde estava, as mãos cravadas na Velha Pélion, a ponta um pouco para cima, a base no chão. Estava mais perto agora. Impelido por todo o peso que os seus ossos suportavam, poderia ter deitado abaixo um tronco de árvore que lhe atravessasse o caminho. Quando vi as chispas de fogo dos seus olhos, agachei-me e, logo em seguida, arremeti contra ele e enterrei-lhe no peito a Velha Pélion. Ele abraçou-me; caímos os dois no chão e as minhas vestes e o meu corpo logo ficaram encharcados daquele sangue que jorrava fumegante. Porém, depressa me ergui e, com as mãos ferradas na haste da lança, arrastei-o: uma tarefa difícil, já que os meus pés escorregavam naquele sangue lodoso. E foi assim que ele morreu, assombrado com o fato de ter encontrado alguém mais forte do que ele. Arranquei-lhe do peito a Velha Pélion, cortei-lhe as presas - um belíssimo troféu para adornar o elmo de um guerreiro e ali o deixei ficar: ali morreria, ali apodreceria.

Não muito longe, avistei uma pequena enseada. Desci por um caminho de cobras, ao fundo do qual passava um riacho que serpenteava a caminho do mar. Ignorando o cintilante convite das águas do riacho, corri pela areia a caminho das ondas. Com a água do mar, limpei o sangue que o javali me deixara nos pés e nas pernas, na minha roupa de caça e na Velha Pélion. Depois de ter despido a roupa e de a ter posto a secar na areia, corri para as ondas e nadei preguiçosamente por um tempo. Por fim, deitei-me na areia, ao pé da lança e das roupas.

É possível que tenha dormido por um breve período. Ou, quem sabe, talvez o sortilégio estivesse, nesse momento, produzindo seu efeito. Por muito que tente lembrar-me, não saberei dar uma resposta. Só

sei que a minha percepção das coisas se apagou. Quando voltei a mim, o Sol estava já a esconder-se por detrás das copas das árvores e o ar arrefecera um pouco. Tempo de partir: Pátrocles já devia estar ansioso.

Levantei-me, decidido a pegar nas minhas coisas e a vestir-me, mas, Com esse simples ato, todo o meu equilíbrio mental se desmoronou. Como explicar o inexplicável? Depois de tudo passado, só encontrei uma palavra para definir aqueles momentos: a palavra “sortilégio”. Um período durante o qual me vi separado da realidade, embora me mantivesse ligado a uma qualquer espécie de mundo, Um cheiro fétido, que associei à morte, invadiu-me as narinas, e a praia toda se encolheu e ficou do tamanho de um grão, ao passo que um templo que havia no promontório se ergueu de súbito, tornando-se tão desmesuradamente grande que cheguei a pensar que as paredes gigantescas se despenhariam e cairiam em cima de mim. Aquele mundo era um mundo de contradições, em que o pequeno se tornava gigantesco e o grande minúsculo.

Dei-me conta de que, dos cantos da minha boca, escorria uma água salobra. Então, vencido pelo terror, arrasado por uma desolação solitária feita de lágrimas e impotência, deixei-me cair de joelhos na areia; por outro lado, e apesar de toda a minha juventude e força, nada podia fazer para erradicar o pavor mortal que me invadia. A minha mão esquerda começou a tremer, o lado direito do meu rosto crispava-se em espasmos, a minha espinha endireitava-se para logo se arquear. Apesar de tudo, consegui não perder a consciência e, com hercúlea força, impedi que as convulsões atingissem um paroxismo do qual por certo não haveria regresso. Quanto tempo terá durado o sortilégio? Não faço idéia. Sei apenas que, quando recuperei a minha força natural, o Sol já tinha se posto e o céu estava tingido de rosa, O ar estava quieto, parado, repleto da música das aves.

Tremendo como um homem acometido de febre, levantei-me; na boca, sentia um sabor de coisa podre. Não parei para me vestir ou para pegar na Velha Pélion. Tudo o que queria era regressar ao acampamento, era morrer nos braços de Pátrocles.

Mal me viu, Pátrocles correu ao meu encontro. Inquieto com o meu estado, tratou logo de me deitar num leito de peles quentes, junto à fogueira. Bebi um nada de vinho e, momentos depois, comecei a sentir a vida - a normal vida humana - retornando aos músculos, aos tendões, aos ossos; já liberto das garras do pânico, sentei-me no meu leito e, com uma gratidão maior do que o mundo, escutei o martelar ainda nervoso do meu coração.

- Que aconteceu? - ouvi Pátrocles perguntar.
- Um sortilégio - respondeu a minha voz estrangulada. - Um sortilégio.
- O javali te feriu? Deste alguma queda?
- Não, nada disso. Matei o javali com a maior facilidade. Depois, fui até à praia a fim de lavar o sangue que o animal derramara. Foi então que o sortilégio tomou conta de mim.

Pátrocles caiu de joelhos, os olhos esbugalhados.
- Que Sortilégio, Aquiles?
- Foi... foi como se a morte tivesse vindo ao meu encontro. Eu cheirei a morte, senti o seu sabor na minha boca. A enseada ficou minúscula, o templo tornou-se gigantesco - o mundo rodopiava e ganhava uma nova forma como se Proteu fosse o mundo. Pensei que ia morrer, Pátrocles! Nunca me senti tão sozinho! Estava tão paralisado como um velho e sentia tanto medo como o mais vil dos covardes! Mas eu não sou velho, nem covarde! Por isso... que terá se passado comigo? Que estranha coisa era aquele sortilégio? Terei eu pecado contra algum deus? Terei eu ofendido o Senhor dos Céus ou o Senhor dos Mares?

No seu rosto, lia eu apenas preocupação e apreensão; me diria, mais tarde, que, efetivamente, eu estava com o aspecto de quem dera à morte o beijo de boas-vindas, pois não havia nas minhas faces pingos de sangue e todo eu tremia, como uma árvore nova varrida pelo vento e as feridas e os arranhões sucediam-se de alto a baixo ao longo do meu corpo nu.

- Descanse agora, Aquiles, deixe-me te proteger do frio. Pode não ter sido um sortilégio. Talvez fosse apenas um sonho.

- Um sonho, não. Um pesadelo - disse eu.
- Coma qualquer coisa e beba mais vinho. Alguns camponeses trouxeram-nos peles, em sinal de reconhecimento por teres morto o javali.

Agarrei-me ao braço dele.

- Se não te tivesse encontrado, teria enlouquecido, Pátrocles. Não suportaria morrer sozinho.

Envolveu as minhas mãos nas suas, beijou-as.

- Aquiles, eu sou muito mais teu amigo do que teu primo. Aconteça o que acontecer, eu estarei sempre ao teu lado.

A sonolência veio finalmente, uma suave sensação que afugentava o medo. Sorri, estendi o braço para lhe afagar o cabelo.

- Tu por mim e eu por ti. Sempre assim foi.

- E sempre assim será - respondeu ele.

De manhã estava já perfeitamente bem. Pátrocles acordara antes de mim, a fogueira já estava acesa, um coelho crepitava num espeto. E também havia pão, trazido pelas camponesas, que assim agradeciam o meu feito.

- Parece completamente recomposto - disse Pátrocles, com um sorriso imenso, passando-me um naco de coelho assado sobre uma fatia de pão.

- E estou mesmo - retorqui, pegando na comida. - As tuas recordações do que se passou continuam tão vívidas como ontem à noite?

Uma pergunta que me fez estremecer; contudo, o pão e o coelho erradicaram num ápice todo o medo.

- Sim e não - respondi. - Foi um sortilégio, Pátrocles. Algum deus falou comigo e eu não entendi a mensagem.

- O tempo resolverá esse mistério - disse ele, entregando-se já às pequenas tarefas domésticas de todos os dias. Nunca permitia que eu partilhasse com ele essas tarefas. Por muito que eu fizesse, nunca consegui convencê-lo a desistir desse hábito de me servir como a um amo.

Pátrocles tinha mais cinco anos do que eu. O rei Licomedes de Círos adotara-o como seu herdeiro quando o pai de Pátrocles, Menécio, morrera, muito tempo antes, na ilha. Pátrocles era meu primo, pois Menécio fora filho bastardo do meu avô Éaco; sentíamos profundamente esse elo de sangue, pois ambos éramos filhos varões únicos e também não tínhamos irmãs. Licomedes tinha-o em alta estima, o que não espantava ninguém. Com efeito, Pátrocles era, entre os homens, uma raridade; ele era um homem verdadeiramente bom.

Concluído o desjejum e levantado o acampamento, vesti um saiote, calcei umas sandálias e tratei de encontrar novas armas: um punhal de bronze e uma outra lança. - Espera por mim aqui, Pátrocles. Não demorarei. As minhas roupas e o meu troféu estão ainda na praia, tal como a Velha Pélion.

- Deixa-me ir contigo - disse ele imediatamente, com um ar receoso.

- Não. Isto é só entre mim e o deus que quis falar comigo. Pátrocles baixou a cabeça, resignado.

- Como quiser, Aquiles.

Achando o caminho mais fácil desta vez, cheguei à praia tão depressa como um leão. A enseada pareceu-me perfeitamente inocente. Não, não era a enseada a fonte do sortilégio. Nesse exato instante, os meus olhos, vagueando sem pressas pelo promontório, detiveram-se no templo. O meu coração desatou a bater pesadamente. A minha mãe era uma sacerdotisa não oficial de Nereu e vivia em algum lugar naquele lado da ilha - seria aquele o seu domínio? Teria eu penetrado no seu território por engano, teria eu profanado algum mistério da Velha Religião e sido castigado por isso mesmo?

Subi lentamente ao ponto mais alto do promontório e aproximei-me do templo, lembrando-me agora das gigantescas paredes que o sortilégio me fizera ver.

Ah! sim, não tinha agora qualquer dúvida: aquele era o domínio de minha mãe! Não me avisara o rei Licomedes de que deveria ter o máximo cuidado com aqueles lugares onde a minha mãe, desafiando o poder do rei, instalara a sua residência?

Ela estava à minha espera nas sombras junto ao altar. De súbito, dei-me conta de que precisava usar a Velha Pélion como se ela fosse uma bengala; as minhas pernas haviam perdido toda a força; quase não conseguia manter-me direito. A minha mãe! Uma mãe que eu nem sequer conhecia!

Tão pequena de estatura! Pouco mais alta do que a minha cintura... O cabelo era uma alvura azulada, os olhos de um tom cinzento-escuro, a pele tão transparente que deixava ver as veias.

- Tu és o meu filho: aquele a quem Peleu negou a imortalidade.

- Sim, eu sou o teu filho.

- Foi ele que te mandou?

- Não. O nosso encontro deve-se a um mero acaso - disse eu, apoiando-me na Velha Pélion.

Que deveria um homem sentir quando pela primeira vez vê a sua mãe? Édipo sentiu um desejo lascivo e fez da mãe esposa e rainha. Pelos vistos, porém, não havia em mim nada do que movera Édipo, pois não sentia resquício algum de desejo, ou de admiração pela sua beleza ou pela sua visível juventude.

O que eu sentia, julgo que poderia ser resumido pelas palavras espanto, constrangimento e -sim, rejeição. Aquela estranha mulher matara os meus seis irmãos e traía o meu pai, a quem eu amava.

- Odeia-me! - gritou ela, aparentemente ofendida.
- Não é ódio. Mas não gosto de ti.
- Que nome te deu Peleu?
- Aquiles. Ela atentou na minha boca e aquiesceu com desprezo.
- Um nome muito apropriado ... ! - disse. - Até mesmo os peixes têm lábios... Tu não tens nada que se pareça com lábios. A sua ausência faz com que o teu rosto, que poderia ser belo, se assemelhe a algo de incompleto. Uma saca com uma fenda...

Ela tinha razão: eu a odiava.

- Que faz em Ciro? Peleu veio contigo?
- Não. Todos os anos passo seis luas em Ciro. Sou genro do rei Licomedes.
- Casado? Já? - disse ela, com notória maldade.
- Casei-me aos treze anos. Já tenho quase vinte. O meu filho tem seis anos.
- Lamentável, lamentável... E a tua mulher? Ainda é uma criança, como tu?
- A minha mulher chama-se Deidamia e é mais velha do que eu.
- Enfim, o melhor dos casamentos para Licomedes. E para Peleu também. Dominaram-te - amansaram-te - com a maior facilidade.

Incapaz de encontrar uma resposta, não lhe disse nada. Ela também se manteve calada. Um silêncio interminável. Eu, que fora tão bem ensinado pelo meu pai e por Quíron a mostrar deferência perante os mais velhos, não quebraria o silêncio: seria uma falta de educação. Talvez ela fosse realmente uma deusa, ainda que o meu pai o negasse sempre que bebia um pouco mais do que o costume.

- Deveria ter sido imortal - disse ela por fim.

Desatei a rir.

- Eu não quero a imortalidade! Eu sou um guerreiro, gosto das coisas humanas! Respeito os deuses, mas nunca desejei ser um deles.

- Nunca pensaste no que significa ser mortal.
- Que pode significar ser mortal, senão que terei de morrer?
- Precisamente - disse ela, num tom brando. - Terá de morrer, Aquiles. E a idéia da morte não te assusta? Dizes que és um homem, um guerreiro. Mas os guerreiros morrem cedo, antes dos homens de paz.

Encolhi os ombros.

- Em paz ou em guerra, o destino de um homem é sempre a morte. E eu prefiro morrer jovem e em plena glória do que velho e coberto de ignomínia.

Por um instante, os seus olhos ganharam um tom azul enevoado e o seu rosto ficou marcado por uma tristeza que não a imaginava capaz de sentir. Uma lágrima deslizou pela face translúcida, mas ela afastou-a impientemente e de novo se tornou uma criatura destituída de piedade.

- É demasiado tarde para discutir estas questões, meu filho. Tu terás de morrer. Mas posso oferecer-te uma escolha, porque eu vejo o futuro. Eu conheço o teu destino. Muito em breve, alguns homens virão e te pedirão que participe numa grande guerra. Se for, morrerá. Se não for, chegará a ser velho e gozará de uma imensa felicidade. Jovem e em plena glória, ou velho e coberto de ignomínia. A escolha é tua.

Pestanejei, surpreendido, e desatei a rir.

- Mas que raio de proposta é essa? A escolha é óbvia... Já te disse: prefiro morrer jovem e coberto de glória.

- Sugiro que penses um pouco no que é a morte...

Aquelas palavras penetraram-me como se fossem veneno. Olhei-a nos olhos e vi-os nadarem e dissolverem-se, e vi o rosto dela tornar-se informe, e vi o céu por cima dela diluir-se e flutuar sob os seus pés minúsculos. Tétis crescia imensa, gigantesca. No momento em que a sua cabeça penetrou as nuvens, soube que o sortilégio voltara a dominar-me - e quem me enfeitiçara. Água salobra escorria-me dos cantos da boca, o fedor da podridão enchia-me as narinas, o terror e a solidão fizeram-me cair de joelhos diante dela. A minha mão esquerda começou a tremer, o lado esquerdo do meu rosto contorcia-se em espasmos. Desta feita, porém, o sortilégio foi mais longe: perdi a consciência. Quando acordei, a minha mãe estava ao meu lado no chão, esfregando ervas docemente fragrantas entre as palmas das mãos.

- Levante-se - ordenou-me.

Incapaz de pôr um mínimo de ordem nos meus pensamentos, o corpo e a mente debilitados, levantei-me lentamente.

- Aquiles, ouça-me com atenção! - exclamou ela com uma voz poderosa. Ouça-me com atenção! Vai pronunciar um Juramento da Velha Religião - um Juramento muito mais grave e terrível do que todos os da Nova Religião. Jurará diante de Nereu, meu pai, o Velho Rei do Mar - diante da Mãe, pois é ela que a todos nós dá vida - diante de Kore, Rainha do Horror, diante dos governantes do Tártaro, lugar de tormento - diante da deusa que eu sou. Jurará agora, sabendo que tal Juramento não poderá ser infringido. Se o infringir, enlouquecerá para toda a eternidade e Círos afundará sob as ondas, tal como Tera depois do grande sacrilégio. - Apertou-me o braço com uma força impressionante. - Ouviu-me bem, Aquiles? Ouviu-me bem?

- Sim - respondi.

- Tenho de te salvar de ti mesmo - disse ela, partindo um ovo velho e muito duro em cima de sangue gorduroso e deixando que o sangue se espalhasse pelo altar. Depois, pegou-me na mão direita e mergulhou-a no sangue e no ovo. - Agora jure!

Repeti as palavras que ela me ia dizendo.

- Eu, Aquiles, filho de Peleu, neto de Éaco e bisneto de Zeus, juro que regressarei imediatamente ao palácio do rei Licomedes e que me vestirei como uma mulher. Permanecerei entre as paredes do palácio durante um ano, sempre vestido de mulher. Quando aparecer alguém perguntando por Aquiles, me esconderei no harém e não falarei com ninguém, nem mesmo através de intermediários. Deixarei que o rei Licomedes fale em meu nome e obedecerei a tudo o que ele disser. E tudo isto eu juro por Nereu, pela Mãe, por Kore, pelos governantes do Tártaro e pela deusa Tétis.

Mal concluí o juramento, a minha confusão desvaneceu-se; o mundo reencontrava os seus contornos verdadeiros e as suas cores normais e eu conseguia pensar de novo com clareza. Mas já era demasiado tarde. Nenhum homem poderia abjurar um tal juramento. A minha mãe tinha-me atado de pés e mãos à sua vontade.

- Maldita seja! - gritei, começando a chorar. - Maldita seja! Fez de mim uma mulher!

- Há uma mulher em todos os homens - disse ela, com um sorriso malicioso.

- Condenou-me à desonra!

- Não; impedi que morra cedo - retorquiu ela, e deu-me um empurrão. Vá, agora volta para Licomedes. Não precisará lhe explicar nada. Quando chegar ao palácio, ele saberá de tudo. - Os seus olhos tornaram-se de novo azuis. Fiz isto apenas por amor, Aquiles, meu pobre filho sem lábios. Eu sou a tua mãe.

Não disse nada a Pátrocles, quando o encontrei. Peguei minhas coisas e dei início à jornada que havia de nos conduzir ao palácio. E ele, concordando sempre com tudo o que eu queria, não me fez uma única pergunta. Ou talvez já soubesse aquilo que Licomedes seguramente sabia quando chegamos ao seu palácio. Estava à nossa espera no pátio, com um ar abatido, derrotado.

- Recebi uma mensagem de Tétis - disse ele.

- Nesse caso - disse eu -, já sabe o que temos de fazer.

- Sim, já sei.

A minha mulher estava sentada à janela quando entrei no seu quarto. Ao ouvir a porta, virou-se para mim. Com um sorriso cansado, abriu muito os seus braços para que eu a abraçasse. Beije-a na face e logo os meus olhos se fixaram no porto e na pequena cidade que se viam da janela.

- É tudo o que tem para me dar depois de tantos dias fora? - perguntou ela, mas sem qualquer sinal de indignação; Deidamia nunca se irritava.

- Com certeza que já está a par daquilo que todos sabem - disse eu com um suspiro.

- Tem de se vestir como uma mulher e de se esconder no harém do meu pai disse ela. - Mas só quando tivermos visitas, e nós não temos muitas visitas.

A madeira de uma das ripas da persiana começou a desfazer-se tal era a força com que eu a agarrava - tal era a minha angústia.

- Como é que eu vou fazer isto, Deidamia? Que humilhação! Que vingança perfeita! Aquela cadela escarnece da minha masculinidade!

Deidamia, aflita, levou logo a mão direita ao amuleto que afastava o mau olhado.

- Aquiles, não a enfureça mais! Ela é uma deusa! Trate-a com respeito!

- Nunca! - disse eu cheio de raiva. - Ela não tem qualquer respeito por mim, pela minha masculinidade. Ah, todos rirão de mim!

Deidamia ficou horrorizada com as minhas palavras.

- Aquiles, não vejo razão nenhuma para as pessoas se rirem! Não é caso para rirem, bem pelo contrário.

Capítulo Décimo

Narrado Por Ulisses

Os ventos e as correntes seriam sempre mais favoráveis do que o longo e tortuoso caminho por terra; por isso, seguimos por mar rumo a Iolcos, sempre perto da costa. Já perto do porto, subi ao convés com Ajax; era a primeira vez que visitava a pátria dos Mirmídonas e Iolcos pareceu-me uma bela cidade, uma cidade de cristal tremeluzindo sob o sol de Inverno. Não tinha muralhas. Por detrás do palácio, erguia-se o monte Pélion, engradado pela brancura imaculada da neve.

Ajeitei melhor as peles sobre os ombros e soprei nas mãos para as aquecer; olhei de relance para Ajax, que estava tão despido como sempre.

- Desces tu primeiro, colosso? - perguntei-lhe. Ajax aquiesceu tranquilamente; o gigante não tinha a menor inclinação para a normal conversação humana. Uma perna maciça ergueu-se sobre a amurada, encontrou o primeiro degrau da escada de corda, e o resto do corpo desapareceu rapidamente. O seu vestuário era o mesmo que lhe vira nos salões de Micenas: um saio. E a sua bela pele não revelava o menor sinal de frio. Deixei-o descer até à praia e chamei-o depois, pedindo-lhe que nos arranjasse um transporte qualquer. Bem conhecido em Iolcos, Ajax poderia escolher à vontade o transporte mais adequado.

Nestor estava todo atarefado fazendo as suas trouxas no abrigo construído no convés de ré.

- Pedi a Ajax que nos arranjasse um carro. Acha que está em condições de descer até à praia ou prefere esperar aqui? - perguntei-lhe eu com um ar irónico. Adorava picar Nestor.

- Porquê? Acredita porventura que estou senil? - atirou-me ele, erguendo-se de um salto. - É claro que espero na praia!

Resmungando, encaminhou-se decidido para o convés; afastando impacientemente a mão do marinheiro que tentava ajudá-lo, desceu a escada de corda com a agilidade de um rapaz. Ah, o maldito do velho!

Peleu estava à nossa espera para nos dar as boas-vindas. Estivera muitas vezes com ele era eu ainda um rapaz e ele um homem no apogeu das suas capacidades. Porém, desde então, nunca mais o vira. Era agora um homem velho, mas, na sua aparência, havia ainda a altivez de um rei. Um homem bem-parecido - e sábio. Pena que tivesse apenas um filho; sendo filho de Peleu, Aquiles teria de se esforçar muito se quisesse manter a reputação da sua casa.

Confortavelmente sentados diante do grande trípode de fogo, com vinho quente e adoçado à discrição, tratei de explanar as razões da nossa visita. Apesar de Nestor ser mais velho, eu fora eleito porta-voz da delegação; se a missão falhasse, o culpado seria eu e o patife do velho teria sempre escapatória.

- Peleu, Agamémnon enviou-nos a Iolcos para que te pedíssemos um favor. Os seus astutos olhos examinaram-me atentamente.

- Helena - disse ele. - As notícias viajam depressa.

- Estava à espera de um mensageiro imperial, mas a verdade é que esperei em vão. No porto de Iolcos, ninguém viu passar tal personagem.

- Como tu não pronunciaste o Juramento do Cavalo Esquartejado, não faria sentido que Agamémnon enviasse um mensageiro imperial. Nada te obriga a aderir à causa de Menelau.

- Pois ainda bem, Ulisses. Estou demasiado velho para ir para a guerra. Nestor decidiu que eu estava com demasiados rodeios.

- Na realidade, meu caro Peleu, não é a ti que procuramos - disse ele. Com efeito, o que pretendemos é assegurar os serviços do teu filho.

O rei supremo da Tessália pareceu de súbito abatido.

- Aquiles... Bom, eu tinha esperança de que não lhe fizessem tal convite, mas, de certo modo, estava à espera dele... Não duvido, aliás, que Aquiles aceite de bom grado a proposta de Agamémnon.

- Nesse caso, permite que lhe apresentemos o nosso pedido? - perguntou Nestor.

- Claro que permito - retorquiu Peleu. Sorri aliviado.

- Agamémnon agradece-te, Peleu. E eu também te agradeço. Do fundo do coração.

Fitou-me demorada e fixamente.

- Mas tu tens um coração, Ulisses? - perguntou. - Pensava que só possuías uma mente.
Uma imagem desfilou por um instante diante dos olhos da minha memória. Era Penélope, pensei, e logo a imagem se esbateu. Fitei Peleu como ele me fitava a mim.

- Não, Peleu, eu não tenho coração. Que falta faz o coração aos homens? Ter coração é um perigo, Peleu.

- Então sempre é verdade o que se diz de ti. - Pegou no seu copo, que estava sobre a mesa assente no trípode, um belo exemplar da arte egípcia. - Se Aquiles resolver participar na guerra de Tróia - disse ele então - chefiará os Mirmidões. Há mais de vinte anos que o meu povo se prepara para uma dura campanha.

Alguém entrou nesse momento; Peleu sorriu e estendeu-lhe a mão.

- Ah, Fênix! Meus senhores, apresento-lhes Fênix, meu amigo e camarada de muitos, muitos anos. Temos convidados prestigiosos, Fênix - apresento-te o rei Nestor, de Pilos, e o rei Ulisses, de Ítaca.

- Eu vi Ajax lá fora - disse Fênix, fazendo uma respeitosa vênia. A sua idade estaria entre a de Peleu e a de Nestor, mas era ainda um homem poderoso, com uma aparência marcial e o físico típico dos Mirmidões - branco, grande e atlético.

- Fênix, acompanhará Aquiles a Tróia - disse Peleu. - Cuidará dele como eu cuidaria. O protegerá do seu destino.

- Nem que para tal tenha de dar a vida, rei Peleu.

Belas palavras, pensei eu, impaciente, mas já chegava de conversa.

- Podemos então falar com Aquiles? - perguntei. Peleu e Fênix fitaram-nos espantados.

- Não sabiam que Aquiles não está em Iolcos? - perguntou Peleu.

- Não está? Então onde está ele? - perguntou Nestor.

- Em Ciro. Todos os anos, o meu filho passa as seis luas do Inverno na ilha de Ciro - ele está casado com Deidamia, a filha de Licomedes.

Irritado, dei uma palmada na coxa.

- Nesse caso, teremos de fazer mais uma viagem por mar em pleno Inverno.

- Não, de modo nenhum - disse Peleu, muito afável. - Eu mandarei chamá-lo e lhe comunicarei o vosso pedido.

Porém - fosse lá pelo que fosse - eu sabia que, se não fôssemos nós a procurá-lo, nunca veríamos Aquiles. Abanei a cabeça e retorqui:

- Não, rei Peleu, Agamêmnon não estaria de acordo. Ele disse-nos que deveríamos falar pessoalmente com Aquiles.

E foi assim que fizemos nova viagem e demandamos novo porto e, chegados a este porto, demandamos novo palácio; a diferença estava em que este novo palácio pouco mais era do que uma casa grande. Ciro era uma ilha pobre. Licomedes deu-nos as boas-vindas, mas, logo que nos sentamos para comer uma frugal refeição e beber mais frugalmente ainda, comecei a ter uma insólita sensação que, a um nível mais superficial, se traduzia por aquilo a que chamamos pele de galinha. Havia algo de estranho naquilo tudo - e não apenas no comportamento de Licomedes. Uma tensão muito peculiar impregnava a atmosfera do palácio. Criados - todos eles homens - apareciam para logo desaparecerem sem sequer olharem para nós; a fisionomia de Licomedes não conseguia esconder a pesada pressão do medo; o seu herdeiro, Pátrocles, entrou na sala e saiu tão rapidamente que cheguei a pensar se o rapaz não teria sido inventado pela minha imaginação. Porém, o mais insólito de tudo era que não se ouvia um único som feminino! Não se ouvia uma única mulher - mesmo que distante - rindo ou lamentando-se, ou gritando, ou a desfazer-se em lágrimas. Que coisa mais estranha! Claro que as mulheres não participavam nos assuntos dos homens, mas não era menos verdade que elas tinham plena consciência da sua importância na ordem instituída e que gozavam de liberdades que nenhum homem se atrevia a negar-lhes. Não esqueçamos que, durante a Velha Religião, eram elas quem governavam.

A minha pele de galinha transformara-se num inquietante formigueiro, o meu nariz começava a detectar o velho e conhecido cheiro de perigo; olhei de relance para Nestor: sim, ele sentia o mesmo que eu. Ergueu muito as sobrancelhas e suspirou: não, eu não me tinha enganado. Havia ali um problema qualquer...

Pátrocles, o belo herdeiro, regressou entretanto. Examinei-o mais atentamente, perguntando-me qual poderia ser o seu papel naquela estranha situação. Era um rapaz terno e amável e tinha coragem e valentia de sobra; pareceu-me, porém, que os seus apetites de homem iam todos num sentido - e excluía as mulheres. Bom, a escolha era dele. Ninguém o censuraria por preferir homens. Não se notariam muito

esses apetites, naquela noite, pois o belo Pátrocles estava muito apagado. Mais exatamente: tinha um ar infeliz.

- Rei Licomedes - disse eu -, a nossa missão é muito urgente. Procuramos o teu genro Aquiles. Houve um silêncio bizarro, intangível; Licomedes quase deixava cair o copo, após o que se levantou desajeitadamente.

- Meus senhores, Aquiles não se encontra em Ciro.
- Não está aqui? - perguntou Ájax, desanimado.
- Não. - Licomedes parecia embaraçado. - Ele - ele teve uma violenta discussão com a sua esposa - com a minha filha - e partiu para o continente, jurando nunca mais regressar.
- Também não está em Iolcos - informei eu, afavelmente.
- Confesso que esperava que não estivesse, Ulisses. Ele disse que ia para a Trácia.
Nestor suspirou.

- Por todos os deuses! Parece que estamos condenados a não encontrar nunca o jovem Aquiles, não é verdade?

Nestor dirigira-se a mim, mas não lhe respondi imediatamente, pois dei-me conta de que uma curiosa leveza impregnara de súbito a tensa atmosfera, de que um imenso alívio fizera sossegar os corações de Licomedes e Pátrocles. Sim, o meu instinto não me tinha enganado. Havia ali um problema muito grave e Aquiles estava no centro desse problema. Levantei-me.

- Visto que Aquiles não está em Ciro, creio que será melhor partirmos sem demora, Nestor.
Esperei, sabendo que Licomedes era obrigado, por Zeus hospitaleiro, a brindar-nos com as costumeiras cortesias - se isso não sucedesse, estaria a transgredir as leis divinas. E, enquanto esperava, virei-me de modo a que Nestor pudesse ver-me o rosto; então, lancei-lhe um olhar que era um verdadeiro alerta.

Licomedes fez a oferta que dele se esperava.

- Passem esta noite no meu palácio. O rei Nestor deveria descansar um pouco. Ainda bem que alertara Nestor; em vez de retorquir que estava com energia suficiente para declarar guerra ao Olimpo, Nestor pôs um ar patético, transformando-se, como que por magia, na encarnação de todas as desgraças da velhice. Mas que malandro, aquele velho!

- Agradeço-te muito, rei Licomedes! - exclamei aliviado. - Nestor estava tão cansado esta manhã... O que ele sofre com estes ventos frios ... ! - Baixei os olhos. - Espero que a nossa presença não seja para ti um incômodo.

Mas era mesmo um incômodo. Nunca ocorrera a Licomedes que eu poderia aceitar o seu convite formal, já que a nossa missão era um fracasso e teríamos de regressar rapidamente a Micenas a fim de transmitirmos as tristes notícias a Agamêmnon. No entanto, tratou de disfarçar com afáveis sorrisos a sua decepção. Tal como Pátrocles.

Deixei passar algum tempo e fui ter com Nestor ao seu quarto. Sentei-me no braço de uma cadeira enquanto Nestor repousava num banho fumegante, e um velho criado - que coisa rara: de novo um homem! - lhe raspava a pele engelhada, retirando-lhe o sal e a sujidade. Logo que Nestor saiu da banheira, todo entrouxado em toalhas de linho, o homem partiu.

- Que acha disto tudo? - perguntei a Nestor.
- Esta casa está assombrada por alguma sombra - disse ele com a maior das certezas. - Seria lógico que a eventual discussão de Aquiles com a esposa e que a sua eventual partida para a Trácia tivessem provocado uma reação deste gênero. No entanto, creio que não foi isso o que se passou. Seja qual for o problema, não é essa a causa.

- Creio que Aquiles está aqui - neste mesmo palácio! Nestor arregalou os olhos.
- Não! - replicou. - Escondido, está, mas não aqui.
- Está aqui - insisti. - Todos sabem que Aquiles é um jovem tão impulsivo quanto belicoso. Licomedes e Pátrocles só conseguem controlá-lo se ele estiver por perto... Portanto, Aquiles só pode estar neste palácio.

- Mas porquê? Aquiles não se submeteu ao Juramento e Peleu também não. A honra deles não seria minimamente afetada se recusassem a combater em Tróia.

- Ah, mas Aquiles quer ir! Desesperadamente! Os outros é que não querem que ele vá. E, não sei como, ataram-no de pés e mãos.

- Que havemos de fazer então?

- Que acha? - contrapús. - Acho que temos de dar umas voltas por este pequeno edifício... Eu, de preferência, durante o dia. Posso fingir que estou senil. Tu poderá investigar quando todos estiverem dormindo. Crê que Aquiles é prisioneiro de Licomedes?

Não, isso era impossível.

- Licomedes não se atreveria, Nestor. Se Peleu soubesse, se tornaria mais temível do que Poseidon. Arrasaria esta ilha. Não, creio que a prisão de Aquiles é um juramento qualquer.

- Lógico - comentou Nestor, começando a vestir-se. - Ainda falta muito para o jantar?

- Ainda temos algum tempo.

- Então vá descansar um pouco, Ulisses, enquanto eu faço a minha ronda. Nestor veio acordar-me para o jantar. Parecia extremamente irritado.

- Que a peste os leve a todos! - resmungou. - Se o esconderam aqui, esconderam-no muito bem. Percorri o palácio desde o telhado às caves e nem sinal de Aquiles! O único lugar onde não pude entrar foram os aposentos das mulheres. Têm um guarda à porta.

- Então é aí que ele está - disse eu, levantando-me. - Hmmm!

Descemos juntos à sala de jantar, perguntando-nos se Licomedes teria se tornado um verdadeiro Assírio, pois os homens assírios proibiam as mulheres de jantarem com eles. Um homem cuidando dos banhos? As mulheres do palácio todas escondidas? Um guarda à porta dos seus aposentos? Muito estranho... Licomedes não queria que ouvíssemos mexericos: por isso, era preciso que as suas mulheres se mantivessem longe de nós.

Mas havia mulheres na sala de jantar, ainda que atiradas para o canto mais sombrio da sala. Estava esperando que Licomedes deixasse as mulheres do palácio comerem na sala; o palácio e as cozinhas do palácio eram tão pequenos que, se as mulheres fossem servidas nos seus aposentos, haveria um verdadeiro caos culinário que deixaria os convidados muito mal impressionados.

Contudo, nem sinal de Aquiles. Nenhuma daquelas indistintas formas femininas era suficientemente corpulenta para pertencer a Aquiles.

- Porque é que esconde as mulheres? - perguntou Nestor quando a comida chegou e nos sentamos à mesa de honra com Licomedes e Pátrocles.

- As mulheres ofenderam Poseidon - respondeu rapidamente Pátrocles.

- E? - perguntei eu.

- Poseidon proibiu-as de manterem contato com os homens durante cinco anos.

Ergui as sobrancelhas de espanto.

- Mesmo os contatos sexuais?

- Não, esses não.

- Isso parece mais uma exigência da Mãe do que de Poseidon - observou Nestor, bebendo um gole de vinho.

Licomedes encolheu os ombros.

- A ordem foi de Poseidon, não da Mãe.

- Através de Tétis, a sua sacerdotisa? - perguntou o rei de Pilos.

- Tétis não é sacerdotisa de Poseidon - retorquiu Licomedes, visivelmente constrangido. - O deus recusou-se a aceitá-la. Por isso, agora, Tétis serve a Nereu.

Depois da comida ter desaparecido (tal como as mulheres), tratei de me juntar a Pátrocles, deixando Licomedes à mercê de Nestor.

- Lamento muito não ter podido encontrar-me com Aquiles - disse eu.

- Teria gostado dele - disse Pátrocles, num tom perfeitamente inexpressivo.

- Imagino que ele teria adorado ir para Tróia.

- Sim. Aquiles nasceu para a guerra.

- Bom, não tenciono passar a Trácia a pente fino para encontrá-lo! Aquiles ficará por certo muito triste quando souber o que perdeu.

- Sim, muito triste.

- Fale-me um pouco mais dele, Pátrocles. Do seu aspecto, da sua maneira de ser... - disse eu no tom mais sedutor possível, pois uma coisa já sabia acerca de Pátrocles: era Aquiles o homem a quem ele havia dado o seu amor.

O seu rosto jovem todo se iluminou.

- É um pouco menos corpulento do que Ajax... Tão - tão gracioso quando caminha! E é muito belo.

- Ouvi dizer que não tinha lábios. Como pode um homem sem lábios ser belo?

- Porque - porque - gaguejou Pátrocles, à procura das palavras certas.

- Teria de conhecê-lo para compreender, Ulisses. A boca dele comove-nos até às lágrimas, tão intensa é a dor que ela exprime! Aquiles é a beleza personificada.

- Parece-me demasiado bom para ser verdade - disse eu. Pátrocles quase caíra na armadilha. Por pouco não me dizia que eu era um idiota por duvidar dele, por pouco não me dizia que, se eu quisesse, iria naquele preciso momento buscar o seu modelo de excelência física para que eu visse com os meus próprios olhos... Mas cerrou os lábios com toda a sua força - e não chegou a proferir as palavras que o amor ditava. E nem precisava: eu já tinha a resposta que queria.

Antes de nos retirarmos, conferenciei com Nestor e Ájax, após o que fomos para a cama dormir o sono dos justos. Mal a manhã se anunciou, fui com Ájax até à cidade. Deixara alojado na cidade o meu primo Sinão; não era sensato exibir todos os tesouros ao mesmo tempo e Sinão era um verdadeiro tesouro. Escutou impassível as minhas instruções, após o que recebeu das minhas mãos um dos vários sacos de ouro que Agamêmnon me entregara para custear as nossas despesas. Aquilo que era meu, era eu mais agarrado; um dia, todos os meus bens seriam do meu filho. Quanto a Agamêmnon, tinha dinheiro de sobra para pagar por Aquiles.

A corte dormia ainda quando regressei ao palácio, embora Ájax não me acompanhasse. Ájax tinha certas tarefas a executar na cidade. Nestor estava acordado e tratando da sua bagagem; não tencionávamos manter Licomedes em suspense. Claro que o rei de Cirois protestou muito cortesmente quando lhe anunciamos que estávamos de partida. Rogou-nos que ficássemos mais tempo, mas, desta feita, declinei educadamente o convite, para seu imenso alívio.

- Onde está Ájax? - perguntou Pátrocles.

- Disse-lhe que desse uma volta pela cidade e que perguntasse às pessoas se sabiam para onde Aquiles tinha ido - retorqui, após o que me virei para Licomedes. - Rei Licomedes, gostaria de te pedir um pequeno favor: é capaz de chamar todas as pessoas livres que vivem no teu palácio à Sala do Trono?

Licomedes pareceu espantado, primeiro, e desconfiado depois.

- Bom....

- São ordens de Agamêmnon, caso contrário não o pediria. O rei supremo de Micenas ordenou-me que apresentasse os seus agradecimentos a todas as pessoas livres da corte. Já o fiz em lolcos, terei de fazê-lo também em Cirois. Determinou Agamêmnon que deverão comparecer todos os membros da corte, incluindo as mulheres. A proibição do deus não o impedirá que as convoque.

Mal disse estas palavras, alguns dos meus marinheiros entraram, trazendo grandes quantidades dos mais diversos presentes. Pequenas lembranças para as mulheres: contas, roupas, frasquinhos de perfume, boiões de óleos, ungüentos e essências, belíssimas lãs e diáfanos linhos. Pedi que me trouxessem mesas, a fim de que os homens pudessem descarregar as suas pesadas cargas. Mais marinheiros vieram, desta feita com prendas para os homens: proteções para os braços, revestidas de bronze, escudos, lanças, espadas, couraças, elmos e grevas. Mais mesas pedi para que estas prendas fossem descarregadas.

A cobiça lutava com a prudência nos olhos do rei; quando Pátrocles o advertiu do perigo, agarrando-lhe no braço, Licomedes libertou-se da mão do herdeiro e bateu as palmas para chamar o chefe dos criados.

- Convoca toda a corte para a Sala do Trono. As mulheres não deverão aproximar-se dos homens, de acordo com a proibição decretada por Poseidon.

A sala encheu-se de homens, as mulheres chegaram depois. Nestor e eu tratamos de examiná-las atentamente. Vão esforço: nenhuma delas podia ser Aquiles.

- Rei Licomedes - disse eu então -, o rei Agamêmnon deseja agradecer-te e à tua corte a hospitalidade e ajuda. - Apontei para os montes de presentes destinados às mulheres. - Aquelas são as prendas para as mulheres - Virei-me para as armas e armaduras. - Estas, são as prendas para os homens.

Ambos os sexos desataram num murmurar deliciado, mas ninguém se mexeu enquanto o rei não fez sinal para que avançassem. Depois, correram para as mesas e, com a felicidade estampada nos rostos, desataram a escolher as prendas que mais lhes agradavam.

- Esta prenda é para ti, rei Licomedes - disse eu, estendendo-lhe um objeto envolvido em linho.

Radiante de prazer, Licomedes desembalhou o objeto em questão: um machado cretense, a cabeça dupla de bronze, a haste de madeira de carvalho.

Nesse preciso momento, ouviu-se nas proximidades do palácio um penetrante grito de alarme. Alguém fizera soar uma trombeta e, ao longe, todos ouvimos Ájax soltando um estridente grito de guerra, típico dos homens de Salamina. Logo a seguir, ouviu-se um barulho inconfundível: o ruído de homens vestindo as suas armaduras. Ájax voltou a gritar, mais perto agora, como se estivesse retirando. As

mulheres desataram aos gritos enquanto fugiam aflitas para o vão da porta, os homens desataram numa confusão de perguntas, e o rei Licomedes, com uma lividez de moribundo, esqueceu-se até do seu machado.

- Piratas! - gritou o rei, sem saber o que fazer. Ájax gritou uma vez mais, mais alto e muito mais perto, um grito de guerra das encostas do Pélion, um grito de guerra que só Quíron ensinava. Perante a imobilidade expectante que entretanto se instalara na Sala do Trono, peguei no machado e ergui a sua cabeça dupla.

Mas houve mais alguém que se mexeu: alguém que irrompeu pela Sala do Trono com tal força e violência que as mulheres, apinhadas no vão da porta, rodopiaram como simples canilhas das tecedeiras. A criatura em questão parecia ser uma mulher... Depressa percebemos por que razão Licomedes não se atrevera a mostrá-la à nossa embaixada! Despindo impacientemente a túnica de linho e revelando assim um peito tão magnificamente musculoso que eu próprio fiquei de olhos arregalados de admiração, a valente mulher correu para a mesa onde estavam empilhadas as armas. Finalmente encontramos Aquiles.

Deitou para o chão tudo o que estava em cima de uma mesa, pegou um escudo e uma lança e logo se ergueu pronto para a luta. Encaminhei-me na sua direção, oferecendo-lhe o machado.

- Minha senhora, use antes este machado! É uma arma mais adequada para uma mulher tão corpulenta... - Passei-lhe o machado, uma pesada arma para os meus pobres braços. - Estou na presença do príncipe Aquiles, não é verdade?

Ah, o jovem Aquiles era realmente uma estranha criatura! Alguém que poderia ter sido o mais belo dos homens, mas que, de fato, não o era - apesar de todos os louvores de Pátrocles. Ainda que a causa não fosse exatamente a boca, ou a ausência dela. Aliás, aquela fenda que tinha no lugar dos lábios conferia à sua expressão um pathos que só lhe ficava bem. Em Aquiles, a ausência de beleza - sempre achei isso, desde o momento em que o conheci - vinha de dentro, não de fora. Os olhos eram um mar de orgulho e suprema inteligência; não, de fato, Aquiles não era um brutamontes como Ájax.

- Os meus agradecimentos! - exclamou ele, rindo tanto como eu. Ájax entrou na Sala do Trono empunhando ainda as armas que usara para criar o pânico nas proximidades do palácio; mal viu Aquiles, desatou aos berros.

Um instante depois, o abraçava com tal força que, fosse eu o abraçado e teria ficado por certo com a caixa torácica esmagada. Aquiles libertou-se de Ájax aparentemente sem sofrer qualquer dano e pôs um braço por cima dos ombros dele.

- Ájax, Ájax! O teu grito de guerra trespassou-me como a mais aguçada das flechas! Eu não podia deixar de responder, não consegui ficar quieto nem mais um momento! Quando deste o grito de guerra do velho Quíron, era a mim que estava chamando - como poderia eu resistir? - Olhou de relance para Pátrocles e estendeu-lhe uma mão. - Vem, Pátrocles, vem para junto de nós! Vamos para a guerra contra Tróia! O meu maior desejo vai ser satisfeito! O Pai Zeus respondeu às minhas súplicas!

Licomedes estava fora de si, chorava, contorcia aflito as mãos.

- Meu filho, meu filho, que vai ser de nós? Quebraste o juramento que fizeste diante de tua mãe! Ela vai arrasar-nos!

Um pesado silêncio caiu sobre a sala. Num ápice, Aquiles perdeu toda a alegria. Ergui as sobranceiras para Nestor; suspiramos ambos. Tudo estava explicado.

- Não estou percebendo, pai. Como é que eu quebrei o juramento? - disse finalmente Aquiles. - Eu limitei-me a responder a um estímulo... Sem pensar, reagi a um apelo que me foi instilado era eu ainda um menino pequeno. Ouvi Ájax e respondi. Não quebrei nenhum juramento. A astúcia de um outro homem destruiu as grilhetas desse juramento.

- Aquiles diz a verdade - disse eu, bem alto. - Eu enganei-o. Nenhum deus poderá considerá-lo culpado da quebra de um juramento.

Claro que duvidaram de mim, mas o mal estava feito. Aquiles ergueu exultante os braços e logo se virou para Pátrocles e Ájax, abraçando os dois.

- Primos, nós vamos para a guerra! - disse, com um sorriso de tremenda alegria. Depois, lançou-me um olhar grato. - É o nosso destino. Apesar dos seus hediondos sortilégios, a minha mãe nunca conseguiu transformar a minha verdadeira natureza. Eu nasci para ser guerreiro, para lutar ao lado dos maiores homens da nossa época, para alcançar a fama eterna e a glória imortal! Aquilo que ele disse era provavelmente verdade. Olhei de soslaio para aquele esplêndido trio de jovens e lembrei-me da minha mulher e do meu filho, da eternidade que o meu exílio duraria. Aquiles alcançaria sem dúvida a fama eterna e a glória imortal na guerra de Tróia; mas eu trocava de bom grado o meu quinhão de fama e de glória pelo direito de regressar para casa no dia seguinte.

Afinal, até consegui voltar a Ítaca, sob o pretexto de que tinha de organizar pessoalmente o meu contingente para a guerra de Tróia. Agamêmnon não ficou nada contente quando me viu partir de Micenas; eu representava para ele uma apetecível bengala.

Passei três preciosas luas com a minha Penélope tecedeira. Um tempo com que não contáramos, mas que eu não poderia prolongar. Enquanto a minha pequena frota enfrentava o alteroso mar de Pélops, decidi rumar a Áulida por terra.

Atravessei rapidamente a Etólia, pois não parei para descansar nem de noite nem de dia. Cheguei finalmente à montanhosa Delfos, onde Apolo, Senhor da Profética Boca, tinha o seu santuário, e onde a sua sacerdotisa, a pitonisa, pronunciava os seus infalíveis oráculos. Perguntei-lhe se o oráculo de Ítaca estava certo, ou seja, se eu passaria realmente vinte anos longe da minha pátria. A resposta dela não poderia ter sido mais simples e direta: - Sim. - Acrescentou que era essa a vontade da minha protetora, Palas Atena. Perguntei-lhe porquê. A única resposta que me deu foi um risinho.

Reduzidas a cinzas as minhas esperanças, avancei na direção de Tebas, onde deveria encontrar-me com Diomedes, que vinha de Argos. Porém, a cidade de Tebas, agora não mais do que ruínas, estava deserta; Diomedes não se atrevera a se demorar naquela cidade sombria. Não lamentei a solidão e iniciei sem demora a última e curta etapa da minha viagem, fazendo-me ao caminho que conduzia ao estreito de Eubeia e à praia de Áulida.

O local de lançamento da expedição fora demoradamente debatido; mil ou mais navios precisavam de algumas léguas de espaço e as águas tinham de ser abrigadas. Portanto, Áulida era uma boa escolha. A praia tinha mais de duas léguas de comprimento e a ilha de Eubeia, não muito longe do litoral, protegia-a dos ventos e das correntes mais impetuosos.

Eu era o último a chegar. Postei-me no alto da colina sobranceira à praia e apreciei o espetáculo. Até mesmo os meus cavalos pareciam se dar conta que havia qualquer coisa ameaçadora no ar, pois pararam, esquivaram-se e desataram a empinar, que é o que os cavalos fazem quando lhes ordenamos que se aproximem de carne putrefata. O meu condutor teve de se esforçar para os controlar. Por fim, porém, conseguiu convencê-los de que não havia perigo nenhum.

Diante dos meus olhos, espraiaava-se um mar de navios! Aos meus pés, ao longo de toda a praia, estendiam-se duas filas de navios, navios de proas altas, pintados de vermelho e negro, cada um deles construído para levar pelo menos cem homens, com espaço suficiente para cinquenta homens manobram os remos enquanto os outros cinquenta descansavam, cada um deles com um mastro alto para receber convenientemente a vela. Fiquei pensando em quantas árvores não teriam sido derrubadas para construir aqueles mais de mil navios, na multidão de gotas de suor que não teriam molhado os seus costados até que o último prego tivesse sido pregado, até que cada um daqueles barcos estivesse em condições de enfrentar o mar. Navios, navios, navios. Do alto da colina pareciam pequenos, mas a verdade é que conduziram a Tróia oitenta mil soldados e várias dezenas de milhar de não combatentes. Mentalmente, aplaudi Agamêmnon. Ele ousara - e vencera. Ainda que aquelas duas filas de navios não saíssem da praia de Áulida, o esforço já teria valido a pena porque o feito era esplêndido. Esqueci a beleza da terra; as montanhas ficaram de repente muito pequenas, o mar ficou reduzido a um instrumento passivo, existente apenas para que Agamêmnon, o rei dos reis, o usasse a seu bel-prazer. Ri bem alto e gritei, "Agamêmnon, venceste!"

Avancei pela pequena aldeia piscatória de Áulida a um rápido trote, ignorando a multidão de soldados que enchia a sua única rua. Quando a aldeia ficou para trás, parei, sem saber o que fazer. No meio de tantos navios, onde ficava o quartel-general? Chamei um oficial.

- Qual é o caminho para a tenda de Agamêmnon, o rei dos reis? - perguntei. Examinou-me vagarosamente, palitando os dentes enquanto apreciava a minha armadura, o meu elmo repleto de presas de javali, o portentoso escudo que pertencera ao meu pai.

- Quem pergunta? - quis saber o impertinente.

- Um lobo que já devorou ratazanas muito maiores do que tu.

Surpreso com a resposta, engoliu em seco e respondeu-me educadamente.

- Segue por esta estrada e, daqui a pouco, volte a perguntar.

- Ulisses de Ítaca te agradece.

O quartel-general de Agamêmnon era temporário, constituído por boas tendas de cabedal, razoavelmente grandes e confortáveis. Não construíra nada de sólido ou duradouro, excetuando um altar de mármore sob um solitário plátano, uma pobre e desolada árvore que lutava contra o sal e contra o vento na esperança de que, agora que a Primavera chegara, o verde voltasse a ser a sua cor. Depois de ter

deixado o meu condutor e os meus cavalos entregues aos cuidados dos guardas imperiais, fui escoltado até à maior das tendas.

Estavam lá todos os homens realmente importantes: Idomeneu, Diomedes, Nestor, Ájax e o seu homônimo, a quem chamávamos o Pequeno Ájax, Teucro, Fênix, Aquiles, Menesteu, Menelau, Palamedes, Meriona, Filoctetes, Eurípilo, Macáon, Podalírio e Toas. O sacerdote albino, Calcas, estava muito sossegado a um canto, os olhos vermelhos saltitando de homem em homem, calculando, avaliando; os seus olhos vinhos não me enganavam. Por um momento, observei-o sem que ele percebesse, tentando perscrutar o que lhe iria na alma. Não gostava dele, não só por causa da sua aparência repulsiva, mas também porque havia algo de menos tangível na sua máscara que me inspirava uma intensa sensação de desconfiança. Sabia que Agamêmnon sentira o mesmo de início. Porém, depois de muitas luas a espiar o homem, chegara à conclusão de que Calcas era leal. Eu não estava assim tão seguro... Aquele homem era muito esperto. Além de que era troiano.

Aquiles saudou-me jubilosamente.

- Ulisses, porque demorou tanto? Os teus navios chegaram há meia lua!

- Vim por terra. Tive de tratar de algumas coisas.

- Chegou mesmo a tempo, meu velho amigo - disse Agamêmnon. - Vamos dar início ao nosso primeiro conselho formal.

- Então sou mesmo o último?

- O último dos que realmente contam, Ulisses. Sentamo-nos. Calcas saiu do seu cantinho para empunhar, com uma garra frouxa, o Bastão do Debate. Apesar do tempo primaveril e ensolarado, fora preciso acender lamparinas, pois era escassa a luz que entrava pela fresta da porta da tenda. Como era regra num conselho de guerra formal, todos envergávamos armaduras. Agamêmnon tinha uma belíssima armadura de ouro, incrustada com ametistas e lápis-lazúli; fiz votos para que, quando soasse a hora da batalha, tivesse uma armadura mais adequada para o efeito. Recebendo das mãos de Calcas o Bastão do Debate, encarou-nos com uma expressão orgulhosa.

- Convoquei este primeiro conselho, obviamente para discutir a viagem e não a campanha. Porém, em vez de ordenar, creio que seria melhor responder às vossas perguntas. Creio que não será necessário um debate formal. Calcas empunhará o Bastão. Contudo, se algum dos presentes desejar fazer um discurso mais demorado, poderá fazê-lo à vontade. - Com um ar satisfeito, passou o Bastão a Calcas.

- Quando planeja partir? - perguntou Nestor placidamente.

- Na próxima lua nova. Deleguei as principais tarefas de organização em Fênix, que é, entre todos nós, o marinheiro mais experiente. Fênix nomeou já uma equipa especial de oficiais que está estudando a ordem de partida dos navios, quais os contingentes mais rápidos e quais os mais lentos, quais os navios que deverão levar tropas indispensáveis e quais os que deverão transportar cavalos e não combatentes. Sossegue, Nestor: não será o caos quando desembarcarmos.

- Quem é o piloto-chefe? - perguntou Aquiles.

- Télefo. Viajará comigo na nau capitânia. Cada piloto tem ordens para manter o seu navio à vista de pelo menos uma dúzia de outros. Desse modo, a frota permanecerá intacta - se as condições de tempo forem favoráveis, é claro. As tempestades dificultarão o nosso avanço, mas esta época do ano é propícia às viagens e Télefo está treinando todos os pilotos com extremo cuidado.

- Quantos são os navios de abastecimento? - perguntei eu. Agamêmnon pareceu ficar um pouco melindrado com a pergunta. Não estava à espera de que lhe fizessem perguntas tão práticas.

- Cinquenta navios, Ulisses. A nossa campanha será curta e incisiva.

- Só cinquenta? Para mais de cem mil homens? Vão acabar com a comida em menos de uma lua.

- Em menos de uma lua - retorquiu o rei supremo de Micenas - teremos toda a comida de Tróia à nossa disposição. - A sua expressão dizia mais do que as meras palavras: Agamêmnon tomara uma decisão e dela não se desviaria. Ah, mas porquê precisamente naquele ponto - o ponto mais problemático, mais imprevisível? Mas Agamêmnon, por vezes, era assim mesmo - e nada do que eu, ou Nestor, ou Palamedes, lhe disséssemos, poderia ter alguma influência sobre ele.

Aquiles levantou-se e pegou o Bastão.

- Este problema preocupa-me, rei Agamêmnon. Estou convencido de que deveria prestar tanta atenção aos abastecimentos como às embarcações, à viagem ou mesmo às táticas de batalha. Mais de cem mil homens comerão mais de cem mil canecas de cereais por dia, mais de cem mil nacos de carne, mais de cem mil ovos ou queijos por dia - e beberão mais de cem mil copos de vinho misturado com água por dia. Se os abastecimentos não forem cuidadosamente organizados, o exército passará fome. Cinquenta navios, como disse Ulisses, não chegarão para mais de uma lua. E se mantivéssemos esses cinquenta

navios em constante trânsito entre a Grécia e a Tróada, trazendo mais mantimentos? Que acontecerá se a campanha for mais longa do que espera?

Se Nestor, Palamedes e eu não conseguíamos movê-lo, que hipóteses teria um rapaz como Aquiles? Agamêmnon tinha os lábios franzidos e cerrados e, em cada face, uma mancha vermelha.

- Louvo muito a tua preocupação, Aquiles - disse ele num tom afável. Contudo, sugiro que não se preocupe tanto: eu me encarregarei de tudo.

Nada convencido, Aquiles entregou o Bastão a Calcas e sentou-se. Ao sentar-se, porém, comentou, aparentemente para ninguém em particular:

- Bom, o meu pai sempre disse que só um chefe tolo deixa aos outros os cuidados a ter com os seus soldados. Creio, por isso, que levarei mantimentos adicionais para os meus Mirmidões nos meus próprios navios. E vou alugar mais alguns navios mercantes para levar mais.

Uma mensagem que teve um efeito imediato: alguns dos outros decidiram, nesse mesmo instante, seguir o exemplo de Aquiles.

E Agamêmnon percebeu claramente isso. Vi os seus cismáticos olhos escuros demorando-se no rosto ávido e fresco do jovem Aquiles e suspirei. Agamêmnon estava com ciúmes. Que se passara em Áulida na minha ausência? Estaria Aquiles conquistando partidários e Agamêmnon perdendo-os?

Na manhã seguinte nos reunimos para passar revista às tropas. Para irmos de uma ponta à outra da praia, demoramos a maior parte do dia; tremiam-me os joelhos depois de ter passado tanto tempo de pé sobre os estribos de vime do meu carro (e, ainda por cima, levava a armadura vestida). Duas filas de navios erguiam-se acima de nós; navios imponentes, com os costados vermelhos listrados com costuras negras de breu, as proas bicudas pintadas de azul e rosa, os grandes olhos das proas fitando-nos inexpressivamente.

Os soldados beneficiavam das sombras projetadas pelos navios. Cada homem envergava uma armadura completa e empunhava um escudo e uma lança prontos para serem usados; filas intermináveis de homens, todos eles leais a uma causa de que nada sabiam, exceto que, num futuro próximo, haveria despojos a dividir por todos. Ninguém saudava os seus soberanos, ninguém corria para melhor ver os seus reis.

No extremo da longa linha de homens e navios, encontravam-se as embarcações de Aquiles e os homens de que tanto ouvíamos falar mas que nunca havíamos visto: os Mirmidões. Tinha experiência suficiente para não esperar que eles fossem diferentes - contudo, os Mirmidões eram mesmo diferentes. Altos, brancos e louros, os olhos uniformemente azuis ou verdes ou cinzentos sob belos elmos de bronze, armaduras completas de bronze em vez da habitual armadura de cabedal do comum dos soldados. Cada homem empunhava um feixe de dez lanças em vez das usuais duas ou três; empunhavam ainda pesados escudos, da altura de um homem, não muito inferiores ao meu veterano escudo, e as suas armas eram espadas e punhais, em vez de flechas ou fundas. Sim, não havia dúvida: aquelas eram tropas da primeira linha, as melhores de que dispúnhamos.

Quanto a Aquiles, Peleu devia ter gasto uma fortuna para equipar o seu único filho para a guerra. O carro de Aquiles era decorado a ouro, os cavalos eram indiscutivelmente os melhores do cortejo - três garanhões brancos da Tessália, os arreios cintilando de ouro e jóias. Não sei de onde viera a armadura que Aquiles envergava, mas sei que conhecia apenas uma armadura melhor do que a dele: a que estava guardada no meu cofre-forte. Tal como a armadura de Agamêmnon, também a de Aquiles era revestida de ouro, ainda que sobre um fundo de bronze e estanho: enfim, era tão pesada aquela armadura que, muito provavelmente, só Aquiles e Ájax teriam físico para suportá-la. Toda a armadura fora decorada com símbolos e padrões sagrados e embelezada com âmbar e cristal. Empunhava apenas uma lança: no meio de tanto brilho, a lança marcava um contraste incrível, pois, sobre ser um feio objeto, não possuía brilho nenhum. O condutor do carro era o primo Pátrocles. Ah, que espertos que eles eram! Quando o cortejo dos reis era obrigado a parar, os cavalos de Aquiles começavam a falar!

"As nossas saudações, Mirmidões!", exclamava o cavalo mais próximo dos soldados, agitando a cabeça até que a sua longa crina branca flutuava como uma bandeira.

"Nós os serviremos corajosamente, Mirmidões!", diziam os lábios do cavalo do meio, o mais calmo.

"Não temam por Aquiles enquanto formos nós a puxar o seu carro!", dizia o mais distante, numa voz mais relinchada que as dos outros.

Os Mirmidões olhavam para os cavalos com sorrisos imensos e batiam no chão com os seus feixes de lanças para saudarem os régios cavalos. Em contrapartida, Idomeneu, que seguia no carro à frente de Aquiles, por mais de uma vez se virou para trás boquiaberto, como se estivesse vendo uma assombração.

Mas eu percebera o truque, pois vinha mesmo atrás do carro dourado de Aquiles. Era Pátrocles quem falava, reduzindo ao mínimo os movimentos dos seus lábios! Esperto, o amigo de Aquiles!

O tempo continuava ensolarado e a brisa suavíssima; tudo apontava para uma partida normal e uma travessia calma. Porém, na noite anterior à largada, não consegui dormir e tive de me levantar para dar um longo e inquieto passeio pela praia, tendo por única companhia as estrelas que no céu brilhavam. Estava contemplando o perfil de um navio próximo quando surgiu alguém por entre as dunas.

- Também não consegue dormir?

Não precisei fazer um grande esforço para saber de quem se tratava. Só Diomedes procuraria Ulisses de preferência a qualquer outro. Um bom amigo, o meu camarada de tantas guerras. E tão cheio de cicatrizes dessas guerras ... ! Entre todos os que iam para Tróia, Diomedes era, sem dúvida, o homem mais castigado por armas inimigas. Combatera em todas as campanhas, pequenas ou grandes, desde Creta até à Trácia, e pertencera ao segundo grupo dos Sete contra Tebas, os Sete que haviam conquistado e arrasado a cidade, desse modo realizando aquilo que os seus pais não tinham conseguido fazer. Diomedes era uma criatura apaixonada e implacável, logo, bastante diferente de mim; eu era implacável, sem dúvida, mas não me deixava levar por paixões; o meu espírito era perpetuamente temperado pelo gelo que havia na minha mente. Devo confessar que o invejava, pois Diomedes havia jurado construir um templo com as caveiras dos seus inimigos e cumprira a sua promessa. O pai dele fora Tideu, um rei de Argos particularmente famoso, mas o filho era muito melhor do que o pai. Em Tróia, Diomedes não falharia. Seguiu de Argos para Micenas com toda a fogosa ânsia que o seu coração poderia albergar, já que amava loucamente Helena, e, tal como o pobre Menelau, também ele se recusara a acreditar que Helena fugira de livre vontade. Nutria por mim uma elevada estima, um sentimento que, por vezes, me parecia próxima da adoração que se tem pelos heróis. Eu... um herói? Que coisa mais estranha!

- Amanhã vai chover - disse ele, erguendo o seu longo pescoço e contemplando as profundezas do céu.

- Vai chover? Mas não há nuvens... - objetei. Diomedes encolheu os ombros.

- Doem-me os ossos, Ulisses. O meu pai dizia que um homem marcado pela guerra - ossos partidos, a carne dilacerada por lanças ou flechas, enfim, tudo isso - podia prever a chuva e o frio. Esta noite, as dores eram tais que nem consegui dormir.

Ouvira falar de um tal fenómeno e devo dizer que fiquei seriamente apreensivo.

- Para bem de todos nós, espero que, pelo menos desta vez, os teus ossos se enganem. Mas diga-me, Diomedes, por que razão me procurou?

Fitou-me com um sorriso arreganhado.

- Eu sabia que a Raposa de Ítaca não dormiria enquanto não sentisse as ondas sob o seu navio. Queria falar contigo.

Pondo o meu braço sobre os seus largos ombros, conduzi-o na direção da minha tenda.

- Falemos, então. Tenho vinho e um bom lume no trípode. Nos instalamos em divãs, com o lume entre nós e copos cheios à nossa disposição. A tenda estava quente e mergulhada numa semi-obscuridade e os divãs bem guarnecidos de almofadas; o vinho sem água era também uma boa maneira de atrair o sono. Era altamente improvável que alguém viesse nos incomodar; de qualquer modo, para evitar um eventual importuno, baixei a cortina da porta da tenda.

- Ulisses, tu és o homem mais notável e capaz desta expedição a Tróia - disse ele com o ar mais sério deste mundo.

Não consegui evitar o riso.

- Não, nem pensar! Esse homem é Agamêmnon! Ou então Aquiles.

- Agamêmnon? Aquele autocrata presumido e teimoso que nem um burro? Não, de modo nenhum! Ele pode ficar com os louros, mas apenas porque é o rei supremo, e não por ser o maior dos vultos aqui presentes. Quanto a Aquiles, bom, Aquiles não passa de um rapaz. Claro, claro que o rapaz tem tudo para vir a ser um dos grandes! Possui uma inteligência superior. Sim, de fato pode vir a revelar-se um homem formidável. Mas, por enquanto, falta-lhe a experiência. Sabe-se lá... até pode ser que meta o rabo entre as pernas e desate a fugir mal veja sangue derramado.

Sorri.

- Não, Aquiles não é desses.

- Muito bem, admito que não seja. Mas Aquiles nunca poderá ser o vulto mais notável do nosso exército, porque esse vulto és tu, Ulisses. A conquista de Tróia só poderá ser obra tua.

- Que disparate, Diomedes! - disse eu, afavelmente. - Que pode a inteligência de um homem fazer em dez dias?

- Dez dias? - disse ele, com um ar trocista. - Pela Mãe, é muito mais provável que sejam dez anos! Isto é uma guerra a sério, não uma caçada. - Pôs o copo vazio no chão. - Mas eu não te procurei para falar de guerras. De fato, queria pedir a tua ajuda.

- A minha ajuda? Mas tu é que és o guerreiro experimentado, não eu, Diomedes!

- Não, isto não tem nada a ver com campos de batalha! Quanto a batalhas, até posso travá-las de olhos vendados ... ! Não, eu preciso da tua ajuda em outros domínios, Ulisses. Quero ver como trabalha. Quero ver como é que consegue controlar-se. - Inclinou-se um pouco para frente e prosseguiu: - Sabe, eu preciso de alguém que vigie o meu terrível mau gênio, alguém que me ensine a dominar o meu demônio interior, em vez de deixá-lo em total liberdade, como tem sido costume - uma liberdade cujo preço é demasiado elevado para mim. Pensei que talvez pudesse ficar com alguma da tua frieza, se te visse agir, se te visse organizar, comandar, combater.

A simplicidade dele comoveu-me.

- Nesse caso, Diomedes, a solução é simples: junte-se a mim. Diz aos seus pilotos que mantenham os seus navios perto dos meus, participa comigo em todas as missões, coloca as suas tropas ao lado das minhas quando chegar a hora da batalha. Qualquer homem precisa de um bom amigo que o anime - é o único remédio para a nossa solidão, para a saudade que temos do lar e da pátria.

Diomedes estendeu a mão por sobre as vivas chamas, aparentemente sem perceber de que o fogo quase lambia o seu pulso. Os meus dedos envolveram o seu antebraço; assim selávamos o nosso pacto de amizade, assim partilhávamos a nossa solidão, tornando-a menos opressiva.

Devemos ter adormecido já a noite ia alta, pois acordei à primeira luz da manhã com o bramido de um vento ameaçador, um vento que cantava nas enxárcias daquela multidão de navios, que chiava sonoro e impiedoso em torno das proas. Do outro lado da fogueira, agora reduzida a cinzas, Diomedes começou a mexer-se, maculando a ágil beleza do seu despertar com um ronco de dor.

- Os meus ossos ainda me doem mais do que ontem à noite - disse ele, sentando-se.

- E com razão! Temos vendaval! Diomedes levantou-se lentamente, foi até à cortina, espreitou lá para fora e voltou para o seu divã.

- É o vento norte, o pai de todas as tempestades. Garanto-lhe que até neve vamos ter. Não, Ulisses, não partiremos hoje. As nossas embarcações iriam parar todas ao Egito.

Um escravo surgiu com um trípode com um lume novo, fez as camas e trouxe-nos água quente para nos lavarmos. Não havia razão para pressa; Agamêmnon ficaria tão desconsolado que não convocaria conselho nenhum antes do meio-dia. A minha cozinheira trouxe-nos bolos de mel ainda quentes e pão de cevada, e queijo de ovelha e vinho quente e adoçado para terminar o repasto. Era uma boa refeição, e ainda melhor porque era partilhada; e assim estivemos um pouco de tempo, aquecendo as mãos no lume, até que Diomedes regressou à sua tenda para vestir a indumentária que o conselho exigia. Quanto a mim, vesti um saiote de cabedal e uma blusa, apertei as correias das botas altas e pus por cima dos ombros um manto forrado de pele.

O rosto de Agamêmnon estava tão sombrio e tempestuoso como o dia; a fúria e a humilhação travavam uma guerra sem tréguas nos seus rígidos traços, agora que os seus planos haviam ruído. Havia nele o secreto medo de parecer ridículo aos olhos dos outros chefes, agora que a sua grandiosa aventura se desmoronara antes mesmo de ter começado.

- Convoquei Calcas para que realize um augúrio! - exclamou ele repentinamente.

Suspirando resignados, e apertando bem os mantos, fizemo-nos ao vendaval. A vítima encontrava-se no altar de mármore sob o plátano, as pernas presas por correias. E Calcas envergava uma túnica púrpura! Púrpura? Mas que raio acontecera em Áulida antes da minha chegada? Agamêmnon devia tê-lo em altíssima consideração para o deixar vestir uma túnica púrpura!

Uma coincidência demasiado estranha, pensei eu enquanto aguardava que a cerimônia comesse; duas luas de tempo perfeito e, precisamente no dia previsto para a nossa partida, todos os elementos conspiravam para a atrasar. A maior parte dos reis decidira voltar para as suas tendas, bastante mais quentes e agradáveis do que o vento e a saraiva que teriam de suportar se assistissem à cerimônia. Só os mais velhos ou aqueles que dispunham de mais poder ficaram para apoiar Agamêmnon e testemunhar a mensagem do augúrio: eu próprio, Nestor, Diomedes, Menelau, Palamedes, Filoctetes e Idomeneu.

Era a primeira vez que via Calcas realizar um augúrio e tive de admitir que era um especialista. Com umas mãos que, de tão tremula, quase não conseguiam erguer a faca adornada com jóias, o rosto da cor da cera, cortou com um movimento brusco a garganta da vítima, quase virando o grande cálice de ouro enquanto o segurava para apanhar o sangue; quando derramou o sangue sobre o frio mármore, este

pareceu fumegar. Depois, abriu a barriga do animal e começou a interpretar a disposição das entranhas de acordo com a prática dos sacerdotes treinados na Ásia Menor. Os seus movimentos eram rápidos e disrítmicos e a sua respiração tão estertorosa que conseguia ouvi-la sempre que o vento abrandava por um momento.

Inopinadamente, rodopiou e ficou de frente para nós.

- Escutem a palavra do deus, ó reis da Grécia! Eu vi a vontade de Zeus, o Senhor de Tudo! Ele virou-lhes as costas, ele recusa-se a abençoar esta aventura! A sua cólera obscurece os motivos que o levaram a tomar esta atitude, mas uma coisa eu sei: é Ártemis quem está sentada ao seu colo e que lhe pede que se mostre intransigente! Não consigo ver mais, pois a sua fúria cega-me!

Era mais ou menos aquilo que estava à espera, pensei, ainda que a referência a Ártemis constituísse um toque inegavelmente hábil. Contudo, justiça seja feita, Calcas parecia mesmo um homem perseguido pelas Filhas de Kore, um homem que fora despojado de tudo, exceto da sua vida, numa fração mínima de tempo. Havia nos seus olhos uma angústia sincera. Não parava de me surpreender, aquele homem; de fato, era óbvio que ele acreditava em tudo o que dissera, ainda que tivesse preparado antecipadamente toda a sua atuação. Todos os homens que possuem o poder de influenciar os outros me interessam; porém, nunca nenhum sacerdote me interessou tanto como Calcas.

Mas a sua atuação ainda não terminou, pensei eu; faltam ainda alguns detalhes. Aos pés do altar, Calcas rodopiou e abriu muito os braços, as mangas enormes adejando, empapadas de sangue, ao sabor do vento, a cabeça inclinada para trás, a linha dessa inclinação revelando que o sacerdote estava olhando para o plátano. Atentei no que os seus olhos viam: os ramos ainda nus, os botões carcomidos ainda por abrir. Um ninho ocultava-se entre dois ramos, um ninho onde um pássaro chocava os seus ovos. Um vulgar pássaro castanho, igual a tantos outros.

A cobra do altar coleava já ao longo do ramo, a gula estampada nos frios olhos negros. Calcas juntou os seus braços, ainda erguidos, até que ambas as mãos apontaram para o ninho; com a respiração suspensa, seguimos os movimentos da cobra. Acerta altura, a terrífica boca do réptil abriu-se para, num ápice, engolir o pássaro inteiro; enquanto o devorava, as suas cintilantes escamas castanhas, ao revolverem-se, faziam lembrar uma série de tatuagens vivas. Depois, devorou os ovos um a um: seis, sete, oito, nove, contei eu. A mãe e os nove ovos, tal fora o repasto.

Como é costume entre os animais da sua espécie, a cobra, depois de saciada a gula, ficou parada onde estava, parada e enroscada no fino ramo como se fosse uma estátua arrancada à pedra. Os seus olhos fixavam impassíveis o sacerdote: a frígida penetração do seu olhar não era perturbada pelos movimentos que, nos olhos dos humanos, são normais.

Calcas virou-se para nós como se um qualquer deus tivesse espetado uma estaca no seu estômago. Gemia um gemido brando. Então, falou de novo.

- Escutem-me, ó reis da Grécia! Acabam de testemunhar a mensagem de Apolo! Ele fala quando o Senhor de Tudo se recusa a falar! A cobra sagrada engoliu a ave e os seus nove ovos. A ave é a estação que ora se avizinha. Os seus nove filhos que morreram nos ovos são as nove estações que a Mãe não deu ainda à luz. A cobra é a Grécia! A ave e os seus ovos são os anos que a Grécia demorará para conquistar Tróia! Dez anos serão precisos para conquistar Tróia! Dez anos!

O silêncio que se seguiu era tão profundo que parecia ter vencido o ruído constante da tempestade. Por um longo tempo, ninguém se mexeu ou falou. Nem eu sabia o que pensar de tão espantosa atuação! Seria este sacerdote estrangeiro um verdadeiro vidente? Ou estaríamos perante uma mistificação muito bem elaborada? Olhei para Agamêmnon, perguntando-me quem levaria a melhor: se a sucerteza de que a guerra não duraria mais do que uns breves dias, se a sua fé no sacerdote. Era uma luta violenta, pois Agamêmnon era, do ponto de vista religioso, um homem supersticioso. Mas, no fim, foi o seu orgulho que venceu. Encolhendo os ombros, deu meia volta e foi embora. Fui eu o último a partir. Enquanto ali estive, não tirei os olhos de Calcas. Estava de pé e tão imóvel como uma pedra, os olhos fixos nas costas do rei supremo. Havia nos seus olhos um rancor evidente, o que não admira: a sua primeira exibição de poder fora pura e simplesmente ignorada.

Os dias foram seguindo o seu implacável caminho e a Primavera ia já avançada e os ventos fortes e os dilúvios de chuva continuavam. Fustigado pelo vento, o mar levantava-se em ondas tão altas como o convés do mais imponente dos navios; impossível partir em tais condições. Todos aguardávamos, cada um segundo o seu jeito peculiar. Aquiles treinava impiedosamente os Mirmidões, Diomedes enfiava-se na minha tenda e punha-se a andar de um lado para o outro com uma impaciência cada vez maior, Idomeneu divertia-se nos braços das cortesãs que trouxera de Creta, Fênix cacarejava como uma galinha demente para os pilotos parados em terra, Agamêmnon mordiscava a barba e recusava-se a dar ouvidos a

conselhos, enquanto os soldados mandriavam e jogavam aos dados, discutiam e bebiam. Por outro lado, dar de comer a tanta gente estava se tornando uma missão quase impossível, pois as equipes disso encarregadas tinham de vencer léguas e léguas de lama para levar comida suficiente a todas as vorazes bocas.

Quanto a mim, tanto me fazia. O meu exílio duraria vinte anos: que me importava o modo como ele começava? Poucos eram aqueles que se reuniam todos os dias, ao meio-dia, para assistirem à interpretação dos augúrios. Nenhum de nós esperava ouvir da boca de Calcas uma razão clara para a hostilidade do grande deus. A lua nova deu lugar à lua cheia que logo se esvaziou e a tempestade sempre sem amainar; começávamos a pôr, muito seriamente, a hipótese de os navios não partirem. Em passando mais uma lua, os ventos se tornariam mais imprevisíveis e, em chegando o fim do Verão, teríamos de nos despedir de Tróia até ao ano seguinte.

Mais por causa do fascínio que Calcas me inspirava, do que por nutrir alguma esperança de que o grande deus erguesse o seu véu e nos deixasse entrever os seus motivos, nunca perdia o ritual do meio-dia. Aliás, também não havia nada que sugerisse que aquele dia particular seria diferente de todos os outros. Limitei-me a estar presente, na minha qualidade de observador de Calcas. Apenas Agamêmnon, Nestor, Menelau, Diomedes e Idomeneu me fizeram companhia. Reparara, de passagem, que a cobra do altar emergira da sua gulosa hibernação e voltara ao seu nicho.

Mas aquele dia, afinal, foi diferente. Quando estava sondando as entranhas da vítima, Calcas virou-se de repente e apontou a Agamêmnon um longo e ossudo dedo escorrendo sangue.

- Aí está aquele que impede a partida! - gritou ele. - Agamêmnon, rei dos reis, tu não deste à arqueira aquilo que lhe era devido! A fúria dela, durante tanto tempo adormecida, acabou por despertar, e Zeus, o seu divino pai, atendeu às suas súplicas de justiça. Rei Agamêmnon: enquanto não deres a Ártemis aquilo que lhe prometeste há dezesseis anos, a tua frota não partirá!

Ninguém fazia a mínima idéia do que se tratava. Agamêmnon vacilava sob a violência do choque e o seu rosto, de súbito, parecia o de um cadáver. Calcas sabia do que estava falando.

O sacerdote desceu os degraus, o corpo hirtos de ultraje.

- De a Ártemis aquilo que lhe negaste há dezesseis anos e então poderás fazer-te ao mar! De outro modo, será impossível! Zeus onipotente falou!

Cobrindo o rosto com as mãos, Agamêmnon recuou perante aquela visão fatídica, de púrpura vestida.

- Não posso! Não posso! - gritou.

- Então, desmobiliza os teus soldados - disse Calcas.

- Eu não posso dar à deusa aquilo que ela quer! Ela não tem o direito de mo pedir! Se eu sonhasse que o desfecho seria este - ah, eu nunca teria feito tal promessa! Ela é Ártemis, casta e santa! Como é possível que me exija tal coisa?

- Ela exige apenas o que lhe é devido. De-lhe o que ela pede e poderá partir - repetiu Calcas, a voz tão fria como o vento. Se te recusar a cumprir o voto que fizeste há dezesseis anos, a Casa de Atreu mergulhará na escuridão e tu morrerás na mais terrível ruína.

Avancei para Agamêmnon e, com toda a minha força, arranquei-lhe as mãos que cravara no rosto.

- Que prometeste a Ártemis, Agamêmnon? Com os olhos cheios de lágrimas, o rei supremo agarrou-se aos meus pulsos como um homem prestes a afogar-se se agarra a um cabo do navio.

- Um voto estúpido, Ulisses, um voto impensado! Estúpido! Há dezesseis anos, Clítemenestra estava prestes a dar à luz a nossa última filha... Contudo, o trabalho de parto arrastou-se durante três dias sem qualquer resultado... Ela não conseguia dar à luz a criança! Então, pedi a todos os deuses - à Mãe, a Hera, a Misericordiosa, e a Hera, a Estranguladora, aos deuses e deusas do lar, do parto, das crianças, das mulheres. Nenhum me respondeu - nenhum!.

As lágrimas continuavam a cair, mas Agamêmnon prosseguiu.

- Desesperado, orei a Ártemis, apesar de ela ser virgem e não gostar de mulheres fecundas. Pedi-lhe que ajudasse a minha mulher a dar à luz uma bela e saudável criança. Em troca, prometi-lhe a mais bela criatura que nascesse nesse ano no meu reino. Pouco depois, Clítemenestra dava à luz Ifigênia. E, no fim desse ano, mandei mensageiros a toda a Micenas, a fim de que me trouxessem as criaturas nascidas nesse ano que considerassem mais belas. Cabritos, vitelos, cordeiros, até mesmo pássaros. Ofereci a Ártemis todos esses belos animais, ainda que, no fundo, soubesse que a deusa não ficaria satisfeita. E, de fato, Ártemis rejeitou todos os sacrifícios.

Seria possível que, no mundo, não houvesse nunca mudança? Sabia já o desfecho daquela horrenda história - era como se ele estivesse pintado numa parede diante dos meus olhos. Porque eram os deuses tão cruéis? Porquê?

- Termine, por favor, Agamêmnon - disse-lhe.

- Certo dia, estava com a minha mulher e a bebê quando Clitemenestra comentou que Ifigênia era a mais bela criatura de toda a Grécia - mais bela, disse, do que a própria Helena. Antes que ela concluísse a frase, já eu sabia que Ártemis lhe pusera as palavras na boca. A arqueira queria a minha filha. Só com a minha filha ficaria satisfeita. Mas eu não podia fazer isso, Ulisses. Nós abandonamos crianças recém-nascidas, mas os sacrifícios humanos não são praticados na Grécia desde que a Nova Religião banuiu a Velha. Pedi por isso à deusa que compreendesse por que razão eu não podia fazer o que ela queria. O tempo foi passando e, como ela nada fazia, pensei que tinha compreendido. Agora, vejo que ela estava apenas à espera de uma oportunidade. Ela quer aquilo que eu não posso dar, a vida que ela permitiu que nascesse, e insiste em que eu lhe dê essa vida ainda virgem. A vida da minha filha é um círculo perfeito. Mas eu não posso permitir um sacrifício humano! Dei ao meu coração a dureza fria do metal: se eu perdesse o meu filho (estar longe dele vinte anos não era o mesmo que perdê-lo?), por que haveria ele de poupar a sua filha? Agamêmnon tinha mais duas filhas. A sua ambição obrigara-me a separar-me de tudo o que me era querido - por que não haveria ele de sofrer também? Se homens de estatuto inferior eram forçados a obedecer aos deuses, por que não haveria o rei supremo - o representante de todos diante dos deuses - de lhes obedecer também? Agamêmnon fizera uma promessa e adiar o seu cumprimento durante dezesseis anos apenas porque essa promessa o afetava pessoalmente. Se a mais bela criatura nascida nesse ano tivesse sido o filho de outro homem, Agamêmnon teria realizado o sacrifício e não ficaria com nenhum peso na consciência. Por tudo isto, olhei-o bem nos olhos, o coração consumido pela dor do exílio, e sucumbi ao apelo de um demônio que vivia dentro de mim desde o dia em que o oráculo pronunciara o meu destino.

- Cometeste uma transgressão terrível, Agamêmnon - disse eu. - Se Ifigênia é o preço que Ártemis exige, então terá de pagá-lo! Oferece à deusa a tua filha! Se não o fizer, o teu reino ruirá e a expedição a Tróia fará de ti o homem mais ridículo de todos os tempos!

Ah, o que ele odiava o ridículo! Para Agamêmnon, nem mesmo o mais querido membro da sua família poderia significar tanto como o seu reino, como o seu orgulho. Vi o conflito desenhando-se claro no seu rosto, vi o desespero e o sofrimento, vi a visão da sua miserável queda na ignomínia e no ridículo. Então, o pobre rei supremo virou-se para Nestor, procurando apoio.

- Nestor, Nestor, que hei de fazer? Dividido entre o horror e a piedade, o velho rompeu a chorar.

- É um dilema terrível, Agamêmnon! Mas temos de obedecer aos deuses. Se Zeus onipotente te disse que deves dar à arqueira aquilo que ela pede, então não tens alternativa. Lamento muito, mas tenho de concordar com Ulisses.

Chorando desolado, o nosso rei supremo pediu o apoio de cada um dos outros; um a um, lívidos e graves, todos lhe deram a mesma resposta que eu.

Só eu observava atentamente Calcas, perguntando-me se o velho não teria feito um inquérito discreto sobre o passado de Agamêmnon. Quem poderia esquecer o ódio e o desejo de vingança que encontrei no seu rosto no dia em que a tempestade começara? Um homem muito sutil - para além de troiano.

Depois de todos os principais chefes terem se recusado a apoiar Agamêmnon, a resolução do caso não excederia o âmbito da logística. Agamêmnon, convencido - graças a mim - de que não tinha outra alternativa senão sacrificar a sua filha, explicou-nos quão difícil seria separar a jovem da mãe.

- Clitemenestra não permitirá que tragam Ifigênia para Áulida, sabendo que ela vai ser vítima da faca do sacerdote - disse ele, de súbito velho e alquebrado.

- A rainha pedirá o apoio do povo - e o povo a apoiará.

- Há soluções para isso.

- Que soluções?

- Eu falei com Clitemenestra, Agamêmnon. Direi-lhe que, devido à tempestade, Aquiles ficou tão impaciente que pretende regressar sem demora a Iolcos e levar consigo os Mirmidões. Direi-lhe ainda que tiveste a brilhante idéia de lhe oferecer a mão de Ifigênia desde que ele permaneça em Áulida. Clitemenestra não se oporá. Chegou a dizer-me, aliás, que gostaria muito que Ifigênia se casasse com Aquiles.

- Mas isso será uma desonra para Aquiles! - exclamou Agamêmnon, com um ar desconfiado. - Aquiles não consentirá. Já o conheço bem e sei que ele é um homem reto - o que não admira, pois é filho de Peleu!

Exasperado, ergui os olhos para o céu.

- Agamêmnon, Aquiles nunca saberá! Não tenciona contar esta história a todas as pessoas, não é? Cada um de nós jurará de bom grado um voto de absoluto segredo. O sacrifício humano não conquistaria nenhum coração entre os nossos homens - começariam a pensar em quem seria o próximo. Porém, se nenhum rumor transpirar, tudo correrá bem e Ártemis ficará apaziguada. Aquiles nunca saberá!
- Muito bem. Falarás então com Clitemenestra - disse ele. Quando abandonamos o sagrado recinto, tratei de isolar Menelau.
- Menelau, quer que Helena volte para ti? Uma onda de dor inundou-lhe o rosto.
- Por todos os deuses, Ulisses, não conhece a resposta?
- Então ajude-me - ou a frota nunca partirá!
- Farei tudo o que me pedir, Ulisses!
- Agamêmnon vai enviar um mensageiro a Clitemenestra. Esse mensageiro chegará antes de mim. O homem lhe dirá que ignore a minha história e que se recuse a entregar-me a moça. Tem de interceptar esse mensageiro.

A sua boca transformou-se nesse instante numa linha fina e dura.

- Juro, Ulisses, que será o único a falar com Clitemenestra. Fiquei satisfeito. Por Helena, Menelau seria capaz de fazer tudo.

A minha missão não poderia ter sido mais fácil. Clitemenestra ficou deliciada com o suposto casamento que Agamêmnon arranjava para a sua querida filha. Além disso, agradava-lhe o fato de Ifigênia ir casar-se com um homem que estava prestes a embarcar para uma guerra no estrangeiro. Clitemenestra adorava Ifigênia; o casamento com Aquiles lhe permitiria manter a moça perto de si até que Aquiles regressasse de Tróia. Rejubilou o Palácio do Leão enquanto Clitemenestra tratava das bagagens da filha sem a ajuda de nenhuma criada e a iniciava nos mistérios da vida das mulheres. Acompanhou a liteira de Ifigênia até esta atravessar a Porta do Leão, enquanto a sua filha mais velha, Crisótemis, que ainda estava solteira, chorava de frustração e inveja. Ao passo que Electra, a mais velha de todas, uma réplica magra, amarga e muito pouco atraente do pai, assistia à partida do alto das muralhas, com o irmão Orestes, ainda bebê, ao colo. Entre ela e a mãe não havia qualquer laço afetivo - isso era bem visível.

Quando a liteira parou na Porta do Leão, Clitemenestra afastou as cortinas e beijou a ampla testa branca de Ifigênia. Tremi. A rainha suprema era uma mulher atreita a amores e ódios extremos; que faria ela quando soubesse a verdade (e acabaria por sabê-la)? Se, um dia, Clitemenestra viesse a odiar Agamêmnon, o rei supremo teria boas razões para temer a sua vingança.

Ordenei aos homens que conduzissem a liteira tão rapidamente quanto possível, ansioso como estava por chegar a Áulida. Sempre que parávamos para descansar ou acampar, Ifigênia desatava a conversar comigo - que admirava muito Aquiles, dizia ela, que o apreciara demoradamente, sem que ele desse por nada, no Palácio do Leão, que se apaixonara perdidamente por ele, que seria maravilhoso casar-se com ele, porque esse era o desejo do seu coração.

Armara-me para não sentir pena dela, mas, por vezes, confesso que não era fácil; os seus olhos eram tão inocentes, tão felizes! Mas Ulisses era um homem mais forte do que todos os outros naquela parte do ser que aos homens dá resistência e que os leva a vencer a adversidade.

Depois da noite ter caído, ordenei que levassem a liteira, com as cortinas baixas, para o acampamento imperial. Sem mais demora, conduzi Ifigênia a uma pequena tenda que ficava perto da do seu pai. Deixei-a com ele. Menelau ficou à porta, já que eu temia que a presença de Ifigênia reduzisse a pó a determinação de Agamêmnon. Considerando que seria mais sensato não chamar a atenção dos reis e das suas tropas para a chegada de Ifigênia, decidi não colocar nenhum guarda de sentinela à tenda dela. A minha sentinela seria Menelau.

Capítulo Décimo Primeiro

Narrado Por Aquiles

Todos os dias, com chuva e com frio, exercitava os meus soldados, aquecendo-os com trabalho duro. Outros chefes permitiriam que os seus homens vadiassem, mas os Mirmidões sabiam que eu não era desses. Adoravam as condições em que viviam, gostavam da disciplina rígida e sentiam-se superiores aos demais soldados, pois sabiam que eram mais profissionais do que todos os outros.

Não me dava sequer ao trabalho de comparecer no quartel-general imperial. Francamente, achava que não valia a pena. E quando surgiu a segunda lua, não mais do que um pavio aceso no céu, todos nós começamos a pensar que a expedição a Tróia não se concretizaria. Para dizer a verdade, contávamos já que, mais dia menos dia, surgisse a ordem de desmobilização.

Na primeira noite de lua cheia, Pátrocles saiu com Ájax, Teucro e o Pequeno Ájax. Eu também fora convidado, mas preferi declinar do convite, pois não estava com disposição para frivolidades, quando tudo apontava para o ignominioso fim da grandiosa empresa. Por um momento, toquei melodias na minha lira e cantei; depois, deixei-me arrastar para uma espécie de inércia sonolenta.

O ruído produzido por alguém que entrara na minha tenda me fez erguer a cabeça. De súbito, vi uma mulher abrindo a porta da tenda, uma mulher que envergava um manto úmido, fumegante. Fiquei perplexo olhando para aquela visão, mal crendo no que os meus olhos viam. Então, a mulher avançou, afastou a cortina da entrada, baixou o capuz do manto e abanou a cabeça para libertar a longa cabeleira de umas quantas gotas de chuva.

- Aquiles! - exclamou ela, os olhos brilhando como âmbar acastanhado.

- Eu a vi em Micenas quando espreitei pela porta atrás do trono do meu pai! Oh, estou tão feliz!

Nesse momento, eu me tinha levantado; porém, continuava boquiaberto de espanto.

A jovem não tinha mais de quinze ou dezesseis anos: cheguei a essa conclusão ainda antes dela ter despido o manto e de me ter mostrado uma pele que fazia lembrar um mármore leitoso tenuemente percorrido por veios e dois nédios seios. A boca era de um suave rosa e meigamente encurvada, o cabelo era da cor do fogo mais brilhante. Tão viva era ela que o ar à sua volta parecia quebrar-se; havia um fresco riso no seu rosto e uma força oculta sob a sua extrema juventude.

- A minha mãe nem precisou de me convencer - prosseguiu ela, já que eu nada dizia. - Não consegui esperar até amanhã para te dizer quanto me sinto feliz! Era contigo que Ifigênia queria casar-se!

Senti um estranho sobressalto. Ifigênia? A única Ifigênia que eu conhecia era a filha de Agamêmnon e Clitemenestra! Mas que estranha conversa era aquela? Por quem ela me teria tomado? Continuei de olhos fixos nela como um idiota chapado, sem dizer nada, como se me tivesse esquecido de todas as palavras do mundo.

O meu silêncio e o puro espanto do meu rosto acabaram por transformar a expressão da jovem: um prazer ardente dava agora lugar a uma ansiedade cheia de incertezas.

- Que fazes tu em Áulida? - consegui finalmente dizer. Nesse preciso instante, Pátrocles entrou, viu-nos e parou.

- Uma visita, Aquiles? - Piscou-me o olho. - Eu vou embora.

Atravessei rapidamente o espaço que nos separava e segurei-o pelo braço.

- Pátrocles, a moça diz que é Ifigênia! - murmurei. - Deve ser a filha de Agamêmnon! E, pelo que diz, pensa que eu mandei um mensageiro a Micenas e que a pedi em casamento!

- Por todos os deuses! - exclamou Pátrocles, agora muito pouco divertido. - Será uma conspiração para te desacreditarem? Um teste à tua lealdade?

- Não sei.

- E se a levássemos à tenda do pai? Mais calmo agora, ponderei essa hipótese.

- Não. É óbvio que ela escapuliu da sua tenda. Ninguém sabe que ela está aqui. Vamos fazer o seguinte: eu a detenho na minha tenda, enquanto tu espias a tenda de Agamêmnon, procurando saber o que se passa. Tens de ser quase tão rápido como o relâmpago.

Pátrocles desapareceu nesse mesmo instante.

- Sente-se, Ifigênia - disse eu para a visitante, e logo me deixei cair numa cadeira. - Posso te oferecer água? Bolos?

Não me respondeu. Um momento depois, já estava sentada no meu colo, os braços enroscados no meu pescoço, a cabeça encostada ao meu ombro. Inclinei-me um pouco com a intenção de levantá-la, mas os meus olhos detiveram-se nos tumultuosos caracóis da sua cabeleira e logo mudei de idéia. Era uma criança - e estava apaixonada por mim. Aos olhos dela, eu era velho: uma sensação nova para mim. Há cerca de meio ano que não via Deidamia e aquela moça despertava em mim emoções muito diferentes. A minha preguiçosa e convencida esposa tinha mais sete anos do que eu - fora ela quem me cortejara, não eu. Para um rapaz de treze anos, que acabava de despertar para as funções sexuais do seu corpo, ser iniciado por uma mulher mais velha era maravilhoso. Agora, dava comigo muitas vezes a perguntar-me o que sentiria por Deidamia quando regressasse de Tróia, pois deixaria de ser um rapaz para passar a ser um homem endurecido pela guerra. Ah, era tão agradável ter Ifigênia nos meus braços, sentir não os perfumes que as mulheres mais velhas usavam, mas sim o doce e natural odor da juventude!

Sorridente e satisfeita, ergueu a cabeça para me fitar; depois, voltou a pousá-la no meu ombro. Senti os seus lábios acariciando-me a garganta; os seios, colados ao meu peito, queimavam como brasas. Pátrocles, Pátrocles, seja rápido! Depois, disse-me palavras que não consegui ouvir; afaguei-lhe a densa cabeleira cor de fogo e ergui-lhe a cabeça para que pudesse ver o seu rosto encantador.

- Que disse? - perguntei. Ela corou.
- Só perguntei se não ia me beijar. Fiquei aflito.
- Não. Olhe para a minha boca, Ifigênia. A minha boca não foi feita para beijar. Só pode beijar quem tem lábios.

- Então, deixa-me beijar-te todo. Deveria tê-la afastado de mim nesse exato momento, mas não consegui. Em vez disso, deixei que os seus lábios, tão suaves como as penas de um cisne, vagueassem pelo meu rosto, roçassem as minhas pálpebras fechadas, se aninhassem no meu pescoço, onde os nervos têm sobre o coração de um homem uma ação mágica, pois põem-no a martelar desordenadamente. Ansiando estreitá-la contra mim até que ela pedisse trégua para respirar, tive de lutar contra mim mesmo para lhe ordenar que parasse e para a olhar nos olhos com o ar mais sério deste mundo.

- Já chega, Ifigênia. Fique quieta agora. - E mantive-a quieta até que, finalmente, Pátrocles chegou.

O meu amigo permaneceu à porta. Os seus olhos escarninhos interrogavam-me. Afastei dela os meus braços e os ergui no ar, dividido entre o riso e a irritação. Não era costume de Pátrocles troçar de mim. Com suaves afagos, a fiz sair do meu colo e sentei-a na cadeira. No rosto de Pátrocles, não havia já sinal de troça; pelo contrário, havia sombras e muita fúria no seu rosto. Quando me aproximei dele, disse-me que só falaria quando tivesse certeza de que ela não conseguiria ouvir.

- Combinaram uma bela conspiração, Aquiles.

- Era o que eu pensava. Que conspiração?

- Tive sorte, Aquiles. Agamêmnon e Calcas estavam sozinhos na tenda do rei supremo. Consegui me esconder e ouvir quase tudo o que diziam. - Respirou fundo. Tremia. - Aquiles, eles usaram o teu nome para convencerem Clitemenestra a deixar partir a filha! Disseram-lhe que tu querias casar com Ifigênia antes de partirmos para Tróia. Mas a realidade é bem diferente: amanhã, Ifigênia vai ser sacrificada a Ártemis, a fim de expiar um delito qualquer - não sei qual - que Agamêmnon cometeu contra a deusa.

A raiva é algo que todos os homens sentem, embora alguns mais do que outros. Não me imaginava presa fácil dessa emoção, mas a verdade é que, logo que Pátrocles terminou, senti-me invadido por uma raiva tão grande que, de um momento para o outro, esqueci tudo o que me haviam ensinado sobre bom senso, ética, princípios ou decência. Os deuses no Olimpo deviam ter tremido. A minha boca pareceu desligar-se dos meus dentes e todo o meu corpo se agitava como se o sortilégio tivesse voltado a atormentar-me. Estou certo de que, se Pátrocles não me tivesse agarrado com uma força que lhe desconhecia, teria corrido naquele mesmo instante à tenda de Agamêmnon e cortado ao meio o rei supremo e o sacerdote com o meu machado!

- Aquiles, pense! - disse-me ele muito baixinho. - Pense! Acredita que ganhará algo se os matar? O sangue deles é preciso para que a frota parta! Pelo que pude ouvir, pareceu-me evidente que o nosso rei supremo só tomou esta decisão depois de ter sido muito atormentado e intimidado!

Cerrei com tanta força os punhos que consegui libertar-me dele.

- Está à espera de que eu me limite a assistir a tudo e a aplaudir? Eles usaram o meu nome para perpetuarem um crime que é proibido pela Nova Religião! Um crime bárbaro! Um crime que suja o próprio ar que respiramos! E, além disso, usaram o meu nome! - Abanei-o tanto que os seus dentes começaram a bater uns nos outros. - Repara na pobre moça, Pátrocles! Será capaz de ficar parado e de assistir ao seu sacrifício como se ela fosse um cordeiro?

- Não, tu não me entendeste, Aquiles! - disse ele, aflito. - O que eu queria dizer era que deveríamos examinar o caso com a cabeça fria, e não com a fúria que sempre cega os homens! Aquiles, pense! Pense! Tentei pensar. Lutei contra mim mesmo para pensar. O demônio da loucura fervia dentro de mim com tal violência que, para dominá-lo, quase me matava. Até que, por entre a confusão, a lógica, com passos titubeantes, regressou ao meu espírito. Tínhamos de enganá-los! Haveria por certo uma maneira de os enganar! As minhas mãos envolveram as mãos de Pátrocles.

- Pátrocles: seria capaz de fazer qualquer coisa que eu te pedisse?

- Qualquer coisa, Aquiles. Tudo.

- Então, procura Automedonte e Alquimos. Podemos confiar sempre neles, seja qual for a empresa: eles são Mirmidões. Diz a Alquimos que tem de encontrar um veado ainda novo e de pintar os seus chifres de ouro. Terá de ter o animal amanhã de manhã, bem cedo! Pode confiar inteiramente em Automedonte. Você e ele devem esconder-se atrás do altar antes de o sacrifício começar. Terá o veado contigo, preso a

uma corrente de ouro. Calcas costuma usar muita fumaça nos seus rituais. Quando Ifigênia estiver no altar e as nuvens de fumaça se tornarem muito espessas - o sacerdote só lhe cortará a garganta se a fumaça impedir Agamêmnon de ver - retire a moça do altar e deixe o veado no seu lugar. Calcas, como é evidente, perceberá que alguém o enganou. Mas Calcas gosta viver. Não dirá que houve ali mão humana: dirá apenas que se trata de um milagre!

- Sim, pode dar certo... Mas diga-me: depois de a termos tirado do altar, o que é que fazemos? - Há um pequeno esconderijo atrás do altar: o local onde costumam guardar a vítima. Esconde-a ali até todos partirem. Depois, tragá-a para a minha tenda. A mandarei para a mãe, com uma mensagem explicando tudo o que se passou. Consegue fazer o que te peço?

- Sim, Aquiles. E tu? Que vais tu fazer?

- Há muito que não assisto aos augúrios de Calcas, mas, amanhã, chegarei a tempo para assistir à cerimônia. Por ora, a mandarei de volta para a sua tenda. Não sei como é que ela veio aqui sem ninguém perceber, mas é absolutamente necessário que ela regresse à sua tenda sem que ninguém a veja. Eu próprio a levarei.

- Talvez a tivessem deixado vir - disse Pátrocles.

- Não. Nunca permitiriam que ela passasse comigo tempo suficiente para perder a virgindade. Ártemis gosta de virgens.

Pátrocles franziu o sobrolho.

- Aquiles, não seria melhor se a mandássemos de volta para a mãe imediatamente?

- Não posso, Pátrocles. Isso implicaria uma confrontação aberta com Agamêmnon. Se tudo correr bem amanhã no sacrifício, teremos partido para Tróia antes de Clitemenestra estar a par de tudo.

- Acredita então que a morte de Ifigênia é necessária para que o tempo melhore? - perguntou ele num tom muito peculiar.

- Não. Creio que o tempo melhorará por si mesmo dentro de um ou dois dias. Pátrocles, eu não me atrevo a correr o risco de uma confrontação aberta com Agamêmnon. Será possível que não entende? Eu quero estar presente em Tróia!

- Sim, eu entendo. - Encolheu os ombros. - Bom, tenho de ir. O pobre Alquimos morrerá de susto quando eu lhe disser que tem de encontrar um veado novo! Ficarei com Automedonte o resto da noite. Se não receber nenhuma mensagem dizendo que o plano correu mal, pode estar certo de que amanhã, ao meio-dia em ponto, estaremos atrás do altar!

- Ótimo. Furtivamente, Pátrocles saiu para a noite chuvosa. Ifigênia tinha estado a ver-nos, os olhos muito abertos.

- Quem era? - perguntou ela, curiosa.

- O meu primo Pátrocles. Há problemas com os homens.

- Ah. - Pensou um pouco e disse: - É muito parecido contigo. Mas os olhos dele são azuis. E é mais pequeno.

- E tem lábios. Ela riu.

- Isso torna-o um homem igual aos outros. Eu gosto da tua boca tal e qual como ela é, Aquiles.

Peguei nela, obrigando-a a levantar-se.

- Agora precisa ir para a sua tenda, antes que alguém descubra a tua escapadela.

- Ainda não - disse ela, com um ar sedutor, afagando-me o braço.

- Imediatamente, Ifigênia.

- Nós nos casamos amanhã. Porque é que não me deixa passar contigo a noite?

- Porque você é filha do supremo rei de Micenas e a filha do supremo rei de Micenas tem de se casar virgem. A sacerdotisa confirmará essa virgindade antes do casamento. E depois, eu terei de mostrar os lençóis do tálamo nupcial para provar que sou teu marido em todos os aspectos - disse eu firmemente.

Ela fez beicinho.

- Mas eu não quero ir!

- Se quiser ou não, terá de ir, Ifigênia. - Envolvi-lhe o rosto nas minhas mãos. - Antes de levá-la para a tenda, quero que me prometa uma coisa.

- A ti prometo tudo - disse ela, sorridente, animada.

- Não conte ao teu pai, nem a qualquer outra pessoa, que veio ver-me. Se contar, desconfiarão da tua virgindade.

Ela sorriu.

- Só mais uma noite, então! Acho que consigo suportar. Leve-me para a minha tenda, Aquiles.

Pátrocles não me mandou nenhuma mensagem dizendo que havia problemas. Muito antes do meio-dia, vesti a minha armadura, aquela que o meu pai me dera e que provinha do tesouro de Minos, e encaminhei-me para o altar sob o plátano. Tudo parecia correr bem; suspirei de alívio. Pátrocles e Automedonte já deviam estar a postos.

Oh, as expressões dos reis quando me viram! Ulisses deu imediatamente o braço a Agamêmnon, Nestor encolheu-se entre Diomedes e Menelau, ao passo que Idomeneu parecia atemorizado e constrangido. Era óbvio: todos eles estavam envolvidos naquilo. Saudei-os muito informalmente e perambulei um pouco pelo recinto, como se estivesse ali por mero acaso. Atrás de nós, ouviu-se o som de passos na erva encharcada; Ulisses encolheu os ombros, percebendo que já não havia tempo para me convencerem a partir. Não que eu adivinhasse os seus pensamentos. Em Ulisses, a própria simpatia e normalidade eram resultado da sua sutileza. O homem mais perigoso do mundo. Ruivo e canhoto: claros indícios do mal.

Como que movido por uma vaga curiosidade, virei-me para ver Ifigênia aproximando-se lenta e orgulhosamente do altar, o queixo bem erguido; porém, uma tremura ocasional dos lábios traía o profundo terror que lhe ia na alma. Quando me viu, recuou como se eu tivesse feito menção de lhe bater; fitei as janelas dos seus olhos e vi perderem as suas ultimas esperanças. O choque transformou-se em ira, uma emoção amarga e corrosiva que nada tinha a ver com o tipo de raiva que eu sentira quando Pátrocles me revelara a conspiração. Ela me odiava, ela me abominava, ela me fitava tal e qual a minha mãe. Enquanto os meus olhos imperturbáveis se viravam para o altar, ansiando pelo momento em que pudesse explicar-lhe tudo.

Diomedes juntara-se a Ulisses. De fato, ajudavam Agamêmnon a manter-se de pé, os braços sob as axilas dele. As feições do rei supremo eram um límpido espelho do horror que sentia, o seu rosto ganhara uma lividez cadavérica. Calcas empurrou Ifigênia, espetando-lhe um dedo nas costas. A filha de Agamêmnon não vinha acorrentada. Podia imaginar o desprezo que sentia por eles - ela era a filha de Agamêmnon e Clitemenestra e o seu orgulho era uma fortaleza inexpugnável.

Aos pés do altar, virou-se para nos olhar e era apenas desprezo o que havia nos seus olhos; depois, subiu os poucos degraus e, com um movimento suave, deitou-se sobre a mesa, as mãos juntas sob os seios, o perfil delineado contra o mar lúgubre, alteroso. Não chovera nessa manhã; o leito de mármore da morte estava seco.

Calcas atirou um sortido de substâncias pulverizadas para as chamas que se erguiam em três tripodes colocados em torno do altar; nuvens de fumo verde e outras de fumo tão amarelo como a bílis ergueram-se imediatamente, espalhando um fedor insuportável de enxofre e podridão. Empunhando uma grande faca ornamentada com jóias, Calcas desatou a andar de um lado para o outro como um enorme e obscuro morcego. Quando o seu braço se ergueu e a faca faiscou, permaneci tão imóvel como uma estátua, horrorizado e, no entanto, fascinado. A cintilação da lâmina deslocou-se então para baixo; nuvens de fumo engoliram o sacerdote, ocultaram-no. Alguém gritou, um grito estridente, gorgolejante, que logo se transformou num estertor. Os corpos dos presentes pareciam ter-se transformado em pedra. Então, uma rajada de vento varreu a fumarada. Ifigênia jazia no altar, o sangue correndo por um sulco que havia no mármore, deslizando a caminho de uma enorme taça que Calcas segurava.

Agamêmnon desatou a vomitar. Até mesmo Ulisses se sentiu nauseado com o miserável espetáculo. Mas eu não conseguia desprender os meus olhos de Ifigênia, daquele corpo que a morte levava. A minha boca abriu-se num único uivo de tortura. A loucura inundou-me as veias. A minha espada estava já na minha mão quando corri para Agamêmnon; se Ulisses e Diomedes não estivessem ali para o proteger, o teria degolado num ápice; o vomitado escorria-lhe agora pela barba que tantos cuidados lhe merecia. Deixaram-no cair como uma pedra para me deterem; desesperados, procuravam arrancar-me a espada, mas eu obrigava-os a dançar à minha volta como se eles não fossem mais do que títeres. Idomeneu e Menelau correram para ajudá-los; até o velho Nestor avançou trôpego para o meio da briga. Por fim, os cinco conseguiram agarrar-me e deitar-me no chão. O meu rosto ficou a uma pequena distância do de Agamêmnon. Amaldiçoei-o até que a minha voz se transformou num mero grito. De súbito, porém, toda a minha força se escoou. Desatei a chorar. Só assim conseguiram arrancar a espada às garras dos meus dedos. Por fim, ergueram-nos aos dois do chão.

- Usou o meu nome para cometer este crime hediondo, Agamêmnon! exclamei, o rosto lavado em lágrimas, o coração já sem raiva mas impregnado do ódio mais profundo. - Permitiu que a sua filha fosse sacrificada! E para quê? Apenas para satisfazer o teu orgulho! Com este crime, o rei supremo transformou-se, aos meus olhos, no mais vil dos escravos! Não é melhor do que eu. No entanto, eu sou pior do que você. Se não tivesse cedido à minha ambição, poderia ter impedido que isto acontecesse. Mas ouve bem o

que te digo, rei dos reis! Vou enviar uma mensagem a Clitemenestra, informando-a do que aconteceu aqui. Não pouparei ninguém - e muito menos a mim mesmo! A nossa honra foi irremediavelmente maculada. Este crime é, para todos nós, uma maldição!

- Eu tentei impedir que isto acontecesse... - protestou Agamêmnon. - Mande uma mensagem a Clitemenestra, mas o mensageiro foi assassinado. Eu tentei, Aquiles, eu tentei... Ao longo de dezesseis anos, tentei impedir que este dia chegasse. A culpa é dos deuses. Caímos na sua armadilha.

Cuspi para os pés dele.

- Não culpe os deuses pelos seus próprios erros, rei supremo! Nós é que somos fracos! Nós somos mortais!

Não sei como, cheguei à minha tenda; a primeira coisa para onde olhei foi a cadeira onde eu a abraçara. Pátrocles estava sentado na outra e chorava. Quando me ouviu entrar, pegou numa espada e ajoelhou diante de mim, estendendo-me a arma.

- Que é isto? - perguntei, sem saber se o meu coração suportaria novas angústias.

Com a ponta da espada encostada à garganta, Pátrocles oferecia-me o punho.

- Mate-me, Aquiles, mate-me! Eu te traí! Eu manchei a tua honra!

- Eu próprio me traí, Pátrocles. Eu próprio manchei a minha honra.

- Mate-me! - implorou. Peguei a espada e atirei-a para o chão.

- Não! - respondi-lhe.

- Eu mereço morrer!

- Todos nós merecemos morrer, mas não será esse o nosso destino - disse eu, soltando as correias da minha couraça.

Pátrocles tratou de me ajudar: os hábitos não se perdem nunca, mesmo quando a dor nos despedaça o coração.

- Eu sou o único culpado, Pátrocles. Ah, o meu orgulho e ambição ... ! Como pude deixar que a sorte dela ficasse dependente de fios tão tênues, tão finos? Começava já a amá-la, teria casado com ela de bom grado. Não teria qualquer vergonha em divorciar-me de Deidamia - o meu casamento com ela não foi mais do que o resultado de um astucioso plano tramado pelo meu pai e por Licomedes. Disseste-me que mandasse imediatamente Ifigênia para o palácio da mãe. Um conselho sensato, Pátrocles. Eu te respondi que não porque não quis pôr em perigo a minha posição neste exército. Dei ouvidos ao meu orgulho e à minha ambição, cedi à minha fraqueza.

Despira já toda a armadura. Pátrocles tratou de guardá-la no seu baú. Meu criado, do princípio ao fim.

- Que aconteceu afinal? - perguntei-lhe enquanto enchia de vinho os nossos copos.

- De início, tudo correu bem - disse ele, sentando-se diante de mim. Não foi difícil arranjar o veado.

- Sombras percorreram os seus olhos, anunciando lágrimas. - Mas decidi não partilhar a glória com Automedonte. Queria que todos os seus elogios fossem só para mim. Por isso, fui sozinho para trás do altar. De repente, porém, o veado começou a ficar agitado e desatou a balir. Tinha-me esquecido de drogá-lo! Se Automedonte estivesse comigo, teríamos conseguido calá-lo. Mas eu estava sozinho e não consegui dominá-lo. Calcas, entretanto, me descobriu. Ele é um guerreiro, Aquiles! Mal me viu, pegou no cálice e deu-me uma pancada forte na cabeça. Quando recuperei os sentidos, estava amarrado e com um pano enfiado na boca. É por isso que quero que me mate. Se eu tivesse levado comigo Automedonte, o desfecho teria sido outro.

- Matar-te, Pátrocles, implicaria que me matasse a mim mesmo. São soluções demasiado fáceis... Temos de viver: só vivendo, poderemos cumprir inteiramente o nosso castigo. Mortos, não sentiríamos nada, seríamos apenas sombras - e as sombras desconhecem tanto a dor como a alegria. Não seria um castigo justo, Pátrocles - disse eu, bebendo um vinho que parecia fel.

Pátrocles aquiesceu.

- Sim, eu compreendo. Enquanto for vivo, não poderei esquecer nunca os meus ciúmes. E você, enquanto viver, não poderá esquecer nunca a tua ambição. Um destino muito pior do que a morte.

Mas Pátrocles não vira o seu olhar, não vira o desprezo. Não viveria a vida toda atormentado por esse olhar. Que pensamentos teriam desfilado pela sua mente entre o momento em que lhe contaram a verdade e o momento em que a faca de Calcas encontrou a sua garganta? Que teria ela pensado de mim - daquele que fingira ser o seu amado e que, depois, impiedosamente, a abandonara? A sombra de Ifigênia me perseguiria até ao fim dos meus dias. Que esse fim não tardasse!, era tudo o que eu pedia. Que a minha vida fosse curta e gloriosa!

- Quando partimos para Iolcos? - perguntou Pátrocles.

- lolcos? Nós vamos partir, Pátrocles, mas para Tróia.
- Depois disto?
- Tróia é uma parte da minha punição. E Tróia significa que não terei de enfrentar o meu pai, pois em Tróia morrerei. Que pensaria ele de mim se soubesse do meu miserável comportamento? Que os deuses o poupem a tão grande desgosto!

Capítulo Décimo Segundo

Narrado por Agamêmnon

A noite ia já alta quando mandei que enterrassem a minha filha numa cova funda, sob um monte de rochas junto ao mar. Nada identificava a sua derradeira morada. Nem na morte lhe dei eu um dote condigno, pois tudo o que Ifigênia tinha para levar consigo era um belo vestido e o seu pequeno tesouro de jóias de menina.

Aquiles prometera enviar uma mensagem à minha esposa, atribuindo-nos as culpas pela morte de Ifigênia; podia tentar impedir que isso acontecesse; bastaria que o meu mensageiro chegasse primeiro. No entanto, não conseguia encontrar as palavras necessárias, tão pouco um mensageiro. Os mensageiros em quem podia confiar iam partir todos comigo. E não havia no mundo palavras capazes de atenuar o golpe que eu desferira em Clitemenestra. Haverá porventura palavras capazes de mitigarem o desgosto que é a perda de um filho? Se elas existem, não são por certo humanas. Por maiores que fossem as nossas divergências, a minha esposa sempre me considerara um grande homem - um homem digno de ser seu marido. Contudo, Clitemenestra era da Lacedemônia e, nessa nação, a influência de Mãe Kubaba era ainda muito forte. Logo que soubesse da morte de Ifigênia, a rainha suprema tentaria reinstaurar a Velha Religião e substituir-me no trono. O poder passaria para as suas mãos.

Nesse momento, lembrei-me de um membro da minha comitiva que poderia dispensar: o meu primo Egisto. A história da nossa Casa - a Casa de Pélops - é horrenda. O meu pai, Atreu, e o pai de Egisto, Tiestes, disputaram o trono de Micenas após a morte de Euristeu; Hércules deveria ter sido o herdeiro, mas foi assassinado. Muitos crimes foram cometidos por causa do Trono do Leão de Micenas. O meu pai cometeu o mais horrível desses crimes: matou os sobrinhos, cozinhou-os e serviu-os a Tiestes, dizendo-lhe que era um prato digno de um rei. Mesmo sabendo isso, o povo escolheu Atreu como rei supremo, e baniui Tiestes. Egisto nasceu da união de Tiestes com uma mulher pelópida. Uma mulher com quem Atreu se casaria depois. Tiestes procurou então vingar a versão de que Egisto era filho de Atreu. Mas a triste história não terminou aí. Tiestes colaborou no assassinio de meu pai e voltou a sentar-se no trono supremo: até o momento em que, já adulto, o derrubei e bani.

No entanto, eu sempre gostara do meu primo Egisto, que era muito mais novo do que eu. Um homem bem-parecido e encantador com quem me dava melhor do que com o meu próprio irmão, Menelau. Contudo, a minha esposa não gostava de Egisto, nem confiava nele, porque Egisto era filho de Tiestes e tinha legítimas pretensões a um trono que, aos olhos de Clitemenestra, só poderia ser herdado por Orestes. Mande-o chamar logo que decidi o que havia de lhe dizer. A sua situação na corte dependia inteiramente de mim; daí que lhe conviesse tudo fazer para me agradar. E foi assim que enviei Egisto ao palácio de Clitemenestra, perfeitamente industriado e carregado de presentes. Ifigênia estava morta, mas não fora eu quem dera a ordem. Ulisses planejava tudo - e executara. Ela acreditaria nisso.

- Não estarei muito tempo longe da Grécia - disse eu a Egisto antes dele partir -, mas é indispensável que Clitemenestra não peça o apoio do povo para reinstaurar a Velha Religião. Egisto, você será o meu cão de guarda.

- Ártemis sempre foi tua inimiga - disse ele, ajoelhando para me beijar a mão. - Não se preocupe, Agamêmnon. Farei tudo o que for necessário para controlar Clitemenestra. - Pigarreou. - Claro que perderei os despojos de Tróia. Continuarei tão pobre como antes.

- Terá o teu quinhão dos despojos, Egisto - assegurei-lhe. - Agora vai.

Na manhã seguinte ao sacrifício, acordei de um sono que só muito vinho pudera induzir e deparei-me com um dia tão claro como calmo. As nuvens e o vento tinham-se dissipado durante a noite; só as gotas de água que caíam das abas das tendas falavam das várias luas de tempestade que tivéramos de suportar. Obriguei-me a agradecer a cooperação de Ártemis, mas nunca mais pediria ajuda à arqueira. A minha querida filha estava morta e, na sua cova, não havia sequer uma pedra que a arrancasse do anonimato. Não conseguia olhar para o altar.

Fênix estava na minha tenda, desejoso de partir sem demora; considerava eu que deveria esperar mais um dia, não fosse a tempestade voltar.

- O tempo vai continuar bom por muito tempo - disse-me o velho Fênix, cheio de confiança nos elementos. - Os mares entre Áulida e Tróia permanecerão tão calmos como leite numa tigela.

- Nesse caso - disse-lhe eu, lembrando-me de repente das críticas de Aquiles aos meus planos de abastecimento -, faremos uma oferenda a Poseidon e correremos o risco. Entretanto, Fênix, quero os navios cheios de comida! Abastece-te nos campos próximos. Todos os alimentos que houver, tragá-os para os navios.

Fênix pareceu espantado, mas logo pôs um sorriso imenso.

- É para já, rei Agamêmnon, é para já! Aquiles perseguia-me. As suas maldições ecoavam na minha memória, o seu desprezo era uma espada cravada no meu peito. Por que razão culpava a si mesmo, era algo que eu não entendia; ele era tão pouco capaz de desafiar os deuses como eu. Contudo, e ainda que não o desejasse, sentia por ele admiração. Aquiles tivera a coragem de proclamar a sua culpa diante dos seus superiores. Daria tudo para que Ulisses e Diomedes não estivessem tão preocupados com a minha segurança. Daria tudo para que Aquiles me tivesse cortado a cabeça diante do cadáver da minha filha. Daria tudo para que a minha vida tivesse terminado ali, naquele exato momento.

Na manhã seguinte, quando a primeira luz começou a tingir de rosa o pálido céu, a nau capitânia deslizou pela rampa rumo ao mar. Com as mãos cravadas na amurada, mantive-me na proa, sentindo-a mergulhar e tremer nas quietas águas. Finalmente a partida! Segui depois até à popa, onde os costados do navio pareciam erguer-se num capuz e a carranca de Anfitrião tudo vigiava. Virei as costas aos remadores, satisfeito com o fato de o meu navio possuir uma cobertura - os remadores sentavam-se na cobertura, deixando, desse modo, suficiente espaço livre para a minha bagagem, para os meus criados, para o tesouro de guerra e para todos os equipamentos de que um rei supremo precisava. Os meus cavalos estavam num cercado juntamente com mais uma dúzia de outros, perto do lugar onde me encontrava, e o mar corria suavemente não muito abaixo da cobertura. Era muito pesada a nossa carga.

Atrás de mim, grandes navios vermelhos e negros deslizavam nas águas como centopéias que tivessem remos em vez de pernas, rastejando ao longo da superfície dos eternos e implacáveis abismos de Poseidon. Um total de mil e duzentos navios; oitenta mil guerreiros e vinte mil ajudantes de todo o tipo. Alguns dos navios levavam apenas cavalos e remadores; nós somos um povo que usa os cavalos para puxarem os carros, tal como os Troianos. Continuava convencido de que a campanha seria breve, mas também sabia que não veríamos os fabulosos cavalos troianos enquanto Tróia não caísse.

Fascinado, contemplei a extraordinária cena; custava-me a crer que fosse minha a mão que ia ao leme daquela portentosa força, que o rei supremo de Micenas viesse realmente a ser o supremo rei do Império Grego. Mas nem um Décimo dos navios chegara ainda ao mar e já a nau capitânia atravessava o estreito de Eubeia e a praia, ao longe, parecia um ponto minúsculo. Senti um pânico momentâneo, perguntando-me como é que uma tão vasta frota conseguiria manter-se unida e coesa ao longo das muitas léguas que nos separavam de Tróia.

Contornamos a ilha Eubeia sob um sol escaldante, passamos entre Eubeia e Andros, e, enquanto o monte Oca se esbatia à popa, apanhamos as brisas que sempre sopram no Egeu. Os remadores, aliviados e gratos, prenderam os remos aos suportes, uma multidão de marinheiros rodeou o mastro e logo a vela escarlate de cabedal da nau capitânia imperial ganhou vida, sob o impulso de um vento sudoeste, quente e suave.

Dei mais uma volta pela cobertura, entre os bancos dos remadores, e subi os curtos degraus que conduziam à cobertura de proa, onde fora construído o meu camarote especial. Na nossa esteira, muitos navios navegavam já a boa velocidade, vencendo as altas vagas que as suas proas bicudas transformavam em minúsculas ondinhas. Pelos vistos, não era assim tão difícil mantermo-nos juntos; Télefo encontrava-se no extremo da proa, virando de quando em quando a cabeça para gritar instruções aos dois homens que manobravam o leme e nos faziam seguir a rota previamente definida. A certa altura, Télefo olhou-me com um imenso sorriso de satisfação.

- Excelente, rei supremo! Se o tempo se agüentar assim, conseguiremos manter esta velocidade. Não precisaremos aportar em Quios, nem em Lesbos. Não demoraremos muito a chegar a Ténedo.

Fiquei satisfeito com a informação. Télefo era o melhor navegador de toda a Grécia, o único homem que poderia levar-nos até Tróia sem correremos o risco de ficarmos encalhados numa praia qualquer, longe do nosso destino. Télefo era o único homem a quem eu podia confiar os destinos daqueles mil e duzentos navios. Helena, disse para mim mesmo, será muito breve a tua liberdade! Antes que dê por isso, estará

regressando a Amiclas - e acredite que será para mim um prazer imenso ordenar que te cortem a tua bela cabeça com o sagrado machado!

Os dias foram passando sem qualquer problema. Avistamos Quios, mas seguimos viagem. Não precisávamos de reabastecimentos e o tempo estava tão bom que nem Télefo, nem eu, queríamos abusar da nossa boa sorte demorando em terra. A costa da Ásia Menor encontrava-se agora praticamente à vista e Télefo conhecia bem todos os pontos de referência indispensáveis, pois subira e descera aquela costa centenas de vezes durante a sua longa carreira. Jubilosamente, chamou-me a atenção para a vasta ilha de Lesbos, certo e seguro do seu rumo; virou então a oeste, de modo a que, de terra, ninguém nos visse. Os Troianos não saberiam que rumávamos para Tróia.

Aportamos à zona sudoeste de Ténedo, uma ilha muito próxima do continente e de Tróia, no Décimo primeiro dia depois de termos deixado Áulida. Não havia espaço naquela praia para tantos navios; o melhor que podíamos fazer era deixarmos ficar fundeados o mais perto possível da praia e fazer votos para que a clemência do tempo se mantivesse por mais uns dias. Ténedo era uma ilha fértil, mas eram poucos os seus habitantes e a razão para este fato era só uma: Ténedo ficava muito perto da cidade que era considerada a maior do mundo. Quando nos viram, os Tenedenses concentraram-se na praia: os seus gestos de desamparo revelavam bem o terror que sentiam.

Aproximei-me de Télefo e dei-lhe umas amistosas palmadinhas no ombro.

- Muito bem, piloto! Merece um quinhão principesco dos despojos! Inchado de triunfo, Télefo desatou a rir, mas logo desceu correndo os degraus que conduziam à meia-nau, onde, momentos depois, se viu rodeado pelos cento e trinta homens que haviam partido comigo.

Ao cair da noite, chegaram os últimos navios da frota; todos os grandes chefes da Grécia vieram ter comigo no meu quartel-general temporário na cidade de Ténedo. Já havia feito o mais importante: reunira todas as humanas criaturas que viviam na ilha e comunicara-lhes a proibição de se deslocarem a Tróia. Pouco era o mar que separava Ténedo de Tróia e era preciso impedir que um tenedense mais afoito fosse informar o rei Príamo do que se passava na ilha. Quanto a mim, acreditava sinceramente que os deuses estavam todos com a Grécia.

Na manhã seguinte, fui até ao alto das colinas que coroavam o centro da ilha; alguns dos reis foram comigo a fim de exercitarem as pernas, contentes por terem reencontrado a solidez da terra. Ali estivemos no alto das colinas por um longo período, os mantos esvoaçando ao sabor do vento, mirando as águas tranquilas e muito azuis que nos separavam do continente e de Tróia.

Daquela posição, até uns olhos velhos e cansados veriam Tróia; devo confessar que, mal os meus olhos se fixaram na lendária cidade, um choque percorreu-me o corpo, um choque de espanto e desolação. Claro que eu imaginara Tróia de acordo com parâmetros meus conhecidos: Micenas no cume do monte do Leão; o portentoso porto comercial de Iolcos; Corinto, erguendo-se dos dois lados do istmo; a fabulosa Atenas. Mas todas essas cidades eram insignificantes quando comparadas com Tróia! Para além de se erguer imponente nas alturas, Tróia espalhava-se por muitas e muitas léguas, como uma espécie de gigantesco zigurate, tão vasto, tão amplo, que seria difícil descortinar os pormenores.

- Então? - perguntei a Ulisses. Parecia absorto nos seus pensamentos, os olhos cinzentos fixos num ponto qualquer. Porém, ao ouvir a minha pergunta, como que despertou. Virou-se para mim com um sorriso arreganhado e logo me respondeu:

- O meu conselho é este: façamos a travessia esta noite, cobertos pela escuridão; ao amanhecer, coloquemos o exército em ordem de batalha e ataquemos Príamo sem que ele espere - antes que ele possa fechar as portas da cidade. Amanhã à noite, rei supremo, Tróia será tua!

Nestor desatou numa berraria indecifrável, Diomedes e Filoctetes fitaram horrorizados Ulisses. Eu limitei-me a sorrir. Palamedes também, ainda que no seu sorriso houvesse alguma ironia.

Nestor falou, poupando-me trabalho.

- Ulisses, Ulisses, será possível que não é capaz de distinguir entre o bem e o mal? - perguntou ele, indignado. - Tudo no mundo é governado por leis - incluindo a guerra! E eu não participarei numa aventura em que as devidas formalidades não sejam cumpridas! Honra, Ulisses, é uma questão de honra! Onde está a honra nesse teu plano? O fedor dos nossos nomes chegaria ao Olimpo! Nós não podemos infringir as leis! - Virou-se para mim. - Não lhe dê ouvidos, Agamêmnon! As leis da guerra são inequívocas. Temos de lhes obedecer!

- Acalme-se, Nestor: eu conheço as leis tão bem como você. - Segurei Ulisses pelos ombros e abanei-o ligeiramente. - Ulisses: não estava esperando que eu desse ouvidos a tão ímpio conselho, não é verdade?

A resposta dele começou veio numa boa gargalhada. E logo acrescentou:

- Não, Agamêmnon, claro que não! Mas você me pediu uma opinião. E eu me senti na obrigação de partilhar contigo um excelente fragmento da minha sabedoria. Se os ouvidos à minha volta são surdos, para quê queixar-me? Eu não sou o supremo rei de Micenas. Sou apenas um dos seus súbditos leais - Ulisses, da rochosa Ítaca, onde um homem, se por acaso quiser sobreviver, terá, por vezes, de esquecer de coisas como a honra. Eu te disse como conquistar Tróia num só dia - e lhe garanto que não há outra maneira. Porque há uma coisa que deve ter presente - se Príamo tiver oportunidade de fechar as suas portas, passará dez anos uivando às muralhas de Tróia -, os dez anos que Calcas profetizou.

- Mas as muralhas podem ser escaladas e as portas derrubadas - contrapus.

- Podem? - Desatou de novo a rir e, de um momento para o outro, pareceu ficar muito longe de nós, imerso nos seus próprios pensamentos.

A sua mente era uma entidade prodigiosa; num ápice, era capaz de captar a mais intrincada das verdades. Intimamente, eu sabia que o seu conselho fazia todo sentido; mas sabia também que, se o seguisse, ninguém me seguiria. Se atendesse ao seu conselho, estaria transgredindo as leis de Zeus e da Nova Religião. Eram ímpias as idéias de Ulisses, mas ele conseguia sempre escapar à punição que tais idéias implicavam. Era isso que eu achava fascinante. Como explicar a sua impunidade? Claro que se dizia que Palas Atena o amava mais do que a qualquer outro homem e que intercedia sempre a favor de Ulisses junto do onipotente Pai. Dizia-se que a deusa o amava precisamente pela excelência da sua mente.

- Alguém terá de ir a Tróia levar os símbolos da guerra a Príamo e exigir o regresso de Helena - disse eu.

Todos pareciam dispostos a fazer parte da delegação, mas eu já tinha feito a minha escolha.

- Menelau, você é o marido de Helena. Terá de ir, evidentemente. Ulisses, você e Palamedes irão também.

- E eu? - perguntou Nestor, francamente aborrecido.

- Você não vai, Nestor, porque eu preciso ter por perto um dos meus conselheiros - disse eu, esperando que tal explicação soasse convincente. Se Nestor imaginasse que eu pretendia protegê-lo de novas fadigas, desataria aos berros contra mim. É certo que me lançou um olhar desconfiado, mas creio que a longa viagem por mar devia tê-lo deixado realmente extenuado, pois não discutiu as minhas ordens.

Ulisses abandonou finalmente os seus estranhos devaneios.

- Rei Agamêmnon, se eu vou participar nesta missão, terei de pedir um favor. É preciso que não haja o menor indício de que as nossas tropas se encontram aqui, ocultas pelos montes centrais de Ténedo. É preciso que o velho Príamo fique com a impressão de que estamos ainda na Grécia, preparando-nos para a guerra. A lei nos obriga apenas a notificá-lo formalmente do estado de guerra antes de atacarmos. Não temos de fazer rigorosamente mais nada. Além disso, Menelau deveria exigir uma indenização adequada para os danos psicológicos que sofreu em consequência do rapto da mulher. Creio que Menelau deveria exigir de Príamo a reabertura do Helesponto aos nossos mercadores e a abolição dos embargos comerciais.

Aquiesci.

- Muito bem visto, Ulisses. Começamos a descer a encosta na direção da cidade; os mais jovens e enérgicos iam à minha frente, Ulisses e Filoctetes à frente de todos, à conversa e à gargalhada como dois rapazes. Eram ambos homens excelentes, mas Filoctetes era melhor guerreiro do que Ulisses. O próprio Herácles, no seu leito de morte, dera a Filoctetes o seu arco e flechas, apesar de Filoctetes ser ainda um garoto.

Saltavam sobre tufos de erva, tonificados por aquele ar tão lavado; Ulisses saltou bem alto sobre uma moita e bateu com os calcanhares um no outro para demonstrar a sua agilidade. Filoctetes tratou de imitá-lo, com pernas ligeiras e ágeis. Um momento depois, porém, deu um penetrante grito de alarme. O seu rosto contorcia-se de dor; ajoelhou com uma das pernas, mantendo a outra estendida. Imaginando que teria partido a perna, corremos para o local. Ofegante, curvado, Filoctetes segurava na perna estendida com ambas as mãos. Ulisses pegara a sua faca.

- Que foi? - perguntou Nestor.

- Pisei uma serpente! - disse Filoctetes, com a voz entrecortada. Fiquei paralisado de medo. As serpentes mortíferas eram raras na Grécia: uma espécie muito diversa das cobras que nós tínhamos em casa e nos altares, cobras de que gostávamos e que honrávamos porque elas caçavam toda a sorte de ratos.

Ulisses fez cortes profundos nos dois lugares onde a serpente mordera; depois, abaixou-se e colou os lábios aos cortes, sugando o que neles havia, ou seja, tanto o sangue como o veneno. Depois, acenou para Diomedes.

- Diomedes, pegue-o no colo e leve-o a Macáon. Leve-o o mais quieto possível, para evitar que o veneno chegue aos órgãos vitais. Meu amigo - disse ele para Filoctetes -, tem de ficar muito quieto. E anime-se: não se esqueça que Macáon é filho de Asclépio. Ele saberá o que fazer.

Diomedes seguiu à nossa frente, levando a pesada carga como se Filoctetes não fosse mais do que uma criança pequena; corria suave e facilmente, o que não era para mim uma novidade, pois já o vira correr assim com a armadura completa vestida.

Claro que fomos imediatamente para a tenda dos cirurgiões. Dera uma boa tenda a Macáon e ao seu irmão, o tímido Podalírio; os homens adoecem mesmo antes de as guerras começarem. Filoctetes estava deitado num divã, os olhos fechados, a respiração convertida num estertor.

- Quem tratou a mordida? - perguntou Macáon.

- Fui eu - respondeu Ulisses.

- Fez muito bem, Ulisses de Ítaca. Se não tivesse agido desse modo tão rápido, Filoctetes teria tido morte imediata. Mesmo agora poderá morrer. O veneno deve ser extremamente letal. Filoctetes já teve quatro convulsões e pus-lhe a mão sobre o coração e senti uma arritmia nítida.

- Quando poderemos saber qualquer coisa? - perguntei. Tal como todos os físicos, também Macáon detestava os prognósticos fatais. Abanou a cabeça e respondeu-me:

- Não faço idéia, rei Agamêmnon. Alguém apanhou a serpente - ou a viu, pelo menos?

Abanamos as nossas cabeças.

- Nesse caso, é impossível prever um desfecho.

No dia seguinte, a delegação partiu para Tróia, num grande navio com a coberta na maior desordem, a fim de que os Troianos pensassem que a embarcação acabara de fazer a longa viagem desde a Grécia sem qualquer companhia. Ficamos calmamente aguardando o seu regresso. Nos mantínhamos tão silenciosos quanto possível, evitávamos que a fumaça das nossas fogueiras se erguesse mais alto do que as colinas, enfim, fazíamos tudo o que acreditávamos necessário para que a nossa presença não fosse detectada por eventuais vigilantes postados no continente. Os Tenedenses não nos causavam o menor problema: estavam ainda aturdidos com a magnificência da frota que, inopinadamente, aportara às suas praias.

Pouco falava com os chefes jovens. Haviam eleito Aquiles como seu chefe - para eles, o exemplo a seguir era Aquiles, não Agamêmnon. O filho de Peleu evitava-me desde o dia em que Ifigênia morrera. Vira-o mais de uma vez, mas ele fingia não dar por mim e seguia o seu caminho. Quanto aos métodos que seguia com os Mirmidões, só um cego não daria por eles: Aquiles não perdia tempo e não os deixava descansar, ao contrário do que sucedia com o resto do exército. Treinava-os e exercitava-os todos os dias; aqueles sete mil soldados eram os homens mais capazes e resistentes que jamais vira. Ficara um pouco surpreendido ao saber que Aquiles trouxera apenas sete mil mirmidões, mas percebia agora que Peleu e o filho haviam preferido a qualidade à quantidade. Nenhum daqueles soldados tinha mais de vinte anos e todos eles eram profissionais e não voluntários (e os voluntários, como era sabido, estavam mais habituados a lavrar a terra e a colher as uvas do que a manejar armas). Nenhum daqueles homens - diziam os rumores - era casado. Uma medida muito inteligente. Só os jovens sem mulher nem filhos correm para o fragor da batalha sem cuidarem do seu destino.

Sete dias depois de ter partido, a delegação regressou. O navio chegou à praia já era noite e os meus três embaixadores seguiram imediatamente para a minha tenda. Os seus rostos me disseram que a missão fora mal sucedida. Esperei contudo por Nestor para ouvir o que tinham a dizer. Quanto a Idomeneu, não havia necessidade de convocá-lo.

- Recusaram-se a nos entregar Helena, Agamêmnon! - disse o meu irmão, dando um murro na mesa.

- Acalma-se, Menelau! Não estava esperando que isso acontecesse. Mas digam-me: o que é que se passou? Alguém viu Helena?

- Não. Eles a mantêm escondida. Fomos escoltados até à cidadela - eles me conheciam da minha visita anterior. Até em Sigeu me reconheceram. Príamo estava sentado no trono e perguntou-me o que eu queria desta vez. Respondi-lhe que queria Helena e ele desatou a rir na minha cara! Ah, se o biltre do filho dele estivesse lá, podem crer que o teria morto ali mesmo! - Sentou-se, as mãos cobrindo o rosto.

- Matava o biltre do filho dele e depois te matavam. Prossiga.

- Príamo disse que Helena fora para Tróia por sua livre vontade, que não pretendia regressar à Grécia, que considerava Páris seu marido e que preferia manter o seu tesouro em Tróia, pois o tesouro impediria que ela se transformasse numa carga financeira para o seu novo país. Chegou mesmo a insinuar que eu usurpara o trono da Lacedemônia! Disse que, depois dos irmãos de Helena, Castor e Pólux, terem

morrido, ela é que deveria ter subido ao trono! Ela é que era filha de Tíndaro! Ao passo que eu, disse ele, eu não passava de um títere nas mãos de Micenas!

- Sim senhor... - disse Nestor, com um risinho. - Pelo visto, mesmo que tivesse preferido ficar contigo em Amiclas, Helena acabaria por conspirar contra ti.

O meu irmão virou-se para o velho com um ar feroz. Bati com o bastão no chão e ordenei:

- Prossiga, Menelau!

- Entreguei então a Príamo a tabuinha vermelha com o símbolo de Ares e ele se pôs a olhar para aquilo como se nunca tivesse visto nada de parecido em toda a sua vida. A mão dele tremia tanto que a tabuinha caiu no chão e partiu-se. Um sobressalto percorreu a sala. Depois, Heitor pegou os pedacinhos da tábuia e levou-os dali para fora.

Tudo isso deve ter passado há alguns dias. Porque é que não voltaram logo? - perguntei.

Menelau baixou a cabeça e não me respondeu. Tanto eu como Nestor ficamos logo sabendo a razão da demora: Menelau retardara a partida, na esperança de ver Helena.

- Não contou como terminou essa primeira audiência - disse Palamedes.

- Conto já, se me deixarem! - atirou-lhe Menelau. - O filho mais velho de Príamo, Deífobo, rogou em público ao pai que nos matasse. Depois, Antenor avançou para o estrado e ofereceu-nos alojamento. Invocou Zeus Hospitaleiro e proibiu todos os Troianos de nos tocarem com um só dedo que fosse.

- Uma reação interessante, tanto mais que Antenor é da Dardânia. Afaguei Menelau, procurando aliviar-lhe o sofrimento. - Anime-se, irmão! Em breve será vingado. Vá, agora vai deitar-se.

Só quando Nestor e eu ficamos a sós com Ulisses e Palamedes é que descobri aquilo que realmente queria saber. Menelau fora o único que alguma vez estivera em Tróia; porém, durante o ano em que nos preparamos para a guerra, o meu irmão não conseguira fornecer-nos uma única informação minimamente útil. Qual era a altura das muralhas? Eram muito altas, dizia ele. De quantos homens poderia Príamo dispor? De muitos. Eram firmes os laços que uniam Tróia às outras nações da Ásia Menor? Muito firmes. Fora uma missão quase tão impossível como tentar obter informações junto de Calcas, ainda que o meu irmão não pudesse usar a desculpa do sacerdote - é que, segundo Calcas, Apolo tinha-lhe atado a língua.

- Temos de ser rápidos, Agamêmnon - disse Palamedes.

- Porquê?

- Tróia é uma cidade curiosa, dominada por homens inteligentes e idiotas em igual número. Ambos podem ser perigosos. Príamo é uma mistura de inteligência e idiotice. Entre os seus conselheiros, Antenor e um jovem chamado Polidamas são aqueles que me merecem maior respeito. O filho que Menelau referiu, Deífobo, não passa de um fanfarrão. Contudo, ele não é o herdeiro. A sua posição é tão importante como a de qualquer outro dos filhos imperiais - os filhos de Príamo e de Hécuba.

- Mas devia ser ele o herdeiro, visto que é o mais velho.

- Príamo foi, na sua juventude, um bode insaciável. Gaba-se de ter cinquenta filhos, um número verdadeiramente incrível - filhos da rainha, das outras esposas, das muitas concubinas. Quanto a filhas, parece que tem mais de cem - disse-me que a sua semente faz mais moças do que rapazes. Perguntei-lhe por que não abandonara algumas das moças. Desatou a rir e disse-me que as mais belas davam boas esposas para os seus aliados, ao passo que as feias teciam tecido suficiente para manter o magnífico aspecto do palácio.

- Como é o palácio?

- Enorme, Agamêmnon. Tão grande, me parece, como a velha Casa de Minos em Cnossos. Cada um dos filhos casados de Príamo dispõe de aposentos privados e vivem todos no maior dos luxos. Há outros palácios no interior da cidadela. Antenor tem um, por exemplo. Tal como o herdeiro.

- Quem é o herdeiro afinal? Menelau mencionou Heitor, mas, muito naturalmente, pensei que ele fosse o mais velho.

- Heitor é um dos filhos mais novos da rainha Hécuba. Estava presente quando chegamos, mas pouco tempo ficou, pois tinha uma missão urgente na Frigia. Devo dizer que ele pediu ao pai que o substituísse nessa missão, mas Príamo não atendeu aos seus pedidos. Como é Heitor que chefia o exército de Tróia, os soldados troianos não dispõem, por ora, de um comandante-chefe. O que me leva a concluir que Heitor é mais inteligente do que o pai. É jovem - não terá mais de vinte e cinco anos. Um homem corpulento, enorme. Para dizer a verdade, fisicamente, não anda longe de Aquiles. Virei-me para Ulisses, que afagava lentamente o rosto.

- E você, Ulisses, que tem para me dizer?

- Quanto a Heitor, acrescentaria que os soldados e o povo o adoram.

- Estou vendo: não limitou as suas atividades ao palácio, não é?
- Não. Palamedes tratou do palácio, eu da cidade. Um exercício muito útil e instrutivo. Tróia é uma nação com muralhas, rei Agamêmnon. Duas séries de muralhas. As que rodeiam a cidadela são imponentes - mais altas do que as muralhas de Micenas ou Tirinte. Porém, as muralhas exteriores, aquelas que rodeiam toda a cidade, são verdadeiramente gigantescas. Tróia é uma cidade no verdadeiro sentido da palavra, Agamêmnon. Toda a cidade se encontra dentro das muralhas exteriores e não espalhada pelos arredores, como acontece com as nossas. O povo não precisa fugir para dentro das muralhas quando um inimigo ataca, porque todos vivem dentro das muralhas. Há muitas ruas estreitas e casas muito altas, a que eles chamam edifícios de apartamentos, cada um dos quais alberga várias dezenas de famílias.

- Antenor me disse - interrompeu Palamedes - que, segundo o último censo, havia na cidade cento e setenta mil cidadãos. Tendo em conta esse número, julgo que Príamo poderia mobilizar um exército de quarenta mil bons soldados, apenas dentro dos limites da cidade - ou cinquenta mil, se recorresse também aos homens mais velhos.

Pensando nos meus oitenta mil homens, sorri.

- Não chegam para nos deter - disse.

- Chegam e sobram - disse Ulisses. - A cidade é quase uma circunferência - de fato, é mais oblonga do que redonda - e tem um perímetro de várias léguas. As muralhas externas são verdadeiramente fantásticas. Medi uma pedra usando como referência a distância que vai dos ossos do meu punho até ao cotovelo e contei depois as várias carreiras de pedras. Concluí que as muralhas têm uma altura de trinta cúbitos e, na base, uma grossura de pelo menos vinte cúbitos. São tão velhas que ninguém se lembra quando foram construídas, nem porquê. Diz a lenda que estão amaldiçoadas e que terão de desaparecer da vista dos humanos para sempre, e tudo por causa do pai de Príamo, Laomedonte. Mas duvido que desapareçam da vista dos humanos devido ao nosso assalto. Apresentam uma ligeira inclinação e as pedras são regularmente polidas. Ou seja, não servem para escalar, seja com escadas de corda, seja com arpéus.

- Mas não há nas muralhas nenhum ponto fraco? - perguntei eu, dando-me conta do desânimo que se havia instalado. - Nenhuma muralha mais baixa? Ou as portas?

- Há de fato um ponto fraco, Agamêmnon - mas creio que seria melhor não contarmos com ele. Uma seção das muralhas originais, no lado ocidental, ruiu devido, julgo eu, ao mesmo terremoto que arrasou Creta. Éaco reparou a brecha e, a essa parte da muralha, os Troianos chamam agora a Cortina Ocidental. Tem cerca de quinhentos passos de comprimento e, em comparação com o resto da muralha, a sua construção é francamente grosseira. A pedra foi mal talhada, pelo que apresenta muitas frestas e saliências, ótimas para os nossos arpéus. Quanto às portas, existem apenas três: uma que fica perto da Cortina Ocidental e a que chamam a Porta Ceia; outra, no lado sul, chamada a Porta Dardanianana; e uma última, a nordeste, a que chamam a Porta Ida. Quanto a outras entradas, só escoadouros e condutas, que são muito fáceis de guardar, além de permitirem apenas a passagem de um homem de cada vez. As portas, devo acrescentar, são maciças. Têm uma altura de vinte cúbitos e são encimadas pela passagem que corre ao longo do topo das muralhas exteriores e que permite uma rápida transferência de tropas de uma seção para outra. As portas foram construídas com toros reforçados com pregos e chapas de bronze. Um aríete, quando muito, as faria apenas tremer. Em suma: se as portas não estiverem abertas, precisará de um milagre para entrar em Tróia.

Bom, Ulisses sempre fora pessimista e não era agora que ia se curar de tal doença.

- Não percebo como é que os Troianos poderão resistir a uma força tão portentosa como a nossa - disse-lhe eu.

Palamedes pôs-se a examinar o vinho que tinha no copo e nem uma palavra disse; a disposição de Nestor também não era muito diferente. Ulisses prosseguiu.

- Agamêmnon - disse ele, com um ar extremamente sério -, se as portas de Tróia permanecerem fechadas, os soldados deles chegarão perfeitamente para deter os nossos. Quanto a escaladas, só vejo um lugar possível: a Cortina Ocidental. Mas a Cortina Ocidental tem apenas quinhentos passos de comprimento. Acredite no que digo: os Troianos poderão agüentar o cerco durante anos! Tudo depende de uma coisa - do fato de acreditarem ou não que nos encontramos ainda na Grécia. Mas bastará que um dos seus barcos de pesca venha para este lado de Ténedo para que todos os nossos planos vão por água abaixo. Julgo que terá de contar com uma campanha longa. - De súbito, havia uma expressão maliciosa nos seus olhos. - Claro que poderia obrigá-los a passar fome - a fome seria uma arma decisiva.

Nestor ficou boquiaberto de indignação.

- Ulisses, Ulisses! - atacou ele. - Recomenda de novo que transgridamos as leis? Sabe qual seria o castigo para tal transgressão? A loucura! De um momento para o outro, ficaríamos todos loucos!

Impenitente como sempre, Ulisses meneou comicamente as ruivas sobrancelhas.

- Eu sei, Nestor. Porém, tanto quanto a minha mente consegue divisar, todas as normas da guerra parecem favorecer o inimigo. É pena, mas é assim mesmo. Em tais circunstâncias, creio que a fome dos Troianos faria todo o sentido.

De súbito cansado, levantei-me.

- Não gostaria de ser um dos seus soldados, Ulisses, pois muitas seriam as Punições divinas que teria de sofrer por causa das tuas ímpias ações. Vá deitar-se. Amanhã de manhã, convocarei um conselho geral. Depois de amanhã, partiremos ao alvorecer.

Quando se preparava para sair, Ulisses virou-se para mim.

- Como está Filoctetes? - perguntou-me.

- Nenhuma esperança de recuperação.

- Lamento ouvir isso. Que vamos fazer com ele?

- Que podemos fazer, Ulisses? Terá de ficar aqui. Seria o cúmulo da loucura levá-lo para o campo de batalha.

- Concordo que ele não pode vir conosco, Agamêmnon, mas penso que não deveríamos deixá-lo aqui. Mal viremos costas, os Tenedenses lhe cortam a garganta. Manda-o para Lesbos. Os Lesbianos são um povo mais culto e educado, não farão mal a um homem doente.

- Filoctetes não sobreviveria à viagem - protestou Nestor.

- Mesmo assim, seria o menor dos males.

- Tem razão, Ulisses - disse eu. - Ele irá para Lesbos.

- Agradeço-te muito, Agamêmnon. Vale a pena fazer tudo o que esteja ao nosso alcance para salvar um homem como Filoctetes. - De súbito, Ulisses pareceu mais animado. - Vou ter com ele. Vou dizer-lhe que irá para Lesbos.

- Ele não entenderia as tuas palavras, Ulisses. Está em coma há três dias disse-lhe eu.

Capítulo Décimo Terceiro

Narrado por Aquiles

Calcas fez outra profecia. Por causa dessa profecia, Agamêmnon mudou de idéia: não seria ele o primeiro dos reis gregos a pisar o solo troiano; com efeito, segundo o sacerdote, o primeiro rei que pisasse o solo troiano morreria na primeira batalha. Olhei de relance para Pátrocles e encolhi os ombros. Se os deuses já tinham me condenado, porque haveria eu de me preocupar? Me cobriria de glória, se fosse eu o eleito.

Foram finalmente dadas as ordens relativas à partida e ao desembarque. Sabíamos em que altura deveríamos manobrar na direção da praia e desembarcar os nossos homens. Pátrocles e eu instalamo-nos na cobertura de proa da minha nau capitânia, contemplando os navios que iam à nossa frente, muito menos do que aqueles que vinham atrás de nós, pois nós, os de lolcos, seríamos os primeiros a chegar. A nau capitânia de Agamêmnon seguia em frente, com o imponente comboio de navios de Micenas à sua esquerda e os navios de um dos reis vassalos do meu pai, Iolau de Fílace, à sua direita. Eu vinha logo a seguir; atrás de mim, vinham Ájax e todos os demais.

Antes de partirmos, Agamêmnon indicou que não estava à espera de ser saudado por homens hostis empunhando armas; esperava poder atacar a cidade sem que houvesse ainda em Tróia uma oposição organizada.

Porém, naquele dia, os deuses não estavam conosco. Logo que o sétimo navio do comboio de Agamêmnon contornou a ponta de Ténedo, grandes nuvens de fumaça elevaram-se no promontório que flanqueava o porto de Sigeu. Os Troianos tinham sabido da nossa presença em Ténedo e estavam prontos para o ataque.

As nossas ordens diziam que devíamos conquistar Sigeu e seguir imediatamente na direção da cidade. Mal o meu navio se fez ao estreito, pude ver as tropas troianas colocando-se em ordem de combate ao longo da praia.

Até mesmo os ventos estavam contra nós. Tivemos de colher as velas e de usar os remos, o que implicava que metade dos nossos soldados chegariam à praia demasiado cansados para combaterem em condições. Para cúmulo do infortúnio, as correntes vindas do Helesponto faziam-se sentir no mar alto. Também o mar estava contra nós. Demoramos uma manhã inteira para percorrer a curta distância que separava Ténedo do continente.

Com um sorriso amargo, reparei que a ordem de precedência havia sido alterada; lolau de Fílax ia agora à frente de Agamêmnon; os seus quarenta navios seguiam a uma escassa distância da nau capitânia de lolau e a poderosa frota do rei supremo vinha à sua esquerda. Como encararia lolau o seu destino?, perguntei-me. A amaldiçoaria ou a receberia de braços abertos? Para se saber quem pisaria primeiro solo troiano, procedera-se a uma eleição; e o eleito fora lolau de Fílax; segundo a profecia de Calcas, lolau morreria.

Mandava a honra que exigisse aos meus remadores um maior esforço; contudo, aconselhava a prudência que poupasse os Mirmídones, pois esperava-os uma batalha.

- Impossível apanhar lolau - disse Pátroclos, lendo os meus pensamentos. Deixa tudo nas mãos dos deuses, Aquiles.

Aquela não era a minha primeira batalha, pois combatera várias vezes ao lado de meu pai desde que abandonara o Pélion e os ensinamentos de Quíron; porém, essas campanhas eram insignificantes, se comparadas com o que nos esperava na praia de Sigeu. Milhares e milhares de troianos - cada vez mais - encontravam-se já alinhados, preparados para o combate, e os poucos navios que, no dia anterior, estavam na praia, haviam sido recolhidos e encontravam-se agora em terrenos situados para lá da aldeia.

Quando toquei no braço de Pátroclos, senti que o meu amigo tremia; olhei para os meus braços: tão firmes como o metal da minha espada.

- Pátroclos, vai à popa e chama Automedonte, que vem no navio imediatamente atrás do nosso. Diga-lhe que ordene aos seus timoneiros que diminuam ao máximo a distância que nos separa e que passe esta mensagem não apenas aos nossos navios, mas também a todos os outros. Quando a praia já estiver perto, pouco mais poderemos fazer do que flutuar na água e, portanto, os esporões de uns não destruirão os cascos dos outros. Diz a Automedonte que os seus homens deverão passar pela minha cobertura antes de chegarem à praia e que todos os outros deverão fazer o mesmo. Caso contrário, nunca conseguiremos ter em terra homens suficientes para impedir um massacre.

Pátroclos correu ao convés de ré e fazendo com as mãos uma taça à volta da boca, gritou as minhas instruções para o vigilante Automedonte, cuja armadura cintilava ao sol enquanto respondia. O seu navio depressa se aproximou do nosso, ficando o seu esporão a escassa distância do nosso costado. Os navios que conseguia ver estavam fazendo o mesmo: tínhamo-nos transformado numa ponte flutuante. Entretanto, os meus homens haviam deixado os remos e tinham começado a se armar; o nosso impulso chegaria para nos levar para terra. Agora, havia apenas dez navios à minha frente, e o primeiro desses navios era o de lolau.

O navio de lolau mergulhou o esporão nos seixos da praia e, como que percorrido por uma convulsão, deteve-se; por um momento, lolau hesitou; depois, deu o grito de guerra de Fílax e correu para a parte central do navio. Desceu o costado com os seus soldados atrás dele; ao fim de pouco tempo, formavam já uma pequena multidão entoando os seus cânticos guerreiros. O inimigo, contudo, dispunha de muito mais soldados que lolau - e os danos não tardaram. A certa altura, um corpulento guerreiro com uma armadura de ouro desferiu em lolau o golpe fatal; com uma violenta machadada, abriu-o ao meio.

Outros desembarcavam agora. Os navios à minha esquerda deslizavam rumo à praia e os seus homens saltavam das amuradas diretamente para o fragor da batalha, incapazes de esperarem pelas escadas. Atei as correias do meu elmo, enfiei a minha couraça de bronze revestida de ouro e endireitei-a, peguei o meu machado com ambas as mãos. Era uma bela arma, aquele machado; pertencera aos despojos de guerra de Minos, que o trouxera de uma campanha em terras estrangeiras; era muito maior e muito mais pesado do que qualquer machado cretense. A espada roçava-me a perna, mas a Velha Pélion ficava no navio, pois de nada me serviria em combates corpo a corpo. Aquela era uma batalha para machados e os meus braços eram capazes de erguer e baixar aquela dupla lâmina o dia inteiro, sem se cansarem. Só Ajax e eu escolhemos o machado para o combate corpo a corpo; um machado suficientemente grande pode ser mais útil do que uma espada; contudo, para um homem vulgar, é certamente um empecilho. Não admira, pois, que estivesse ansioso por defrontar o gigante vestido de ouro que matara lolau.

Muito concentrado na praia, muito interessado em captar tudo o que estava se passando, nem sei o que pensei naqueles breves e derradeiros momentos. Um estremecimento em todo o navio disse-me que

tínhamos atracado; seguiu-se um outro, mais forte ainda do que o primeiro, e quase perdi o equilíbrio. Olhei de relance para trás e verifiquei que Automedonte unira o seu navio ao meu e que os seus homens estavam saltando para a minha coberta. Como um macaco mimado, daqueles que as mulheres cretenses costumam ter em suas casas, cheguei à proa com meia dúzia de saltos e na proa fiquei por um instante, mirando uma tão desvairada confusão de cabeças que dificilmente distinguiria entre os nossos soldados e os do inimigo. Mas era necessário que eu fosse visto por todos os homens que vinham dos outros navios, tanto os do navio de Automedonte como os do navio de Alquimos, que atravessavam a coberta de Automedonte, como os dos navios que vinham atrás; cada vez mais homens chegavam à minha coberta, enquanto o meu navio sofria os espasmos cada vez mais tênues provocados pelas colisões que ocorriam cada vez mais longe.

Então, brandi o meu machado muito acima da minha cabeça, gritei o grito de guerra dos Mirmidões com uma voz poderosa e saltei da proa diretamente para aquela fervilhante massa de cabeças. A sorte estava comigo; uma cabeça troiana foi esmagada pelo impacto dos meus calcanhares. Caí em cima do soldado inimigo, agarrando com toda a força o machado, sem escudo, pois o escudo era um empecilho numa batalha daquele tipo. Num ápice, endireitei-me, berrando o grito de batalha com toda a força que tinha nos pulmões; um momento depois, todos os Mirmidões repetiram o meu grito; no ar, ressoava já o medonho grito dos Mirmidões - tão medonho como a sua fúria de matar. Os Troianos usavam plumas cor de púrpura nos elmos, um pormenor que vinha mesmo a calhar naquela extrema confusão; com efeito, entre os Gregos, só os quatro reis supremos - e Calcas - poderiam usar essa cor na indumentária ou em quaisquer acessórios do vestuário.

Olhares faiscantes rodeavam-me, uma dúzia de espadas ameaçavam-me, mas empinei-me e desferi o machado com tal força que cortei um homem ao meio, desde o crânio até aos rins. O meu golpe os fez recuar. Um bom conselho do meu pai, que o ensinara a todos os Mirmidões: nos combates corpo a corpo, a agressão deveria ser o mais feroz possível, pois isso levaria o inimigo a recuar instintivamente. Voltei a usar o machado, desta feita contra um círculo de soldados inimigos, como se fosse uma vareta numa roda; aqueles que haviam tido a louca ousadia de se aproximar de mim sentiram a lâmina do machado dilacerando-lhe as barrigas sob a frágil armadura, que era de bronze. Não, os Troianos não usavam armaduras de cabedal, o que não admirava, pois eram eles quem detinha o monopólio do bronze. Ah, quão rica deveria ser a cidade de Tróia!

Pátrocles estava atrás de mim com o seu escudo para me proteger as costas e, atrás de nós, um sem-número de Mirmidões saltavam dos navios para a praia. A velha equipe estava de novo em ação. Avancei, o machado varrendo os soldados que apareciam à frente como se fosse uma vara sacerdotal, abatendo todos aqueles que usavam no elmo uma pluma de cor púrpura. Aquilo nada tinha a ver com um verdadeiro teste de força; não havia tempo nem espaço para escolher um príncipe ou um rei para comigo se confrontar; não havia sequer espaço algum para separar as forças inimigas. Aquilo mais não era do que uma multidão de guerreiros, convertidos em iguais pela batalha, peito anônimo contra peito anônimo.

Muitos anos antes - ou assim me parecia - jurara contar todos os inimigos que viesse a abater; agora, contudo, estava demasiado excitado para contar fosse o que fosse, demasiado fascinado com a súbita fragilidade da carne macia sob a dureza do bronze, sempre que a lâmina do machado a dilacerava.

Para mim, nada mais existia a não ser sangue e rostos, terror e fúria, homens corajosos que tentavam aparar o machado com as suas espadas e que por isso mesmo morriam, covardes que, ao sentirem o abraço da morte, desatavam a tagarelar de pavor, e aqueles que eram piores do que covardes, aqueles que viravam as costas e tentavam fugir. Sentia-me invencível, eu sabia que não havia nada naquele campo de batalha que pudesse me vencer. E era com um prazer extremo que via aqueles rostos escancarados golfando sangue; o desejo ardente de matar fazia vibrar todo o meu ser. Sentia uma espécie de loucura enquanto ceifava um campo de peitos e barrigas e cabeças, o machado escorrendo sangue, sangue que escorria pelo cabo e empapava as grossas fibras de corda que envolviam o seu punho a fim de que as minhas mãos não escorregassem. De tudo me esquecera. Tudo o que queria era ver plumas cor de púrpura tingidas de vermelho. Se alguém tivesse posto um elmo troiano na minha cabeça e me tivesse empurrado contra os meus próprios homens, mesmo assim teria massacrado todos os que me aparecessem pela frente. O mal e o bem não existiam, apenas o desejo ardente de matar. Esse era o sentido de todos os meus anos sob o sol, esse era o meu destino de homem mortal: ser uma máquina de matar perfeita.

Reduzimos a pó o solo de Sigeu sob a violência das nossas botas; a poeira erguia-se muito acima das nossas cabeças e demandava a abóbada celeste. Embora em batalhas posteriores viesse a comportar-me com mais lógica (e a pensar nos meus soldados), naquela batalha de Sigeu, o bem-estar dos meus

homens foi coisa que nunca me ocorreu. Tanto me fazia quem estava vencendo ou quem estava perdendo: a única coisa que me interessava era que eu estivesse vencendo. Se o próprio Agamêmnon estivesse combatendo a meu lado, eu não teria dado por isso. Nem mesmo Pátrocles abalava o meu furor, ainda que fosse ele a razão por que sobrevivi à batalha, pois foi ele quem repeliu os Troianos que tentavam atacar-me pelas costas.

De súbito, um escudo surgiu no meu caminho. Desferi-lhe um golpe portentoso, pois queria ver o rosto que o escudo ocultava. Porém, tal uma seta, o guerreiro desviou-se e a ponta da sua espada roçou-me o braço direito. Como se tivesse mergulhado num tanque de água gelada, tratei de recobrar o alento; depois, tremi de exultação pois o meu inimigo baixou o seu escudo para me ver melhor.

Finalmente um príncipe! Todo vestido de ouro. O machado que ele usara para abater Iolau desaparecera e fora substituído por uma espada. Rosnando de intenso prazer, enfrentei-o sofregamente. Era um homem enorme e tudo nele revelava que estava acostumado a vitórias - além do que era o primeiro homem que ousara desafiar-me. Descrevemos cautelosamente um círculo, o meu machado açoitando o chão até ao momento em que ele me deu uma abertura. Quando saltei e girei sobre ele, o príncipe troiano desviou-se num ápice; mas eu também fui rápido: esquivei-me da sua espada tão facilmente como ele fugiu do meu machado. Compreendendo ambos que havíamos encontrado um inimigo valoroso, decidimos entregar-nos ao duelo com igual dose de paciência e firmeza. O bronze retinia contra o bronze revestido de ouro, parada atrás de parada; nenhum de nós conseguia ferir o outro e cada um de nós estava consciente de que os soldados, tanto troianos como gregos, se haviam afastado para que os dois gigantes tivessem o espaço de que precisavam.

Sempre que eu falhava o alvo, ele desatava a rir, ainda que, em quatro lugares, o seu escudo dourado revelasse já o bronze e o estanho que havia por debaixo do bronze. Tinha de combater a minha raiva tão duramente como combatia contra ele - como era possível que ousasse rir? Os duelos eram uma coisa sagrada, os homens não podiam ridicularizá-los! Ele não sentia esse caráter sagrado dos duelos e isso deixava-me raivoso. Duas investidas fiz e ambas falhei. Então, o príncipe troiano falou.

- Como é que se chamas? Príncipe Canhestro? - perguntou-me ele, rindo.
- Aquiles! - respondi, os dentes quase cerrados de fúria. Desatou a rir ainda com mais gozo.
- Nunca ouvi falar de ti, príncipe Canhestro! Eu sou Quicnos, filho de Poseidon das Profundezas.
- Filho de Poseidon: todos os homens mortos fedem ao mesmo, sejam os seus pais deuses ou homens! - gritei-lhe.

Uma resposta que o fez rir ainda mais. Senti erguer-se dentro de mim a mesma raiva que experimentara quando vira Ifigênia morta no altar e esqueci-me de todas as regras de combate que Quíron e o meu pai me haviam ensinado. Com um grito agudíssimo, lancei-me sobre ele, enfrentando a ponta da sua lâmina e erguendo o meu machado. Ele recuou de um salto e tropeçou; a espada caiu e eu desfi-la numa centena de fragmentos. Logo surgiu à minha frente o seu escudo, tão grande como um homem e com uma cintura fina; protegia assim as suas costas enquanto corria, abrindo caminho por entre os soldados troianos, movido por tresloucado desespero, gritando para que lhe dessem uma lança. Alguém lhe atirou a arma que pedira, mas eu estava demasiado perto das suas costas para que ele a pudesse usar. O meu inimigo não tinha outra alternativa senão manter a retirada.

Mergulhei por entre as hostes troianas sempre no seu encalço. Não houve um único soldado que ensaiasse sequer desferir-me um golpe, fosse porque estavam demasiado assustados, fosse porque respeitavam os tradicionais princípios do duelo (na verdade, nunca cheguei a saber por que me deixaram passar incólume). A multidão de guerreiros diminuía; a certa altura, as hostes combatentes ficaram definitivamente para trás; por fim, um rochedo que se erguia na praia obrigou Quicnos, o filho de Poseidon, a parar. Com a lança descrevendo lentos círculos, virou-se para me enfrentar. Parei também, esperando que ele arremessasse a lança; contudo, Quicnos preferia não a usar como um dardo. Uma opção inteligente, visto que eu tinha ainda na minha posse tanto o machado como a espada. Desviei-me num ápice quando ele tentou pela primeira vez espetar-me a ponta da lança. Vezes sem conta investi contra o meu peito, mas eu era jovem e as minhas pernas tão ágeis como as de um homem muito mais leve do que eu. Por fim, a oportunidade surgiu e não a deixei escapar: investi contra ele e quebrei-lhe a lança. Tudo o que ele tinha agora era o punhal. Não se dando ainda por derrotado, as suas mãos tateavam a armadura à procura da última arma.

Nunca desejara tanto ver uma criatura morta como aquele bufão - contudo, não queria abatê-lo com o machado ou a espada. Deixei cair o machado e desfiz-me do pesado cinto que suportava a minha espada. Por fim, atirei para o chão o meu punhal. O sorriso de gozo apagou-se finalmente no seu rosto.

Encarava-me finalmente com o respeito que eu jurara arrancar-lhe. Apesar disso, porém, ainda ousava dirigir-me a palavra!

- Como disse que se chama, príncipe Canhestro? Aquiles?

Consumia-me uma raiva dolorosa; não consegui responder-lhe. Ele não estava suficientemente perto do deus para entender que um duelo entre dois membros da realeza seria sempre algo de tão silencioso como sagrado.

Avancei para ele e deitei-o por terra antes que conseguisse pegar o punhal; ergueu-se trôpego e recuou até que os seus calcanhares chocaram contra o cume do rochedo. Tropeçou e todo o seu corpo se esparramou sobre o leito rochoso para lá do cume. Perfeito. Peguei no seu queixo com uma mão e usei a outra como se fosse um martelo, esmagando-lhe a cara até esta se transformar numa massa indistinta, quebrando-lhe todos os ossos que houvesse por debaixo da pele ou da carne, sem me preocupar minimamente com os danos que pudesse infligir a mim mesmo. O elmo dele saltara-lhe da cabeça, desfeito; peguei nas compridas correias que agora pendiam frouxas e arrastei-as com toda a força sob o queixo e as fiz descer até ao pescoço e com elas lhe cingi e apertei o mesmo enquanto punha o meu joelho sobre a barriga dele; e tanto lhe apertei o pescoço que o seu rosto ficou negro e os seus olhos ressaltaram das órbitas como se fossem enormes bolas raiadas do sangue do horror.

O príncipe troiano já devia estar morto há algum tempo quando as minhas mãos largaram as correias; tinha aos meus pés algo que se assemelhava mais a um objeto do que a um homem. Por um momento, senti-me enojado, pois me dei conta de toda a imensidão do meu desejo de matar; venci porém essa fraqueza e ergui Quicnos sobre os meus ombros, dependurando depois o seu escudo sobre as minhas costas a fim de protegê-las, já que teria ainda de passar pelas hostes troianas. Queria que os meus Mirmidões e todos os outros Gregos vissem que eu não perdera o duelo com Quicnos, nem a batalha.

Um pequeno destacamento conduzido por Pátrocles esperava-me no limite extremo do campo de batalha; regressamos às nossas linhas sem sofrer sequer um arranhão. Mas parei para deitar por terra Quicnos, aos pés dos seus próprios soldados, a língua inchada espreitando por entre os lábios dilacerados, os olhos ainda esbugalhados.

- O meu nome - gritei - é Aquiles! Os Troianos romperam a fugir nesse instante; o homem que consideravam um imortal era afinal tão mortal como eles.

Seguiu-se então o ritual que coroa um duelo de morte entre membros da realeza; retirei-lhe a armadura, que passaria a fazer parte dos meus despojos de guerra, e mandei a carcaça dele para a vala do lixo de Sigeu, onde seria comida pelos cães da cidade. Antes, porém, cortei-lhe a cabeça e enfiei-a numa lança: uma estranha visão, com aquele rosto medonhamente deformado e as belas tranças douradas absolutamente intactas. Dei-a a Pátrocles, que a cravou na haste da lança como se fosse uma bandeira.

De súbito, todo o exército de Tróia debandou. Como os soldados troianos sabiam para onde fugir, seria praticamente impossível apanhá-los. A retirada processou-se, aliás, de uma forma perfeitamente disciplinada. Porém, o campo de batalha e Sigeu eram nossos.

Agamêmnon ordenou o fim da perseguição, uma ordem a que eu não queria obedecer e por isso continuei a marcha; até que Ulisses me deteve e, com violência, me obrigou a virar-me para ele. Que forte que ele era! Muito mais forte do que parecia!

- Deixe as coisas como estão, Aquiles - disse ele. - As portas estarão fechadas - poupe as suas energias e os seus homens para amanhã, caso os Troianos tentem nos atacar de novo. Temos ainda de tratar de muitas coisas antes que escureça.

Constatando o bom senso das suas palavras, regresssei com ele à praia, Pátrocles a meu lado como sempre, os Mirmidões atrás de nós, entoando o cântico da vitória. Ignoramos as casas da aldeia: se havia mulheres lá dentro, não as queríamos. Logo que os nossos pés pisaram os seixos da praia, paramos estupefatos. Por toda a praia jaziam homens, mortos, moribundos, feridos. De todos os lados vinham gritos, berros, gemidos, súplicas aflitas. Alguns dos corpos mexiam-se ainda; outros jaziam inertes, esvaídos de vida: as suas sombras demandavam já as desoladas paragens do Reino da Escuridão, os domínios de Hades.

Ulisses e Agamêmnon mantiveram-se à parte enquanto os homens se lançavam numa azáfama por causa dos navios, afastando todos aqueles cujos esporões haviam fendido os costados de outras embarcações; entretanto, a praia estava limpa e os nossos homens transferidos para os navios. Quando ergui os olhos para o Sol, verifiquei que declinava já; restava-nos apenas um terço do dia. Os meus músculos pareciam exaustos, o meu braço demasiado pesado; o machado, arrastava-o pelo chão, a correia presa na minha mão. Não poderia fazer outra coisa senão juntar-me a Agamêmnon, que me fitava boquiaberto. Era óbvio que o rei supremo não evitara a batalha, pois a sua couraça tinha as correias atadas

e o seu rosto estava sujo de sangue e porcaria. E agora que podia vê-lo calmamente, verifiquei que Ulisses tinha a couraça fendida ao meio, de tal modo que se via o peito; no entanto, a sua pele não apresentava um único ferimento. - Esteve tomando um banho de sangue, Aquiles? - perguntou o rei supremo. - Está ferido?

Abanei a cabeça, como que aturdido; a reação à tempestade de emoções que experimentara começava a fazer-se sentir e aquilo que eu aprendera acerca de mim mesmo ameaçava abrir as portas da minha mente às Filhas de Kore. Poderia eu viver com tal fardo e não enlouquecer? Então, pensei em Ifigênia e compreendi que não perder a razão fazia parte do meu castigo.

- Com que então o homem do machado era você! - disse Agamêmnon. - Pensei que fosse Ájax. Mas não há dúvida: você merece a nossa gratidão. Quando trouxe o cadáver do homem que matou Iolau, os Troianos perderam todo o ânimo.

- Duvido que fosse eu o responsável, rei supremo - consegui responder-lhe. - Os Troianos já tinham sofrido muitas baixas - e continuavam a sofrê-las. Quicnos foi apenas uma questão pessoal: ele escarneceu da minha honra.

Ulisses pegou-me de novo no braço, mas desta vez suavemente.

- O teu navio está ali, Aquiles. Embarque antes que ele parta.

- Partir? Para onde? - perguntei, perplexo.

- Não sei. A única coisa que sei é que não podemos continuar aqui. Deixe que Tróia enterre os seus cadáveres. Télefo diz que há uma boa praia junto a uma lagoa, logo à entrada do Helesponto. Vamos dar uma olhada no local. Pode ser que sirva.

Afinal, a maior parte dos reis seguiu no navio de Agamêmnon; a frota rumou a norte, ao longo da costa, até que atingimos a foz do Helesponto; os primeiros navios gregos a entrarem nessas águas numa geração enfrentaram serenamente as altas ondas. Só ao fim de uma ou duas léguas, as colinas de água que envolviam os seus costados deixaram ver uma praia muito mais extensa e ampla do que a de Sigeu, com mais de uma légua de comprimento. Em ambas as pontas da praia, rios corriam para o mar, os seus bancos de areia envolvendo uma lagoa quase completamente cercada de terra. A única entrada para a salgada lagoa era uma estreita passagem a meio; as águas da lagoa eram de uma serenidade absoluta. A margem mais longínqua de cada rio era coroada por um promontório e, no topo do promontório que coroava o maior e mais sujo dos rios, havia uma fortaleza, deserta agora, pois os seus homens deveriam por certo ter fugido para Tróia. Nenhuma cabeça espreitava para ver a nau capitânia de Agamêmnon avançando rumo à praia. Por outro lado, todos os pequenos navios que eram usados na cobrança dos tributos permaneciam parados na praia.

Enquanto nos concentrávamos na amurada, Agamêmnon virou-se para Nestor e perguntou-lhe:

- Nestor, crê que este local serve? - Aos meus olhos inexperientes nestas coisas, parece-me esplêndido. Mas julgo que será melhor ouvir a opinião de Fênix.

- É um bom lugar, rei supremo - disse eu, timidamente. - Não será fácil nos atacarem aqui. Os rios os impedirão de nos flanquearem, embora as forças mais próximas de cada um dos rios fiquem mais vulneráveis do que as outras.

- Nesse caso, preciso de voluntários para se instalarem junto aos rios - disse o rei supremo, após o que acrescentou, um tanto envergonhado: - Os meus navios terão de ficar no centro da praia - por uma questão de facilidade de acesso.

- Eu ficarei com o rio maior - disse eu rapidamente - e fortificarei o meu campo com uma paliçada para o caso de sermos atacados. Uma defesa no interior de outra defesa.

O rei supremo fitou-me com cara de poucos amigos.

- Pelas tuas palavras, até parece que vamos ficar muito tempo por estas paragens, filho de Peleu.

Olhei-o bem nos olhos.

- E vamos, rei supremo. É um fato que tem de aceitar. Mas Agamêmnon nunca aceitaria esse fato. Desatou imediatamente a dar ordens quanto aos locais a que aportariam os diversos navios, enfatizando sempre o caráter temporário de tais medidas.

A nau capitânia permaneceu no meio da lagoa, enquanto, um a um, todos os navios avançavam lentamente na direção da praia; porém, antes da noite cair, um terço dos navios não tinha ainda aportado. Os meus próprios navios continuavam nas águas do Helesponto, tal como os de Ájax, do Pequeno Ájax, de Ulisses e Diomedes. Seríamos os últimos de todos. Felizmente, o tempo continuava bom e o Helesponto não estava demasiado agitado.

Enquanto o Sol se despedia nas minhas costas, atentei friamente, pela primeira vez, no lugar escolhido, e devo dizer que fiquei satisfeito. Com uma boa muralha para lá das filas de navios descansando na praia, o nosso acampamento seria quase tão invulnerável como Tróia. A qual se erguia a leste como

uma montanha, mais próxima de nós aqui do que em Sigeu. Vamos precisar de uma boa muralha defensiva; Agamêmnon estava errado. Tróia não cairia num dia, tal como não fora construída num só dia.

Logo que todos os navios se distribuíram convenientemente pela praia, com os calços sob os cascos e os mastros baixados - havia quatro séries de mastros - enterramos o rei Iolau de Fílace. O cadáver foi trazido da sua nau capitânia e colocado num esquife elevado no alto de um outeiro verdejante; um a um, os homens das nações da Grécia marcharam diante dele e os sacerdotes entoaram os seus cânticos e os reis derramaram as libações. Como fora eu quem matara o homem que roubara a vida a Iolau, era meu dever pronunciar a oração fúnebre; lembrei ao silencioso exército a serenidade com que Iolau aceitara o seu destino, a coragem com que combatera antes do golpe fatal, e a identidade daquele que o matara, um filho de Poseidon. Sugerí depois que a sua coragem fosse celebrada por algo mais perene do que um elogio fúnebre e perguntei a Agamêmnon se poderíamos dar a Iolau um novo nome, o nome de Protesilau, que significava "o primeiro entre o povo".

Foi-me concedido o seu solene consentimento; a partir desse momento, o povo de Fílace chamava-lhe Protesilau. Os sacerdotes cobriram o seu rosto adormecido com a máscara mortuária de ouro e despiram-lhe o sudário para revelarem a opulência de um traje tecido a ouro. Depois, o colocamos numa barca que atravessou o maior dos rios, aportando ao local onde os pedreiros haviam trabalhado dia e noite para escavarem o seu túmulo nas pedras do promontório. O carro mortuário foi conduzido para dentro do túmulo e este foi finalmente tapado e os pedreiros começaram a deitar terra pela pedregosa abertura; dentro de uma ou duas estações, olho nenhum - nem mesmo o mais penetrante - conseguiria localizar o túmulo do rei Protesilau.

Iolau, ou Protesilau, cumprira a profecia e enchera de orgulho o seu povo.

Capítulo Décimo Quarto

Narrado por Ulisses

As operações de aportagem e distribuição pela praia de mais de mil e cem navios ocuparam todo o meu tempo e mobilizaram todas as minhas energias nos dias que se seguiram à primeira batalha em solo troiano. O total de embarcações diminuíra um pouco, pois alguns dos pretendentes mais pobres à mão de Helena não podiam se dar ao luxo de construir navios tão capazes como, por exemplo, os de Agamêmnon. Várias dezenas de navios tinham afundado, devido a rombos provocados por choques, durante a frenética corrida para a praia de Sigeu. Contudo, não tínhamos perdido nenhum dos navios de abastecimento, nem aqueles que transportavam cavalos para os nossos carros.

Para minha grande surpresa, os Troianos não se aventuraram sequer a aproximar-se do nosso acampamento, um fato que Agamêmnon interpretou como um sinal seguríssimo de que a resistência troiana sofrera um golpe decisivo. Assim, com toda a frota convenientemente instalada na praia, a fim de que os seus cascos não inchassem e abrissem fendas por absorverem demasiada água, o nosso rei supremo tratou de convocar um conselho. Agamêmnon estava tão entusiasmado com o êxito alcançado em Sigeu que não faria sentido tentar levá-lo a ver as evidências; aquilo que ele interpretava como um feito grandioso se revelaria em breve uma ação menor. Resolvi deixá-lo expender à vontade as suas opiniões, perguntando-me quem ousaria pôr em causa uma tão efervescente confiança. Como era de regra, Agamêmnon pronunciou o seu discurso no meio do mais absoluto silêncio; porém, mal entregou o Bastão a Nestor (não sei porquê, Calcas não estava presente), Aquiles já estava de pé pedindo a Nestor que lhe passasse o Bastão.

Sim, claro: só Aquiles ousaria. Não procurei sequer esconder o meu sorriso.

O rei Leão fora já obrigado a digerir uma farta dose de contestação por parte do rapaz de Iolcos; pelos sulcos que agora se vincavam na sua testa, imaginei que o leonino Agamêmnon estivesse sofrendo de cruciantes dores de indigestão. Teria havido na história do mundo uma empresa tão valorosa e ousada como a nossa que tivesse começado tão mal? Tempestades, um sacrifício humano, ciúmes, ganância, uma extrema antipatia entre indivíduos que, muito provavelmente, acabariam por precisar uns dos outros. E o que é que passara pela cabeça de Agamêmnon para mandar o seu primo Egisto para Micenas, a fim de controlar os movimentos de Clitemenestra? Uma ação que considerei tão temerária como a partida de Menelau para Creta, deixando Páris na sua casa. É que Egisto tinha legítimas pretensões ao trono de Micenas! Provavelmente, os filhos de Atreu tinham esquecido do que Atreu fizera aos filhos de Tiestes. Cozinhara-os e servira-os ao próprio pai durante um banquete! Egisto, então muito pequeno, escapara ao

horrendo destino dos seus irmãos mais velhos. Bom, mas isso não era problema meu. Em contrapartida, o abismo que continuava a cavar-se entre Agamêmnon e Aquiles era, sem a menor dúvida, o maior dos meus problemas.

Se Aquiles fosse uma simples máquina de combate como o seu primo Ájax, nunca teria havido abismo nenhum. Mas Aquiles era tão bom pensando como combatendo. O sorriso esfumou-se no meu rosto quando dei comigo a pensar que, se tivesse nascido num berço tão magnífico como o daquele jovem e com a mesma força física que ele, mantendo embora todas as peculiaridades da minha mente, seria muito possível e natural que tivesse acabado por conquistar o mundo.

O fio que me ligava à vida era mais forte do que o dele; parecia-me plausível que viesse a estar presente quando os sacerdotes cobrissem o rosto sem lábios de Aquiles com uma máscara de ouro também sem lábios; contudo, haveria nos feitos do rapaz de lolcos uma glória que eu nunca alcançaria.

Experimentei uma sensação semelhante à perda, ao compreender que Aquiles possuía uma chave qualquer para o sentido da vida que, não obstante todos os meus esforços, sempre me escapara. Seria realmente uma coisa boa um homem ser tão cerebral, tão frio? Ah, se ao menos eu pudesse arder uma única vez, tal e qual como Diomedes ansiava por uma só vez gelar!

- Se os Troianos não saírem da cidade para lutar - disse o filho de Peleu, num tom perfeitamente sereno -, duvido que consigamos conquistar Tróia. Os meus olhos alcançam distâncias que a maior parte dos outros olhos não enxergam sequer e, nestes últimos dias, tenho estudado aquelas muralhas que, em tua opinião, nós superestimamos. Não posso concordar contigo, Agamêmnon. Pelo contrário: eu creio que as subestimamos. Só haverá uma maneira de esmagarmos Tróia: atrair os Troianos para a planície defronte das muralhas e derrotá-los em campo aberto. E isso não será fácil. Teremos de flanqueá-los, teremos de impedir que se retirem para a cidade e que voltem no dia seguinte para combater. Não acha que seria sensato se, ao discutirmos a conquista de Tróia, tivéssemos sempre em mente tal possibilidade? Seremos nós incapazes de urdir uma artimanha qualquer que leve os Troianos a abandonarem as suas muralhas?

Desatei a rir.

- Aquiles, se você estivesse dentro de muralhas tão altas e grossas como as de Tróia, as abandonaria para se envolveres numa batalha? No que toca a batalhas, Sigeu foi para os Troianos a melhor das oportunidades, pois combateram contra um inimigo que acabava de desembarcar. No entanto, nem mesmo em Sigeu conseguiram vencer-nos. Se eu fosse Príamo, manteria os soldados no alto das muralhas, onde podem escarnecer de nós à vontade.

Aquiles não ficou nada impressionado com os meus argumentos.

- Aquilo que exprimi, Ulisses, não era mais do que uma vaga esperança. Contudo, não consigo ver como é que poderemos tomar de assalto àquelas muralhas ou abater aquelas portas. E você, consegue?

- Oh, mas eu nem sequer queria falar! - retorqui. - Já falei demais sobre este assunto. Quando houver ouvidos preparados para me escutarem, voltarei a falar. Por ora, me calo.

- Os meus ouvidos estão preparados para te escutar - replicou ele rapidamente.

- Os teus ouvidos, Aquiles, não são suficientemente importantes. Os ouvidos de Agamêmnon é que não gostaram nada do que ouviram.

- Tróia não conseguirá resistir! - exclamou.

- Nesse caso, rei supremo - teimou Aquiles -, se não houver amanhã nenhum sinal das tropas troianas na planície diante das muralhas, está de acordo que nos desloquemos a Tróia, a fim de inspecionarmos mais de perto essas mesmas muralhas?

- Claro - retorquiu, altivo, o rei supremo.

Quando o conselho terminou (sem decidir nada mais significativo do que um passeio até às muralhas de Tróia), acenei para Diomedes. Pouco depois, o tinha na minha tenda. Servido o vinho e dispensados os criados, Diomedes permitiu que a sua curiosidade se exprimisse; começava a aprender a controlar o seu ardente fogo.

- O que é que se passa? - perguntou ele, sôfrego de novidades.

- Tem de se passar alguma coisa? Eu te pedi que viesse porque gosto da tua companhia.

- Da nossa amizade, eu já sei, Ulisses... O que eu estranhei foi a expressão com que me acenaste... Alguma coisa está em marcha. O quê?

- Sim senhor... Cada vez conhece melhor as minhas peculiaridades...

- Os mecanismos da minha mente podem ter sido muito maltratados pela guerra, mas a verdade é que ainda sei distinguir o cheiro de um junquilha do fedor de um cadáver.

- Bom, nesse caso, te proponho que consideremos esta nossa reunião como um conselho privado. De todos nós, você é quem mais sabe de guerra. De todos nós, você é quem melhor sabe tomar de assalto uma fortaleza. Você conquistou Tebas e construiu um templo com os ossos dos seus inimigos - por todos os deuses, a paixão que não te terá consumido para fazeres uma coisa dessas!

- Tróia não é Tebas - retorquiu ele calmamente. - Tebas é uma cidade grega, uma parte das nossas nações unidas. Esta é uma guerra contra a Ásia Menor. Porque é que Agamêmnon não quer ver isso? No Egeu, há apenas duas grandes potências - a Grécia e a Federação da Ásia Menor, a qual inclui Tróia. Babilônia e Nínive estão muito pouco preocupadas com o que acontece no Egeu, e o Egito está tão longe que os Ramsés não se preocupam rigorosamente nada.

Parou, com um ar embaraçado.

- Mas quem sou eu para te dar lições?

- Não se subestime, Diomedes. Esse teu sumário é magnífico. Oxalá houvesse no conselho de hoje mais umas quantas cabeças que pensassem com metade da lógica com que você pensa!

Diomedes bebeu um gole de vinho para disfarçar o intenso prazer que o meu comentário provocara.

- Eu conquistei Tebas, é verdade, mas só depois de uma batalha campal. Entrei em Tebas por cima dos cadáveres dos seus homens. É provável que Aquiles estivesse pensando nisso quando falou da eventualidade de atrair os Troianos à planície. Mas Tróia? Em Tróia, uma dúzia de mulheres e crianças chegarão para nos manter eternamente a ladrar às portas da cidade...

- A solução é fácil: os deixamos morrer de fome - disse eu. Diomedes desatou a rir.

- Ulisses, você é incurável! Sabe perfeitamente que as leis de Zeus Hospitaleiro proibem isso. Como enfrentaria as Fúrias se submetesse uma cidade pela fome?

- As filhas de Kore não me metem medo. Já as enfrentei, há uns anos atrás. Seria aquela mais uma prova da minha irreligiosidade?, foi a pergunta que li na expressão de Diomedes. Contudo, o meu amigo não chegou a verbalizar essa pergunta. Em vez disso, perguntou-me:

- Então? A que conclusões chegou?

- Até agora, só uma. Esta campanha vai ser muito longa - vai durar anos. Por isso, tomarei as minhas decisões tendo isso em mente. O meu oráculo caseiro disse que eu estaria fora vinte anos.

- Como pode acreditar tão piamente num humilde oráculo caseiro, se, ao mesmo tempo, cometeu a impiedade de advogar a fome para submeter um inimigo?

- O oráculo caseiro - expliquei-lhe, pacientemente - pertence à Mãe. À Terra. Ela está muito próxima de nós em todas as coisas. É ela que nos lança neste mundo e é ela quem nos recolhe no seu seio quando a nossa caminhada chega ao fim. Contudo, a guerra é um domínio dos homens. O modo como se faz a guerra deveria depender unicamente da decisão humana. Do meu ponto de vista, todas essas malditas leis que regulamentam a guerra acabam afinal por proteger o inimigo. Um dia, surgirá um homem que, desesperado por obter uma vitória, infringirá todas essas leis - e, depois dele, tudo será diferente! Esse homem submeterá uma cidade pela fome e, depois dele, todos quererão imitá-lo. Eu quero ser esse homem!

- Não, Diomedes, eu não sou ímpio! Sou apenas um homem que perde a paciência com todas estas limitações! Não duvido que o mundo cantará os feitos de Aquiles até ao dia em que Cronos volte a casar-se com a Mãe - até ao fim dos tempos! Mas será, da minha parte, uma vaidade desmedida querer que o mundo cante também os meus feitos? Eu não possuo as vantagens de Aquiles - não possuo o seu físico magnífico, nem sou filho de um rei supremo. Tenho de me limitar àquilo que possuo - inteligência, astúcia, sutileza. Não são maus instrumentos.

Diomedes estirou-se.

- Não, de fato não são nada maus. Mas quais são os teus planos para esta longa campanha?

- Começarei amanhã, depois de voltarmos da inspeção às muralhas de Tróia. Tenciono seleccionar um pequeno exército só meu, a partir das gigantescas hostes gregas.

- Um exército só teu?

- Sim, só meu. Não será um exército igual aos outros, não serão soldados iguais aos outros. Vou recrutar apenas valentões, desordeiros e rebeldes. Ou, mais exatamente, vou recrutar os piores exemplares de cada um desses lotes.

Diomedes ficou embasbacado, estupefato.

- Só podes estar brincando, Ulisses! Desordeiros? Rebeldes? Valentões? Mas que raio de exército vai ser esse?

- Diomedes, ignoremos por ora a questão de saber qual dos oráculos tem razão: se o meu, que fala em vinte anos, se o de Calcas, que fala em dez. Bom, de qualquer modo, dez anos ou vinte anos é sempre muito tempo. - Arrumei a minha taça de vinho e soergui-me no divã. - Numa campanha curta, um bom oficial é capaz de manter os desordeiros ocupados, tal como é capaz de manter os valentões rigorosamente vigiados, de modo a que a sua fanfarronice não prejudique os outros homens. Do mesmo modo, não lhe é difícil impedir que os rebeldes influenciem outros soldados. Porém, numa campanha longa, a discórdia é mais do que certa. Não teremos batalhas todos os dias - nem mesmo todas as luas - ao longo dos próximos dez ou vinte anos. Haverá luas e luas de ociosidade, sobretudo durante o Inverno. E, durante esses períodos de ociosidade, as línguas começarão a trabalhar e farão tantos e tais danos que os murmúrios de descontentamento ganharão as proporções de um berro!

Diomedes parecia divertido com a minha exposição.

- Então e os covardes?

- Oh, os covardes não os quero! Os outros comandantes que fiquem com eles, sempre servem para escavar as fossas!

O meu amigo riu.

- Muito bem. Depois de ter recrutado o teu pequeno exército, o que é que vai fazer com ele?

- O manterei permanentemente ocupado. Atribuirei aos seus membros tarefas em que os seus talentos possam florescer. A categoria de homens em que estou pensando não é a dos poltrões. É a dos perversos, dos maus, daqueles que têm a ruindade na alma. Os desordeiros não querem outra coisa senão causar desordens. Os fanfarrões só ficam contentes quando põem em perigo as vidas dos outros, para além das suas próprias vidas. E os rebeldes seriam capazes de se queixar a Zeus da qualidade do néctar e da ambrósia do Olimpo. Amanhã, falarei com todos os comandantes e lhes pedirei os três piores exemplares dos seus exércitos, excluindo os covardes. Claro que os comandantes ficarão contentíssimos por se verem livres de tais pestes. Mal concluído o recrutamento, os colocarei para trabalhar.

Embora soubesse que eu estava deliberadamente a espicaçá-lo, Diomedes não conseguiu resistir a morder a isca.

- A trabalhar em quê? - perguntou. Resolvi continuar a espicaçá-lo.

- Nos limites da praia, não muito longe do lugar onde se encontram os meus navios, há um vale natural. Ninguém o vê, embora se encontre perto do acampamento o suficiente para que Agamêmnon o inclua dentro das muralhas que vai ter de erigir para proteger os nossos homens e navios de eventuais ataques troianos. É um vale bastante fundo, e suficientemente grande para conter as casas necessárias para alojar, com extremo conforto, cerca de trezentos homens. O meu exército viverá nessa cova. Aí, no mais absoluto isolamento, os treinarei para o trabalho que irão efetuar. Uma vez recrutados, não voltarão a ter contatos com as suas antigas unidades, nem com o grosso do exército.

- Mas que trabalho é esse, Ulisses?

- Vou criar uma colônia de espiões, Diomedes. Uma resposta que ele não estava esperando. Ficou olhando para mim, confuso.

- Uma colônia de espiões? Mas que raio é isso? O que é que os espiões fazem? Para que é que servem?

- Servem para muito, Diomedes, servem para muito - disse eu, entusiasmado. - Pensa um pouco, Diomedes! Mesmo dez anos é muito tempo na vida de um homem - por vezes é um sétimo ou um oitavo dessa vida, mas outras vezes é um terço ou mesmo metade. Entre os meus trezentos homens, haverá alguns com todas as condições para se passearem pelos diversos pisos de um palácio e é isso que eles farão. Ao longo deste primeiro ano, distribuirei alguns desses homens pela própria cidadela de Tróia. A outros que também gostem de representar, os distribuirei por todos os estratos baixos e médios da cidade - desde os escravos aos mercadores. Quero ficar a par de todos os movimentos de Príamo.

- Pelo Senhor do Trovão! - exclamou Diomedes. Depois, pôs um ar céptico. - Serão detectados imediatamente.

- Porquê? Não se esqueça de que, quando entrarem em Tróia, esses homens terão treino de sobra... Creio que não percebeu um aspecto: os meus trezentos homens possuem todos uma inteligência superior - todos os bons desordeiros, valentões e rebeldes são indivíduos brilhantes. Um homem estúpido nunca é um perigo para as hostes. Eu já estive dentro de Tróia e, enquanto estive lá, memorizei a versão troiana do Grego - o sotaque, a gramática, o vocabulário. Não se esqueça de que sou muito bom em línguas.

- Eu sei, eu sei - disse Diomedes, com um sorriso imenso.

- Além disso, descobri muitas coisas que não comuniquei ao nosso caro amigo Agamêmnon. Antes de entrarem em Tróia, os meus espiões saberão tudo o que é preciso saber. Alguns deles - aqueles que não têm queda para as línguas - dirão que são escravos e que fugiram do nosso acampamento. Como não precisam esconder que são Gregos, serão particularmente valiosos. Outros que tenham alguma queda para as línguas se disfarçarão de Lícios ou Cários. E isto disse eu, radiante, as mãos atrás da cabeça - é só o princípio!

Diomedes respirou fundo.

- Agradeço a todos os deuses o fato de estar do nosso lado, Ulisses. Detestaria o ter como inimigo.

Toda a cidade de Tróia se encontrava no alto das muralhas para ver desfilar o supremo rei de Micenas à frente de toda a realza grega. Reparei na crescente vermelhidão que se formou nas faces de Agamêmnon, à medida que os seus ouvidos iam captando os apupos e a chacota que o incessante vento troiano até nós trazia. Fiquei profundamente contente pelo fato de Agamêmnon não ter levado consigo o exército.

Doía-me o pescoço de tanto olhar para as alturas; porém, quando chegamos à Cortina Ocidental, examinei-a com todo o cuidado, já que, durante a minha visita a Tróia, não tivera oportunidade de vê-la por fora. Só ali seria possível tentar o assalto. Ainda que o próprio Agamêmnon já tivesse desistido de tal idéia logo que deixamos para trás a Cortina Ocidental. Era uma porção demasiado curta, no que tocava ao comprimento. Quarenta mil troianos estariam no alto das muralhas à nossa espera, lançando azeite fervente para cima das nossas cabeças, pedras acabadas de retirar das fogueiras, carvão em brasa, até mesmo excrementos.

Quando ordenou o regresso ao acampamento, Agamêmnon tinha o desânimo estampado no rosto. Não convocou nenhum conselho; os dias foram passando sem ações nem decisões. E eu deixei-o sozinho com as suas angústias, pois tinha mais que fazer do que discutir com ele. Comecei a reunir os homens que iriam formar a minha colônia de espiões.

Os comandantes não se opuseram minimamente às minhas pretensões. Pelo contrário: era com imensa alegria que se viam livres dos seus mais intrincados problemas. Pedreiros e carpinteiros trabalhavam duramente no vale, erigindo trinta sólidas casas de pedra e um edifício mais amplo que seria usado para as refeições, os divertimentos e a instrução. Os meus recrutas começavam também a trabalhar à medida que iam chegando; a partir do instante em que eram escolhidos, eram mantidos no mais absoluto isolamento por uma guarda constituída por soldados de Ítaca, distribuídos à volta dos limites do vale. Quanto aos comandantes, pensavam que eu estava construindo uma prisão onde tencionava encarcerar todos os infratores.

Quando veio o Outono, tudo já estava pronto. Reuni os meus recrutas no maior salão do edifício principal. Trezentos pares de olhos seguiam-me atentamente enquanto me encaminhava para o estrado: circunspetos ou curiosos, desconfiados ou apreensivos. Já estavam confinados há bastante tempo para saberem que haviam sido privados de vítimas, pois todos eles eram feitos da mesma matéria.

Sentei-me num trono real, com garras esculpidas, Diomedes à minha direita. Quando o silêncio se abateu sobre a sala, pus as minhas mãos nos braços do trono e estendi uma perna, pois era essa a pose de um rei.

- Têm-se perguntado certamente por que razão eu os trouxe aqui e o que é que lhes acontecerá. Até agora, têm-se limitado a conjecturas. A partir de agora, conhecerão as respostas às vossas perguntas, porque eu vou satisfazer a vossa curiosidade. Em primeiro lugar, cada um de vós tem certos traços de carácter que vos tornam odiosos aos olhos de qualquer comandante. Nenhum de vós é um bom soldado, ou porque põem em perigo as vidas dos outros, ou porque causam dores de barriga a todos os homens com a vossa maldade ou rebeldia. Não quero que haja dúvidas nas vossas mentes quanto às razões por que foram escolhidos. Foram escolhidos porque são odiados por todos.

Parei e esperei, ignorando os rostos estupefatos, a raiva, a indignação. Alguns daqueles rostos, porém, permaneciam impassíveis; procurei não me esquecer deles: aqueles eram os homens dotados de capacidades e de uma inteligência superiores.

Tudo havia sido convenientemente preparado. Os meus guardas encontravam-se postados à volta do edifício; o seu chefe, Háquios, era um homem em quem podia depositar toda a minha confiança. As ordens eram claras: matariam todos os homens que saíssem antes de mim. Aqueles que decidissem que as minhas condições eram inaceitáveis não poderiam voltar para o seio do exército. Teriam de morrer.

- Deram-se conta da magnitude do insulto? - perguntei-lhes. - Pensem um pouco: as minhas palavras não poderiam ter sido mais insultuosas! Os defeitos que os homens decentes abominam, eu transformarei em qualidades. Haverá compensações para os homens que me servirem - viverão em

aposentos dignos de príncipes, não farão trabalho manual, e as primeiras mulheres que o rei supremo distribuir pelos homens, depois de Tróia ter caído, serão para vocês. Entre as missões que efetuarem, terão períodos de descanso adequados. De fato, vocês formarão um corpo de elite sob o meu único comando. Deixarão de servir os vossos reis respectivos ou o rei supremo. Um rei apenas servirá: Ulisses de Ítaca.

Disse-lhes depois que o trabalho que lhes estava destinado era muito perigoso e invulgar e concluí esta parte do meu discurso acentuando:

- Um dia, os profissionais do vosso ofício serão pessoas famosas. A vitória ou a derrota numa guerra dependerão do vosso trabalho. Aos meus olhos, cada um de vós vale um milhar de soldados de infantaria. Deverão por isso entender que o fato de terem sido escolhidos é algo de grandioso. Agora, antes que prossiga, gostaria que discutissem o assunto entre vós.

O silêncio persistiu por um breve período; estavam tão surpreendidos que tinham dificuldade em trocar opiniões. Quando a conversa finalmente começou, tratei de examinar atentamente os seus rostos; havia uma dúzia deles que já tinham decidido rejeitar a minha proposta. Um desses homens levantou-se e saiu, mais uns quantos imitaram-no. Háquios esperava do lado de fora da porta aberta. À sala não chegou ruído nenhum, sinal nenhum de tumulto. Saíram mais oito. E Háquios continuou obedecendo às minhas instruções. Como aqueles homens nunca regressariam às suas companhias, os seus antigos comandantes pensariam que estavam comigo. Por outro lado, os seus colegas pensariam que eles haviam regressado às suas antigas companhias. Só Háquios e os seus homens sabiam a verdade e eles eram de Ítaca e conheciam o seu rei.

Havia dois homens que me interessavam mais do que todos os outros. Um deles era primo de Diomedes e um tormento constante para qualquer comandante. Chamava-se Tersita. Para além das suas naturais capacidades, havia na sua história pessoal um dado que muito me atraía: com efeito, dizia-se que Tersita era filho da tia de Diomedes e de Sísifo. O mesmo se dizia de mim: que Sísifo é que era o meu pai, e não Laertes. Esta eventual mancha no meu nascimento nunca me causou a menor angústia; o sangue de um burlão emérito era provavelmente mais útil do que o sangue de um rei como Laertes.

Quanto ao outro homem, conhecia-o muito bem; aliás, entre os meus trezentos soldados, era ele o único que sabia por que razão ali estava. Era o meu primo Sinão, que viera na minha comitiva. Um homem maravilhosamente útil que estava ansioso por dar os primeiros passos na sua nova profissão.

Tersita e Sinão estavam quietos e impassíveis, os sombrios olhos fixos no meu rosto, embora, de quando em quando, interrompessem o exame da minha pessoa para virarem a cabeça e avaliarem o calibre dos homens com que haviam sido misturados. De súbito, Tersita pigarreou.

- Continue, rei Ulisses, diga-nos o resto - disse ele. Disse-lhes o resto.

- Agora, creio eu, já percebem por que motivo os considero os homens mais valiosos do exército - acentuei, já perto do final do meu discurso. - As vossas missões serão sempre de uma importância extrema, quer visem a transmissão de informações, quer tenham por objetivo lançar a perturbação entre aqueles que governam Tróia. Será criado um sistema seguro de comunicações. Por outro lado, serão claramente definidos os contactos e os locais de encontro entre aqueles que passarem a residir de um modo mais ou menos permanente no interior de Tróia e aqueles que se limitarem a fazer breves visitas à cidade. Ainda que as vossas missões sejam de fato muito perigosas, a verdade é que, quando começarem a trabalhar, disporão já de tudo o que é preciso para lidarem com esses perigos. - Levantei-me. - Pensem um pouco no que acabei de dizer. Voltarei dentro de breves momentos.

Retirei-me com Diomedes para uma antecâmara. Aí conversámos e bebemos enquanto, do outro lado da cortina, o som de vozes se erguia e esbatia para logo se erguer de novo.

- Presumo - disse Diomedes - que você e eu também entraremos em Tróia de vez em quando...

- Claro que sim. Se quisermos controlar homens deste calibre, temos de mostrar-lhes que estamos dispostos a correr riscos ainda maiores do que aqueles a que os sujeitamos. Nós somos reis, os nossos rostos podem ser reconhecidos...

- Helena - disse ele.

- Precisamente.

- Quando é que começamos as nossas visitas?

- Esta noite - disse eu, calmamente. - Há uma boa conduta na seção noroeste das muralhas. É grande o suficiente para deixar entrar um homem de cada vez. A saída no interior das muralhas não tem guardas e é relativamente escondida. Iremos vestidos de pobres, exploraremos as ruas, conversaremos com as pessoas e escaparemos amanhã à noite pela mesma conduta. Não se preocupe, será uma missão bastante segura.

Diomedes riu.

- Não duvido, Ulisses, não duvido. Bom, acho que é tempo de ouvirmos os nossos homens - disse eu.

Tersita fora eleito porta-voz; estava já de pé à nossa espera.

- Fala, primo do rei Diomedes - ordenei-lhe.

- Rei Ulisses, nós estamos contigo. Daqueles que ficaram quando deixaste a sala, só dois votaram contra a tua proposta.

- Dois votos que não contam - disse eu.

Havia no olhar de Tersita um brilho sarcástico: ele sabia o que acontecera aos que haviam rejeitado a minha proposta.

- A vida que nos propõe - prosseguiu Tersita - é muito melhor do que aquela que levamos num acampamento montado para um cerco, pois nós não conhecemos a virtude da paciência. Enfim, rei Ulisses: nós somos os seus soldados!

- Antes desta sessão terminar, é necessário, porém, que cada um de vós pronuncie um juramento adequado.

- Todos juraremos - disse ele, impassível, sabendo que o juramento seria tão terrível que nem mesmo ele teria coragem de o infringir.

Depois do último homem ter jurado, informei-os de que viveriam em unidades de dez homens; em cada um desses grupos, haveria um oficial, a ser escolhido por mim depois de os conhecer melhor. Contudo, havia dois homens que eu já conhecia muito bem: por isso nomeei Tersita e Sinão chefes da colônia de espões.

Nessa noite, entramos em Tróia com relativa facilidade. Eu fui o primeiro a rastejar pela conduta; Diomedes veio logo atrás de mim. Para Diomedes, não era tão fácil: os seus ombros eram tão largos como a conduta. Uma vez dentro da cidade, encaminhamo-nos furtivamente para um agradável beco, onde dormimos até de manhã. Depois, misturamo-nos com a multidão. Na imensa praça do mercado perto da Porta Ceia, compramos bolos de mel e pão de cevada e dois copos de leite de ovelha, e tratamos de escutar. O povo não estava nada preocupado com os Gregos que ocupavam a praia do Helesponto; de um modo geral, o estado de espírito dos populares era animado, jovial. Contemplavam com admiração os seus imponentes bastiões e riam da idéia de o beemote grego estar parado e impotente a poucas léguas dali. Todos pareciam achar que Agamêmnon acabaria por desistir e regressar à Grécia. Comida e dinheiro não faltavam, as Portas Dardanianas e Ida continuavam abertas e o tráfego processava-se normalmente. Só o complicado sistema de guardas e sentinelas no alto das muralhas revelava que a cidade estava preparada para fechar as Portas Dardanianas e Ida mal surgisse uma ameaça.

Ficamos sabendo que a cidade possuía muitos poços de água boa para beber e um vasto número de celeiros e armazéns onde eram guardados os alimentos não deterioráveis.

Ninguém punha a hipótese de uma batalha campal à saída da cidade; os poucos soldados que vimos, ou preguiçavam ou andavam na companhia de prostitutas, além do que haviam deixado em casa armas e armaduras. Todos riam de Agamêmnon e do seu grandioso exército.

Diomedes e eu começámos a trabalhar na colônia de espões logo que regressamos ao acampamento. E o que nós trabalhamos! Havia homens com grandes aptidões e entusiasmo; outros, porém, desanimaram ao fim de pouco tempo e nunca mais se interessaram pela nova profissão que eu lhes propunha. Discuti serenamente o assunto com Tersita e Sinão, que concordaram comigo: os inaptos deveriam desaparecer. Dos trezentos recrutas iniciais, acabei por ficar com duzentos e cinquenta e quatro e dei-me por feliz.

Capítulo Décimo Quinto

Narrado por Diomedes

Ulisses era um homem verdadeiramente notável. Aprendia-se sempre com ele: até mesmo o modo como lidava com um escravo era, por si só, uma fonte de ensinamentos. Ao fim de uma única lua, havia moldado a seu bel-prazer aqueles duzentos e cinquenta e quatro homens, apesar de não os considerar ainda prontos para a ação. Passava quase tanto tempo com ele como com os meus homens de Argos; porém, aquilo que com ele aprendia permitia-me controlar e dirigir melhor as minhas tropas - e em metade do tempo de que normalmente precisava. Deixara de haver sinais de descontentamento no meu contingente sempre que eu me ausentava, deixara de haver discussões entre os oficiais; recorria aos métodos de Ulisses e os resultados estavam à vista. Claro que, de quando em quando, ouvia algumas

piadas murmuradas; claro que percebia dos olhares maliciosos dos meus nobres sempre que me viam com Ulisses; mesmo os outros reis começavam a interrogar-se acerca da natureza da nossa amizade. O que não me preocupava rigorosamente nada. Não teria ficado nada afetado se fosse verdade aquilo que pensavam. Por outro lado - façamos-lhes justiça - não havia na sua malícia a menor sombra de reprovação. Todos os homens eram livres para satisfazer os seus apetites sexuais com o sexo que muito bem entendessem. Normalmente com o sexo feminino; porém, uma longa campanha num país estrangeiro significava que havia muito menos mulheres disponíveis. As mulheres estrangeiras nunca estariam em condições de substituir condignamente as esposas e as namoradas, as mulheres da nossa própria terra. Em tais circunstâncias, era preferível procurar o lado mais doce do amor com um amigo que combatia ao nosso lado na batalha e que, com a sua espada, repelia o inimigo, enquanto nós tentávamos recuperar a espada que o inimigo deitara por terra.

No meio do Outono, Ulisses disse-me que fosse prestar as minhas homenagens a Agamêmnon. Assim fiz, curioso quanto ao que estaria em marcha; nos últimos tempos, houvera uma série de conferências secretas entre Nestor e Ulisses, mas Ulisses nada me dissera quanto aos temas dessas conferências.

Durante cinco luas, não víamos nem sinal de soldados troianos e o estado de espírito no nosso acampamento era francamente sombrio. Os alimentos, afinal, não se tinham revelado um problema difícil, pois a costa a norte da Tróada e o lado de lá do Helesponto abundavam em legumes, fruta e animais. As tribos que aí viviam, mal viam os nossos contingentes, corriam esconder-se. Porém, nada disto poderia alterar o fato de que, estando tão longe da pátria, não poderíamos pôr sequer a hipótese de regressar para um breve período de licença. Do rei supremo, não vinha ordem nenhuma: nem para desmobilizar, nem para atacar, nem para nada.

Quando entrei na residência de Agamêmnon, Ulisses já estava lá, com um ar perfeitamente descontraído.

- Quando Ulisses apareceu, devia ter concluído que terias forçosamente de estar por perto - comentou Agamêmnon.

Sorri, mas nada disse.

- Que pretende afinal, Ulisses?

- Um conselho, Agamêmnon. Há muitas coisas que já deviam ter sido discutidas há muito tempo.

- Concorde inteiramente! Por exemplo: o que é que se passa num certo vale e porque é que eu nunca consigo encontrá-los, a você e a Diomedes, durante a noite? A noite passada, pensei precisamente em convocar um conselho.

Ulisses livrou-se do desagrado imperial com a sua habitual elegância. Começou com um sorriso, o sorriso que era capaz de vencer inimigos implacáveis, o sorriso que era capaz de encantar criaturas muito mais frias do que Agamêmnon.

- Rei Agamêmnon, eu direi tudo - mas apenas num conselho.

- Muito bem. Fiquem aqui até que os outros venham. Se os deixo sair, são capazes de não voltar.

Menelau foi o primeiro a chegar, tão abjeto como sempre. Saudou-nos timidamente e correu enfiar-se no canto mais escuro da sala. Pobre Menelau, oprimido e humilhado Menelau. Talvez começasse agora a se dar conta de que Helena mais não era do que um elemento muito secundário nos planos do seu poderoso irmão, ou talvez começasse a achar que Helena nunca mais voltaria a ser sua. Estes pensamentos agitaram memórias que tinham já quase nove anos; a criatura cuja mão havia sido disputada por tantos pretendentes revelara-se afinal tão dissoluta como uma mulher da rua. Única e exclusivamente preocupada com a satisfação dos seus desejos, indiferente àquilo que um homem queria. Tão bela! E tão egoísta! Oh, a roda-viva em que Menelau não teria andado por causa dela! Nunca consegui odiá-lo; era um homem demasiado insignificante, suscitava mais a piedade do que o desprezo. E amava-a como eu nunca poderia ter amado uma mulher.

Aquiles chegou na companhia de Pátroclos; Fênix vinha atrás deles - fez-me lembrar o cão de Ulisses, Argos, que, em Ítaca, nunca largava o dono. Tão fiel quanto vigilante, assim era Fênix. Saudaram o rei supremo, Aquiles com óbvia relutância. Uma estranha criatura. Reparara que Ulisses não gostava dele. Quanto a mim sentia por ele pouco mais do que indiferença; daí que tivesse decidido adverti-lo de que deveria mostrar-se mais cortês com Agamêmnon. O rapaz, é certo, comandava os Mirmidões; mas isso não era razão para manifestar, de uma forma tão óbvia, a sua aversão ao rei supremo. Ver-se abandonado numa ala, durante uma batalha, era coisa vulgar e fácil de acontecer - e, normalmente, as culpas recaíam no comandante que se via abandonado. Quando vi a expressão dos olhos de Pátroclos, tive de sorrir - aquela, sim, era uma amizade amorosa! Pelo menos de um dos lados. Aquiles não dava o devido valor à

afeição de Pátrocles. Além de o que ansiava mais por uma boa batalha do que pelo prazer que os corpos encerram.

Macáon chegou sozinho e, sem dizer palavra, sentou-se. Ele e o irmão, Podalírio, eram os melhores médicos de toda a Grécia, mais importantes para o nosso exército do que uma ala de cavalaria. Podalírio era um verdadeiro recluso: preferia a sua cirurgia aos conselhos de guerra. Macáon, porém, era um homem extremamente ativo que tinha o dom de comando e era capaz de lutar tão bem como dez mirmidões. Idomeneu avançou com o seu passo elegante, e o seu ar não menos elegante, logo seguido pelo seu escudeiro, Meríona. Graças à coroa cretense e à sua posição como co-comandante, Idomeneu limitou-se a fazer uma vênia, em vez de ajoelhar diante do rei supremo. Agamêmnon ficou furioso com a desconsideração, mas a fúria não desceu dos olhos até às cordas vocais; perguntei-me se Agamêmnon não acharia que Creta estava ficando demasiado grande para as suas botas, mas o rosto do rei supremo nada me disse a esse respeito. Idomeneu preocupava-se excessivamente com a sua elegância, com os seus trajes, com os seus adereços; enfim, um escravo da sua própria aparência. Contudo, possuía uma constituição física notável e era um belíssimo comandante. Meríona, seu primo e herdeiro, era possivelmente o melhor dos dois - adorava festejar ou combater a seu lado. Ambos tinham o mesmo ar, típico dos Cretenses: um ar generoso, aberto.

Nestor avançou rapidamente para o seu assento especial, acenando apenas para Agamêmnon, o qual não ficou nada ofendido. Nestor embalara a todos nos seus joelhos quando éramos bebês. Se tinha algum defeito, esse defeito era, sem dúvida, o de se refugiar nas recordações dos “bons velhos tempos” e de considerar a atual geração de reis não mais do que um bando de mariquinhas. Contudo, não havia ninguém que conseguisse resistir aos seus encantos. Ulisses, achava eu, adorava-o. Consigo, Nestor trouxera o seu filho mais velho.

Ájax chegou com os seus companheiros, o seu meio-irmão Teucro e o seu primo da Lócrida, o Pequeno Ájax, filho de Oileu. Sentaram-se ao fundo, muito calados, com um ar desconfortável. Ansiava pelo dia em que pudesse ver Ájax num campo de batalha (estivera longe de mim quando a batalha de Sigeu aconteceu), em que pudesse ver com os meus próprios olhos aqueles braços portentosamente musculosos empunhando o seu famoso machado.

Menesteu surgiu pouco depois. Era um bom homem, o rei supremo da Ática, mas sensato o suficiente para não imaginar que poderia igualar Teseu. Menesteu não era sequer um Décimo do homem que Teseu fora - mas, sejamos honestos, quem é que poderia rivalizar com Teseu? Palamedes foi o último. Sentou-se entre mim e Ulisses. Seria imprudente da minha parte atrever-me a gostar dele, visto que Ulisses o odiava. Porquê, não sabia, embora desconfiasse que Palamedes o ofendera quando ele e Agamêmnon se haviam deslocado a Ítaca. Ulisses tinha paciência bastante para esperar o tempo que fosse preciso, mas acabaria por vingar-se - disso estava eu certo. Não seria uma vingança violenta, sangrenta. Com Ulisses, a vingança era servida fria. O sacerdote Calcas não estava presente. Uma ausência intrigante.

Agamêmnon, com um ar bastante tenso, deu início aos trabalhos.

- Este é o primeiro conselho digno desse nome que resolvi convocar desde que desembarcamos em Tróia. Como todos estão a par da situação, creio que não fará sentido descrevê-la. Ulisses falará, eu não. Embora eu seja vosso suserano, vocês me deram as vossas tropas de livre vontade. Do mesmo modo, respeitarei o vosso direito a retirarem esse apoio, não obstante o Juramento do Cavalo Esquartejado. Pátrocles, toma o Bastão, mas dá-o a Ulisses.

Ulisses avançou para o meio da sala (Agamêmnon cederia ao frio e mandara construir uma casa de pedra, ainda que a existência dessa casa sugerisse permanência), a cabeleira ruiva flutuando numa massa de ondas em torno do seu belo rosto, os seus grandes olhos cinzentos despindo-nos até ao mais íntimo de nós mesmos, até à nossa verdadeira estatura: reis, mas ainda assim homens. Nós, os Gregos, sempre respeitamos a presciência e, a Ulisses, não lhe faltava esse poder.

- Pátrocles, sirva o vinho - foi assim que o meu amigo começou o seu discurso. Esperou que o jovem servisse todos os presentes. - Há cinco luas que desembarcamos. Fora dos limites de um vale que fica perto dos meus navios, nada aconteceu.

A esta afirmação seguiu-se uma rápida explicação: segundo Ulisses, o vale em questão servia para encarcerar os piores soldados do exército, pois era absolutamente necessário que esses elementos não contaminassem o resto das tropas. Eu sabia por que razão Ulisses não queria divulgar o verdadeiro objetivo do vale: Ulisses não confiava em Calcas nem em algumas das línguas dos seus homens, ainda que presas a um juramento.

Embora não tenhamos realizado nenhum conselho oficial - prosseguiu ele com a sua voz suave e agradável -, não tem sido difícil adivinhar os sentimentos dominantes dos chefes aqui presentes. Por

exemplo: ninguém deseja montar o cerco a Tróia. Respeito os vossos pontos de vista, pelas mesmas razões que Macáon poderá expender: um cerco poderá trazer a peste e outras doenças; uma eventual conquista de Tróia após esse cerco poderá significar pesadas baixas também para as tropas gregas. Por isso, não é minha intenção discutir a questão do cerco.

Fez uma pausa para nos sondar.

- Diomedes e eu fizemos já várias visitas noturnas à cidade de Tróia e concluímos que, se continuarmos aqui na próxima Primavera, a situação sofrerá uma alteração radical. Príamo mandou enviados a todos os seus aliados ao longo da costa da Ásia Menor e todos eles lhe prometeram apoio militar. Logo que comece o degelo nas montanhas, Príamo terá duzentos mil soldados à sua disposição. E nós seremos corridos daqui para fora: tão simples como isso.

Aquiles interrompeu-o.

- Está pintando um quadro muito negro, Ulisses. Foi para isso que nós deixamos as nossas pátrias? Para cairmos, de uma forma absolutamente ignominiosa, às mãos de um inimigo com quem travamos uma única batalha? O que está a dizer-nos, creio eu, é que nos lançamos numa cruzada perfeitamente infrutífera, extremamente onerosa e sem a menor perspectiva de uma recompensa - ou seja, de despojos. Onde está o saque que nos prometeu, Agamêmnon? Que aconteceu à tua guerra que durava apenas dez dias? Que aconteceu à tua vitória fácil? Para onde quer que nos viremos, é a derrota que vemos à nossa frente! Foi para isto que alguns dos homens aqui presentes se mostraram coniventes com um sacrifício humano? Há derrotas piores do que ser batido numa batalha. Ser obrigado a evacuar esta praia e a regressar à Grécia é a pior das derrotas!

Ulisses não conteve um risinho.

- Digam-me: estão todos tão desanimados como Aquiles? Se estão, lamento muito. No entanto, não posso negar que o filho de Peleu diz a verdade. Além disso, se permanecermos aqui durante o Inverno, os problemas de abastecimento vão aumentar. Por ora, podemos ir buscar à Bitínia aquilo de que precisamos; contudo, segundo dizem, os Invernos aqui são frios e gelados.

Aquiles levantou-se num salto, virando-se furioso para Agamêmnon.

- Foi isto que eu te disse em Áulida, muito antes de termos partido! Não prestou a devida atenção ao problema do abastecimento de um exército enorme! Será que temos escolha? Poderemos nós escolher entre ficar aqui e voltar para a Grécia? Não me parece. A nossa única alternativa é aproveitar os ventos do início do Inverno e voltar à Grécia para nunca mais regressarmos! É um imbecil, rei Agamêmnon! Um imbecil que se imagina inteligente!

Agamêmnon manteve-se muito quieto e calado, mas era visível que estava fazendo um grande esforço para se controlar.

- Aquiles tem razão - atacou Idomeneu. - Tudo isto foi muito mal planejado. - Respirou fundo, enquanto fitava ferozmente o seu co-comandante. - Diga-me, Ulisses: o nosso exército pode ou não pode tomar de assalto as muralhas troianas?

- As muralhas troianas são inexpugnáveis, Idomeneu. A fogueira da agitação crescia, ateadada por Aquiles e alimentada pelo fato de Agamêmnon optar pelo silêncio. Todos estavam desejosos de o atacarem e ele sabia disso. Mordia os lábios, o corpo tenso curvado pelo esforço tremendo que o domínio da sua própria raiva lhe exigia.

- Porque é que nunca admitiu que não eras capaz de planejar uma expedição tão grandiosa como esta? - perguntou Aquiles. - Fosse o teu estatuto inferior - e não fosse você aquilo que é pela graça dos deuses! - te liquidaria neste exato momento! Trouxe-nos para Tróia com um único pensamento na cabeça: a tua glória! Usaste o Juramento para reunires um gigantesco exército e desprezou os desejos e as necessidades do teu irmão - até que ponto pensou realmente em Menelau? Será capaz de dizer que lançou esta empresa por causa do teu irmão? Nunca! Nem sequer te deste ao trabalho de fingir! Desde o princípio que só tem um objetivo: enriquecer com o saque de Tróia e erigir um império para ti mesmo na Ásia Menor! É certo que todos nós enriqueceremos com o saque de Tróia - mas o mais rico de todos será você!

Menelau desatou a chorar: as lágrimas que lhe caíam pelas faces falavam de uma terrível desilusão. Vendo-o soluçar como uma criança, Aquiles afagou-lhe o ombro, procurando animá-lo. A atmosfera não podia ser mais explosiva; uma palavra mais e todas aquelas mãos correriam a apertar a garganta de Agamêmnon. Sentindo já um inequívoco formigueiro no meu braço direito, olhei para Ulisses, imóvel no meio da sala, com o Bastão na mão, enquanto Agamêmnon entrelaçava as mãos sobre o colo e olhava para elas.

Acabou por ser Nestor a apagar o fogo que alastrara. Virou-se furioso para Aquiles e logo lhe atirou:

- Rapaz, a tua falta de respeito merecia uns bons açoites! Que direito tem você de criticar o nosso rei supremo quando homens como eu não o fazem? Ulisses não fez nenhuma acusação - como se atreve a fazê-las? Contenha essa língua, rapaz!

Aquiles aceitou a repreensão sem um murmúrio. Apresentou as suas desculpas a Agamêmnon ajoelhando diante dele e sentou-se. Por natureza, Aquiles não era homem que fervesse em pouca água. Porém, desde a morte de Ifigênia que havia entre ele e Agamêmnon uma tremenda animosidade. Compreensível. O seu nome fora usado para que Clitemenestra deixasse partir a moça, mas o rei supremo não pedira o seu consentimento. Aquiles, pelo visto, nunca nos perdoaria - e muito menos perdoaria a Agamêmnon.

- Ulisses - disse Nestor-, é evidente que não tem a idade e a experiência suficientes para dirigir convenientemente esta reunião de nobres autocratas: por isso, passe-me o Bastão e deixe-me falar! - Fitou-nos com um ar assanhado.

- Esta reunião, até agora, foi uma verdadeira miséria! No meu tempo, ninguém se atreveria a dizer as coisas que aqui foram ditas! Quando eu era jovem e Hércules vivia entre nós, as coisas eram completamente diferentes!

Recostamo-nos nas cadeiras e resignamo-nos perante a perspectiva de ouvirmos mais uma das famosas homilias de Nestor. Contudo, quando mais tarde refleti sobre o que se passou, cheguei à conclusão de que o velho começara a divagar deliberadamente; com efeito, o fato de sermos obrigados a escutá-lo produziu uma calma geral na sala.

- Pensem no exemplo de Hércules - prosseguiu Nestor. - Injustamente submetido a um rei que não merecia usar a sagrada cor púrpura do seu cargo, obrigado a realizar uma série de trabalhos friamente escolhidos para o conduzirem à morte ou à humilhação. Pois Hércules nem sequer protestou! A sua palavra era, para ele, sagrada. Nele, a nobreza de alma rivalizava com o poder físico! Ainda que nas suas veias corresse sangue divino, Hércules era um homem? Você, jovem Aquiles, nunca poderá sequer nutrir a esperança de igualar Hércules! Nem você, jovem Ájax. O rei é o rei. Hércules nunca se esqueceu disso - nem mesmo quando se viu atolado até aos joelhos em esterco de cavalo, nem mesmo quando esteve a um passo do desespero e da loucura! Era isso precisamente o que todos os outros homens admiravam e veneravam nele. Ele sabia quais eram os seus deveres para com os deuses e quais eram os seus deveres para com o rei. Em todas as circunstâncias, cumpriu escrupulosamente esses deveres. Embora me sentisse bem o tratando como a um irmão, Hércules nunca se aproveitou da minha amizade - e eu era o herdeiro de Neleu, ao passo que ele não passava de um escravo.

- Foi a consciência que tinha do seu estatuto de escravo, bem como a sua deferência e paciência, que o levaram a suscitar um amor eterno e a ganhar o estatuto de herói. Pobres de nós! Não voltará a haver no mundo um homem como Hércules!

Ótimo! Nestor terminara, devolveria o Bastão a Ulisses e o conselho poderia prosseguir. Mas Nestor não tinha terminado; em vez disso, lançou-se numa nova homilia.

- Teseu! - exclamou. - Pensem também no exemplo de Teseu! Foi a loucura que acabou por vencê-lo e não a ausência de nobreza ou o esquecimento daquilo que a um rei é devido. Teseu era um rei supremo: pois o Teseu que eu conheci não passava de um homem! Ou pensem no exemplo do pai de Diomedes.

Tideu era o maior guerreiro do seu tempo - e morreu diante das muralhas que o filho arrasou uma geração mais tarde. E morreu sem uma única mancha na sua honra! Se eu tivesse sabido que gênero de homens se arroga o título de rei e herdeiro de rei aqui nesta praia de Tróia, nunca teria deixado as areias de Pilos, nunca teria navegado num mar tão escuro como vinho! Pátrocles, enche-me o copo! Pretendo continuar o meu discurso, mas tenho a garganta seca.

Pátrocles levantou-se lentamente. Era ele o mais descoroçoado de todos. Estava visivelmente magoado com a repreensão de que Aquiles fora alvo. O velho rei de Pilos bebeu de uma vez só quase todo o conteúdo do copo, lambeu os lábios e foi sentar-se numa cadeira vaga perto da de Agamêmnon.

- Ulisses, é minha idéia prosseguir o que você começou. Não se ofenda com esta minha decisão, mas, pelo visto, precisamos de um velho para pôr os jovens insolentes no seu lugar! - disse ele.

Ulisses sorriu com todos os seus dentes.

- À vontade, rei Nestor! Você exporá o caso tão bem como eu, senão mesmo melhor.

Foi nesse instante que as minhas desconfianças ganharam alento. Há vários dias que Ulisses e Nestor mantinham conferências secretas - teriam eles combinado tudo aquilo antecipadamente?

- Duvido - disse Nestor, com um brilho muito especial nos seus olhos azuis. - É invulgar um homem tão novo como você possuir uma cabeça tão notável. Mas adiante. Vou esquecer personalidades e cingir-

me apenas aos fatos. Temos de abordar este problema desapassionadamente, temos de compreendê-lo sem confusões nem enganos. Em primeiro lugar, o que está feito, está feito. Não desenterremos o passado. Não devemos permitir que o passado continue a alimentar ressentimentos.

Inclinou-se um pouco para a frente e prosseguiu:

- Reflitam. Nós temos um exército constituído por mais de cem mil homens, combatentes e não combatentes, acampado a cerca de três léguas das muralhas de Tróia. Entre os não combatentes, dispomos de cozinheiros, escravos, marinheiros, armeiros, cavaleiros, carpinteiros, pedreiros e engenheiros. Se a expedição tivesse sido tão mal planejada como o príncipe Aquiles quer fazer crer, não disporíamos por certo de tantos e tão diversos profissionais experimentados. Muito bem. Este ponto não precisa sequer ser discutido. Temos também de considerar o fator tempo. Calcas, o nosso sacerdote, falou de dez anos: sinto-me inclinado a acreditar na sua profecia. De fato, nós não estamos aqui para derrotar apenas uma cidade! Nós estamos aqui para derrotar muitas nações. Nações que se estendem desde Tróia até à Cilícia. Uma empresa desta magnitude não pode ser feita de um dia para o outro! Mesmo que conseguíssemos derrubar as muralhas de Tróia, a empresa não estaria terminada! Seremos nós piratas? Bandidos? Ladrões de estrada? Se formos, então assaltamos uma cidade e voltamos para casa com os despojos. Mas eu creio que nós não somos piratas. Eu creio que não devemos limitar-nos a Tróia! Temos de ir mais longe - temos de derrotar a Dardânia, a Mísia, a Lídia, a Cária, a Lícia e a Cilícia!

Aquiles estava rendido: observava Nestor com uma atenção que nunca lhe vira. Tal como Agamêmnon.

- Que aconteceria - disse Nestor, com um ar pensativo - se dividíssemos o nosso exército em dois? Metade ficaria aqui diante de Tróia e a outra metade agiria, digamos, livremente. A força acampada diante de Tróia serviria para conter Tróia: teria de ser pelo menos tão ampla como qualquer exército que Príamo eventualmente enviasse para a combater. A segunda força percorria a costa da Ásia Menor, atacando, pilhando e incendiando todas as povoações entre Andramítios e a longínqua Cilícia. Essa segunda força dizimaria e devastaria, obteria escravos, saquearia cidades, assolaria os campos, apanharia o inimigo desprevenido. Deste modo, alcançaríamos dois objetivos - manteríamos as duas metades do nosso exército convenientemente abastecidas de alimentos e outros produtos necessários - talvez mesmo produtos luxuosos! - e levaríamos os aliados de Tróia a sentir um tão grande e constante medo que nunca se arriscariam a enviar a Príamo ajuda de nenhum tipo. Em nenhum ponto da costa há concentrações populacionais capazes de resistirem a um exército vasto e bem conduzido. Mas duvido muito que os reis da Ásia Menor se lembrem de abandonar as suas terras para se juntarem em Tróia. Não creio que esses reis possuam uma visão das coisas suficientemente profunda. Por isso, não creio que abandonem as suas terras.

Claro que Ulisses e Nestor tinham combinado tudo aquilo antecipadamente! As palavras de Nestor deslizavam como mel sobre um bolo. Ulisses sorria de satisfação e aprovação e Nestor estava no seu elemento.

- A metade do exército que ficar diante de Tróia impedirá os Troianos de atacarem o nosso acampamento ou os nossos navios - prosseguiu Nestor. - Por outro lado, contribuirá de uma forma decisiva para que o moral dos soldados e cidadãos de Tróia sofra um rude golpe. Aquilo que temos de fazer é transformar uma proteção numa prisão: no espírito dos habitantes de Tróia, as protetoras muralhas passarão a ser um cárcere! Não entrarei agora em pormenores, mas sempre lhes digo que há muitas maneiras de influenciar o espírito dos Troianos, desde a cidadela à mais humilde choupana. Acreditem no que lhes digo: há muitas maneiras de conseguir isso! A astúcia é absolutamente essencial, mas, com Ulisses, nós possuímos essa arma em abundância.

Nestor suspirou e pediu mais vinho; desta feita, porém, Pátroclos serviu com extremo respeito e diligência o idoso rei de Pilos.

- Se decidirmos ir para a frente com esta guerra - continuou Nestor haverá uma multidão de recompensas prontas a colher. Tróia é muito mais rica do que nós alguma vez sonhamos. Os despojos enriquecerão todas as nossas nações - tal como nos enriquecerão a nós. Aquiles tinha razão neste ponto. Gostaria de lembrar que Agamêmnon sempre advogou o esmagamento dos aliados da Ásia Menor. Se os esmagarmos, poderemos colonizar todas estas terras, poderemos trazer para cá muitos dos nossos cidadãos e dar-lhes condições de vida muito superiores às daquelas de que gozam na Grécia, onde vivem literalmente apinhados. E - prosseguiu ele, a voz baixando de tom, mas crescendo em poder -, mais importante do que tudo o resto, o Helesponto e o mar Euxino serão nossos. Poderemos colonizar também as margens do Euxino. Teremos todo o estanho e cobre de que precisamos para produzir o bronze.

- Teremos o ouro da Cítia. Esmeraldas. Safiras. Rubis. Prata. Lã. Trigo. Cevada. Electro. Outros metais. Outros alimentos. Outras mercadorias. Uma perspectiva verdadeiramente estimulante, não acham? Mexemo-nos nos nossos lugares, começamos a sorrir uns para os outros, enquanto que Agamêmnon parecia ganhar uma nova vida.

- As muralhas de Tróia, devemos deixá-las absolutamente em paz - prosseguiu o velho Nestor, tão firme como um jovem. - A metade do exército que ficar diante de Tróia terá uma função meramente irritante - fomentará a perturbação entre os Troianos e deverá limitar-se a escaramuças sem grande importância. O local onde agora estamos é excelente para acampamentos. Não vejo a menor necessidade de nos mudarmos para outro lugar. Ulisses, como é que se chamam os dois rios?

A resposta foi rápida.

- O rio maior, o que tem as águas amarelas, é o Escamandro. São os esgotos de Tróia que o poluem - foi por isso que proibimos os nossos homens de se banharem nessas águas ou de molharem sequer os lábios nelas. O rio mais pequeno, o das águas límpidas, é o Simoente.

- Obrigado. A nossa primeira tarefa consistirá em construir uma muralha defensiva que vá desde o Escamandro ao Simoente, distante cerca de meia légua da lagoa. Terá de ter uma altura de pelo menos quinze cúbitos. No exterior, colocaremos uma paliçada de estacas pontiagudas e cavaremos uma trincheira com uma profundidade de quinze cúbitos, com mais estacas pontiagudas no fundo. Estes trabalhos manterão ocupados os soldados que aqui ficarem durante o Inverno - e os manterão quentes, pois não há melhor remédio para o frio do que o trabalho.

De súbito, Nestor calou-se e acenou para Ulisses.

- Já estou cansado. Continue você, Ulisses. Claro que tinham maquinado aquilo tudo! Ulisses prosseguiu como se tivesse estado falando desde o princípio.

- Não permitiremos que os exércitos permaneçam inativos. Por isso, as duas metades do nosso exército se revezarão - seis luas diante de Tróia, seis luas atacando ao longo da costa. Deste modo, não haverá nunca cansaço entre as nossas hostes. Nunca será demais acentuar - disse - que temos de criar e alimentar a impressão de que, se preciso for, tencionamos permanecer neste lado do Egeu por toda a eternidade! Quero que os povos da Ásia Menor, à medida que os anos forem passando, se sintam cada vez mais desesperados, debilitados, impotentes. A metade móvel do nosso exército sangrará até à morte Príamo e os seus aliados. O ouro deles acabará nos nossos cofres. Calculo que teremos de esperar dois anos para que a mensagem penetre nas suas consciências - mas penetrará, e para sempre! Tem de penetrar!

- Posso concluir, portanto - disse Aquiles, num tom e com uns modos muito educados -, que a metade móvel do nosso exército não viverá aqui.

- Não, essa metade terá o seu próprio quartel-general - disse Ulisses, agradado com a polidez de Aquiles. - Mais para sul, talvez na fronteira entre a Dardânia e a Mísia. Há nessa região um porto chamado Assos. Nunca lá estive, mas Télefo garante que é adequado para tais funções. Os despojos da costa serão trazidos para cá, tal como todos os alimentos e outros artigos. Entre Assos e a nossa praia, operará constantemente uma frota de abastecimento, a qual navegará sempre junto à costa, sejam quais forem as condições meteorológicas, por uma questão de segurança. Fênix é, entre a nossa alta nobreza, o único marinheiro capaz e experiente. Sugiro, por isso, que fique encarregado dessa frota de abastecimento. Sei que ele jurou a Peleu que nunca abandonaria Aquiles, mas, cumprindo essas funções, creio que não estará abandonando-o.

Calou-se por um momento e deixou que os seus olhos cinzentos fitassem cada um dos pares de olhos que o observavam.

- Terminarei, lembrando a todos que Calcas disse que a guerra durará dez anos. Julgo, efetivamente, que não durará menos de dez anos. E é nisso que todos têm de pensar. Dez anos longe de casa. Dez anos durante os quais os nossos filhos crescerão longe de nós. Dez anos durante os quais as nossas esposas terão de governar. A pátria fica demasiado longe e a nossa missão aqui é demasiado exigente para que possamos dar-nos ao luxo de visitarmos a Grécia. Dez anos é muito, muito tempo. - Virou-se para Agamêmnon e fez-lhe a vênia. - Rei supremo, o plano que eu e Nestor delineamos só será válido com a sua aprovação. Se o reprovar, Nestor e eu nada mais diremos. Somos, como sempre, seus servos.

Dez anos longe de casa. Dez anos de exílio. A conquista da Ásia Menor valeria tal preço? Eu, pelo menos, não sabia se valia. Embora creia que, se não fosse Ulisses, teria me feito ao mar no dia seguinte. Porém, era óbvio que ele tomara a decisão de ficar: por isso, nunca dei voz ao desejo que me roia o coração.

Agamêmnon suspirou profundamente.

- Assim seja, então. Dez anos. Creio que a recompensa vale bem esses dez anos. Teremos muito a ganhar. Contudo, porei a decisão em votação. Os restantes reis deverão apoiar esta empresa tanto como eu.

Levantou-se e postou-se diante de nós.

- Gostaria de lembrar que a maior parte dos presentes são reis ou herdeiros de reis. Nós, os Gregos, fizemos depender o nosso conceito de realeza dos favores dos deuses do céu. Derrubamos o jugo do matriarcado quando substituímos a Velha Religião pela Nova. Porém, enquanto reinam, os homens têm de pedir o apoio dos deuses do céu, pois os homens não poderão nunca ser férteis, não poderão nunca conhecer os mistérios da concepção das crianças ou das coisas da Mãe Terra. Nós respondemos perante o nosso povo de uma maneira diferente do que fazíamos nos tempos da Velha Religião. Nós éramos as vítimas sacrificais, as indefesas criaturas que a rainha oferecia para apaziguar a Mãe quando a colheita era escassa, ou quando se perdia a guerra, ou quando descia sobre nós uma praga terrível. A Nova Religião libertou os homens desse destino, elevou-os à condição de verdadeiros soberanos. Respondemos perante o nosso povo diretamente. Portanto, eu sou favorável a esta portentosa empresa. Ela será a salvação do nosso povo, ela espalhará por todo o lado os nossos costumes e tradições. Se voltasse agora à minha pátria, me sentiria humilhado diante do meu povo e teria de admitir a derrota. Como poderia eu resistir, se o povo, partilhando a minha humilhação, decidisse voltar à Velha Religião, decidisse sacrificar-me e devolver à minha esposa o soberano estatuto?

Sentou-se na sua cadeira e pôs as mãos brancas e elegantes sobre os joelhos vestidos de púrpura.

- Procedamos então à votação. Se algum homem deseja retirar e voltar para a Grécia, que erga a sua mão.

Ninguém ergueu mão nenhuma.

- Muito bem. Ficamos. Ulisses, Nestor, têm mais sugestões a apresentar?

- Não, rei Agamêmnon - disse Ulisses.

- Não, rei Agamêmnon - disse Nestor.

- Idomeneu?

- Estou satisfeito, Agamêmnon.

- Nesse caso, seria melhor analisarmos desde já os pormenores. Pátrocles, já que foste nomeado nosso copeiro, diz aos criados que nos tragam comida.

- Como dividirá o exército, rei Agamêmnon? - perguntou Meríona.

- Como sugeri, através de uma rotação de contingentes. Contudo, gostaria de acrescentar uma cláusula a tais disposições. Creio que o Segundo Exército deveria ter um núcleo duro de homens permanentes, homens que farão parte dele ao longo de toda a guerra. Alguns dos presentes são jovens extremamente promissores. Ficariam aborrecidos de morte se tivessem de permanecer um tempo infindo diante de Tróia. Eu terei de ficar aqui todo o ano, tal como Idomeneu, Ulisses, Nestor, Diomedes, Menesteu e Palamedes. Aquiles, os dois Ájax, Teucro e Meríona, vocês são jovens. É a vocês que confio o Segundo Exército. O alto-comando irá para Aquiles. Aquiles: será responsável tanto perante mim como perante Ulisses. Todas as decisões relativas às atividades do Segundo Exército ou à vida no interior de Assos serão suas, ainda que possa haver nesse exército homens com um estatuto superior ao seu. Entendido? Aceita o alto-comando?

Aquiles levantou-se de um salto, tremendo; custava-me a suportar o brilho que havia nos seus olhos, tão dourado e intenso como o de Hélio.

- Juro por todos os deuses que nunca achará motivos para lamentar a confiança que deposita na minha chefia, rei Agamêmnon.

- Sendo assim, nomeio-te comandante supremo do Segundo Exército, filho de Peleu. Escolhe os seus lugares-tenente - disse Agamêmnon.

Olhei para Ulisses e abanei a cabeça; respondeu-me erguendo uma ruiva sobrançelha e piscando o olho cinzento. Ele havia de ver quando o apanhasse sozinho! Francamente... Maquinações secretas!

Capítulo Décimo Sexto

Narrado por Helena

À sombra de Tróia, Agamêmnon erigiu, pedra a pedra, uma nova cidade; todos os dias, da minha varanda, mais alta do que as muralhas, espreitava os Gregos acampados nas areias do Helesponto. Ao longe, pareciam formigas, e como formigas trabalhavam, arrastando pedras e empilhando troncos de árvores descomunais a fim de construírem uma muralha que ia desde o cintilante Simoente ao imundo Escamandro. As casas proliferavam mesmo para lá da praia, casernas imponentes destinadas a acomodar os soldados durante o Inverno, depósitos de cereais onde o trigo e a cevada eram convenientemente guardados, imunes às investidas dos ratos e do tempo.

Sofrera a minha vida um rude golpe desde que a frota grega chegara a Tróia, embora a minha vida nunca tivesse sido aquilo que eu imaginara antes de partir para Tróia. Porque será que, quando olhamos para o tear do tempo, nunca conseguimos ver claramente o futuro, mesmo quando o tear do tempo no-lo dá a ver, claro e definido? Eu tinha olhos para ver. Eu deveria tê-lo visto. Mas Páris era tudo para mim. Que viam os meus olhos? Páris, Páris, Páris.

Em Amiclas, eu fora a rainha. Era o meu sangue que legitimava Menelau no trono. O povo da Lacedemônia contava com a filha de Tíndaro para que velasse pelo seu bem-estar e para que, através dela, pudesse entrar em contato com os deuses. Eu era importante. Quando, no meu régio carro, percorria as ruas de Amiclas, os populares baixavam a cabeça, ajoelhavam. Era venerada. Era adorada. Era a rainha Helena, o único dos gêmeos da divina Leda que ao povo restava. E, sempre que o passado diante dos meus olhos desfilava, percebia-me de quão intensa e preenchida fora a minha vida em Amiclas - as caçadas, os torneios desportivos, as festas, a corte, as diversões de toda a sorte. Nesses tempos em Amiclas, costumava dizer a mim mesma que o tempo era para mim um pesado fardo; agora, porém, eu sabia que, nesses tempos passados, não conhecera nunca o significado da palavra tédio.

No que toca ao tédio, aprendi tudo o que havia a aprender desde que cheguei a Tróia. Aqui, não sou rainha. Aqui, não passo de um elemento insignificante seja a que nível for. Sou a esposa de um filho imperial sem grande importância. Sou uma estrangeira detestada. Sou limitada por normas e regulamentos que não posso ignorar, pois não possuo nem o poder nem a autoridade para tal. E não há nada para fazer, lugar nenhum aonde ir! Não posso acenar para um qualquer criado e pedir um carro, não posso ir para os campos próximos e ver os homens disputando jogos ou preparando-se para a guerra. Sou uma prisioneira na cidadela. Quando tentei descer à cidade, todos, desde Hécuba a Antenor, protestaram: que eu era leviana, imoral, caprichosa o suficiente para confraternizar com o povo miúdo! Não compreenderia eu, disseram, que, se passasse por uma taberna mal freqüentada e os homens vissem os meus seios expostos, acabaria por ser violada ali mesmo na rua, por todos eles? Disse-lhes que, se era esse o problema, não me custava nada cobrir os seios. Mesmo assim, a resposta de Príamo foi um não rotundo.

De repente, os meus aposentos (Príamo fora generoso neste particular - eram belos e amplos os aposentos de Páris e Helena) e as câmaras onde se reuniam as nobres da cidadela passaram a ser os limites do meu mundo. Ao mesmo tempo, descobria que Páris, o meu maravilhoso Páris, era um homem igual aos outros. Ele consegue sempre o que pretende. O que não inclui fazer companhia à esposa. Eu não passo de um objeto para o amor - e o amor é coisa breve quando os amantes já não têm nada de novo a aprender um sobre o outro.

Depois dos Gregos terem chegado, a minha vida, que eu considerava já tão entediante, piorou ainda mais. As pessoas passaram a ver-me como a causa da catástrofe e a culpar-me do aparecimento de Agamêmnon.

Idiotas! De início, tentei convencer a nobreza troiana de que, se Agamêmnon queria a guerra, não era por causa de mulher nenhuma, nem mesmo quando essa mulher era duas vezes sua cunhada: com efeito, acrescentei, Agamêmnon falava de guerra desde a noite em que os sacerdotes haviam esquartejado o cavalo branco e em que a minha mão fora dada a Menelau. Ninguém me deu ouvidos. Ninguém quis dar-me ouvidos. Eu, diziam eles, eu era a razão pela qual os Gregos estavam ali, nas areias do Helesponto. Eu era a razão pela qual a cidade grega crescia fora das poderosas muralhas que haviam erigido desde o cintilante Simoente ao imundo Escamandro. Tudo era culpa minha!

Príamo estava muito afetado. Pobre velho. Empoleirava-se na ponta da sua cadeira de ouro e marfim, em vez de se afundar nela, como costumava fazer, e punha-se a arrancar pêlos das longas barbas e mandava homens atrás de homens à torre de vigia ocidental, pois queria manter-se a par de todos os progressos dos Gregos. Desde o dia em que, pela primeira vez, entrara na sua Sala do Trono, o velho

Príamo experimentara toda a gama de emoções, desde o júbilo (porque, graças a mim, escarnecera de Agamêmnon) à mais absoluta perplexidade. Muito se riu ele, enquanto os Gregos não deram nenhuma indicação de que tencionavam permanecer; tinha a felicidade estampada no rosto quando os seus aliados lhe prometeram ajuda. Porém, quando a muralha defensiva grega começou a ser construída, a consternação tomou conta do seu rosto e um peso imenso fez vergar os seus ombros.

Gostava muito de Príamo, ainda que lhe faltasse a força e a dedicação comuns aos reis gregos. Na Grécia, um rei tinha de ser muito forte se queria manter o seu poder - ou tinha de ter um irmão cuja força chegasse para os dois. O caso de Tróia era muito diverso: os antepassados de Príamo reinavam em Tróia desde tempos imemoriais. O povo troiano tinha por ele um amor que os povos gregos nunca poderiam ter pelos seus reis; apesar disso, Príamo era menos firme no cumprimento dos seus deveres, pois estava seguro de que nunca perderia o seu trono.

A palavra dos deuses não era tão preciosa para ele como para os reis gregos.

O velho Antenor, o cunhado do rei, não perdia uma única oportunidade para me censurar; odiava-o mais do que ao próprio Príamo! Sempre que os olhos remelosos de Antenor se fixavam em mim, tudo o que encontrava neles era o fogo da inimizade. Depois, a boca dele abria-se e as censuras começavam, um longo rosário de censuras. Porque é que eu me recusava a cobrir os seios? Porque é que batera na minha criada? Porque é que eu não tinha jeito para as tarefas que às mulheres competiam, como tecer e bordar? Porque é que eu não me calava, bem pelo contrário, as minhas opiniões, quando era norma entre as mulheres não terem opinião nenhuma? Havia sempre em mim algo que merecia censura e Antenor lá estava para me censurar.

Quando os Gregos concluíram a muralha que rodeava a praia do Helesponto, Príamo perdeu finalmente a paciência com que sempre suportara os ataques de Antenor.

- Cale-se, velho pateta! - gritou-lhe. - Agamêmnon não veio a Tróia por causa de Helena. Crê que ele e os reis seus vassalos gastaram tanto e tão precioso dinheiro unicamente para levarem uma mulher que deixou a Grécia por sua livre vontade? O que Agamêmnon quer é Tróia e a Ásia Menor e não Helena! Ele quer colônias gregas nas nossas terras - ele quer encher os seus cofres com as nossas riquezas -, ele quer que os seus navios entrem livremente no Helesponto e livremente naveguem no Euxino! A esposa de meu filho é apenas um pretexto, não mais do que um pretexto! Se devolvêssemos Helena aos Gregos, estaríamos muito simplesmente participando do jogo que Agamêmnon montou! Por isso, proíbo-te de voltar a falar de Helena! Entendeu bem o que eu disse, Antenor?

Antenor baixou os olhos e, com uma vênia exagerada, acatou as palavras do rei.

Os estados da Ásia Menor começaram a enviar os seus embaixadores a Tróia; a assembléia seguinte a que assisti estava cheia de representantes dessas nações. Não consegui decorar todos aqueles estranhos nomes, nomes como Paflagônia, Cilícia, Frígia. Príamo atribuía mais importância a uns embaixadores do que a outros, mas a todos reservou um digno tratamento. No entanto, as suas mais fervorosas saudações foram, sem dúvida, para o embaixador da Lícia. Chamava-se Glauco e dividia com um primo o governo da Lícia. Chamava-se Sarpédon esse primo. Páris, a quem o pai ordenara que assistisse à reunião, segredou-me que Glauco e Sarpédon eram tão inseparáveis como gêmeos, para além de amantes. Um disparate, entre reis. Como não tinham esposas, nunca teriam herdeiros.

- Asseguro-te, rei Glauco, que, quando tivermos expulso os Gregos da nossa costa, a Lícia receberá uma vasta parte dos despojos - disse Príamo, com lágrimas nos olhos.

Glauco, um homem relativamente jovem (e muito belo), sorriu.

- A Lícia não está aqui por causa dos despojos, tio Príamo. O rei Sarpédon e eu queremos apenas uma coisa - esmagar os Gregos e mandá-los de volta para o outro lado do Egeu. O nosso comércio é vital para a Lícia, pois ocupamos a ponta sul desta costa. Todo o comércio desta região passa pela Lícia: tanto o que se dirige para os nossos vizinhos do Norte, como o que se dirige para Sul, para Rodes, para Chipre, para a Síria, para o Egito. A Lícia é a porta giratória de todo o comércio da região. Cremos que devemos juntar as nossas forças, não por cobiça, mas sim por necessidade pura e simples. Asseguro-te que, na Primavera, contarás já com as nossas tropas e com ajuda de outro tipo. Vinte mil homens, todos eles convenientemente equipados e abastecidos.

As lágrimas deslizavam pelas faces de Príamo, pois um coração que é velho comove-se pela mais pequena coisa.

- Os meus muito sentidos agradecimentos, meu querido sobrinho - disse-lhe o rei de Tróia.

Avançaram depois os outros, alguns tão generosos como os da Lícia, outros regateando dinheiro ou privilégios. Príamo prometia a todos o que eles queriam que ele promettesse - não admira que o número de soldados não parasse de crescer e que a ajuda prevista ganhasse uma dimensão gigantesca. No final da

assembléia, comecei a duvidar que Agamêmnon conseguisse resistir a tão portentosa força. Príamo disporia de duzentos mil homens na planície logo que, na Primavera do ano seguinte, o açafreão espreitasse sob a neve que entretanto derreteria. O meu ex-cunhado seria derrotado - a menos que pudesse contar com reforços ou que tivesse algum truque escondido na manga púrpura. Se assim era, porque estava eu tão inquieta? Porque conhecia o meu povo. Ai daquele que, perante os Gregos, abrandasse a sua vigilância: em pouco tempo, teria a sua sepultura cavada. Eu conhecia bem os conselheiros de Agamêmnon e vivia em Tróia há tempo suficiente para saber que o rei Príamo não possuía conselheiros com o valor de Nestor, Palamedes ou Ulisses.

Ah, que entediante que eram aquelas assembléias! Assistia a elas unicamente porque o resto da minha vida era ainda mais entediante. Tirando o rei, a ninguém era permitido sentar-se e muito menos uma mulher. Meus pés doíam. Por isso, enquanto o embaixador da Paflagônia, envergando algo que parecia ser um conjunto de suaves peles bordadas, arengava num dialeto que eu não entendia, deixei que os meus olhos passeassem ociosamente pela multidão. Até que se detiveram num homem que estava no fundo e que, pelo visto, acabara de chegar. Ah, que belo homem! Belíssimo!

Avançou facilmente por entre a multidão. Era mais alto do que todos os presentes, exceto Heitor, que se encontrava, como de costume, ao lado do pai. O recém-chegado tinha toda a altivez de um rei - além do que devia imaginar-se um dos grandes deste mundo. Fez-me lembrar Diomedes; tinha o mesmo jeito gracioso de andar e o mesmo ar duro de guerreiro. Cabelos escuros, olhos escuros, vestia ricamente; o manto que lhe caía descuidadamente sobre os ombros possuía o forro mais belo que alguma vez vira, uma pele de aspecto muito suave e macio, com manchas fulvas. Aos pés do estrado do trono, curvou-se muito ligeiramente, como um rei faz perante outro rei cuja primazia tem dificuldade em reconhecer.

- Enéias! - exclamou Príamo, num tom muito peculiar. - Há tanto tempo que esperava por ti...

- Sabe a razão da minha demora, rei Príamo - disse o homem chamado Enéias.

- Já viu por acaso os Gregos?

- Ainda não, rei Príamo. Entrei pela Porta Dardaniana. A ênfase com que pronunciara o nome da porta era significativa. Lembrei-me entretanto que já tinha ouvido aquele nome: Enéias era o herdeiro da Dardânia. O pai, o rei Anquises, governava a metade sul daquelas terras; vivia numa cidade chamada Lirnesso. Príamo falava sempre com desprezo da Dardânia, de Anquises ou Enéias; imaginara eu que, em Tróia, consideravam Anquises e Enéias homens inferiores em estatuto e riqueza, mas Páris dissera-me que o rei Anquises era primo direito de Príamo e que Dárdano fundara tanto a casa real de Tróia como a casa real de Lirnesso.

- Sugiro então que vá até à varanda e que olhe na direção do Helesponto - disse Príamo, transbordando de sarcasmo.

- Como quiser. Enéias não demorou muito. Parece que tencionam ficar. É isso?

- Uma conclusão perspicaz. Enéias ignorou a ironia.

- Por que razão me chamou? - perguntou.

- Não será óbvia essa razão? Agamêmnon, depois de ter abocanhado Tróia, engolirá a Dardânia e Lirnesso. Quero que as suas tropas me ajudem a esmagar os Gregos na próxima Primavera.

- A Grécia não tem qualquer conflito com a Dardânia.

- A Grécia, atualmente, não precisa de pretextos para lançar guerras. A Grécia quer terras, bronze e ouro.

- Pois bem, rei Príamo, a julgar pela formidável assembléia hoje aqui reunida, creio poder concluir que não precisará dos homens da Dardânia para te ajudarem a esmagar os Gregos. Quando realmente precisar de nós, acredite que trarei um exército. Mas não na Primavera.

- Mas eu preciso dos vossos soldados na Primavera do próximo ano!

- Duvido que precise. Príamo bateu no chão com o seu cetro de marfim; a esmeralda do punho emitia centelhas de azul.

- Eu quero os seus soldados! Não posso comprometer-me com nada sem a permissão explícita do meu pai - uma permissão que, por ora, não tenho.

Príamo, sem saber o que dizer, virou-lhe a cara. Mal ficamos sozinhos, cheia de curiosidade, interroguei Páris acerca daquela estranha discussão.

- Que se passa entre o teu pai e o príncipe Enéias? Páris afagou-me preguiçosamente o cabelo.

- Rivalidade.

- Rivalidade? Mas um governa a Dardânia e o outro Tróia!

- Sim, mas há um oráculo que diz que Enéias reinará um dia em Tróia. O meu pai teme que a palavra do deus se cumpra. Enéias conhece também esse oráculo. Espera por isso que seja tratado como

o herdeiro. Porém, se pensarmos que o meu pai tem cinquenta filhos, a atitude de Enéias é perfeitamente ridícula. Quanto a mim, me parece que o oráculo se refere a um outro Enéias - um Enéias que ainda não nasceu.

- Parece-me um homem - disse eu, pensativa - muito atraente. Páris fitou-me. Havia nos seus olhos um estranho brilho.

- Espero que nunca se esqueça de quem é esposa, Helena. Afaste-se de Enéias.

Definhava o amor que nos unira. Como era possível que isso tivesse acontecido, quando eu me apaixonara por ele logo que o vira? Contudo, o fogo era agora cinzas. Talvez porque descobrira, ao fim de pouco tempo, que, apesar da paixão que nutria por mim, Páris não conseguia resistir ao desejo de conhecer outras mulheres. Nem ao desejo de, chegado o Verão, ir se divertir nas florestas do monte Ida, No Verão, entre a minha chegada a Tróia e o desembarque dos Gregos, Páris desaparecera durante seis luas. Quando por fim regressou, nem sequer me pediu desculpas! Não se dava conta tão-pouco do que eu sofrera durante a sua ausência.

Algumas das mulheres da corte não poupavam esforços para transformar a minha existência num tormento constante. A rainha Hécuba abominava-me; considerava-me a ruína do seu querido Páris. A mulher de Heitor, Andrômaca, abominava-me porque eu usurpara o seu título, o título da mais bela mulher de Tróia - e também porque temia que Heitor sucumbisse aos meus encantos. Como se isso alguma vez me tivesse passado pela cabeça! Heitor não passava de um moralista e de um pedante, tão formal e rígido que, ao fim de pouco tempo, já o considerava o homem mais enfadonho de uma corte cheia de homens enfadonhos!

No entanto, era Cassandra, a jovem princesa, quem mais me aterrava. Andava por salas e corredores com a cabeleira negra flutuando livre e imensa, os olhos prenhes de loucura, o rosto muito branco devastado pelo que lhe ia na alma.

Sempre que me via, rompia numa estridente diatribe - dizia-me coisas que me ofendiam mas que não faziam sentido, pois as palavras e as idéias surgiam tão emaranhadas que ninguém conseguia desvendar-lhes a lógica. Eu era um demônio, dizia ela. Eu era um cavalo. Eu era aquela que trazia a desordem. Eu estava conluída com a Dardânia. Eu estava conluída com Agamêmnon. Eu era a ruína de Tróia. E por aí adiante. Cassandra perturbava-me: uma perturbação de que Hécuba e Andrômaca depressa perceberam. Daí que tivessem encorajado Cassandra a procurar-me; esperavam, evidentemente, que eu nunca mais saísse do meu quarto. Mas Helena era mais forte do que elas pensavam. Em vez de me retirar para o meu quarto, juntava-me a Hécuba, Andrômaca e às outras nobres que se reuniam na câmara de recreio e deixava-as profundamente irritadas, pois punha-me a afagar os seios (verdadeiramente magníficos) diante dos seus escandalizados olhos (nenhuma delas se teria atrevido a mostrar os seus seios flácidos e mirrados). Quando me fartava dessa brincadeira, arranjava outras: esbofeteava uma criada, derramava leite para cima daqueles horrorosos tecidos e tapeçarias de que elas tanto gostavam, rompia em monólogos sobre violações, fogo e saque.

Numa memorável manhã, deixei Andrômaca tão furiosa que a mulher de Heitor acabou por me declarar guerra - para logo descobrir que, quando moça, Helena praticara luta e tinha a maior facilidade em bater uma dama mimada. Deitei-a por terra e dei-lhe um murro no olho que, durante quase uma lua, a pobre Andrômaca andou de olho inchado, fechado e negro. Depois, tratei de espalhar que fora Heitor o autor de tão triste obra.

Perseguiam Páris, advertindo-o de que devia disciplinar-me; a mãe, em particular, não o largava. Porém, sempre que ele se propunha a ralhar ou pedir-me que fosse mais simpática, eu desatava a rir dele e oferecia-lhe uma litania de todos os insultos de que fora alvo por parte das outras mulheres da corte. O que, tudo junto, significava que Páris era, para mim, uma presença cada vez mais fugaz.

O Inverno chegou e a corte de Tróia sentiu-se pela primeira vez inquieta. Dizia-se que os Gregos tinham deixado a praia e percorriam agora a costa da Ásia Menor, atacando uma série de cidades muito afastadas entre si. Príamo enviou à praia um destacamento fortemente armado, a fim de investigar o que realmente se passava. Afinal, os Gregos continuavam lá - e até abandonaram o acampamento para travar breves escaramuças com o destacamento troiano. Mesmo assim, com o avançar do Inverno, continuaram a chegar a Tróia notícias de ataques a outras cidades; um a um, os aliados de Príamo trataram de anunciar que já não podiam honrar as suas promessas. Agora, eram as suas próprias terras que se encontravam ameaçadas. Tarso, na Cilícia, foi incendiada e a sua população morta ou submetida à escravidão; os campos e os pastos situados cinquenta léguas à volta da cidade foram queimados, depois dos cereais terem sido levados por navios gregos; o gado foi massacrado e as carnes queimadas em defumadores cilicianos para depois encherem as barrigas dos Gregos; os templos foram despojados dos seus tesouros,

o palácio do rei Eecião foi saqueado. Mísia foi a vítima seguinte. Lesbos resolveu auxiliar a Mísia, mas depressa se arrependeu, pois os Gregos atacaram-na. Termos foi arrasada; os Lesbianos lamberam as suas feridas e concluíram que talvez fosse mais oportuno juntarem-se a Agamêmnon, tanto mais que uma parte dos seus antepassados eram Gregos. Pouco tempo depois, na Cária, as cidades de Priena e Mileto sucumbiram às tropas gregas. Foi então que se instalou na corte troiana um verdadeiro pânico. Até mesmo Sarpédon e Glauco, os reis que em conjunto governavam a Lícia, se viram obrigados a ficar nos seus domínios.

As notícias de cada novo ataque eram-nos comunicadas de um modo absolutamente inusitado. A mensagem era trazida por um arauto grego que se postava diante da Porta Ceia e gritava as suas notícias para o comandante da torre de vigia ocidental. Dizia-nos qual fora a cidade saqueada, quantos cidadãos haviam sido mortos, o número de mulheres e crianças vendidas como escravas, o valor dos despojos, o total de canecas de cereais. E concluía a sua mensagem sempre com as mesmas palavras: - Diz a Príamo, rei de Tróia, que foi Aquiles, o filho de Peleu, que me mandou! Os Troianos começavam a ficar apavorados com aquele nome. Na Primavera, Príamo teve de suportar em silêncio a presença do acampamento grego, já que as forças aliadas não apareceram para ajudá-lo e também porque ele não tinha dinheiro para comprar mercenários aos Hititas, aos Assírios ou aos Babilônios. O dinheiro troiano tinha de ser cuidadosamente conservado; agora, com efeito, eram os Gregos quem cobrava os tributos do Helesponto.

Uma iniludível desolação começou a penetrar tanto os corações como os palácios troianos. E, como eu era a única criatura grega a viver na cidadela, todos, desde Príamo a Hécuba, me perguntavam quem era aquele homem chamado Aquiles. Contei-lhes o que sabia, mas quando lhes expliquei que o filho de Peleu pouco mais era do que um rapaz - embora possuindo uma excelente linhagem todos duvidaram de mim.

O tempo foi passando e o medo de Aquiles aumentando; a simples menção do seu nome chegava para que Príamo ficasse lívido. Apenas Heitor mostrava não estar com medo. Aparentemente, daria tudo para poder combater contra Aquiles. Os seus olhos iluminavam-se e a sua mão afagava o punhal sempre que o arauto grego se postava diante da Porta Ceia com notícias frescas. De fato, na mente de Heitor, um eventual combate contra Aquiles transformou-se numa verdadeira obsessão. Chegou a ponto de fazer oferendas em todos os altares da cidade, rogando aos deuses que lhe dessem a oportunidade por que o seu coração ansiava. Tudo o que queria era travar um duelo com Aquiles e matá-lo. Também ele me interrogou acerca de Aquiles: recusou-se a acreditar nas minhas respostas.

Chegado o Outono do segundo ano, Heitor perdeu a paciência e pediu ao pai que o deixasse sair das muralhas com todo o exército troiano. Príamo ficou paralisado olhando para ele. Deve ter pensado nesse momento que o seu herdeiro tinha enlouquecido.

- Não, Heitor - respondeu-lhe.

- Pai, as nossas investigações revelaram que os homens que se encontram no acampamento são menos de metade do total dos soldados gregos! Seria fácil derrotá-los! Derrotado o exército que está acampado na praia, o exército de Aquiles teria de voltar para Tróia! Então... então os derrotaríamos!

- Ou seríamos derrotados.

- Pai, nós somos mais do que eles! - exclamou Heitor.

- Não acredito nisso. Desesperado, Heitor continuou a apresentar motivos susceptíveis de convencerem o aterrorizado pai de que era ele quem tinha razão.

- Nesse caso, deixe-me ir ter com Enéias a Lirnesso - com o apoio dos Dardanianos, ficaríamos com mais soldados do que Agamêmnon!

- Enéias não quer envolver-se nos nossos dilemas.

- Enéias me daria ouvidos, pai. Príamo ergueu-se, ofendido.

- Autorizar o meu filho - autorizar o meu herdeiro - a suplicar ajuda aos Dardanianos? Mas você enlouqueceu, Heitor? Preferia morrer a curvar-me perante Enéias!

Nesse preciso instante, por mero acaso, vi Enéias. Acabava de entrar na Sala do Trono, mas já ouvira o suficiente. A sua boca cerrada exprimia um claro desagrado; os seus olhos ora atentavam em Príamo, ora examinavam Heitor, mas seria impossível saber que pensamentos lhe percorriam a mente. Antes que alguém importante reparasse nele - eu não era importante - deu meia volta e abandonou a sala.

- Pai - disse Heitor, cada vez mais desesperado -, nós não vamos ficar eternamente no interior destas muralhas! Os Gregos estão decididos a reduzir a cinzas os nossos aliados! A nossa riqueza começa a minguar porque os nossos rendimentos se eclipsaram e porque o abastecimento da cidade está a tornando-se cada vez mais oneroso! Se não me deixa sair da cidade à frente do exército troiano, então me deixa ao menos chefiar destacamentos que possam apanhar os Gregos desprevenidos, que possam

assolar os destacamentos deles e obrigá-los a acabar com estas insolentes expedições às nossas muralhas, com as quais pretendem apenas uma coisa - insultar-nos!

Príamo sentiu-se vacilar. Pousou o queixo na mão e refletiu por um longo período. Após o qual suspirou e disse:

- Muito bem. Comece a preparar os homens. Se conseguir convencer-me de que não se trata de uma empresa temerária, poderá fazer aquilo que pretende.

O rosto de Heitor todo se iluminou.

- Não te desapontarei, meu pai!

- Espero que não - retorquiu Príamo, manifestamente cansado. Alguém na Sala do Trono desatou a rir. Olhei à minha volta, surpreendida; pensava que Páris havia se ausentado uma vez mais. Mas não, ali estava ele, rindo a bom rir. Sombras turvaram de súbito a expressão feliz de Heitor; desceu do estrado e avançou por entre a multidão.

- Qual a razão das suas gargalhadas, Páris?

O meu marido aquietou-se um pouco, pôs um braço por cima dos ombros do irmão.

- Você, Heitor, você! Tanta coisa por causa de umas simples escaramuças, quando tem uma mulher tão atraente em casa! Como é possível que prefira a guerra às mulheres?

- Porque - atirou-lhe Heitor - eu sou um homem e não um rapaz bonito! Fiquei paralisada. O meu marido não era apenas um idiota - era também um covarde! Ah, que terrível humilhação! Dando-me conta do desprezo com que todos me olhavam, abandonei a sala.

Idiotas e belos, assim éramos nós. Eu desistira do meu trono, da minha liberdade e dos meus filhos para viver numa prisão com um homem que era belo, idiota e também covarde. Porque sentia eu tão poucas saudades dos meus filhos? A resposta era fácil. Os meus filhos pertenciam a Menelau; e agora, talvez numa qualquer região da minha mente, via-me obrigada a juntar Menelau, os meus filhos e Páris num mesmo e odioso lote. Haveria destino mais terrível para uma mulher do que saber que em toda a sua vida, não havia um único ser que fosse digno dela?

Precisava de ar fresco. Fui para o pátio que dava acesso aos meus aposentos e aí desatei a andar de um lado para o outro até conseguir aplacar a dor tremenda que sentia. A certa altura, ao virar-me, quase colidia com um homem que vinha em sentido contrário. Instintivamente, erguemos as nossas mãos para nos protegermos; por um momento, manteve-se a uma escassa distância de mim, contemplando curioso o meu rosto enquanto, nos seus olhos escuros, se esbatiam os últimos vestígios da sua própria ira.

- Deve ser Helena - disse ele.

- E você é Enéias.

- Sou.

- Não vem muitas vezes a Tróia - disse eu, entregando-me ao prazer de apreciá-lo.

- Será capaz de me apontar uma razão para que eu venha?

Não valia a pena dissimular. Sorri.

- Não - disse.

- Gosto do seu sorriso, mas se vê que está furiosa - disse ele. - Porquê?

- Isso é um assunto só meu.

- Discutiu com Páris?

- De modo nenhum - retorqui, abanando a cabeça. - Discutir com Páris é tão difícil como agarrar em mercúrio.

- Sem dúvida - disse ele. Nesse instante, inopinadamente, acariciou-me o seio esquerdo.

- Uma moda muito agradável, deixá-los assim... a descoberto... Mas há um problema, Helena: excitam muito um homem...

As minhas pálpebras fecharam-se, a minha boca abriu-se expectante de desejo.

- É agradável saber que os meus seios te excitam... - disse eu, num murmúrio quase inaudível. Esperando os seus lábios, o meu rosto procurou o seu rosto, os olhos ainda cerrados. Porém, quando os abri - porque não sentia já diante de mim rosto nenhum, tão-pouco os lábios, tão-pouco o beijo - Enéias já lá não estava.

Agora que o tédio era uma coisa do passado, compareci na assembléia seguinte decidida a seduzir Enéias. Mas Enéias não se dignou aparecer. Quando perguntei a Heitor, o mais descontraidamente possível, o que acontecera ao seu primo da Dardânia, o meu cunhado respondeu-me que Enéias aparelhara os cavalos no meio da noite e regressara para casa.

Capítulo Décimo Sétimo

Narrado por Pátrocles

Os estados da Ásia Menor tratavam agora de curar as suas feridas, depois dos sobreviventes terem se refugiado nas vastas montanhas que pertenciam aos Hititas. Temiam avançar para Tróia e temiam agrupar-se fosse onde fosse, porque não faziam a mínima idéia quanto ao local onde os Gregos atacariam a seguir. Na realidade, nós já os tínhamos derrotado antes de nos termos feito ao mar para a nossa primeira campanha; todas as vantagens estavam do nosso lado; percorríamos a costa demasiado longe para que pudessem espiar-nos de terra; a nossa mobilidade era muito maior do que a deles, pois as vias de comunicação entre os vários focos populacionais daquela região de vales profundos e serras escarpadas não facilitavam os movimentos. As nações da Ásia Menor, de fato, comunicavam através do mar, e, agora, éramos nós que dominávamos o mar.

Ao longo do primeiro ano, interceptamos muitos navios que traziam armas e comida para Tróia, mas tais comboios cessaram logo que os reis da Ásia Menor perceberam de que éramos nós, e não os Troianos, quem ganhávamos. Éramos muitos para eles; nenhuma das cidades que se espalhavam por aquela longa costa poderia nutrir a esperança de que, um dia, conseguiria reunir um exército forte o suficiente para nos derrotar. Por outro lado, as muralhas das suas cidades eram demasiado fracas para as nossas investidas. E foi assim que saqueamos dez cidades em dois anos, algumas tão distantes como Tarso, na Cilícia, outras tão próximas de Tróia como Mísia e Lesbos.

Sempre que navegávamos, Fênix deixava os navios de abastecimento entre Assos e Tróia sob o comando do seu lugar-tenente, e seguia conosco, chefiando os duzentos navios vazios onde seriam guardados os despojos. Sempre que deixávamos para trás mais uma cidade incendiada, esses mesmos navios ficavam tão carregados de despojos que havia quem temesse o seu afundamento; até mesmo os navios que transportavam os soldados rangiam sob o peso dos despojos que não tinham cabido nos duzentos navios de Fênix. Aquiles era implacável. Poucos eram os sobreviventes - seria praticamente impossível voltar a organizar a resistência antigrega. Aqueles que não podíamos reduzir à escravidão ou vender ao Egito e à Babilônia eram mortos - mulheres idosas, homens mirrados pela idade, todos aqueles que os negociantes de escravos achavam que já não teriam qualquer préstimo. Ao longo daquela costa, o nome de Aquiles era um nome odiado e, no meu íntimo, eu não poderia condenar aquela gente por odiar Aquiles.

No início do nosso terceiro ano, Assos regressou lentamente à vida; a neve começava a derreter, as árvores prometiam flores. Não havia entre nós disputas nem divergências, pois há muito que havíamos esquecido todas as lealdades, exceto aquela que devíamos a Aquiles e ao Segundo Exército.

Sessenta e cinco mil homens estavam aquartelados em Assos: um núcleo duro de vinte mil veteranos que fazia sempre parte do nosso exército, mais trinta mil que ficavam conosco o tempo que durasse a campanha, mais quinze mil profissionais e artífices de todo o tipo, alguns dos quais permaneciam em Assos todo o ano. Um dos chefes permanentes ficava sempre em Assos, para o caso da Dardânia resolver atacar a cidade, enquanto a frota se fazia ao mar; até mesmo Ájax chegou a ficar em Assos, embora Aquiles navegasse sempre; tal como eu, pois nunca me separava de Aquiles. O meu amigo era um chefe feroz - eram impiedosos os seus ataques e um inimigo que se rendesse pouco ou nada ganhava com isso. Mal vestia a sua armadura, Aquiles tornava-se tão frio como o vento norte, implacável. A razão da nossa existência - dizia-nos ele - era assegurar a supremacia grega e não deixar naquelas terras qualquer oposição, tendo em vista o dia em que as nações gregas comesçassem a enviar os seus excedentes populacionais para as novas colônias da Ásia Menor.

Após uma campanha na Lícia, já no fim do Inverno (Aquiles parecia ter um pacto com os deuses do mar, pois nunca tínhamos problemas de navegação, fosse no Verão, fosse no Inverno), abeirávamo-nos finalmente do porto de Assos. Ájax estava na praia para nos saudar, informando-nos, com eufóricos sinais, do seu tremendo desejo de voltar para a guerra, e de que, durante a nossa ausência, não se registrara qualquer ameaça à cidade. A Primavera inundara já as terras de Assos: a erva chegava aos tornozelos, flores temporãs salpicavam os prados, os cavalos do acampamento saltavam e brincavam nos seus pastos, o ar era suave e tão estonteante como o vinho a que não misturamos água. Enchendo os nossos peitos das fragrâncias daquele que era então o nosso lar, corremos às amuradas dos navios, desejosos de saltar para os seixos que rolavam ao sabor das marés.

Separamo-nos depois, com a intenção de nos encontrarmos mais tarde. Ájax acompanhou o Pequeno Ájax e Teucro, os seus braços portentosos cingindo os ombros de ambos, ao passo que Meríona seguia à frente de todos, inchado de superioridade cretense. Quanto a mim, acompanhei Aquiles, deliciado por estar de novo em Assos. As mulheres tinham trabalhado duramente durante a nossa ausência; nos quintais e jardins, rebentos de um verde-pálido prometiam ervas e legumes para as panelas, ou grinaldas de flores para as nossas cabeças. Uma bela região, a de Assos, completamente diferente daquela onde Agamêmnon montara o seu desolado acampamento. As nossas habitações espalhavam-se a esmo por entre o abundante arvoredor e as ruas serpeavam tal e qual as ruas de qualquer cidade. Claro que, apesar disso, a segurança era total. Rodeavam-nos uma muralha com vinte cúbitos de altura, uma paliçada e uma trincheira; e nem mesmo durante as mais frias luas de Inverno faltava um único guarda nas nossas fortificações. Não que o inimigo mais próximo, a Dardânia, parecesse interessado em atacar-nos; constava que o seu rei, Anquises, continuava de candeias às avessas com Príamo.

Havia mulheres por todo o lado no acampamento, algumas já com gravidez adiantada; aliás, durante o Inverno, haviam nascido imensos bebês. Agradou-me vê-los, mais às suas mães, pois tinham o condão de mitigar a angústia que a guerra sempre traz, o vazio que em nós sempre provoca o ato de matar. Nenhum daqueles bebês era meu, tão-pouco de Aquiles. Considero as mulheres criaturas interessantes, ainda que não sinta por elas nenhuma atração física. Todas aquelas mulheres eram cativas das nossas espadas; contudo, depois do choque e da desorientação iniciais, pareciam ter conseguido esquecer o passado e os homens que haviam amado; como que se tinham convencido de que poderiam amar um outro homem, ter novas famílias e adotar os costumes gregos.

Bom, elas não eram guerreiros - eram a presa dos guerreiros. Quer-me parecer que as realidades femininas lhes são ensinadas na infância pelas suas mães. As mulheres são construtoras de ninhos; por isso, para elas, o ninho é algo de extrema importância. Claro que houve algumas que nunca conseguiram esquecer o passado, que choravam, que lamentavam a sua sorte; não ficaram muito tempo em Assos; vendidas como escravas, foram trabalhar para as terras lamacentas onde o Eufrates quase se junta ao Tigre; imagino que aí terão morrido, chorando ainda a sua triste sorte.

O salão era a maior divisão da nossa casa, servindo tanto de sala de estar como de sala de reuniões. Aquiles e eu entramos ao mesmo tempo, os nossos ombros juntos roçando a estrutura da porta. Sentia sempre um prazer tremendo quando entrávamos os dois juntos por aquela porta, como se, de algum modo, esse simples ato fosse um claro símbolo daquilo em que nos havíamos transformado: senhores do mundo.

Despi a minha armadura sozinho, ao passo que Aquiles deixou que as mulheres lhe tirassem a sua, erguendo-se como uma torre, enquanto meia dúzia de escravas se atarefavam a desapertar correias e a desatar nós, desatando num cacarejar nervoso logo que viram o longo vergão negro de uma ferida meio sarada nas suas coxas. Nunca consegui aceitar que as escravas me desarmassem; eu bem vira os seus rostos quando as havíamos escolhido como parte do nosso quinhão dos despojos.

Mas Aquiles não se preocupava nada com isso. Deixou que elas lhe tirassem a espada e o punhal, aparentemente sem se dar conta de que uma delas poderia aproveitar tal oportunidade para matá-lo. Desconfiado, sondei os seus movimentos, mas tive de concluir que era diminuto o perigo de isso ocorrer. Desde a mais nova à mais velha, todas estavam apaixonadas por ele. As nossas banheiras estavam cheias de água quente. Saiotes e blusas lavados de fresco esperavam-nos mal acabássemos de tomar banho.

Depois de comermos e bebermos, Aquiles mandou embora as mulheres e, com um suspiro, recostou-se no divã. Estávamos ambos cansados, mas não valeria a pena tentarmos dormir; a luz do dia escoava-se já pelas janelas e era muito provável que, em breve, os nossos amigos invadissem a nossa habitação.

Aquiles tinha estado muito calado o dia todo - nada de invulgar, exceto que o silêncio daquele dia sugeria que a sua mente pairava muito longe dali. Não gostava de vê-lo assim. Era como se ele se afastasse para um lugar qualquer onde eu não tinha entrada, para um mundo que era só seu, deixando-me gritando às suas portas sem que ninguém me ouvisse. Aproximei-me dele e toquei-lhe no braço, ainda que com mais força do que desejava.

- Aquiles, mal tocou no vinho.
 - Não tenho vontade.
 - Sente-se mal? A minha pergunta surpreendeu-o.
 - Não. É sinal de doença eu recusar o vinho?
 - Não. Será antes sinal de que a tua disposição não é a melhor.
- Suspirou profundamente, olhou lentamente à sua volta.

- Adoro esta sala mais do que qualquer outra. Porque esta sala pertence-me. Porque não há nela uma única coisa que não tenha sido ganha com a minha espada. Esta sala diz-me que eu sou Aquiles, não o filho de Peleu.

- Sim, é uma bela sala - disse eu. Aquiles franziu o sobrolho. -A beleza é uma indulgência dos sentidos, é algo que eu ponho ao mesmo nível que a enfermidade. Não, eu adoro esta sala porque ela é o meu troféu.

- Um esplêndido troféu - disse eu, meio atrapalhado. Ele ignorou as minhas palavras banais e de novo se refugiou no seu mundo privado; tentei uma vez mais trazê-lo de volta ao nosso mundo.

- Apesar de vivermos juntos há já tanto tempo, continua a dizer coisas que não entendo. Estou convicto de que gosta de certas manifestações do belo. Viver considerando que o belo é uma enfermidade não é viver, Aquiles.

- Pouco me interessa como é que vivo ou quanto tempo vou viver - retorquiu. - A única coisa que me interessa é que a minha vida assegure a minha fama eterna. É preciso que os homens não me esqueçam depois de o meu corpo ter descido à sepultura. - A sua disposição alterou-se de repente. - Crê que, no meu desejo de alcançar a fama, tenho seguido pelo caminho errado?

- Isso é algo que só depende de você e dos deuses - respondi. - Não pecou contra os deuses - não matou nenhuma mulher fértil nem crianças demasiado pequenas para poderem empunhar armas. Não é pecado condená-las à servidão. Não matou de fome nenhuma cidade. Se a tua mão tem sido pesada, também é verdade que não tem sido uma mão criminosa. Só que eu sou uma criatura mais branda do que você - é só essa a diferença.

Um sorriso esboçou-se nos seus lábios.

- Subestimas-se, Pátrocles. Com uma espada na mão, você é tão duro e valente como qualquer um de nós.

- A batalha é algo diferente. Sou capaz de matar sem piedade num campo de batalha. Por vezes, porém, os meus sonhos são sombrios e tormentosos.

- Tal como os meus. Ifigênia amaldiçoou-me antes de morrer.

Incapaz de prosseguir a conversa, Aquiles refugiou-se de novo nos seus pensamentos; calei-me também e contemplei-o, pois contemplá-lo era precisamente aquilo que eu mais gostava de fazer. Muitas das suas qualidades escapavam à minha compreensão; contudo, se havia no mundo algum homem que conhecesse Aquiles, esse homem era eu. Aquiles possuía a invulgar capacidade de atrair o amor de todas as pessoas: tanto o dos Mirmidões como o das suas cativas - ou o meu amor. Porém, a razão dessa atração não estava nos seus atributos físicos, mas sim numa faceta muito peculiar do seu espírito, num território espiritual que parecia faltar a todos os outros homens.

Desde que havíamos largado de Áulida, havia três anos, que Aquiles se tornara um indivíduo extremamente reservado; perguntava-me, por vezes, se a sua esposa o reconheceria quando voltassem a se ver. Claro que a raiz dos seus problemas era a morte de Ifigênia - algo que eu compreendia e partilhava. O que eu não compreendia era o distante mundo onde os seus pensamentos o levavam, os lugares mais recônditos da sua mente.

Uma súbita e fria rajada de vento fez esvoaçar as cortinas de cada lado da janela. Estremeci, sobressaltado. Aquiles continuava deitado de lado, a cabeça pousada sobre uma mão, mas a sua expressão havia mudado. Chamei por ele: não me respondeu.

De súbito, assustado, saltei do meu divã para a beira do divã dele. Pus a minha mão sobre o seu ombro nu, mas ele pareceu não perceber. Com o coração num alvoroço, fitei a pele sob a minha mão e baixei a cabeça até que os meus lábios a afagaram; lágrimas corriam-me sob as pálpebras, tão rapidamente que uma delas deslizou pelo seu braço. Amedrontado, afastei os lábios do seu ombro mal ele se virou para me fitar; havia nos seus olhos uma expressão não inteiramente clara - como se, naquele exato momento, houvesse visto o verdadeiro Pátrocles pela primeira vez.

Abriu aquela pobre fenda sem lábios para falar, mas não chegou a dizer aquilo que queria dizer-me. Os olhos procuraram a porta aberta e a boca murmurou apenas:

- A minha mãe. Horrorizado, reparei que estava babando, que a sua mão esquerda se agitava numa convulsão, que o lado esquerdo do rosto se arrepanhava. Então, inopinadamente, caiu no chão; todo o seu corpo se retesou, a espinha arqueou-se, os olhos ficaram tão cegos e tão brancos que pensei que ele ia morrer. Sentei-me a seu lado no chão, encostei-o em mim, estreitei-o nos meus braços, esperando até que o negrume do rosto se esbatasse e se transformasse num cinzento eivado de manchas, que as convulsões parassem, que ele revivesse. Quando tudo acabou, limpei-lhe a saliva que tinha nos cantos da boca, embalei-o nos meus braços, afaguei-lhe o cabelo encharcado de suor.

- Que aconteceu contigo, Aquiles? Os seus olhos nublados fixaram-se nos meus; lentamente, voltava a este mundo. Então, suspirou como uma criança exausta.

- A minha mãe voltou e trouxe com ela o sortilégio. Creio que, durante todo o dia, a senti por perto.

O sortilégio! Então aquilo é que era o sortilégio? A mim, parecia-me muito simplesmente um acesso de epilepsia, embora os epiléticos que conhecera acabassem sempre por perder faculdades mentais até caírem por completo na demência; por outro lado, a demência, ao fim de pouco tempo, conduzia-os inevitavelmente à morte. Aquilo de que Aquiles padecia - fosse lá o que fosse - não afetava a sua mente. Havia ainda que ter em conta a reduzida frequência dos acessos. De fato, fora em Ciro, bastantes anos antes, que o sortilégio se manifestara pela última vez.

- Porque ela veio, Aquiles?

- Para eu não me esquecer de que vou morrer.

- Não pode dizer uma coisa dessas! Como é que sabe? - Ajudei-o a erguer-se, a deitar-se no divã. Sentei-me a seu lado. - Desta vez, Aquiles, eu pude ver os efeitos desse tal sortilégio. A mim, pareceu-me um ataque epilético.

- Talvez tenha razão, talvez eu padeça de epilepsia. Mas é a minha mãe que provoca os acessos - para que eu não me esqueça da minha mortalidade. E tem razão. Eu morrerei antes que Tróia caia nas nossas mãos. O sortilégio é um prenúncio de morte, da minha futura vida no mundo das sombras, sem sentir nada, longe de tudo... - A sua boca cerrou-se por um momento. - Longa e ignominiosa ou curta e gloriosa. Não há escolha - e é isso que ela não entende. As aparições da minha mãe, sob a forma deste sortilégio, não poderão alterar rigorosamente nada. A minha escolha está feita desde Ciro.

Virei-lhe as costas, ocultei os olhos com o braço.

- Não chore por mim, Pátrocles. Eu escolhi o destino que queria. Afastei as lágrimas.

- Não choro por ti, Aquiles, choro por mim mesmo. Embora não estivesse olhando para ele, senti que algo nele mudara.

- Nós partilhamos o mesmo sangue, Pátrocles - disse ele. - Um momento antes do sortilégio me ter vencido, vi em ti algo que nunca antes vira.

- O meu amor por ti - disse eu, com um nó na garganta.

- Sim. Desculpe. Devo ter te magoado muitas vezes, por não compreender o teu amor. Mas diga-me: porque chora?

- Os homens choram quando o seu amor não é retribuído. Aquiles levantou-se do divã e estendeu-me as suas mãos.

- Eu retribuo o seu amor, Pátrocles - disse ele. - Sempre retribuí.

- Mas você não é um homem capaz de amar outro homem, e é esse o amor que eu quero.

- Talvez isso fosse verdade se eu tivesse escolhido uma vida longa e ignominiosa. Mas não foi essa a minha escolha. E, embora não possa te dar todo o amor que quer, a verdade é que não me repugna a idéia de fazer amor contigo. Estamos juntos neste exílio - e creio que seria maravilhoso se partilhássemos o exílio tanto em espírito como na carne - disse Aquiles.

Foi nesse dia que nos tornamos amantes, ainda que não encontrasse no homem que amava o êxtase com que havia sonhado. Mas alguma vez encontraremos esse êxtase? Aquiles ardia por muitas coisas - o saciar do desejo físico nunca foi uma delas. Mas que importância é que isso tinha? Muito pouca... Ele me pertencia mais do que a qualquer mulher, e nisso, pelo menos, achava eu alguma satisfação. O amor não é verdadeiramente o corpo. O amor é a liberdade de percorrer sem barreiras o coração e a mente do amado.

Só ao fim de cinco anos regressamos a Tróia e a Agamêmnon. Como não poderia deixar de ser, acompanhei Aquiles, que decidira levar também consigo Ájax e Meríona. Estava consciente de que esta visita já deveria ter sido feita há muito tempo, mas creio que, mesmo assim, Aquiles nunca teria ido se não tivesse realmente necessidade de se encontrar com Ulisses. Com o tempo, a ingenuidade dos estados da Ásia Menor dera lugar à astúcia; com efeito, graças a elaborados estratagemas, já eram capazes de antecipar os nossos ataques.

A longa e desolada praia entre os rios Simoente e Escamandro nem parecia a mesma que havíamos deixado quatro anos antes. O ar improvisado, atamancado, do acampamento inicial, desaparecera por completo; tudo naquela praia falava de permanência e determinação. As fortificações eram eficientes e bem concebidas. Havia duas entradas para o acampamento, uma no Escamandro, outra no Simoente, onde pontes de pedra haviam sido erguidas por sobre a trincheira e portas enormes abertas na muralha.

Ájax e Meríona desembarcaram na extremidade da praia junto ao Simoente, ao passo que eu e Aquiles aportamos junto ao Escamandro, logo descobrindo que haviam sido construídas habitações para albergar os Mirmidões mal estes regressassem. Avançamos pela estrada principal do acampamento, procurando a nova casa de Agamêmnon, a qual, ao que nos tinham dito, era verdadeiramente grandiosa.

Homens curavam feridas descansando ao sol, outros assobiavam alegres enquanto aplicavam sebo nas armaduras de cabedal ou poliam as de bronze, outros ainda retiravam plumas cor de púrpura de elmos troianos, certamente com a intenção de virem a usá-las numa próxima batalha. Um local onde a azáfama e a alegria eram evidentes. Não havia dúvida: as tropas que tinham ficado em Tróia não conheciam a doença da preguiça.

Ulisses vinha saindo da casa de Agamêmnon no preciso momento em que chegamos. Quando nos viu, encostou a lança ao pórtico e, com um sorriso imenso, abriu para nós os seus braços. Havia duas ou três cicatrizes novas no seu robusto corpo - seriam vestígios de alguma batalha ou das suas excursões noturnas? Entre todos os homens desonestos que pude conhecer, Ulisses foi o único que nunca receou arriscar a sua vida num campo de batalha. Talvez porque nele tudo era da cor do fogo, ou talvez porque estava convencido de que, graças a Palas Atena, um encantamento protegia a sua vida.

- Já não era sem tempo! - exclamou, abraçando-nos. E, virando-se para Aquiles: - Finalmente! O herói conquistador!

- Já não conquisto tanto como conquistava. As cidades costeiras aprenderam a lição: já conseguem prever os meus ataques.

- Podemos falar disso mais tarde - disse Ulisses, entrando conosco. Tenho de lhe agradecer a consideração que demonstraste por nós, Aquiles. Mandaste-nos generosos despojos e algumas mulheres muito interessantes.

- Nós, em Assos, não padecemos de cobiça. Mas, pelo que vejo, você também tem tido muito trabalho por estas bandas. Muitos combates?

- O bastante para manter todos em forma. Heitor tem lançado uns ataques particularmente irritantes.

Aquiles, de súbito, pôs um ar alerta.

Heitor?

- O herdeiro de Príamo e comandante dos Troianos. Agamêmnon deu-nos as boas-vindas com um ar satisfeito mas formal. Contudo, não nos propôs sequer que passássemos a manhã com ele. Aquiles também não teria gostado de tal proposta; desde que ouvira o nome de Heitor que estava desejoso de saber mais e mais acerca do príncipe troiano e tinha perfeita consciência de que Agamêmnon não era a pessoa mais indicada para o informar.

Nenhum deles tinha de fato mudado ou envelhecido, tirando uma ou duas cicatrizes novas. Se alguém tinha mudado, era Nestor, que parecia mais novo.

Nestor estava no seu elemento, ocupado e constantemente estimulado. Idomeneu tornara-se menos indolente, o que era bom para a sua figura. Apenas Menelau parecia não ter beneficiado com a vida num acampamento de campanha; o pobre coitado continuava roído de saudades de Helena.

Ficamos como convidados de Ulisses e Diomedes, que também tinham se tornado amantes. Em parte por necessidade, em parte porque gostavam francamente um do outro. As mulheres eram uma complicação para homens que levavam a vida que nós levávamos, e Ulisses, creio eu, nunca havia reparado em outra mulher além de Penélope, ainda que constasse que não se recusava a seduzir algumas mulheres troianas a fim de obter informações. Pela primeira vez, Ulisses falou-nos da existência da sua colônia de espiões - uma história verdadeiramente extraordinária. Ninguém sabia de nada.

- É espantoso que ninguém saiba de nada! - disse Aquiles. - Por todos os deuses, se eles soubessem! Eu não sabia - tal como nenhum dos meus companheiros.

- Nem mesmo Agamêmnon sabe - disse Ulisses.

- Por causa de Calcas? - perguntei.

- Um palpite perspicaz, Pátrocles... Com efeito, eu não confio em Calcas.

- Bom, não será através de nós que Agamêmnon e Calcas saberão disse Aquiles.

Ficamos em Tróia uma lua. Durante todo esse tempo, Aquiles só pensou numa coisa - defrontar Heitor.

- Aconselho-o a esquecer Heitor, rapaz - disse Nestor no final de um jantar que Agamêmnon deu em nossa honra. - Pode ficar aqui todo o Verão e não ver Heitor uma única vez. As surtidas de Heitor parecem não obedecer a qualquer plano. Não podemos prevêê-las, apesar de todas as informações que Ulisses nos traz de Tróia. E, neste momento, nós também não temos projetada nenhuma incursão.

- Incursões? - perguntou Aquiles, alarmado. - Vão tomar a cidade na minha ausência?
- Não, não! - exclamou Nestor. - Não temos condições para tomar de assalto Tróia: nem mesmo que a Cortina Ocidental ruísse amanhã. Vocês têm a melhor parte do exército em Assos - e sabem muito bem que têm. Volte para Assos, Aquiles! Não vale a pena ficar aqui à espera de Heitor.

- Nada indica que Tróia venha a cair na sua ausência, príncipe Aquiles disse uma voz suave atrás de nós: o sacerdote Calcas.

- Que quer dizer com isso? - perguntou Aquiles, obviamente perturbado por aqueles olhos róseos e vesgos.

- Tróia não poderá cair na sua ausência. É o que dizem os oráculos. - E logo se afastou, o manto púrpura tremeluzindo de ouro e pedras preciosas. Ulisses fazia bem em manter secretas algumas das suas atividades. O nosso rei supremo nutria grande estima pelo velho; a sua residência (vizinha da de Agamêmnon) era suntuosa e Calcas podia escolher à vontade entre as mulheres que nós enviávamos de Assos. Diomedes contou-me que, certa vez, Idomeneu ficou tão furioso por Calcas lhe ter roubado uma mulher de quem gostava, que levou o caso ao conselho e obrigou Agamêmnon a tirar a mulher do sacerdote e a dá-la ao seu co-comandante.

E foi assim que Aquiles deixou Tróia profundamente decepcionado. Tal como Ájax, como se veio a ver. Ambos tinham perambulado vezes sem conta pela ventosa planície troiana, na esperança de convencerem Heitor a abandonar as muralhas. Contudo, nem sequer a sombra de Heitor - ou de quaisquer tropas troianas - conseguiram ver.

Os anos foram avançando inexoravelmente, sem que nada de fundamental mudasse. As nações da Ásia Menor foram tombando lentamente, enquanto os mercados de escravos do mundo transbordavam de Lícios, Cários, Cilicianos e de mais uma dúzia de nacionalidades. Nabucodonosor recebia de bom grado tudo o que lhe mandávamos para Babilônia, ao passo que Tiglate-Pileser da Assíria esquecia os laços que uniam os Hititas aos Troianos e comprava milhares de escravos. Descobri que não havia uma única nação que se desse por satisfeita com os escravos que tinha e que há muito que não havia uma guerra - nem um Aquiles que fornecesse tantos escravos a essas nações.

Nos intervalos entre os nossos ataques, a vida nem sempre foi pacífica. Houve momentos em que a mãe de Aquiles o perseguiu, dia após dia, com o seu maldito sortilégio; depois, partia para um lugar qualquer e deixava-o tranqüilo durante luas a fio. Porém, eu aprendera a tornar esses períodos mais fáceis para ele; Aquiles dependia agora de mim para todas as suas necessidades. E haverá algo de mais reconfortante do que saber que o nosso amado depende de nós para tudo?

Um navio chegou certa vez de Iolcos, trazendo mensagens de Peleu, Licomedes e Deidamia. Graças ao constante fluxo de bronze e de mercadorias que agora se verificava no Egeu, a prosperidade voltara à Grécia. Enquanto a Ásia Menor ficava sem pinga de sangue, a Grécia engordava. Segundo Peleu, os primeiros colonizadores gregos da Ásia Menor tinham começado já a reunir-se em Atenas e Corinto.

Para Aquiles, a notícia mais importante era a que dizia respeito ao seu filho, Neoptolemo. Pouco tempo faltava para que chegasse à idade adulta! Quanto tempo já se passara! Segundo Deidamia, o rapaz estava quase tão alto como o pai e mostrava possuir a mesma aptidão para o combate e as armas. Embora fosse mais turbulento do que o pai e tivesse já feito mil conquistas femininas. Isto para não falar do seu mau gênio e de uma tendência para beber demasiado vinho sem água. Daí a dias, faria dezesseis anos.

- Vou ordenar a Deidamia e a Licomedes que mandem o rapaz para a corte do meu pai - disse Aquiles depois de ter mandado embora o mensageiro. - O meu filho precisa da mão de um homem a controlá-lo. - O seu rosto franziu-se de tristeza. - Ah, Pátrocles, os filhos que eu e Ifigênia não teríamos tido! Sim, a morte de Ifigênia continuava a atormentá-lo - ainda mais, cria eu, do que Tétis e o seu sortilégio.

Precisamos de nove anos para reduzir a cinzas a Ásia Menor. No final do nono Verão, já não havia mais nada para fazer. Os colonizadores gregos começavam a chegar a locais como Colofão e Apasas, todos eles desejosos de iniciarem uma nova vida numa nova terra. Alguns se dedicariam à agricultura, outros ao comércio, outros ainda, provavelmente, seguiriam para leste ou para norte. Nada disso tinha a mínima importância para nós, que formávamos o núcleo duro do Segundo Exército. A nossa missão estava concluída. Ou melhor: faltava ainda o ataque, nesse Outono, a Lirnesso, a capital do reino da Dardânia.

Capítulo Décimo Oitavo

Narrado por Aquiles

A Dardânia ficava mais perto de Assos do que qualquer outra nação da Ásia Menor. Contudo, deixara-a deliberadamente em paz durante os nove anos da nossa campanha, enquanto reduzíamos a ruínas as cidades costeiras da Ásia Menor. Uma das razões para esta decisão residia no fato da Dardânia ser um território interior que partilhava uma fronteira com Tróia. A outra razão era mais sutil: eu queria dar aos Dardanianos um falso sentimento de segurança, queria que eles acreditassem que o fato de estarem longe do mar os tornava invioláveis. Além disso, a Dardânia não confiava em Tróia. Enquanto os deixasse em paz, o velho rei Anquises e o seu filho Enéias não se associariam a Tróia.

Agora, tudo isso estava prestes a mudar. A invasão da Dardânia não demoraria. Em vez da longa viagem habitual, preparei as minhas tropas para uma árdua jornada; se Enéias, por acaso, estivesse à espera de algum ataque, pensaria por certo que iríamos por mar, contornaríamos o canto da península e aportaríamos à costa defronte de Lesbos. Daí até Lirnesso, seria uma marcha de apenas quinze léguas. Mas eu tencionava marchar a partir de Assos: quase cem léguas de terras desoladas, desde as encostas do monte Ida até ao fértil vale que albergava Lirnesso.

Ulisses dera-me batedores experientes. Antecipadamente, mandei-os investigar as terras por onde passaríamos; informaram-me de que havia densas florestas, de que, no nosso caminho, poucos lugares havia, e de que os pastores não se aventuravam a sair com o gado, pois o Outono era severo. Mandei que trouxessem dos depósitos todas as peles e botas resistentes que houvesse, pois o Ida estava coberto de neve até meio dos seus flancos, e era muito provável que apanhássemos tempestades de neve. Calculava que marcharíamos cerca de quatro léguas por dia; ao fim de vinte dias, avistaríamos o nosso objetivo final. Ao Décimo quinto dia, Fênix, o meu almirante, conduziria a sua frota até à praia deserta de Andramítio, o porto mais próximo. Não era crível que a Fênix se deparasse oposição. Eu incendiara Andramítio no início do ano - pela segunda vez.

Avançamos silenciosa e calmamente e os dias de marcha foram-se sucedendo sem incidentes. Não havia pastores nas colinas nevadas - não havia ninguém que pudesse correr para Lirnesso a fim de denunciar a nossa presença. A tranqüila paisagem só a nós pertencia e a nossa marcha, afinal, revelou-se mais fácil do que pensara. Não admira, pois, que tenhamos avistado a cidade de Lirnesso ao Décimo sexto dia. Ordenei aos meus homens que parassem e proibi as fogueiras até poder determinar se teríamos ou não sido detectados.

Era meu hábito proceder sozinho à investigação final; parti por isso a pé e sem qualquer companhia, ignorando os protestos de Pátroclos, o qual, por vezes, me fazia lembrar uma galinha velha. Porque será que o amor sempre alimenta o sentimento de posse e reduz drasticamente a liberdade?

Ao fim de não mais de três léguas, subi uma colina e vi Lirnesso a meus pés, espalhando-se por uma vasta área e dispondo de boas muralhas e de uma cidadela elevada. Estudei por algum tempo a cidade, combinando aquilo que via com o que os batedores de Ulisses me haviam dito. Não, o assalto não seria fácil; por outro lado, também era verdade que seria muito menos difícil do que o assalto às muralhas de Esmirna ou de Tebas Hipoplaiquiana.

Cedendo à tentação, desci um pouco a encosta, tanto mais que o lugar era verdadeiramente aprazível; com efeito, aquele era o lado do monte protegido do vento, além de não haver neve, nem frio. Um erro grave, Aquiles!, disse para mim mesmo, e, nesse exato momento, quase tropeçava nele: uma criatura humana que estava deitada no chão. O desconhecido afastou-se, rolando agilmente sobre si mesmo, e, com extrema maleabilidade, pôs-se de pé; depois, correu até ficar fora do alcance da minha lança; por fim, parou para me examinar. O desconhecido fazia-me lembrar, e de que maneira, Diomedes; tinha mesmo o ar feroz e felino de Diomedes e, tendo em conta o vestuário e o porte, só poderia ser um membro da mais alta nobreza. Tendo memorizado o catálogo de todos os dirigentes troianos e aliados que Ulisses fizera para nós, decidi que aquele só poderia ser Enéias.

- Eu sou Enéias e não estou armado! - gritou ele.

- Tanto pior, dardaniano! Eu sou Aquiles e estou armado! Aparentemente muito pouco impressionado, Enéias ergueu as sobancelhas e atirou-me:

- Não há dúvida: há momentos na vida de um homem precavido em que a prudência deve sobrepor-se à coragem! Encontramo-nos em Lirnesso!

Sabendo que era um bom corredor, mais veloz do que muitos outros, tratei de persegui-lo a um ritmo ligeiro, não excessivamente rápido. Queria ver se conseguia cansá-lo. Mas Enéias era muito veloz, além de que conhecia a disposição do terreno. Obrigou-me por isso a me meter por caminhos cheios de moitas (e onde há moitas, sempre há espinhos), a avançar por terrenos crivados de crateras (as tocas de raposas e coelhos), e, por fim, a atravessar um curso de água tão largo quanto baixo; ele atravessou o rio com facilidade, pois conhecia bem as pedras que a água ocultava, ao passo que eu tinha de parar em cada rocha e procurar a seguinte. E foi assim que o perdi de vista e desatei a amaldiçoar a minha estupidez. Lirnesso saberia, com um dia de antecedência, que os Gregos iam atacá-la.

Mal o Sol apareceu no céu, dei início à marcha; confesso que a minha disposição deixava muito a desejar. Trinta mil homens espalharam-se pelo vale de Lirnesso, cingindo facilmente as muralhas da cidade. Os Dardanianos acolheram-nos com uma rápida saraivada de dardos e lanças, mas os meus homens ergueram os escudos para se protegerem e não sofremos nenhuma baixa. Com uma coisa fiquei espantado: parecia não haver muitos homens dentro das muralhas! Perguntei-me se os Dardanianos não seriam por acaso uma raça de covardes. No entanto, Enéias parecia tudo menos o chefe de um povo degenerado.

Lançamos as escadas de corda. Conduzindo os Mirmidões, alcancei a pequena passagem que encimava as muralhas sem se me ter deparado uma única pedra ou com as temíveis ânforas de azeite fervendo. Quando um pequeno grupo de defensores apareceu, ceifei-os num ápice com o meu machado, sem precisar sequer pedir reforços. Ao longo de toda a muralha, as minhas tropas dizimavam o inimigo com uma facilidade francamente ridícula... Depressa entendi porquê: os nossos oponentes eram todos velhos e rapazes.

Ao fim de pouco tempo, descobri que Enéias, no dia anterior, regressara à cidade e ordenara imediatamente aos seus soldados que pegassem em armas. Mas não com a intenção de me enfrentar. Com efeito, o filho de Anquises partira sem demora para Tróia com o seu exército.

- Parece que os Dardanianos também têm um Ulisses - disse eu para Pátrocles e Ájax. - Uma verdadeira raposa ... ! Príamo ficará com mais vinte mil homens chefiados pelo Ulisses da Dardânia. Esperemos que os preconceitos do velho não o deixem ver o portento que Enéias é.

Capítulo Décimo Nono

Narrado por Briseida

Lirnesso morreu fechando as asas e espalhando a sua plumagem por sobre a desolação, com um grito que era todos os gritos de todas as mulheres postos numa só boca. Deixáramos Enéias entregue aos cuidados da sua mãe imortal, Afrodite, felizes porque lhe fora concedida a oportunidade de salvar o nosso exército. Todos os cidadãos tinham concordado que não havia outra coisa a fazer: só assim a Dardânia, ou uma parte dela, poderia continuar viva para enfrentar e abater os Gregos.

Velhas armaduras haviam sido retiradas de baús por mãos deformadas que mal agüentavam o esforço; rapazes lívidos de medo haviam envergado as suas armaduras de brinquedo, presas fáceis para as lâminas de bronze. Claro que morreram. Todos morreram. Veneráveis barbas encharcadas de sangue dardariano, os gritos de guerra de pequenos soldados convertidos em soluços aterrados de meninos. O meu pai levava até o meu punhal; com lágrimas nos olhos, explicou-me que não poderia deixar nas minhas mãos a arma que me libertaria da servidão; o meu punhal, tal como os punhais de todas as outras mulheres, estaria melhor nas mãos dos soldados, ainda que estes não fossem mais do que velhos ou meninos.

Impotente, assisti da minha janela à morte de Lirnesso, suplicando a Ártemis, a misericordiosa filha de Latona, que trespassasse o meu coração com um dos seus dardos, que aplacasse para sempre o clamor que me varria o sangue antes que algum grego me capturasse e enviasse para os mercados de escravos de Hatusas ou Nínive. As nossas débeis defesas depressa foram arrasadas; ao fim de um instante, só as muralhas da cidadela me separavam de uma massa fervilhante de guerreiros, todos eles com armaduras de bronze, mais altos e mais brancos do que os Dardanianos; nesse momento, fiquei sabendo que as filhas de Kore só poderiam ser altas e brancas. A minha única consolação era saber que Enéias e o exército estavam em segurança. Tal como o nosso querido rei, o velho Anquises, o qual, por ser, na sua juventude, o mais belo dos homens, atraíra o amor de Afrodite, que lhe dera Enéias. E Enéias

era o melhor dos filhos; por isso se recusara a deixar o velho pai na cidade condenada. Tal como não deixara Creusa, sua esposa, nem Ascânio, o seu filho ainda pequeno.

Embora não conseguisse afastar-me da janela, como que paralisada por um sortilégio, podia ouvir os ruídos dos preparativos para a batalha nos aposentos próximos dos meus - velhos passos trôpegos, vozes esganiçadas murmurando aflitas. O meu pai era um desses homens. Só os sacerdotes não combateriam, pois tinham ficado suplicando a ajuda dos deuses nos altares; porém, o meu tio Criseu, o sumo-sacerdote de Apolo, despira o sagrado manto e envergava uma armadura. Combateria, dizia ele, para proteger o Apolo asiático, que não era o mesmo deus que o Apolo grego.

Os Gregos trouxeram os aríetes para abater as portas da cidadela. As entranhas do palácio estremeceram e, apesar da tumultuosa pulsação que devorava os meus ouvidos, julguei ouvir o berro tremendo do Senhor dos Terremotos, esse ruído que sempre vestia de luto os homens. É que o coração de Poseidon estava com os Gregos e não conosco. Nós seríamos oferecidos como vítimas, por causa do orgulho e da rebeldia de Tróia. Poseidon poderia sentir por nós compaixão, mas a verdade é que fora aos aríetes gregos que emprestara a sua força. A madeira desfez-se em momentos, as dobradiças cederam e as portas ruíram com um rugido horrendo. Com lanças e espadas prontas para matar, os Gregos inundaram o pátio, sem qualquer sentimento de piedade diante daquela patética oposição, pois tudo o que sentiam era raiva por Enéias os ter superado em astúcia.

O homem que os chefiava era um gigante. Envergava uma armadura de bronze adornada de ouro. Empunhando um machado portentoso, abatia os velhos como se fossem mosquitos, fendendo-lhes a carne cheio de desprezo. Depois, correu para a Sala do Trono, com os seus homens atrás; fechei os olhos para não ver o resto do massacre, enquanto rogava à casta Ártemis que instilasse no coração dos nossos inimigos o desejo de me matarem. A morte seria uma bênção, se comparada com a violação e a escravidão. Névoas vermelhas flutuavam diante das minhas pálpebras, a luz do dia, implacável, penetrava-as, os meus ouvidos não conseguiam deixar de ouvir os gritos sufocados e as súplicas de misericórdia. A vida é preciosa para os velhos, pois eles sabem quanto lhes custa a ganhar cada dia que passa. Mas eu não ouvira a voz do meu pai e pressentia que ele morreria tão orgulhosamente como sempre vivera.

Quando ouvi passos fortes, determinados, aproximando-se do meu quarto, abri os olhos e virei-me para ver quem vinha. Era um homem enorme, muito maior do que a porta, o machado suspenso de uma mão, o rosto imundo sob o elmo de bronze com plumas douradas. Era cruel, muito cruel a sua boca: os deuses que o tinham feito haviam-se esquecido de lhe dar lábios; um homem sem lábios não conheceria nunca, no seu coração, piedade ou bondade. Por um momento, fitou-me como se eu tivesse saído das entranhas da terra; depois, fez menção de avançar para mim com a cabeça empinada, como um cão farejando o ar.

Preparei-me para enfrentá-lo: podia violar-me, ferir-me, matar-me, que não ouviria nunca um grito ou um lamento. Não seria eu quem o levaria a concluir que aos Dardanianos faltava coragem.

Tive a sensação de que, com um único passo, se aproximara de mim; com a mão que tinha livre, prendeu-me um pulso, depois o outro, e ergueu-me depois até que fiquei suspensa no ar, os pés muito longe do chão.

- Assassino! Assassino de velhos e crianças! Animal! - exclamei ofegante, chutando-o.

De súbito, esmagou-me com tanta força os pulsos que senti os ossos rangerem. Queria gritar, pois a dor era insuportável, mas não gritaria - não gritaria! Os seus olhos amarelos, como os de um leão, eram o espelho de uma fúria animalesca; eu ferira-o no ponto certo, no único ponto, provavelmente, onde a sua auto-estima era ainda sensível. Ele não gostava que lhe chamassem assassino de crianças e velhos.

- Dobre essa língua, moça! Nos mercados de escravos, têm um chicote para as meninas rebeldes como você!

- Seria uma bênção dos deuses se me desfigurassem com o chicote!

- Não, moça. No seu caso, seria uma pena - disse ele, baixando-me e libertando-me os pulsos. Mas logo a sua mão me agarrou pelos cabelos e assim me arrastou até à porta enquanto eu esmurrava e chutava a sua armadura metálica, e tantos foram os murros e pontapés que, em certo momento, pensei que tinha partido os ossos dos punhos e dos pés.

- Deixe-me caminhar! - gritei. - Permita-me a dignidade de caminhar! Se vão me condenar à violação e à servidão, então deixe-me caminhar! Não quero ir para essa morte debatendo-me e choramingando como uma vulgar criada!

Ele parou de súbito e fitou-me com um ar perplexo.

- Você tem a coragem dela - disse ele lentamente. - Não é como ela, mas tem qualquer coisa dela... Crê que vai ser esse o seu destino: a violação e a escravatura?

- Que outro destino poderá ter uma cativa? Sorrindo - o que o tornava mais parecido com os outros homens, pois o sorriso faz com que os lábios fiquem mais finos -, largou-me os cabelos. Levei a mão à cabeça, perguntando-me se ele não me teria rasgado o couro cabeludo.

Depois, caminhei à sua frente. Os dedos dele logo se apoderaram do meu pulso magoado. Era muito grande a sua força: impossível libertar-me. - Respeito a sua dignidade, minha querida menina, mas não sou idiota. Acredite que não será devido ao meu descuido que conseguirá escapar.

- Como o teu chefe deixou escapar Enéias? - atirei-lhe. A expressão dele não se alterou.

- Precisamente - disse ele, impassível. Conduziu-me através de quartos que nem conseguia reconhecer, pois as paredes estavam salpicadas de sangue e os móveis estavam sendo empilhados a fim de seguirem nas carroças do saque. Mal entramos na Sala do Trono, afastou a pontapé uma pilha de cadáveres, atirados uns para cima dos outros sem o menor respeito pela idade ou pela posição. Parei, procurando, naquele anônimo amontoado de corpos, algo que me permitisse identificar o meu pai. O meu captor tentou puxar-me, mas eu resisti.

- O meu pai pode estar aqui! Deixe-me ver! - roguei.

- Qual deles é o seu pai? - perguntou-me, com um ar indiferente.

- Se eu soubesse, não teria pedido para me deixar ver! Embora sem me ajudar, deu-me rédea suficiente para que eu sondasse os trajes ou os sapatos dos mortos. Por fim, vi os pés do meu pai, inconfundíveis pois era o único que usava sandálias ornamentadas com granadas - tal como a maior parte dos velhos, vestira a armadura, mas não as botas de combate. Porém, não conseguia arrancar o seu corpo àquela pilha imensa de cadáveres.

- Ájax! - chamou o meu captor. - Ajude a moça! Debitada pelo terror, esperei que o outro homem se aproximasse de nós. Era também um gigante, maior ainda do que o meu captor.

- Não é capaz de ajudá-la sozinho? - perguntou o tal Ájax.

- E deixá-la fugir? Ájax, Ájax! Esta moça é esperta, não posso confiar nela!

- Já percebi, priminho! Gosta da moça, não é? Também já não era sem tempo! Há uma eternidade que só tem olhos para Pátrocles...

Ájax afastou-me como se eu fosse uma pena. Depois, sem largar o machado, empurrou os cadáveres que cobriam o meu pai. Finalmente, pude ver aqueles olhos mortos fixos nos meus, a barba enterrada num golpe que lhe dilacerara o peito. Um golpe de machado. - Este é o velho que se atirou a mim! - disse Ájax, com admiração. - Sim senhor, um velho valente!

- Tal pai, tal filha - disse o outro, puxando-me pelo braço. - Vá, moça, temos de ir. Não há tempo para chorar os mortos.

Levantei-me trôpega, curvando a cabeça para saudar o meu pai. Preferia partir sabendo que ele estava morto. Era melhor não ter dúvidas. Assim, não alimentaria uma esperança infundada. Ájax afastou-se, dizendo que ia reunir todos os sobreviventes, embora duvidasse que os houvesse.

Paramos à porta que dava para o pátio. O meu captor retirou um cinto de um cadáver que jazia nos degraus. Com uma das pontas, prendeu-me o pulso; depois, prendeu a outra ponta ao seu próprio braço, obrigando-me assim caminhar quase que encostada a ele. Dois degraus mais alta do que ele, fitei a sua cabeça curvada enquanto concluí a sua pequena tarefa com uma eficiência que me pareceu ser típica dele.

- Não foi você quem matou o meu pai - disse eu.

- Fui eu, sim - respondeu. - Eu sou o chefe que foi vencido pela astúcia de Enéias. O que significa que sou responsável por todas as mortes.

- Como se chama? - perguntei.

- Aquiles - disse ele, puxando-me para o pátio. Tinha de correr para não cair. Aquiles. Claro. Só poderia ser ele. Enéias falara dele um dia antes, mas há muitos anos que eu ouvia falar daquele homem.

Deixamos Lirnesso pela porta principal, enquanto os Gregos saqueavam e violavam mulheres, alguns com archotes nas mãos, outros com odres de vinho. Aquiles nem sequer os repreendia. Ignorava-os. No alto do caminho, virei-me para contemplar pela última vez o vale de Lirnesso.

- Incendiaram a minha casa. Foi ali que vivi durante vinte anos, era ali que esperava viver até que me arranjassem casamento. Mas nunca esperei que fosse esta a minha sorte.

Ele encolheu os ombros.

- São os acasos da guerra, moça. Apontei para as minúsculas figuras dos soldados que reuniam os despojos. Não pode impedir que eles se comportem como animais? Será mesmo necessária tamanha brutalidade? Eu ouvi as mulheres gritarem - eu vi!

As pálpebras dele descaíram cinicamente.

- Que sabe você destes gregos exilados ou dos seus sentimentos? O que você sente por nós é ódio, o que é perfeitamente compreensível. Mas o teu ódio não supera o ódio que estes homens dedicam a Tróia e aos aliados de Tróia! Príamo custou-lhes dez anos de exílio. É por isso que eles sentem tanto prazer em vingar-se de Príamo! Bom, de qualquer modo, mesmo que eu tentasse detê-los, não conseguiria. E sinceramente, moça, não me não tenho vontade de detê-los.

- Há muitos anos que ouvia histórias sobre a guerra, mas não sabia que a guerra era assim - murmurei.

- Pois agora já sabe - disse ele.

O acampamento dele ficava a três léguas de distância; mal chegamos, Aquiles chamou um oficial encarregado das bagagens.

- Polides, esta moça é minha cativa. Pega o cinto e prenda-a a uma bigorna até forjar melhores correntes. Não a deixe livre um momento que seja. Nem mesmo quando ela quiser fazer as suas necessidades fisiológicas. Logo que esteja devidamente acorrentada, leve-a para um local onde ela tenha tudo o que precisa, incluindo uma boa cama, boa comida e uma bacia. Amanhã, partirá para Andramítio. A entregará aos cuidados de Fênix. - Pegou-me no queixo e beliscou-o suavemente. - Adeus, moça.

Polides Prendeu-me Os tornozelos com umas correntes que eram bastante leves, Pôs uns chumaços à volta dos pulsos, sob as algemas, para que eu não me machucasse mais, e conduziu-me até à costa montada num burro. Aí, entregou-me a Fênix, um velho nobre com os olhos azuis e enrugados e o andar gingado de um marinheiro. Quando viu as minhas correntes, Pôs um ar pesaroso, mas nada fez para me aliviar daquela prisão. Subi com ele a bordo da nau capitânia. Com gentil cortesia, fez-me sinal para que me sentasse, mas eu estava decidida a ficar de pé.

- Lamento muito as correntes - disse ele e os seus olhos exprimiam um evidente pesar. Mas logo percebi que não era de mim que ele estava com pena. Pobre Aquiles! - exclamou.

Irritava-me que aquele velho me tivesse em tão pouca conta.

- Aquiles tem mais consideração pelo meu brio do que você! De-me um punhal e vai ver se eu não me livro desta morte em vida - nem que tenha de morrer!

A consternação do velho desapareceu num ápice. Com um risinho, respondeu-me.

- Oh, mas que valente guerreira! Mas olhe, moça, desista de nutrir falsas esperanças... Aqueles que Aquiles prende, não é Fênix quem vai libertar.

-A palavra dele é uma lei Sagrada?

- De fato, é. Aquiles é o príncipe dos Mirmidões.

- Príncipe das formigas? Um título muito adequado... Respondeu-me com outro risinho. Depois, foi buscar uma cadeira. Olhei para a cadeira com todo o meu ódio, mas a verdade é que me doíam horrivelmente as costas por causa da viagem de burro, e tinha as pernas tremendo pois recusara-me a comer e a beber desde o instante em que me haviam feito cativa. Sem qualquer delicadeza, Fênix pegou em mim e obrigou-me a sentar, após o que desenvolveu uma garrafa de vinho.

- Bebe, moça. Se quer manter essa rebeldia, precisa de sustento. Não seja tonta.

Um conselho sensato. Segui-o e bebi e logo concluí que o meu sangue era fraco, pois o vinho subiu-me num instante à cabeça. Já não conseguia lutar. Pousei a cabeça na mão e logo adormeci. Acordei algum tempo depois. Tinham-me levado para a cama. As correntes presas a uma viga.

No dia seguinte, levaram-me para a coberta, sem se esquecerem de prender as correntes à amurada, a fim de que eu pudesse manter-me de pé, sob aquele débil sol invernos, e observar o vaivém que ia na praia. A certa altura, porém, quatro navios surgiram no horizonte e, com tal aparição, desataram os homens - em particular os seus chefes - numa correria e num alvoroço indescritíveis. De súbito, Fênix correu para mim e libertou-me da amurada e conduziu-me não à minha prisão anterior, mas sim a um abrigo que havia no convés de ré e que tresandava a cavalos. Aí me deixou presa a um barrote.

- Que se passa? - Perguntei, curiosa.

- Vem aí Agamêmnon, o rei dos reis - retorquiu Fênix.

- Porque é que me trouxe para cá? Será que eu não sou nobre o suficiente para ser apresentada ao rei dos reis?

O velho marinheiro suspirou.

- Moça - disse -, será possível que nunca te tenhas visto no espelho? Se Agamêmnon a visse, pode crer que não lhe escapava! Apesar de pertencer a Aquiles, acredite que Agamêmnon não a deixaria virgem!

- Pode ser que eu desate aos gritos e que ele me ouça - disse eu. Fênix fitou-me como se eu tivesse enlouquecido.

- Se arrependeria dos teus gritos, moça. Pense um pouco: que vantagem teria você em mudar de amo? Acredite no que te digo: acabaria por preferir Aquiles.

Houve qualquer coisa no tom com que me disse aquilo que me convenceu. Por isso, quando ouvi vozes à porta do estábulo, enfiei-me debaixo de uma manjedoura e escutei as belas e fluidas cadências do mais puro Grego - e percebi o poder e a autoridade que uma das vozes possuía.

- Aquiles ainda não voltou? - perguntou essa voz, num tom imperioso.

- Não, rei Agamêmnon, mas deve estar de volta antes da noite. Aquiles teve de organizar o saque. São abundantes os despojos de Lirnesso. As carroças têm chegado carregadas dos mais preciosos objetos.

- Excelente! Vou esperar por ele na sua cabina.

- Será melhor esperar na tenda da praia, rei Agamêmnon. Você conhece Aquiles: para ele, o conforto não é importante.

- Deve de ter razão, Fênix.

As vozes diminuíram; rastejando, libertei-me do meu esconderijo. O som daquela voz fria e orgulhosa assustara-me. Aquiles também era um monstro, mas melhor é o monstro que se conhece do que aquele que se ignora, como dizia a minha ama quando eu era pequena.

Durante a tarde, ninguém veio ter comigo. De início, sentei-me na cama que julgava pertencer a Aquiles e atentei, com olhos curiosos, no escasso conteúdo daquela vulgaríssima cabina. Havia umas quantas lanças encostadas a um pilar, ninguém se lembrara de pintar as paredes de madeira, as dimensões da cabina eram minúsculas. Na realidade, naquela divisão, havia apenas dois objetos dignos de alguma atenção: uma bela pele branca na cama e uma taça de ouro com quatro pegas. Os lados da taça tinham sido pintados com uma representação do Pai Céu sentado no seu trono e cada pega era encimada por um cavalo galopando.

Nesse preciso instante, o abismo horrendo do meu sofrimento abriu-se e engoliu-me, talvez porque, desde o momento da minha captura, aquela era a primeira vez em que o perigo e a fúria não me obrigavam a calar a dor. Enquanto ali estava sentada naquela cama, o meu pai jazia na vala de Lirnesso para onde era deitado todo o lixo, o seu corpo devorado pelos cães perpetuamente esfomeados da cidade; esse era o tradicional destino para os nobres que morriam no campo de batalha. As lágrimas inundavam-me o rosto; atirei-me para cima daquela pele branca e chorei. Não conseguia parar de chorar. A pele branca ficou limpa e brilhante sob a minha face, sob o rio da minha dor.

Não ouvi a porta abrir-se. Por isso, quando uma mão pousou sobre o meu ombro, o meu coração desatou a correr dentro do meu peito como um animal que acaba de cair numa cilada. Toda a minha rebeldia se esfumou num ápice; naquele instante, só uma coisa pensei: o rei supremo Agamêmnon tinha me descoberto, encolhi-me sobre a cama, apavorada.

- Eu pertenço a Aquiles, eu pertenço a Aquiles! - gemi.

- Eu sei. Quem julgou que era? Antes de erguer o rosto para o ver, disfarcei cuidadosamente o alívio que sentira e limpei rapidamente as lágrimas com a palma da mão.

- O rei supremo da Grécia.

- Agamêmnon. Aquiesci.

- Onde está ele?

- Na tenda da praia. Aquiles aproximou-se de um baú, abriu-o, remexeu-o de alto a baixo e, por fim, atirou-me um lenço de um belo tecido.

- Tome, assoe esse nariz e limpe essa cara. Se continuar assim, ainda adocece.

Fiz o que ele me mandou. Aquiles voltou para perto de mim e pôs-se a olhar para a pele com um ar preocupado.

- Espero que não fique com marcas quando secar. Foi uma prenda da minha mãe. Mirou-me com olhos críticos. - Será possível que Fênix não te tenha mandado tomar banho e vestir roupa lavada?

- Mandar, mandou, mas eu recusei.

- Pois comigo não haverá recusas. As criadas vão te trazer roupa lavada e uma banheira para tomar banho. Terá de vestir o que elas te trouxerem. Caso contrário, será lavada e vestida à força - e não por mulheres. Entendido?

- Sim.

- Ótimo. -Tinha já a mão na tranca da porta quando parou e se voltou para mim.
- Como é que se chamas, moça?
- Briseida. Sorriu para mim; detectei na sua expressão alguma admiração pela minha pessoa.
- Briseida: “Aquele que triunfa.” Tem certeza que não o inventou?
- O meu pai chamava-se Briseu. Era primo direito do rei Anquises e chanceler da Dardânia. O irmão do meu pai, Criseu, era sumo-sacerdote de Apolo. Nós pertencemos à família real.

Ao entardecer, um oficial mirmidão veio ter comigo, desprende da viga as correntes e conduziu-me até à amurada. Uma escada de corda estava suspensa a amurada; silenciosamente, indicou-me que deveria descer; contudo, fez-me a cortesia de descer primeiro e de esperar por mim na praia: desse modo, não teria qualquer oportunidade de olhar para aquilo que as minhas saias tapavam. O navio estava assente sobre os seixos da praia; sobre os seixos caminhei, mas tão redondos eram que me fugiam debaixo dos pés e me magoavam o que magoado já estava.

Uma enorme tenda de cabedal erguia-se na praia. Não me lembrava de te-la visto quando chegara de burro. O oficial mirmidão fez-me entrar na tenda através de uma aba que havia nas traseiras e logo me conduziu a uma divisão apinhada de mulheres: cerca de uma centena de mulheres de Lirnesso, nenhuma das quais reconheci. Só eu fora distinguida com correntes. Muitos foram os olhos que, com uma curiosidade canina, se fixaram em mim, enquanto eu procurava um rosto conhecido no meio daquela multidão. Ah, ali, a um canto! Uma gloriosa cabeleira dourada: inconfundível! O meu guarda continuava a segurar-me nas correntes; porém, quando fiz menção de avançar para o canto da sala, deixou-me partir sem qualquer protesto.

A minha prima Criseida ocultava o rosto com as mãos; quando lhe toquei, a pobre moça deu um salto, tomada de pânico. Fitou-me espantada e logo se refugiou nos meus braços, lavada em lágrimas.

- Que faz aqui? - perguntei, confusa. - Você é a filha do sumo-sacerdote de Apolo. Como tal, é uma criatura inviolável.

A resposta dela foi um gemido de puro horror. Abanei-a.

- Por favor, Criseida, deixa de choro! - ordenei-lhe. Desde menina que Criseida tinha medo de mim; não admira que me tenha obedecido nesse mesmo instante.

- Apesar disso, fizeram-me cativa, Briseida.

- Mas isso é um sacrilégio!

- Eles dizem que não é. O meu pai combateu. Os sacerdotes não combatem. Por isso, consideraram-no um guerreiro e fizeram de mim o que quiseram.

- O que quiseram? Está-me dizendo que te violaram? - perguntei, horrorizada.

- Não, não! As mulheres que me vestiram disseram-me que só as mulheres do povo ficam à mercê da violência dos soldados. Aqueles que se encontram nesta sala foram poupadas a essa violência porque vão ter um destino especial. Qual, não sei. - Olhou para baixo e viu as grilhetas. - Oh, Briseida! Acorrentaram-te! Pelo menos trago uma prova evidente do meu estatuto real. Graças às grilhetas, ninguém poderá confundir-me com uma prostituta.

- Briseida! - disse ela, com uma expressão escandalizada; eu conseguia sempre chocar a minha pobre e recatada prima. Depois, perguntou-me:

- O tio Briseu?

- Morreu, como todos os demais.

- Morreu? E você não chora a sua morte?

- Claro que choro a sua morte! - protestei. - A verdade, porém, é que já estive nas mãos dos Gregos o tempo suficiente para perceber que uma cativa tem de secar as lágrimas e aguçar o seu engenho.

Criseida parecia perplexa com a minha resposta.

- Porque que é nos trouxeram para cá, prima? Virei-me para o oficial mirmidão.

- Ei, soldado! Porque é que nos trouxeram para cá?

O homem riu do meu tom, mas respondeu afavelmente.

- O Segundo Exército ofereceu um banquete em honra do rei supremo de Micenas. Estão dividindo os despojos. As mulheres aqui presentes vão ser distribuídas pelos reis.

Esperamos aquilo que nos pareceu uma eternidade. Demasiado cansadas para falar, Criseida e eu sentamo-nos no chão. De quando em quando, um guarda entrava e levava um pequeno grupo de mulheres, consoante umas fitas coloridas que traziam nos pulsos; eram, todas elas, moças muito bonitas. Não havia entre nós nenhuma velha, tampouco rameiras ou caras feias ou moças que, de tão magrinhas, mais parecessem esqueletos. Contudo, nem eu nem Criseida tínhamos fitas nos pulsos. Cada vez havia menos mulheres na sala e nós continuávamos a ser ignoradas. Por fim, só nós duas restávamos.

Um guarda entrou e tapou com véus os nossos rostos antes de nos conduzir à sala contígua. Através de uma malha muito fina, consegui ver um imenso clarão, produzido, aparentemente, por um milhar de lamparinas e archotes, um dossel de tecido por cima das nossas cabeças e, por todo o lado, um mar de homens. Estavam sentados em bancos à volta de mesas, bebiam vinho; os criados andavam numa azáfama, correndo de um lado para o outro. Fizeram-nos avançar até um comprido estrado onde se encontrava a mesa de honra.

Haveria talvez vinte homens sentados àquela mesa, de um lado apenas, de frente para todos os outros comensais. No meio, numa cadeira de costas altas, estava sentado um homem que muito se assemelhava ao Pai Zeus das minhas fantasias de menina. Tinha uma cabeça nobre, altiva, carrancuda; a cabeleira negra com vestígios de cinza, requintadamente encaracolada, derramava-se como uma cascata sobre a cintilante indumentária; uma imponente barba, entrelaçada com fios de ouro, caía-lhe sobre o peito e pedras preciosas cintilavam em alfinetes ocultos. Um par de olhos escuros examinava-nos com um ar pensativo, enquanto uma aristocrática mão branca mexia absorta no bigode. Era o imperial Agamêmnon, rei supremo de Micenas e da Grécia, rei dos reis. Anquises, ao pé dele, parecia um servo e não um rei.

Afastei dele os olhos a fim de perscrutar os outros homens, preguiçosamente recostados nas suas cadeiras. Aquiles estava sentado à esquerda de Agamêmnon, embora não fosse fácil reconhecê-lo. Eu vira-o de armadura vestida, imundo e violento. Agora, estava na companhia de reis. O peito nu, glabro, brilhava sob um maciço colar de ouro e pedras preciosas que lhe caía dos ombros; os braços reluziam de braceletes, os dedos de anéis. Fizera a barba, e o seu cabelo, brilhante como ouro, fora penteado para trás sem grandes requintes; requintados eram os brinços de ouro que lhe pendiam das orelhas. Os seus olhos amarelos revelavam agora uma limpidez e uma tranqüilidade novas; aquela cor de olhos, absolutamente invulgar, ressaltava poderosamente sob as sobrançelas e as pestanas fortemente marcadas e também porque ele pintara os olhos ao estilo cretense. Pestanejei, desviei dele o meu olhar, confusa. Inquieta.

Ao lado dele, estava um homem com um aspecto verdadeiramente nobre, muito direito na sua cadeira, os caracóis cor de fogo coroando uma testa muito alta e larga; era branca e delicada a sua pele. Sob umas sobrançelas surpreendentemente escuras, os seus belos olhos cinzentos irradiavam um brilho penetrante. Nunca antes vira olhos tão fascinantes como aqueles! Quando o meu olhar percorreu o seu peito nu, apiede-me dele: quantas cicatrizes! O rosto parecia ser a única parte do seu corpo que escapara aos golpes inimigos.

À direita de Agamêmnon, estava outro homem ruivo, um indivíduo com um ar desleixado e consternado que não tirava os olhos da mesa. Quando ergueu a taça para beber, reparei que a sua mão tremia. O seu vizinho era um velho com a mais régia das aparências, alto e ereto, com uma barba tão branca como a prata e uns olhos azuis muito grandes. Embora estivesse vestido de uma forma muito simples (não mais do que uma túnica de linho branco), tinha os dedos cravejados de anéis. O gigante Ájax vinha logo a seguir; uma vez mais tive de pestanejar, pois o príncipe que agora estava vendo não se parecia nada com o homem que libertara o corpo do meu pai da pilha de cadáveres.

Mas os meus olhos depressa se cansaram dos seus rostos, todos eles tão enganosamente nobres. O guarda fez com que Criseida avançasse e logo lhe tirou o véu. Senti o meu estômago revolver-se. A minha prima ficava tão bonita com aquela indumentária estrangeira, roupas gregas tiradas de um qualquer baú grego, roupas que em nada se assemelhavam aos vestidos compridos e direitos que cobriam as mulheres de Lirnesso do pescoço aos tornozelos. Em Lirnesso, nós escondíamos-nos de todos os homens, exceto dos maridos; as mulheres gregas - isso era mais do que evidente - vestiam-se como prostitutas. Escarlate de vergonha, Criseida tapou os seios nus com as mãos, mas por pouco tempo; o guarda encarregou-se de os destapar. Agora, todos aqueles homens poderiam ver quão fina era a sua cintura e quão perfeitos eram os seus seios. Agamêmnon já não parecia o Pai Zeus; agora, todo ele era Pã. Virou-se para Aquiles.

- Pela Mãe, que preciosidade... Aquiles sorriu.
- Ainda bem que gosta dela, Agamêmnon. A moça é tua - uma prova evidente da estima que o Segundo Exército tem por ti. Chama-se Criseida.
- Vem cá, Criseida. - A elegante mão branca fez um gesto imperativo; a minha prima não se atreveu a desobedecer.

- Vem, olha para mim! Não tenha medo, moça, que eu não te faço mal. Com os dentes brancos cintilando, sorriu para ela e afagou-lhe depois o braço, aparentemente sem reparar que Criseida toda se encolhia. - Levem-na imediatamente para o meu navio.

Os guardas levaram Criseida. Agora era a minha vez. O guarda retirou-me o véu para que eu me exibisse naquele figurino indecente. Pus um ar tão altivo quanto possível, as mãos bem juntas ao corpo, o

rosto inexpressivo. A vergonha era deles, não minha. Percebendo a luxúria que inundava os olhos do rei supremo, obriguei-o a desviar o olhar. Aquiles nada disse. Movi um pouco as pernas para que as correntes retinsem. Agamêmnon ergueu as sobrancelhas.

- Correntes? Quem ordenou isso?

- Fui eu - retorquiu Aquiles. - Não confio nela.

- Oh? - Uma única palavra e, no entanto, prenhe de sentido. - E de quem é ela?

- É minha. Fui eu próprio que a capturei - disse Aquiles.

- Devia ter me deixado escolher entre as duas - replicou Agamêmnon, agastado.

- Fui eu quem a capturei, rei Agamêmnon. Portanto, a moça é minha. Além disso, não confio nela.

O nosso mundo grego sobreviverá sem mim, mas não sem você. Tenho provas que chegam de que esta moça é perigosa.

- Hum... perigosa ... disse o rei supremo, nada convencido. Depois, suspirou. - Nunca vi um cabelo assim! Uma mistura de fogo e ouro! Nem uns olhos assim, tão azuis! - E suspirou de novo. - Mais bela do que Helena!

O indivíduo nervoso que estava à direita do rei supremo deu um murro na mesa com tal violência que as taças de vinho até saltaram.

- Helena não tem igual! - exclamou.

- Sim, meu irmão, nós sabemos - disse Agamêmnon, paciente. - Acalme-se. Aquiles acenou para o oficial mirmidão.

- Leve-a.

Esperei sentada numa cadeira da sua cabina, as pálpebras pesadas, embora não me atrevesse a permitir-me um momento que fosse de sono. Haverá mulher mais indefesa do que aquela que tranqüilamente se entrega ao doce chamamento do sono?

Muito tempo depois, Aquiles apareceu na cabina. Quando ergueu a tranca, eu estava cochilando, apesar de toda a minha determinação; assustada, dei um salto e entrelacei as minhas mãos com toda a força. Chegara o momento do ajuste de contas. Mas Aquiles não parecia consumido de desejo; ignorou-me, encaminhou-se para o baú e abriu-o. Depois, tirou o colar, os anéis, os braceletes, o cinto cravejado de jóias. Mas não o saíote.

- É um alívio, ver-me livre deste lixo todo! - exclamou, olhando agora para mim.

Olhei também para ele, confusa, perdida. Como é que começava uma violação? A porta abriu-se e outro homem entrou, muito parecido com Aquiles nos traços e na tez, mas mais pequeno de estatura, e com um rosto mais terno. Eram encantadores os seus lábios. Uns olhos azuis examinaram-me com um brilho apreensivo.

- Pátrocles, apresento-te Briseida.

- Agamêmnon tinha razão. É mais bela do que Helena. - O olhar que lançou a Aquiles estava carregado de significado e repleto de dor. - Vou deixá-los. Só vim ver se precisava de alguma coisa.

- Espere lá fora, eu não demoro - disse Aquiles com um ar ausente. Já a caminho da porta, Pátrocles parou e lançou a Aquiles um olhar que não enganaria ninguém: um olhar de absoluta alegria e de uma posse absoluta.

- Ele é o meu amante - disse Aquiles mal Pátrocles partiu.

- Já tinha percebido. Com um suspiro de fadiga, Aquiles sentou-se na beira da estreita cama e apontou para a minha cadeira.

- Sente-se. Sentei-me e, por um momento, fitei-o, enquanto ele me olhava com algo que Parecia ser um absoluto desapego; começava a suspeitar que ele não sentia por mim nada que se assemelhasse ao puro desejo físico. Nesse caso... nesse caso, por que razão me quisera para ele?

- Pensava que vocês, as mulheres de Lirnesso, eram muito recatadas - disse ele, por fim -, mas você parece conhecer muito bem as coisas do mundo.

- Algumas coisas. Aquelas que são universais. O que nós não entendemos são estas modas! - Toquei nos meus seios nus. - Imagino que na Grécia as mulheres devem ser vítimas constantes de violações.

- Nesse particular, a Grécia é igual a todas as outras nações. Uma coisa tende a perder encanto quando se torna - universal.

- Que pretende fazer comigo, príncipe Aquiles?

- Não faço a mínima idéia. -A minha natureza não é branda nem fácil.

- Eu sei. - Era irônico o seu sorriso. - De fato, a tua pergunta tem toda a razão de ser. Para ser franco, não sei mesmo o que fazer contigo. - Olhou-me com aqueles seus olhos amarelos. - Sabe tocar lira? Sabe cantar?

- Sei. Toco e canto até muito bem. Ele levantou-se.

- Nesse caso, tocará e cantará para mim - disse ele, e logo berrou: Sente-se no chão!

Sentei-me no chão. Ele puxou-me a pesada saia acima dos joelhos e saiu.

Quando voltou, trazia um martelo e um escopro. Um instante depois, eu estava livre das correntes.

- Deste cabo da madeira do chão - disse eu, apontando para as estrias profundas que o escopro abria.

- Isto é apenas um abrigo numa coberta de proa - disse ele, levantando-se. Depois, ergueu-me com mãos firmes e secas. - Vá dormir - disse, e logo me deixou.

Porém, antes de ir para a cama, agradei a Ártemis. A deusa virgem ouvira as minhas súplicas; o homem de quem eu era cativa não tinha pelas mulheres qualquer apetite carnal. Estava salva. Se assim era, porquê tanta tristeza? Não saberia responder, mas uma coisa tinha eu por certa: as saudades que tinha de meu pai não eram, das minhas lágrimas, a única causa.

De manhã, a nau capitânia fez-se ao mar. Marinheiros e guerreiros desataram numa azáfama na coberta e os bancos dos remadores depressa foram ocupados. Gargalhadas e obscenidades da pior espécie encheram os ares. Era evidente que se sentiam felizes por deixarem a desolada Andramítio, por duas vezes reduzida a cinzas. Quem sabe, talvez aquele fosse um local assombrado; talvez os marinheiros e guerreiros, ao partirem, deixassem de ouvir os gemidos de aflição de milhares de sombras inocentes.

Pátrocles, o terno companheiro de Aquiles, avançou sem dificuldade por entre a multidão que enchia a meia-nau e subiu os poucos degraus que conduziam à coberta de proa, onde eu estava contemplando o mar e as humanas criaturas.

- Como se sente esta manhã, Briseida? Bem?

- Sim, estou muito bem, obrigada. Virei-lhe as costas, mas ele permaneceu a meu lado, visivelmente satisfeito com a minha gelada companhia.

- Acabará por se habituar - disse ele. Fitei-o e respondi-lhe:

- Seria difícil imaginar uma observação mais estúpida... Se habituaria a viver na casa de um homem que tivesse sido responsável pela morte do teu pai e pela destruição da tua pátria?

- Talvez não - respondeu ele, de súbito afogado. - Mas estamos em guerra - e você é uma mulher.

- A guerra - retorqui, cheia de amargura -, é uma atividade masculina. As mulheres são as suas vítimas, tal como são vítimas dos homens.

- A guerra - contrapôs ele, divertido - também existiu enquanto as mulheres governaram o mundo sob o domínio da Mãe. As rainhas supremas eram tão gananciosas e ambiciosas como qualquer rei supremo. A guerra não tem nada a ver com o sexo. Creio, com efeito, que ela é um fator intrínseco da raça humana.

Como isto era incontestável, resolvi mudar de assunto.

- Pátrocles, como é que você, que é um homem tão sensível e perspicaz, pode amar um homem tão duro e cruel como Aquiles? - perguntei-lhe.

Os seus olhos azuis fitaram-me espantados.

- Mas Aquiles não é duro nem cruel! - retorquiu ele.

- Lamento, mas não posso acreditar nisso.

- Aquiles não é o que parece - asseverou-me o seu fiel cão de guarda.

- Nesse caso, o que é Aquiles afinal? Pátrocles abanou a cabeça.

- Isso, minha cara Briseida, terá de descobrir por si própria.

- É casado? - Por que raio é que as mulheres têm de fazer sempre esta pergunta?

- É. Casou com a filha única do rei Licomedes de Ciro. Têm um filho, Neoptolemo, um rapaz com dezesseis anos. E como é o único filho de Peleu, é herdeiro do reino supremo da Tessália.

- Nada disso altera a minha opinião a seu respeito. Para minha grande surpresa, Pátrocles pegou-me na mão e beijou-a. Depois, foi-se embora.

Permaneci na proa enquanto os meus olhos puderam enxergar uma sombra que fosse de terra no horizonte. O mar estava sob os meus pés: nunca mais voltaria à minha querida terra. Agora, agora não poderia fugir ao meu triste destino. Eu, que estava destinada a casar com um rei, acabaria os meus dias tocando e a cantando para um rei que de mim fizera serva. Aliás, se os Gregos não tivessem decidido atacar Tróia, já estaria casada. Os homens que, em circunstâncias normais, teriam aparecido na corte da

Dardânia para pedir a minha mão, ficaram de súbito demasiado ocupados para pensarem em alianças matrimoniais.

As águas assobiavam sob o casco e transformavam-se em branca espuma sob o impacto dos remos, um som brando e constante que penetrava sutilmente no meu espírito - tão sutilmente que, só ao fim de muito tempo, me dei conta de que a minha decisão estava já tomada. Não era difícil subir à amurada; foi o que fiz e preparava-me para saltar quando um braço forte me agarrou e me puxou violentamente para baixo. O braço de Pátrocles.

- Deixe-me morrer! Esquece que me viu! - roguei.

- Nunca mais! - disse ele, lívido.

- Pátrocles, eu não sou importante, eu não represento nada para ninguém! Deixe-me morrer! Deixe-me morrer!

- Não, nunca mais. O teu destino é muito importante para ele. Nunca mais. Mas que estranhos mistérios... Quem? O quê? Nunca mais?

Sete dias demoramos a avistar Assos. Mal contornamos o canto da península defronte da ilha de Lesbos, os remos revelaram-se inúteis; os ventos sopravam intermitentemente, ora empurrando-nos para a praia, ora afastando-nos dela. A maior parte do tempo, passei sozinha na coberta de proa, numa alcova rodeada de cortinas, e, sempre que eu emergia da alcova, Pátrocles deixava o que estava fazendo e corria para junto de mim. De Aquiles, nem sinal. Por fim, fui informada de que seguia no navio de um tal Automedonte.

Conseguimos aportar na manhã do oitavo dia. Aconcheguei-me no meu manto porque o vento era cortante como gelo e observei fascinada as operações de aportagem e desembarque, já que, em toda a minha vida, nunca vira nada assim.

O nosso foi o segundo navio a descansar nas cunhas; o de Agamêmnon fora o primeiro. Logo que puseram a escada de corda, deixaram-me descer. Quando Aquiles passou, a pouca distância de mim, pus um ar altivo e preparei-me para a guerra, mas ele nem deu pela minha presença.

Nesse momento, surgiu a governanta da sua casa, uma mulher corpulenta e bem-disposta que se chamava Laódice. Foi ela quem me conduziu à casa de Aquiles.

- Deixe-me dizer-te uma coisa, minha pombinha - murmurou ela. - Você é uma privilegiada. Vai viver na casa do teu amo e, mais importante ainda, vai ter os teus próprios aposentos. Nem eu, que sou a governanta, tenho tais direitos, quanto mais as outras....

- Mas ele não tem centenas de mulheres?

- Tem, mas não vivem com ele.

- Claro, ele vive com Pátrocles.

- Com Pátrocles? - disse Laódice, com um sorriso arreganhado. - Isso foi em outros tempos...

Alguns meses depois de terem se tornado amantes, Aquiles ordenou-lhe que construísse a sua própria casa.

- Porquê? Isso não faz sentido...

- Oh, faria todo o sentido, se conhecesse o seu amo! Ele gosta de ser livre como o vento!

Hmmm. Bom, era muito possível que eu não conhecesse Aquiles, mas também era verdade que estava aprendendo depressa. Com que então gostava de ser livre como o vento! As peças do quebra-cabeças estavam todas lá, à espera que eu as pegasse, tal e qual como quando eu era criança e me entretinha com tais passatempos. O verdadeiro problema era pôr as peças todas no lugar certo.

Durante esse longo Inverno, prisioneira do frio que eu era, muito tempo gastei encaixando as peças do quebra-cabeças que se chamava Aquiles. O meu amo raramente parava em casa, muitas vezes jantava fora - por vezes, também dormia fora, supunha eu que com Pátrocles, o qual, pobre coitado, parecia agora mais angustiado do que feliz com o amor que Aquiles lhe dedicava. As outras mulheres estavam predispostas a detestar-me porque eu vivia na casa do amo e elas não. No entanto, e porque sei lidar muito bem com todo o gênero de mulheres, depressa consegui conquistar os seus afetos; vencidos os corações, desataram as línguas - e o interminável fio da bisbilhotice.

Pelo visto, Aquiles padecia de uma doença que culminava numa espécie de sortilégio (elas tinham-no ouvido falar de um sortilégio); havia momentos em que parecia estar longe deste mundo, estranhamente concentrado em insondáveis paragens; a mãe dele era uma deusa, uma criatura do mar chamada Tétis que era capaz de alterar a sua configuração física tão depressa como o Sol se desvenda ou oculta atrás das nuvens - ouriço-do-mar, choco, baleia, vairão, caranguejo, estrela-do-mar, tubarão, tudo isso ela podia ser; o avô do seu pai era o próprio Zeus; o seu professor fora um Centauro, um ser fabuloso que tinha cabeça, braços e torso de homem, ainda que o resto do corpo fosse o de um cavalo; o gigante Ájax era seu primo

direto e um grande amigo; vivia para a guerra, não para o amor. Não, elas não acreditavam que Aquiles gostasse de homens, apesar do amor que dedicava ao seu primo Pátrocles. Mas também não lhes parecia que gostasse de mulheres.

De vez em quando, chamava-me à sua presença e ordenava-me que tocasse e cantasse e eu obedecia-lhe com gratidão; a minha vida, sem esses momentos, era a mais desolada das paisagens. Com um ar pensativo, Aquiles escutava a minha música apenas com metade da sua mente; a outra metade permanecia num outro mundo, um mundo que excluía tanto a música como aquela que a executava. Nem sinal de desejo, nunca. Nenhuma sugestão quanto aos motivos por que decidira fazer de mim sua cativa. Também não entendia ainda o que poderia estar por detrás das coisas que Pátrocles me dissera quando eu tentara atirar-me ao mar. Nunca mais! Nunca mais o quê? Nunca mais quem? Que estranho evento matara o desejo naquele homem?

Descobri com grande tristeza que, a pouco e pouco, Lirnesso e o meu pai iam perdendo a primazia nos meus pensamentos. O que se passava em Assos começava a relegar para segundo plano aquilo que acontecera na Dardânia. Por três vezes Aquiles jantou sozinho em casa, por três vezes ordenou que eu o servisse e que mais nenhuma mulher estivesse presente. Laódice, tonta como era, embonecava-me e perfumava-me, convencida de que, finalmente, eu lhe pertenceria. Mas Aquiles nada me disse e nada fez.

Chegava ao fim o Inverno quando nos mudámos de Assos para Tróia. Fênix fez um sem-número de viagens e, pouco a pouco, os celeiros, os depósitos e as tendas foram ficando vazios. Por fim, todo o exército seguiu, por mar, para norte.

Tróia. Mesmo em Lirnesso era Tróia quem governava, pois Tróia era o centro do nosso mundo. O rei Anquises e Enéias não gostavam dessa verdade - mas era uma verdade indiscutível. Agora, pela primeira vez, os meus olhos podiam ver Tróia.

O vento incessante varria a planície, consigo levando a neve; torres e pináculos, engrinaldados de gelo, cintilavam ao sol. Era como que um palácio no Olimpo - longínquo, frio e belo. Era ali que Enéias vivia, com o pai, a esposa e o filho.

A mudança para Tróia operou em mim uma outra mudança e muito estranha, fora do alcance da minha compreensão; de súbito, tornei-me presa fácil de acessos de melancolia; chorava por tudo e por nada; sem quê nem porquê, irritava-me por coisa nenhuma.

Aquele era o Décimo ano da guerra e todos os oráculos diziam que seria o último. Seria essa a razão do meu desalento? Seria por saber que, quando a guerra acabasse, Aquiles me levaria consigo para lolcos? Ou por recear que ele me vendesse a um outro rei que apreciasse os meus talentos musicais? Com efeito, aparentemente, só os meus talentos musicais lhe agradavam.

Mal a Primavera acordou, começaram as surtidas dos destacamentos troianos; com todos os Gregos instalados num acampamento imenso, os Troianos tinham de procurar mantimentos que suprissem as suas faltas. Heitor procurava aproveitar todas as oportunidades para lançar incursões destinadas à recolha de alimentos, ao passo que os Gregos e, em particular Aquiles e Ájax, vigiavam todos os passos dos Troianos, na esperança de apanharem Heitor. Aquiles desejava desesperadamente combater contra Heitor; diziam as outras mulheres que o desejo de matar o herdeiro troiano consumia todas as suas energias. Todo o dia e metade da noite, a casa enchia-se de vozes masculinas. Acabei por saber os nomes de todos os outros chefes gregos.

Por fim, a Primavera encheu o ar de fragrâncias poderosas e os campos de minúsculas flores brancas e as águas do Helesponto de um azul mais intenso. Pequenas escaramuças ocorriam quase todos os dias. Em Aquiles, crescia a ânsia de um duelo decisivo com Heitor. Contudo, não queria a sorte que ele acalmasse de vez essa ânsia. Não conseguia encontrar no campo de batalha o esquivo herdeiro do trono de Tróia. Nem ele, nem Ájax.

Embora Laódice considerasse que o trabalho duro não era para uma moça como eu, que nascera num berço de ouro, o certo é que, mal ela se ausentava, logo eu me entregava a todo o tipo de tarefas que normalmente são executadas por mulheres de mais baixa condição. Tarefas mais úteis do que bordar coisas supérfluas com uma agulha enfadonha e sem inspiração.

Uma das histórias mais intrigantes que corriam acerca de Aquiles dizia respeito ao modo como ele aceitara o amor de Pátrocles, depois de tantos anos de uma amizade de todo isenta dos prazeres do corpo. Segundo Laódice, a transformação ocorrera durante um dos sortilégios com que Tétis castigava o filho. Em tais momentos, ainda segundo Laódice, o nosso amo tornava-se particularmente susceptível aos desejos dos outros e Pátrocles não desperdiçara a oportunidade. Parecia-me uma explicação demasiado maldosa, pois nunca encontrara em Pátrocles nada que sugerisse uma tão grande falta de escrúpulos. Porém, os caminhos da deusa do amor são, todos eles, de estranheza feitos: quem poderia ter previsto que também

eu viria a cair na cilada do sortilégio? Talvez a verdade fosse outra: talvez o coração de Aquiles se defendesse com uma armadura invulnerável, uma armadura que só cedia aos golpes do amor por obra e graça do sortilégio ou seja, em circunstâncias de extrema fragilidade.

Tudo aconteceu certo dia em que, escapando à vigilância de Laódice, decidi entregar-me ao trabalho de que mais gostava: polir a armadura dele, no quarto especial onde era guardada. Aquiles entrou. Os seus passos eram mais lentos do que era costume e os seus olhos não me viam, apesar de eu estar mesmo diante dele, com um trapo na mão e um pedido de desculpas na ponta da língua. Tinha o rosto abatido, desfigurado, e havia salpicos de sangue no seu braço direito. Não, aquele sangue não era dele!, concluí, já mais calma. Tirou o elmo e largou-o no chão; levou ambas as mãos à cabeça, como se esta lhe doesse muito. Assustada, comecei a tremer enquanto ele desapertava desajeitadamente as correias da couraça. Onde estava Pátroclos?

Despida a armadura, envergando agora apenas a túnica acolchoada que usava debaixo de todo aquele metal, procurou uma cadeira, com os olhos ausentes virados na minha direção. Porém, em vez de se afundar na cadeira, foi no chão que caiu e logo desatou a tremer e a contorcer-se e a babar copiosamente e a murmurar coisas indistintas. Depois, revirou muito os olhos e ficou hirto, muito hirto, braços e pernas rígidos como os de um cadáver; de súbito, porém, todo o seu corpo rompeu numa convulsão que parecia não ter fim. A baba converteu-se em grandes gotas de espuma, o rosto ficou negro. Não podia fazer nada enquanto as convulsões durassem; porém, logo que cessaram, ajoelhei a seu lado.

- Aquiles! Aquiles! Ele não me ouviu; jazia no chão, o rosto da cor da cinza, os braços movendo-se a esmo. Depois de terem encontrado o meu corpo, as mãos dele procuraram a minha cabeça e embalaram-na docemente.

- Mãe, deixe-me em paz! A voz dele estava tão alterada que quase não a reconhecia; desatei a chorar, aterrorizada por vê-lo assim.

- Aquiles, eu sou Briseida! Briseida!

- Por que me atormenta? - perguntou, mas não era a mim que perguntava. Eu não preciso que me lembre que a minha morte está próxima! Não me atormente mais, pois já tenho penas que cheguem - não ficou satisfeita com Ifigênia? Deixe-me em paz, deixe-me em paz!

Calou-se depois, porque uma profunda letargia o venceu. Corri à procura de Laódice.

- O banho do nosso amo já está pronto? - perguntei, ofegante. Laódice interpretou erradamente a minha pressa: viu desejo onde havia aflição e desatou a meter-se comigo.

- Também já não era sem tempo, minha tontinha! - disse-me ela. - Sim, o banho já está pronto. Dá-lhe banho que eu tenho muito que fazer. Ai, ai!

Dei-lhe banho, embora ele não me distinguisse de Laódice. Daí que pudesse olhar para ele à vontade e entender aquilo que desde o início me recusara a entender: quão belo ele era, quão intensamente o desejava. O vapor inundava o quarto, a minha túnica dardaniana colava-se ao meu corpo porque eu transpirava abundantemente. Escarneci da minha própria tolice. Briseida, afinal, era igual às outras. Tal como todas as suas outras mulheres, Briseida se apaixonara por ele. Apaixonara-se por um homem que não ardia nem por homens, nem por mulheres, pois só vivia para uma coisa: o combate mortal. Mergulhei um pano em água fria, retorci-o e molhei-lhe o rosto. Nos seus olhos, brilhou algo que se aproximava da consciência. Ergueu a mão e colocou-a no meu ombro.

- Laódice? - perguntou.

- Sim, meu amo. Vem, a tua cama está feita. De-me a tua mão. Os dedos dele apertaram-me a mão; sem precisar olhar para ele, sabia que Aquiles reconhecera a minha voz. Libertando-me da sua mão, peguei num boião de óleo perfumado que estava sobre a mesa. Quando olhei de relance para o seu rosto, verifiquei que estava sorrindo: o sorriso que quase fazia daquela fenda uma boca, um sorriso inesperadamente gentil.

- Obrigado - disse ele.

- De nada - respondi, quase incapaz de ouvir o que estava dizendo, tal era a violência com que o meu coração batia.

- Há quanto tempo está aqui? Não podia mentir-lhe.

- Desde o princípio.

- Então, viu.

- Vi.

- Então, não temos segredos.

- Não. Nós partilhamos o segredo - disse eu. E num ápice estava nos seus braços, como não sei. Só que não me beijava; me diria mais tarde que, como não tinha lábios, os beijos pouco prazer lhe davam.

Mas o corpo, ah, o corpo dava-lhe todo o prazer do mundo. Um prazer que o meu corpo também sentia. Não havia uma única fibra do meu corpo que as suas mãos não fizessem cantar como uma lira; eu era um corpo sem forças, inarticulado, sentindo apenas a ofuscante intensidade que Aquiles era. E eu, eu que, durante tantas luas, tanto ansiara por aquele momento sem o admitir, conheci finalmente o poder da deusa. Não nos dividiu, nem nos destruiu; por um breve momento, senti a presença da deusa tanto dentro dele como dentro de mim.

Amava-me, disse-me ele mais tarde. Amava-me desde o princípio. Embora eu não fosse igual a ela, vira Ifigênia em mim. Depois, contou-me a horrível história; imaginei que, desde a morte de Ifigênia, Aquiles se sentia verdadeiramente feliz pela primeira vez. E perguntei-me com que coragem iria eu enfrentar Pátroclos, o qual, com a pureza do amor, tentara a cura do amado, mas falhara. Agora, todas as peças estavam no lugar certo.

Capítulo Vigésimo

Narrado por Enéias

Levei para Tróia um milhar de carros e quinze mil soldados de infantaria. Príamo engoliu a sua aversão à Dardânia e acolheu-me com grande alarido; abraçou o meu pobre e demente pai e deu a Creusa, minha esposa (que era filha dele e de Hécuba), calorosas boas-vindas; quando viu o nosso filho, Ascânio, o seu rosto iluminou-se. Pôs-se logo a compará-lo a Heitor, o que muito me agradou, pois Ascânio, pelo menos fisicamente, era muito parecido com Páris.

As minhas tropas foram distribuídas pela cidade e eu e a minha família ficamos num pequeno palácio dentro da cidadela. Quando me vi sozinho, encarei tudo isto com um sorriso amargo; não, de fato não fora um erro protelar por tanto tempo o meu apoio. Príamo estava tão desesperado por se ver livre da sanguessuga grega - e sanguessuga era, pois o sangue que era a vida de Tróia rareava já - que até era capaz de fingir que o apoio da Dardânia fora uma oferta dos deuses.

A cidade mudara. As ruas estavam mais tristes e sujas do que em outros tempos; desaparecera a atmosfera de riqueza e poder ilimitados. Tal como alguns dos pregos de ouro das portas da cidadela. Deliciado por me ver a seu lado, Antenor contou-me que muito do ouro de Tróia fora gasto na compra de mercenários dos Hititas e da Assíria, mercenários que, afinal, não tinham vindo. E o ouro não fora devolvido.

Ao longo de todo o Inverno entre o nono e o Décimo anos do conflito, recebemos mensagens dos nossos aliados da costa, prometendo o auxílio possível. Desta feita, sentíamos-nos inclinados a acreditar que os governantes da Cária, da Lídia, da Lícia e das outras nações acabariam por vir. A costa fora arrasada de uma ponta à outra, colonizadores gregos começavam já a instalar-se nas ruínas das cidades; os reis nossos aliados já não tinham nem terras nem riquezas para defender. A derradeira esperança da Ásia Menor seria unir-se a Tróia e combater os Gregos em Tróia. A vitória permitiria a esses reis regressarem aos seus domínios e expulsarem os intrusos.

De todos vieram notícias: mesmo de alguns de quem já não esperávamos notícia nenhuma. O rei Glauco deslocou-se a Tróia com uma mensagem de Sarpédon, com quem partilhava o trono; estavam organizando as forças que haviam restado; apenas vinte mil homens conseguiriam trazer daquelas nações, outrora tão populosas, que se estendiam desde a Mísia à longínqua Cilícia. Príamo chorou quando Glauco lhe contou como tudo acontecera.

Pentesiléia, a rainha das Amazonas, prometeu dez mil combatentes de cavalaria; Menão, um parente de Príamo que era rei dos Hititas, viria com cinco mil soldados de infantaria e quinhentos carros. Quarenta mil soldados troianos eram nossos; se juntassem em Tróia todos os reis que nos prometiam apoio, no Verão seguinte disporíamos de muito mais soldados do que os Gregos.

Os primeiros a chegar foram Sarpédon e Glauco. Era um exército bem equipado; porém, quando examinei mais atentamente os seus soldados, entendi quão profundos haviam sido os golpes que Aquiles desferira nas nações da costa. Sarpédon fora obrigado a incluir no seu exército jovens sem experiência e homens vergados ao peso da idade, camponeses que só sabiam manejar o arado e pastores das montanhas que pouco mais eram do que meninos; enfim, gente que desconhecia por completo a arte da guerra. Mas entusiasmo não lhes faltava e Sarpédon não tinha nada de idiota: sem grande dificuldade, os transformaria em soldados.

Heitor e eu sentamo-nos certa noite numa sala do seu palácio e, enquanto nos deliciávamos com o seu vinho, discutimos a situação.

- Os teus quinze mil soldados de infantaria, vinte mil soldados das nações costeiras, cinco mil hititas, dez mil amazonas e quarenta mil soldados de infantaria troianos - mais um total de dez mil carros... Enéias, a vitória só pode ser nossa! - disse Heitor.

- Cem mil soldados... Segundo as tuas estimativas, quantos Gregos restam no acampamento? - perguntei.

- Não é fácil fazer uma estimativa, Enéias. A nossa única fonte de informações têm sido os escravos que, ao longo dos anos, têm fugido do acampamento grego - disse Heitor. - Há um em particular de quem me tornei amigo - um homem chamado Demétrios. Um homem de origem egípcia. Através dele e de outros, fiquei sabendo que Agamêmnon dispõe agora de apenas cinqüenta mil homens. E quanto a carros de guerra, possui apenas mil.

- Achei estranho.

- Cinqüenta mil? Custa a crer.

- Não é assim tão estranho, Enéias. Quando chegaram, os soldados gregos eram oitenta mil. Demétrios disse-me que dez mil gregos foram dispensados devido à idade e que Agamêmnon nunca mandou vir mais soldados da Grécia. Os únicos gregos que têm chegado à Ásia Menor são os colonos. Por outro lado, cinco mil soldados morreram de uma epidemia há cerca de dois anos. Dez mil membros do Segundo Exército ou morreram ou ficaram incapacitados e cinco mil regressaram à Grécia pois as saudades da pátria eram tantas que não agüentavam ficar mais tempo em Tróia. Daí a minha estimativa: não mais do que cinqüenta mil homens, Enéias.

- Nesse caso, será fácil aniquilarmos os Gregos - disse eu.

- Concorro inteiramente - disse Heitor, francamente animado. - Me apoiará quando eu pedir ao meu pai que autorize a saída do exército?

- Mas nós ainda não temos os hititas nem as amazonas, Heitor!

- Não precisamos deles.

- Não se esqueça de que o exército grego possui uma longa experiência, ao contrário do que sucede com o nosso. Os Gregos são um povo habituado à guerra. E os seus soldados sabem que possuem ótimos chefes.

- Admito a nossa inexperiência, mas não estou de acordo quanto à excelência dos chefes gregos. Nós também possuímos guerreiros famosos - você, por exemplo. E Sarpédon, que é filho de Zeus! Os soldados adoram-no. - Heitor tossiu, embaraçado. - E eu próprio, agora.

- Não é o mesmo - insisti. - Que pensam os Dardanianos de Heitor ou os Troianos de Enéias? E quem é que conhece o nome de Sarpédon, filho de Zeus ou não, fora dos limites da Lícia? Pensa nos nomes gregos! Agamêmnon, Idomeneu, Nestor, Aquiles, Ajax, Teucro, Diomedes, Ulisses, Meríona - e mais, muitos mais! Até Macáon, o cirurgião-chefe grego, é um guerreiro notável! E todos os soldados gregos conhecem todos esses nomes. Se perguntar a um soldado grego qual é o prato preferido de um determinado chefe, ou a sua cor favorita, aposto que o homem sabe. Não, Heitor, os Gregos são uma única nação combatendo sob o comando de um rei supremo, Agamêmnon. Nós, em contrapartida, não passamos de facções divididas por rivalidades mesquinhas, por censuráveis invejas.

Heitor fitou-me por um longo momento e, com um suspiro, retorquiu:

- Tem razão, Enéias, claro que tem razão. Creio, porém, que quando for dada ordem de batalha, o nosso exército poliglota não pensará em outra coisa senão em expulsar os Gregos da Ásia Menor. Os nossos soldados anseiam pela vitória. Nós lutamos pela nossa sobrevivência.

Eu ri.

- Heitor, você é um idealista incurável! Quando um homem encosta a ponta da sua lança à sua garganta, será que para pensar que esse homem anseia pela vitória? Os Gregos lutam pela sua sobrevivência tanto como nós lutamos pela nossa.

Sem se dar ao trabalho de comentar as minhas palavras, Heitor encheu de novo os nossos copos.

- Tenciona portanto pedir ao teu pai que te autorize a sair com o exército?

- Sim - disse Heitor. - Hoje. Estou farto destas muralhas, Enéias! A cidade de Tróia converteu-se numa imensa prisão! - Acontece por vezes que as coisas que mais amámos acabam por ser precisamente aquelas que nos destroem - disse eu.

Heitor sorriu, mas não estava nada divertido.

- É um homem tão estranho, Enéias ... ! Será possível que não acredita em nada? Será possível que não tenha amor a nada?

- Acredito em mim mesmo e tenho amor a mim mesmo - retorqui eu, dono e senhor de mim mesmo.

Príamo vacilou: na sua mente, o bom senso travava uma luta sem tréguas com a ânsia de expulsar os Gregos. Mas acabou por dar ouvidos a Antenor e não a Heitor.

- Não faça isso, rei Príamo! - suplicou Antenor. - Um confronto prematuro com os Gregos seria a morte de todas as nossas esperanças! Espera por Menão dos Hititas e pela rainha das Amazonas! Se Agamêmnon não tivesse Aquiles e os Mirmidões, tudo seria por certo diferente, mas a verdade é que os Mirmidões fazem parte do exército grego e justificam plenamente os meus receios! Desde que nascem, os Mirmidões vivem apenas para a guerra. O seu corpo é como bronze, o coração é como pedra, o espírito é tão pertinaz como o de uma formiga. Por alguma razão, lhes chamam Formigas! Sem as guerreiras amazonas, que serão capazes de opor uma resistência decisiva aos Mirmidões, a linha da frente das tuas tropas sucumbirá num ápice! Espera, rei Príamo, espera!

Príamo decidiu esperar. Superficialmente, Heitor pareceu aceitar o veredito do pai. Mas eu conhecia Heitor... O herdeiro de Tróia não pensava em outra coisa senão em combater Aquiles; o receio que o seu pai sentia relativamente a Aquiles fora precisamente a razão da sua derrota naquela assembléia.

Aquiles... Recordei o meu encontro com ele nos arredores de Lirnesso e perguntei-me se Aquiles seria superior a Heitor. Tinham mais ou menos a mesma corpulência e estatura, possuíam o mesmo espírito marcial. No entanto, havia qualquer coisa que me dizia que Heitor estava condenado a sair derrotado do confronto... Em minha opinião, as nossas sociedades tendiam a sobrestimar a virtude - e Heitor era tão virtuoso... A virtude não era o meu domínio - eu ardia por outras coisas...

Foi com inquietação que abandonei a Sala do Trono. Por causa daquela antiquíssima profecia que dizia que eu reinaria um dia em Tróia, Príamo afastara-se de mim e do meu povo. Apesar de toda a civilidade exibida desde o dia em que eu chegara, o escárnio velado continuava lá. Só os meus soldados me tornavam desejado. Porém... como é que eu poderia sobreviver aos cinquenta filhos de Príamo? Como? A menos que Tróia perdesse a guerra - nesse caso, até era possível que Agamêmnon decidisse dar-me o trono de Tróia ... Um belo dilema, para alguém que tinha nas veias o mesmo sangue de Príamo ...

Encaminhei-me para o pátio grande da cidadela e por aí vaguei, consumido pelo ódio que votava a Príamo, desejando que Tróia fosse minha. Até que me dei conta que havia alguém, oculto nas sombras, espiando os meus movimentos. Senti como que um gelo na minha nuca. Príamo odiava-me. Seria capaz de cometer um pecado tão horrendo? Seria capaz de matar um parente próximo?

Concluí que sim - Príamo seria capaz disso e de muito mais. Empunhei o punhal e, oculto pelo altar repleto de flores consagrado a Zeus do Pátio, avancei pé ante pé. Quando estava à distância de pouco mais de um braço do meu espião, saltei para cima dele, tapei-lhe a boca e encostei a lâmina à garganta. Mas os suaves lábios sob a palma da minha mão não eram lábios de homem, tal como não eram de um homem os seios que o meu punhal roçava. Libertei-a imediatamente.

- Pensou que eu era um assassino? - perguntou ela, ofegante.

- É uma estupidez andar por aí oculta pelas sombras, Helena. Encontrei uma lanterna no degrau do altar e acendi-a com o fogo eterno; ergui-a depois e examinei demoradamente a mulher de Páris. Oito anos tinham passado desde a última vez que a vira. Inacreditável! Devia ter trinta e dois anos. Mas as lanternas são amáveis; mais tarde, sob uma luz mais intensa, pude ver os danos que a idade desenhara à volta dos seus olhos, pude sentir a flacidez que se anunciava nos seus seios...

No entanto, por todos os deuses... continuava tão bela! Helena, Helena de Tróia e de Amiclas. Helena, a Sanguessuga. Todo o encanto de Ártemis, a Caçadora, se insinuava na sua pose, toda a delicadeza de traços e toda a sedução lasciva de Afrodite brilhavam no seu rosto. Helena, Helena, Helena...

Só agora, enquanto olhava para ela, é que me dava conta das muitas noites em que a sua imagem irrompera nos meus sonhos, dos muitos sonhos em que ela desapertara a sua cinta cravejada de pedras preciosas e deixara cair as suas saias em torno de uns pés tão brancos como marfim. Helena era Afrodite encarnada, era Afrodite transformada numa forma mortal. Em Helena, eu reconhecia as formas e os traços da deusa que era minha mãe, a mãe que eu nunca vira, a mãe que conhecia apenas graças aos delírios do meu pai, que enlouquecera devido ao seu encontro amoroso com a deusa do amor.

Helena era todos os sentidos encarnados, uma Pandora que sorria e que guardava os seus segredos, escrava e senhora; ela era terra e amor, umidade e ar, fogo misturado com um gelo capaz de abrir as veias a um homem. Ela exibia todo o fascínio da morte e do mistério, ela tornava tudo o mais risível. Pôs a sua mão no meu braço, as unhas polidas brilhando como o interior de uma concha.

- Está em Tróia há quatro luas, mas esta é a primeira vez que o vejo, Enéias. Revoltado e enfurecido, afastei a sua mão.

- Porque haveria eu de procurá-la? Que terei eu a ganhar, nesta corte de Príamo, se me virem a cortejar a Grande Meretriz?

Ela ouviu impassível as minhas palavras, os olhos baixos. As pestanas negras ergueram-se então, os seus olhos verdes fitaram-me gravemente.

- Concorde com tudo isso - disse ela, sentando-se, compondo os folhos da saia que emitiam uma música esbatida. - Aos olhos de um homem - prosseguiu - uma mulher é uma coisa, um objeto. Um objeto que é propriedade sua. Pode abusar dela à vontade sem medo de represálias. As mulheres são criaturas passivas. A autoridade nos é vedada, pois os homens crêem que não temos acesso ao pensamento lógico. Mas somos nós que damos à luz aos homens, ainda que os homens se esqueçam disso.

Bocejei.

- A autocomiseração é algo que não lhe assenta bem - disse.

- Gosto de você - disse ela, sorrindo - porque você vive para as suas próprias ambições. E porque é como eu.

- Como você?

- Sim, como eu... Eu sou um brinquedo nas mãos de Afrodite. Você é o seu filho.

Sôfrega, procurou os meus braços e encheu-me de carícias estonteantes; ergui-a nos meus braços e caminhei com ela pelos silenciosos corredores que conduziam aos meus aposentos privados. Ninguém nos viu. Suponho que a minha mãe - astuta raposa! - nos protegia.

Mesmo quando a intensidade da sua paixão abalava o que de mais fundo havia em mim mesmo, havia uma parte dela que nem sequer sabia da possessão que a consumia - um longínquo recanto do seu ser, reservado e secreto. Partilhamos o mesmo paroxismo de prazer, mas, enquanto me obrigava a desnudar todo o meu espírito, Helena mantinha o seu próprio espírito guardado a sete chaves num qualquer esconderijo e eu não tinha a menor esperança de alguma vez encontrar uma só chave que fosse.

Capítulo Vigésimo Primeiro

Narrado por Agamêmnon

Há muito que o exército recebera ordem de batalha, mas Príamo permanecia no interior das muralhas. Até as surtidas dos destacamentos troianos haviam cessado; as minhas tropas andavam irritadas devido à incerteza e à inação. Não tendo nada a discutir, não convoquei conselho nenhum. Até que Ulisses apareceu.

- Agamêmnon, estaria de acordo em convocar um conselho para hoje ao meio-dia? - perguntou-me.

- Porquê? Não há nada para discutir.

- Não quer saber como é que vamos convencer Príamo a sair?

- O que você está maquinando, Ulisses? Fitou-me com uma expressão divertida, radiante.

- Rei Agamêmnon! Não pode me pedir que te revele os meus segredos neste momento! Seria o mesmo que pedir a imortalidade aos deuses!

- Muito bem. Convocarei o conselho.

- Posso te pedir outro favor?

- Que favor? - perguntei, desconfiado. Ulisses olhava-me com aquele sorriso irresistível a que costumava recorrer sempre que queria de mim qualquer coisa. Fraquejei: que poderia eu fazer quando Ulisses se punha com aquele sorriso? Só poderia dizer que sim a tudo, porque ficava encantado com o maldito sorriso.

- Não quero um conselho geral. Só alguns homens.

- O conselho é seu. Convocarei os homens que desejar. Diga-me os seus nomes.

- Nestor, Idomeneu, Menelau, Diomedes e Aquiles.

- E Calcas?

- Nem pensar!

- Daria tudo para saber porque é que detesta tanto o homem, Ulisses. Se ele fosse um traidor, a esta hora já o saberíamos. Contudo, insiste em excluí-lo de todos os conselhos importantes. Os deuses são testemunhas, Ulisses: Calcas já teve imensas oportunidades para revelar os nossos segredos aos Troianos, mas a verdade é que nunca o fez.

- Calcas ignora alguns dos nossos segredos tanto como você, Agamêmnon. Creio que ele está apenas à espera do segredo decisivo - o segredo capaz de justificar uma traição.

Mordisquei nos lábios, soprei irritado. Por fim, retorqui:

- Muito bem. Calcas não virá.

- Mas atenção: também não lhe pode dizer que vai haver um conselho. E mais: logo que estejamos reunidos, quero as portas e as janelas seladas com tábuas e um cordão de guardas à volta de todo o edifício.

- Ulisses! Não acha que está exagerando? Havia uma malícia evidente no seu sorriso.

- Não quero que Calcas fique mal visto... É por isso que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que esta guerra não dure mais de dez anos.

Os homens que Ulisses convocou estavam à espera de um conselho geral. Quando compreenderam que seríamos apenas sete, não conseguiram esconder a sua curiosidade.

- Porque não convocou Meríona? - perguntou-me Idomeneu, algo irritado.

- E Ájax? - perguntou-me Aquiles, truculento como sempre. Aclarei a voz para a minha breve intervenção.

- Ulisses pediu-me que os convocasse. Ulisses queria um conselho de apenas sete homens. Querem saber a que se deve este barulho? São os guardas que estão pregando tábuas nas portas e janelas desta sala. Por aí podem ver até que ponto os assuntos que vamos tratar são secretos... Exijo por isso que todos jurem o seguinte: tudo o que aqui for dito, não poderá ser repetido fora destas paredes. Nem mesmo durante o sono.

Um a um, todos ajoelharam e juraram. Quando Ulisses começou, era branda a sua voz; um dos seus muitos truques. Começava com uma voz tão suave e tão baixa que tínhamos de fazer um esforço para ouvi-lo; porém, à medida que ia delineando as suas idéias, o volume da sua voz ia também crescendo

- Até que, no fim, ressoava por toda a sala como se fosse um tambor.

- Antes de abordar a razão que me levou a pedir a convocação de um conselho tão restrito - disse ele, numa voz que quase não se ouvia - contarei a alguns dos presentes aquilo que outros já sabem. Mais exatamente: revelarei a verdadeira função da minha prisão no pequeno vale.

Cada vez mais irado e espantado, escutei da boca de Ulisses aquilo que Nestor e Diomedes sempre haviam sabido. Por que estranho motivo nunca nos tínhamos lembrado de investigar o que se passava no pequeno vale? Talvez porque - admiti eu, apesar de me sentir muito ofendido - nenhum de nós estava verdadeiramente interessado em investigar; Ulisses, ao levar consigo os piores soldados, resolvera alguns dos nossos mais graves problemas - livrara-nos daquelas malditas criaturas. E, pelos vistos, não os encarcerara... Não, nada disso: as malditas criaturas eram, agora, os seus espiões!

- Muito bem - disse eu, incapaz de ocultar a minha irritação, quando Ulisses concluiu as suas revelações. - Pelo menos agora sabemos como é que você consegue prever os sucessivos passos do exército troiano. Mas porquê tanto segredo? Eu sou o rei dos reis, Ulisses! Deveria ter-me informado de tudo desde o início!

- Não poderia fazê-lo - retorquiu Ulisses - enquanto favorecesse Calcas.

- Eu continuo a favorecer Calcas.

- Mas não tanto como favorecia...

- Talvez. Talvez. Prossiga, Ulisses. O que é que os seus espiões têm a ver com esta reunião?

- Os meus espiões não têm descansado tanto como o nosso exército - disse ele. - Todos conhecemos os boatos que correm quanto às razões por que Príamo ainda não abandonou as suas muralhas. Segundo o rumor mais corrente, Príamo não teria ainda os reforços de que estava à espera - ou seja, teria ainda menos homens do que nós. Isso não é verdade. Neste momento, Príamo dispõe de setenta e cinco mil homens, mais de dez mil carros. Quando Pentésiléia, a rainha das Amazonas, e Menão, o rei dos Hititas, chegarem, o exército aliado nos superará drasticamente. Além disso, Príamo está erroneamente convencido de que, com alguma sorte, nós conseguiremos reunir apenas quarenta mil homens. Podem ter certeza de que tudo isto é verdade. Consegui introduzir na corte troiana alguns dos meus espiões - e Príamo e Heitor confiam neles.

Deu uma breve volta pela sala, escassamente ocupada e, portanto, livre de obstáculos.

- Antes de avançar, gostaria de falar um pouco do rei de Tróia. Príamo é um homem muito velho e atreito às dúvidas, às vacilações, aos receios e preconceitos dos velhos. Em suma: Príamo não é um Nestor. Que não haja nenhum equívoco quanto a este ponto. Príamo governa Tróia com uma mão muito mais autocrática do que qualquer rei grego - Príamo é, literalmente, o rei de tudo aquilo que os seus olhos vêem. Nem mesmo Heitor, seu filho e herdeiro, se atreveria a dizer-lhe o que deveria ou não fazer. Agamêmnon convoca conselhos. Príamo convoca assembléias. Agamêmnon escuta atentamente aquilo

que nós temos a dizer. Príamo escuta apenas a sua própria voz e as vozes que ecoam aquilo que ele está pensando. Parou e virou-se para nós.

- É neste homem que temos de nos concentrar. A nossa astúcia terá de ser superior à dele. Teremos de saber manipulá-lo sem que ele suspeite sequer de que está sendo vítima da nossa manipulação. Heitor chora enquanto vagueia pelas ameias, contando os seus soldados e vendo-nos acampados nesta praia do Helesponto como fruta madura pronta a ser colhida. Enéias impacienta-se e anseia pelo combate. Antenor, sozinho, nada faz, porque Príamo só faz aquilo que Antenor deseja - e Príamo também nada faz.

Mais uma volta diante das cadeiras; todos os olhos o seguiam.

- Resta-nos saber, portanto, por que razão Príamo não quer a guerra, precisamente numa altura em que teria boas hipóteses de nos expulsar da Tróada. Estará mesmo à espera de Menão e Pentésiléia?

Nestor acenou que sim.

- Sem dúvida - disse. - Um homem tão velho como ele esperaria sempre por mais e mais reforços.

Ulisses respirou fundo; a sua voz começava a crescer.

- Mas nós não podemos permitir-lhe que espere mais tempo! É preciso que suceda qualquer coisa que o convença a sair da cidade, antes que se possa dar ao luxo de perder milhares e milhares de soldados. As minhas fontes de informação são muito melhores do que as de Príamo e posso garantir-lhes que tanto Pentésiléia como Menão chegarão a Tróia antes que a neve do Inverno fechem as estradas do interior. As Amazonas são cavaleiras; portanto, com elas, Tróia disporá de mais de vinte mil soldados de cavalaria. Em menos de dois meses, Pentésiléia estará em Tróia. Menão virá logo a seguir.

Engoli em seco.

- Ulisses, eu não tinha percebido essa possibilidade... Porque é que não me falou disso mais cedo?

- Porque só agora é que pude confirmar as minhas informações.

- Sim, estou vendo... Prossiga, por favor.

- Príamo estará na defensiva apenas por uma questão de prudência, ou haverá mais alguma razão para o fato de protelar a guerra? - perguntou Ulisses, para ninguém em particular. - Não, a prudência não explica tudo. Se não fossem Aquiles e os Mirmidões, Príamo teria já autorizado Heitor a sair da cidade com o seu exército. Príamo receia mais Aquiles e os Mirmidões do que todas as outras nossas tropas juntas. Em parte, os seus receios são motivados por certos oráculos envolvendo Aquiles - oráculos segundo os quais a presença de Aquiles implica necessariamente a destruição da elite troiana. Mas também são motivados por um sentimento que se generalizou entre as hostes troianas: o sentimento de que os Mirmidões são imbatíveis, de que Zeus os criou a partir de um exército de formigas, a fim de dotar Peleu dos melhores soldados do mundo. Bom, todos nós sabemos como são os homens normais - supersticiosos e crédulos. Porém, tudo isto junto significa que Príamo precisa de um bode expiatório - alguém que possa opor a Aquiles e aos Mirmidões.

- Pentésiléia ou Menão? - perguntou Aquiles, com uma expressão grave.

- Pentésiléia. São muitos os mistérios que rodeiam a rainha das Amazonas e as suas guerreiras. Além disso, as Amazonas trazem consigo a magia que só as mulheres possuem. É que Príamo não pode permitir que Heitor combata contra Aquiles. Mesmo que Apolo garantisse uma vitória troiana, Príamo não permitiria que Heitor enfrentasse um homem que, segundo os oráculos, implicará a destruição da elite troiana.

Não havia sinal de alegria no rosto de Aquiles. Apesar disso, não interrompeu Ulisses.

- Aquiles possui dons que são raros - comentou Ulisses. - É um chefe tão capaz como o próprio Ares. E é ele quem comanda os Mirmidões.

Nestor suspirou.

- Se fôssemos todos como ele... - disse. - Ainda é cedo para desesperos, Nestor! - retorquiu Ulisses num tom bem-disposto. - Eu ainda não perdi todas as minhas faculdades.

Diomedes - claro que Diomedes já sabia o que ia se passar, fosse lá o que fosse - sorria. Aquiles observava-me e eu observava-o; Ulisses observava-nos aos dois. Então, sem mais nem menos, bateu com o Bastão no chão com tal violência que todos nós saltamos nas cadeiras, e, quando falou, a sua voz ressoou como o trovão.

- Terá de haver uma disputa entre nós! Fitamo-lo boquiabertos.

- Os Troianos não desconhecem a espionagem - prosseguiu Ulisses num tom mais normal. - Para dizer a verdade, os espiões troianos no nosso acampamento têm-me servido quase tão bem como os espiões que mandei para Tróia. Conheço-os a todos e passo-lhes determinadas informações que eles, como bons espiões que são, transmitem a Polidamas, que os recrutou - um homem interessante, este

Polidamas, embora não seja tão apreciado quanto deveria ser: mais uma razão para agradecermos aos deuses! Claro que os espiões de Polidamas levam apenas aquilo que eu os deixo levar - nomeadamente, a falsa informação de que temos um total insignificante de soldados. Porém, nestas últimas luas, tenho-os encorajado a transmitir a Polidamas uma informação muito particular... Tão particular que me sinto tentado a incluí-la no campo do mero mexerico...

- Mexerico? - perguntou Aquiles, com o sobrolho muito franzido.

- Sim, mexerico. As pessoas adoram acreditar em mexericos....

- Que mexericos? - perguntei.

- Mexericos que são verdade: que não existe nem sombra de amizade entre Agamêmnon e Aquiles.

Creio que parei de respirar mais tempo do que devia, pois tive de inspirar de súbito e muito audivelmente.

- Nem sombra de amizade entre mim e Aquiles... - disse eu, lentamente.

- Exato - disse Ulisses, satisfeito consigo mesmo. - Sabe, Agamêmnon, é que os soldados adoram falar dos seus superiores. E todos eles sabem que tem havido sérias divergências entre vocês. Ultimamente, tenho espalhado o boato de que o vosso relacionamento se tem deteriorado - e de que maneira!

Aquiles levantou-se de um salto. O rapaz estava lívido.

- Não gosto nada desses mexericos, Ulisses de Ítaca! - exclamou ele, furioso.

- Não esperava que gostasse, Aquiles. Mas sente-se, faça o favor! - Ulisses calou-se por um momento; tinha um ar pensativo. - Tudo aconteceu nos últimos dias do Outono, quando os despojos de Lirnesso foram divididos em Andramítio. - Suspirou. - É um espetáculo muito triste, quando dois grandes homens se engalfinham por causa de uma mulher ... !

Agarrei-me aos braços da cadeira para não me levantar e olhei para Aquiles, meu companheiro de mortificação; havia nos seus olhos um negrume que não deixava margem para dúvidas.

- Claro que é inevitável que uma tão pronunciada inimizade tenha um desfecho pouco agradável - prosseguiu Ulisses, como se estivesse a ter a mais normal das conversas. - Ninguém ficará surpreendido se houver entre vocês uma rija disputa...

- Por causa de quê? - perguntei. - Por causa de quê?

- Um pouco de paciência, Agamêmnon! Primeiro, terei de explanar detalhadamente os acontecimentos de Andramítio. O Segundo Exército, em sinal de respeito, lhe ofereceu uma prenda muito especial: uma moça chamada Criseida, cujo pai era sumo-sacerdote de Apolo Esminteu em Lirnesso. Criseu envergou armadura, empunhou uma espada e foi morto em combate. Agora, porém, Calcas anda dizendo que os augúrios são muito adversos - e que só melhorarão caso a moça fique sob a custódia dos sacerdotes de Apolo em Tróia. Pelos vistos, incorremos na ira do deus, se Criseida não for devolvida.

- Isso é verdade, Ulisses - disse eu, encolhendo os ombros. - Contudo, como disse a Calcas, não vejo de que modo Apolo poderá castigar-nos mais. Apolo está completamente do lado de Tróia. Criseida agrada-me. Não tenho a menor intenção de desistir dela.

Ulisses fez um irônico "Tch!" e prosseguiu:

- Reparei, contudo, que a tua oposição irrita sobremaneira Calcas. Estou por isso certo de que o nosso sacerdote continuará a exortar-nos a que mandemos para Tróia a moça. E, para ajudá-lo, creio que seria boa idéia se houvesse um surto de peste no nosso acampamento. Tenho uma erva que deixa um homem muito doente durante cerca de oito dias, após o que recupera completamente. Verdadeiramente impressionante! Aos primeiros sinais de peste, Calcas te pedir-á, mais ou menos diariamente, que devolva Criseida a Tróia. E, perante a violência da ira de Apolo, consubstanciada na temível doença, você, Agamêmnon, acabará por ceder!

- Mas onde é que tudo isso vai dar? - perguntou Menelau, exasperado.

- Prometo que em breve saberá. - Ulisses concentrou-se em mim.

- Contudo, Agamêmnon, você não é propriamente um príncipezinho insignificante. - portanto, não se conformará com o fato de te ser retirado, de uma forma tão arbitrária, um prêmio absolutamente legal. Você é o rei dos reis. Logo, terá de ser compensado. Poderá argumentar que, se foi o Segundo Exército quem te ofereceu a moça, terá de ser o Segundo Exército a substituí-la. Ora bem: havia entre os despojos de Lirnesso uma outra moça, a qual foi atribuída - de uma forma particularmente arbitrária - a Aquiles. Chama-se Briseida, essa jovem. Todos os reis, mais duzentos oficiais de alta patente, perceberam que o nosso rei dos reis teria preferido Briseida a Criseida. E os mexericos espalham-se depressa, Agamêmnon. Atualmente, todo o exército sabe que você teria preferido Briseida. No entanto, todos sabem também que Aquiles desenvolveu uma extrema afeição por Briseida e que não gostaria nada que o separassem dela.

Aos soldados, bastou-lhes olharem para Pátrocles para logo perceberem o que se passava: o pobre Pátrocles anda com uma cara que é a própria encarnação da tristeza.

- Ulisses, está entrando em terreno perigoso - disse eu, antes que Aquiles conseguisse falar.

Ulisses ignorou-me.

- Você e Aquiles - disse - vão brigar por causa de uma mulher. Sempre achei que as brigas por causa de mulheres são um fato facilmente aceito por todas as pessoas - não esqueçamos que tais disputas são extremamente comuns e causaram mesmo a morte de muitos homens. Se me permite a liberdade, meu caro Menelau, creio que poderíamos incluir Helena nesse catálogo.

- Não o permito! - rosnou o meu irmão. Ulisses pestanejou. Ah, mas que patife! Quando lhe davam a rédea toda, não havia quem o detivesse.

- Eu próprio - disse ele, visivelmente divertido - tratarei de inventar uns quantos presságios nas barbas do nosso augusto sacerdote. Eu próprio fabricarei a falsa peste. Uma coisa prometo desde já: a doença enganará até Podalírio e Macáon! Ao fim de um dia, o terror se espalhará pelo nosso acampamento. Agamêmnon: logo que te informem da gravidade da doença, chamará Calcas e lhe perguntará por que motivo o deus está irado. Ele vai adorar. E adorará ainda mais, quando você solicitar um augúrio público. Diante de todos os oficiais superiores do nosso exército, Calcas exigirá que envie Criseida para Tróia. A sua posição será absolutamente insustentável. Terá de concordar com a exigência de Calcas. Contudo, estou certo de que ninguém o censurará se ficar ofendido com as gargalhadas de Aquiles. Gargalhadas no meio de um augúrio público? É de pasmarr!

Por esta altura, estávamos já sem fala, embora eu duvide que Ulisses tivesse parado mesmo que Zeus houvesse lançado um raio a seus pés.

- Como é evidente, o rei dos reis ficará furioso. E exigirá que Aquiles lhe dê Briseida. Depois, apelará para os oficiais superiores - a oferta do Segundo Exército foi-lhe retirada; logo, Aquiles terá de compensá-lo, oferecendo-lhe Briseida. Aquiles dirá que não, mas a sua posição será tão insustentável como a do rei dos reis quando Calcas lhe pediu Criseida. Aquiles terá de desistir de Briseida - e o fará ali mesmo, sem mais demora. Porém, depois de ter entregado a moça a Agamêmnon, lhe lembrará que nem ele, nem o seu pai, juraram o Juramento do Cavalo Esquartejado. Diante de toda a assembléia, Aquiles anunciará a sua retirada da guerra. - Ulisses desatou num riso que só ao fim de algum tempo conseguiu controlar. - Tenho um retiro especial reservado para um certo Troiano que eu conheço. No dia seguinte, toda a cidade de Tróia saberá da briga.

Estávamos como homens transformados em pedra pelo olhar de Medusa. Quanto às tempestades de emoções que Ulisses provocara nos outros, poderia apenas conjecturar; as minhas próprias tempestades já eram suficientemente medonhas. Pelo canto do olho, vi Aquiles mexer-se, e concentrei nele a minha atenção, impaciente por saber como reagiria o jovem. Nunca conhecera um homem como Ulisses, capaz de buscar os mais secretos túmulos tantos e tantos esqueletos secretos e de os exibir diante de todos. Pela Mãe, Ulisses era uma criatura verdadeiramente brilhante!

Fiquei espantado com Aquiles: o rapaz, afinal, não estava furioso! Nos seus olhos, havia apenas admiração.

- Que espécie de homem és você, Ulisses, para conseguir projetar tão profunda desordem? É um plano hediondo - e assombroso! Contudo, tem de admitir que nem eu nem Agamêmnon sairemos beneficiados. As nossas duas carcaças serão cobertas de ridículo e desprezo, se fizermos aquilo que pretende. E, se quer saber, devo dizer que não renunciarei a Briseida, nem que, por isso, tenha de morrer.

Nestor pigarreou um pouco.

- Você não vai renunciar a nada, Aquiles. As duas jovens ficarão sob a minha custódia e comigo permanecerão enquanto o plano de Ulisses não atingir o desfecho pretendido. As levarei para um local secreto. Ninguém saberá onde estão. Incluindo Calcas.

Aquiles não estava convencido.

- Uma oferta justa, Nestor, e uma oferta em que confio. Mas com certeza que entende por que razão eu não gosto deste plano. Que acontecerá se conseguirmos enganar Príamo? Sem os Mirmidões na linha da frente, sofreremos perdas fatais. Não posso gostar de um plano que põe em perigo tantas vidas. - Fez uma breve pausa, cismando. - E Heitor? Eu jurei aos deuses que havia de matá-lo... E se ele morrer enquanto eu não estiver no campo de batalha? E quanto tempo é que eu vou estar longe do campo de batalha?

Ulisses respondeu.

- Sim, nós perderemos soldados que não perderíamos se os Mirmidões estivessem conosco. Mas os Gregos não são guerreiros inferiores. Não tenho a mínima dúvida de que nos sairemos bastante bem.

Por ora, não responderei à mais importante das tuas questões - quanto tempo terá de se ausentar do campo de batalha. Prefiro falar primeiro da eventualidade de Príamo abandonar as suas muralhas. Respondam-me, se puderem: que acontecerá se esta guerra se arrastar por muito mais tempo? Que acontecerá se os nossos homens envelhecerem sem a esperança de voltarem a ver os seus lares? Que acontecerá se Príamo sair apenas quando Pentésiléia e Menão chegarem? Com ou sem Mirmidões, seremos arrasados. - Sorriu e continuou. - Quanto a Heitor, há de viver o tempo suficiente para combater contigo, Aquiles. Estou certo e seguro disso.

Nestor levantou-se para falar.

- A primeira saída de todo o exército troiano será, para Tróia, um passo fundamental - disse. - Depois desse passo dado, voltarão a sair das suas muralhas. Se sofrerem pesadas baixas, Príamo receberá a informação de que as nossas baixas foram ainda mais graves. Quando conseguirmos atraí-los ao campo de batalha, o dique rebentará. Não descansarão enquanto não nos expulsarem de Tróia, ou enquanto o último dos troianos não estiver morto.

Aquiles estirou os braços, os músculos enormes movendo-se sob a pele.

- Ulisses, duvido que tenha a força de caráter suficiente para me abster de combater enquanto todo o exército corre para o campo de batalha. Há dez anos que espero pela guerra. E há outros fatores a ter em conta. Que dirão os soldados de um homem que os abandona num momento tão difícil, unicamente por causa de uma mulher - que dirão os meus mirmidões?

- Não te farão elogios, Aquiles: quanto a isso não tenho a menor dúvida retorquiu Ulisses, num tom sério. - Para fazer aquilo que te peço, terá de ter um tipo de coragem muito especial. Muito mais coragem do que aquela que seria precisa para atacar a Cortina Ocidental amanhã. Que não haja equívocos! Aquiles não exagerou: a realidade será tão dura como o quadro que ele descreveu! Muitos serão aqueles que o insultarão, Aquiles. Muitos serão aqueles que o insultarão, Agamêmnon. Alguns o amaldiçoarão. Alguns cuspirão para o chão à vossa passagem.

Com um sorriso irônico, Aquiles fitou-me, mas havia no seu olhar alguma compaixão. Ulisses conseguira aproximar-nos mais do que eu julgaria ser possível depois do que sucedera em Áulida. A minha filha! A minha pobre filha! Quietos e frios, antevi o odioso papel que teria de representar. Se Aquiles ia fazer o papel do fantoche arrebatado, que espécie de fantoche ia eu representar? Seria fantoche a palavra certa? Talvez "idiota" fosse mais adequada.

Nesse exato instante, como que anunciando que acabara de tomar uma decisão, Aquiles deu uma forte palmada na coxa.

- A tarefa que nos propõe é extremamente pesada, Ulisses. Porém, se Agamêmnon tiver a humildade de aceitar carregar sobre os seus ombros a sua parte deste fardo, como poderei eu recusar?

- Qual é a sua decisão, Agamêmnon? - perguntou-me Idomeneu, num tom que sugeria que nunca estaria de acordo com uma resposta positiva da minha parte.

Abanei a cabeça, pousei o queixo sobre a mão e pensei, pensei, enquanto todos os outros me observavam. Aquiles interrompeu as minhas cogitações, dirigindo-se de novo a Ulisses.

- Responde agora à mais importante das minhas perguntas, Ulisses quanto tempo?

- Precisaremos de dois ou três dias para atrair os Troianos ao campo de batalha.

- Isso não é resposta. Quanto tempo é que eu terei de ficar à margem dos acontecimentos?

- Proponho que ouçamos primeiro a decisão do rei supremo. Agamêmnon, que decidiu?

Deixei cair a mão que me amparava o queixo.

- Eu o farei, desde que seja observada uma condição. Cada um dos homens presentes nesta sala terá de jurar solenemente que cumprirá tudo o que aqui for acordado, até ao dia do desfecho final - seja qual for esse desfecho. Ulisses é o único que poderá nos guiar através deste labirinto - tais planos, tais intrigas, tais tergiversações, nunca se coadunaram com a posição dos reis supremos de Micenas; digamos que são um domínio mais próprio dos reis ilhéus. Estão todos de acordo quanto ao juramento?

Estavam todos de acordo. Como não havia nenhum sacerdote presente, juramos pelas cabeças dos nossos filhos varões, pela sua capacidade em procriar e pela perpetuação das nossas linhagens. Um juramento mais tremendo ainda do que o do Cavalo Esquartejado.

Ulisses, peço agora que conclua - disse Aquiles.

- Eu me encarregarei de Calcas. Farei com que ele faça aquilo de que estamos à espera e que nunca saiba de que estávamos à espera disso mesmo. Calcas acreditará em si mesmo tão completamente como o jovem e pobre pastor escolhido entre a multidão para desempenhar o papel de Dioniso durante as festas das Ménades. Aquiles: depois de ter entregue Briseida a Agamêmnon e dito a tua parte, pegará os teus oficiais mirmidões e com eles regressará sem demora à sua base. Ainda bem que insististe em

construir uma estacada à volta do teu acampamento! O seu isolamento se tornará ainda mais evidente. Proibirá os mirmidões de abandonarem o seu acampamento. Você próprio não o abandonará. A partir desse momento, receberás visita, mas nunca visitará ninguém. Todos pensarão que as visitas tentarão demover-te. Em todas as circunstâncias, e diante de todos os teus amigos mais próximos, deverá pôr um ar verdadeiramente furioso - o ar de um homem que se sente profundamente magoado e desiludido - de um homem que sente ter sido vítima de uma tremenda injustiça - de um homem que preferiria morrer a reatar o seu relacionamento com Agamêmnon. Até mesmo Pátrocles terá de te ver assim: furioso, magoado, desiludido. Entendido?

Aquiles aquiesceu gravemente; agora que tudo estava decidido e que o juramento fora feito, parecia resignado.

- Continuo à espera da tua resposta, Ulisses - disse ele. - Quanto tempo?

- Só intervirá no último, no derradeiro momento - disse Ulisses. - Heitor deve ficar absolutamente convencido de que a sua vitória é certa - e o pai dele também! Estica a corda tanto quanto for possível, Aquiles! Quanto mais esticar a corda, tanto maior será o efeito de surpresa - tanto maior será o pânico! Os próprios mirmidões retomarão a ação antes de você. - Respirou fundo, prosseguiu. - Ninguém pode prever o que acontecerá no campo de batalha. Nem mesmo eu. Porém, há coisas que são praticamente certas. Por exemplo: sem o apoio dos mirmidões, seremos arrastados para dentro do nosso próprio acampamento. Heitor irromperá pela nossa muralha defensiva e chegará aos nossos navios. Posso contribuir para que as coisas se passem assim, recorrendo a alguns dos meus espiões no seio das nossas tropas. Eles podem, por exemplo, semear o pânico - e o pânico contribuirá decisivamente para uma retirada. Cabe a você decidir o momento exato em que deverá intervir. No entanto, deixe que, de início, seja Pátrocles a conduzir os mirmidões. Desse modo, os troianos pensarão que a sua decisão é absolutamente irreversível. Eles conhecem os oráculos, Aquiles. Eles sabem que nós não conseguiremos derrotá-los se você não estiver do nosso lado. Por isso, meu amigo, estica a corda o máximo que puder! Corra para o campo de batalha no último, no derradeiro momento!

Depois disto, pouco mais haveria para dizer. Idomeneu levantou-se, encarando-me com uma expressão solidária; ninguém entendia tão bem como ele quão duro seria para Micenas suportar tão extrema humilhação. Nestor concedeu-nos a todos o seu afável sorriso - claro que Nestor já estava a par de tudo antes de a reunião ter começado. Tal como Diomedes, que exibia um sorriso de orelha a orelha - divertia-se com a perspectiva de ver os outros desempenhando o papel de bufão.

Só Menelau falou.

- Posso lhes dar um conselho?

- Claro que pode, Menelau! - exclamou Ulisses, num tom francamente caloroso. - Somos todos ouvidos!

- Calcas. Contem-lhe o segredo. Se ele souber, as nossas dificuldades diminuirão drasticamente.

Ulisses deu um murro na palma da sua outra mão.

- Não, não e não! Calcas é troiano! Não podemos confiar num homem que nasceu de uma mulher inimiga, e num país inimigo, quando estamos combatendo na sua própria terra e temos todas as probabilidades de vencer!

- Tem toda a razão, Ulisses - disse Aquiles. Não fiz qualquer comentário. Deixei os meus pensamentos para mim mesmo apenas. Durante anos, defendera Calcas. Contudo, qualquer coisa mudara em mim naquela manhã - não sabia exatamente o quê. Calcas estivera no centro de uma série de acontecimentos muito graves... Fora ele quem me forcara a sacrificar a minha própria filha - e, por isso mesmo, a atrair a hostilidade de Aquiles. Bom, se Calcas era realmente um homem indigno da minha confiança, isso se veria no dia do meu teatral rompimento com Aquiles. É que, apesar de toda a sua cautelosa inexpressividade, o seu rosto acabaria sempre por trair o prazer que lhe ia na alma - isto é, se de fato ele sentisse algum prazer. Ao fim de tantos anos, eu já o conhecia.

- Agamêmnon - queixou-se o meu irmão, despertando-me dos meus pensamentos -, estamos presos! Por favor, ordene aos soldados que nos deixem sair!

Capítulo Vigésimo Segundo

Narrado por Aquiles

Temendo enfrentar aqueles que amava e não ser capaz de guardar segredo, regressei com um passo mais do que lento ao acampamento mirmidão. Pátrocles e Fênix estavam sentados a uma mesa, gozando o sol de Tróia e jogando, divertidíssimos, às pedrinhas.

- Que aconteceu? Algo de importante? - perguntou Pátrocles e levantou-se para pôr o seu braço por cima dos meus ombros. Uma coisa que ele sentia cada vez mais a tentação de fazer, desde que Briseida surgira na minha vida - o que era lamentável. Não ganhava nada em proclamar publicamente que eu lhe pertencia, além do que me irritava solenemente. Era como se estivesse tentando culpar-me - eu sou teu primo direto e também teu amante; portanto, não pode abandonar-me assim sem mais nem menos, só porque agora tem um brinquedo novo.

Dei aos ombros para afastar o seu abraço.

- Não se passou nada. Agamêmnon queria saber se estávamos tendo dificuldades em controlar os soldados. Fênix pôs um ar surpreso.

- Para isso, não precisava convocar um conselho. Bastava-lhe dar uma volta pelo acampamento.

- Vocês conhecem o nosso imperial suserano... Há mais de uma lua que não convocava nenhum conselho - ele receia um abrandamento do seu controlo sobre os restantes chefes.

- Mas porque é que só convocou a ti, Aquiles? Creio que sou um elemento útil em todos os conselhos, pois sou eu quem serve o vinho e vela pelo conforto geral - disse Pátrocles com um ar magoadado.

- Foi um grupo muito restrito.

- Calcas estava presente? - perguntou Fênix.

- Calcas não está muito bem visto neste momento.

- Por causa de Criseida? Seria melhor se calasse quanto a esse assunto disse Pátrocles.

- Talvez pense que, de tanto insistir, acabará por conseguir aquilo que pretende - disse eu, casualmente.

Pátrocles ficou surpreso.

- Crê que sim? Não me parece...

- Vocês não terão nada de mais importante para fazer do que jogar às pedrinhas? - perguntei, para mudar de assunto.

- Haverá coisa mais agradável do que jogar às pedrinhas, num dia tão bonito como este? Num dia em que os Troianos continuarão encarcerados nas suas muralhas? - perguntou Fênix. Fitou-me com um olhar manhoso. - Esteve fora toda a manhã, Aquiles. É muito tempo para uma reunião tão banal.

- Ulisses estava em boa forma.

- Sente-se aqui conosco - pediu Pátrocles, afagando-me o braço.

- Agora não. Briseida está em casa? Nunca vira Pátrocles furioso; de súbito, porém, uma raiva imensa ardia-lhe nos olhos; tremiam-lhe os lábios, mordeu-os.

- Onde é que ela havia de estar senão em casa? - atirou-me e logo me virou costas e sentou-se à mesa. - Vamos jogar? - propôs a Fênix, que aquiesceu todo contente.

Chamei por ela mal entrei. Briseida abriu imediatamente uma porta interior e correu para os meus braços.

- Teve saudades minhas? - perguntei eu, vaidosamente.

- Pareceram-me dias e não uma manhã!

- Quer me parecer que foi meio ano... - Suspirei, pensando no que se passara naquela sala entaipada.

- Com certeza que bebeu mais do que o costume durante o conselho, mas... quer que te traga o vinho?

Olhei para ela, surpreso.

- Para dizer a verdade, não bebemos vinho nenhum.

O riso transbordava nos seus olhos de um azul muito intenso.

- Foi uma reunião absorvente!

- Aborrecida.

- Coitadinho! Agamêmnon não te deu de comer?

- Não. Olha, seja uma boa menina e traga-me qualquer coisa para comer, está bem?

Briseida desatou numa azáfama para me servir, chilreando como um pardal, enquanto eu a observava, dizendo para mim mesmo que ela possuía o mais encantador dos sorrisos, um andar dos mais graciosos, um colo cuja suavidade só encontrava paralelo nas formas do cisne. A guerra contém em si uma perpétua ameaça de morte; contudo, Briseida parecia ignorar por completo que sobre as cabeças de muitos homens pairava naquele momento a sentença final; a verdade é que eu nunca lhe falava de guerra.

- Viu Pátrocles lá fora, no sol?

- Vi.

- Mas preferiu vir ter comigo - disse ela, toda satisfeita, provando que a rivalidade não era meramente unilateral. Passou-me o pão quente e um prato de azeite para eu molhar o pão.

- Aqui está, acabou de sair do forno.

- Foi você que o fez? - perguntei.

- Sabe perfeitamente que eu não sei fazer pão, Aquiles.

- Claro. Você não domina as artes femininas.

- Me diga isso esta noite, quando baixarmos as cortinas da nossa porta e eu estiver na sua cama - respondeu-me ela, serenamente.

- Muito bem. Admito que domina pelo menos uma das artes femininas. Mal acabei de dizer isto, sentou-se ao meu colo, pegou na mão que eu tinha livre e enfiou-a na blusa larga que trazia, oferecendo-me o seu seio esquerdo.

- Amo-te tanto, Aquiles!

- Eu também te amo muito, Briseida. - Pus a minha mão no seu cabelo e ergui-lhe o rosto para que ela olhasse para mim. - Briseida, gostaria que me fizesses uma promessa.

Nos olhos dela, não havia nenhum sinal de ansiedade.

- Tudo o que quiser.

- Que faria, se eu te mandasse embora e te ordenasse que pertencesse a outro homem?

A boca dela tremeu.

- Se fossem essas as suas ordens, obedeceria.

- E que pensaria de mim?

- O mesmo que penso agora. Haveria certamente uma razão para me dar tais ordens. Ou então, seria por estar farto de mim.

- Eu nunca me fartarei de você. No tempo que me restar de vida, nunca me fartarei de você. Há coisas que não podem mudar nunca.

A cor regressou num ápice às suas faces.

- É também isso que eu penso. - E desatou a rir. - Peça-me para fazer uma coisa fácil, como morrer por você.

- Antes de irmos para a cama?

- Bom, então... pode ser amanhã?

- Ainda não te disse qual era a promessa que queria que fizesses.

- Então qual é? Por um instante, os meus dedos brincaram com uma madeixa do seu magnífico cabelo. Por fim, disse-lhe: - Quero que me prometa que, se alguma vez eu te parecer a mais estúpida das criaturas, ou a mais desumana, mesmo assim continuará a acreditar em mim.

- Acreditarei sempre em você. - Apertou um pouco mais a minha mão contra o seu seio. - Eu também não sou estúpida, Aquiles. Já percebi que há qualquer coisa que te perturba.

- Se há, não poderei dizer. Ao ouvir isto, Briseida mudou de assunto - e nunca tentou sequer arrancar-me fosse o que fosse.

Nenhum de nós se dava conta de como Ulisses andava a cumprir as tarefas que se havia proposto; sabíamos que a mão dele estava manipulando os cordéis; contudo, não víamos nem sinal dessa mão. Fosse como fosse, o certo é que todo o exército comentava que a hostilidade entre mim e Agamêmnon atingira um ponto crítico, que Calcas se mostrava cada vez mais obstinado no que tocava à necessidade de devolver Criseida a Tróia e que Agamêmnon estava prestes a perder a paciência.

Três dias após o conselho, estes temas de conversa depressa foram esquecidos. A catástrofe abatera-se sobre o nosso acampamento. De início, os oficiais tentaram silenciar o caso; porém, ao fim de pouco tempo, havia tantos homens doentes que seria impossível escondê-los. A medonha palavra passou de boca em boca: peste, peste, peste! Num só dia, quatro mil homens adoeceram; no dia seguinte, mais quatro mil doentes - uma multidão clamando pelos cuidados dos médicos. Fui ver alguns dos meus homens afetados pela falsa peste - e supliquei a Latona e a Ártemis que guiassem Ulisses. Saberia ele realmente o que estava fazendo? Os meus homens estavam febris, deliravam; a sua pele cobrira-se de uma estranha

irritação que exsudava um estranho fluido; e eram tão violentas as dores de cabeça que eles não conseguiam conter as lágrimas. Falei com Macáon e Podalírio, que se mostraram peremptórios: aquilo era peste.

Pouco depois, encontrei por acaso o próprio Ulisses. Exibia um sorriso radiante.

- Uma coisa tem de admitir, Aquiles - disse-me ele. - Enganei os filhos de Asclépio!

- Espero que não tenha se excedido - retorqui azedamente.

- Sossegue: não haverá nenhuma baixa. Estarão todos em perfeitas condições de saúde quando deixarem o hospital.

Abanei a cabeça, exasperado com o fato de, no meio de tão grande aflição, Ulisses estar todo satisfeito consigo mesmo!

E vão deixar o hospital de Macáon e Podalírio no preciso momento em que Agamêmnon obedecer a Calcas e desistir de Criseida. É isso, não é? Uma recuperação miraculosa - operada pelo deus! Só que, desta feita, será um falso deus!

- Não diga isso demasiado alto - pediu-me ele, e logo se afastou para tratar dos doentes com as suas próprias mãos, desse modo ganhando uma imerecida reputação de homem corajoso: tão corajoso que nem a peste temia...

Quando Agamêmnon pediu a Calcas um augúrio público, o exército suspirou de alívio. Ninguém duvidava que o sacerdote insistiria na devolução de Criseida; os corações dos homens começaram a sentir algum consolo perante a possibilidade de a epidemia chegar ao seu fim.

Um augúrio público implicava a presença de todos os oficiais do exército com um cargo superior ao de mero chefe de esquadrão. Concentraram-se no espaço destinado às assembleias; seriam cerca de mil, formados atrás dos reis, todos de frente para o altar; a maior parte deles, evidentemente, eram familiares dos reis, alguns mesmo muito próximos.

Só Agamêmnon estava sentado. Quando passei diante do seu trono, fitei-o com ar de poucos amigos e não ajoelhei. Os espectadores repararam no meu comportamento; não havia rosto em que não se lesse uma preocupação sincera. Pátrocles chegou mesmo a levar a mão ao meu braço, advertindo-me contra o desrespeito demonstrado, mas eu afastei-lhe a mão com um gesto furioso. Depois, ocupei o meu lugar, ouvi Calcas dizer que a peste só cederia se dêssemos a Apolo aquilo que Apolo queria - Criseida. Agamêmnon teria de mandá-la para Tróia.

Nem eu nem Agamêmnon precisávamos nos exceder no desempenho dos nossos papéis; bastava que não saíssemos da teia tecida por Ulisses - bastava que obedecêssemos às suas odiosas instruções. Desatei a rir de Agamêmnon e ele vingou-se do meu escárnio, ordenando-me que lhe desse Briseida. Afastando brutalmente Pátrocles (o pobre coitado estava frenético de ansiedade), abandonei o local, encaminhando-me imediatamente para o acampamento mirmidão. Briseida olhou para o meu rosto e nada disse, ainda que os seus olhos estivessem marejados de lágrimas. Regressamos em silêncio ao local onde decorria a assembleia. Então, diante de todos os reis e oficiais superiores, entreguei-a a Agamêmnon. Nestor ofereceu-se imediatamente para tomar conta das duas moças e para conduzi-las aos seus respectivos destinos. Ao afastar-se, Briseida virou-se para me ver uma última vez.

Quando disse a Agamêmnon que retiraria e que as minhas tropas não participariam na guerra, fi-lo como se acreditasse piamente em tudo o que estava dizendo. Nem Pátrocles nem Fênix duvidaram, por um instante que fosse, da minha sinceridade. Representada a minha parte, dirigi-me sem mais delongas para o acampamento mirmidão; eles que me seguissem, se quisessem.

A casa estava cheia de ecos, vazia sem Briseida. Evitando Pátrocles, caminhei furtivamente todo o dia pelas várias divisões, sozinho com a minha vergonha e tristeza. À hora da ceia, Pátrocles veio ter comigo. Comemos os dois juntos, mas, de início, não trocamos uma única palavra. Pátrocles recusava-se a falar comigo.

Acabei por ser eu a quebrar o terrível silêncio.

- Primo, não consegue compreender, não é? Com os olhos nublados pelas lágrimas, Pátrocles fitou-me.

- Não, Aquiles, não consigo. Desde que aquela moça apareceu, você se transformou numa outra pessoa. Hoje, tomou uma decisão em nome de todos nós, quando não tinha o direito de decidir sem nos consultares previamente. Só o nosso rei supremo poderia fazer uma coisa dessas - e Peleu nunca o fez, nem faria. Não é digno do pai que tens, Aquiles.

Ah, magoavam-me tanto aquelas palavras!

- Poderá perdoar-me, já que não consegue compreender-me?

- Só te perdoo se for ter com Agamêmnon e retirar aquilo que disse.

- Retirar aquilo que disse? Enlouqueceu? Agamêmnon insultou-me de uma forma intolerável!
- Um insulto inteiramente merecido! Se não tivesse escarnecido dele, Agamêmnon nunca teria se lembrado de você e de Briseida! Seja justo! Comportou-se como se tivessem arrancado o coração, por te terem tirado Briseida - nunca te ocorreu que Agamêmnon poderia sentir exatamente o mesmo por lhe tirarem Criseida?

- Quem, Agamêmnon? Aquele tirano não tem sentimentos!
- Aquiles, por que razão se mostra tão obstinado?
- Obstinado, eu? Essa é boa! Pátrocles juntou as mãos, pasmado.
- Ah, isto é inacreditável ... ! É a influência dela, só pode ser ... ! O que ela não te terá feito para te pôr nesse estado ... !

- Percebo perfeitamente que tenha essa visão, Pátrocles, mas a sua visão não corresponde à verdade. Perdoe-me, Pátrocles, é tudo o que te peço.

- Não posso te perdoar - disse ele, e foi embora. O ídolo Aquiles caíra finalmente do seu pedestal. Ulisses estava coberto de razão: os homens acreditavam que as mulheres eram mesmo capazes de provocar os mais terríveis conflitos.

Ulisses visitou-me na noite seguinte, fazendo o possível por não chamar a atenção. Fiquei tão contente por ver um rosto amigo que o saudei de um modo quase febril.

- Desprezado pelos seus próprios homens? - perguntou-me. Sim. Nem mesmo Pátrocles quer me ver.

- Bom, a reação de Pátrocles não tem nada de surpreendente... Mas anime-se, Aquiles, anime-se! Dentro de poucos dias, regressará ao campo de batalha e será absolvido de todas as acusações.

- Absolvido... Uma palavra interessante... No entanto, ocorreu-me há pouco algo que deveria ter-me ocorrido durante o conselho. Se tivesse me lembrado disso, nunca teria concordado com o teu plano.

- Como assim? Ulisses parecia saber o que eu ia dizer. Que vai acontecer a todos nós, Ulisses? Muito naturalmente, todos presumimos que, se o plano der certo - e resta saber se dará! -, poderíamos, no fim de tudo, revelá-lo a todas as pessoas. Percebo agora que nunca poderemos contar aos nossos homens a maquinação que criamos. Tanto os oficiais como os soldados censurariam tal expediente. Concluiriam que recorremos a meios demasiado cruéis para atingirmos os nossos fins. Veriam apenas os rostos dos homens que hão de morrer para que esses fins sejam alcançados. Tenho razão, não tenho?

Ulisses esfregou o nariz com um ar pesaroso.

- Perguntava-me quem seria o primeiro a descobrir isso - se você, se Agamêmnon. Apostei em você - e voltei a ganhar.

- Você nunca perde, Ulisses ... ! Mas diga-me uma coisa: a minha conclusão é correta, ou tem em mente uma solução capaz de deixar todos felizes?

- Essa solução não existe, Aquiles. Consegui ver aquilo que deveria ter enxergado durante o nosso conselho. Se por acaso o teu peito albergasse um pouco menos de paixão, têria visto na sala do conselho. Não, Aquiles, o nosso plano nunca poderá ser revelado. Teremos de levar o segredo conosco para o túmulo, tanto mais que estamos presos ao juramento que Agamêmnon sugeriu - poupando-me assim o trabalho de ser eu próprio a sugeri-lo e poupando-me a perguntas que eu teria a maior dificuldade em responder - disse-me ele com um ar grave.

Cerrei os olhos.

- Ou seja: enquanto for vivo, e depois de descer ao túmulo, Aquiles será visto pela humanidade como um fanfarrão egoísta, tão inchado consigo mesmo, tão estupidamente obcecado com a sua própria importância, que permitiu que inúmeros soldados perecessem - e unicamente para satisfazer o seu orgulho ferido!

- Sim.

- Devia cortar a cabeça que é capaz de tão tortuosas maquinações! Graças a você, terei de carregar sobre os meus ombros um fardo de vergonha e desonra que maculará o meu nome para todo o sempre. Quando, em épocas futuras, os homens falarem de Aquiles, dirão que ele sacrificou tudo por causa do seu orgulho ferido. Espero bem que acabe no Tártaro, Ulisses!

- Não tenho qualquer dúvida de que será esse o meu fim depois do fim - retorquiu ele, muito pouco preocupado e ainda menos impressionado. - Não é o primeiro homem que me amaldiçoa, nem será o último. Mas todos nós sofreremos as repercussões daquele conselho, Aquiles. Os homens nunca saberão ao certo o que se passou - mas suspeitarão que a mão de Ulisses esteve por detrás disto tudo. E Agamêmnon? Você será visto como uma vítima de um orgulho desmedido - e ele? Você, pelo menos, foi injuriado. Mas quem injuriou, foi ele.

De súbito, dei conta de quão disparatada era aquela conversa - pois os homens, mesmo quando são tão brilhantes como Ulisses, não passam de meros títeres no imenso teatro a que os deuses presidem.

- Pois bem - disse eu - sempre é uma forma de justiça. Nós merecemos perder as nossas reputações imaculadas. A fim de nos lançarmos nesta desastrada empresa, consentimos em participar num sacrifício humano. É por isso que vamos pagar. E é por causa do que aconteceu em Áulida que eu estou disposto a manter até ao fim este disparate. A minha maior ambição me será assim negada.

- Que ambição?

- Viver nos corações dos homens como o guerreiro perfeito. Heitor, esse sim, será considerado o guerreiro perfeito.

- Não pode ter certeza quanto a isso, Aquiles, mas é possível que os teus bisnetos já a tenha. A posteridade julga-nos de um modo diverso do nosso.

Fitei-o cheio de curiosidade.

- Diga-me uma coisa, Ulisses: nunca sentiu o desejo de ser lembrado por muitas gerações de homens?

Ulisses desatou a rir.

- Não! Eu não me preocupo nada com o que a posteridade dirá ou não dirá de mim! Não me preocupo sequer com a eventualidade de a posteridade conhecer ou não o meu nome. Depois de morto, serei condenado a empurrar eternamente uma rocha para o alto de um monte qualquer do Tártaro ou a nunca chegar ao jarro que contém a água que me saciaria a mais terrível das sedes.

- E eu estarei a seu lado. Por muito que façamos, já é demasiado tarde.

- Quanto a isso, tem toda a razão, Aquiles. Caímos num silêncio profundo, a cortina corrida contra intrusos que nunca viriam apiedar-se do seu orgulhoso chefe. O jarro de vinho estava sobre a mesa.

Enchi os nossos copos e bebemos lentamente, embrenhados nos nossos pensamentos, pois nenhum de nós estava interessado em revelá-los. Sem dúvida que os pensamentos de Ulisses seriam muito mais agradáveis, visto que ele não esperava que a posteridade o premiasse. Embora Ulisses parecesse não acreditar em mais nada para além das penas eternas, achava maravilhoso que fosse capaz de encarar o seu destino com uma confiança tão absoluta.

- Porque veio visitar-me? - perguntei-lhe.

- Porque queria te informar de uma estranha ocorrência antes que outra pessoa o fizesse - respondeu.

- Uma estranha ocorrência?

- Hoje de manhã, alguns soldados foram pescar para as margens do Simoente. Quando o Sol nasceu, viram qualquer coisa sendo levada pela corrente.

O corpo de um homem. Correram a chamar o oficial que estava de vigia, o qual tratou de ir buscar o cadáver e de o trazer para terra. Era Calcas. Morreu, crêem eles, ao cair da noite.

Estremeci.

- Como morreu ele?

- Tinha uma ferida horrível na cabeça. Ao entardecer, um oficial de Ájax tinha-o visto no alto do penhasco do lado de lá do Simoente. O oficial jura que era Calcas - Calcas era o único homem no nosso acampamento que envergava túnicas compridas. Deve ter tropeçado e caído de cabeça.

Fitei-o atentamente. Ulisses exibia uma expressão pesarosa, comovida mesmo; nos seus belos olhos cinzentos, diria que cintilava a mais pura devoção. Seria possível? Seria mesmo possível? Estremecendo de puro terror, dei comigo a pensar se ele não teria acrescentado mais um pecado à longa lista que, ao que constava, havia cometido. Se juntássemos o assassinio de um sumo-sacerdote ao sacrilégio, à profanação, à blasfêmia, ao ateísmo e ao assassinio ritual, teríamos uma lista que superaria as de Sísifo e Dédalo juntas. Ímpio Ulisses que, no entanto, era amado pelos deuses! Paradoxo mortal, um pulha e um rei combinados numa só pessoa!

Ulisses leu os meus pensamentos e fitou-me com um sorriso afável.

- Aquiles, Aquiles! Como é possível que pense uma coisa dessas - mesmo de uma criatura como eu? - E deixou escapar um risinho. - Se quer saber a minha opinião, acho que o autor do crime foi Agamêmnon.

Capítulo Vigésimo Terceiro

Narrado por Heitor.

Não tínhamos notícias de Pentésiléia; a rainha das Amazonas tardava nos seus longínquos e selvagens domínios, enquanto Tróia desesperava. O destino de uma cidade estava dependente dos caprichos de uma mulher! Amaldiçoei-a e amaldiçoei os deuses por permitirem que uma mulher continuasse sentada num trono depois da morte da Velha Religião. O domínio absoluto da Mãe Kubaba acabara. No entanto, Pentésiléia continuava a reinar sem que ninguém a contestasse.

Demétrios, o escravo grego que fugira do acampamento inimigo, informou-me de que a rainha nem sequer convocara ainda as mulheres das suas inúmeras tribos; não viria antes que o Inverno enchesse de neve os caminhos das montanhas.

Todos os augúrios diziam que a guerra acabaria naquele Décimo ano; apesar disso, o meu pai continuava a recear abandonar as muralhas, humilhando-se e humilhando Tróia, pois não era uma humilhação terrível deixar que a nossa sorte dependesse daquela mulher? Rangiam os meus dentes perante a injustiça das suas decisões, criticava-o abertamente nas assembléias. Mas o meu pai tomara uma decisão e não se desviava do caminho escolhido. Vezes sem conta garanti-lhe que Aquiles não representava para mim nenhum perigo, que as nossas melhores tropas conseguiriam repelir os Mirmidões, que nós chegaríamos à vitória sem Menão ou Pentésiléia. Mesmo depois de lhe ter transmitido as informações de Demétrios sobre a demora de Pentésiléia, o meu pai permaneceu intransigente, comentando que se a rainha das Amazonas só vinha depois do Inverno, então esperaria de bom grado pelo início do Décimo primeiro ano.

Agora que todo o exército grego se encontrava de novo na praia, tínhamos voltado às nossas ameias, daí apreciando as diversas bandeiras que flutuavam no alto das casas gregas. Junto ao Escamandro, num local onde uma muralha interna separava alguns dos alojamentos, flutuava uma bandeira que não havia visto antes, uma bandeira com uma formiga branca sobre um fundo negro. A formiga segurava na boca um raio vermelho. Aquela era a bandeira dos Mirmidões, a bandeira de Aquiles de Éaco. O rosto de Medusa não poderia ter instilado um medo tão profundo nos corações troianos.

Obrigado a ouvir discussões sem a mínima importância quando todo o meu ser ansiava pela guerra, assistia a todas as assembléias. Alguém tinha de estar lá para protestar que o exército estava cansado de esperar e de treinar, alguém tinha de estar lá para ver o rei fazer ouvidos de mercador a todos os meus protestos, para ver Antenor, o inimigo de toda e qualquer ação positiva, sorrindo displicentemente. Não me apercebi de nada de especial naquele dia que iria mudar as nossas vidas. Contrariado como sempre, desloquei-me à assembléia. A corte tagarelava na maior confusão, ignorando o estrado do trono, aos pés do qual um queixoso estava apresentando o seu caso - um problema de uma importância extraordinária, relacionado com os esgotos que levavam as águas da chuva e os excrementos de Tróia para o poluído Escamandro. Tinham recusado o acesso aos esgotos ao novo bloco de apartamentos do queixoso, e ele, proprietário e senhorio, muito naturalmente, estava furibundo.

- Tenho coisas mais importantes a fazer do que vir aqui contestar o direito de um bando de burocratas impenitentes a frustrar as aspirações dos cidadãos honestos que pagam os seus impostos! - gritou ele para Antenor, o qual, na sua qualidade de chanceler, defendia os responsáveis pelos esgotos da cidade.

- Você não apresentou o pedido a quem devia! - atirou-lhe Antenor.

- Mas quem somos nós? Egípcios? - perguntou o senhorio, erguendo os braços. Eu falei com o homem do costume, que me disse que sim! Só que, antes de eu ter feito a ligação, apareceu-me um esquadrão de guardas que me impediu de fazer o que quer que fosse! Teria muito menos problemas se vivesse em Nínive ou Karkemish! Ou em qualquer outro lugar do mundo que os burocratas não tivessem conseguido paralisar com os seus estúpidos regulamentos! Porque a verdade é esta: Tróia está quase tão paralisada como o inerte Egito! Vou emigrar! Vou emigrar!

Antenor já dera início ao discurso de defesa dos seus muito queridos burocratas quando um homem irrompeu arquejante pela sala, encaminhando-se imediatamente na direção do estrado do trono. Não o reconheci, mas Polidamas sabia quem era.

- Que se passa? - perguntou-lhe Polidamas.

O homem, por um momento, não conseguiu dizer nada, de tão ofegante que vinha. Molhou os lábios, tentou de novo falar, mas acabou apontando desvairadamente para o meu pai, o qual, esquecido o problema dos esgotos, não tirava os olhos dele. Polidamas ajudou o homem a sentar-se no degrau superior

do estrado e pediu que lhe trouxessem um copo de água. Até o irado senhorio percebeu que aquele caso era mais importante do que o seu e afastou-se um pouco - embora se mantivesse perto o suficiente para ouvir o que o homem tinha a dizer.

A água e uns breves momentos de descanso eram os remédios de que o homem precisava. Logo falou:

- Meu rei e senhor, trago grandes notícias!

O meu pai pôs um ar céptico.

- Que notícias? - perguntou.

- Rei Príamo, hoje, ao nascer do dia, assisti, no acampamento grego, a um augúrio pedido por Agamêmnon, que queria saber a causa da peste que matou dez mil homens!

Dez mil mortos devido à peste no acampamento grego?! Aproximei-me do trono, quase correndo. Dez mil homens! Se o meu pai não entendesse o significado de tão pesadas baixas, então só poderia estar louco - e, se ele estava louco, Tróia pereceria! Menos dez mil gregos, mais dez mil troianos! Ah, pai, deixa-me sair com o exército! Estava prestes a dizer-lhe isto quando percebi que o homem não acabara ainda. Havia mais notícias. Esperei.

- Houve uma discussão terrível entre Agamêmnon e Aquiles. O exército está dividido. Aquiles retirou do exército grego os seus mirmídones e o resto dos homens da Tessália. Aquiles não combaterá por Agamêmnon! A guerra ainda não começou e obtivemos já uma vitória!

Agarrei-me às costas do trono para me apoiar, o senhorio desatou a dar vivas, o meu pai ficou paralisado e lívido, Polidamas fitava incrédulo o seu espião, Antenor encostou-se a uma coluna como se de repente tivesse perdido as forças, os outros participantes na assembléia mais pareciam estátuas.

No meio do silêncio, ressoou um riso estridente.

- Assim caem os poderosos! - berrou o meu irmão Deífobo. - Assim caem os poderosos!

- Silêncio! - atirou-lhe o meu pai. Depois, virando-se para o homem, perguntou-lhe: - Qual foi a causa da alteração entre Agamêmnon e Aquiles?

- Meu rei, foi tudo por causa de uma mulher - disse o homem, já mais calmo. - Calcas exigiu que Criseida, uma cativa de Lirnesso oferecida ao rei supremo, fosse enviada para Tróia. Apolo ficou tão furioso com a captura de Criseida que espalhou a peste pelo acampamento grego. E anunciou que o seu castigo só terminaria quando Agamêmnon desistisse da cativa. Agamêmnon tinha de obedecer. Aquiles riu do rei supremo. Escarneceu dele. Por isso, Agamêmnon ordenou a Aquiles que o compensasse - que lhe entregasse a mulher que capturara em Lirnesso, Briseida. Aquiles entregou Briseida ao rei supremo, mas retirou todos os seus homens do exército grego!

Deífobo achou isto ainda mais divertido.

- Uma mulher! Um exército dividido ao meio por causa de uma mulher!

- Ao meio, não! - replicou Antenor. - Os soldados que se retiraram não são mais de quinze mil. E se uma mulher pode dividir um exército, não nos esqueçamos de que foi uma mulher que trouxe esse mesmo exército para as portas de Tróia!

O meu pai bateu com o cetro no chão.

- Antenor, calado! Deífobo, está bêbado! Cale-se também! - Depois, concentrando-se de novo no mensageiro, perguntou-lhe: - Ouve-me com atenção: essas suas notícias são mesmo seguras?

- Não poderiam ser mais seguras, rei Príamo. Eu ouvi e vi tudo. Ouviu-se na sala um imenso suspiro; num ápice, a pesada atmosfera clareou. Onde antes reinavam a apatia e o desânimo, viam-se agora sorrisos radiantes. Mãos apertaram mãos, um murmúrio deliciado elevou-se no ar. Só eu estava triste. Aparentemente, Aquiles e eu estávamos condenados a nunca nos enfrentarmos no campo de batalha.

Páris avançou na direção do trono.

- Meu querido pai, quando eu estive na Grécia, contaram-me que a mãe de Aquiles - uma deusa - mergulhara todos os seus filhos nas águas do rio Estige a fim de que eles se tornassem imortais. Quando Aquiles nasceu, ela quis dar-lhe a mesma sorte. Porém, enquanto pegava nele pelo calcanhar direito, deu-se conta, para seu grande espanto, de que cometera um erro - esquecera-se de pegar nele também pelo calcanhar esquerdo. É por isso que Aquiles é um homem mortal. Mas nunca pensei que o seu calcanhar direito pudesse ser uma mulher! Briseida... Lembro-me bem dela: é um espanto de mulher.

O rei explodiu.

- Eu já tinha mandado calar a todos! Quando repreendo um filho, a repreensão dirige-se a todos os meus filhos! Não estamos aqui para perder tempo com anedotas! O caso em discussão é demasiado importante para isso!

Páris pareceu abatido com a reação do nosso pai. Senti pena dele. Nos últimos dois anos, envelhecera; agora que estava na casa dos quarenta, a idade começava a deixar marcas inexoráveis na sua pele; o vigor e a beleza da juventude começavam a definhir. Aquele que outrora fascinara Helena, agora a aborrecia. Toda a corte estava a par disso. Tal como estava a par da ligação que ela mantinha com Enéias. Bom, não creio que a troca compensasse Helena: o grande amor de Enéias chamava-se Enéias.

Mas nunca era possível saber o que se passava na bela cabeça de Helena. Depois do meu pai ter repreendido Páris, limitou-se a puxar pela mão do marido e a afastar-se com ele um pouco. Nem sinal de emoção nos seus olhos ou no seu rosto! Depois, percebi que, afinal, o seu rosto não era propriamente um enigma. De fato, havia nos seus lábios uma sombra de um sorriso - um sorriso como que de superioridade, um sorriso irônico... Porquê? Ela conhecia bem os reis gregos. Sendo assim... porquê aquele sorriso?

Ajoelhei diante do trono.

- Pai - disse eu, com uma voz forte e controlada -, se os deuses realmente querem que expulsemos os Gregos da nossa terra, o tempo de o fazer só poderá ser este. Se eram Aquiles e os Mirmidões que te impediam de tomar uma decisão, então, agora, a razão para a tua relutância desapareceu. Além disso, eles têm menos dez mil homens devido à peste. Nem mesmo com a ajuda de Pentésiléia e Menão disporíamos de uma oportunidade tão extraordinária como esta. Por isso te peço, meu pai: dá ordem de batalha ao teu filho e ao teu exército!

Antenor avançou. Antenor ... ! Sempre Antenor ... !

- Antes que tomes uma decisão, rei Príamo, rogo-te que me conceda um favor. Permita-me que eu envie um dos meus homens ao acampamento grego, a fim de que ele possa confirmar se aquilo que o homem de Polidamas diz é verdade.

Polidamas aquiesceu de bom grado.

- Concordo inteiramente, rei Príamo - disse ele. - Deveríamos confirmar estas informações.

- Nesse caso, Heitor - disse-me o meu pai -, terá de esperar um pouco mais pela minha resposta.

Antenor, envia imediatamente o teu homem ao acampamento grego. Convocarei uma nova assembléia para esta noite.

Enquanto esperávamos, levei Andrômaca até às ameias da grande torre virada a noroeste, a qual dava diretamente para a praia ocupada pelos Gregos. A minúscula bandeira flutuava ainda no acampamento mirmidão. Porém, era tão escasso o movimento na base de Aquiles que poderíamos facilmente concluir não haver qualquer contacto entre o acampamento mirmidão e os seus vizinhos. Incapazes de pensar em comer, vigiamos os Gregos toda a tarde; aquela prova evidente de desunião no seio do acampamento grego era todo o sustento de que precisávamos.

Ao cair da noite, regressamos à cidadela, mais esperançosos agora na confirmação das notícias. O enviado de Antenor chegou antes de termos tempo para ficar inquietos e, com meia dúzia de breves frases, repetiu aquilo que o homem de Polidamas nos dissera. Houvera uma discussão terrível, Aquiles e Agamêmnon nunca se reconciliariam.

Helena encontrava-se ao fundo da sala, muito longe de Páris, acenando abertamente para Enéias, a sua máscara sorridente perfeitamente tranqüila, já que ela sabia que, por ora, todos os boatos sobre a sua ligação com o dardanio seriam eclipsados pelas escaldantes notícias da dissensão grega. Quando Enéias se aproximou dela, Helena segurou-lhe no braço e os seus olhos enormes fitaram-no num claro convite. Mas eu estava certo a respeito dele. Enéias ignorou-a. Pobre Helena. Se Enéias tivesse de escolher entre os encantos dela e os encantos de Tróia, eu sabia qual seria a sua decisão. Um homem admirável, sem dúvida, mas também um homem que tinha de si mesmo uma imagem demasiado dourada.

Contudo, Helena não pareceu desconcertada com a inopinada partida de Enéias. Uma vez mais, dei comigo a meditar no que pensaria ela acerca dos seus concidadãos. Ela conhecia tão bem Agamêmnon... Por um momento, perguntei-me se não seria melhor interrogá-la, mas Andrômaca estava comigo e Andrômaca odiava Helena. As poucas informações que Helena poderia me fornecer - decidi - não justificariam a sova verbal que Andrômaca me daria, se viesse a saber que eu me tinha encontrado com a esposa de Páris.

- Heitor! Encaminhei-me na direção do trono e ajoelhei diante do meu pai.

- Meu filho: confio-te o comando dos nossos exércitos. Envia arautos tendo em vista a mobilização para a batalha dentro de dois dias, ao alvorecer. Diz aos guardas da Porta Ceia que oleiem a pedra e preparem os bois. Há dez anos que estamos encarcerados, mas agora sairemos da nossa prisão para expulsarmos os Gregos de Tróia!

Enquanto lhe beijava a mão, a sala explodiu em ensurdecedores vivas. Eu era o único que não sorria. Aquiles não estaria no campo de batalha. Seria vitória, uma vitória sem Aquiles?

Os dois dias passaram com a rapidez da sombra de uma nuvem na encosta de uma montanha. Todo o meu tempo foi preenchido com encontros com oficiais e com as ordens que tinha de dar a armeiros, engenheiros, condutores de carros e oficiais de infantaria. Enquanto não estivesse tudo em andamento, não conseguiria pensar em descansar. Por isso, só pude ver Andrômaca na noite anterior à batalha.

- Chegou o momento que eu tanto temia - disse ela mal eu entrei no nosso quarto.

- Andrômaca, por favor, não fale nesse tom. Ela limpou as lágrimas impacientemente.

- É mesmo amanhã?

- Ao alvorecer.

- Não teve um momento que fosse para mim?

- Tenho-o agora.

- Depois de dormir, partirá. - Os dedos dela agarravam-se à minha blusa. - Não consigo encarar com ânimo o que vai se passar, Heitor. Há algo de muito errado nisto tudo.

- Errado? - exclamei, obrigando-a a erguer o queixo. - Que há de errado em combater contra os Gregos? Por todos os deuses, já não era sem tempo!

- Que há de errado? Tudo. Tenho a sensação de que as peças estão todas demasiado bem encaixadas umas nas outras... - Ergueu a mão direita, cerrou parcialmente o punho, deixando o dedo mindinho e o dedo indicador espetados: o sinal que nós fazíamos para esconjurar das nossas vidas todo o mal. Depois, muito nervosa, tremula, disse-me: - Cassandra não tem parado um só momento, desde que o homem de Polidamas chegou com a notícia da disputa entre os reis gregos.

Desatei a rir.

- Oh, Cassandra! Por amor de Apolo, mulher, será possível que não veja? A minha irmã Cassandra é uma louca varrida! Ninguém dá ouvidos aos seus funestos presságios!

- Ela pode ser louca - disse Andrômaca, decidida a que eu a ouvisse -, mas as suas predições nunca falharam! A pobre moça não pára de gritar que os Gregos nos armaram uma cilada - ela insiste que foi Ulisses quem elaborou tudo, ela assegura que os Gregos urdiram tudo isto para que nós saíssemos das muralhas!

- Começa a aborrecer-me com as tuas superstições! - disse-lhe e agarrei-a e abanei-a - algo que nunca lhe fizera em tantos anos de casados. - Eu não estou aqui para discutir a guerra com Cassandra. Estou aqui para passar contigo esta noite.

Magoada, olhou para a cama e encolheu os ombros. Depois, abriu a cama, despiu a túnica e apagou as lamparinas, o seu corpo - tão alta que ela era! - tão firme e encantador como na noite do nosso casamento. A gravidez não havia deixado no seu corpo um único vestígio; a sua pele quente brilhava à luz da única lamparina que deixara acesa. Deitei-me e abracei-a e, por um momento, esqueci-me do que a manhã traria. Depois, decidi entregar-me ao sono, o corpo saciado, a mente sossegada. Porém, antes do véu da inconsciência ter caído inteiramente sobre mim, ouvi Andrômaca chorar.

- Que se passa agora? - perguntei, erguendo-me sobre um ombro. - Continua a pensar em Cassandra?

- Não, estou pensando no nosso filho. Estou pedindo aos deuses para que, depois de amanhã, ele continue a conhecer a alegria de ter o pai vivo.

Como é possível que as mulheres se comportem sempre assim? Como é possível que acabem sempre por dizer aquilo que os homens não querem nem precisam ouvir?

- Deixa de choro e dorme! - gritei-lhe. Ela afagou-me a testa, percebendo que tinha ido demasiado longe.

- Bom, talvez seja pessimismo a mais da minha parte... Aquiles não combaterá... Portanto, você não tem nada a temer...

De súbito, irado, afastei-me dela e dei um murro na almofada.

- Cale-se, mulher! Eu não preciso que me lembre que o homem com quem eu anseio combater não estará no campo de batalha!

Ela fitou-me assombrada.

- Heitor, Heitor, será possível que tenha enlouquecido? Será possível que Aquiles seja mais importante para você do que Tróia? Do que eu? Do que o nosso filho?

- Há certas coisas no mundo que só os corações dos homens podem entender. Astianacte me compreenderia melhor do que você.

- Astianacte não passa de um rapazinho... Desde que nasceu que os seus olhos não têm visto outra coisa senão guerra, que os seus ouvidos não têm ouvido falar de outra coisa senão da guerra! Vê os

soldados treinando, segue ao lado do seu pai num magnífico carro de guerra à frente do cortejo militar - vive num mundo de ilusões! Mas nunca viu o campo de batalha depois da batalha terminada!

- O nosso filho não tem medo de aspecto nenhum da guerra!
- O nosso filho tem apenas nove anos! Não permitirei que ele se transforme num desses guerreiros insensíveis e cruéis em que a tua geração se transformou!

- Pois eu não permitirei os seus excessos - disse-lhe, num tom tão cortante como o gelo. - Não permitirei que interfira na educação futura de Astianacte. Logo que regresse do campo de batalha, retirarei o meu filho e confiarei a sua instrução e educação aos meus homens.

- Faça isso e te matarei! - rosnou ela, fora de si.
- Experimente e logo verá quem morre primeiro! A resposta dela foram lágrimas e soluços. Sentia-me demasiado furioso para a afagar ou para tentar qualquer tipo de reconciliação. Passei por isso o resto da noite escutando o seu choro frenético, incapaz de incutir alguma brandura no meu coração. A mãe do meu filho tinha-me dito que preferia fazer dele um rapaz efeminado a transformá-lo num guerreiro.

Levantei-me da cama quando a luz do dia não tingira ainda a penumbra. Olhei para ela; estava deitada com o rosto virado para a parede, recusava-se a olhar para mim. A minha armadura estava pronta. Tomado de uma excitação ímpar, num instante esqueci Andrômaca. Bati palmas e os escravos vieram num ápice. Vestiram-me a túnica almofadada, apertaram as correias das botas, encaixaram as grevas e afivelaram-nas. Reprimi a extrema ansiedade que sempre se apoderava de mim antes de qualquer combate, enquanto os escravos me vestiam o saiote de cabedal reforçado, a couraça, as proteções dos braços, as cintas dos antebraços e as tiras de cabedal para os pulsos e a testa. Colocaram-me nas mãos o elmo, o cinto sobre o ombro esquerdo para suportar a espada que me roçava a anca direita; por fim, suspenderam do meu ombro direito o escudo enorme, com uma cintura muito fina a meio, e ajustaram-no ao meu lado esquerdo. Um criado deu-me a minha maça, outro me ajudou a enfiar o elmo sob o antebraço direito. Estava pronto para a batalha.

- Andrômaca, adeus - disse-lhe eu, num tom que não indiciava qualquer perdão.

Mas ela permaneceu imóvel, o rosto virado para a parede. Os corredores estremeciam, os chãos de mármore ecoavam os sons do bronze e das botas ferradas; sentia o ruído dos meus passos espraiando-se diante de mim como se fosse uma onda. Aqueles que não iam combater saíram a saudar-me. De cada porta, saíam também os guerreiros que logo encontravam o seu lugar atrás de mim. As nossas botas atacaram as lajes: sob o impacto dos calcanhares revestidos de bronze, faíscas elevavam-se do chão. Ao longe, ouvíamos já tambores e trombetas. À nossa frente, estava já o grande pátio, para lá do pátio, as portas da cidadela.

Helena esperava-nos no pórtico. Parei, acenando para que os outros avançassem sem mim.

- Boa sorte, cunhado - disse ela.

- Como pode desejar-me boa sorte, se vou combater contra os teus concidadãos?

- Eu não tenho país, Heitor.

- A nossa pátria é sempre a nossa pátria.

- Heitor, nunca subestime um grego! - Recuou um pouco, parecendo surpreendida com as suas próprias palavras. - Te dei um bom conselho, Heitor: não merecia tanto.

- Os Gregos são iguais a todos os outros homens.

- Serão mesmo? - Os seus olhos verdes assemelhavam-se a jóias. - Não estou de acordo contigo. Preferia um inimigo troiano a um inimigo grego.

- Será uma batalha aberta, frontal. Vamos vencer. - talvez. Mas não parou para pensar por que razão Agamêmnon se irritou tanto por causa de uma mulher, quando ele tem centenas delas?

- O que conta é que Agamêmnon se irritou realmente por causa de uma mulher. A razão é irrelevante.

- Pois eu creio que a razão é tudo. Não subestime nunca a astúcia grega. E, acima de tudo, não subestime nunca Ulisses.

- Oh! Ulisses não passa de uma ficção!

- É precisamente isso que ele quer que você pense dele. Mas eu o conheço melhor do que você, Heitor.

Virou-me costas e foi para casa. De Páris, nem sinal. Bom. de qualquer modo, o meu irmão não combateria - se limitaria a observar.

Setenta e cinco mil soldados de infantaria e dez mil carros esperavam por mim, devidamente formados ao longo das ruas secundárias e das pequenas praças que conduziam à Porta Ceia. Aqui, aguardava-me o primeiro destacamento de cavalaria, os homens que conduziriam os meus carros. Os seus

gritos ressoaram como trovões mal eu apareci na praça, erguendo bem alto a minha maça para saudá-los. Subi para o meu carro e enfiiei cuidadosamente os meus pés nos estribos de vime que permitiriam que me equilibrasse sempre que o carro guinasse, especialmente quando os cavalos fossem num galope desabrido. Depois, os meus olhos atentaram naqueles muitos milhares de elmos encimados por plumas cor de púrpura; a cintilação do bronze era sangue e rosa sob o imenso ouro do sol, a porta erguia-se já diante de mim.

Os chicotes estalaram. Os bois atrelados à enorme pedra que suportava a Porta Ceia bramiram aflitos logo que começaram a puxar. A vala fora já oleada e engordurada; os focinhos dos animais quase chegavam ao chão. Muito lentamente, a porta foi abrindo, chiando e atroando enquanto a pedra deslizava ao longo do fundo da vala; a porta parecia ficar mais pequena à medida que se abria; ao mesmo tempo, a vastidão de céu e planície parecia tornar-se ainda mais imensa. Depois, os ruídos que marcavam a abertura da Porta Ceia pela primeira vez em dez anos foram sufocados pelos gritos de alegria que romperam das gargantas de milhares e milhares de soldados troianos.

Logo que as tropas começaram a descer na direção da praça, as rodas do meu carro começaram também a rodar; eu avançava, estava na planície com os meus aurigas atrás de mim. O vento penetrou-me o rosto, pássaros voavam na pálida abóbada do céu, os meus cavalos empinaram as orelhas e deram às suas pernas elegantes o ritmo de um galope, enquanto o meu condutor, Quebríones, enrolava as rédeas à volta da sua cintura e executava os movimentos com que costumava controlá-los. Finalmente a batalha! Aquela, sim, era a verdadeira liberdade!

Meia légua após a Porta Ceia, parei e virei-me para organizar as minhas tropas, fazendo da frente uma linha reta com carros na posição mais avançada; a Guarda Real - dez mil soldados de infantaria troianos e mil carros de guerra formava o centro da minha vanguarda. Tudo foi feito rápida e primorosamente, sem pânico nem confusão.

Quando tudo estava em ordem, atentei na muralha inimiga, erigida sobre a planície entre os dois rios, isolando assim a extensa praia ocupada pelos Gregos. As passagens em cada extremidade das muralhas brilhavam de um milhão de reflexos: os invasores gregos abandonavam as muralhas e avançavam na direção da planície. Entreguei a minha lança a Quebríones e pus o elmo na cabeça, ajustando depois a pluma de crina de cavalo escarlate. Os meus olhos encontraram-se com os de Deífobo, a meu lado na linha da frente; um a um, tanto quanto os meus olhos conseguiam enxergar, atentei nos rostos daqueles que faziam parte da linha da frente. O meu primo Enéias comandava o flanco esquerdo, o rei Sarpédon o direito. Eu comandava a linha da frente.

Os Gregos aproximavam-se cada vez mais, o sol refulgia nas suas armaduras de uma forma mais e mais intensa; tentei ver quem ficaria de frente para mim, perguntando-me se seria o próprio Agamêmnon, ou Ájax, ou qualquer outro dos grandes chefes gregos. O meu coração batia menos depressa porque não seria Aquiles. Depois, voltei a olhar para a linha da frente e fiquei pasmado. Páris estava lá! Estava, com o seu precioso arco e a aljava, à frente do destacamento de Guardas Reais que lhe havia sido atribuído havia uma eternidade. Perguntei-me que artimanhas Helena não teria usado para o convencer a abandonar a segurança dos seus aposentos.

Capítulo Vigésimo Quarto

Narrado por Nestor

Rezei uma breve oração ao deus que as nuvens amontoa no céu; embora tivesse combatido em mais campanhas do que qualquer outro homem vivo, nunca enfrentara um exército como o de Tróia. E também era verdade que a Grécia nunca havia organizado um exército como o de Agamêmnon. Os meus olhos ergueram-se para os diáfanos e majestosos picos do distante Ida e perguntei-me se os deuses não teriam abandonado o Olimpo para se sentarem nas alturas do Ida a fim de assistirem à batalha. Aquela era uma guerra digna do seu interesse: nunca os meros mortais haviam sonhado com uma guerra capaz de envolver tantos meios - tão-pouco os deuses, que apenas travavam pequenas guerras entre si e com hostes muito limitadas. Se reunissem no Ida para assistir à batalha, não haveria entre eles unanimidade: todos sabiam que Apolo, Afrodite, Ártemis e outros eram adeptos fervorosos de Tróia, ao passo que Zeus, Poseidon, Hera e Palas Atena eram a favor da Grécia. Ninguém sabia ao certo de que lado estava Ares, o Senhor da Guerra, pois embora os Gregos fossem o povo que mais havia espalhado o seu culto, a verdade é que Afrodite, a secreta amante de Ares, apoiava Tróia. Hefáisto, o marido de Afrodite, era, muito

naturalmente, favorável à Grécia. O que era bom para nós, pois Hefáisto presidia à fundição dos metais e a outros misteres aparentados; os nossos artífices teriam desse modo algum apoio divino.

Se havia algum homem feliz naquele dia, esse homem era eu. Uma única coisa toldava o meu prazer: o rapaz que me acompanhava no meu carro, um rapaz que estava muito nervoso e impaciente pois queria ter um carro só para si, pois queria ser um guerreiro e não um condutor. Mirei-o de relance. O meu filho Antíloco... Pouco mais do que um menino desmamado, o meu filho mais novo e também o mais querido, o fruto do crepúsculo da minha vida. Quando deixei Pilos, tinha ele apenas doze anos, Muitos foram aqueles que me pediram que o deixasse partir comigo para Tróia: a todos respondi que não, nem pensar! E o resultado foi este: Antíloco embarcou clandestinamente! Escondeu-se num dos navios e, quando dei por isso, o patife estava em Tróia! Então, pedi ajuda a Aquiles e, depois de muita conversa, conseguiram convencer-me a deixá-lo ficar. Aquela era a sua primeira batalha, mas eu daria tudo para que ele não estivesse ali a meu lado, para que ele tivesse ficado na arenosa Pilos, entretido a compilar listas de mantimentos!

Colocamo-nos em ordem de batalha diante dos Troianos. A linha tinha uma légua de comprimento; constatei, sem surpresa, que Ulisses tinha razão. Os Troianos eram muito mais do que os Gregos. Mesmo que toda a Tessália tivesse vindo conosco, eles seriam sempre mais. Perscrutei as hostes inimigas, procurando os homens que as conduziam, e vi imediatamente Heitor no centro da linha da frente. As tropas de Pilos integravam a nossa linha da frente, juntamente com as forças dos dois Ajax e de dezoito reis menores. Agamêmnon, chefe da nossa vanguarda, estava de frente para Heitor. O nosso flanco esquerdo era comandado por Idomeneu e Menelau e o direito por Ulisses e Diomedes, esse tão estranho par de amantes. Um tão quente, o outro tão frio! Quem sabe, talvez os dois juntos fossem a perfeição.

Heitor conduzia uma equipe soberba de cavalos, tão negros como azeviche, e erguia-se no seu carro como o próprio Ares Eniálíos. Tão grande e tão ereto como Aquiles. Contudo, não via uma única barba branca entre os troianos; Príamo e outros da sua idade tinham ficado no palácio. Eu era o homem mais velho naquele campo de batalha.

Os tambores rufaram, as trombetas e os címbalos soaram estridentes anunciando a refrega, que, de fato, não tardou. Com efeito, a batalha começou quando nos encontrávamos ainda a cem passos uns dos outros. Lanças voaram como folhas ao sabor do medonho sopro do Inverno, setas caíram rapidamente sobre as suas presas como se águias fossem, soldados de infantaria investiram e foram rechaçados. Agamêmnon dirigia a nossa linha da frente com um vigor e uma vigilância que nunca suspeitara que tivesse. Na realidade, muitos de nós nunca haviam combatido juntos. Podíamos agora, pela primeira vez, avaliar as capacidades bélicas uns dos outros. E foi reconfortante verificar que Agamêmnon se revelou competente o bastante para enfrentar Heitor naquela primeira manhã. Heitor, aliás, não fez qualquer tentativa para travar um duelo com o nosso rei supremo.

Heitor berrou e vituperou, lançou vezes sem conta os seus carros contra a nossa linha da frente, mas a verdade é que não conseguiu rompê-la uma só vez. Conduzi algumas investidas durante a manhã; Antíloco soltava o grito de guerra de Pilos, mas eu poupava os meus pulmões, um instrumento precioso para a batalha. Vários foram os troianos que morreram sob as rodas do meu carro, pois Antíloco era um bom condutor, evitando-me problemas e sabendo sempre qual era o momento certo para recuar. Ninguém poderia dizer que o filho de Nestor punha em perigo a integridade do seu velho pai só porque queria combater em vez de conduzir um carro.

A minha garganta começou a ficar seca e a armadura estava branca de poeira; acenei para o meu filho e retiramos para as linhas da retaguarda a fim de bebermos água e de recuperarmos algum alento. Quando olhei para o céu, verifiquei espantado que o Sol se abeirava já do seu zênite. Regressamos imediatamente à linha da frente e, com forças renovadas, guiei os meus homens na direção das hostes troianas. Fizemos algum trabalho rápido aproveitando o fato de Heitor estar ocupado com outras porções do seu exército. Depois, ordenei a retirada e recuamos em segurança para a nossa própria linha sem perdermos um único homem. Heitor perdera mais de uma dúzia naquela breve refrega. Suspirando de satisfação, sorri silenciosamente para Antíloco. O que ambos queríamos era a armadura de um chefe, mas não tínhamos encontrado nenhum.

Ao meio-dia, Agamêmnon ordenou a um arauto que soasse a trombeta das tréguas. Contrariados, os dois exércitos baixaram as armas; pela primeira vez, a fome e a sede, o medo e o cansaço tornavam-se realidades desde que a batalha começara. Quando vi que todos os chefes se encaminhavam na direção de Agamêmnon, disse a Antíloco que me conduzisse também ao rei supremo. Ulisses e Diomedes chegaram ao mesmo tempo em que eu. Todos os outros lá estavam. Os escravos andavam numa azáfama, trazendo vinho misturado com água, pão e bolos.

- Que se passa, Agamêmnon? - perguntei.
- Os homens precisam descansar. Este é o primeiro dia de combates intensos ao fim de muitas luas
- por isso enviei um mensageiro a Heitor, propondo-lhe um encontro para negociações.
- Excelente! - disse Ulisses. - Com alguma sorte, poderemos prolongar esse encontro o tempo suficiente para que os homens recuperem forças e comam.

Agamêmnon fitou-o com um sorriso imenso.

- Como o stratagema serve para os dois lados, Heitor não recusará a minha oferta.

Os não combatentes retiraram mortos e feridos da faixa que separava os dois exércitos; mesas e bancos não tardaram a surgir e os chefes dos dois lados avançaram para a faixa de separação a fim de conferenciarem. Comigo, seguiram Ajax, Ulisses, Diomedes, Menelau, Idomeneu e Agamêmnon; com grande interesse e maior curiosidade, preparamo-nos para assistir ao primeiro encontro entre o rei supremo e o herdeiro de Tróia. Heitor era um homem de tez muito escura. Cabelos negros espreitavam sob o elmo e caíam-lhe pelas costas numa trança. Os olhos que nos miravam - tão astutamente como nós o mirávamos a ele - eram também negros.

Apresentou-nos os outros chefes: Enéias da Dardânia, Sarpédon da Lícia, Acamas, filho de Antenor, Polidamas, filho de Agenor, Pandaros, o capitão da Guarda Real, e os seus irmãos Páris e Deífobo.

Menelau emitiu uma rosnadela quase inaudível e lançou um olhar furioso a Páris; no entanto, tanto ele como Páris temiam demasiado os seus régios irmãos para se permitirem criar problemas. Os troianos pareceram-me um belo grupo de homens, todos eles guerreiros consumados, à exceção de Páris, que parecia perfeitamente deslocado - bonitinho, entediado, amaneirado. Enquanto Agamêmnon fazia as suas apresentações, observei atentamente Heitor, procurando detectar a sua reação aos nomes que ia ouvindo. Quando chegou a vez de Ulisses, examinou o mais inteligente dos nossos chefes com uma atenção muito particular; havia um brilho de perplexidade no seu olhar. Contudo, não me diverti nada ao constatar o dilema que ia na mente de Heitor; de fato, até tive pena dele. Os homens que não conheciam Ulisses, a Raposa de Ítaca, tinham tendência a subestimá-lo devido às estranhas proporções do seu corpo e ao aspecto imundo, quase que ignóbil, que ele cultivava sempre que achava adequado. Dei comigo a pedir-lhe silenciosamente: Olhe para os olhos dele, Heitor, olhe para os olhos dele! Mas a natureza de Heitor preferia Ajax, que vinha logo a seguir a Ulisses; para Heitor, Ajax era muito mais interessante e atraente do que Ulisses. Pior para ele: não entendera a importância da Raposa.

Heitor atentou com espanto nos músculos poderosos do nosso segundo maior guerreiro; pela primeira vez na sua vida, pensamos nós, Heitor teve de erguer a cabeça para olhar para o rosto de outro homem.

- Não houve entre nós qualquer conferência nestes últimos dez anos, filho de Príamo - disse Agamêmnon. - Julgo que chegou a hora de discutirmos.

- Que quer discutir?

- Helena.

- Esse assunto está encerrado.

- De modo nenhum! Nega que Páris, filho de Príamo e teu irmão germano, raptou a esposa do meu irmão Menelau, rei da Lacedemônia, e a trouxe para Tróia, insultando desse modo toda a nação grega?

- Nego.

- Helena pediu-me que a trouxesse - acrescentou Páris.

- Claro que não admite que usou a força.

- Isso é evidente: não foi preciso usar força nenhuma. - Heitor bufava que nem um touro. - Que proposta pretende fazer, nessa tua linguagem tão formal, rei supremo?

- Que devolva Helena e todos os seus bens ao seu único e verdadeiro marido, que nos indenize pelo tempo que perdemos e pelos problemas que tivemos, reabrindo o Helesponto aos mercadores gregos, e que não se oponha ao estabelecimento de colônias gregas na Ásia Menor.

- Os termos da tua proposta são inaceitáveis.

- Porquê? Tudo o que nós pedimos é o direito a uma coexistência pacífica. Eu não combateria se pudesse alcançar pacificamente os meus objetivos, Heitor.

- A satisfação das tuas exigências seria a ruína de Tróia, Agamêmnon.

- A guerra será muito mais ruinosa para Tróia. Você está defendendo-se, Heitor - e essa nunca é uma posição vantajosa. Ao passo que nós desfrutamos dos lucros de Tróia há dez anos - e também dos lucros da Ásia Menor.

A conferência prosseguiu: palavras sem qualquer peso efetivo atiradas a esmo, enquanto os soldados descansavam na erva pisada e fechavam os olhos devido à intensidade do sol.

- Muito bem. Nesse caso, faço uma última proposta, príncipe Heitor disse Agamêmnon algum tempo depois. - Encontram-se entre nós os dois homens diretamente envolvidos no episódio que deu origem a isto tudo. Menelau e Páris. Proponho que Menelau e Páris travem um duelo nesta mesma faixa onde nos encontramos agora, entre os dois exércitos. O vencedor ditará os termos de um acordo de paz.

Se Páris não parecia um duelista brilhante, que dizer de Menelau? Heitor não precisou de muito tempo para decidir que Páris seria um vencedor fácil.

- De acordo - disse ele. - O meu irmão Páris travará um duelo com o teu irmão Menelau. O vencedor ditará os termos de um tratado.

Olhei de relance para Ulisses, que estava a meu lado.

- Esperemos que seja um troiano a interromper o duelo - segredou-me ele. Caso contrário, a reputação de Agamêmnon sofrerá horrores nos anos mais próximos.

Retiramos para as nossas linhas e deixamos os cem passos de terreno vago aos dois homens. Menelau começou por testar o escudo e a lança, ao passo que Páris se pôs a ajeitar a armadura com um ar displicente. Por fim, foi dada a ordem para que o duelo principiasse. Os dois homens lançaram-se em círculos lentos à volta um do outro, Menelau investindo com a lança, Páris desviando-se para evitar o golpe. Alguém do exército grego gritou um comentário escarninho a propósito do modo como Páris se desviava da lança: milhares de gargantas troianas rosnaram furiosas, mas Páris ignorou o insulto e continuou a esquivar-se com delicados movimentos. Nunca considerara Menelau capaz fosse do que fosse, mas era óbvio que Agamêmnon sabia o que estava fazendo ao propor o duelo. Eu pensara que Páris seria um vencedor fácil, mas estava redondamente enganado. Embora não possuísse nem o instinto nem o arrojo que fazem de um homem um chefe, Menelau aprendera a arte do duelo tão escrupulosamente como qualquer outra coisa. Faltava-lhe o ardor, mas não a coragem, o que era uma vantagem enorme num combate singular. A certa altura, arremessou a sua lança com tal violência que conseguiu arrancar o escudo de Páris; vendo-se perante a espada de Menelau, Páris preferiu fugir a empunhar a sua própria espada. Menelau foi no seu encalço.

Todos sabiam quem ia vencer; os Troianos remeteram-se a um profundo silêncio, os nossos homens desataram num alarido ensurdecedor. Os meus olhos não largavam Heitor, que avaliara mal as possibilidades do irmão e que, por outro lado, era um homem de princípios. Se Menelau matasse Páris, Heitor teria de aceitar o tratado. Ah! Sem que Heitor lhe tivesse feito sinal nenhum, Pandaros, o capitão da Guarda Real, pôs uma flecha no seu arco. Com um grito, avisei Menelau, que parou e se desviou. Demasiado tarde. Enquanto as nossas hostes berravam de indignação, a flecha alojou-se no flanco de Menelau. Um uivo de pesar do lado troiano saudou o fato de ter sido um troiano a quebrar a tréguas. Por causa de Pandaros, Heitor via a sua honra manchada.

Os exércitos embrenharam-se então na luta com uma fúria que estivera ausente durante a manhã; um dos lados defendia a honra manchada, o outro vingava uma ofensa, e ambos os lados ceifavam e golpeavam num frenesi histérico.

Muitos homens pereceram num breve espaço de tempo; os cem passos que haviam separado as linhas depressa minguaram; num instante, foram ocupados por uma sólida massa de corpos e pelas nuvens de pó que nos cegavam e sufocavam.

O culpado, Heitor, estava em todo o lado ao mesmo tempo, percorrendo o centro da batalha no seu carro, desferindo fatais golpes de lança. Nenhum de nós conseguia aproximar-se dele o suficiente para tentar abatê-lo; em contrapartida, muitos eram os homens que, com gritos de puro terror, morriam sob os cascos dos seus três cavalos negros. Não consegui entender, naquele primeiro dia, como conseguia Heitor conduzir os seus cavalos no meio daquela medonha confusão humana; mais tarde, porém, os seus processos, de tão estudados e imitados, converteram-se num verdadeiro lugar-comum, de tal modo que eu próprio os segui e considere que não tinham nada de especial. Vi Enéias aproximando-se do centro com um bando de dardanianos na sua esteira e perguntei-me como é que ele conseguira deslocar-se da sua ala no meio daquele caos. Abandonei a lança em favor da espada, juntei os meus homens e conduzi-os para o grosso da batalha, derrubando, do alto do meu carro, tudo o que me aparecesse pela frente, golpeando a esmo rostos imundos de suor, não perdendo de vista Enéias enquanto pedia reforços.

Agamêmnon mandou mais homens, comandados por Ájax. Enéias viu-o e chamou os seus cães de guarda, mas não antes de eu ter o privilégio de ver aquela verdadeira torre desferindo golpes tremendos, o braço convertido numa foice incansável que cortava o joio inimigo. Ájax não trazia o machado, pois, naquele primeiro dia de batalha, preferira a espada, dois cúbitos e meio de morte sob a forma de uma dupla

lâmina. Embora a usasse como um machado, erguendo-a bem alto e cravando-a no inimigo com um grito de júbilo capaz de aterrorizar o mais destemido dos homens. Empunhava o seu enorme escudo melhor do que qualquer outro homem vivo; o escudo nunca vacilava enquanto ele o erguia a escassa distancia do chão, uma massa de bronze e estanho cobrindo-o da cabeça aos pés. Atrás dele vinham seis corpulentos chefes de Salamina e, sob a proteção do próprio escudo de Ajax, ocultava-se Teucro com o seu arco, disparando setas atrás de setas, numa série de movimentos tão fluidos que pareciam até contínuos, impecavelmente rítmicos. Vi soldados gregos que estavam demasiado longe de Ajax para poderem ver os movimentos da torre humana sorrindo uns para os outros e recobrando ânimo só de ouvirem o famoso grito com que Ajax saudava Ares e a Casa de Éaco.

Rodeado pelos meus próprios homens, saudei-o mal o vi avançar na minha direção; Antíloco abrandara as rédeas do nosso carro e, boquiaberto de espanto, fitava a torre humana.

- Desapareceram, velho! - rosnou Ajax.

- Nem mesmo Enéias quis te enfrentar - disse eu.

- Zeus transformou-os em sombras! Porque é que eles não combatem como verdadeiros guerreiros? Mas está descansado que eu apanharei Enéias!

- Onde está Heitor?

- Tenho andado à procura dele a tarde toda. Ou ele é uma miragem ou então sou eu que fico sempre para trás. Mas eu não vou largá-lo. Mais tarde ou mais cedo havemos de nos encontrar.

Ouviram-se gritos estridentes de aviso; voltamos a formar num ápice, pois Enéias regressara, trazendo consigo Heitor e uma parte da Guarda Real. Olhei para Ajax.

- Eis a tua grande oportunidade, filho de Télamon!

- Dou graças a Ares! - Abanou os ombros coraçados para melhor distribuir o peso da armadura e, com a ponta da enorme bota, afastou afetuosamente Teucros.

- Vá embora, irmão. Este é só para mim. Protege Nestor e mantém Enéias à distância.

Teucro abandonou a proteção do escudo e correu para perto de mim. Nos seus olhos brilhantes, devotados, não havia qualquer sinal de preocupação. Nunca ninguém pusera em causa a sua lealdade, apesar de a sua mãe ser Hesíona, a irmã de Príamo.

- Vamos, rapaz - disse ele para o meu filho -, conduz-nos através destas carcaças e vê se consegue alcançar Enéias. Temos de mantê-lo ocupado. Rei Nestor, preteje-me enquanto eu uso o arco?

- De bom grado, filho de Télamon - disse eu.

- Porque é que Enéias está na linha da frente, pai? - perguntou-me Antíloco enquanto avançávamos. - Pensava que ele comandava uma ala.

- Também eu - respondeu Teucro em vez de mim. Os meus homens e alguns dos salaminianos de Ajax foram conosco e conseguimos manter Enéias afastado o suficiente de Heitor, de forma a que Ajax conseguisse obrigar o herdeiro a travar um duelo. Logo que o duelo começou, a batalha amainou drasticamente; os homens seguiam com tanta atenção os movimentos de Heitor e Ajax que nem reparavam para onde arremessavam setas ou lanças.

Ajax nunca usava carros de guerra, provavelmente porque não havia carro de guerra que suportasse o seu peso, mais o de Teucro e o do condutor. Na realidade, Ajax fazia de conta que ele próprio era um carro de guerra.

O bronze retiniu contra o bronze. Uma proteção de um braço saltou sob a súbita expansão dos músculos e caiu para logo ser esmagada pelos pés dos contendores. Ajax e Heitor eram adversários à altura um do outro. Enquanto à sua volta a batalha se desvanecia, as duas torres continuavam a investir e a aparar golpes. Enéias chamou-me a atenção com um assobio estridente.

- Um duelo destes não se pode perder, velho guerreiro! Prefiro ver a combater! E você? Enéias da Dardânia pede trégua!

- Concordo com a trégua até ao final do duelo. Se for Ajax o vencido, defenderei o seu corpo e a sua armadura com a minha própria vida! Mas se for Heitor o vencido, ajudarei Ajax a roubar o corpo e a armadura de Heitor! Nestor de Pilos está de acordo com a trégua!

- Assim seja, então! No círculo que então se juntou, todos os soldados baixaram as armas. À volta do nosso limitado território, a batalha prosseguia, violenta, implacável. Nós, em contrapartida, nem nos mexíamos, nem falávamos. O meu coração inflamava-se só de ver Ajax combatendo. Não havia a menor falha na sua guarda, não havia a menor exposição do seu corpo por detrás daquele escudo colossal. Heitor dançava como uma chama viva em torno daquela massa, desferindo golpes, cortando grossas fatias da superfície do escudo. Nenhum deles parecia dar-se conta da passagem do tempo, nenhum deles dava mostras de fadiga; a todo o momento, os seus braços erguiam-se e arremetiam com uma energia que não

diminuía. Por duas vezes, Heitor quase perdia o seu escudo; contudo, aparou os golpes de Ajax com a sua própria espada e continuou a combater, mantendo em seu poder o escudo e a espada apesar de tudo o que Ajax pudesse fazer. Aquela seria uma batalha longa e ferocíssima. Quando um deles via uma aberta, logo investia; e quando investia, logo se deparava a espada inimiga; nenhum deles, porém, perdia o ânimo e o duelo prosseguia tão furioso como de início.

Senti mexerem-me no braço: era um mensageiro de Agamêmnon.

- O rei supremo quer saber por que razão a batalha está parada neste local, rei Nestor.

- Concordei com trégua temporária. Vê com os teus próprios olhos, mensageiro! Combateria se houvesse um duelo destes na tua secção?

O homem atentou nos contendores.

- Reconheço o príncipe Ajax, mas... quem é o outro?

- Diga ao rei supremo que Ajax e Heitor estão travando um combate de morte!

O mensageiro desapareceu imediatamente, deixando-me à vontade para continuar a assistir ao duelo. Ajax e Heitor continuavam a golpear e a justar furiosamente - há quanto tempo durava aquilo? Não precisei proteger os olhos quando olhei para a bola amarelo-pálida do Sol, para lá das nuvens de poeira. Sim, o Sol abeirava-se do horizonte! Por Ares, quanta energia, quanta resistência!

Agamêmnon parou o seu carro ao lado do meu.

- Pode prescindir do teu comando, Agamêmnon?

- Ulisses substituiu-me. Por todos os deuses! Há quanto tempo dura o duelo, Nestor?

- Já passou quase uma oitava parte da tarde.

- Em breve terão de parar. O Sol está a pôr-se!

- Inacreditável, não é?

- Ordenou trégua?

- Os homens não queriam combater. Nem eu. Como vão as coisas no resto do campo?

- Estamos fazendo melhor do que resistir, apesar de sermos muito menos do que eles. Diomedes tem sido um verdadeiro titã. Matou Pandaros, o chefe troiano que quebrou a trégua, e foi embora com a armadura do inimigo nas barbas de Heitor. Ali! Ali está Enéias! Não admira que ele quisesse trégua ... !

Diomedes atingiu-o no ombro com uma lança e creê que Enéias está bastante ferido.

Então foi por isso que ele deixou a ala e veio para cá...

O dardaniano é, entre todos os homens de Príamo, o mais astucioso. Mas, segundo se diz, é também o mais egoísta. Como está Menelau? A flecha atingiu algum lugar vital? Não. Macáon fez-lhe uma ligadura e mandou-o de novo para o campo de batalha.

- Portou-se muito bem, o teu irmão.

- Foi uma surpresa para você, não foi?

Por sobre a poeira e o clamor do campo de batalha, ouviu-se o longo e desalentado toque da trombeta que anunciava a noite. Os homens baixaram as armas e, arquejantes, procuraram um lugar para descansar. Escudos eram arrastados pelo chão, espadas eram desajeitadamente embainhadas, mas Heitor e Ajax continuavam combatendo. No fim de tudo, foi a noite o vencedor; os dois colossos mal viam as armas diante deles quando desci do meu carro e corri para separá-los.

- Nem leões como vocês conseguem ver de noite - disse-lhes eu. - Ninguém venceu, ninguém foi derrotado. Portanto, agora que chegou a noite, dêem trégua às suas espadas.

Heitor tirou o elmo com uma mão tremula.

- Confesso que não lamento que o duelo tenha chegado ao fim. Não agüentaria muito mais.

Ajax deu o seu escudo a Teucro, que mal se agüentava de pé sob tão pesada carga.

- Nem eu, nem eu... - disse a torre humana.

- É um grande homem, Ajax - disse Heitor, estendendo-lhe o braço direito. Ajax entrelaçou os seus dedos à volta do pulso do príncipe troiano. Com um sorriso, comentou: - O mesmo posso dizer de você, Heitor.

- Custa-me a crer que Aquiles seja melhor do que você... Olha, toma, ofereço-te a minha espada!

Ajax fitou a lâmina com um prazer evidente, após o que a ergueu bem alto. - A partir de agora, a usarei sempre, seja em que batalha for! Em troca, ofereço-te o meu boldrié. Segundo o meu pai, o meu avô dizia que o recebera das mãos de seu pai, que era o próprio Zeus Imortal. - Baixou a cabeça e retirou a preciosa relíquia; era um objeto raro, de um cabedal púrpura brilhante decorado com um padrão de ouro.

- Eu o usarei em vez do meu - disse Heitor, deliciado. Encantado, dei-me conta da intensa satisfação que ambos sentiam, da afeição mútua e do respeito que haviam ganho um pelo outro em tão

terríveis circunstâncias. Até que as asas geladas de uma premonição deixaram a minha mente cheia de medo: aquela era uma troca aziaga!

Naquela noite, acampamos no lugar onde estávamos, sob as muralhas de Tróia, com o exército de Heitor entre nós e a imensa Porta Ceia, aberta de par em par. As fogueiras foram acesas, os caldeirões suspensos sobre elas; escravos corriam para trazer enormes bandejas de pão de cevada e carne; o vinho, misturado com água, não faltava. Por um momento, reparei no vaivém dos archotes por alturas da Porta Ceia; os escravos troianos andavam na mesma azáfama que os nossos, assistindo o exército de Heitor. Depois, fui comer com Agamêmnon e os outros, em torno de uma fogueira. Mal avancei para a luz que a fogueira desenhava, os rostos deles viraram-se para me saudar - e eu vi o tremendo vazio que sempre se apodera dos homens depois de uma batalha duramente travada.

- Não avançamos sequer um dedo - disse eu para Ulisses.
- Eles também não - retorquiu Ulisses tranqüilamente, a boca meio cheia de carne de porco.
- Quantos homens perdemos? - perguntou Idomeneu.
- Mais ou menos os mesmos que Heitor, talvez menos - disse Ulisses. As baixas que houve não chegam para alterar a correlação de forças.

- Nesse caso, creio que amanhã será um dia decisivo - comentou Meríona, bocejando.

- Sim, amanhã será um dia decisivo - concordou Agamêmnon, bocejando também.

Pouco mais conversas houve. Os corpos queixavam-se das dores e das feridas, as pálpebras caíam pesadas, as barrigas estavam cheias. Era tempo de nos enrolarmos em peles à volta do fogo. Contemplei as muitas centenas de pequenas luzes de fogo semeadas por toda a planície, cada uma delas uma fonte de conforto e segurança na imensidão da noite. Plumas de fumo erguiam-se na direção das estrelas, o fumo de dez mil fogueiras sob as muralhas de Tróia. Deitei-me e, por um momento, mirei as muitas estrelas cuja cintilação ora se avivava, ora se esbatia, ao sabor daquele nevoeiro de fumo que os homens haviam erguido, até que todas elas se dissolveram no sono, que é aquele que traz a escuridão da mente.

O segundo dia foi muito diferente do primeiro. Não houve tréguas que aplacassem a carnificina, não houve duelos que nos prendessem a atenção, não houve magníficos atos de heroísmo que elevassem a refrega acima do nível do comum dos homens. A lida era penosa e amargamente obstinada. Os meus ossos ansiavam por um merecido descanso, os meus olhos estavam cegos pelas lágrimas que todos os homens choram quando vêem um filho morrer. Antíloco chorou também pelo seu irmão; depois, pediu-me que o deixasse tomar o lugar do irmão na linha da frente. Não pude recusar. Tive de chamar um dos meus homens para conduzir o meu carro.

Imune a todos os cercos e tão mortífero como o próprio Ares, Heitor estava no seu elemento, atravessando constantemente o campo de batalha, acicatando as suas tropas com uma voz portentosa que não dava tréguas aos soldados nem a si mesmo. Ajax não teve tempo para persegui-lo; Heitor fez avançar toda a Guarda Real sobre os homens de Ajax e Diomedes; dispondo de muito mais soldados do que os seus dois mais perigosos inimigos, impediu que estes avançassem. Sempre que Heitor usava a sua lança, era certo e sabido que um homem morreria: com a lança, Heitor era tão bom como Aquiles. Se abria uma brecha na nossa linha, Heitor empurrava os seus homens para dentro dela; logo que a brecha se tornava um fato consumado, enviava mais e mais homens para dentro dela, como uma serra cravando os seus dentes cada vez mais fundo num gigante da floresta.

Ah, o sofrimento, a crueldade, a dor! De novo as lágrimas me cegaram quando outro dos meus filhos tombou, as entranhas dilaceradas por uma lança que Enéias arremessara. Escassos momentos depois, Antíloco por pouco não era decapitado por uma espada! Ah, não! Não o mais amado dos meus filhos! Por favor, misericordiosa Hera, onipotente Zeus, não me levem o meu querido Antíloco!

De vez em quando, mensageiros vinham informar-me da situação em outras partes do campo; dei graças aos deuses pelo fato de pelo menos os nossos chefes estarem sãos e salvos. Talvez porque os nossos homens estavam cansados, ou porque não tínhamos conosco os quinze mil homens de Aquiles, ou por qualquer outra mais obscura razão, começamos a perder terreno. Lenta e imperceptivelmente, fomos nos afastando cada vez mais das muralhas de Tróia, fomos nos aproximando cada vez mais das nossas próprias muralhas. Dei comigo no meio das hostes da primeira linha. O meu condutor soluçou de raiva quando se viu obrigado a fazer recuar os cavalos.

Heitor abateu-se sobre nós; pedi freneticamente por ajuda, pois o carro do príncipe troiano avançava na minha direção, erguendo-se já sobre o caos humano que me rodeava. A sorte estava comigo. Diomedes e Ulisses, não sei como, ocuparam o centro da nossa linha da frente, colocando os seus homens ao lado dos meus. Diomedes não fez qualquer tentativa para travar um combate singular com Heitor; em

vez disso, concentrou-se no condutor do príncipe, o qual, pelos vistos, não era o condutor habitual de Heitor, pois revelava uma inesperada inexperiência. Diomedes arremessou a sua lança e trespassou o homem que, caindo para trás agarrado às rédeas, obrigou os cavalos a pararem. Com a ajuda de Ulisses, conseguimos afastar-nos em segurança, enquanto Heitor cuspia imprecações e serrava as rédeas com uma faca.

Procurei voltar a juntar a minha secção da linha da frente, mas já não era possível. O medo apossara-se dos homens, muitos eram os que falavam de sinais aziagos. Nenhum de nós poderia alimentar mais ilusões: o nosso exército retirava. Percebendo isso, Heitor, com um grito de triunfo, mandou avançar o resto das suas linhas de reserva.

Ulisses acabou por salvar o dia. Saltou para um carro vago - onde estava o carro dele? - e deteve os Beócios quando estes começavam a debandar; obrigou-os a enfrentarem o inimigo por algum tempo, até que, por fim, lhes ordenou que recuassem lentamente e em perfeita ordem. Agamêmnon seguiu imediatamente o seu exemplo; aquilo que ameaçara ser uma verdadeira derrocada - e uma derrota fragorosa - transformou-se numa retirada com um mínimo de perdas. Diomedes carregou, com os seus homens de Argos, sobre os dentes dos troianos que continuavam a avançar, e eu segui-o com Idomeneu, Euripilo, Ajax e todos os seus homens.

Os nossos flancos tinham convergido para a linha da frente; o exército transformara-se numa cerrada formação com uma delgada frente suportando a investida de Heitor e o grosso dos nossos homens atrás de nós, recuando.

Teucro não largava o seu esconderijo atrás do escudo do irmão, as flechas voando constantemente e acertando sempre nos seus alvos. Heitor aproximava-se; Teucro viu-o, sorriu e pôs uma nova flecha no seu arco. Mas Heitor era demasiado esperto para se deixar abater por uma flecha que estava certamente à espera. Uma após outra, Heitor aparou com o escudo as flechas. Teucro ficou furioso - e a raiva levou-o a cometer um erro fatal: saiu do seu esconderijo. Heitor estava à espera dele. Já não tinha consigo nenhuma lança, mas encontrara uma pedra que, nas suas mãos, valia tanto como uma lança. Atingiu Teucro no ombro direito e o irmão de Ajax caiu por terra como um touro num sacrifício. Demasiado ocupado para reparar no que acontecera, Ajax continuou a combater. Ah, ali, ali!

O meu grito de alívio ecoou numa dúzia de gargantas quando a cabeça de Teucro se elevou no meio dos cadáveres. Vimo-lo depois rastejando por entre mortos e feridos na direção de Ajax. Agora, porém, Teucro era apenas mais um peso que o irmão teria de arrastar; os troianos continuavam a carregar.

Olhei desesperadamente para a retaguarda, para ver a que distância estávamos das nossas muralhas; fiquei assustado: as nossas últimas linhas penetravam no acampamento.

Ulisses e Agamêmnon conseguiram que a retirada terminasse sem pesadas baixas. Finalmente, podíamos refugiar-nos na nossa cidade de pedra. Além disso, estava demasiado escuro para que Heitor se atrevesse a perseguir-nos. Deixamo-los do outro lado do fosso e da paliçada, escarnecendo de nós e rosnando como cães furiosos colados às nossas pernas.

Capítulo Vigésimo Quinto

Narrado por Ulisses

Não foi uma reunião muito alegre aquela que tivemos nessa noite em casa de Agamêmnon; pouco mais fizemos do que entregarmo-nos à entediante tarefa de recuperar as forças para o dia seguinte. Doía-me a cabeça, a minha garganta estava ferida de tanto gritar, os meus flancos estavam em carne viva devido ao atrito da couraça e apesar da proteção almofadada que usava por baixo. Todos nós apresentávamos pequenas feridas - peles esfoladas, escoriações diversas, cortes dos tipos mais variados - e o sono apoderava-se já de nós.

- Um tremendo revés - disse Agamêmnon, no meio de um silêncio exausto. Tremendo, Ulisses.

Diomedes correu a defender-me.

- Tal como Ulisses previra! - exclamou. Nestor aquiesceu. Pobre Nestor. Pela primeira vez, parecia ter a idade que realmente tinha e não era para admirar. Perdera dois filhos naquele dia. Com uma voz que o esgotamento tornara aguda, disse: - É cedo para desesperar, Agamêmnon. A hora da vitória chegará para nós - e tornará doces todas as derrotas.

- Eu sei, eu sei! - exclamou Agamêmnon.

- Seria melhor que alguém fosse contar a Aquiles - disse Nestor, num murmúrio apenas audível para aqueles que conheciam o nosso plano. - Ele está cumprindo o prometido, mas, se não o mantivermos informado, pode muito bem avançar antes do tempo.

Agamêmnon trespassou-me com o seu olhar.

- Ulisses, a idéia foi tua: vá visitar Aquiles. Arrastei-me exausto na direção do acampamento de Aquiles. Obrigar-me a atravessar todo o acampamento grego (já que a base de Aquiles ficava num dos extremos) fora a maneira que Agamêmnon encontrara para se desforrar de mim.

Contudo, enquanto caminhava, descansado e tranqüilo, a energia começou lentamente a voltar aos meus músculos. Acabei por me sentir mais retemperado depois deste pequeno esforço do que me sentiria se tivesse dormido a noite inteira. Quem me visse pensaria por certo que Agamêmnon me mandara insistir junto de Aquiles para que mudasse de idéia. Os soldados não ficaram por certo surpreendidos quando me viram atravessar a porta do acampamento mirmidão. Os homens de Aquiles - tanto os mirmidões como todos os outros soldados da Tessália - miraram-me com um ar triste. Estavam ávidos de guerra - e reduzidos à mais absoluta impotência.

Quando entrei na casa de Aquiles, estava este aquecendo as mãos junto ao tripode de fogo, tão esgotado e nervoso como qualquer um dos chefes que haviam combatido durante aqueles dois dias. Pátrocles estava sentado diante dele: diria que o seu rosto não era feito nem de carne nem de pele, mas sim de granito. Creio que não fiquei surpreendido com a atitude de Pátrocles: a causa era evidente e tinha um nome de mulher, Briseida. O meu relacionamento com Diomedes era tão amistoso quanto sensual, uma ligação que fazia todo o sentido naquelas circunstâncias e que nos proporcionava um prazer extremo. Porém, se ele ou eu quisesse dormir com uma mulher, não havia mal nenhum. Não era nenhuma catástrofe, nenhum de nós se sentia traído. Pátrocles amava e imaginara-se em segurança, permanentemente livre de rivais. Ao passo que Aquiles, como todos os homens que ardem por outras coisas que não a carne, não se entregara verdadeiramente ao seu amante. Sentindo-se atraído apenas por homens, Pátrocles considerava que fora cruelmente traído. Pobre Pátrocles... Pobre, apenas porque amava.

- Que te traz ao meu acampamento? - perguntou Aquiles num tom o mais azedo possível. - Pátrocles, pede aos escravos que tragam comida e vinho para o rei.

Suspirando grato, sentei-me numa cadeira enorme e esperei que Pátrocles saísse.

- Ouvi dizer que as coisas correram mal - disse Aquiles logo que o amigo saiu.

- Como se esperava, Aquiles. Não se esqueça disso - retorqui. - Heitor conseguiu que os seus soldados lutassem duramente durante todo o dia, mas Agamêmnon não conseguiu o mesmo dos nossos. A retirada começou logo que começaram os murmúrios - todos os augúrios estavam contra nós, o céu estava cheio de águias voando do lado esquerdo, uma luz dourada banhava a cidadela de Tróia e outras coisas do gênero. Quando os homens desatam a falar de sinais aziagos, não há nada a fazer. De maneira que recuamos e Agamêmnon teve de nos conduzir para o interior das fortificações a fim de passarmos a noite.

- Disseram-me que Ájax e Heitor tinham travado um duelo.

- Sim, um duelo que durou mais de uma oitava parte da tarde - e que, mesmo assim, não chegou ao seu desfecho. Mas não se preocupe, Aquiles. Heitor será para você!

- O problema não é esse, Ulisses: o problema é que há homens morrendo sem qualquer necessidade! Deixe-me combater amanhã! Por favor!

- Não - retorqui eu, num tom categórico. - Só combaterá quando o nosso exército correr perigo de aniquilamento. Ou quando os navios começarem a arder - caso Heitor consiga entrar no nosso acampamento. Mesmo em tais circunstâncias, dirá a Pátrocles que comande as suas tropas - não deve ser você a sair com elas. - Fitei-o gravemente. - Não se esqueça do juramento que fez diante de Agamêmnon.

- Fique tranqüilo, Ulisses, eu cumprio sempre aquilo que juro. Aquiles baixou a cabeça e caiu num silêncio que parecia interminável. Quando Pátrocles voltou, foi assim que nos viu: Aquiles todo curvado e eu olhando, com um ar ausente, para a sua cabeça dourada. Pátrocles ordenou aos criados que pusessem a comida e o vinho na mesa. Depois, ficou tão parado e frio como uma coluna de gelo. Aquiles lançou-lhe um breve olhar e logo se virou para mim.

- Diga a Agamêmnon que não volto atrás na minha palavra - disse-me ele num tom perfeitamente formal. - Diga-lhe que arranje outro para o salvar dos apuros em que se meteu. Ou então que me devolva Briseida.

Bati na coxa, fingindo que estava exasperado.

- Como quiser, Aquiles.

- Fique e coma, Ulisses. Pátrocles, vá deitar-se. Nunca naquela casa! Pátrocles deu meia volta e disparou porta fora.

Podia ser que dormisse mais tarde; porém, quando deixei o acampamento mirmidão, senti-me tão cheio de vida, tão cheio de energia, que desejei fazer uma maldade qualquer. Foi por isso que me encaminhei para o pequeno vale onde a minha colônia de espiões continuava alojada. Muitos dos meus agentes que tinham ficado no acampamento (outros tantos estavam a viver em Tróia) estavam acabando de jantar; Tersita e Sinão saudaram-me calorosamente.

- Novidades? - perguntei, enquanto me sentava.

- Uma novidade muito interessante - disse Tersita. - Ia procurá-lo por causa dela.

- Ah! Sou todo ouvidos, Tersita!

- Quando a batalha terminou, chegou a Tróia um novo aliado - um primo distante de Príamo, chamado Reso.

- Quantos soldados trouxe? Sinão riu-se.

- Nenhum! Reso não passa de um fanfarrão. Se o picarmos, só sai vento! Intitula-se aliado de Tróia, mas, de fato, é um refugiado! Foi corrido pelo seu próprio povo...

- Sim senhor, sim senhor! - disse eu, e esperei pelo resto.

- Reso possui um trio de magníficos cavalos brancos que são referidos num oráculo troiano - disse Tersita. - Diz esse oráculo que os cavalos de Reso são os filhos imortais do alado Pégaso, tão velozes como Bóreas e tão selvagens como Perséfone antes de Hades a ter possuído. Se esses cavalos beberem água do Escamandro e comerem erva troiana, Tróia nunca cairá. Uma promessa, diz o oráculo, de Poseidon, o qual, no entanto, parece que está do nosso lado.

- Eu sei que Poseidon está do nosso lado, mas diga-me uma coisa: os cavalos já beberam água do Escamandro e já comeram erva troiana?

- A erva, já comeram, mas na água do Escamandro ainda não tocaram.

- Não sou eu quem os vai censurar! - retorqui, divertido. - Eu também não beberia daquela água!

- Príamo ordenou que lhe trouxessem um ou dois baldes de água do Escamandro, mas de um local mais próximo da nascente... - disse Sinão, tão divertido como eu. - O rei de Tróia decidiu transformar a coisa numa cerimônia pública. Os cavalos vão beber dos baldes amanhã ao alvorecer. Entretanto, coitados dos cavalos, vão passar uma sede horrível!

- Muito interessante... - Levantei-me, esticando braços e pernas. - Tenho de ver essas fabulosas criaturas com os meus próprios olhos. Creio que, se tivesse um trio de cavalos brancos, poderia dar à minha imagem um pouco mais de... como dizer?... elegância.

- Sim, de fato um bocadinho mais de elegância não lhe ficaria nada mal zombou Sinão.

- Um bocadinho? Um bocadão! - ajudou Tersita.

- Muito grato pelas vossas apreciações, meus senhores! Digam-me: onde é que eu posso encontrar esse trio imortal?

- Isso nós não conseguimos saber - respondeu Tersita, franzindo o sobrolho. - Sabemos apenas que se encontram na planície, com o resto do exército troiano.

Diomedes, Agamêmnon e Menelau estavam à minha espera nas proximidades da minha casa; avancei descontraidamente na direção deles como se estivesse a dar um passeio higiênico. Sorri para Diomedes, um sorriso cujo significado ele conhecia bem e que o encheu de entusiasmo.

- Aquiles está calmo - disse eu para Agamêmnon.

- Os deuses sejam louvados! Assim posso ir deitar-me. Logo que Menelau e Agamêmnon partiram, entrei na minha casa com Diomedes e chamei um criado.

- Traga-me um traje de cabedal leve e dois punhais - disse eu.

- Então o melhor é eu ir equipar-me de igual modo - disse Diomedes.

- Encontramo-nos na ponte do Simoente.

- E quando é que dormimos?

- Mais tarde, mais tarde!

Envergando um cabedal macio e escuro, e com dois punhais no cinto, Diomedes foi ter comigo à ponte do Simoente. Protegidos pelas sombras, atravessamos silenciosamente a ponte; logo a seguir à ponte, vinham os fossos e a paliçada.

- Qual é o nosso objetivo? - murmurou ele.

- Apetecia-me ter um trio de cavalos brancos imortais...

- Com um trio desses, vais melhorar muito a tua imagem... Lancei-lhe um olhar desconfiado.

- Não me diga que estive falando com Sinão e Tersita!

- Não, não estive - retorquiu ele com o ar mais inocente deste mundo. Onde é que estão os cavalos?

- Não faço idéia. É algum lugar no meio desta escuridão.

- É o mesmo que procurar uma pulga na pele de um urso. Apertei-lhe o braço.

- Cale-se! Vem alguém. Mentalmente, saudei a minha protetora: a minha querida Palas Atena, a Dama Coruja, trazia-me sempre sorte. Escondemo-nos no fosso junto à ponte e esperamos.

Saído da escuridão da noite, um homem avançou rapidamente na direção da ponte. Ouvia-se a armadura dele a tilintar: para andar de armadura naquelas circunstâncias, só poderia ser um espião amador. E nem sequer se lembrou de se furtar ao luar - extraordinário! Os raios da lua banharam-no por um longo momento, revelando um homem baixinho e gordo, envergando uma armadura que lhe devia ter custado bom dinheiro. Coroando o elmo, lá estava a pluma púrpura de Tróia. Deixamo-lo aproximar-se de nós e só depois saltamos sobre ele. Tapei-lhe a boca, sufocando-lhe o grito; Diomedes prendeu-lhe os braços atrás das costas; depois, atiramo-lo violentamente para o chão. O homem fitou-nos com uns olhos que, de tão esbugalhados, quase lhe saíam das órbitas; tremia tanto como uma alforreca. Não, não era um dos espiões de Palamedes. Com certeza trabalhava por conta própria.

- Quem é você? - rosnei-lhe eu num murmúrio feroz.

- Dólon - conseguiu ele dizer.

- Que faz aqui, Dólon?

- O príncipe Heitor pediu voluntários para irem ao acampamento grego, porque queria saber se Agamêmnon tencionava sair amanhã.

Estúpido Heitor! Por que raio é que ele não deixava a espionagem nas mãos de profissionais como Palamedes?

- Um homem chegou esta noite. Reso. Onde fica o acampamento dele? perguntei, afagando a lâmina do meu punhal.

O homem engoliu em seco e desatou numa tremedeira.

- Não sei, não sei! - baliu o desgraçado. Diomedes aproximou-se dele e, calmamente, cortou-lhe uma orelha. Depois, mostrou-lhe o apêndice que acabara de perder, enquanto eu lhe tapava a boca para ele não gritar. Só lhe tirei a mordaca da minha mão quando ele percebeu que tinha mesmo que falar.

- Fala, serpente! - atirei-lhe.

O homem falou. E quando acabou de falar partimos-lhe o pescoço.

- Olhe só para estas jóias, Ulisses! - exclamou o meu amigo.

- Um homem muito rico... Talves, era daqueles que se dedicam a roubar os mortos depois da batalha. Enfim, um homem que não era digno das atenções de Heitor. Tira-lhe as bugigangas todas que ele traz e esconde-as. Quando voltarmos, leve-as para o seu baú. Será a tua parte dos despojos desta noite, pois eu quero ficar com os cavalos.

Diomedes pôs-se a apreciar uma enorme esmeralda.

- Não posso me queixar, Ulisses... Só com esta esmeralda, poderei comprar cem cabeças de gado para povoarem a planície de Argos.

Encontramos o acampamento de Reso exatamente no lugar que Dólon indicara. Numa elevação próxima, paramos para combinar a nossa estratégia.

- Que idiota! - murmurou Diomedes. - Porque é que está tão isolado?

- Deve sentir-se superior aos outros... Quanto vê?

- Uma dúzia. Mas não sei dizer quem é Reso.

- Sim, também contei uma dúzia. Primeiro matamos os homens, depois levamos os cavalos. Sem barulho.

Com os punhais entre os dentes, deslizamos silenciosamente, Diomedes na direção da fogueira, eu na direção oposta. Em operações deste gênero, a prática é muito útil; a escassa corte de Reso morreu enquanto dormia, e os cavalos, vagas formas brancas no negrume da noite, não chegaram a assustar-se. Foi fácil descobrir quem era Reso. Também ele era um colecionador de jóias. Era o que estava mais perto da fogueira; as jóias cintilavam ao sabor das chamas.

- Olha só para esta pérola! - sussurrou Diomedes, erguendo-a à luz da lua.

- Mais mil cabeças de gado - disse eu, sussurrando ainda mais baixo do que ele, pois havia sempre o perigo de alguém aparecer inesperadamente.

Os cavalos tinham sido amordaçados, não fossem romper as cordas e desatar a correr para o Simoente a fim de matarem a sede. Melhor para nós; desse modo, não haveria relinchos. Enquanto eu procurava os cabrestos e saudava o meu novo trio de cavalos, Diomedes procedeu à colheita de tudo o que

valesse a pena levar para o nosso acampamento; depois, colocou a carga no dorso de uma mula. E foi assim que regressamos à ponte do Simoente, onde o meu amigo de Argos juntou aos seus tesouros as jóias de Dólon.

Agamêmnon não ficou nada satisfeito por eu tê-lo acordado. Mas desatou a rir mal lhe contei a história de Reso e dos seus cavalos.

- Percebo que queira ficar com os filhos do alado Pégaso, Ulisses, mas...e o pobre Diomedes? Com que é que ele fica?

- Estou satisfeito com o que tenho - respondeu o astuto Diomedes, com um ar muito nobre.

Sim, aquela era a resposta certa. De fato, porque haveria Diomedes de dizer a Agamêmnon - que tinha um baú de guerra para encher - que acumulara uma fortuna formidável apenas numa noite?

A história dos cavalos de Resos era já o tema de todas as conversas quando, ao amanhecer, os nossos homens tomaram o desjejum; ficaram deliciados com a novidade e saudaram-me entusiasticamente quando passei com o meu novo trio de cavalos na direção da ponte do Simoente, à frente mesmo de Agamêmnon, que queria que Tróia visse.

Tróia viu e não gostou. A batalha foi sangrenta, crudelíssima. Agamêmnon aproveitou uma oportunidade única e cavou uma profunda brecha na linha troiana, obrigando-os a se retirar. Os nossos homens ficaram entusiasmados com a perspectiva de acabarem com eles e forçaram-nos a recuar até perto das muralhas de Tróia. Aí, porém, os Troianos, em muito maior número do que nós, voltaram a juntar-se e a organizar-se e a nossa sorte mudou por completo. De súbito, os reis começaram a ceder.

O primeiro foi Agamêmnon, que nesse dia estava cheio de energia e de ânimo. Quando seguia ao longo da linha, na nossa direção, abateu com uma lança um homem que tentou detê-lo, mas não viu o homem que vinha atrás e que cravou a sua lança na coxa do rei supremo. A ponta da lança era farpada, a ferida sangrava copiosamente; o nosso rei supremo viu-se forçado a deixar o campo de batalha.

Depois, foi a vez de Diomedes. Conseguiu atingir o elmo de Heitor com um dardo, deixando-o atordoado por um momento. Radiante, Diomedes avançou para desferir o golpe fatal enquanto eu me concentrava nos cavalos e no condutor de Heitor, procurando imobilizar o carro. Nenhum de nós viu a figura que se ocultava por detrás do carro até que ela se ergueu com o arco preparado para disparar, os dentes brancos cintilando num sorriso quando lançou a flecha. Esta quase se cravava no chão. Mas não era o chão o seu alvo: era o pé do meu amigo de Argos. Preso ao chão pela flecha, Diomedes amaldiçoou o arqueiro e prometeu vingar-se dele. Páris - pois era esse o nome do arqueiro - escapuliu-se num ápice. Não havia dúvida: Tróia também tinha um Teucro.

- Abaixa-se e arranque-a! - gritei para Diomedes, correndo para protegê-lo com alguns dos meus soldados de Ítaca.

Diomedes fez o que eu lhe disse enquanto eu brandia um machado que tirara de um morto. Não era a minha arma preferida; o machado era demasiado pesado e difícil de manejar; porém, para rechaçar um anel de inimigos, não havia melhor. Decidido a permitir que Diomedes recuasse em segurança, empunhei ferozmente a medonha arma até que o meu amigo conseguiu afastar-se, coxeando e cheio de dores, demasiado incapacitado para poder continuar num campo de batalha.

Nesse exato momento, também eu fui atingido. Alguém arremessou uma lança e com tal pontaria que a maldita lança se cravou na barriga da minha perna, um pouco abaixo dos tendões do jarrete. Os meus soldados rodearam-me até eu conseguir arrancá-la, mas a ponta da lança era farpada e levou consigo um grande pedaço de carne. Sangrando abundantemente, tive de perder um tempo precioso estancando a ferida com ligaduras que fiz com a roupa de um morto.

Menelau e os seus espartanos chegaram entretanto para nos ajudar; a muito custo, consegui juntar-me a eles. Ájax apareceu também e ele e Menelau afastaram-se um pouco para que eu pudesse esconder-me atrás do carro de Menelau. Um guerreiro glorioso, Ájax! Com o sangue fervendo, ceifava tudo à sua volta com uma energia que eu nunca poderia ter. E foi assim que conseguiu que os Troianos recuassem. Um dos chefes troianos reagiu, fazendo avançar mais e mais homens e estacando assim o recuo. Por muitos inimigos que os nossos valorosos soldados e o poderoso Ájax conseguissem ceifar, havia sempre soldados troianos prontos a tomarem o lugar dos camaradas mortos, saltando para a batalha como os soldados saltando dos dentes do dragão.

Agradecendo aos deuses que Heitor tivesse desaparecido, tratei de fazer alguma coisa de útil, pedindo que se procedesse a uma concentração das nossas forças naquela área. Euripilo era o chefe que estava mais perto e não demorou, avançando por um dos lados: mesmo a tempo de apanhar com uma flecha de Páris num dos ombros. Macáon veio logo a seguir e teve a mesma sorte. Páris. Ah, o verme! Não

desperdiçava flechas com soldados; escondia-se num lugar seguro e confortável e esperava que aparecesse um príncipe. Nisso divergia de Teucro, pois Teucro disparava contra qualquer alvo.

Por fim, não sei bem como, consegui chegar à retaguarda, onde encontrei Podalírio tratando de Agamêmnon e Diomedes, que aguardavam desconsolados a evolução da lida, tão próximos da batalha quanto a sua ousadia permitia. Foi com horror que viram chegar a mim, logo seguido de Macáon e Eurípilo.

- Mas porque é que você combate, meu irmão? - perguntou Podalírio, furioso, enquanto deitava Macáon no chão.

- Trata primeiro de Ulisses - disse o ofegante Macáon, cuja ferida sangrava lentamente.

E foi assim que a minha ferida foi tratada e ligada em primeiro lugar; Podalírio tratou depois Eurípilo, preferindo cravar um pouco mais a flecha no ombro antes de tirá-la, pois temia que os danos fossem maiores se a arrancasse com uma força parecida com aquela com que a flecha se cravara.

- Onde está Teucro? - perguntei, afundando-me ao lado de Diomedes.

- Ordenei-lhe que abandonasse o campo de batalha - disse Macáon, ainda à espera da sua vez. - Por causa do golpe de Heitor, o ombro de Teucro inchou de tal maneira que, agora, mais parece a rocha com que Heitor o atingiu. Tive de drenar uma parte do fluido que se concentrou no inchaço. Tinha o braço completamente paralisado mas agora já consegue mexê-lo.

- As nossas hostes estão minguando - disse eu.

- Muito - disse Agamêmnon com um ar pesaroso. - Os soldados também se deram conta disso. Não percebeu a mudança?

- Sim, percebi - retorqui, levantando-me e experimentando a minha perna. - Sugiro que regressemos ao acampamento antes que o pânico tome conta dos homens. Os soldados não tardarão a retirar rumo à praia, mesmo que não haja ordens nesse sentido.

Apesar de ter sido eu o responsável pela retirada, nem por isso deixei de a considerar um rude golpe. Eram muito poucos os reis que restavam para controlar os homens; dos principais chefes, só Ájax, Menelau e Idomeneu permaneciam no campo de batalha. Uma secção da nossa linha rompeu-se; a brecha alargou com uma velocidade surpreendente. Inopinadamente, todo o exército virou as costas e desatou a fugir para a segurança do acampamento. Eram tão estridentes os gritos de Heitor que conseguia ouvi-los do alto das nossas muralhas; pouco tempo depois, os Troianos mais pareciam cães esfomeados perseguindo uma presa. Os nossos homens estavam ainda entrando no acampamento através da ponte do Simoente, com os Troianos atacando a sua retaguarda, quando Agamêmnon, lívido de terror, deu as suas ordens. A porta foi fechada antes que o último - e o mais corajoso - dos homens conseguisse entrar. Tapei os ouvidos e fechei os olhos. A culpa é tua, Ulisses! Tudo por culpa tua!

Era demasiado cedo para que uma batalha terminasse. Heitor tentaria assaltar as nossas muralhas. Vagando pelo acampamento, as nossas tropas demoraram algum tempo a juntar-se e a entender que, agora, a sua tarefa consistiria em defender as fortificações. Escravos correram a aquecer caldeirões de água para derramar sobre as cabeças daqueles que tentassem escalar as muralhas; não nos atrevíamos a usar azeite fervendo, pois temíamos que as muralhas acabassem por arder. As pedras já se encontravam empilhadas ao longo das muralhas há vários anos, pois nós sabíamos prever as emergências.

Os Troianos, frustrados, concentraram-se ao longo da trincheira, os chefes rodando impacientes nos seus carros, exortando os homens a formarem de novo. Heitor continuava no seu carro dourado, com o seu velho condutor, Quebríones, controlando agora as rédeas. Apesar do renhido conflito, parecia tão ereto e confiante como sempre. Pois que parecesse. Pousei o queixo sobre as mãos enquanto os nossos homens começavam a preencher os espaços à minha volta no topo das muralhas e preparei-me para ver o que iria Heitor fazer para lançar o seu assalto. Porque, das duas uma: ou estava disposto a sacrificar muitos dos seus soldados ou tinha de definir um plano muito mais perspicaz do que o recurso à simples força bruta.

Capítulo Vigésimo Sexto

Narrado por Heitor

Encurrei-os dentro das suas próprias muralhas como se fossem ovelhas; a vitória, apertava-a já na palma da minha mão - e não me fugiria! Eu, que vivera toda a minha vida dentro de muralhas, sabia, muito melhor do que qualquer outro homem, como lançar um assalto efetivo a fortificações de todo o gênero. Em todo o mundo conhecido, só as muralhas de Tróia eram realmente invulneráveis. Aquele era o meu grande momento. Sentia já a glória de uma vitória sobre Agamêmnon e jurava que, acontecesse o que acontecesse, faria com que esse rei arrogante conhecesse o desespero que nós experimentávamos desde o dia em que os seus mil navios haviam saído de Ténedo. Uma fileira de cabeças erguia-se já na patética muralha, enquanto eu inspecionava as tropas do alto do meu carro, com Polidamas a meu lado. Quebriones fora buscar água para os cavalos.

- Que acha? - perguntei a Polidamas.

- Bom, é claro que não estamos diante de nenhuma Tróia... No entanto, estas muralhas apresentam alguns perigos. As duas passagens, tão longe uma de outra, foram uma medida inteligente. A trincheira e a paliçada também foram obra de peritos. Já percebeu o erro deles?

- Já. O espaço entre a muralha e a trincheira é demasiado amplo - respondi. - Usaremos as passagens deles, mas não para atacar as portas. As usaremos para atravessar a paliçada e a trincheira. Depois, os nossos homens avançarão ao longo da trincheira a fim de atacarem a própria muralha. Esta é uma zona em que a extração de pedra é muito difícil. Daí que eles tivessem de recorrer à madeira, exceto no que toca às torres de vigia e aos contrafortes.

Palamedes aquiesceu.

- Sim, eu faria exatamente o mesmo, Heitor. Mando homens a Tróia para trazerem combustíveis?

- Imediatamente - tudo o que possa arder, mesmo a vulgar gordura usada nos cozidos. Enquanto trata disso, convocarei uma reunião dos meus chefes, disse eu.

Quando Páris - o último a chegar, como sempre - apareceu, anunciei ao grupo o que tencionava fazer.

- Dois terços do exército penetrarão através da passagem do Simoente, um terço através da passagem do Escamandro. Vou dividir as tropas em cinco segmentos. Eu comandarei o primeiro, com Polidamas. Páris, você ficará com o segundo. Heleno, você comandará o terceiro, com Deífobo. Os nossos três segmentos se dirigirão para o Simoente. Enéias, você ficará com a quarta seção e rumará ao Escamandro. Sarpédon e Glauco seguirão também para o Escamandro.

Heleno estava radiante porque eu lhe dera o comando de um dos segmentos, preterindo Deífobo, o qual não conseguia decidir se estava mais furioso com essa desconsideração ou com o fato de Páris comandar a sua própria divisão. Enéias também não ficou muito feliz por eu o ter associado a Sarpédon e Glauco: para ele, era como se estivesse a considerá-lo um estrangeiro.

- Quando os homens chegarem às extremidades interiores das passagens, mudarão de rumo a fim de caminharem na direção uns dos outros; aqueles que chegarem ao Simoente seguirão na direção do Escamandro e vice-versa, até preencherem todo o espaço ao longo da muralha, entre a própria muralha e a trincheira. Entretanto, os não combatentes dismantelarão a paliçada e usarão as estacas para fazer escadas e achas para o fogo. O fogo será o nosso melhor instrumento. O fogo fará com que a muralha grega desmorone. Por isso, a nossa primeira tarefa consistirá em atear fogo à muralha, de tal modo que os defensores não consigam apagá-lo.

Entre os chefes, encontrava-se o meu primo Ásio, uma criatura insuportável pois tinha a mania de pôr sempre em dúvida as minhas ordens.

- Heitor - disse ele bem alto, para que todos ouvissem -, não vai usar a tua cavalaria?

- Claro que não - retorqui, sem a menor hesitação. - De que nos serviria a cavalaria? A última coisa de que precisamos é de cavalos e de carros enfiados num espaço fechado.

- Então e não atacamos as portas?

- Ásio, os Gregos terão a maior facilidade em defender as portas.

- Essa agora ... ! - atirou-me Ásio com um ar desdenhoso. - Pois bem: deixa-me mostrar-te como é que se faz!

Antes que eu pudesse contrariá-lo, Ásio lançou-se numa corrida imparável, gritando para que os homens do seu esquadrão o seguissem nos seus carros. E lá foi ele na direção da passagem do Simoente. Embora fosse uma passagem ampla, a verdade é que um trio de cavalos também ocupa muito espaço; os

cavalos das pontas ficaram em pânico mal viram as estacas pontiagudas que se projetavam do fosso de cada lado da passagem; ao fim de pouco tempo, esse pânico comunicou-se também ao cavalo do meio. Num abrir e fechar de olhos, os três cavalos empinaram-se e pararam, lançando o caos entre os aurigas que vinham atrás de Ásio. Enquanto o condutor de Ásio fazia um esforço hercúleo para controlar os cavalos, as portas no final da passagem abriram-se um pouco. Pela bandeira, concluí que eram Lápitais; estremei de medo. Ásio era um homem morto. Um dos dois chefes dos Lápitais arremessou a sua lança, que trespassou o peito do pobre fanfarrão. Sob o impacto da lança, Ásio deu um salto enorme no seu carro e foi esparramar-se em cima das estacas do fosso. O condutor do carro foi a vítima seguinte; os Lápitais esconderam-se atrás do carro e assim atacaram os que vinham atrás de Ásio. Não havia nada que eu pudesse fazer. Terminada a carnificina, os Lápitais retiraram em boa ordem e as portas do Simoente foram fechadas.

Agora, antes de fazer avançar os meus homens, teria de limpar a passagem do Simoente de todos aqueles cadáveres. Porém, Enéias, Sarpédon e Glauco demorariam ainda algum tempo para chegar à passagem do Escamandro - a qual, concluí com satisfação, não disporia de defensores. Com efeito, Aquiles era o homem que estava mais próximo das portas do Escamandro - e Aquiles recusara-se a cumprir o seu dever perante Agamêmnon. Para ele, uma moça tonta era mais importante do que os seus concidadãos. Mas que farsante ... !

Os homens avançaram em passo de corrida e viraram para dentro ao longo da base da muralha, saudados por uma tempestade de lanças, flechas e pedras. Com os escudos sobre as cabeças, pouco sofreram com tais mísseis, enquanto se encaminhavam firmemente na direção da passagem do Escamandro, onde as tropas estrangeiras começavam também a virar para dentro. Os não combatentes estavam dismantando a paliçada de madeira, fazendo escadas com as estacas mais compridas e cortando as outras para que servissem de combustível para a fogueira. Azeite, peixe e gordura dos cozidos começavam a chegar de Tróia quando tive a idéia de ordenar aos meus homens que construíssem estruturas sobre as quais poderiam colocar os seus escudos, servindo-lhes estes de telhado.

As fogueiras não tardaram a ser acesas; vi a fumaça começando a subir na direção dos rostos de súbito assustados ao longo do topo da muralha. Cascatas de água desciam do alto das muralhas, mas algumas das minhas coberturas tinham sido adaptadas de forma a protegerem as fogueiras, impedindo a sua extinção; por outro lado, o azeite, de mistura com a água, provocava uma fumarada horrenda, o que era, para nós, uma grande vantagem.

Tentamos escalar a muralha com as escadas, mas os Gregos eram demasiado astutos para permitirem que tal acontecesse. Ájax não parava ao longo da seção central, onde eu estava, atirando vigorosamente o seu grito de guerra e derrubando escadas com o poderoso pé. Um desperdício, enfim. Ordenei a cessação do assalto.

- Só vamos lá com o fogo - disse eu a Sarpédon, cujas tropas já tinham se encontrado com as minhas.

As primeiras fogueiras - as da nossa seção - depressa pegaram, e com que fúria! Arqueiros lícios mantinham as cabeças no parapeito baixo sob as coberturas, enquanto outros lícios e os meus troianos alimentavam as fogueiras.

- Deixe-me tentar o assalto às muralhas - pediu Sarpédon. Escudadas pela fumarada, as escadas foram encostadas à muralha e aí ficaram enquanto os arqueiros de Sarpédon disparavam uma chuva de flechas na direção dos defensores. Então, como que por magia, as plumas dos elmos lícios começaram a ondular no topo da muralha; logo encontraram oposição. Ouvi um chefe grego pedir reforços, mas eu não estava à espera de Ájax e dos seus salaminianos. Ao fim de breves momentos, a pequena vitória transformou-se numa derrota fragorosa; corpos caíam aos nossos pés, gritos de guerra lícios transformavam-se em gritos de dor. E Teucro estava atrás do escudo do irmão, disparando os seus dardos, não para a confusão de homens que se encontrava no alto das muralhas, mas para nós, que estávamos em baixo.

Depois de um gemido sufocado ao meu lado, senti o peso de alguém que, ao cair, se agarrava desesperadamente a mim; ajudei Glauco a deitar-se na terra; tinha uma flecha espetada no ombro, apesar da armadura. A ferida era demasiado profunda. Olhei para Sarpédon e abanei a cabeça; da boca de Glauco saía já uma espuma rósea, sinal de morte iminente.

Sarpédon e Glauco eram como gêmeos: haviam governado juntos e o seu amor permanecia incólume há muitos, muitos anos. A morte de um deles significaria por certo a morte do outro.

Os gritos angustiados de Sarpédon ouviram-se por um breve momento apenas; depois, Sarpédon pegou numa manta que cobria um soldado ferido, envolveu com ela o rosto e os ombros e avançou sem

medo por cima de uma das fogueiras. Um pouco acima, havia uma corda suspensa de um gancho, uma corda em que os Gregos não tinham reparado, tal era a sua ânsia em afastarem os Lícios do topo das muralhas. Sarpédon agarrou-se à corda e içou o seu corpo com uma força que parecia sobre-humana, tão grande era a dor que sentia devido à morte de Glauco. A madeira chiou e rangeu, os toros enegrecidos começaram a abrir fendas e a partir-se; de súbito, uma secção enorme da muralha abateu-se diante dos nossos olhos. Os infelizes troianos que se encontravam debaixo dela morreram esmagados; os infelizes gregos que estavam no alto dessa secção afundaram tão rapidamente como a muralha; num instante, toda a secção central da minha linha foi varrida pela destruição. Através do buraco assim aberto, pude ver os altos edifícios de pedra e os alojamentos de madeira dos soldados, e, para lá das construções, as imensas filas de navios, e o cinzento Helesponto. Então, Sarpédon tapou-me a vista; lançou fora a manta, pegou a espada e o escudo e penetrou no acampamento grego, anunciando, com uivos medonhos, a morte dos seus inimigos.

Os Gregos dispersaram antes de nós avançarmos; os nossos homens eram como uma torrente invadindo o acampamento inimigo. Momentos depois, porém, os Gregos voltaram a juntar-se e enfrentaram-nos. Ájax estava presente e ele era uma peça decisiva na resistência; porém, naquele caos, nunca encontraríamos o espaço necessário para travarmos um duelo. Nenhuma das linhas da frente cedia um passo que fosse; Idomeneu e Meríona trouxeram os seus soldados cretenses e, nesse momento, o meu irmão Alcátoou encontrou a morte. Afastei as lágrimas dos meus olhos e amaldiçoei a minha fraqueza, ainda que esta fosse feita mais de fúria do que de mágoa. Com uma tal fraqueza, combateria ainda melhor.

Rostos apareciam e desapareciam - Enéias, Idomeneu, Meríona, Menesteu, Ájax, Sarpédon. Havia agora muitos troianos entre os lícios e os dardanianos; olhei de relance para trás e verifiquei que a brecha na muralha aumentara muito de tamanho. Só as plumas cor de púrpura obstavam a que matássemos os nossos próprios homens, tão apinhado era o campo de batalha, tão violentamente disputado era o terreno. Homens morriam estupidamente, homens morriam corajosamente; constantemente escorregávamos em seixos que não eram seixos, mas sim cadáveres e, em certos lugares, o amontoado de homens era tal que os mortos ficavam em pé, as bocas escancaradas, o sangue jorrando fervilhante das feridas. Os meus braços e o meu peito estavam forrados de sangue de outros homens, todo o meu corpo escorria sangue.

Polidamas apareceu de repente a meu lado.

- Heitor, precisamos de você. Um grande número dos nossos soldados já entrou no acampamento através da brecha, mas os Gregos são fortes. Por favor, segue para o Simoente o mais depressa possível! Precisei de algum tempo para retirar sem semear o pânico entre aqueles que ficavam; por fim, porém, consegui recuar até encontrar a muralha grega, junto à qual segui, animando constantemente os homens, lembrando-lhes que a vitória só seria nossa quando queimássemos os mil navios e impedíssemos o inimigo de regressar à sua pátria.

A meio do meu caminho, houve alguém que me passou uma rasteira. Quase lhe cortava a cabeça; só não lhe cortei porque, antes de desferir o golpe fatal, verifiquei que o inimigo era afinal Páris, o meu irmão, que estava perdido de riso!

- Por todos os deuses! Não vê onde pões os pés? - perguntou-me ele.

Fitei-o abismado.

- Páris, você não pára de me surpreender! Há homens morrendo por todo o lado e você aqui escondido, seguro e confortável! Até tem tempo para se divertir, passando-me rasteiras!

A minha repreensão não chegava para apagar o sorriso dele.

- Bom, se pensa que vou pedir perdão, está muito enganado! Se não fosse eu, você não estaria hoje aqui! Quem é que mandou os chefes gregos para a enfermaria com as suas flechas? Hã? Quem é que obrigou Diomedes a deixar o campo de batalha? Hã?

Icei-o pelos seus longos caracóis negros e coloquei-o de pé.

- Então mande mais chefes para a enfermaria! - rosnei-lhe. - Porque não experimenta com Ájax? Hã?

Lançando-lhe um olhar preñado de ódio, Páris escapuliu-se num instante; logo descobri que a parte da nossa linha que estava com problemas era precisamente aquela que sofria o ataque de Ájax e de um grande contingente de salaminianos.

Toda a frente da batalha mudara de direção. Lutávamos agora por entre as casas, uma lida difícil e perigosa; cada edifício albergava gregos - cada edifício era uma emboscada. Porém, aqueles que se encontravam no terreno estavam recuando na direção da praia e dos navios. Ájax ouviu o meu grito de guerra e respondeu com o seu famoso «Ai! Ai!». Abrimos caminho por entre os corpos que se erguiam na constante refrega e, por fim, ficamos diante um do outro. A minha lança estava pronta. Então, quando me

preparava para lhe desferir o primeiro dos meus golpes, Ájax abaixou-se subitamente e logo se ergueu com uma pedra enorme nas mãos, uma daquelas pedras que serviam de cunho para os navios que estavam na praia. A minha lança era inútil. Desfiz-me dela e empunhei a espada, contando com a minha velocidade, superior à dele, para atingi-lo primeiro. Ájax arremessou a rocha com toda a sua força e à queima-roupa. Senti uma dor dilacerante pois a pedra acertou-me em cheio no peito. Depois, caí inconsciente.

Das agitadas trevas da inconsciência, emergi para um mundo de terrível sofrimento; senti o sabor do sangue na minha boca e vomitei, abri os olhos e vi sangue enegrecido no chão perto de mim e logo voltei a perder os sentidos. Quando de novo voltei a mim, a dor já não era tão forte; um dos nossos cirurgiões estava ajoelhado ao meu lado. Convoquei todas as minhas forças para me erguer, o que consegui com a ajuda do médico.

- Tem uma forte contusão ao nível das costelas e algumas veias rompidas, mas nada mais sério, príncipe Heitor - disse-me ele. - Os deuses hoje estão conosco! - exclamei arquejante, apoiado ainda nele. Quanto mais me movia, menor era a dor; continuei a mover-me. Alguns dos meus homens tinham-me levado para lá da passagem do Simoente e tinham-me deitado junto ao meu carro. Quebríones fitava-me com um sorriso imenso.

- Pensamos que estava morto, Heitor.

- Leve-me para o campo de batalha - disse eu, subindo para o carro.

Não ter de fazer a pé aquele caminho era uma bênção; porém, mal cheguei à retaguarda, tive de descer. Julgando que eu estava morto, o meu exército começara a ceder; porém, logo que souberam que afinal eu estava vivo e que regressara à batalha, os homens ganharam novo ânimo e organizaram-se para resistir e avançar. Os Gregos, ao verem o meu rosto, devem ter sofrido um duro golpe. Dispersaram e fugiram pelos caminhos entre as casas até que um chefe que eu não conhecia conseguiu detê-los sob a proa de um navio que estava isolado dos outros, um navio que era certamente mais importante do que os outros, pois estava muito à frente da primeira fila de navios, uma fila aparentemente infundável. Dizíamos aqueles soldados gregos pois eles recusavam-se a recuar mais; agora, apenas Ájax, Meríona e uns quantos cretenses permaneciam no campo de batalha para nos enfrentarem.

A proa do navio isolado erguia-se sobre a minha cabeça; concluí que o êxito não me fugiria quando Ájax se postou diante de mim e ergueu a sua espada - a minha espada, pois eu a oferecera. Investi e ele aparou brilhantemente o meu golpe; o nosso duelo voltava a ser travado, mas, desta vez, não teríamos espectadores, pois, à nossa volta, todos combatiam com igual ferocidade.

- De quem é o navio? - perguntei, ofegante.

- Pertenceu a Protesilau! - respondeu ele, tão ofegante como eu.

- Vou - incendiá-lo!

- Incendeio-te eu primeiro! Mais gregos apareceram para defender aquele que, sem sombra de dúvida, era para eles um precioso talismã; essa onda de homens acabou por me separar de Ájax. Alguns dos meus soldados da Guarda Real estavam agora comigo e os gregos que combatiam contra nós não tinham a qualidade dos salaminianos. Continuamos a avançar, derrubando inimigos atrás de inimigos. Voltei a ver Ájax, mas, desta feita, o grande guerreiro nada fez para que recuássemos. Com uma série de poderosos movimentos, conseguiu subir ao convés do navio de Protesilau, tão rápido e tão ágil como um acrobata. Aí, pegou numa comprida vara e fê-la girar em círculos lentos, derrubando todos os meus homens mal eles assomavam à coberta.

Quando o último grego a enfrentar-me morreu sob os meus golpes, empoleirei-me nos ombros de um soldado e escalei a proa do navio de Protesilau. Daí à coberta era um único salto. Diante de mim, Ájax continuava a desafiar-me, ainda invencível.

Examinamo-nos atentamente, cada um de nós sentindo nesse exato instante toda a exaustão que a tremenda batalha em provocara. Abanando lentamente a sua enorme cabeça, como que para convencer a si mesmo de que eu não existia, Ájax fez rodopiar a sua vara. Ergui a espada e enfrentei a vara com a lâmina e com tal êxito que depresso a parti ao meio. A súbita perda de equilíbrio quase fazia cair Ájax; endireitou-se, porém, logo procurando a espada. Avancei rapidamente, certo de que ele estava liquidado, mas, uma vez mais, Ájax provou-me que era um grande guerreiro. Em vez de me enfrentar, correu para a popa e, com toda a força que tinha nos músculos das pernas, saltou do navio de Protesilau para aquele que estava imediatamente atrás, no meio da primeira fila de embarcações.

Abandonei o duelo. Havia uma parte de mim que amava aquele homem e estava certo de que ele também me amava. Amigos ou inimigos, haveria sempre entre nós uma profunda afeição. Eu sabia que os deuses não queriam que nos matássemos um ao outro; nós tínhamos trocado prendas no final de um terrível duelo.

Encostei-me na amurada e olhei para baixo: um mar de plumas cor de púrpura, um mar de troianos. Dêem-me um archote!

Um homem atirou-me imediatamente um archote. Apanhei-o, avancei para o mastro no meio dos ovéns e deixei que o fogo lambesse sôfrego aquelas cordas gastas, aquela madeira seca e rachada. Ájax observava-me do outro navio, os braços pendendo-lhe flácidos e impotentes junto ao corpo, às lágrimas deslizando-lhe pelas faces. O braseiro ateou num ápice; um lençol de fogo subiu o mastro até aos vaus reais e a coberta desatou a chorar lágrimas de fumo, devido a outros archotes que os homens enfiavam pelas aberturas destinadas aos remos. Corri de novo para a proa, ergui-me sobre ela.

- A vitória é nossa! - gritei. - Os navios estão ardendo! Os homens repetiram o meu grito, avançando de novo para enfrentar os Gregos que se concentravam junto aos navios que descansavam na praia, atrás do solitário talismã de Protesilau.

Capítulo Vigésimo Sétimo

Narrado por Aquiles.

Passei a maior parte do tempo no telhado da mais alta das casernas dos Mirmidões, mirando das alturas a planície para lá das nossas muralhas. Quando o exército dispersou e fugiu, eu vi; quando Sarpédon abriu a brecha na muralha, eu vi; quando os homens de Heitor se espalharam pelos caminhos do nosso acampamento, eu vi. E não quis ver mais nada. Ouvir Ulisses esboçando o seu plano era uma coisa. Ver o seu plano tornar-se realidade era insuportável. Regressei profundamente triste à minha casa.

Pátrocles estava sentado num banco junto à porta, o rosto lavado em lágrimas. Mal me viu, virou-me as costas.

- Vai ter com Nestor - disse-lhe eu. - Vi-o há pouco. Trazia consigo Macáon. Pergunta-lhe que notícias há de Agamêmnon.

Um pedido sem sentido. As notícias, eu já as sabia. Mas pelo menos não teria de olhar para Pátrocles, nem teria de o ouvir rogar-me uma vez mais que mudasse de idéia. O clamor do conflito que grassava para lá da paliçada que encerrava os meus soldados estava ainda distante; a parte do acampamento junto ao Simoente era a mais assediada. Sentei-me no banco e esperei por Pátrocles.

- Que disse Nestor? No seu rosto só havia desprezo.

- A nossa causa está perdida. Ao fim de dez longos anos de trabalho e sofrimento, a nossa causa - está - perdida! E a culpa é toda sua! Euripilo estava com Nestor e Macáon. Tivemos um total de baixas impressionante e Heitor investe furiosamente. Nem Ájax consegue deter o seu avanço. Os navios acabarão por ser pasto das chamas.

Respirou fundo, mas logo prosseguiu.

- Se não tivesse hostilizado Agamêmnon, nada disto teria acontecido! Você sacrificou a Grécia por causa da tua paixão por uma mulher insignificante!

- Porque não acredita em mim, Pátrocles? - perguntei-lhe. - Porque está contra mim? Por ciúme? Por causa de Briseida?

- Não, Aquiles. Apenas porque estou profundamente desiludido. Você não é o homem que eu pensava que era. Não é uma questão de amor. É uma questão de orgulho.

Não lhe disse aquilo que pensava dizer-lhe porque, entretanto, ouvi um grito imenso. Corremos para a nossa paliçada e subimos os degraus para ver o que se passava. O meu tormento acabara. Agora, agora já podia combater! Mas como explicar a Pátrocles que teria de ser ele, e não eu, a conduzir os homens da Tessália?

Mal descemos as escadas, Pátrocles ajoelhou na poeira do caminho.

- Aquiles, os navios vão arder todos! Se está realmente decidido a não combater, então deixa-me sair e conduzir as nossas tropas! Você sabe que eles odeiam estar aqui parados enquanto toda a Grécia morre! É o trono de Micenas que você quer? É isso? Quer regressar a uma Grécia que, não dispondo de soldados, não estará em condições de resistir às suas tropas?

O meu rosto retesou-se de raiva perante tais suspeitas. No entanto, consegui responder-lhe normalmente.

- Não nutro qualquer ambição nesse sentido, Pátrocles. O trono de Agamêmnon não me interessa rigorosamente nada.

- Então deixe-me chefiar os nossos homens! Deixe-me levá-los para a praia, antes que Heitor incendeie todos os navios!

Aquiesci com um ar formal.

- Muito bem. Autorizo-te a comandar os homens. Compreendo o teu ponto de vista, Pátrocles. O comando é seu.

Mal acabei de dizer isto, dei-me conta de que o plano poderia ainda ser melhorado. Ergui por isso Pátrocles e disse-lhe: - Mas imponho uma condição. Envergará a minha armadura, levando assim os Troianos a pensar que é Aquiles quem está a combatendo.

- Envergue-a você e venha conosco!

- Não, Pátrocles, eu não posso fazer isso - retorqui. Conduzi-o imediatamente à armaria e vesti-lhe a armadura de ouro que pertencera a Minos e que o meu pai me dera. Era demasiado grande para ele, mas fiz tudo o que pude para que ela lhe assentasse bem, sobrepondo as chapas da frente e de trás da couraça, almofadando o elmo. As grevas chegavam-lhe às coxas, o que não era mau; com efeito, desse modo, o protegeriam mais do que as suas próprias grevas. Desde que não se aproximassem muito dele, o confundiriam com Aquiles. Consideraria Ulisses que a minha decisão equivalia a uma quebra do juramento? E Agamêmnon? Bom, tanto pior se fosse essa a opinião deles. Eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para proteger de todo o mal o meu maior amigo - e amante.

As trombetas soaram; os Mirmidões e os outros soldados da Tessália formaram ao fim de pouco tempo - era óbvio que há muito que estavam prontos para se envolverem na tremenda refrega. Acompanhei Pátrocles até à zona onde as tropas se reuniram, enquanto Automedonte corria a atrelar os meus cavalos; embora o carro de pouco servisse naquele campo de batalha tão apinhado, era necessário que todos vissem Aquiles. Todos diriam que aquele era Aquiles e não Pátrocles.

Mas... como era possível? Os homens saudavam-me com gritos ensurdecedores, olhavam para mim com o mesmo amor que sempre me haviam dedicado. Como era isso possível, se até mesmo Pátrocles se virara contra mim? Protegi os olhos e mirei o sol: pouco faltava para que se despedisse.

Ótimo. O logro, assim, pouco tempo duraria. Pátrocles não correria perigo.

Automedonte estava pronto. Pátrocles subiu ao carro.

- Meu querido primo - disse-lhe eu, a mão no seu braço -, limite-se a expulsar Heitor do acampamento. Faça o que fizer, não se atreva a persegui-lo na planície! Entendido?

- Perfeitamente - respondeu ele, dando aos ombros para me afastar.

Automedonte fez avançar o meu carro na direção da porta entre a nossa paliçada e o resto do acampamento, enquanto eu subia ao telhado da caserna para ver como tudo se passaria.

A batalha grassava agora diante da primeira fila de navios. Heitor parecia invencível. Uma situação que se alterou num instante quando quinze mil novos soldados avançaram sobre os Troianos, vindos do Escamandro, conduzidos por uma figura que envergava uma armadura de ouro e que vinha num carro revestido a ouro puxado por três cavalos brancos.

- Aquiles! Aquiles! Ouvi ambos os lados gritando o meu nome, uma sensação tão estranha quanto desconfortável. Mas foi o suficiente. No instante em que os soldados troianos viram a figura que vinha no carro e ouviram o meu nome, converteram-se de vitoriosos em derrotados. Fugiram. Os Mirmidões estavam sequiosos de sangue e lançavam-se com toda a sua fúria sobre os soldados que ficavam para trás, abatendo-os sem piedade, enquanto "eu" gritava o meu grito de guerra e incitava-os a prosseguir.

O exército de Heitor escapava, tanto quanto podia, pela passagem do Simoente. Nunca mais!, jurei, nunca mais um pé troiano pisaria o nosso acampamento! Nem mesmo o mais astuto dos ardis fabricado pela mente de Ulisses conseguiria convencer-me do contrário. Dei-me conta de que estava chorando. Eu sabia por quem chorava - por mim, por Pátrocles, por todos os soldados gregos que tinham morrido. Ulisses conseguira levar Heitor a abandonar as muralhas de Tróia, mas o preço era medonho. A única coisa que podia fazer era rezar para que Heitor tivesse perdido pelo menos tantos homens como nós.

Ah, terrífica visão! Pátrocles perseguia já os Troianos ao longo da planície!

O meu coração quase se afundava no peito quando entendi qual era o seu objetivo! No interior do acampamento, o caos era tal que ninguém poderia aproximar-se dele o suficiente e constatar que Aquiles não era afinal Aquiles! Na planície, porém... - oh, tudo era possível! Heitor voltaria a reunir as suas forças e Enéias estava presente. Enéias conhecia-me. Ele conhecia o meu rosto e não a minha armadura.

De súbito, pareceu-me preferível ignorar tudo o que se passava. Deixei o telhado e fui sentar-me no banco à porta da minha casa, esperando que viesse alguém. O Sol estava prestes a pôr-se, as hostilidades cessariam. Sim, o meu amigo nada sofreria! Sobreviveria. Tinha de sobreviver!

Ouvi passos: o filho mais novo de Nestor, Antíloco. O pobre rapaz chorava e contorcia muito as mãos - haveria sinal mais claro? Tentei falar com ele, mas senti a língua presa ao céu da boca; tive de lutar comigo mesmo para lhe fazer a tão temida pergunta.

- Pátrocles? Pátrocles morreu? Antíloco rompeu a soluçar.
- Aquiles, o seu pobre corpo nu jaz na planície e as hostes troianas querem levá-lo - Heitor vestiu a sua armadura e a exhibe nas nossas barbas! Os Mirmidões estão inconsoláveis, mas não deixam que Heitor se aproxime do corpo, embora ele tivesse jurado que Pátrocles acabaria por servir de pasto aos cães esfomeados de Tróia!

Ao levantar-me, os meus joelhos cederam; caí por terra num ápice, contorcendo-me na poeira onde Pátrocles ajoelhara. Irreal, tudo irreal! E, no entanto, aquilo só poderia ser real - e bem real. Eu já estava à espera que aquilo acontecesse. Por um momento, senti o poder da minha mãe dentro de mim e ouvi bem nítido o marulhar do mar. Gritei o nome de Tétis, cheio de ódio por ela.

Antíloco puxou-me para si e deu-me o seu colo para que a minha cabeça repousasse. As suas lágrimas quentes caíam no meu braço, os seus dedos afagavam-me a nuca.

- Ele não conseguiu entender - murmurei. - Recusava-se a entender. Nunca me ocorreu isso... Como foi possível que ele - precisamente ele - pensasse que eu abandonaria a minha gente? Obrigaram-me a jurar que não revelaria o segredo a ninguém. Ele morreu pensando que eu era mais orgulhoso do que Zeus. Ele morreu cheio de desprezo por mim. E agora... agora não poderei lhe explicar nada! Ulisses, Ulisses!

Antíloco já não chorava.

Que tem Ulisses a ver com isto tudo, Aquiles? Lembrei-me nesse instante do juramento, abanei a cabeça e levantei-me. Juntos, encaminhamo-nos para a porta da paliçada.

- Pensou que eu ia matar? - perguntei-lhe.

- Só por um breve momento.

- Quem matou Pátrocles? Heitor?

- Heitor envergou a armadura de Pátrocles, mas há algumas dúvidas quanto ao homem que realmente matou o teu amigo. Quando os Troianos se viraram para nos enfrentarem, Pátrocles desceu do seu carro. E depois tropeçou.

- Foi a armadura que o matou. Era demasiado grande para ele.

- Nunca o saberemos, Aquiles. Pátrocles foi atacado por três homens. Foi Heitor quem lhe deu o último golpe, mas é possível que Pátrocles já estivesse morto. Mesmo assim ainda conseguiu fazer algumas vítimas entre os aliados troianos. Matou Sarpédon. Quando apareceu para ajudar os Troianos, Enéias reconheceu Pátrocles. Os Troianos ficaram furiosos com o embuste e reuniram de novo o seu exército. Então, Pátrocles matou Quebríones, o condutor de Heitor. Pouco depois, desceu do carro e tropeçou. Antes que ele conseguisse levantar-se, atiraram-se a ele como chacais - Pátrocles não tinha nenhuma possibilidade de se defender. Heitor despiu-lhe a armadura, mas os Mirmidões impediram-no de levar o corpo. Ajax e Menelau continuam a combater para que o corpo de Pátrocles venha para o nosso acampamento.

- Tenho de ir ajudá-los!

- Não pode, Aquiles! O Sol já está se pondo. Quando chegar ao campo de batalha, tudo estará terminado.

- Mas eu tenho de ajudá-los!

- Deixe Ajax e Menelau tratarem de tudo. - Antíloco pôs a mão no meu braço e disse-me: - Tenho de te pedir perdão.

- Porquê?

- Porque duvidei de você. Devia ter percebido que era Ulisses quem estava por detrás disto tudo.

Amaldiçoei a minha língua. O meu juramento tinha de ser cumprido: mesmo quando eu era afetado pelo sortilégio.

- Não conte a ninguém o que se passou, Antíloco! Ouviu bem: a ninguém!

- Sim, Aquiles - disse ele. Subimos ao telhado e os nossos olhares logo se concentraram na faixa da planície onde se travava a batalha. Distingui facilmente Ajax e verifiquei que era ele quem estava comandando agora as minhas tropas - que não cediam nem um palmo de terreno -, enquanto Menelau e outro que me pareceu ser Meríona levavam um corpo nu sobre um escudo para longe da refrega. Era Pátrocles que eles traziam! Os cães de Tróia não devorariam o meu amigo!

- Pátrocles! - gritei. - Pátrocles! Alguns dos homens ouviram, olharam para mim e apontaram. Gritei vezes sem conta o seu nome. Todo o exército ficou em silêncio. Então, ao longo do campo, ouviu-se o longo e áspero toque da trombeta da escuridão. Heitor, com a minha armadura de ouro cintilando fulva sob os últimos e tênues raios do Sol, conduzia já o seu exército de regresso a Tróia.

Deitaram Pátrocles num esquife improvisado, no meio do amplo espaço das assembléias diante da casa de Agamêmnon. Menelau e Meríona, cobertos de sangue e imundície, estavam tão exaustos que mal se agüentavam de pé. Depois, Ájax aproximou-se de nós, num passo trôpego. Quando o elmo lhe caiu dos dedos agora despojados de vigor, não encontrou em si a força para se baixar e apanhá-lo. Fui eu quem lhe apanhou o elmo e o deu a Antíloco. Abracei o meu primo, uma forma de o ajudar a suportar com honra a exaustão e o desgosto, pois Ájax estava esgotado tanto de corpo como de espírito.

Os reis formaram um círculo para verem Pátrocles. As feridas dele haviam sido causadas pelos golpes mais vis: uma ferida debaixo do braço, onde havia uma abertura na couraça, outra nas costas e outra na barriga, onde a lança mergulhara tão profundamente que expusera as entranhas. Eu sabia que aquela última ferida fora causada por Heitor, mas estava certo de que fora o segundo golpe que o matara. Uma das mãos pendia mole do esquife. Segurei-a entre as minhas e afundei-me no chão ao lado dele.

- Vem, Aquiles, vem - disse-me Automedonte.

- Não. O meu lugar é aqui. Cuida de Ájax por mim e diga às mulheres que venham lavar e vestir Pátrocles. O meu amigo permanecerá aqui até eu matar Heitor. Ouçam o meu juramento! Os corpos de Heitor e de doze jovens nobres troianos hão de jazer aos pés de Pátrocles! O seu sangue chegará para pagar ao Guardador do Rio, quando Pátrocles lhe pedir para o levar para a outra margem!

Algun tempo depois, chegaram as mulheres para lavar Pátrocles. Lavaram-lhe o cabelo que o suor e a poeira emaranhara, fecharam as feridas com bálsamos e fragrantes ungüentos, com uma esponja apagaram as marcas avermelhadas que as lágrimas haviam deixado à volta dos seus olhos cerrados. Só por isso já me sentia infinitamente grato: quando me trouxeram, os seus olhos já estavam fechados.

Permaneci ao lado dele a noite toda, a sua mão nas minhas; a minha única emoção consciente era o desespero de um homem cuja derradeira memória de um ente querido era uma torrente de ódio num rosto inflexível. Duas sombras estavam agora sequiosas do meu sangue: Ifigênia e Pátrocles.

Ulisses veio mal o Sol nasceu, trazendo duas taças de vinho com água e uma bandeja de pão de cevada.

- Beba e coma, Aquiles.

- Não beberei, nem comerei, enquanto não tiver cumprido o juramento que fiz diante do corpo de Pátrocles.

- Ele agora não sabe nem liga ao que você possa ou não fazer. Se jurou matar Heitor, precisará de todas as suas forças.

- As minhas forças não me faltarão. - Olhei à volta, piscando os olhos, só então percebendo que não havia sinais de atividade em lugar nenhum. - Que se passa? Porque é que estão todos dormindo ainda?

- Heitor também teve um dia muito duro ontem. Um arauto veio a pouco de Tróia, pedindo um dia de trégua para que possam chorar e enterrar os mortos.

A batalha só amanhã recomeçará.

- Se recomeçar! - atirei-lhe. - Heitor voltou para dentro da cidade - nunca mais sairá!

- Está enganado - retorquiu Ulisses, os olhos cintilando. - Eu tenho razão, Aquiles. Heitor pensa que já nos subjugou e Príamo não acredita que tencione voltar ao campo de batalha. O ardil com Pátrocles deu certo. Heitor e o seu exército continuam na planície. Não chegaram a entrar na cidade.

- Então, amanhã, poderei matá-lo.

- Amanhã. - Fitou-me com um olhar cheio de curiosidade. - Agamêmnon convocou um conselho para o meio-dia. As tropas estão demasiado cansadas para se porem a discutir como vai o seu relacionamento com Agamêmnon. Espero por isso que esteja presente. Virá?

Estreitei a mão fria.

- Sim, irei. Automedonte tomou o meu lugar junto de Pátrocles para que eu pudesse assistir ao conselho. Trazia ainda vestido o meu velho saiote de cabedal, todo eu era terra, poeira, imundície. Sentei-me ao lado de Nestor, olhando-o de relance com uma questão muda que o velho logo entendeu; Antíloco estava presente. Tal como Meríona.

- Antíloco adivinhou, por causa de qualquer coisa que você lhe disse ontem - segredou-me o velho.

- Meríona adivinhou porque ouviu as imprecações de Idomeneu durante a batalha. Decidimos que seria melhor confiarmos neles e prendê-los ao mesmo juramento que nós fizemos.

- E Ájax? Não adivinhou?

- Não.

Agamêmnon estava seriamente preocupado.

As nossas baixas foram catastróficas - começou ele com um ar pesaroso. - Tanto quanto pude avaliar, contamos já com quinze mil mortos e feridos desde que a batalha começou.

Nestor abanou a sua cabeça branca, a barba sedosa e brilhante balouçando-lhe sobre as mãos.

- Catastrófico é um adjetivo muito suave! Ah, se ao menos nós tivéssemos Heracles, Teseu, Peleu e Télamon, Tideu, Atreu e Cadmo! Os homens já não são o que eram. Com ou sem mirmidões, Heracles e Teseu teriam destruído todo o exército inimigo. - Limpou as lágrimas com os dedos repletos de anéis. Pobre velho. Perdera dois filhos no campo de batalha.

Por uma vez vi Ulisses irado. Levantou-se de um salto.

- Eu os avisei! - exclamou ele com um ar feroz. - Os avisei em termos muito claros de que teríamos de suportar duros revezes, de que teríamos de passar por um longo túnel de trevas antes de vermos a primeira luz da vitória! Nestor, Agamêmnon, qual a razão dos vossos lamentos? Nós tivemos quinze mil mortos e feridos, Heitor teve vinte e um mil! Deixem de devaneios, por favor! Nenhum desses lendários heróis poderia ter feito aquilo que Ajax fez - aquilo que todos os homens aqui presentes fizeram! Sim, os troianos combateram bem! Estavam à espera de outra coisa? Mas é Heitor quem os mantém unidos. Se Heitor morrer, o ânimo dos troianos perecerá com ele. E onde estão os reforços deles? Onde está Pentésiléia? Onde está Menão? Heitor não tem tropas frescas para levar para o campo de batalha amanhã, ao passo que nós temos quase quinze mil tessalianos, entre os quais sete mil mirmidões. Amanhã, vamos derrotar os troianos. Poderemos não entrar dentro da cidade, mas deixaremos o seu povo nas garras do mais profundo desespero. Heitor combaterá amanhã e Aquiles terá a sua grande oportunidade. - Olhou para mim com um ar satisfeito. - Apostei tudo o que tinha em você, Aquiles. - Não duvido! - exclamou Antíloco, com uma ironia que era uma verdadeira farsa. - Talvez eu tenha percebido o teu plano porque não te ouvi propô-lo. Soube dele em segunda mão, através do meu pai.

Ulisses ficou de súbito muito atento, as pálpebras entrecerradas. - A pedra de toque do teu plano era a morte de Pátrocles. Porque insististe tanto na necessidade de Aquiles permanecer longe de tudo, mesmo depois dos Mirmidões terem saído para combater? Seria mesmo para que Príamo pensasse que Aquiles nunca se curvaria ao apelo da guerra? Ou seria para insultar Heitor, levando-o a enfrentar um homem inferior a Aquiles, ou seja, Pátrocles? Logo que assumiu o comando, Pátrocles era um homem morto. Heitor o derrotaria - isso era mais do que certo. E Heitor derrotou-o. Pátrocles morreu. Tal e qual como você previu Ulisses.

Levantei-me num ápice; era como se as palavras de Antíloco tivessem aberto uma ferida imensa no meu crânio. As minhas mãos procuraram Ulisses, desejosas de lhe partirem o pescoço. Porém, nesse mesmo instante, caíram sem forças. Afundei-me na minha cadeira. Não fora Ulisses quem tivera a idéia de vestir Pátrocles com a minha armadura. Essa idéia fora minha, só minha. E quem poderia saber o que teria acontecido se Pátrocles tivesse corrido para a batalha sem qualquer disfarce? Não, eu não podia acusar Ulisses - a culpa era só minha.

- Está certo e errado ao mesmo tempo, Antíloco - disse Ulisses, fazendo de conta que eu nem sequer tinha me mexido. - Como poderia eu saber que Pátrocles morreria? O destino de um homem na batalha não está nas nossas mãos. Está nas mãos dos deuses. Porque tropeçou Pátrocles? Não terá sido um dos deuses que apóiam Tróia quem o fez tropeçar? Eu não passo de um homem mortal, Antíloco. Não posso prever o futuro.

Agamêmnon levantou-se.

- Gostaria de lembrar que todos nós juramos que cumpriríamos o plano de Ulisses. Aquiles sabia o que estava fazendo quando pronunciou o juramento. Tal como eu. Tal como todos nós. Ninguém nos obrigou a jurar, ninguém nos enganou. Decidimos concordar com o plano de Ulisses porque não tínhamos uma alternativa melhor. Nenhum de nós conseguiria tão-pouco definir uma alternativa melhor. Já se esqueceram da raiva que sentimos quando Heitor estava em segurança dentro das muralhas de Tróia? Já se esqueceram de que é Príamo quem reina em Tróia, e não Heitor? Todo este plano foi concebido pensando em Príamo, mais do que em Heitor. Nós sabíamos qual seria o preço. E decidimos pagá-lo. Não há mais nada a dizer.

Agamêmnon fitou-me gravemente.

- Preparem-se para a batalha amanhã ao alvorecer. Aquiles: eu vou convocar uma assembléia pública e, diante dos nossos oficiais, te devolverei Briseida. Jurarei também que não tive com ela nenhum relacionamento carnal. Entendido?

O rei supremo parecia um velho, de tão exausto que estava. A cabeleira que, dez anos antes, exibia apenas uns salpicos de branco, era agora percorrida por largas faixas grisalhas; de ambos os lados

da barba corriam veios brancos. Apoiado em Antíloco, cansado e agitado, levantei-me e voltei para junto de Pátroclos.

Sentei-me na poeira junto ao esquife e peguei na mão dura e fria do meu amigo. A tarde passou como água caindo, gota após gota, no poço do tempo. A minha dor esbatia-se, mas a minha culpa nunca se esbateria. A dor é natural; a culpa, é um golpe que infligimos a nós mesmos. O tempo cura a dor; mas só a morte pode curar a culpa. Estes, e só estes, eram os meus tristes pensamentos naquela tarde.

O Sol punha-se já do outro lado do Helesponto, uma mancha suavemente líquida que tingia de rosa os céus. Só nessa altura alguém se atreveu a perturbar a minha imensa solidão. Esse alguém era Ulisses, o rosto obscurecido pelas sombras, os olhos muito fundos, as mãos como que sem vida junto ao corpo. Com um suspiro profundo, agachou-se na poeira ao meu lado, uniu as mãos sobre os joelhos e assim ficou, apoiado nos calcanhares. Por um longo tempo não trocamos palavra; o cabelo dele ganhava o tom das chamas sob os derradeiros raios do Sol, o seu perfil delineava-se, numa pureza de âmbar, contra a penumbra que sobre a terra caía. Parecia haver nele, pensei, qualquer coisa de divino.

- Que armadura vai vestir amanhã, Aquiles?

- A de bronze revestida de ouro.

- Uma boa armadura, sem dúvida, mas gostaria muito que usasse uma outra. - Fitou-me com um ar grave. - Diga-me, Aquiles: que sentimentos nutre por mim? Teve vontade de estrangular-me quando o rapaz falou, não foi? Mas depois... depois mudou de idéia...

- Sinto por você o mesmo que sempre senti, Ulisses. Só uma geração futura será capaz de te julgar. Você não pertence ao nosso tempo.

Baixou a cabeça, pôs-se a brincar com a poeira.

- Por minha causa, perdeu uma armadura preciosa. Heitor se sentirá todo ufano quando a envergar, esperando, como espera, eclipsar-te a todos os níveis. Mas eu tenho uma armadura de ouro que te assentará perfeitamente. Pertenceu a Minos. Aceita envergá-la?

Fitei-o com curiosidade.

- Como é que essa armadura chegou às suas mãos? Ulisses estava traçando rabiscos na poeira; por cima de um desenhou uma casa, por cima de outro um cavalo, por cima de um terceiro um homem.

- Listas de mantimentos. Nestor usa símbolos nas suas listas de mantimentos. - Franziu o sobrolho e apagou os desenhos com a palma da mão. - Não, os símbolos não chegam. Precisamos de algo mais - precisamos de algo que seja capaz de transmitir idéias, de pensamentos sem forma, de asas no interior da mente... Já ouviu por certo as histórias que se contam a meu respeito... Que eu não sou filho de Laertes? Que sou fruto dos amores entre Sísifo e a minha mãe?

- Sim, já ouvi falar disso.

- Essas histórias são verdadeiras, Aquiles. E ainda bem que são! Fosse Laertes meu pai e a Grécia teria ficado mais pobre... Só não reconheço publicamente a minha paternidade porque, se o fizesse, os nobres de Ítaca me retirariam o trono num abrir e fechar de olhos. Mas estou divagando. Queria apenas lhe dizer que a armadura em questão foi obtida por meios desonestos. Sísifo roubou-a de Deucalião de Creta e deu-a à minha mãe como prova do seu amor. Envergaria uma armadura que foi roubada?

- Perfeitamente.

- Nesse caso, a trarei ao alvorecer. Só mais uma coisa.

- O quê?

- Não diga a ninguém que fui eu que a dei. Diga a todas as pessoas que é uma prenda dos deuses - que a tua mãe pediu a Hefáisto que a fizesse, durante a noite, nos seus fogos eternos, a fim de que você pudesses levá-la para o campo de batalha, como convém ao filho de uma deusa.

- Se é isso que deseja, não direi outra coisa.

Dormi um pouco, afundado no chão, encostado à base do esquife. Um sono inquieto, atormentado. Ulisses acordou-me pouco antes da primeira luz da manhã e levou-me para a sua casa. Sobre uma mesa, via-se uma massa enorme, tapada por um manto imenso de linho. Descobri a armadura sem qualquer entusiasmo, imaginando que seria por certo uma boa armadura, embora sem nada de extraordinário - de ouro, sem dúvida, mas muito inferior àquela que Heitor agora usava. O meu pai e eu sempre consideráramos essa armadura a melhor de todas as que Minos envergara.

Talvez fosse, mas a verdade é que a armadura que Ulisses me deu era, sem sombra de dúvida, a melhor das duas. Bati com as juntas dos dedos naquele ouro imaculado e ouvi um som surdo, pesado, completamente diferente do som que produziria uma armadura com várias camadas de metal. Curioso, virei o escudo tremendamente pesado e descobri que não era igual aos outros escudos, habitualmente muito espessos e providos de várias camadas de metal. Não, naquele escudo parecia haver apenas duas

camadas, uma chapa exterior de ouro que cobria uma única chapa de um metal cinzento-escuro que, à luz das lamparinas, não emitia qualquer brilho ou reflexo.

Já tinha ouvido falar de tal metal, mas só o vira na ponta da minha lança, a Velha Pélion: os homens chamavam-lhe ferro temperado. Nunca sonhara que tal metal pudesse existir em quantidade suficiente para produzir uma armadura e um escudo com aquele tamanho. Todos os elementos tinham sido feitos com o mesmo metal; a camada inferior era de ferro temperado, a camada superior, de ouro.

- Foi Dédalo quem fez esta armadura, lá vão trezentos anos - disse Ulisses. - Dédalo foi, em toda a história da humanidade, o único homem que soube temperar o ferro, que o soube transformar no cadinho, misturando-lhe areia; o ferro absorve alguma dessa areia e torna-se ainda mais duro do que o bronze. Dédalo reuniu grandes quantidades de ferro em bruto até dispor do suficiente para fazer a armadura; depois, com um martelo, aplicou o ouro sobre as chapas de ferro temperado. Quando uma lança atinge a superfície, o ouro pode ser alisado e polido, pois só o ferro é que sofre com o impacto.

- E pertenceu a Minos?

- Sim, a esse mesmo Minos que, com o seu irmão Radamanto e o teu avô Éaco, se encontra no Hades para julgar os mortos à medida que estes vão se reunindo às margens do Aqueronte.

- Não sei como te agradecer, Ulisses. Quando a minha vida chegar ao fim e tiver de comparecer diante desses juízes, tire-me a armadura e dê ao teu filho.

Ulisses desatou a rir.

- Telêmaco? Não, esta armadura não lhe serve... dê antes ao teu filho.

- Vão querer enterrar-me com ela. Terá de ser você a entregá-la a Neoptolemo. Quero ir para o túmulo vestido com uma simples túnica.

- Se é esse o teu desejo, ele será cumprido. Automedonte ajudou-me a envergar o vestuário da guerra, enquanto as mulheres se espalhavam pelos cantos da casa murmurando rezas e mágicas palavras destinadas a esconjurar o mal e a impregnar de poder a armadura. Para onde quer que fosse, o meu brilho era tão intenso como o de Hélios.

Agamêmnon falou perante os oficiais reunidos em assembléia. Pareciam feitos de pedra todos aqueles rostos que o miravam. Depois, foi a minha vez de aceitar a imperial humilhação: num instante, Nestor apareceu com Briseida. Não vira ainda Criseida, mas não acreditava que tivesse sido enviada para Tróia. Após a assembléia, dispersamos para o desjejum: assim desperdiçávamos um tempo precioso.

De cabeça erguida, Briseida avançou a meu lado, silenciosamente. Parecia doente e cansada, mais abalada do que no dia em que comigo abandonara as ruínas de Lirnesso. No interior da paliçada mirmidã, passamos por Pátrocles; o esquife fora levado para ali por causa da assembléia. Estremecendo de horror, Briseida recuou mal viu o corpo do meu amigo.

- Vem - disse-lhe eu.

- Ele foi combater, apesar de você não o querer acompanhar?

- Sim. Heitor matou-o. Procurando nela um qualquer resto de doçura, fitei-a. Briseida sorriu e era puro amor àquilo que o seu sorriso me dizia.

- Meu querido Aquiles, está tão cansado! Eu sei o que Pátrocles significava para você, mas é tempo de secar as lágrimas.

- Morreu cheio de desprezo por mim. Renegou a nossa amizade.

- Então é porque não te conhecia verdadeiramente.

- Não, os motivos foram outros... Algo que não posso te explicar, Briseida.

- Não precisa explicar nada. Para mim, Aquiles, tudo o que faz está certo.

Saímos em passo de marcha pelas passagens do acampamento e formamos na planície orvalhada ao alvorecer. Estava um tempo ameno e a brisa era como uma carícia de lã cardada. Os Troianos formaram diante de nós, filas de homens a perder de vista - teriam por certo diante dos seus olhos um espetáculo idêntico àquele que nós víamos. A excitação era como que um punho enfiado na minha garganta, as juntas dos meus dedos, quando por mero acaso olhei para elas, estavam brancas, tal era a força com que agarrava a haste gasta e escura da minha Velha Pélion. Dera a Pátrocles a minha armadura, mas não a Velha Pélion.

Heitor surgiu retumbante, vindo da sua ala direita, num carro puxado por três garanhões pretos, vacilando um pouco devido aos movimentos do carro, envergando soberbamente a minha armadura. Reparei que havia juntado plumas escarlates às plumas douradas do elmo. Parou diante de mim; fitamo-nos sôfregos de sangue. O desafio era implícito. Ulisses ganhara a sua aposta. Apenas um de nós deixaria vivo o campo de batalha. Tanto eu como Heitor estávamos conscientes disso.

Singular, o silêncio que por um momento se abateu sobre o campo de batalha. Nenhum dos exércitos emitia um único som, nenhum cavalo resfolegava, nenhum escudo retinia, enquanto aguardávamos que soassem os tambores e as trombetas. Achava aquela nova armadura muito pesada; precisava de tempo para me habituar a ela, para saber manobrar com ela. Heitor teria de esperar.

Os tambores rufaram, as trombetas atroaram e Áiropos preparou a tesoura com que iria cortar os fios de muitas vidas. Mal eu gritei o meu grito de guerra, Automedonte fez avançar rapidamente o meu carro, mas Heitor mudou de direção e internou-se nas suas próprias linhas. Bloqueado por uma massa efervescente de soldados de infantaria, não tinha a menor possibilidade de persegui-lo. A minha lança erguia-se e baixava-se, encharcada em sangue troiano. Não sentia nada, a não ser o fascínio de matar. Naquele momento, até mesmo o juramento que fizera diante de Pátrocles perdera toda a sua importância.

Ouvi um grito de guerra conhecido e vi um outro carro procurando abrir caminho por entre a turba. Era Enéias, que investia friamente, armando-se de paciência pois era contra os Mirmidões que estava combatendo e os Mirmidões sabiam esquivar-se aos seus golpes. Respondi-lhe com o meu grito de guerra. Ele ouviu-me, saudou-me e correu imediatamente para o duelo. Aparei com o escudo a sua primeira lança; senti até à medula a vibração do impacto, mas aquele metal mágico reduziria a nada todas as lanças: a de Enéias caiu por terra, com a ponta desfeita. A velha Pélion voou num belo arco por sobre as cabeças dos homens entre nós, imponente e precisa. Enéias viu a ponta aproximando-se da sua garganta, ergueu de repente o escudo e abaixou-se. A minha querida lança trespassou o couro e o metal imediatamente acima da cabeça de Enéias, derrubou o escudo e prendeu o dardanio debaixo dele. Empunhando a espada, abri caminho por entre os meus homens, decidido a alcançá-lo antes que Enéias conseguisse libertar-se. Os Dardanianos recuaram perante a nossa carga e o sorriso de triunfo desenhava-se no meu rosto quando me vi envolvido numa repentina vaga de homens, esse frustrante e irritante fenômeno que por vezes se verifica no campo de batalha, quando a concentração de soldados é extrema. Foi como se, de súbito, uma onda enorme se tivesse levantado num mar calmo, precipitando-se sobre a linha de uma ponta à outra; homens chocavam uns contra os outros e caíam por terra como se fossem simples tijolos encostados uns aos outros que tivessem sido empurrados por uma mão qualquer.

Quase que levantado no ar, levado, como se fosse o destroço de um naufrágio, por aquela onda viva de homens, gritei desesperado porque havia perdido Enéias. Quando consegui libertar-me, ele tinha desaparecido e eu encontrava-me a cem passos da frente. Ordenei aos Mirmidões que formassem adequadamente e só depois voltei à frente da batalha; quando lá cheguei, encontrei a Velha Pélion, prendendo ainda o escudo de Enéias ao chão. Arranquei a minha lança e atirei o escudo para um dos não combatentes que cuidavam da minha bagagem.

Pouco depois, mandei Automedonte e o carro para a retaguarda, deixando a Velha Pélion ao seu cuidado. Aquilo era trabalho para o machado. Ah, que magnífica arma num campo de batalha apinhado! Os Mirmidões mantinham-se ao meu lado. Éramos imbatíveis. Porém, por muito frenética que fosse a ação, nunca deixei de procurar Heitor - que encontrei, pouco depois de ter morto um homem que usava as insígnias dos filhos de Príamo. Não muito longe, profundamente abalado com o que sucedera ao irmão, Heitor observava-me. Os nossos olhos encontraram-se; o campo de batalha parecia ter deixado de existir. Encontrei claros vestígios de satisfação na sua expressão grave logo que nos fitamos pela primeira vez. Aproximamo-nos cada vez mais um do outro, abatendo os nossos inimigos com uma única idéia em mente: travarmos um duelo, aproximarmo-nos um do outro o suficiente para que pudéssemos combater. Então, no meio da turba apinhada, ergueu-se uma nova vaga de homens. Qualquer coisa, não sei o quê, esmagou-me um dos flancos e quase perdi o equilíbrio ao ser levado pela vaga para trás, cada vez mais para trás. Homens caíam e eram pisados e esmagados, mas não era por isso que eu chorava. Chorava porque perdera Heitor. Das lágrimas passei à fúria e a um frenesi assassino.

Esse furor desvairado só acalmou quando, à minha frente, não havia mais do que uma mancha de plumas cor de púrpura, quando a erva pisada e dilacerada se tornou visível sob os seus pés. Os Troianos tinham desaparecido; os homens que eu abatia eram aqueles que tinham ficado para trás. A retirada revelava uma clara organização; os chefes troianos conduziam-na, de novo nos seus carros. Agamêmnon deixou-os partir, limitando-se, por ora, a ordenar às suas linhas que voltassem a formar. O meu carro surgiu vindo de lugar nenhum e eu saltei para dentro dele, juntando-me a Automedonte.

- Procura Agamêmnon - disse eu, ofegante, deixando cair o escudo com um suspiro de alívio. Uma maravilhosa proteção, mas muito pesada.

Todos os chefes estavam presentes. Parei o carro entre Diomedes e Idomeneu. Sentindo o sabor da vitória, Agamêmnon voltara a ser o rei dos reis. Uma ligadura de linho cobria-lhe uma ferida no antebraço, da qual caíam lentas gotas de um tom carmim, mas Agamêmnon parecia nem dar por isso.

- Eles estão se retirando - dizia Ulisses. - Contudo, nada indica que tencionem refugiar-se dentro da cidade - pelo menos por ora. Heitor crê que ainda tem chances de vencer. Não precisamos nos apressar. - Olhou de relance para Agamêmnon com o ar de quem acabara de ter uma idéia brilhante. - Agamêmnon: e se nós fizéssemos aquilo que fizemos durante nove anos? Ou seja: porque não dividimos em dois o nosso exército e tentamos abrir uma brecha irremediável nas hostes deles? A um terço de uma légua daqui, na direção das muralhas da cidade, o Escamandro apresenta uma longa curva, uma espécie de laço. Heitor encaminha-se para esse local. Se conseguirmos levá-los a espalharem-se pelo pescoço da curva, poderemos usar o Segundo Exército para empurrar pelo menos metade dos Troianos para a barriga da curva, enquanto o Primeiro Exército continuará a empurrar a outra metade na direção de Tróia. Não conseguiremos fazer grande coisa com aqueles que fugirem para Tróia, mas poderemos massacrar aqueles que ficarem encerrados nos braços do Escamandro.

Era um plano excelente e Agamêmnon percebeu isso imediatamente.

- Concordo inteiramente, Ulisses. Aquiles e Ájax, levem as vossas unidades dos tempos do Segundo Exército e tratem da saúde aos troianos que conseguirem prender na curva do Escamandro.

- Só o farei se me garantir que Heitor não conseguirá fugir para a cidade retorqui eu, num tom ligeiramente insubordinado.

- De acordo - respondeu sem demora Agamêmnon.

Caíram na armadilha como peixinhos do rio numa rede. Formamos diante dos troianos quando eles chegaram ao pescoço da curva do rio. Agamêmnon carregou imediatamente com a sua infantaria, atacando as hostes centrais e dispersando-as rapidamente. As secções centrais do exército troiano não podiam retirar ordenadamente perante a imensa massa de homens que Agamêmnon comandava. À esquerda, Ájax e eu agüentamos as nossas forças até que cerca de metade dos troianos fugitivos se deram conta de que haviam fugido para um beco sem saída. Depois, bloqueamos o único lugar por onde poderiam fugir. Juntei a minha infantaria e conduzi-a para a curva. Ájax fez o mesmo, mas do lado direito. Os Troianos entraram em pânico. Desesperados, não paravam de rodopiar, recuando cada vez mais até que as suas hostes de retaguarda se viram à beira do rio. O peso dos homens que continuavam a retirar diante das nossas tropas empurrou-os inexoravelmente para trás; como ovelhas à beira de um precipício, os homens que estavam na retaguarda começaram a cair nas poluídas águas do rio.

O velho deus Escamandro fez metade do trabalho por nós; enquanto Ájax e eu arrancávamos deles estridentes súplicas de piedade, o rio afogava-os às centenas. Do meu carro, pude ver as águas correndo mais claras e mais fortes do que era usual; o Escamandro não podia estar mais cheio. Aqueles que perdiam o pé na margem não tinham qualquer esperança de recuperar o equilíbrio e combater contra a corrente, pois a armadura e o pânico impediam-nos de reagir como deveriam. Mas porquê aquela enxurrada? Porque corria o Escamandro tão cheio e tão forte? Não tinha chovido... Por um momento, espreitei o monte Ida; o céu sobre o Ida estava repleto de nuvens negras e havia cortinas opacas de chuva caindo como cutelos sobre os contrafortes para lá de Tróia. Um dilúvio tão violento que até parecia que os montes haviam desaparecido.

Dei a Velha Pélion a Automedonte e desci do carro empunhando o machado. Quanto ao escudo, não podia levá-lo, pois era demasiado pesado. Teria de combater sem escudo e não podia contar com Pátrocles para me acompanhar. Porém, antes de avançar para a refrega, lembrei-me de chamar um dos não combatentes que tratavam das minhas bagagens; devia a Pátrocles os cadáveres de doze jovens nobres troianos. No meio da derrocada troiana, não seria difícil encontrá-los. Aquele desejo horrendo, irracional, de derramar o sangue de outros homens, voltou a invadir-me, e não conseguia encontrar troianos que chegassem para saciar esse desejo. Quando cheguei à margem do rio, não parei; caí sobre os poucos troianos aterrados que havia encurralado. O peso da armadura de ferro ancorou-me no meio da violenta corrente; continuei a desferir os meus golpes mortíferos, tingindo mais e mais de vermelho as águas do Escamandro.

Um troiano tentou travar comigo um duelo. Dizia chamar-se Asteropaio; pertencia pelo menos à alta nobreza de Tróia, pois usava uma armadura de bronze dourada. Partiu para o duelo numa posição vantajosa, pois encontrava-se na margem, ao passo que eu tinha água até à cintura e só dispunha do meu machado para enfrentar as suas muitas lanças. O seu erro foi pensar que a Aquiles faltava astúcia. Quando se preparava para arremessar o seu primeiro míssil, peguei no meu machado pela ponta do cabo e atirei-o como se fosse um punhal. Asteropaio amedrontou-se tanto perante tal visão que falhou o alvo. O machado rodopiou, cintilando sob o sol intenso, e atingiu-o em cheio no peito, cravando-se violentamente na sua carne. O nobre troiano não viveu mais do que um instante, logo caindo à água como se fosse uma pedra.

Como queria recuperar o meu machado, avancei pelas águas na direção dele e virei-o para cima. Porém, a cabeça do machado estava enfiada até ao cabo no peito do homem, o metal fendido da couraça emaranhado à volta dela. Tão concentrado estava naquela tarefa que nem liguei ao rugido surdo que os meus ouvidos haviam captado, tão-pouco senti a água erguendo-se bravia como um garanhão ainda pouco habituado às rédeas. Num abrir e fechar de olhos, fiquei com água pelas axilas e Asteropaio balouçava no rio, tão leve como um momento de cortiça. Agarrei-lhe no braço e estreitei-o contra mim, usando o meu próprio corpo para equilibrá-lo, enquanto tentava retirar o machado. O rugido, agora, mais parecia um ribombar assanhado; tinha de lutar contra a violência da enxurrada se não queria perder o pé. Por fim, consegui arrancar o machado; imediatamente, enrolei a correia do cabo à volta do meu pulso, não fosse perdê-lo para o rio. O deus Escamandro berrava bem alto a sua fúria; diria que preferia que o seu próprio povo o destruísse com os seus esgotos a que eu o poluísse com o sangue dos troianos.

Então, inopinadamente, uma parede de água abateu-se sobre mim como uma avalanche de neve. Nem mesmo Ajax ou Heracles teriam resistido a uma investida tão violenta! Ah, ali, ali! Um ramo de um olmo que se debruçava sobre as águas! Saltei para o agarrar. Os meus dedos, de início, encontraram apenas folhas, mas só pararam de lutar quando sentiram a solidez da madeira; o ramo curvou-se sob o meu peso logo que as minhas pernas voltaram a sentir a violência da torrente.

Por um instante, a parede de água pairou sobre mim como se fosse um braço líquido erguido pelo deus, um braço que o deus baixou depois sobre a minha cabeça com toda a fúria que residia no seu coração. Sorvi sôfrego o ar antes de o mundo se converter numa imensa massa líquida, antes de eu ser empurrado e puxado num sem-número de direções por uma força muito superior à minha. O meu peito quase explodia, mas as minhas mãos agarravam-se ainda com firmeza ao ramo do olmo; desesperado, pensei no sol e no céu; dando-me conta da amarga ironia daquela situação - pois estava prestes a ser derrotado, não por um troiano, mas sim pelas águas de um rio - todo o meu ser chorou de raiva. O luto por Pátrocles e a matança de troianos haviam consumido muitas das minhas forças, além de que aquela armadura de ferro era um perigo de morte.

Supliquei a ajuda da dríade que vivia no olmo, mas as águas continuavam a cair implacáveis sobre a minha cabeça; então, a dríade do olmo, ou qualquer outra ninfa, ouviu-me, e a minha cabeça conseguiu emergir. Respirei sofregamente o ar da vida, sacudi a cabeça para que as águas do Escamandro não me turvassem mais a vista e olhei à minha volta desesperado. A margem que, momentos antes, estivera a escassos passos de mim, havia desaparecido. Agarrei-me melhor ao ramo do olmo, mas a dríade abandonou-me. O que restava da margem cedeu, deixando a descoberto as poderosas raízes da velha árvore. O meu corpo e o ferro que o envolvia constituíam uma carga demasiado pesada; a massa de folhas e de ramos toda se curvou sob esse peso e o olmo mergulhou nas águas; o clamor da enxurrada sufocaria por certo todos os gemidos de desespero da magnífica árvore.

Nem por isso larguei o ramo, perguntando-me se o Escamandro seria suficientemente forte para arrastar tudo aquilo na direção do mar. Porém, o olmo permaneceu direito, com a copa erguida sobre as águas, uma represa que detinha todos os destroços que iam na direção do nosso acampamento e da paliçada mirmidã. Corpos empilhavam-se contra a massa imensa da árvore como se fossem flores castanhas com gargantas carmesins, plumas cor de púrpura engrinaldavam o verde dos ramos, mãos flutuavam brancas e repugnantemente inúteis.

Larguei o ramo e tentei avançar para a margem do rio; tinha mais pé agora, visto que as terras e a árvore haviam cedido, mas não o suficiente. Vezes sem conta, a inexorável enxurrada arrancou os meus pés à precária superfície constituída pelo fundo lodoso do rio; vezes sem conta, mergulhei na feroz torrente. Continuei, porém, a lutar, aproximando-me cada vez mais da margem. Consegui mesmo agarrar-me a umas ervas, mas logo estas se separaram do solo encharcado. Uma vez mais cedi à violência das águas, enleado e desesperado. Com a terra da antiga margem do Escamandro escorrendo-me dos dedos, ergui os braços aos céus e roguei ao senhor de tudo:

- Pai, Pai, deixa-me viver o suficiente para matar Heitor! Ele ouviu-me. Ele respondeu-me. De súbito, a sua medonha cabeça, que morava nas infinitas distâncias dos céus, baixou-se na direção da terra que os humanos habitavam; por um breve instante, o deus onipotente amou-me o suficiente para me perdoar o pecado e o orgulho, lembrando-se talvez de que eu era o neto do seu filho, Éaco. Senti a sua presença em todo o meu ser e julguei mesmo ter visto a sombra da sua mão monstruosa pairando negra sobre o rio. O Escamandro suspirou submisso perante o poder que governa tanto os deuses como os homens. Um momento antes, estivera a um passo da morte; agora, as águas do rio mais não eram do que gotas à volta dos meus tornozelos; com um salto, desviei-me do olmo, que se esbarrondava impotente na lama.

A margem oposta, mais alta, ruína estrondosamente; o Escamandro dissipava a sua energia ao longo da estreita faixa líquida que trespassava a planície, uma bênção preciosa que o sequioso solo bebia de um só gole.

Com um passo vacilante, abandonei finalmente o leito do rio e sentei-me exausto sobre a erva encharcada. No céu imenso, o carro de Febo estava para lá do seu zênite; tínhamos começado a combater no início da sua jornada, que chegara já a meio. Perguntando-me onde estaria o resto do exército, regressei à realidade, percebendo, envergonhado, de que a minha ânsia de matar me levava a ignorar por completo os meus homens. Alguma vez aprenderia? Não seria essa ânsia de matar uma parte da loucura que seguramente herdara da minha mãe?

Ouvi gritos. Os Mirmidões marchavam na minha direção e, ao longe, Ajax voltava a formar as suas forças. Havia gregos por todo o lado, mas não se via um único troiano. Subi para o meu carro, sorrindo radiante para Automedonte.

- Leva-me a Ajax, meu velho amigo. Ajax estava de pé diante dos seus homens, com uma lança numa mão maciça, uma expressão sonhadora nos olhos. Desci do carro. Todo o meu corpo escorria água.

- Que te aconteceu? - perguntou-me.

- Estive combatendo com o deus Escamandro.

- Bom, parece que venceu. O Escamandro acalmou.

- Quantos troianos sobreviveram à nossa emboscada?

- Não muitos - disse ele, muito sereno. - Entre os dois, dizíamos cerca de quinze mil troianos. Outros tantos, talvez, conseguiram apanhar o exército de Heitor. Fez um bom trabalho, Aquiles. Há em você uma sede de sangue que nem eu conseguiria igualar.

- Preferia o teu amor a essa sede.

- É tempo de nos reunirmos com Agamêmnon - disse ele, sem compreender as minhas palavras. - Eu hoje trouxe o meu carro.

Segui com ele no seu carro - bom, de fato, "carroça" seria uma palavra mais apropriada, visto que tinha quatro rodas - enquanto Teucro foi no meu carro com Automedonte.

- Algo me diz que Príamo ordenou que abrissem a Porta Ceia - disse eu, apontando para as muralhas.

Ajax duvidou. Porém, já bastante perto das muralhas, verificamos que era eu quem tinha razão. A Porta Ceia estava aberta e o exército de Heitor entrava na cidade à frente de Agamêmnon, que pouco podia fazer perante a multidão concentrada à volta da entrada.

- Que Hades os leve! Heitor refugiou-se no interior das muralhas! - rosnou Ajax.

- Heitor pertence-me a mim, Ajax. Você já teve a tua oportunidade.

- Eu sei, primo. Abrimos caminho por entre os homens de Agamêmnon. Como de costume, o rei supremo estava com Ulisses e Nestor. E furioso.

- Estão fechando a porta - disse eu.

- Heitor apinhou-os tão bem que não nos foi possível obrigá-los a virarem-se na direção contrária - tal como não tivemos qualquer possibilidade de tentar um assalto. Dois destacamentos decidiram permanecer aqui fora. Diomedes está combatendo com eles até obter a sua submissão - disse Agamêmnon.

- E Heitor?

- Julgo que entrou. Ninguém o viu.

- Miserável! Ele sabia que eu o queria para mim! Outros começaram entretanto a aparecer: Idomeneu, Menelau, Menesteu, Macáon. Juntos, vimos Diomedes pôr termo à resistência daqueles que, voluntariamente, haviam permanecido no exterior - homens sensatos, pois se renderam quando viram o fim próximo. Admirando a sua coragem e disciplina, Diomedes decidiu não os matar, fazendo deles seus prisioneiros. Só então veio ter conosco, um júbilo extremo estampado no rosto.

- Quinze mil troianos morreram junto ao Escamandro - disse Ajax. - Ao passo que nós não perdemos mais de mil homens - disse Ulisses. Os soldados que descansavam atrás de nós soltaram um imenso suspiro de alívio. Ao mesmo tempo, do alto da torre de vigia, veio um grito tão desvairado que os nossos sorrisos logo se esbateram.

- Olhem! - apontou o dedo magro e tremulo de Nestor. Viramos-nos para ver. Heitor estava encostado aos painéis de bronze da porta, o escudo descansando contra a porta, duas lanças na sua mão. Envergava a minha armadura de ouro, com a pluma escarlate entre a plumagem cor de púrpura do elmo, e, no brilhante boldrié púrpura que Ajax lhe dera, tremeluziam as ametistas. Eu, que nunca me vira com aquele vestuário de guerra, concluí que a armadura de ouro assentaria magnificamente em qualquer

homem que a envergasse - desde que tivesse corpo para vesti-la, o que era, manifestamente, o caso de Heitor. Mas não de Pátrocles. Quando ajudara o meu amigo a vesti-la, deveria ter percebido que estava condenando-o a uma cilada fatal.

Heitor pegou o escudo e avançou alguns passos.

- Aquiles! - chamou. - Fiquei aqui fora porque temos um duelo a travar! Olhei para Ájax, que aquiesceu. Peguei meu escudo e a Velha Pélion, dei o machado a Automedonte. Combater com um machado contra um homem como Heitor seria um insulto.

O meu coração martelava na garganta, impelido por um júbilo e uma excitação imensos. Deixei para trás os reis e avancei na direção dele com um passo cadenciado, como um homem caminhando para o sacrifício; não ergui nenhuma lança, ele também não. Paramos a três passos um do outro, cada um de nós decidido a descobrir que espécie de homem era o outro, nós que nunca tínhamos estado mais perto um do outro do que a distância que uma lança pode alcançar. Tínhamos de falar antes que o duelo começasse e aproximando-nos tanto um do outro que quase podíamos tocar-nos. Olhei para o inabalável negrume dos seus olhos e logo me dei conta de que Heitor era feito da mesma matéria que eu. Com uma única e importante diferença, Aquiles: o espírito de Heitor não tem qualquer mácula. Ele é o guerreiro perfeito.

Amava-o muito mais do que amava a mim mesmo, do que amava Pátrocles ou Briseida ou o meu pai, pois Heitor era eu próprio em outro corpo; Heitor era o arauto da morte, quer fosse ele a dar-me o golpe fatal, quer eu resistisse mais alguns dias até que outro troiano qualquer pusesse termo à minha vida. Um de nós tinha de morrer naquele duelo, o outro morreria pouco tempo depois, pois assim fora decidido no momento em que os fios dos nossos destinos haviam sido entrelaçados.

- Todos estes anos, Aquiles... - começou ele e logo se calou, como se não conseguisse exprimir através das palavras aquilo que sentia.

- Heitor, filho de Príamo, daria tudo para que pudéssemos ter sido amigos. No entanto, a guerra que entre nós se ergue não pode ser apagada.

- Antes a morte às mãos de um inimigo do que o fim às mãos de um amigo - disse ele. - Quantos pereceram junto ao Escamandro?

- Quinze mil. Tróia cairá.

- Só depois da minha morte. Os meus olhos não verão esse desfecho.

- Nem os meus.

- Nós nascemos para a guerra, unicamente para a guerra. O desfecho da guerra não nos interessa - e agrada-me que assim seja.

- O teu filho tem idade para te vingar, Heitor?

- Não, não tem.

- Nesse caso, disponho já de uma vantagem sobre você. O meu filho virá a Tróia para me vingar, enquanto que Ulisses fará com que o teu filho não viva o suficiente para chorar o fato de ser ainda uma criança pequena e não poder vingar o pai.

O seu rosto todo se franziu.

- Helena avisou-me que devia ter muito cuidado com ele. Ulisses é filho de um deus?

- Não. É filho de um vilão. Creio que ele encarna o espírito da Grécia.

- Gostaria de poder avisar o meu pai da importância de Ulisses.

- Não viverá para o fazer.

- Pode ser que te vença, Aquiles...

- Se vencer, Agamêmnon dará ordens para que te abatam. Calou-se por um momento, perdido em reflexões.

- Alguém chorará a tua morte? Mulheres? Um pai? - Alguém chorará por mim depois de morto. E, nesse momento, o nosso amor queimava mais intensamente do que o nosso ódio; estendi a minha mão rapidamente, antes que as fontes desse ardor admirável pudessem secar. Com a sua mão, Heitor envolveu também o meu pulso.

- Porque ficou para me defrontar? - perguntei, segurando-lhe o pulso.

Os dedos dele apertaram com mais força ainda; o sofrimento ensombrava-lhe o rosto.

- Como poderia eu refugiar-me na cidade, Aquiles? Como poderia eu encarar o meu pai, sabendo que milhares e milhares de troianos morreram devido à minha imprudência e estupidez? Deveria ter retirado para Tróia no dia em que matei o seu amigo, aquele que envergou esta armadura. Polidamas avisou-me, mas eu ignorei as suas palavras. Eu queria desafiá-lo. Foi por isso - só por isso - que mantive o meu exército na planície. - Recuou, libertando o meu braço, o seu rosto de novo o rosto de um inimigo. - É

muito bela essa tua armadura de ouro. Julgo que é de ouro maciço. É demasiado pesada para ti, Aquiles. A minha é muito mais leve. Proponho-te, por isso, que façamos uma corrida antes que as nossas espadas se encontrem.

Mal disse isto, Heitor desatou a correr, deixando-me plantado onde estava por um momento, antes de me lançar na sua perseguição. Uma idéia astuta mas errada, Heitor! Porque haveria eu de tentar apanhar-te? Teria de virar e enfrentar-me não muito longe dali... A um quarto de légua da Porta Ceia, na direção do nosso acampamento - a direção que ele tomou -, erguiam-se as muralhas troianas; o exército grego não o deixou correr mais.

Depressa recuperei o fôlego; quem sabe, talvez o combate contra o velho Escamandro me tivesse dado um segundo fôlego. Heitor virou-se, eu parei.

- Aquiles! - gritou. - Se eu te matar, juro que devolverei aos seus homens o teu corpo imaculado! Jura que fará o mesmo comigo se for eu a morrer!

- Não! Eu jurei que ofereceria o teu corpo a Pátrocles! Um estranho redemoinho de vento cercou-me de repente a cabeça, a poeira do chão infiltrava-se nos meus olhos. Heitor estava erguendo o seu braço, a Velha Pélion largava a minha mão. Heitor arremessou com violência a sua lança, que atingiu fragorosamente o centro do meu escudo, ao passo que a Velha Pélion caiu molemente aos meus pés. Heitor lançou o seu segundo míssil antes que eu conseguisse baixar-me para apanhar a Velha Pélion. O caprichoso vento voltou a varrer tudo à minha volta. Não cheguei a apanhar a Velha Pélion. Heitor empunhou a sua espada e carregou. Via-me perante um dilema muito claro: ou ficava com o escudo e protegia-me de um adversário brilhante, ou largava-o e combatia sem qualquer proteção. A armadura era suportável, mas o escudo era demasiado pesado. Por isso, larguei-o de imediato e enfrentei-o com a minha espada. Mesmo a meio de uma investida, Heitor era capaz de parar; e largou também o seu escudo.

Quando as nossas espadas se encontraram, descobrimos o infinito prazer de um combate perfeito. Com a minha espada, detive a violência fatal da sua lâmina; os nossos braços erguiam-se firmes e desferiam ferozes golpes e nenhum de nós cedia um palmo de terra que fosse; recuamos no mesmo momento e giramos em círculo, cada um de nós procurando uma abertura. As espadas assobiavam uma canção de morte enquanto esculpiam o ar. Olhei de relance para o seu braço esquerdo quando ele investiu, mas o seu golpe rompeu o cabedal que me cobria a coxa e dilacerou a carne que havia por baixo. Sentindo os dois a mesma ânsia de sangue, nenhum de nós parava para atentar nas respectivas feridas; estávamos demasiado ávidos de um desfecho sangrento. Golpe após golpe, as espadas erguiam-se cintilantes, desciam violentas, deparavam-se a lâmina uma da outra, e voltavam de novo ao princípio.

Procurando uma abertura, tratei de me mover cautelosamente. Heitor era um pouco mais baixo e menos corpulento do que eu - portanto, teria de haver certamente uma falha qualquer na minha armadura, um lugar qualquer em que Heitor não estava adequadamente protegido. Mas onde? Cheguei quase ao seu peito, mas ele se afastou rapidamente - e, nesse momento, quando ergueu o braço, reparei que a couraça não chegava a roçar a base do seu pescoço. Por outro lado, o elmo não descia o suficiente para tapar essa pequena porção do seu corpo. Recuei, obrigando-o a seguir-me, manobrando para alcançar uma melhor posição. E foi nesse preciso momento que a irritante fragilidade dos tendões do meu calcanhar direito me fez tropeçar, ainda que não chegasse a torcer o pé. Apesar de todo o horror que senti, verifiquei ao mesmo tempo que o meu corpo conseguira compensar a fragilidade do calcanhar, mantendo-se direito. No entanto, todo o esforço que tive de fazer para me manter de pé deixou-me à mercê da espada de Heitor.

Imediatamente, o herdeiro de Tróia se deu conta de que aquela era a sua grande oportunidade. Num ápice, correu para mim com a velocidade de uma serpente no momento do derradeiro ataque, a lâmina erguida bem alto para me desferir o golpe fatal, a boca aberta num desvairado grito de júbilo. Investi nesse mesmo momento. De algum modo, o meu braço suportou o poder maciço do seu braço quando a espada desceu sobre mim. A espada dele chocou com a minha com um clangor imenso e logo saltou para o lado. Então, a minha lâmina, sem qualquer vacilação, ergueu-se para se enterrar no lado esquerdo do pescoço de Heitor, entre a couraça e o elmo.

Levando consigo a minha espada, Heitor caiu tão rapidamente que não pude sequer ajudá-lo a deitar-se no chão. As minhas mãos largaram o punho da espada como se ele, de repente, queimasse como fogo. Aos meus pés jazia Heitor: a ferida era fatal, mas restava-lhe ainda um nada de vida. Os enormes olhos escuros estavam fixos em mim, dizendo-me que sabiam da morte, que aceitavam o fim. A lâmina dilacerara por certo todos os vasos sanguíneos que encontrara e cravara-se no osso; porém, como permanecia enterrada na carne, Heitor não exalava ainda o último suspiro. O herdeiro de Tróia moveu as mãos lentamente, convulsivamente, até que elas se enclavinharam na aguçada lâmina. Aterrorizado com a possibilidade de ele arrancar a espada antes de eu estar pronto - alguma vez estaria pronto? -, ajoelhei a

seu lado. Heitor não se movia agora e a sua respiração era cada vez mais pesada e difícil e as juntas das suas mãos estavam brancas, tão extrema era a força com que agarravam a espada, e, pelos dedos lacerados, o sangue escorria abundantemente.

- Combateste bem - disse eu. Os seus lábios moveram-se; virou a cabeça um pouco para tentar falar comigo e o sangue jorrou violento. Com as minhas mãos cobertas de sangue, amparei-lhe a cabeça. O elmo rolou e a sua trança preta caiu sobre a poeira, a ponta já desenredada.

- O meu maior prazer teria sido combater a teu lado e não contra você - disse-lhe eu; faria tudo o que estivesse ao meu alcance para satisfazer os seus últimos desejos. Sim, faria tudo. Ou quase tudo.

Os olhos dele brilhavam e sabiam. Um fino rio de sangue escorria-lhe do canto da boca; o tempo dele estava escoando rapidamente e eu não conseguia suportar a idéia de que ele ia morrer.

- Aquiles? Quase não consegui ouvir o meu nome. Baixei-me, encostei o ouvido aos seus lábios.

- Diga.

- Dá o meu corpo... ao meu pai... Quase tudo, mas não isso.

- Não posso, Heitor. Jurei que daria o teu corpo a Pátrocles.

- Dá o meu corpo... ao meu pai... se o der a Pátrocles... o teu corpo... será devorado... pelos cães de Tróia.

- O que tem de ser, será. Eu jurei, Heitor.

- Então... acabou-se... tudo... Heitor contorceu-se com uma força que só os deuses lhe poderiam ter dado e as suas mãos cravaram-se ainda mais na lâmina; num derradeiro esforço, arrancou a espada. Os olhos dele perderam num ápice todo o brilho, a garganta rompeu num estertor, uma espuma rósea fervilhava à volta das suas narinas. Nesse instante morreu.

Com a cabeça dele ainda entre as minhas mãos, ali fiquei ajoelhado e imóvel. O mundo inteiro caiu de súbito no mais profundo dos silêncios. As fortificações de Tróia pareciam tão mortas como Heitor. Do exército de Agamêmnon, nas minhas costas, também não vinha um único murmúrio. Quão belo era Heitor, o meu gêmeo troiano, a minha outra metade! E quão terrível, quão lancinante, era a minha dor!

- Porque o amas, Aquiles, se foi ele quem me matou? Levantei-me de um salto, o coração martelando desvairado. A voz de Pátrocles falara dentro de mim! Heitor estava morto, eu jurara matá-lo, e agora - agora, em vez de me sentir exultante, eu chorava! Chorava! Enquanto Pátrocles continuava à espera que eu lhe pagasse a travessia do Rio!

Os meus movimentos mataram o silêncio. Na torre de vigia, ouviu-se um medonho uivo de desespero. Era Príamo, amaldiçoando a morte do filho que mais amava. Outros imitaram-no; o ar encheu-se das lamentações histéricas das mulheres, dos gritos que os homens imaginavam chegar aos ouvidos dos deuses, dos socos que homens e mulheres davam no peito, produzindo um som que se assemelhava ao dos tambores fúnebres; e, atrás de mim, o exército de Agamêmnon erguia-se num alarido incessante, aclamando Aquiles.

Como um selvagem, despi Heitor, sufocando a odiosa tristeza que impregnava o meu coração, arrancando de mim o instinto que me levava a chorar a morte de um inimigo, enquanto amaldiçoava todos os elementos da armadura que ia desmembrando. Quando terminei, os reis aproximaram-se e formaram um círculo à volta do corpo nu de Heitor. Agamêmnon fitava o rosto morto com um sorriso de escárnio. Ergueu a sua lança e enterrou-a no flanco de Heitor; todos os outros o imitaram, cravando no indefeso guerreiro os golpes que, fosse ele vivo, nunca lhe teriam desferido.

Enojado, virei-lhes as costas - talvez assim pudesse esfriar um pouco a minha raiva e secar as lágrimas. Quando me volvei, descobri que só Ájax se coibira de ultrajar o corpo de Heitor. Como podiam os homens chamar-lhe brutamontes se, entre todos os presentes, só ele compreendeva? Brutalmente, afastei Agamêmnon e os outros todos.

- Heitor pertence-me. Peguem vossas armas e vão embora! De súbito envergonhados, afastaram-se. Mais pareciam uma matilha de cães furtivos, desejosos de devorarem a refeição roubada, mas impedidos de o fazerem porque eu os enxotara.

Retirei o boldrié púrpura da sua fivela na couraça e peguei o meu punhal. Depois, rasguei as correias das botas e prendi os tornozelos de Heitor com o cabedal tingido e incrustado de jóias do boldrié, enquanto Ájax, impassível, assistia à destruição da sua prenda. Automedonte surgiu com o meu carro; prendi o boldrié à traseira do carro.

- Desça - disse eu a Automedonte. - Eu próprio conduzirei o carro.

Os meus três cavalos brancos sentiam o cheiro da morte e não queriam avançar; porém, logo que enrolei as rédeas à volta da cintura, os animais acalmaram. Vezes sem conta passei sob a torre de vigia. As muralhas de Tróia gritavam de dor. O exército de Agamêmnon gritava de júbilo.

A trança de Heitor desfez-se na terra encharcada até se transformar num informe emaranhado cinzento; os braços deslizavam moles pelo chão, abertos para trás. Por doze vezes vergastei os cavalos entre a torre de vigia e a Porta Ceia, exibindo a esperança morta de Tróia sob as suas próprias muralhas, proclamando a inevitabilidade da nossa vitória. Depois, só parei na praia.

Pátrocles jazia amortalhado no seu esquite. Dei três voltas à praça e só então desci do carro e cortei com o punhal as amarras do boldrié. Pegar na forma flácida de Heitor era fácil; no entanto, e não sei porquê, arremessá-la para o chão, deixá-la como um resto amorfo aos pés do esquite, revelou-se a mais difícil das tarefas. Apesar disso, consegui executá-la. Briseida afastou-se assustada. Sentel-me no banco que ela deixara, a cabeça entre os joelhos, e de novo rompi num choro incontrollável.

- Aquiles, vem para casa - pediu ela. Decidido a dizer-lhe que não, ergui a cabeça. Também ela sofrera; não podia permitir que sofresse mais. Levantei-me, lavado ainda em lágrimas, e com ela segui para a minha casa. Sentou-me numa cadeira e deu-me um lenço para limpar o rosto, uma bacia para lavar o sangue que me tingia as mãos, vinho para que eu me recompusesse. Não sei como, conseguiu tirar-me a armadura de ferro e ouro, após o que me tratou da ferida que eu tinha na coxa.

Depois, tentou despir-me a proteção almofadada, mas eu a impedi.

- Deixe-me em paz - disse-lhe.

- Tem de tomar banho, Aquiles. Deixe-me lavar-te.

- Não posso lavar-me enquanto Pátrocles não tiver sido enterrado.

- Pátrocles converteu-se no seu espírito mau - disse ela serenamente - e isso é escarnecer do que ele foi em vida.

Com um irado olhar de censura, abandonei imediatamente a minha casa. Encaminhei-me, não para a praça onde Pátrocles jazia, mas para os seixos da praia e aí caí como se fosse apenas mais um seixo.

O meu sono foi um transe de uma paz absoluta até ao momento em que, no informe abismo em que eu morava, uma alvura imensa, como que de filamentos feita, veio ter comigo, cintilando de uma luz sobrenatural, as trevas do abismo pairando por entre os débeis filamentos. Essa imensidão de branco, vinda das mais extremas lonjuras, aproximava-se cada vez mais do centro da minha mente, ganhando forma e opacidade à medida que ia entrando dentro de mim, até que, ao penetrar o cerne do meu espírito, assumiu a sua derradeira forma. Os inflexíveis olhos azuis de Pátrocles fixavam a minha nudez. A sua terna boca ganhara a dureza do metal, a dureza que eu encontrara na nossa despedida, e a sua cabeleira loura estava raiada de vermelho.

- Aquiles, Aquiles - sussurrou ele numa voz que era a voz dele e que, ao mesmo tempo, era uma outra voz, lúgubre e gelada -, como pode dormir se eu não fui ainda inumado, se eu não pude ainda atravessar o Rio? Liberte-me, Aquiles! Liberte-me do meu barro! Como pode dormir se eu não fui ainda inumado?

Estendi-lhe os meus braços, rogando-lhe que me compreendesse, tentando explicar-lhe por que razão o deixara substituir-me à frente dos meus homens, balbuciando explicações umas atrás das outras. Abracei-o e os meus dedos abraçaram o vazio; a forma que era Pátrocles esbateu-se e escoou-se na escuridão até que o último som da sua estranha voz se dissipou, até que o derradeiro fio da sua luminescência se apagou. Nada! Nada! Gritei. E acordei ainda gritando, debatendo-me com violência, agarrado e acalmado por uma dúzia dos meus soldados. Afastando-os impacientemente, avancei trôpego por entre os navios, a luz cinzenta do alvorecer guiando os meus passos. Os homens que o meu grito acordara perguntavam uns aos outros que ruído horrível fora aquele.

O vento da noite desnudara Pátrocles, atirando para a poeira da praça o manto que o cobria; os mirmidões que formavam a sua guarda de honra não tinham se atrevido a aproximar-se para tapar o meu amigo. Por isso, mal entrei cambaleante na praça, foi Pátrocles quem eu vi. Dormindo. Sonhando. Tão em paz, a encarnação da bondade. Um sócio de Pátrocles. Eu tinha acabado de ver o verdadeiro Pátrocles e os seus lábios tinham-me dito que ele nunca me perdoaria. Aquele coração que a mim se entregara tão generosamente desde os dias da nossa adolescência partilhada estava agora tão frio e tão duro como mármore. Nesse caso...nesse caso, por que razão era o rosto do sócio tão terno, tão radioso de bondade? Poderia um tal rosto pertencer à sombra que me atormentara durante o sono? Seria possível que os homens mudassem tanto depois de mortos? O meu pé tocou em gelo; rompi num estremecimento incontrollável ao ver o cadáver de Heitor no lugar onde o deixara na noite anterior, as pernas torcidas como se estivessem partidas, a boca e os olhos escancarados, a carne branca sem vida exibindo os cortes róseos de uma dúzia de feridas, a ferida do pescoço tão aberta como as guelras de um peixe.

Virei as costas aos meus mortos ao dar-me conta de que os mirmidões se encaminhavam na minha direção, acordados pelos gritos tresloucados do seu chefe. Eram conduzidos por Automedonte.

- Aquiles, chegou a hora de enterrar Pátrocles.

- Há muito que o devíamos ter feito. Numa jangada conduzimos Pátrocles à outra margem do Escamandro; depois, envergando o nosso vestuário de guerra, levamo-lo sobre o seu escudo. Eu ia à frente, segurando a sua cabeça na palma da minha mão direita. Todo o exército se espalhou pelos penhascos e pela praia num raio de duas léguas, para ver os mirmidões conduzindo Pátrocles ao seu túmulo.

Penetramos na gruta e deitamo-lo suavemente no carro funerário de marfim. Pátrocles envergaria no túmulo a armadura que vestira no momento da sua morte; o seu corpo estava coberto de cachos dos nossos cabelos; as suas lanças e todos os seus bens pessoais foram colocados em trípodes de ouro ao longo das paredes pintadas. Olhei de relance para o teto, perguntando-me quanto tempo faltaria para que também eu fizesse daquele túmulo a minha morada. Não muito, diziam os oráculos.

O sacerdote colocou a máscara de ouro sobre o seu rosto e atou os fios sob a cabeça, colocou as mãos enluvadas de ouro sobre as suas coxas, os dedos entrelaçados sobre a espada. Cânticos foram entoados, libações derramadas para o chão do túmulo. Então, um a um, os doze jovens troianos foram erguidos sobre uma enorme taça de ouro assente num trípode, aos pés do carro funerário, e as suas gargantas cortadas. Selamos a entrada do túmulo e regressamos ao acampamento, à praça das assembleias defronte da casa de Agamêmnon, onde se realizavam os jogos fúnebres. Fui buscar as minhas presas e suportei a agonia de ter de exibi-las perante os vencedores. Por fim, enquanto os outros festejavam, voltei sozinho para a minha casa.

Heitor jazia agora na poeira à saída da minha casa, para onde fora levado depois de termos retirado Pátrocles do seu esquife; a memória daquela aparição no meu sonho quase me levava a sepultá-lo com Pátrocles, como um cão rafeiro aos pés de um herói; no entanto, no derradeiro instante, não conseguira fazê-lo. quebrara o juramento que fizera ao meu mais velho e querido amigo - ao meu amante! - e ficara eu com Heitor. Pátrocles já tinha a travessia paga: doze jovens nobres troianos. Um preço suficientemente alto. Bati palmas; as criadas vieram correndo. - Aqueçam água, tragam os óleos sagrados, mandem chamar o embalsamador. Quero o príncipe Heitor preparado para ser sepultado.

Levei o corpo para um pequeno armazém junto à minha casa e deitei-o numa laje alta o bastante para que as mulheres pudessem cuidar dele. Mas fui eu quem lhe endireitou os membros, fui eu quem lhe fechou os olhos. Os olhos voltaram a abrir-se, muito lentamente, cegos. Um horrendo espetáculo se seguiu, o trabalho do embalsamador. o esvaziamento do cadáver, a pele cobrindo nada. Enquanto a tudo assistia, pensava no momento em que aquele homem faria o mesmo do meu corpo.

Briseida estava sentada à minha espera, curvada numa cadeira. Olhou de relance para mim, mas, por um momento, nada disse. Depois, com uma voz neutra, atreveu-se:

- Tenho a água pronta para o teu banho e há comida e vinho. Tenho de acender as lamparinas, a noite vem aí.

Ah, se ao menos a água tivesse o poder de lavar as manchas que corroem o espírito de um homem! o meu corpo estava de novo limpo - mas não o meu espírito.

Briseida sentou-se no divã defronte do meu enquanto eu me convencia a comer qualquer coisa, a saciar a minha sede. Sentia-me como se, durante anos, tivesse andado a correr como um louco.

Então, ela usou essa mesma palavra: louco. Disse-me:

- Aquiles, porque se comporta como um louco? o mundo não vai acabar só porque Pátrocles morreu. Há pessoas que estão vivas e que te amam tanto como ele te amava. Automedonte. Os mirmidões. Eu.

- Vá embora - disse-lhe eu, farto.

- Irei quando acabar. Aquiles: para curar as tuas feridas, só há um remédio. Deixa de servir a Pátrocles e devolve Heitor ao seu pai. Não tenho ciúmes, nunca tive. o fato de você e Pátrocles terem sido amantes não me afetou, tal como não afetou o meu lugar na tua vida. Mas Pátrocles tinha ciúmes e os ciúmes deixaram-no cego. Crê que ele pensava que você tinha traído os seus ideais. Porém, para Pátrocles, a verdadeira traição foi o fato de ter me amado. Foi aí que tudo começou. Depois disso, aos olhos de Pátrocles, tudo o que fizesse estaria errado. Não estou condenando-o - estou apenas dizendo a verdade. Ele te amava e sentiu que, me amando, você traía o seu amor. E se tinha traído o seu amor, então nunca poderia ser a pessoa que ele pensava que era. Era preciso que ele encontrasse em você defeitos. Pátrocles precisava encontrar razões para a devastação que produzira nele.

- Não sabe o que está falando - disse-lhe eu.

- Sei, sim, Aquiles. Mas não era de Pátrocles que eu queria falar. Queria falar de Heitor. Como pode fazer isto a um homem que te defrontou com tanta coragem e que morreu com tanta honra? Devolve-o ao

pai, Aquiles! Não é o verdadeiro Pátrocles que te persegue, mas sim o Pátrocles que você construiu para instilar em si mesmo a peçonha da loucura! Esquece Pátrocles! No fim de tudo, ele revelou que, afinal, não era teu amigo.

Esbofetei-a com tal violência que Briseida caiu no chão. Horrorizado, levantei-a, deitei-a e verifiquei, aliviado, que não perdera a consciência. Avancei trôpego para uma cadeira, afundei-me nela, pus a cabeça entre as mãos. Nem Briseida escapava àquela loucura - e era loucura! Como curá-la? Como expulsar de mim a minha mãe?

De repente, senti qualquer coisa envolvendo-me as pernas, puxando debilmente pela bainha do meu saiote. Tomado de terror, ergui a cabeça para ver que nova aparição decidira apossar-me. Confuso, fitei a cabeça branca e os traços abatidos, deformados, de um homem muito velho. Era Príamo! Não poderia ser outro senão Príamo! Príamo ali! Quando ergui os cotovelos dos meus joelhos, ele agarrou-se às minhas mãos e desatou a beijá-las, as lágrimas caindo sobre a mesma pele que o sangue de Heitor tingira de vermelho.

- Devolve-me o meu filho! Devolve-me o meu filho! Não deixe que os cães o devorem! Não o deixe sozinho e profanado! Não lhe negue o luto que lhe é devido! Devolve-me o meu filho!

Olhei para Briseida, que se soerguera no divã, os olhos enevoados de lágrimas.

- Vem, Príamo, sente-se - disse eu, erguendo-o e sentando-o na minha cadeira. - Não é próprio de um rei, suplicar de joelhos. Sente-se.

Automedonte apareceu à porta.

- Como é que ele chegou aqui? - perguntei-lhe, aproximando-me dele.

- Numa carroça puxada por uma mula e conduzida por um rapaz idiota, uma pobre criatura que só diz disparates. O exército ainda está festejando, o guarda que estava na passagem era um mirmidão. O velho disse que queria falar contigo. A carroça estava vazia e nenhum deles estava armado, de modo que o guarda deixou-os entrar.

- Vai buscar lenha para o fogo, Automedonte. Não diga a ninguém que o velho está aqui. Avise o guarda e agradece-lhe por mim.

Enquanto esperava pelo fogo - estava muito frio - sentei-me ao pé de Príamo e peguei nas suas mãos deformadas. Estavam geladas.

- Precisou de muita coragem para vir ao nosso acampamento.

- Não, nenhuma - respondeu ele. Os olhos escuros, remelosos, fitaram os meus. - Outrora - disse-me ele -, governei um reino feliz e próspero. Até que cometi um erro. O erro estava dentro de mim. Dentro de mim... Os Gregos foram enviados pelos deuses para me punirem. O meu orgulho tinha de ser castigado. A minha cegueira tinha de ser castigada. - O lábio tremia-lhe, a umidade que lhe cobria os olhos dava-lhes um brilho novo. - Não, não precisei de coragem nenhuma para vir até aqui. Heitor foi o preço mais elevado que tive de pagar.

- O preço mais elevado - disse eu, incapaz de o não dizer - será a queda de Tróia.

- A queda da minha dinastia, talvez, mas não a queda da cidade. Tróia é maior do que a minha dinastia, mesmo agora.

- Tróia, a cidade, cairá.

- Bom, Aquiles, quanto a isso divergimos. Mas espero que não haja entre nós divergências quanto às razões da minha vinda. Príncipe Aquiles, de-me o corpo do meu filho. Pagarei tudo o que pedir.

- Não quero que me pague nada, rei Príamo. Pode levá-lo - disse-lhe eu.

Príamo caiu de joelhos pela segunda vez e de novo me beijou as mãos; a minha carne toda se arrepiava. Acenando para Briseida, libertei-me das mãos de Príamo.

- Sente-se e come comigo enquanto preparam Heitor. Briseida, cuide do nosso visitante.

Saí para falar com Automedonte.

- O boldrié de Ájax - disse-lhe eu - pertencia a Heitor, ao contrário da armadura. Vai buscá-lo, Automedonte, e leva-o para a carroça.

Quando regressei, encontrei Príamo recuperado, conversando todo contente com Briseida; ocorrera nele uma daquelas estranhas mudanças de disposição que são características dos muito velhos. Ouvi-o perguntar a Briseida se gostava da vida que levava comigo, ela que nascera na Casa de Dárdano.

- Estou satisfeita, rei Príamo - disse ela. - Aquiles é um bom homem, não há nele nada de ignóbil. - Curvou-se um pouco, perguntou num murmúrio: Rei Príamo, porque é que ele pensa que vai morrer em breve?

- Os destinos de Aquiles e Heitor estão ligados - retorquiu o velho rei.

Foram os oráculos que o disseram.

Quando me viram, mudaram de assunto, como seria de esperar. Jantamos depois e descobri que estava esfomeado, mas obriguei-me a comer tão devagar como Príamo e a não beber demasiado vinho.

Depois do jantar, conduzi-o à sua carroça. Jazia nela o corpo de Heitor, coberto por um manto. Príamo não quis ver o corpo do filho. Subiu para a carroça, para junto do pobre idiota, e logo se afastou a caminho da passagem do nosso acampamento. Ia tão direito e orgulhoso como se estivesse conduzindo um carro de ouro maciço.

Briseida estava à minha espera com a cabeleira desprendida, uma túnica folgada caindo-lhe até aos pés. Fui direito à nossa cama enquanto ela apagava as lamparinas.

- Está tão cansado que nem se despe? Tirou-me o colar e o cinto, despiu-me o saiote, deixando-os no chão. Exausto, deitei-me de costas e ergui os braços e deixei-os repousar sobre a minha cabeça. Briseida subiu para a cama, sentou-se ao meu lado, debruçou-se sobre mim e pos-se a brincar, enfiando os punhos nas minhas axilas. Sorri para ela, de súbito tão feliz e despreocupado como uma criança pequena.

- Nem força tenho para te afagar o cabelo - disse-lhe eu.

- Então fique quieto e dorme. Eu estou aqui.

- Estou demasiado cansado para dormir.

- Então descansa. Eu estou aqui.

- Briseida, promete-me que não me deixarás nunca. Nem mesmo quando o meu fim chegar.

- Quando o teu fim chegar? A sua expressão risonha logo se dissipou; estava debruçada sobre mim, mas eu quase não via os olhos, pois, em todo o quarto, a única lamparina acesa estava bem longe de nós. Com um imenso esforço, ergui os braços e amparei a sua frágil cabeça com as minhas mãos, tal e qual como fizera com Heitor no momento da sua morte.

- Ouvi o que perguntou a Príamo e ouvi a resposta dele. Sabe muito bem o que quero dizer, Briseida.

- Recuso-me a acreditar! - exclamou ela.

- Há certas coisas a que um homem é condenado no próprio dia em que nasce e essas coisas são-lhe anunciadas. O meu pai a nada me condenou, mas o mesmo não posso dizer de minha mãe. A minha presença em Tróia significaria necessariamente a minha morte. E, agora que Heitor morreu, Tróia cairá. A minha morte é o preço que preciso pagar pela queda de Tróia.

- Aquiles, não me deixe nunca!

- Daria tudo para não te deixar nunca, mas é impossível... Por um longo tempo Briseida ficou quieta e calada, os olhos fixos na minúscula chama que crepitava na concha da lamparina, a respiração rítmica e vagarosa. Por fim, disse-me:

- Ordenou que Heitor fosse preparado para o enterro antes de vir ter comigo esta noite.

- É verdade.

- Porque não me disse? Se tivesse me informado da tua decisão, eu nunca teria dito aquilo que disse.

- Talvez as suas palavras fossem necessárias, Briseida. Eu te bati. Um homem não deve nunca bater numa mulher ou numa criança, ou em qualquer criatura mais fraca do que ele. Quando os homens baniram a Velha Religião, os deuses deram-lhes o poder na terra. Contudo, os homens teriam de cumprir certas cláusulas: essa era uma delas.

Ela sorriu.

-Você não bateu em mim, mas sim no seu demônio, e, ao bater-lhe, extirpou-o de si. O resto da sua vida te pertence, não a Pátrocles, e isso é motivo de sobra para que eu me sinta muito, muito alegre. A exaustão que sentia desapareceu num ápice; ergui-me sobre um cotovelo para olhar para ela. A minúscula lamparina teria sido amável para qualquer mulher; porém, como Briseida não tinha nenhuma imperfeição, a escassa luz dava-lhe a aura de uma deusa, brunia a sua pele pálida de um ouro desmaiado e enriquecia o fogo tremeluzente do seu cabelo e dava aos seus olhos um toque de âmbar líquido. Os meus dedos hesitantes tocaram a sua face e traçaram uma linha que terminou perto da sua boca, no lugar em que a força da minha mão deixara um inchaço. O pescoço dela estava envolto em sombras, os seios deixaram-me como louco, os pequenos pés eram o limite do meu mundo.

E porque admitira finalmente que precisava desvairadamente dela, encontrei em Briseida coisas que estavam muito para além dos meus sonhos. Se, no passado, tentara conscientemente agradar-lhe, agora, só pensava nela como uma extensão do meu próprio ser. Dei comigo a chorar; o cabelo dela ficou molhado sob o meu rosto, as mãos dela acalmaram-se e procuraram as minhas mãos e cerraram-se nelas numa paz dolorosa, e tão cedo não se largaram, as nossas mãos sobre as nossas cabeças na almofada partilhada.

Heitor habitava de novo o palácio dos seus antepassados, embora desta vez não o soubesse. Através de Ulisses, ficamos sabendo que Príamo ignorara as pretensões dos seus filhos mais velhos e escolhera Troilo, ainda um rapaz, como seu novo herdeiro. Protestavam os Troianos que Troilo não atingira ainda a maioridade - um termo que nós não conhecíamos nem usávamos.

Com efeito, à decisão de Príamo deparara-se forte oposição; o próprio Troilo suplicara ao rei que desse o título a Enéias. Ao ouvir tal, Príamo lançara-se numa diatribe contra o dardanio que só terminara quando Enéias abandonara indignado a Sala do Trono. Deífobo também estava furioso; tal como o jovem sacerdote Heleno, que recordou ao pai o oráculo segundo o qual Troilo só salvaria a cidade depois de ter atingido a maioridade. Príamo respondeu que Troilo havia chegado à maioridade, mas Heleno manteve as suas súplicas. Que não demoveriam Príamo. Troilo acabou mesmo por ser declarado herdeiro de Tróia. E nós, na praia, começamos a afiar as nossas espadas.

Durante doze dias, Tróia chorou Heitor. A meio desse período, chegou Pentésiléia das Amazonas com dez mil guerreiras montadas. Mais uma razão para afiarmos as nossas espadas.

Afiávamos as espadas e afiava-se a nossa curiosidade. Com efeito, as Amazonas eram criaturas únicas. Consagravam inteiramente as suas vidas a Ártemis, a Donzela, e a um Ares asiático. Viviam nas longínquas fortalezas da Cítia, no sopé das montanhas de cristal que constituem o teto do mundo, conduzindo os seus enormes cavalos pelos caminhos das florestas, caçando e pilhando em nome da Donzela. Viviam sob o domínio da deusa Terra na sua tripla identidade inicial

- Donzela, Mãe, Velha - e dominavam os seus homens tal e qual como as mulheres haviam feito no nosso mundo, antes de a Nova Religião ter substituído a Velha. É que, no nosso mundo, os homens haviam descoberto um fato vital: a semente de um homem era tão necessária para a procriação como a mulher que fazia crescer o fruto. Antes de tal descoberta ter sido feita, os homens eram considerados não mais do que um luxo dispendioso.

Entre as Amazonas, a sucessão fazia-se inteiramente segundo a linha feminina; os seus homens eram pouco mais do que escravos e nem sequer iam para a guerra. Os primeiros quinze anos da vida de uma mulher, após a primeira menstruação, eram exclusivamente dedicados à deusa Donzela. Depois, retirava-se do exército, escolhia um marido e gerava os seus filhos. Só a rainha não se casava, embora deixasse o trono sensivelmente na mesma altura em que as outras mulheres abandonavam o serviço de Ártemis, a Donzela; em vez de escolher um marido, a rainha submetia-se ao golpe fatal do machado, sacrificando-se pelo seu povo.

Ulisses encarregou-se de esclarecer as nossas dúvidas relativamente as Amazonas; parecia ter espiões em todo o lado, mesmo no sopé das montanhas de cristal da Cítia. Contudo, aquilo que mais nos preocupava era o fato de as Amazonas montarem cavalos. Os outros povos não montavam cavalos: nem mesmo os longínquos Egípcios. Um homem sentar-se em cima de um cavalo? Era demasiado difícil... A pele do cavalo era escorregadia, se lhe puséssemos uma manta em cima, a manta caía; a única parte do corpo do cavalo que os homens podiam usar era a boca, visto que podiam inserir nela um freio ligado ao arnês e às rédeas. Portanto, o mundo usava os cavalos apenas para puxarem carros. Nem sequer podíamos pô-los a puxar carroças, pois o jugo estrangulava-os. Assim sendo, como era possível que as Amazonas montassem cavalos - e ainda por cima combatessem em cima deles?

Enquanto os Troianos choravam a morte de Heitor, nós descansamos, perguntando-nos se alguma vez voltaríamos a vê-los fora das muralhas. Ulisses estava seguro de que eles voltariam a sair, mas os restantes chefes gregos duvidavam que tal acontecesse.

Ao Décimo terceiro dia, vesti a armadura que Ulisses me dera, descobrindo, com alguma surpresa, que, agora, me parecia muito mais leve. Atravessamos as passagens do acampamento à escassa luz da aurora, intermináveis correntes de homens arrastando-se pela planície orvalhada, uns quantos carros na dianteira. Agamêmnon decidira formar ao longo de uma frente situada a cerca de meia légua da muralha troiana adjacente à Porta Ceia.

Eles estavam à nossa espera. Não tantos como antes, mas, mesmo assim, mais numerosos do que nós. A Porta Ceia estava fechada.

As hordas amazonas estavam posicionadas no centro da vanguarda troiana; enquanto esperava que as nossas alas formassem, sentei-me num dos resguardos laterais do meu carro e examinei-as com toda a atenção. Montavam uns cavalos enormes e muito peludos de uma raça que eu desconhecia - uns feios focinhos aquilinos, crinas e caudas tosquiadas, cascos peludos. Quanto à cor, os cavalos eram uniformemente baios ou castanhos, com uma única exceção: o belo cavalo branco mesmo no centro das hostes amazonas. Só poderia ser o cavalo da rainha Pentésiléia. Percebi então do processo que usavam para montar os cavalos - um processo muito inteligente! Cada guerreira podia ajustar as ancas e as

nádegas a uma estrutura de couro, atada com correias debaixo da barriga do cavalo; desse modo, o risco de caírem seria mínimo.

Usavam elmos de bronze, mas, quanto ao mais, envergavam cabedal curtido e cobriam-se, da cintura até aos pés, com uma espécie de canos de cabedal, atados com correias desde os tornozelos aos joelhos. Nos pés, usavam botas pequenas e macias. A arma preferida era obviamente o arco e as flechas, embora algumas trouxessem espadas.

Nesse preciso instante, soaram as trombetas e os tambores da batalha. Ergui-me de novo, a Velha Pélion na mão, o escudo de ferro confortavelmente dependurado do ombro esquerdo. Agamêmnon concentrara todos os seus carros na secção da linha da frente defronte das Amazonas. Lamentavelmente, eram poucos os nossos carros.

As mulheres abriram caminho por entre os carros de guerra como se fossem harpias, guinchando e berrando. Setas silvaram dos seus pequenos arcos, voando sobre as cabeças daqueles que seguiam nos carros e descendo na direção dos pés dos que vinham atrás. Aquela constante chuva de morte perturbou até os meus mirmidões, que não estavam habituados a combater contra um adversário que disparava a uma distância que impedia uma retaliação imediata. Juntei o meu pequeno segmento de carros de guerra e obriguei as Amazonas a recuarem, usando a Velha Pélion como um arpão, aparando as setas com o meu escudo e gritando aos outros para que fizessem o mesmo. Mas havia algo de extraordinário naquele bizarro confronto: aquelas estranhas mulheres não alvejavam os nossos cavalos!

Olhei de relance para Automedonte, o qual, com uma expressão severa e preocupada, procurava controlar os nossos cavalos. Os olhos dele encontraram-se com os meus.

- Deixemos o resto do exército tratar dos Troianos - disse eu. - Concentremo-nos nestas mulheres. Se conseguirmos agüentá-las, já me darei por contente.

Automedonte aquiesceu, logo fazendo guinar o carro para evitar uma guerreira que lançara o seu corcel na nossa direção; as pernas dianteiras do animal cavalgavam portentosamente e os seus cascos enormes seriam capazes de fazer saltar os miolos de um homem. Peguei um dardo e arremessei-o contra a guerreira, assobiando de satisfação pois o dardo abateu-a instantaneamente, fazendo-a cair sob as pernas do portento. Então, decidi arrumar a Velha Pélion e pegar no machado.

- Mantenha-se perto de mim que eu vou descer.

- Não desça, Aquiles! Elas te esmagam! Ri dele. Era muito mais fácil no chão; passei palavra aos mirmidões.

- Esqueçam o tamanho dos cavalos. Aproximem-se das patas deles - elas não matarão os nossos cavalos, mas nós mataremos os delas. Um cavalo por terra é tão bom como uma Amazona a menos.

Os Mirmidões seguiram as minhas instruções sem a menor hesitação. Alguns ficaram bastante maltratados sob as patas dos cavalos, mas a maior parte aqueceu-se no meio daquele dilúvio de setas, retalhando barrigas peludas, ceifando pernas encimadas por saias, torcendo pescoços equinos. Porque eram homens organizados, disciplinados e rápidos, e também porque o meu pai e eu nunca havíamos desencorajado a iniciativa ou a versatilidade, os Mirmidões forçaram as Amazonas a se retirar. Uma vitória que nos saiu cara. O campo ficou juncado de cadáveres mirmidões. Mas aquela vitória ninguém nos podia tirar. Recobrado o ânimo, os meus homens estavam prontos para matar mais Amazonas e mais cavalos.

Subi de novo para o carro e tentei localizar Pentésiléia. Ali estava ela! No meio das suas mulheres, tentando levá-las a formar organizadamente. Acenei para Automedonte.

- Em frente, Automedonte! Só paramos quando alcançarmos a rainha! Conduzi a carga no meu carro, antes que elas estivessem preparadas. Mesmo assim, muitas foram as setas que caíram em cima de nós; Automedonte teve de usar um escudo para se proteger. No entanto, não consegui aproximar-me de Pentésiléia o suficiente. Por três vezes, consegui evitar-nos, enquanto continuava a organizar as suas linhas. Automedonte estava todo suado e arquejante, incapaz de comandar os meus três garanhões com a facilidade de Pátrocles.

- De-me as rédeas - disse-lhe. Os nomes dos meus cavalos eram Xanto, Bálio e Podargo. Chamei cada um deles pelo seu nome e a cada um deles pedi que me desse o seu melhor. Eles ouviram-me, embora Pátrocles não estivesse presente para responder por eles. Ah, que bom! Conseguia pensar de novo em Pátrocles sem sentir o peso da culpa!

Sem que fosse preciso usar o chicote, os meus cavalos, tão corpulentos como os das Amazonas, conseguiram abrir caminho por entre estes. Gritando o meu grito de guerra, devolvi as rédeas a Automedonte e peguei a Velha Pélion. A rainha Pentésiléia estava ao alcance da minha lança e cada vez mais próxima, ao passo que a desordem das suas linhas piorara em vez de melhorar. Pobre mulher, não possuía os talentos que são necessários a um bom general. Cada vez mais perto, cada vez mais perto...

Pentesiléia teve de desviar a sua égua branca para evitar uma colisão tremenda com os meus cavalos. Os seus olhos pálidos faiscaram, o seu flanco ofereceu-se à Velha Pélion. Mas não consegui disparar. Saudei-a e ordenei uma retirada.

Um cavalo das Amazonas sem cavaleiro - ou melhor, uma égua; afinal, parecia que as Amazonas só tinham éguas - tinha as patas amarradas, as rédeas debaixo de uma delas. Automedonte passou pela égua; mandei-o parar, peguei as rédeas da égua e obriguei-a a seguir-nos.

Logo que me vi longe do tumulto, desci do carro e examinei a égua que perdera a sua Amazona. Gostaria do cheiro de um homem? Como é que eu ia sentar-me naquela estrutura de couro?

Automedonte estava lívido.

- Aquiles, que está fazendo?

- Pentesiléia não tem medo de morrer. Merece por isso uma morte melhor. Combatê-la-ei como um igual - machado contra machado, os dois montados num cavalo.

- Enlouqueceu? Nós não sabemos montar cavalos!

- Ainda não sabemos... Mas não acha que, depois de termos visto as Amazonas, conseguiremos aprender?

Saltei para cima da égua, usando a roda do carro como um degrau; os lados da estrutura eram salientes e rijos; tive por isso a maior dificuldade em enfiar-me naquela estranha coisa, pois era demasiado pequena para as minhas ancas. Porém, uma vez sentado naquilo, fiquei espantado. Era tão fácil permanecer direito e equilibrado! A única dificuldade eram as pernas, que ficavam suspensas, caídas, sem qualquer suporte. A égua estava amedrontada, mas a sorte estava do meu lado, pois o animal parecia manso; quando puxei as rédeas para que ela virasse, obedeceu. Montava um cavalo: era o primeiro homem em todo o mundo a fazê-lo.

Automedonte passou-me o machado, mas o escudo estava fora de questão. Um dos meus mirmidões correu para mim, com um sorriso arreganhado, e deu-me um pequeno escudo redondo, o escudo que as Amazonas usavam.

Com os Mirmidões atrás de mim num alarido deliciado, carreguei sobre o exército feminino, procurando a rainha. No meio da confusão, a minha égua não conseguia avançar mais depressa do que um caracol. Além disso, parecia ter adotado o seu novo cavaleiro: é possível que o meu peso a tivesse intimidado.

Quando vi a rainha, lancei-lhe o meu grito de guerra. Com um bizarro e ululante guincho - o seu grito de guerra - Pentesiléia virou-se na minha direção, fazendo avançar a sua égua branca por entre a multidão com um movimento dos joelhos - mais um truque para eu aprender - enquanto, com a mão direita, pegava um machado dourado. Com uma voz brusca, imperiosa, ordenou às suas guerreiras que se afastassem para formar um semicírculo. Os meus mirmidões correram para formar a outra metade do círculo. A batalha devia ter tomado a mesma direção que nós, já que, entre os Mirmidões, vi tropas que pertenciam a Diomedes e o rosto sombrio e desagradável do seu primo Tersita. Que estava Tersita fazendo ali? Ele era um dos chefes dos espiões de Ulisses.

- O teu nome é Aquiles? - perguntou a rainha num Grego atroz. É esse mesmo! Avançou para mim, o machado encostado ao dorso da égua, o escudo firme. Consciente da minha inexperiência naquele novo tipo de duelo, decidi deixá-la usar primeiro alguns dos seus truques, confiando que a minha sorte me evitaria problemas até me sentir mais confortável. Pentesiléia fez com que o seu corcel me oferecesse o flanco, mas logo rodopiou e avançou sobre mim com a velocidade de um relâmpago; afastei-me a tempo e aparei o golpe com aquele escudo forrado de pele de vaca, lamentando não ter um de ferro mas do mesmo tamanho. A lâmina dela fez um corte profundo no escudo, mas logo emergiu livre e tão facilmente como uma faca cortando queijo. Pentesiléia podia ser um mau general, mas era uma belíssima combatente. Tal como a minha égua castanha, que sabia melhor do que eu quando é que se devia virar. Aprendendo com a rainha, ergui o machado e desferi o golpe. Falhei por muito pouco. Depois, experimentei um outro truque dela: fiz com que a minha égua colidisse com a égua dela. A rainha abriu muito os olhos; por sobre o escudo, ria-se de mim. Mais acostumados um ao outro, trocamos golpes com uma velocidade que não parava de aumentar; os machados ressoavam e faziam faísca. Podia sentir o poder do seu braço e tinha de admitir que, naquela arte, Pentesiléia era um artífice consumado. O machado dela era muito menor do que o meu, concebido para ser usado apenas por uma mão, o que fazia dela um inimigo muito perigoso; o melhor que eu podia fazer com o meu machado era agarrar o cabo muito mais perto da cabeça do que era normal, usando apenas a minha mão direita. Mantive-me à direita dela e obriguei-a a cansar os seus músculos, aparando cada um dos golpes com uma força que fazia vibrar todas as fibras do seu corpo.

A minha força resistiria muito mais tempo do que a dela, mas odiaria vê-la humilhada. Seria melhor acabar com aquilo rápida e honrosamente. Ao dar-se conta de que o seu tempo acabara, ergueu os olhos para mim e concordou silenciosamente; então, tentou um último e desesperado truque. A égua branca empinou-se, rodopiando ao descer e arremessando-se contra mim com tal violência que a minha égua castanha vacilou, quase escorregando. Enquanto a levava a recompor-se com a minha voz e a mão esquerda e os calcanhares, o machado de Pentesiléia desceu sobre mim. Ergui o meu próprio machado para o enfrentar e, num ápice, o fiz cair. Então, não hesitei: o flanco de Pentesiléia recebeu a minha lâmina como se fosse barro mole. Não confiando nela enquanto permanecesse montada e ereta, puxei o machado rapidamente. A mão dela procurou o punhal, mas faltavam-lhe as forças. Rios escarlates jorravam, tingindo a brancura da égua. A rainha das Amazonas vacilava, ameaçando tombar desamparada. Desci imediatamente da minha égua castanha, a fim de agarrá-la antes que se estatelasse no chão.

O peso dela fez-me cair por terra. Ajoelhei depois, com a sua cabeça e os ombros nos meus braços, sentindo-lhe o pulso. Não estava ainda morta, mas a sua sombra pairava sobre nós. Fitou-me com uns olhos tão azuis e pálidos como as águas beijadas pelo sol.

- Pedi aos deuses que fosses você - disse ela.

- O rei deve morrer às mãos do mais valoroso dos seus inimigos - disse eu - e você é rei na Cítia.

- Agradeço que tenha posto termo ao duelo tão rapidamente. Assim, não fui obrigada a admitir que me faltavam as forças. Absolvo-te da minha morte em nome da Donzela Arqueira.

O estertor da morte fazia-se ouvir já, mas os lábios ainda se moviam. Curvei-me para a ouvir.

- Quando morre sob o golpe do machado, a rainha tem de exalar o seu último suspiro para a boca do seu carrasco, o qual reinará depois dela. - Tossiu, mas buscou todas as forças que lhe restavam para continuar a falar. - Toma o meu alento. Toma o meu espírito até que também você seja uma sombra e eu possa te pedir que me devolva.

Não havia nos seus lábios nem sinal de sangue; o seu último suspiro encontrou a minha boca e assim morreu. Deitei-a delicadamente no chão e levantei-me. Gritando de dor e desespero, as guerreiras investiram contra mim, mas os Mirmidões puseram-se à minha frente e permitiram-me sair do campo de batalha montado na égua castanha. Procurei Automedonte. A estrutura de madeira e cabedal era um despojo muito mais valioso do que os rubis da rainha.

Alguém falou comigo.

- Proporcionou à multidão um belo espetáculo, Aquiles. Estou certo de que poucos homens - ou mulheres, agora - terão visto alguém fazer amor com um cadáver.

Automedonte e eu viramos-nos num ápice, mal acreditando no que estávamos a ouvir. Era Tersita, o espião, que me fitava com um sorriso trocista. Me desprezaria assim tanto o exército grego, ao ponto de um homem como Tersita se achar no direito de me atirar à cara os seus imundos pensamentos, considerando-se a salvo de todo e qualquer castigo?

- Só foi pena as mulheres terem investido e você não poder chegar ao clímax - continuou ele, o escárnio estampado no rosto. - Sempre gostava de ver a mais poderosa das tuas armas....

Tremendo de uma fúria gélida, ergui a minha mão.

- Desaparece, Tersita! Vá esconder-se atrás do teu primo Diomedes ou de Ulisses, o teu titereiro!

Tersita virou as costas, mas ainda disse:

- A verdade dói, não é? Bati-lhe apenas uma vez. Uma dor tremenda trespassou-me o braço quando o meu punho cerrado encontrou o seu pescoço sob o elmo. Tersita caiu como uma pedra, contorcido como uma serpente. Automedonte chorava de raiva.

- O cão! - exclamou, ajoelhando ao pé do espião. - Partiste-lhe o pescoço, Aquiles, está morto. Bons ventos o levem!

As Amazonas sofreram uma derrota esmagadora, pois os seus corações tinham morrido com Pentesiléia; continuaram a combater apenas para morrer, naquela que fora a sua primeira incursão ao mundo dos homens. Quando tive tempo, procurei o corpo da rainha, mas dele nem sinal. Ao fim do dia, um dos meus soldados veio ter comigo.

- Aquiles, eu vi levarem o corpo da rainha do campo de batalha.

- Para onde o levaram? E quem o levou?

- Levaram-no para o rei Diomedes. Ele apareceu com alguns dos seus soldados de Argos, despiram a rainha, ataram o cadáver pelos tornozelos ao carro de Diomedes e assim o levaram, mais à armadura.

Diomedes? Não podia acreditar que fosse possível. Porém, logo que os homens começaram a limpar o campo, procurei o rei de Argos a fim de o confrontar com as minhas informações.

- Diomedes, é verdade que levou a minha presa, a rainha das Amazonas?
- É verdade, sim! - atirou-me ele, os olhos cheios de ódio. - Atirei-a ao Escamandro!
Decidi falar-lhe cortesmente.
- Porquê?
- E porque não? Você assassinou o meu primo Tersita - um dos meus soldados o viu abatê-lo com um golpe pelas costas. Merece perder a rainha mais a armadura!

Cerrei os punhos.

- Agiu de uma forma precipitada, meu amigo. Pergunta a Automedonte o que Tersita me disse.

Com alguns dos meus mirmidões fui à procura do corpo da rainha, sem qualquer esperança de encontrá-lo. O Escamandro corria de novo forte e cheio e fétido; durante os doze dias que durara o luto por Heitor, tínhamos reforçado as margens do rio afim de mantermos seco o nosso acampamento; logo a seguir, porém, os dilúvios haviam voltado ao monte Ida.

A escuridão caíra; acendemos archotes e vagueamos pela margem, procurando debaixo de arbustos e salgueiros. Até que alguém gritou. Corri para o local de onde veio o grito, fazendo um esforço tremendo para ver no meio das trevas. Pentésiléia estava no meio do rio, balouçando ao sabor da corrente, presa por uma comprida e pálida trança a um ramo do mesmo olmo a que eu me agarrara para não morrer. Retirei-a das águas do rio e envolvi-a numa manta. Depois, coloquei-a sobre a sua égua branca, que Automedonte encontrara vagueando pelo campo deserto, procurando desesperada a sua amazona.

Quando voltei à minha casa, Briseida estava à minha espera.

- Meu querido - disse-me ela -, Diomedes veio visitá-lo. Como não estava, deixou várias coisas e uma mensagem. Pediu-me que te apresentasse as suas mais sinceras desculpas e que te dissesse que, quanto a Tersita, ele teria feito exatamente o mesmo que você fez.

Diomedes deixara-me a armadura e as armas de Pentésiléia. Sepultei-a no túmulo de Pátroclos, deitada na posição do rei guerreiro, com a armadura vestida e uma máscara de ouro cobrindo-lhe o rosto. A égua branca jazia aos pés da rainha; desse modo, o belo animal entraria no reino dos mortos como sempre vivera: montada pela sua amazona.

Nos dois dias seguintes, não se registrou na planície qualquer sinal de atividade troiana. Intrigado com o que poderia acontecer nos tempos mais próximos, decidi ir falar com Agamêmnon. Ulisses estava com ele, tão bem-disposto e confiante como sempre.

- De uma coisa pode estar certo, Aquiles: eles voltarão a sair. Príamo está à espera de Menão, que se dirige para Tróia à frente de vários regimentos de elite hititas que o rei Hatusílis disponibilizou depois de ter recebido uma elevada quantia. No entanto, segundo os meus agentes, os Hititas demorarão ainda meia lua a chegar a Tróia e, entretanto, temos de resolver um problema mais urgente. Rei supremo, posso pedir-lhe que explique a Aquiles o que se passa? - disse o astucioso Ulisses, que sabia muito bem quando é que devia mostrar-se o mais deferente dos súbditos perante o rei supremo.

- Claro - disse o nosso rei supremo com um ar altivo. - Aquiles, há oito dias que não chega à nossa praia nenhum navio de abastecimentos de Assos. Suspeito de um ataque dardaniano. Gostaria que levasse o teu exército e que fosse ver o que se passa realmente em Assos. Não podemos combater Menão e os Hititas de barriga vazia, mas também não podemos combatê-los com um exército desfalcado. Proponho-te, por isso, que resolves o problema de Assos e que voltes rapidamente para cá.

Aquiesci.

- Muito bem, rei supremo. Levarei dez mil homens, mas não mirmidões. Autoriza-me a recrutar outros homens que não os meus?

- Claro, claro! - retorquiu imediatamente o rei supremo. Estava muito bem-disposto.

A situação em Assos não diferia muito do que Agamêmnon previra. Os Dardanianos haviam cercado a nossa base; após dura refrega, abandonamos as nossas muralhas defensivas e derrotamo-los em campo aberto. O exército inimigo era afinal uma manta de retalhos poliglota; os homens que reinavam nas ruínas de Lirnesso - fossem eles quem fossem - haviam recrutado quinze mil homens de outras cidades, possivelmente ao longo de toda a costa. Muito provavelmente, o seu destino era Tróia, mas a verdade é que não tinham conseguido resistir à tentação que Assos representava. As muralhas tinham-nos mantido à distância e eu chegara a tempo de evitar um assalto fatal. Por isso, aqueles soldados, além de perderem Assos, também perderam a vida. Tróia nunca abriria as suas portas para os receber.

Quatro dias bastaram para resolvermos o caso; fizemo-nos ao mar no quinto. Porém, os ventos e as correntes não nos ajudaram nada: chegamos à nossa praia apenas na noite do sexto dia. Dirigi-me imediatamente à casa de Agamêmnon, descobrindo, enquanto caminhava, que, na minha ausência, o exército estivera envolvido numa importante ação.

Encontrei Ájax no pórtico.

- Que se passou? - perguntei-lhe, ansioso por conhecer todos os pormenores.

Fitou-me com um esgar triste.

- Menão chegou mais cedo do que o esperado, com dez mil soldados hititas. São magníficos combatentes, Aquiles! E nós... nós estamos cansados... Apesar de termos mais soldados do que eles e dos Mirmidões participarem na batalha, os Hititas empurraram-nos para dentro das nossas muralhas. Felizmente que já era noite quando a batalha terminou.

Apontei para as portas fechadas.

- O rei dos reis não recebe visitas? Ájax sorriu.

- Deixe de ironia, primo! Agamêmnon não está nada bem... Nunca fica bem depois de um revés.

Mas pode entrar que ele o receberá.

- Vá dormir, Ájax. Hoje, perdemos; amanhã, venceremos.

Agamêmnon estava de fato com um ar muito cansado. Estava ainda sentado à mesa de jantar, acompanhado apenas por Nestor e Ulisses. Tinha a cabeça enterrada nos braços, mas ergueu-a mal eu entrei.

- Então? Resolveu o problema de Assos? - perguntou-me imediatamente.

- Sim, rei supremo. Os navios de abastecimento chegarão amanhã, mas os quinze mil homens que vinham para Tróia ficaram pelo caminho.

- Excelente! - exclamou Ulisses. Nestor nada disse - nem parecia dele! Olhei para ele e fiquei espantado: tinha o cabelo desgrenhado, a barba emaranhada, os olhos raiados de sangue. Quando percebi que eu estava olhando para ele, ergueu uma mão para logo a baixar; pelas suas faces enrugadas, deslizaram lágrimas irreprimíveis.

- Que aconteceu, Nestor? - perguntei-lhe ternamente. Creio que já sabia a resposta.

Respirou fundo, soluçou.

- Oh, Aquiles, Aquiles! Antíloco morreu! Ergui a mão para esconder os meus olhos.

- Quando?

- Hoje, no campo de batalha. A culpa foi toda minha... Ele tentou livrar-me de apuros e Menão matou-o com uma lança. Não consigo sequer olhar-lhe para o rosto! A lança entrou pelo occipício e saiu-lhe pela boca, desfigurando-o por completo! E o meu filho era tão belo! Tão belo, Aquiles!

Os meus dentes rangiam de raiva.

- Menão pagará por isso, Nestor. Pelos votos que fiz ao rio Esperquio, juro que Menão pagará.

Mas o velho abanou a cabeça.

- Oh, Aquiles, nada mais me importa! Antíloco está morto. O cadáver de Menão não trará de volta o meu filho... Perdi cinco filhos nesta maldita planície - cinco dos meus sete filhos. E Antíloco era aquele que eu mais amava. Tinha vinte anos. E eu, que tenho quase noventa, ainda estou vivo! Não há justiça nas decisões dos deuses.

- Acabamos com eles amanhã? - perguntei a Agamêmnon.

- Sim, amanhã - respondeu ele. - Estou farto, mais do que farto, de Tróia! Não suportaria passar aqui outro Inverno! Não tenho notícias de Micenas - a minha mulher deixou de me mandar mensageiros, o mesmo faz Egisto. Tenho mandado mensageiros, é certo: quando voltam, todos me dizem que as coisas vão bem em Micenas. Mas eu estou desejoso de voltar para casa, para Clitemenestra, para o meu filho, para as duas filhas que me restam! - Olhou para Ulisses. - Se não conquistarmos Tróia neste Outono, voltarei para casa.

- Tróia cairá este Outono - disse Ulisses, com um suspiro. Nos olhos cinzentos daquele homem frio, tão duro como o ferro, surgiram de súbito indícios de uma tremenda fadiga. - Também eu estou farto de Tróia. Se tenho de permanecer vinte anos longe de Ítaca, faço votos para que os dez últimos anos não sejam passados na Tróada. Preferia combater contra um exército conjunto de sereias, harpias e feiticeiras a enfrentar mais Troianos.

Fitei-o com um sorriso imenso.

- Sereias, harpias e feiticeiras nunca se atreveriam a combater contigo, Ulisses. A menos que tivessem enlouquecido... Seja como for, essas são questões que pouco me interessam. Tróia é o fim do meu mundo.

Conhecedor das profecias, Ulisses nada disse. Limitou-se a olhar para a sua taça de vinho.

- Só queria que me promettesse uma coisa, Agamêmnon - disse eu. A cabeça do rei supremo estava de novo oculta pelos braços.

- Tudo o que quiser, Aquiles.

- Enterre-me na gruta do penhasco, com Pátrocles e Pentessíléia, e trate de tudo para que Briseida se case com o meu filho.

Ulisses ergueu-se de súbito.

- O deus chamou-te, Aquiles?

- Não, creio que não. Mas o seu chamamento deve ser para breve. - Estendi-lhe a mão. - Promete-me que o meu filho envergará a minha armadura.

- Já te prometi isso, Aquiles. O teu filho envergará a tua armadura. Nestor limpou os olhos, assoou-se à manga.

- Tudo será feito segundo os teus desejos, Aquiles. - Os seus dedos trêmulos puxaram os cabelos brancos numa fúria desesperada. - Ah, se ao menos o deus me chamasse! Tantas vezes lhe pedi, mas ele não me ouve! Como posso voltar a Pilos sem nenhum dos meus filhos? Que vou eu dizer às suas mães?

- Você voltará a Pilos, Nestor - disse eu. - Ainda tens dois filhos. Quando te vires nos teus bastiões e contemplares a areia da praia, Tróia se esbaterá na tua mente ao ponto de se confundir com um sonho. Lembra-se apenas daqueles que caíram e oferece-lhes libações.

Cortei a cabeça de Menão e deixei cair o corpo aos pés de Nestor. Um novo ânimo invadiu-nos a todos nesse dia; o ressurgimento troiano pouco tempo durou. Retiraram lentamente na direção da cidade, ao passo que eu, com uma estranha agonia no mais fundo de mim mesmo, matava todos os inimigos que ficavam para trás. O meu braço parecia mole e lento, embora o machado continuasse a desferir tantos e tão terríveis golpes como antes. Porém, à medida que ia dizimando os melhores soldados que o rei Hatusílis dos Hititas tinha para oferecer no altar encharcado de sangue que era Tróia, a carnificina ia também provocando no meu íntimo uma repugnância insuportável. Nas regiões mais fundas de mim mesmo, ouvi uma voz suspirando: pareceu-me a voz de minha mãe, embargada pelas lágrimas.

No final do dia, prestei a minha homenagem a Nestor e assisti aos derradeiros ritos de Antíloco. Deitamos o rapaz junto dos seus quatro irmãos, na câmara reservada para a Casa de Neleu, e pusemos Menão aos seus pés, como se de um cão se tratasse. Porém, a idéia de assistir aos jogos fúnebres e de participar nos festejos me era absolutamente insuportável; escapei logo que pude.

Briseida estava à minha espera. Briseida estaria sempre à minha espera. Afaguei-lhe o rosto e disse-lhe,

- Você é um lenitivo para todas as mágoas.

- Sente-se e me faça companhia - disse ela. Sentei-me, mas logo vi que não conseguia falar com ela; um gelo horrendo começava a apossar-se do meu coração. Briseida continuou a falar toda animada, até que olhou para mim; então, toda a sua vivacidade se dissipou como que por magia.

- Que está acontecendo, Aquiles? Abanei a cabeça sem dizer palavra, levantei-me e só parei à porta. Ai fiquei, olhos erguidos para as infinitas extensões do céu.

- Que está acontecendo, Aquiles?

- Ah, Briseida! Todo o meu ser se dilacerou! Nunca, em toda a minha vida, senti tão intensamente o vento! Nunca, em toda a minha vida, senti um cheiro tão forte da vida! Nunca, em toda a minha vida, vi as estrelas tão quietas e claras!

Briseida puxou por mim, aflita.

- Vem para dentro - rogou-me. Deixei que me levasse para uma cadeira e que me sentasse, enquanto se afundava aos meus pés e se abraçava aos meus joelhos, olhando-me fixamente nos olhos.

- Aquiles... é a tua mãe? Com um sorriso, ergui-lhe o queixo.

- Não. A minha mãe abandonou-me para todo o sempre. Ouvi-a despedir-se de mim no campo de batalha. Chorava. O deus chamou-me, Briseida. Finalmente chamou-me. Muitas vezes me perguntei como seria, mas nunca me passou pela cabeça que o chamamento do deus fosse esta consciência tão aguda, tão absoluta da vida. Pensava que seria um momento de glória e exultação, pensei que seria algo que me transportaria fisicamente para o último dos meus combates. Mas não. É algo de sereno, de misericordioso. Estou em paz. Acabaram-se os demônios de outros tempos, acabou o medo do futuro. Amanhã é o fim. Amanhã, deixarei de existir. O deus falou. O deus não me deixará amanhã.

Briseida rompeu em protestos, mas eu detive as suas palavras com a minha mão.

- Um homem tem de fazer dignamente a sua última caminhada, Briseida. É o deus que o deseja, não eu. E eu não sou nenhum Heracles, tão-pouco um Prometeu, para me atrever a resistir-lhe. Não passo de um homem mortal. Vivi trinta e um anos e vi e senti mais do que a maior parte dos homens que, por cem vezes, vêem as folhas das árvores ganhando o tom dourado do Outono. Eu não quero viver mais tempo do que as muralhas de Tróia. Todos os grandes guerreiros morrerão nestes campos. Ajax. Ajax! Ajax... Não faria sentido que eu sobrevivesse. Enfrentarei as sombras de Pátrocles e de Ifigênia, que estarão do outro

lado do Rio - e já sem mágoas nem dor. Os nossos ódios e amores pertencem ao mundo dos vivos - ódio e amor são forças que não podem existir no mundo dos mortos. Fiz o meu melhor. Mas cheguei ao fim. Roguei aos deuses que permitam que o meu nome continue a ser cantado por todas as gerações de homens que hão de vir. Essa é a única imortalidade a que um homem pode aspirar. O mundo dos mortos não dá alegrias, mas também não dá tristezas. Se, nos lábios das futuras gerações, eu puder combater contra Heitor um milhão de vezes, então é porque, de fato, nunca terei morrido.

Lágrimas sem fim chorou Briseida; o seu coração de mulher nunca poderia entender a complexidade da urdidura no tear do tempo; por isso, Briseida nunca poderia regozijar-se comigo. Mas vem sempre uma altura em que a dor é tão profunda que até mesmo as lágrimas acabam por secar. Serena e quieta, Briseida falou por fim comigo.

- Se morrer, morrerei também - disse.

- Não, Briseida, você tem de viver. Casará com o meu filho, Neoptolemo. Lhe dará os filhos que não me deu. Nestor e Agamêmnon juraram-me que tudo farão para que isso se cumpra.

- Essa é uma promessa que não posso fazer. Nem mesmo a você. Você me tirou de uma vida e me deu outra. Não poderá haver uma terceira vida. Tenho de partilhar a tua morte, Aquiles.

Ergui-a, sorri-lhe.

- Quando vir o meu filho, mudará de idéias. O destino das mulheres é sobreviverem. Tudo o que me deve é uma noite mais. Depois, te darei a Neoptolemo.

Capítulo Vigésimo Oitavo

Narrado por Automedonte

Deixámos despreocupadamente as nossas muralhas, sabendo que íamos enfrentar um exército que quase fora arrasado. Aquiles seguia singularmente sereno a meu lado, mas nem por um momento me interroguei sobre o significado da sua disposição. Erguia-se como um farol na sua armadura de ouro, as belas plumas douradas do elmo flutuando ao vento e beijando-lhe os ombros sempre que o terreno acidentado me obrigava a fazer um súbito desvio. Aguardando o seu habitual sorriso de camaradagem, olhei-o de soslaio e sorri para ele, mas, naquele dia, Aquiles esqueceu-se do nosso breve ritual. Olhava sempre em frente. O que viam os seus olhos? Não poderia saber. Uma paz grave e controlada impregnava aquele rosto de seu natural arrebatado; de súbito, tive a sensação de que a meu lado seguia um estranho. Nem uma só vez falou comigo durante a viagem para o campo de batalha, nem uma só vez vi nos seus lábios um sorriso, qualquer sorriso. Era natural que tivesse ficado triste com o comportamento de Aquiles. Contudo, inexplicavelmente, não senti qualquer tristeza. Pelo contrário: senti-me apoiado, encorajado, como se houvesse nele uma indefinível qualidade capaz de me purificar.

Combateu melhor do que nunca, parecendo determinado a concentrar toda a sua imensa glória no espaço de um único dia. Porém, em vez de se deixar arrebatado pelo seu habitual furor assassino, Aquiles esforçou-se por assegurar um avanço organizado dos seus Mirmidões. Usou a espada e não o machado, e usou-a no mais absoluto silêncio, um silêncio só comparável ao do rei quando preside ao grande sacrifício anual ao deus. A esta idéia, logo outra se ligou; e logo entendi a diferença que nele havia. Aquiles sempre fora o príncipe e nunca o rei. Naquele dia, ele era o rei. Perguntei-me se não tivera alguma premonição de que o pai, Peleu, teria morrido.

Enquanto manobrava o carro, mirei duas ou três vezes o céu, pois não estava gostando nada daquele tempo. Ao alvorecer, o céu estava soturno, prometendo, não frio, mas tempestade. Agora, havia na imensa abóbada um singular matiz acobreado e, a leste e a sul, enormes nuvens negras juntavam-se, disparando já OS seus relâmpagos. Nuvens que formavam um teto sobre o Ida, onde - disso estávamos certos - os deuses se haviam reunido para assistir à infundável guerra.

Para os Troianos, foi uma derrota esmagadora. O exército troiano não conseguia deter-nos, tanto mais que, naquele dia, todos os chefes do nosso exército pareciam possuídos de uma forma inferior da grandeza que aureolava Aquiles como os raios em torno da cabeça de Hélio. É a grandeza solar de Aquiles que contamina os outros, pensei; Aquiles tornou-se o maior de todos os reis.

Ao fim de não muito tempo, os Troianos cederam e fugiram. Tentei localizar Enéias, perguntando-me por que razão o dardaniano nada fazia para garantir a coesão do exército aliado. Mas a sorte devia ter abandonado Enéias, pois não havia nem sinal dele em todo o campo de batalha. Mais tarde, vim a saber que o dardaniano se recusara a enviar os seus homens para reforçar as claudicantes linhas troianas. Sabíamos que Tróia tinha um novo herdeiro: Troilo. lembrei-me então de que Aquiles me dissera que

Príamo insultara Enéias quando da cerimônia de investidura de Troilo. Pois bem: Enéias mostrara a Príamo que fizera muito mal em insultar um príncipe dardaniano que também era herdeiro.

Já tínhamos visto Troilo no campo de batalha, quando Pentésiléia, e posteriormente Menão, se haviam juntado ao exército aliado. Tivera sorte, o jovem herdeiro: não tivera de enfrentar nem Aquiles, nem Ajax. Porém, naquele dia, tudo mudaria. Aquiles perseguia-o implacavelmente, aproximando-se cada vez mais dele. Quando percebeu o inevitável, Troilo pediu ajuda. Os seus homens responderam de imediato, formando uma barreira protetora. Depois, vi-o mandar um mensageiro a Enéias, que se encontrava relativamente perto. Vi o homem falando com Enéias, que o escutou com aparente interesse. Vi o mensageiro afastar-se na direção de Troilo. Mas não vi Enéias erguer um só dedo que fosse para ajudar o herdeiro. Bem pelo contrário: deu meia volta ao seu carro e, com os seus homens, foi para outro lugares.

Não faltava valentia a Troilo. Era irmão de Heitor e, com mais uns anos, teria sido outro Heitor. Porém, a sua juventude era um óbice intransponível. Quando me viu já muito perto, ergueu a lança, enquanto o seu condutor mantinha o veículo na posição certa para o arremesso; seria a última lança que Troilo arremessaria antes que nos aproximássemos demais dele. Senti o braço de Aquiles roçando o meu e logo percebi que estava erguendo a Velha Pélion. Com um magnífico arremesso, a soberba lança foi imediatamente disparada, tão direita e veloz como um dardo lançado pela mão de Apolo. As suas farpas de ferro cravaram-se profundamente na garganta do rapaz, abatendo-o sem um gemido. Para lá das cabeças dos desesperados soldados troianos, vi Enéias observando a cena com uma expressão amarga.

Tomamos a armadura de Troilo bem como os seus cavalos e arrasamos o que restava das suas tropas. Após o fim de Troilo, Enéias pareceu reviver. Libertou-se da sua apatia e fez avançar sobre nós todos os soldados aliados. Era possível vê-lo constantemente entre os soldados; contudo, fazia tudo o que estava ao seu alcance para não se aproximar demasiado de Aquiles, de modo que este não pudesse arremessar a sua lança. Astucioso, o dardaniano. Ansiava desesperadamente pela vida; perguntei-me que paixões moveriam aquele homem. pois ele seria tudo menos covarde.

O Sol sumira no céu, a tempestade tornava-se uma ameaça cada vez mais nítida. Era tão portentosa a energia que os céus acumulavam que os nossos soldados logo começaram a falar de presságios funestos. As nuvens estavam cada vez mais baixas, os relâmpagos trespassavam os ares cada vez mais perto, o ribombar dos trovões sufocava o clamor da batalha. Em toda a minha vida nunca vira um céu assim, tal como nunca sentira tão estranhos arrepios na espinha, provocados pela violência do Pai Céu. A luz ensombrecera e havia nela um lúgubre brilho sulfuroso e as nuvens eram tão negras como as barbas de Hades, enroscando-se como fumo saindo de uma imensa frigideira cheia de azeite, ganhando um intenso tom azul sempre que os relâmpagos as iluminavam. Ouvi os Mirmidões dizendo que, com aqueles sinais, o Pai Zeus pretendia dizer-nos que a nossa vitória seria total; e imaginei, pela forma como estavam a comportar-se, que os Troianos pensariam exatamente o mesmo.

De súbito, um raio de fogo branco caiu mesmo em frente de nós, queimando tudo aquilo em que tocou. Os cavalos empinaram-se e eu tive de tapar os olhos, temendo que tão intensa luz me deixasse sem ver. Logo que me senti menos aturdido, virei-me para Aquiles.

- Vamos desmontar - disse eu. - O chão é mais seguro. Pela primeira vez nesse dia os seus olhos encontraram-se com os meus. Fitei-o perplexo. Era como se os raios rodopiassem em torno da sua cabeça; nos seus olhos amarelos, brilhava a luz de uma intensa alegria; Aquiles ria dos meus medos!

- Está vendo, Automedonte? Está vendo? O meu bisavô prepara-se para chorar a minha morte! Ele considera-me um descendente digno!

Abri a boca de espanto.

- Chorar a sua morte? Aquiles, que quer dizer com isso? Agarrou os meus pulsos com toda a sua força.

- O deus chamou-me, Automedonte. Hoje é o dia da minha morte. Comandaré os Mirmidões até que o meu filho chegue a Tróia. O Pai Zeus está preparando-se para a minha morte.

Não podia acreditar no que acabara de ouvir. Impossível acreditar! Como se estivesse no meio de um pesadelo, vergastei os cavalos para que avançassem. Quando o meu choque se dissipou um pouco, refleti sobre o que deveria fazer. E tomei uma decisão: aproximei-me o mais possível de Ajax e Ulisses, cujos homens lutavam lado a lado.

Não sei se Aquiles reparou no que eu estava fazendo; se reparou, deve ter considerado a minha tática absolutamente irrelevante. Ergui os olhos ao céu e rezei, pedindo ao Pai que levasse a mim e não a ele; mas o deus limitou-se a rugir o seu escárnio, deixando-me tremendo de medo. Os Troianos, de súbito, fugiram na direção das suas muralhas, e nós os seguimos tumultuosamente, decididos a acabar com eles. Ajax estava mais perto agora; continuei a avançar na sua direção até que, a certa altura, consegui

segredar-lhe que Aquiles pensava que o deus o tinha chamado. Se havia no mundo um homem capaz de evitar o fim de Aquiles, esse homem só poderia ser Ájax.

Estávamos à sombra da Cortina Ocidental, demasiado perto da Porta Ceia para que Príamo pudesse permitir-se abri-la. Aquiles, Ájax e Ulisses tinham encurralado Enéias contra a porta. Aquiles estava decidido a liquidar Enéias; era isso que o seu silêncio me dizia, enquanto eu pedia aos deuses que não lhe dessem a oportunidade de travar um duelo com o mais perigoso de todos os aliados ainda vivos.

Ouvi-o dar um grito de satisfação e vi que o dardariano estava ao alcance das nossas lanças, demasiado ocupado para se dar conta de todos os que assolavam as suas tropas. Naquele momento, Enéias era um alvo perfeito. Aquiles ergueu a Velha Pélion, os músculos do braço inchando portentosos enquanto concentrava todas as suas forças para o arremesso, a axila nua coberta por uma fina penugem dourada. Fascinados, os meus olhos atentaram na linha da lança destinada a Enéias, sabendo que a vida do dardariano chegara ao fim, que a última ameaça troiana não mais pairaria sobre nós.

Tudo pareceu acontecer nesse mesmo instante, ainda que eu jure, diante de todos os deuses e humanos, que não foi o carro que fez com que Aquiles perdesse o equilíbrio. O seu calcanhar direito vacilou, apesar do pé estar firmemente encaixado no estribo; lutando para se manter direito, Aquiles ergueu bem alto o braço direito. Ouvi um ruído surdo e vi a seta enterrada na axila nua. Quase toda a seta trespassara o corpo de Aquiles: só as penas azuis da ponta assomavam sobre a carne dilacerada. A Velha Pélion caiu no chão sem chegar a ser arremessada, enquanto Aquiles se erguia como um titã; depois, com uma voz triunfal, como se houvesse conquistado a própria mortalidade, lançou pela última vez o grito de guerra de Quíron. O braço caiu e enterrou ainda mais a seta. A arma fatal cravara-se no seu ser mais profundamente ainda do que a morte ou do que toda a ignomínia do mundo. Tive de controlar os cavalos com ambas as mãos, pois Xanto mergulhava aterrorizado e Balio baixava a cabeça desesperado e Podargo desatara a martelar o chão com os seus cascos. Mas Pátrocles não estava lá para falar por eles, para dar ao seu sofrimento e horror palavras humanas.

Todos os que ouviram o grito de guerra viraram-se para ver; Ájax gritou como se também ele tivesse sido trespassado. O sangue jorrava já daquela boca sem lábios e de ambas as narinas, caindo em cascata sobre a armadura de ouro.

Ulisses estava atrás de Ájax; lançou um grito de raiva e impotência, a mão esticada, apontando. Em segurança perto de uma rocha, ali estava o assassino: Páris. Com o arco na mão. Sorrindo para nós.

Breves momentos terão passado antes de Aquiles ter caído sobre o resguardo do carro para logo ser amparado por Ájax, que o deitou no chão com um clangor metálico que ecoou nos nossos corações e que nunca se perderia enquanto fôssemos vivos. Aproximei-me de Ájax e ao lado dele fiquei enquanto Ájax ajoelhou com o primo nos braços, enquanto Ájax lhe tirou o elmo e fitou, vazio de palavras, aquele rosto tingido de escarlate, lívido de morte. Aquiles viu quem o amparava, mas a visão da morte era muito mais forte e estava muito mais próxima. Tentou em vão falar, mas as palavras afogaram-se na sua garganta; por um momento, o derradeiro adeus esteve ali, nos seus olhos. Então, as pupilas dilataram-se e o amarelo da íris deu lugar a um negrume transparente. Três convulsões horrendas que puseram à prova a força de Ájax e tudo estava acabado. Estava morto. Aquiles estava morto. Fitamos as luminosas janelas vazias dos seus olhos e nada vimos. Com uma mão enorme e desajeitada, Ájax cerrou-lhe os olhos; depois, colocou de novo o elmo na cabeça do primo e apertou firmemente as correias; as lágrimas caíam-lhe cada vez mais rápidas, a boca retorcia-se num esgar aflito.

Estava morto. Aquiles estava morto. Alguma vez conseguiríamos suportar a dor da sua morte?

Por um largo momento, o choque deve ter reduzido os dois exércitos à mais absoluta imobilidade; de súbito, porém, os Troianos caíram sobre nós como cães lambendo o sangue de homens. Queriam o corpo e a armadura. Ulisses correu de imediato para nós, sem se preocupar com as suas lágrimas. Um silêncio imenso apoderara-se dos Mirmidões: diante dos seus olhos abismados, o impossível tornara-se realidade. Curvando-se, Ulisses pegou na Velha Pélion e brandiu-a defronte dos seus rostos.

- Vão deixar que eles o levem? - gritou. - Só os truques de um vilão poderiam ter morto Aquiles! Vão ficar aí parados e deixar que eles roubem o corpo do vosso querido chefe? Em nome de Aquiles, ordeno-vos que o defendam!

Os Mirmidões acordaram do estupor em que o choque os deixara e voltaram a formar; nenhum troiano se aproximaria de Aquiles enquanto um único dos seus soldados fosse vivo. Formando diante de nós, agüentaram a carga inimiga com uma mágoa selvagem. Ulisses ajudou Ájax a erguer-se, ajudou-o a erguer nos seus braços a frouxa e pesada forma. As lágrimas continuavam a deslizar pelas faces de Ájax.

- Leve-o para tras do campo de batalha, Ájax. Eu não permitirei que eles penetrem nas nossas linhas.

Como se de súbito se tivesse lembrado de um pormenor importante, Ulisses enfiou a Velha Pélion na mão direita de Ajax e empurrou-o para que ele não demorasse mais. Sempre nutri sérias reservas relativamente a Ulisses, mas a verdade é que Ulisses era um rei. Com a espada na mão, virou-se e fincou os pés na terra ainda fumegante do sangue de Aquiles. Agüentamos a carga troiana e a repelimos. Quando viu Ajax afastando-se, Enéias desatou a uivar como um chacal. Virei-me para Ulisses.

- Ajax é forte, mas não suficientemente forte para ir muito longe com Aquiles nos seus braços. Deixe-me ir atrás dele. Poderei depois levar Aquiles no carro.

Ulisses concordou. E foi assim que conduzi os cavalos na direção de Ajax, que acabava de abandonar as linhas e se arrastava pesadamente na direção da praia. Estava eu ainda demasiado longe para ajudar, quando um carro passou por mim a toda a velocidade. O seu condutor queria apanhar Ajax. Um dos filhos de Príamo seguia no carro, pois levava as insígnias cor de púrpura da Casa de Dárdano na sua couraça. Enquanto procurava dar um novo ânimo aos meus cavalos, gritei para Ajax, a fim de o avisar do perigo. Mas Ajax pareceu nada ouvir.

O príncipe troiano saltou do seu poleiro, empunhando a espada, sorridente.

O que revelava que não conhecia Ajax, que continuou a andar como se nada tivesse acontecido. De súbito, ergueu Aquiles mais alto nos seus braços e trespassou o troiano com a Velha Pélion. Ulisses fizera bem em a entregar.

- Ajax, coloque Aquiles no carro - disse eu, aproximando-me dele.

- Não. Eu o levo.

- É demasiado longe. Vais dar cabo de você.

- Eu o levo!

- Deixe-me pelo menos lhe tirar a armadura - disse eu, desesperado. Eu a levo no carro. Não faz sentido que leve a armadura.

- Sim, tem razão. Desse modo, poderei sentir o corpo do meu querido primo, e não o metal que o envolve. Pode tirar-lhe a armadura.

Depois de termos libertado Aquiles daquele peso horrendo, Ajax continuou a sua caminhada, embalando o primo, beijando-lhe o rosto destroçado, falando com ele, cantarolando como uma mãe adormecendo uma criança.

O exército seguia-nos lentamente, ao longo da planície; mantive o carro a uma escassa distância de Ajax; as suas pernas imensas arrastavam-se num esforço sublime; parecia que Ajax seria capaz de caminhar cem léguas com Aquiles nos seus braços.

O deus contivera a sua dor demasiado tempo. Por fim, deixou-a cair sobre as nossas cabeças, e toda a abóbada celeste rompeu a disparar brancos raios de fogo. Os cavalos estremeceram e pararam, agrilhoados pelo medo; até mesmo Ajax parou, enquanto os trovões ribombavam por sobre as humanas cabeças e os relâmpagos desenhavam nas nuvens um fantástico rendilhado. A chuva libertou-se finalmente, gotas imensas e pesadas descendo à terra nítidas e esparsas, como se o deus estivesse demasiado comovido para chorar abundantemente. Porém, depressa as lágrimas se transformaram em dilúvio e, ao fim de algum tempo, nós chapinhávamos num mar de lama. O exército avançou conosco, agora que o Senhor do Trovão obrigara ao fim de toda a refrega. Todos juntos, passamos com Aquiles o Escamandro, Ajax à frente e o rei imediatamente atrás. Sob o dilúvio, deitamo-lo num esquife, enquanto o Pai lhe limpava o sangue com lágrimas do céu.

Eu e Ulisses nos dirigimos imediatamente à casa de Aquiles, a fim de falarmos com Briseida. Ela estava à porta, parecia esperar-nos.

- Aquiles morreu - disse Ulisses.

- Onde está ele? - perguntou ela, com uma voz imperturbável.

- Diante da casa de Agamêmnon. - Ulisses estava ainda chorando. Briseida afagou-lhe o braço e sorriu.

- Não há razão para lágrimas, Ulisses. Aquiles será imortal. Tinha instalado um dossel sobre o esquife para proteger da chuva o corpo de Aquiles; Briseida mergulhou sob o dossel e ficou parada olhando para as ruínas daquele homem magnífico, água e sangue diluindo o brilho do seu cabelo, o rosto lívido e imóvel. Perguntei-me se ela estaria vendo o mesmo que eu: aquela boca sem lábios parecia magnífica na morte, ao contrário do que sempre fora em vida. Com aquela boca, o seu rosto era o rosto do perfeito guerreiro.

Porém, o que Briseida pensaria, nunca o cheguei a saber, porque ela não o revelou, nem então, nem nunca. Com ternura extrema, curvou-se e beijou-lhe as pálpebras pegou as suas mãos e juntou-as sobre o peito e só parou de lhe ajeitar a roupa quando achou que Aquiles estava bem.

Mas ele estava morto. Aquiles estava morto. Alguma vez conseguiríamos suportar a dor da sua morte?

Sete dias choramos a sua morte. No último dia, quando o Sol se despedia da terra, o deitamos no carro fúnebre de ouro e o levamos para a outra margem do Escamandro, para o túmulo no penhasco. Briseida foi conosco, pois ninguém tinha coragem de impedi-la de assistir à cerimônia; vinha no final do longo cortejo, as mãos entrelaçadas, a cabeça curvada. Ájax amparou a cabeça de Aquiles com a palma da mão, enquanto, sobre um escudo, o transportávamos para a câmara fúnebre. Estava vestido de ouro, mas não com a armadura de ouro. A armadura ficara sob a custódia de Agamêmnon.

Depois dos sacerdotes terem pronunciado as palavras rituais, colocado a máscara de ouro sobre o rosto de Aquiles e procedido às libações, abandonamos com passos lentos o túmulo que ele partilhava com Pátroclos, Pentésiléia e doze jovens nobres troianos. A atmosfera que reinava no túmulo era mais estranha do que todos os estranhos portentos e eventos a que havíamos assistido naqueles dias; uma atmosfera doce, pura, inefável. No cálice de ouro, o sangue dos doze jovens continuava líquido, e tão intensamente carmim como no primeiro dia.

Virei-me para verificar se Briseida vinha atrás de nós. Não vinha. Estava ajoelhada junto ao carro funerário. Ainda que não pudesse alcançá-la rapidamente, corri para o túmulo, com Nestor a meu lado. Emudecemos ao vê-la enterrar o punhal no peito com as poucas forças que lhe restavam. Num ápice, caiu sem vida. Sim, Briseida tomara a decisão correta! Como poderíamos nós enfrentar a luz de mais um dia sem Aquiles? Curvei-me para apanhar o punhal, mas Nestor deteve-me.

- Vamos embora, Automedonte. Eles não querem mais ninguém aqui. Os festejos fúnebres realizaram-se no dia seguinte, mas não houve jogos. Agamêmnon explicou-nos as suas razões.

- Duvido que haja alguém com ânimo para disputar jogos, sejam eles quais forem. Mas não é essa a principal razão. A principal razão reside no fato de que Aquiles não queria ser enterrado com a armadura que a mãe - uma deusa - encomendou a Hefáisto. Aquiles queria que essa armadura fosse dada como prêmio ao melhor dos homens do nosso exército. Em vez de jogos fúnebres. Não pus em causa as suas palavras, mas a verdade é que Aquiles nunca me dissera isso.

- Como vai decidir quem é o melhor dos nossos homens? Levando em conta os feitos de armas? O problema é que, por vezes, os feitos de armas não constituem uma prova evidente de uma grandeza genuína.

- Precisamente - disse o rei supremo. - Foi por isso que decidi fazer um torneio de palavras. Quem achar que é o melhor dos homens que restam no nosso exército, que avance e que apresente as suas razões.

Apenas dois contendores avançaram. Ájax e Ulisses. Um combate sem dúvida singular! Eles representavam os dois pólos da grandeza: o guerreiro e o - que haveríamos nós de chamar-lhe? O homem que usava todas as suas faculdades mentais para atingir os seus fins?

- Sim, estou de acordo - disse Agamêmnon. - Ájax, você trouxe o corpo de Aquiles para o nosso acampamento. Ulisses, você tornou possível que isso acontecesse. Ájax, falará primeiro. Diga-me porque pensa que merece a armadura.

Ájax parecia tão perturbado como seco de palavras; levantou-se, o maior gigante que jamais vira, incapaz de dizer fosse o que fosse. O seu aspecto era também lastimoso; havia algo de errado no seu lado direito, desde o rosto até à perna. Vira-o arrastar essa perna durante o cortejo e o braço direito também não se movia de uma forma natural. Uma ligeira trombose, pensei. Ájax sofrera uma ligeira trombose. O fato de ter carregado durante tanto tempo o corpo do primo afetara a parte mais frágil de Ájax, a sua mente. Quando finalmente falou, Ájax teve de fazer longas pausas, pois não encontrava as palavras certas.

- Imperial rei dos reis, amigos reis e príncipes... Eu sou primo direto de Aquiles. O pai dele, Peleu, e o meu pai, Télamon, eram irmãos germanos. O pai deles, Éaco, era filho de Zeus. É grandiosa, a nossa linhagem. É grandioso, o nosso nome. A armadura deverá ser minha porque a minha linhagem é essa, porque o meu nome é esse. Não posso permitir que a armadura de Aquiles seja dada a um homem que é filho bastardo de um ladrão vulgar.

Os vinte homens presentes agitaram-se nas suas cadeiras, franziram o sobrolho intrigados. Que estava Ájax fazendo? Insultando Ulisses? Não que Ulisses reagisse; como que surdo, limitava-se a olhar para o chão.

- Eu vim para Tróia voluntariamente, tal como Aquiles. Não havia nenhum juramento a prender-nos. Não fui eu quem foi desmascarado por fingir que estava louco, mas sim Ulisses. Apenas dois homens neste grande exército travaram um duelo com Heitor - Aquiles e eu. Eu não precisei de um Diomedes para fazer o trabalho sujo por mim. Que fará Ulisses com a armadura? De que lhe servirá? A sua frágil mão esquerda

nunca poderia arremessar convenientemente a Velha Pélion. A sua cabeça ruiva se afundaria sob o peso daquele elmo. Se duvidam do meu direito à propriedade do meu primo, atirem-na para o meio de um bando de troianos - e verão qual de nós a resgatará!

Voltou coxeando para a sua cadeira, sentou-se pesadamente. Agamêmnon parecia embaraçado, mas era evidente que a maior parte dos presentes concordava com o que Ájax dissera. Perplexo, examinei Ulisses. Por que estranha razão ele pretendia a armadura?

Ulisses avançou e postou-se diante de nós, adotando uma atitude descontraída, com as pernas bem separadas, o fogo da cabeleira acentuado pela luz. Ruivo e canhoto, pensei. De certeza que não corre sangue divino naquelas veias.

- É verdade que tentei furtar-me à guerra de Tróia - disse Ulisses. - Eu sabia quanto tempo esta guerra iria durar. Se não tivesse havido o juramento, quanto de vocês teriam participado voluntariamente nesta expedição se soubessem que ela iria durar tanto tempo?

- No que toca a Aquiles, eu sou a única razão por que ele veio para Tróia eu, e mais ninguém, descobri o plano que fora urdido para mantê-lo em Ciro. Ájax estava presente, mas não entendeu nada. Perguntem a Nestor: ele confirmará as minhas palavras.

- Quanto a linhagens, ignoro as vis insinuações de Ájax. Também eu sou bisneto do onipotente Zeus. No que toca a coragem física, haverá alguém que duvide da minha? Eu não possuo o corpo de um gigante para escorar essa coragem, mas a verdade é que sempre me saí muito bem em todos os campos de batalha. Se duvidarem disso, contem as minhas cicatrizes. O rei Diomedes é meu amigo e amante, não meu laçao.

Fez uma pausa, ainda que por razões diversas das de Ájax. Ulisses não tinha o menor problema com as palavras.

- Eu pretendo a armadura para mim por uma única razão - porque quero dar-lhe o destino que Aquiles pretendia que lhe fosse dado.

- Se eu não posso envergá-la, poderá Ájax? Se é demasiado grande para mim, certamente que é demasiado pequena para ele. Dêem-me a armadura. Eu mereço-a.

Ergueu os braços num gesto largo, como que a dizer que os seus motivos eram incontestáveis, após o que regressou à sua cadeira. Muitos vacilavam agora, mas a nossa opinião pouca importância teria. A decisão caberia sempre a Agamêmnon. O rei supremo olhou para Nestor.

- Que acha, Nestor? Nestor suspirou.

- Que Ulisses merece a armadura.

- Que assim seja, então. Ulisses, a armadura é tua. Ájax gritou logo que ouviu tais palavras. Empunhou a espada, mas não chegou a fazer o que pretendia fazer com ela. Mal se levantou, estatelou-se no chão e aí ficou. Tentamos levantá-lo, mas todos os nossos esforços foram vão. Por fim Agamêmnon ordenou que trouxessem uma maca e oito soldados levaram-no. Ulisses colocou a armadura num carro de mão enquanto os reis dispersavam, pesados e abatidos. Quanto a mim, fui beber vinho, na esperança de que o vinho curasse o azedume que me corroia. Quando Ulisses concluiu o seu breve discurso, ficámos sabendo o que pretendia ele fazer com a armadura - dá-la a Neoptolemo. Talvez em Tróia fosse possível oferecer a armadura de um morto, como se de um simples presente se tratasse. Contudo, na nossa região do mundo, a armadura de um morto, ou era enterrada com ele, ou era disputada nos seus jogos fúnebres. E era pena que assim fosse. Tendo em conta aquele desfecho, era verdadeiramente lamentável.

Havia muito tempo que a noite caíra quando desisti de me embriagar. Caminhei pelas ruas desertas, entre os elevados edifícios, procurando uma luz, uma única luz, um lugar qualquer que me pudesse oferecer algum conforto. E ali estava ela, finalmente, uma luz solitária na noite! Era a casa de Ulisses. A cortina da porta não fora ainda baixada e por isso entrei, com um passo vacilante, vergado pela fadiga.

Ulisses estava sentado ao lado de Diomedes, os olhos perdidos nas últimas brasas da fogueira, a mente perdida em silenciosas reflexões. Tinha o braço sobre os ombros do rei de Argos, os seus dedos acariciavam lentamente o ombro nu do amante. Eram tão fortes os laços que os uniam que, ao vê-los assim, senti-me como um cão sem dono, senti-me ainda mais só do que efetivamente estava. Aquiles estava morto. E era eu quem conduzia os Mirmidões, eu que não nascera para comandar. Uma situação verdadeiramente aterradora. Aproximei-me da luz e afundei-me numa cadeira.

- Perturbo? - perguntei então, algo tardiamente. Ulisses sorriu.

- De modo nenhum. Toma, bebe.

O meu estômago todo se revolveu.

- Não, obrigado. Tenho andado toda a noite tentando me embriagar, mas sem o menor êxito.

- Tão sozinho, Automedonte? - perguntou Diomedes.
- Mais só do que jamais quis estar. Como posso eu substituí-lo? Eu não sou Aquiles!
- Não se preocupe - murmurou Ulisses. - Há dez dias, enviei um mensageiro a Neoptolemo, dizendo-lhe que viesse. Tomei essa decisão quando vi as sombras da morte enegrecendo o rosto de Aquiles. Se os ventos e os deuses o ajudarem, Neoptolemo não tardará a chegar a Tróia.
Senti um alívio tão grande que quase o beijei.
- Agradeço do fundo do coração, Ulisses! Os Mirmidões têm de ser comandados pelo sangue de Peleu.

- Não me agradeça por ter tomado uma decisão sensata.
E ali ficamos sentados, falando disto e daquilo enquanto a noite ia se escoando, cada um de nós encontrando nos outros o consolo de que tanto precisava. A certa altura, tive a sensação de que ouvira um longínquo tumulto; porém, como o barulho sumiu rapidamente, voltei a concentrar-me naquilo que Diomedes estava dizendo.

Até que ouvimos um grito imenso; desta feita, todos ouvimos. Diomedes levantou-se de um salto, tão intenso e vigilante como uma pantera, procurando de imediato a sua espada, enquanto Ulisses continuou sentado, sem saber muito bem o que havia de fazer, a cabeça empinada, os ouvidos alerta. O tumulto redobrou de intensidade; saímos imediatamente e avançamos para o local de onde vinham os gritos.

Ao fim de pouco tempo, estávamos na margem do Escamandro, onde mantínhamos um curral de animais destinados a sacrifícios - cada um deles individualmente escolhido, consagrado e marcado com um símbolo sagrado. Alguns dos outros reis estavam lá e um guarda impedia o acesso daqueles que eram movidos pela mera curiosidade. Claro que o guarda nos deixou passar imediatamente; juntamo-nos a Agamêmnon e Menelau, que se encontravam ao pé da cerca que rodeava o curral, perscrutando um objeto que pairava em algum lugar no meio da escuridão extrema. Ouvimos gargalhadas dementes, uma voz que dizia coisas perfeitamente incoerentes e que se erguia cada vez mais alto, gritando para as estrelas, berrando a sua raiva e o seu escárnio.

- Este golpe é para ti, Ulisses, filho de um ladrão! Morre, verme! Morre, desgraçado! O teu nome é Menelau!

E a ladainha prosseguia, enquanto nós sondávamos as trevas sem nada enxergarmos. Até que alguém deu um archote a Agamêmnon, que o ergueu bem alto, espalhando a luz por um vasto espaço. Os meus olhos esbugalharam-se de horror.

O meu estômago, que continha apenas vinho pois eu tinha recusado toda a comida, parecia erguer-se em espasmos; afastei-me dos outros e vomitei. A luz do archote iluminava um mar de sangue. Ovelhas, vacas e cabras jaziam em lagos de sangue, os olhos vidrados e fixos, os corpos desmembrados, as gargantas cortadas, as peles exibindo por vezes dezenas de feridas. Ao fundo, Ajax saltava com uma espada ensangüentada na mão. A sua boca só se abria para berrar insultos ou para romper naquelas gargalhadas que nos faziam gelar o sangue. Com o outro braço, agarrava um vitelinho que, aterrado, escoiceava contra a implacável força bruta do gigante. De nada adiantou, pois Ajax encheu-o de golpes. Cada vez que a sua espada penetrava no pobre animal, Ajax chamava ao vitelo Agamêmnon. Por fim, rompeu em novas e dementes gargalhadas.

- Ah, quem me dera ser cego para não ver isto! Ao que ele chegou! - murmurou Ulisses.
Conseguindo controlar as ânsias de vômito, perguntei a Ulisses:
- O que é que se passa com Ajax?
- Loucura, Automedonte. Ajax enlouqueceu. É o resultado de diferentes coisas. Aquela cabeça sofreu demasiados golpes ao longo dos anos - demasiado sofrimento - talvez uma trombose, também. Mas chegar a este ponto ... ! Pobre Ajax! Só espero que ele não recupere o suficiente para entender o que fez.
- Temos de detê-lo! - disse eu.
- Se quiser, experimente, Automedonte. Mas não peça a mim que enfrente Ajax no meio de um acesso de loucura.

- Nem a mim - disse Agamêmnon. Assim, tudo o que fizemos foi ficar ali olhando.
Com o amanhecer, a loucura esfumou-se. Ajax recuperou o entendimento no meio de um lago de sangue que lhe chegava aos tornozelos. Pôs-se a olhar à sua volta como se estivesse no meio de um pesadelo - para as dezenas de animais consagrados que os rodeavam, para o sangue que o cobria da cabeça aos pés, para a espada que tinha na mão, para os reis que, em silêncio, o observavam do lado de fora da cerca. Tinha ainda uma cabra numa das mãos, medonhamente mutilada, sem uma gota de sangue nas veias agora mortas. Com um guincho de horror, deixou cair o animal, compreendendo finalmente o que

fizera durante a noite. Depois, correu para a cerca e saltou por cima dela e rompeu numa fuga treloucada, como se as Fúrias estivessem a persegui-lo. Teucro deixou-nos sem demora e foi no seu encalço; quanto aos outros chefes gregos, incluindo eu, ficaram onde estavam, demasiado abalados para fazerem fosse o que fosse.

Menelau foi o primeiro a conseguir falar.

- Vai permitir que ele escape impune, irmão? - perguntou ele a Agamêmnon.

- Que quer que eu faça, Menelau?

- Ájax tem de morrer! Ájax matou os animais sagrados! A morte é o único castigo possível! São os deuses que o exigem!

Ulisses suspirou.

- Os homens que os deuses mais amam são precisamente aqueles que os deuses mais depressa condenam à loucura - disse. - Deixa-o em paz, Menelau.

- Ele tem de morrer! - insistiu Menelau. - Executa-o e não deixe que nenhum homem cave a sua sepultura!

- Sim, essa é a punição prevista - murmurou Agamêmnon.

- Não, não, não! - exclamou Ulisses. - Deixem-no em paz! Não basta que Ájax tenha se condenado a si mesmo, Menelau? Só por causa do que fez esta noite, a sombra dele nunca mais sairá do Tártaro! Deixem-no em paz! Não lancem mais lenha na fogueira que devasta aquela cabeça desgraçada!

- Ulisses tem razão - disse Agamêmnon, afastando-se da carnificina. Ájax está louco, irmão. Ele que expie o seu crime o melhor que puder.

Ulisses, Diomedes e eu avançamos pelas ruas e por entre os murmúrios dos homens, gelados de medo com o que se passara. O nosso destino era a casa onde Ájax vivia com a sua primeira concubina, Tecmessa, e com o filho de ambos, Eurísaces. Quando Ulisses bateu à porta trancada, Tecmessa espreitou com medo pela janela. Só depois abriu a porta, com o filho encostado a ela.

- Onde está Ájax? - perguntou Diomedes. A mulher secou as lágrimas.

- Foi embora, rei Diomedes. Não sei para onde. Ele disse que ia se banhar nas águas do mar, a fim de que Palas Atena pudesse perdoar-lhe. - As lágrimas voltaram, mas logo Tecmessa conseguiu contê-las.

- Ájax deu o escudo ao filho. Disse que o escudo era a sua única arma que não fora manchada pelo sacrilégio. Disse-nos ainda que todas as outras armas deveriam ser enterradas com ele. Por fim, deixou-nos entregues aos cuidados de Teucro. Digam-me, por favor: que se passa com ele? O que é que ele fez?

- O que ele fez, nunca o compreenderá, Tecmessa. Fique em casa, nós o encontraremos.

Estava na praia, no lugar onde as suaves ondas se enrolavam delicadamente, demandando a lagoa, e onde umas quantas rochas se erguiam sobre a areia grossa. Teucro estava ao seu lado, ajoelhado, curvado sobre ele - o firme Teucro, que pouco falava, mas que estava sempre presente quando Ájax precisava dele. Mesmo agora, no derradeiro momento.

A cena falava por si mesma: uma rocha plana, uns quantos dedos acima da areia grossa, a superfície fendida por algum golpe do tridente de Poseidon, o punho da espada enfiado numa das fendas, com a lâmina para cima. Ájax despira a armadura e banhara-se no mar; na areia, desenhara uma coruja, símbolo de Atena, e um olho, símbolo da Mãe Kubaba. Depois, encostara o peito à ponta da espada e caíra sobre ela com todo o seu peso; a espada trespassara-o no centro do peito e saíra pela espinha. Dois cúbitos de lâmina espreitavam por sobre a espinha. O rosto banhava-se no seu próprio sangue, os olhos cerrados, traços de loucura ainda nos seus traços. As mãos enormes caíam moles, os dedos ligeiramente encurvados.

Teucro ergueu os olhos e fitou-os com uma expressão amarga. Quando os seus olhos se detiveram em Ulisses, disseram-lhe, muito claramente, que era ele o único culpado. Não sei o que Ulisses pensou nesse momento. Só sei que não vacilou.

- Que podemos fazer? - perguntou a Teucro.

- Nada - disse Teucro. - Eu próprio o enterro.

- Aqui? - perguntou Diomedes, horrorizado. - Não, ele merece melhor!

- Sabe que isso não é verdade. Ele também sabia. Eu também sei. Ájax terá aquilo que as leis dos deuses dizem que ele merece - a sepultura de um suicida. É tudo o que eu posso fazer por ele. É tudo o que resta entre mim e ele. Ele terá de pagar na morte, tal como Aquiles pagou em vida. Foi isso mesmo que ele disse antes de morrer.

Deixamos os dois irmãos sozinhos. Os dois irmãos que lutavam sempre juntos, o mais pequeno sob o escudo do gigante. Em oito dias, Aquiles e Ájax tinham desaparecido - o espírito e o coração do nosso exército.

- Ai! Ai! - exclamou Ulisses, as lágrimas deslizando-lhe pelas faces. Quão estranhos são os caminhos dos deuses! Aquiles arrastou Heitor junto às muralhas de Tróia com o boldrié que Ájax lhe oferecera. Agora, Ájax matou-se com a espada que Heitor lhe dera. - O seu rosto desfigurou-se de súbito, moldado pela mais extrema raiva. - Pela Mãe, estou tão farto de Tróia ... ! Odeio até o cheiro do ar de Tróia!

Capítulo Vigésimo Nono

Narrado por Agamêmnon

Os dias de guerra aberta tinham acabado; Príamo fechara a Porta Ceia e espreitava-nos das suas torres. Uma mancha de chefes troianos e aliados sobrevivera, mas, dos grandes comandantes, só Enéias restava. Mortos os filhos que mais amara, Príamo pouco consolo encontraria agora nos inúteis. Aquele era um tempo de espera, enquanto as nossas feridas cicatrizavam e os nossos espíritos recuperavam lentamente o ânimo. Um fato curioso acontecera, uma prenda dos deuses com que nenhum de nós sequer sonhara: Aquiles e Ájax pareciam ter impregnado de forma indelével o espírito de cada um dos soldados gregos. Não havia um único que não estivesse determinado a conquistar as muralhas de Tróia. Referi o fenômeno a Ulisses, pois gostaria de saber o que pensava ele sobre o assunto.

- Não há nisso mistério nenhum - retorquiu Ulisses. - Aquiles e Ájax transformaram -se em heróis e os heróis nunca morrem. O que os homens estão fazendo é muito simples: estão assumindo plenamente as responsabilidades que Aquiles e Ájax lhes deixaram. Além disso, estão desejosos de voltar para casa. Mas não derrotados. A única vingança possível para os acontecimentos destes dez anos de exílio é a queda de Tróia. Pagamos um preço muito elevado por esta campanha - um preço de sangue, de cabelos brancos, de corações dilacerados, de rostos que amamos mas que, agora, muito provavelmente, não seríamos capazes de reconhecer, de lágrimas, de um amargo vazio. Pouco a pouco, Tróia foi nos corroendo. Ninguém se atreverá a regressar à pátria antes de ver as ruínas de Tróia, tal como ninguém se atreverá a profanar os Mistérios da Mãe.

- Nesse caso - disse eu -, pedirei conselho a Apolo.

- Apolo é muito mais troiano do que grego.

- Mesmo assim, lhe pedirei conselho. Apolo é a boca oracular. Perguntarei o que temos nós de fazer para entrar em Tróia. Apolo não pode negar uma resposta sincera aos mais altos representantes de um povo - seja qual for esse povo!

O sumo-sacerdote, Taltíbio, examinou as refulgentes entranhas do sagrado fogo e suspirou. Taltíbio em nada se assemelhava a Calcas; sendo grego, usava o fogo e a água para adivinhar, deixando os animais unicamente para os sacrifícios. Por outro lado, também não anunciava as suas descobertas durante o augúrio propriamente dito. Só as revelava perante a assembléia dos reis.

- Que viu, Taltíbio? - perguntei-lhe.

- Muitas coisas, rei supremo. O meu entendimento não chegou para algumas delas. Duas houve, porém, que me foram plenamente reveladas.

- Que coisas foram essas?

- Em primeiro lugar, não poderemos conquistar a cidade com aquilo que temos. Há um objeto e uma pessoa que os deuses muito apreciam e de cujo apoio precisamos. Se eles estiverem conosco, os deuses nos deixarão entrar em Tróia. Caso contrário, o Olimpo se unirá contra nós.

- Que objeto e que pessoa são esses, Taltíbio?

- Em primeiro lugar, trata-se do arco e das flechas de Heracles. Quanto à pessoa, é Neoptolemo, o filho de Aquiles.

- Obrigado, sumo-sacerdote. Pode retirar-se. Observei os rostos dos reis. Idomeneu e Meríona tinham uma expressão tão grave quanto triste; o meu pobre irmão Menelau tinha o mesmo ar de sempre; Nestor estava tão velho que todos nós temíamos por ele; Menesteu continuava a cumprir sem queixas os seus deveres de soldado; Teucro não perdoara a nenhum de nós; Automedonte continuava inconsolável, pois não queria comandar os Mirmidões; e Ulisses - ah, Ulisses! Quem poderia saber o que se passava no fundo daqueles olhos tão belos, tão luminosos?

- Não diz nada, Ulisses? Sabe onde estão o arco e as flechas de Heracles. Que possibilidades teremos nós de os reaver?

Ulisses levantou-se lentamente.

- Ao longo de quase dez anos, não recebemos nenhuma notícia de Lesbos.

- Ouvi dizer que ele tinha morrido - disse Idomeneu com um ar sombrio. Ulisses desatou a rir.
- Quem? Filoctetes, morto? Nem com o veneno de uma dúzia de víboras! Acredito que Filoctetes está vivo e continua em Lesbos. Temos, pelo menos, de tentar. Quem deverá ir, Agamêmnon?

- Você e Diomedes. Vocês eram amigos de Filoctetes. Se ele tem de nós boas recordações, isso se deverá a você e a Diomedes. Partam imediatamente para Lesbos e peçam-lhe o arco e as flechas que herdou de Heracles. Digam-lhe que guardamos a parte que lhe cabe dos despojos e que nunca nos esquecemos dele - disse eu.

Diomedes estirou-se.

- Um dia ou dois no mar! Uma ótima idéia!

- Mas falta resolver o problema de Neoptolemo - disse eu. - Teremos de esperar mais de uma lua pelo filho de Aquiles - se o velho Peleu o deixar vir.

Ulisses, que estava à porta, virou-se para mim.

- Não se preocupe, Agamêmnon: eu já tratei disso. Há mais de meia lua que mandei uma mensagem a Neoptolemo, para que viesse sem demora para Tróia. Quanto a Peleu, proponho que façamos oferendas ao Pai Zeus!

Oito dias passados, a vela cor de açafrão do navio de Ulisses voltou a surgir no horizonte. O coração num alvoroço, esperei na praia, junto aos ancoradouros vazios. Mesmo supondo que sobrevivera, Filoctetes estava em Lesbos há dez anos e nunca nos mandara uma mensagem que fosse. E os nossos mensageiros também nunca o haviam encontrado. E as doenças podiam devastar implacavelmente a mente de um homem... Bastava pensar no caso do pobre Ájax.

Ulisses vinha na proa, acenando-nos alegremente. Suspirei de alívio, um imenso alívio. Ulisses podia ser o mais tortuoso dos homens, mas não sorria assim se tivesse falhado. Menelau e Idomeneu juntaram-se a mim. Nenhum de nós sabia exatamente o que esperar daquele navio. Tínhamos visto Filoctetes às portas da morte; e, caso tivesse sobrevivido, com certeza que ficara sem a perna. Imaginava Filoctetes mutilado, uma ruína de cabelos brancos; com certeza que não era aquele homem que subira à amurada e que saltara os muitos cúbitos que separavam a amurada do chão tão lépido como um rapaz. Mas era mesmo ele ... ! Não mudara nada! A passagem dos anos não se notava nele! Tinha uma bela barba loura e envergava apenas um saiote. Dependurado do ombro, um arco poderoso e uma velha aljava repleta de flechas. Sabia que Filoctetes tinha pelo menos quarenta e cinco anos, mas o seu corpo rijo e bronzeado parecia ter menos dez e as suas pernas poderosas continuavam perfeitas. A única coisa que podia fazer era olhar para ele boquiaberto.

- Porquê, Filoctetes, porquê? - foi tudo o que consegui dizer-lhe quando nos sentamos em minha casa, partilhando o nosso vinho.

- A resposta é simples, Agamêmnon... Deixe-me contar a história do princípio ao fim.

- Conte-me tudo, te peço - disse eu, pela primeira vez feliz desde que Aquiles e Ájax tinham morrido. Era esse o efeito que Filoctetes tinha em nós; ele enchia de vida e animação as minhas velhas e bolorentas salas.

- Precisei de um ano para recuperar todas as minhas faculdades mentais e o uso da minha perna - começou Filoctetes. - Receando que o povo de Lesbos me hostilizasse por eu ser grego, os meus criados levaram-me para o cume de uma montanha e fizeram de uma gruta a minha casa. Era uma montanha a oeste de Termos e Antissa. A aldeia, ou mesmo a quinta, mais próxima, ficava a muitas léguas de distância. Os meus criados eram fiéis e leais: por isso, ninguém sabia quem eu era, nem onde eu estava. Imagina a minha surpresa quando Ulisses me disse que Aquiles saqueara Lesbos quatro vezes nestes últimos dez anos! Eu não sabia de nada!

- Bom, é natural que não soubesse: só as cidades são saqueadas - disse Meríona.

- Claro, claro.

- Mas não se aventurou a sair da sua toca, depois de ter se recuperado? - perguntou Menelau.

- Não - retorquiu Filoctetes. - Não me aventurei. Apolo apareceu-me num sonho. Disse-me que ficasse onde estava. Foi o que eu fiz e, para ser franco, não me custou nada. Dediquei-me à caça. Matava veados e javalis; depois, na aldeia mais próxima, os meus criados trocavam a carne por vinho ou figos ou azeitonas. Era uma vida idílica, meus amigos! Não tinha preocupações, não tinha nenhum reino para governar, não tinha responsabilidades. Os anos iam passando, eu sentia-me feliz, e nunca me passou pela cabeça que esta guerra pudesse ainda durar. Pensava que já tinham regressado todos à Grécia.

- Até que nós subimos ao cume da montanha e te encontramos - disse Ulisses.

- Apolo disse que podia vir para Tróia? - perguntou Nestor.

- Sim. E estou muito contente por poder participar nesta guerra. Um mensageiro surgira entretanto e segredara qualquer coisa a Ulisses, que se levantou imediatamente para acompanhar o homem à porta. Quando voltou, tinha uma expressão cômica, tão grande era a sua surpresa.

- Agamêmnon - disse-me ele -, um dos meus agentes informou-me de que Príamo está planejando uma nova batalha. O exército troiano se concentrará junto das nossas muralhas, amanhã, muito antes do amanhecer, com ordens para atacar enquanto estivermos dormindo. Não acham interessante? Uma violação flagrante das leis que governam a guerra. Aposto que a idéia foi de Enéias.

- Francamente, Ulisses! - disse Menesteu, inesperadamente, fazendo um ruído trocista com os lábios. - Quem é você para criticar as violações dos outros? Há anos que você não faz outra coisa!

A boca de Ulisses contorceu-se.

- Sim, o que diz é verdade, Menesteu. Mas também é verdade que Tróia nunca violou nenhuma dessas leis.

- Pelo visto, vão violá-las pela primeira vez - disse eu. - Ulisses, te autorizo a usar todos os meios para que possamos entrar nas muralhas de Tróia.

- Nesse caso... proponho que os matemos à fome! - retorquiu ele imediatamente.

- Todos os meios... menos esse - disse eu.

Era noite cerrada quando formamos; a escuridão demoraria ainda muito a dissipar-se. Enéias depressa concluiu que as suas movimentações haviam sido demasiado lentas. Eu próprio conduzi o assalto. Destroçamos por completo o exército troiano, mostrando-lhes do que éramos capazes mesmo sem Aquiles e Ajax. Constrangidos devido à baixaza dos planos de Enéias, os Troianos entraram em pânico quando caímos sobre eles. Tudo o que tivemos de fazer foi persegui-los e abatê-los às centenas.

Filoctetes usou as flechas de Heracles com um efeito devastador. Desenvolvera um novo sistema: os homens corriam para todas as suas vítimas, arrancavam as preciosas flechas, limpavam-nas e devolviam-nas à aljava.

Aqueles que escaparam, fugiram para a cidade; a Porta Ceia fechou-se nas nossas barbas. A batalha fora breve. Mal o Sol nasceu, vimos os campos juncados de cadáveres troianos; a derradeira flor de Tróia fora finalmente abatida.

Idomeneu e Meriona vieram ter comigo, com Menelau na sua esteira; logo a seguir, surgiram os outros, fazendo um círculo com os carros, a fim de discutirmos a batalha.

- Não há dúvida, Filoctetes: as flechas de Heracles possuem uma estranha magia - disse eu.

Filoctetes sorriu.

- Admito que gostam mais deste trabalho do que da caça ao veado, Agamêmnon. Porém, quando os meus homens contarem as minhas flechas, verificarão que faltam três. - Fitou Automedonte, que se saíra muito bem à frente dos Mirmidões. - Tenho boas notícias para você e para os Mirmidões.

- Boas notícias? - perguntou Automedonte.

- Belíssimas notícias! - exclamou Filoctetes. - Consegui forçar Páris a travar um duelo comigo. Um dos nossos soldados indicou-me quem era Páris.

Furtivamente, fui me aproximando dele. Por fim, surpreendi-o num local onde não encontraria nenhum esconderijo. Desatei a enaltecer as minhas proezas como arqueiro e a escarnecer do seu pequeno arco, dizendo-lhe que a sua arma era boa para as mãozinhas delicadas da mais delicada das donzelas...

Como, aos olhos dele, eu tanto podia ser um soldado troiano como um mercenário assírio, Páris caiu na armadilha e aceitou o meu desafio. A fim de lhe aguçar o apetite, disparei desajeitadamente a minha primeira flecha. Mas tenho de admitir que ele tem uma pontaria ótima. Se não tivesse erguido rapidamente o escudo, a primeira flecha dele teria me acertado em cheio no diafragma. Depois, tratei-lhe da saúde. A primeira flecha cravou-se na mão que retesava o arco, a segunda no calcanhar direito - pensei que era um alvo adequado, tendo em conta que foi ele quem matou Aquiles - e a terceira no olho direito. Claro que não teve morte imediata: nenhuma das flechas acertou num órgão vital. Mas acabará por morrer, mais cedo ou mais tarde. Pedi ao deus que guiasse a minha mão, que o fizesse ter uma morte lenta. - Dando uma palmadinha no ombro de Menelau, desatou a rir. - Menelau perseguiu-o por algum tempo, mas não gostou do que viu, e com razão: quem é que ia gostar de um rapazinho naquele estado, todo porco e ensanguentado, apesar de ser tão bonitinho?

Desatamos todos a rir; ordenei a vários mensageiros que espalhassem a notícia de que o assassino de Aquiles era um homem morto. Sim, Páris, o sedutor, chegara ao fim.

Capítulo Trigésimo

Narrado por Helena.

A maior parte do tempo, passava sozinha. Ah, se Penélope, a minha prima, me visse! O que ela não teria rido! O tempo convertera-se num fardo tão insuportável que acabei por me dedicar à tecelagem! Compreendia agora que esposas negligenciadas e tecelagem formavam um par indissolúvel... Páris não se aproximava sequer de mim - literalmente. E Enéias também não.

Com a morte de Heitor, a atmosfera do palácio alterara-se drasticamente. Hécuba fora acometida de uma estranha demência. Não parava de criticar Príamo pelo fato do rei não ter feito dela a sua primeira esposa. Perturbado e confuso, o rei protestava que Hécuba era a sua principal esposa, a sua rainha! A reação de Hécuba era sintomática: acorava-se no chão e desatava a uivar tal qual um cão velho! Completamente louca! Bom, mas pelo menos agora já percebia onde fora Cassandra buscar a sua loucura. Um lugar desesperadamente infeliz. Viúva de Heitor e, por isso mesmo, despojada do seu estatuto de futura rainha, Andrômaca comportava-se como uma sombra. Constava que Andrômaca e Heitor tinham tido uma acesa discussão antes dele ter partido para a última batalha e que ela fora a culpada do triste desfecho. Heitor pedira-lhe que olhasse para ele, que se despedisse dele, mas Andrômaca permanecera deitada na cama, com a cara virada para a parede. Acreditava nessa história; Andrômaca exibia aquela expressão medonha de tremendo sofrimento e implacável remorso que é típica das mulheres apaixonadas e culpadas. Por outro lado, perdera todo o interesse pelo filho, Astianacte. Logo que Heitor descera à sepultura, Andrômaca confiara aos homens a educação do rapaz.

O pouco que restava do mundo de Príamo desintegrou-se quando Troilo caiu às mãos de Aquiles. Nem mesmo a morte de Aquiles conseguiu arrancar o rei ao desalento em que caíra. Eu sabia o que se dizia na cidadela - que Enéias não ajudara Troilo porque Príamo o insultara durante a assembléia em que nomeara Troilo seu novo herdeiro. Também acreditava nesta história: com Enéias, os insultos pagavam-se caro.

Foi então que Enéias pediu a Príamo que o deixasse conduzir um ataque de surpresa - pela calada da noite! - ao acampamento grego. O abjeto rei troiano concordou.

Não havia nada que conseguisse deter as línguas afiadas da cidadela, mas também não havia nada que se pudesse fazer. Enéias era tudo o que restava a Tróia. Príamo, no entanto, não cedeu completamente: com efeito, acabou por nomear herdeiro o seu filho Deífobo, o porco selvagem, como eu lhe chamava. Um ato de provocação que, no entanto, não perturbou minimamente Enéias. O que não admira, pois Enéias nunca se sentira tão seguro e confiante.

Aos meus olhos, aquele rosto moreno do herdeiro dardaniano não apresentava grandes mistérios: eu sabia que fogos lavravam sob aquela aparência fria; eu sabia que, para satisfazer a sua implacável ambição, Enéias seria capaz de tudo. Como um lento rio de lava, Enéias ia avançando inexoravelmente, engolindo, um a um, todos os seus inimigos.

Quando solicitou autorização a Príamo para conduzir o ataque noturno ao acampamento grego, Enéias sabia muito bem o que estava pedindo ao rei - estava a pedindo-lhe que violasse as leis dos deuses. E só eu percebi a imensidão do triunfo de Enéias quando Príamo deu o seu consentimento. Finalmente, Enéias conseguira espezinhar Tróia.

No dia do ataque, fechei-me nos meus aposentos, os ouvidos bem tapados com pequenos chumaços, para não ouvir o tumulto e os gritos. Andava a tecer uma bela peça de lã, com um padrão muito intrincado e uma infinidade de cores. Graças a uma extrema concentração, conseguia me esquecer que, lá fora, se travava uma batalha. Penélope, a Tecedeira, Penélope, a esposa daquele ruivo de pernas arqueadas que não conhecia a honra e ignorava os escrúpulos, ficaria espantada com a qualidade do meu trabalho! Era capaz de apostar que ela nunca teria tecido uma peça tão bela... Conhecendo-a como eu a conhecia, estava certa de que, agora, a pobre Penélope tinha se dedicado a tecer sudários.

"Aquele fingida... Aquela hipócrita... Oh, um poço de virtudes ... ! Vaca maldita, sempre me censurando ... ", eu estava dizendo para mim mesma, lembrando-me de Penélope, quando senti um estranho formigueiro nos meus braços, como se, nesse exato momento, alguém tivesse saído da sepultura para observar o meu trabalho. Seria possível que Penélope, a Tecedeira, tivesse morrido? Não, uma sorte dessas não teria eu!

Porém, quando ergui a cabeça, verifiquei que era Páris quem estava nos meus aposentos e não a sombra de Penélope. Estava encostado ao vão da porta, a boca abrindo-se e fechando-se no mais absoluto silêncio. Páris? Páris encharcado em sangue? Páris com uma flecha cravada num olho?

Quando tirei os pequenos chumaços dos ouvidos, o ruído cresceu tão depressa como Ménades descendo uma encosta decididas a matar. O outro olho de Páris fitava-me com o fogo da loucura, enquanto a sua boca cuspiava palavras que eu não conseguia entender.

Ao fim de breves momentos, o choque que senti de início esbateu-se por completo. Desatei a rir, um riso que era mais forte do que eu, um riso que se transformou em gargalhadas estridentes e que me obrigou a sentar num divã. Vendo-me rir, Páris, desesperado, caiu de joelhos! Começou então a rastejar, com a mão direita arrastando uma cauda carmim ao longo do chão branco, a flecha enfiada no olho balouçando para cima e para baixo, tão ridiculamente que desatei a rir ainda mais. Alcançando os meus pés, envolveu-me as pernas com o braço que estava incólume e encheu de sangue o meu vestido.

Enojada, afastei-o com o pé, deixando-o estirado no chão. Depois, corri para a porta.

Encontrei Heleno e Deífobo no pátio principal, ambos ainda com a armadura vestida. Como nenhum deles reparasse em mim, toquei no braço de Heleno; no braço de Deífobo é que eu não tocaria, nem que me pagassem!

- Perdemos - disse Heleno com uma expressão fatigada. - Eles estavam à nossa espera. - Lágrimas assomaram-lhe aos olhos. - Nós infringimos as leis! A maldição caiu sobre nós!

Encolhi os ombros.

- Que me interessa isso? Eu não vim saber notícias da vossa estúpida batalha - eu já sabia que vocês iam perdê-la. Vim apenas pedir-lhes ajuda.

- Pede o que quiser, Helena - disse Deífobo, com um sorriso cheio de malícia.

- Páris está nos meus aposentos - vai morrer, acho eu. Heleno estremeceu.

- Páris vai morrer? Páris? Desandei.

- Não o quero nos meus aposentos! - gritei-lhes. Logo que me alcançaram, pegaram Páris e deitaram-no num divã.

- Eu não o quero nos meus aposentos! - repeti. - Levem-no daqui para fora! Heleno fitou-me com uma expressão estarrecida.

- Helena! Não pode expulsar o teu marido neste estado!

- Olhe bem para mim! Que devo eu a não ser a minha ruína? Há anos que ele me ignora! Há anos que ele faz de mim o alvo de todas as piadas de todas as cadelas despeitadas que há em Tróia! E agora, agora que precisa de mim, pensa que eu ainda sou a mesma idiota que ele convenceu a deixar Amiclas! Pois bem, eu já não sou essa Helena! Ele que morra, mas não aqui! Ele que morra nos braços da cadela com quem anda agora!

Páris acalmara; o seu olho esquerdo, esbugalhado, não me largava; era um olhar estarrecido, estupefato.

- Helena, Helena! - gemia o desgraçado.

- Vai gemer na cama da outra! - gritei-lhe. Heleno afagou-lhe os caracóis grisalhos.

- Que aconteceu, Páris?

- Um caso muito estranho, Heleno! Um homem desafiou-me para um duelo. Aquela distância, só eu ou Teucro conseguiríamos acertar o alvo. Um homem corpulento, com uma barba loura, um aspecto selvagem. Parecia um rei dos bosques do monte Ida. Mas eu não o conhecia, nunca o tinha visto em toda a minha vida! Aceitei por isso o desafio - eu sabia que a vitória seria minha! Mas não foi. Ele venceu-me. E depois desatou a rir, tal como Helena!

Estava prestando mais atenção à flecha do que aquela triste história. Com certeza que já tinha visto flechas daquelas... Ou teria ouvido falar delas numa canção qualquer cantada pelo harpista de Amiclas... Uma flecha muito comprida, de madeira de salgueiro tingida com o sumo das amoras, penas brancas de ganso na ponta, salpicadas com a mesma tinta carmim.

- O homem que te alvejou chama-se Filoctetes - disse-lhe eu. - Não merecia tamanha honra, Páris! Tem uma das flechas de Heracles enterrada na tua cabeça. Antes de morrer, Heracles deu o seu arco e as suas flechas a Filoctetes. Ouvi dizer que Filoctetes também tinha morrido, devido a uma picada de serpente, mas é óbvio que o rumor era falso. Essa flecha, outrora, pertenceu a Heracles.

Heleno fitava-me com o mais feroz dos olhares.

- Cale-se, harpia sem coração! Como se atreve a atormentar um homem moribundo só para dar vazão à sua cólera?

- Sabe, Heleno - eu lhe atirei -, você ainda é pior do que a louca da sua irmã. Ela, pelo menos, não finge que é boa da cabeça... Mas agora agradeceria que levassem Páris daqui para fora. Fazem-me esse favor?

- Heleno? - disse Páris, puxando com uma mão débil pelo saiote do irmão. Leva-me para o Ida, para a minha querida Oinone. Ela me curará - ela tem os dons de Ártemis. Leva-me para Oinone!

Meti-me entre os irmãos, tresloucada de raiva.

- Não me interessa saber para onde é que o levam! Só quero que o levem daqui para fora! Levem-no para essa tal Oinone - hah! Será que ele não compreende que está condenado? Arranca a flecha, Heleno, deixe-o morrer! É isso que ele merece!

Heleno e Deífobo sentaram-no então na beira do divã. O mais forte dos dois, Deífobo, curvou-se para pegar nele, mas Páris não o ajudava nada; poltrão como era, não fazia outra coisa senão chorar, transito de medo. Quando finalmente se ergueu, Deífobo se deu conta de que tinha nos braços um peso morto. Páris nem sequer se agarrava ao irmão.

Heleno foi atrás de Deífobo para ajuda-lo. Ao passar por ele, o seu braço roçou acidentalmente na haste da flecha. Páris entrou em pânico, desatou a gritar e a dar aos braços desvairadamente, o corpo numa convulsão constante. Deífobo perdeu o equilíbrio e os três irmãos caíram no chão num emaranhado de corpos. Ouvi um ronco gorgolejado, sufocado. Então, Heleno ergueu-se e ajudou Deífobo a levantar-se e eu pude ver o que eles não tinham visto.

Páris jazia metade de costas, metade sobre o lado esquerdo, uma perna contorcida debaixo da outra, a mão mutilada esticada. Os seus dedos mais pareciam garras, o pescoço e as costas estavam rigidamente arqueados. Devia ter caído de lado, com Deífobo em cima dele. Depois, Heleno, ao cair em cima de ambos, fizera-o girar sobre si mesmo. A flecha estava partida; as penas tingidas da ponta e dois cúbitos do fuste estavam no chão ao pé dele e, do seu olho, ressaltava não mais do que um dedo de madeira lascada. Um fino fio de sangue escuro corria-lhe do olho, formando já um charco no mármore do chão.

Devo ter gritado, pois Deífobo e Heleno viraram-se imediatamente para mim. Heleno suspirou.

- Está morto, Deífobo. Deífobo abanou desalentado a cabeça.

- Páris? Páris morto? Só então o levaram dos meus aposentos. Tudo o que eu tinha para me lembrar que o meu marido havia existido eram as marcas das suas mãos na minha saia e as manchas vermelhas no chão alvíssimo. Por um momento, fiquei imóvel, paralisada; depois, encaminhei-me para a janela e olhei para o mundo lá fora, sem nada ver. Aí fiquei até que a escuridão caiu. Não seria capaz de dizer o que pensei durante todo esse dia, à janela da minha sala. A minha memória não guarda nada.

O eterno e odioso vento troiano transformara-se num queixume estridente em torno das torres quando alguém bateu à minha porta. Um mensageiro curvava-se diante de mim.

- Princesa, o rei ordena que vá à Sala do Trono.

- Obrigada. Diga-lhe que irei o mais depressa que me for possível.

A imensa Sala do Trono encontrava-se envolta numa semi-escuridão. Só à volta do estrado do trono havia algumas lamparinas acesas, derramando um lençol de uma suave luz amarela sobre o rei, sentado no trono, e também sobre Deífobo e Heleno, que o rodeavam, trocando olhares furiosos por sobre a cabeleira cristalina de Príamo.

Parei junto aos degraus.

- Que deseja de mim, rei Príamo? Com o sobrolho muito franzido, Príamo curvou-se um pouco e fitou-me; o seu desagrado ao ver-me suplantava todos os outros sentimentos permanentemente estampados nos seus traços: a dor, o desespero, a desesperança mais absoluta.

- Filha, você perdeu o teu marido e eu perdi mais um filho. Já perdi a conta dos filhos que a guerra me roubou - disse ele com uma voz tremula, não mais do que um sussurro na escuridão. - Os deuses me levaram os melhores dos meus filhos. Agora, estes dois que aqui vês, com o corpo do irmão ainda quente, desataram a rosnar um para o outro numa altercação interminável, cada um deles exigindo a mesma coisa, cada um deles determinado a obtê-la.

- Mas afinal que história é essa? - perguntei, tão exasperada que até me esqueci das normas de cortesia.

- Por que raio é que as divergências entre esses dois me dizem respeito?

- Dizem-te respeito e muito! - atirou-me o velho, quase tão grosseiro quanto eu. - Deífobo quer casar contigo. Heleno quer casar contigo. Por isso, terá de me dizer qual deles prefere.

- Nenhum! - exclamei, revoltada.

- Um deles terá de casar contigo - disse o rei. De súbito, naquele rosto enrugado e mirrado, havia indícios muito claros de que Príamo achava a situação picante, como se aquela disputa fosse para ele uma novidade excitante! - Diga-me o nome daquele que prefere! Casará com ele dentro de seis luas!

- Seis luas! - exclamou Deífobo. - Eu não posso esperar tanto tempo! Eu a quero agora, pai - agora!

Príamo ergueu-se.

- O corpo do teu irmão ainda não esfriou! - atirou-lhe.

- Desculpe-me afligi-lo, rei Príamo - disse eu, antes que Deífobo rompesse num dos seus famosos acessos de fúria. - Eu fui casada duas vezes. Não tenciono casar-me uma terceira vez. Quero dedicar o resto da minha vida ao serviço da Mãe. Por isso, não haverá casamento nenhum.

Heleno e Deífobo desataram a cuspir protestos, mas Príamo ergueu a mão e silenciou-os.

- Fiquem calados e escutem o que eu tenho a dizer! Deífobo, você é o mais velho dos meus filhos e foi nomeado herdeiro. Dentro de seis luas, casará com Helena. Mas não antes! Quanto a você, Heleno, você pertence a Apolo. O teu amor por Apolo deveria ser mais forte do que qualquer mulher. Mesmo esta.

Deífobo não conteve os gritos de satisfação. Heleno parecia aturdido. Porém, enquanto olhava para ele, eu própria aturdida com a súbita decisão, Heleno pareceu crescer e mudar, como se certas partes de si mesmo amolecessem e outras endurecessem. Uma mudança muito estranha.

Fitando firmemente o pai, disse-lhe então:

- Durante toda a minha vida, tenho visto os outros satisfazerem os seus apetites, enquanto que eu passo fome e sede. Pai, ninguém me perguntou se eu queria servir o deus - eu fui consagrado no próprio dia em que nasci! Quando Heitor morreu, devia ter-me nomeado herdeiro, mas Apolo o impediu de fazê-lo! E depois de Troilo morrer, voltou a preterir-me! Agora, te pedi algo muito menos importante e, uma vez mais, recusou as minhas pretensões. - Fez uma pausa, ergueu-se muito altivo e orgulhoso. - Pois bem, há momentos na vida em que mesmo o mais insignificante dos homens não tem outra saída senão revoltar-se! Esse momento chegou para mim. Vou deixar Tróia. Condeno-me a um exílio voluntário. Prefiro transformar-me num vagabundo que nada vale a permanecer aqui, vendo Deífobo arruinar tudo o que resta de Tróia. Odeio ter de dizer isto, pai, mas a verdade é que você não passa de um idiota.

Enquanto Príamo digería o insulto, fez mais uma tentativa.

- Rei Príamo, suplico-te! Não me obrigue a casar de novo! - exclamei. Deixe-me consagrar a minha vida à deusa!

Mas Príamo abanou a cabeça.

- Casará com Deífobo. Não suportava permanecer mais tempo na mesma sala que eles; fugi dali para fora, como se as Filhas de Kore me perseguissem. O que aconteceu a Heleno, não sei. Nem me interessa!

Enviei uma mensagem a Enéias, implorando-lhe que se deslocasse aos meus aposentos. Em toda a cidade de Tróia, Enéias era a única criatura que poderia sentir-se tentada a me ajudar. Enquanto esperava, andando nervosa pelo quarto, as dúvidas começaram a atormentar-me. Embora a nossa ligação tivesse acabado havia muito tempo, imaginava que ele sentiria ainda alguma afeição por mim. Mas... sentiria mesmo? Ah, onde estaria ele que nunca mais vinha? O tempo fugia, fugia, fugia, cada momento que passava era mais longo, mais sombrio, mais vazio! Pus-me à escuta dos seus passos fortes, determinados. Em vão. Passo nenhum! Desde a morte de Heitor, os passos de Enéias eram, em toda a cidade de Tróia, os únicos passos que tinham a capacidade de inspirar confiança. Mas onde estaria ele que nunca mais vinha?

- Que quer de mim, Helena? - perguntou-me; aproximara-se do quarto tão silenciosamente que eu nem sequer dera pela sua chegada.

Rindo e chorando, corri a abraçá-lo.

- Pensava que não viria! - disse eu, erguendo o rosto para que ele me beijasse.

Enéias afastou-se.

- Que quer? Olhei-o nos olhos; quando falei, a minha voz soou nervosa, tremida.

- Enéias... ajude-me! Páris morreu!

- Eu sei.

- Compreende por certo o que isso significa para mim! Páris está morto! Eu estou à mercê deles! Ordenaram-me que casasse com Deífobo! Com aquele cão nojento! Ah, por todos os deuses! Na Lacedemônia, não o deixariam sequer tocar na bacia da minha saia ... ! Mas aqui, aqui, Príamo ordena-me que me case com ele! Enéias, se tem por mim alguma afeição, vai ter com Príamo e diga-lhe que é verdade que eu não quero casar - não tenho o menor desejo de voltar a me casar! Não, nunca mais!

A expressão de Enéias era muito clara: parecia que eu lhe havia proposto a mais desagradável das tarefas.

- Está pedindo-me o impossível, Helena.

- O impossível? - disse eu, estupefata. - Enéias, para você, nada é impossível! Você é o homem mais poderoso em Tróia!

- Aconselho que cases com Deífobo. Aceite e esquece.
- Mas eu... eu pensava... eu pensava... Eu sei que já não me quer, mas... pensava que sentia por mim alguma afeição e que... me defenderia!

Riu, enquanto erguia a cortina, preparando-se para sair.

- Helena, eu não vou ajudar. Faça um esforço para entender a minha posição. Cada dia que passa cria um novo abismo entre os filhos de Príamo - cada dia que passa é, para mim, um passo em frente rumo ao trono de Tróia. A minha ascensão é um fato, Helena, e não vou pô-la em perigo por tua causa. Entendido?

- Sabe qual é o fim de homens ambiciosos como você, Enéias! Voltou a rir.

- O fim? O fim é um trono, Helena! Um trono!

- Te rogarei uma praga, Enéias! - atirei-lhe. - Gastarei tudo o que tenho para que essa praga se torne realidade! Pedirei aos deuses que nunca sente em trono nenhum - que nunca conheça a paz - que vagueie pelo mundo como um desgraçado - e que acabe os teus dias no meio de selvagens, no meio de um povo miserável, numa miserável cabana!

Creio que as minhas palavras o assustaram. A cortina balouçou; Enéias desapareceu.

Logo que Enéias partiu, pus-me a pensar naquilo que me esperava: o casamento com um homem que eu odiava, um homem que, só de me tocar, já me causava náuseas. Percebi então de que, pela primeira vez na minha vida, estava reduzida aos meus próprios recursos. De que, se queria libertar-me daquela horrível cidade-prisão, teria de fazê-lo sem a ajuda de ninguém.

Menelau não estava longe e duas das Portas de Tróia estavam sempre abertas. Porém, as mulheres do palácio não estavam acostumadas a caminhar pelas ruas, nem os seus pés delicados estavam habituados aos sapatos das mulheres do povo, os mais adequados a longas caminhadas. Sair pela Porta Dardaniana, passar sob a Porta Ceia e chegar à praia grega era uma missão impossível. Quer dizer... a menos que eu fosse montada num animal! As mulheres de Tróia costumavam usar burros; empoleiravam-se no dorso do animal, mas de lado, e não de frente, como as amazonas. Sim, teria de ser essa a solução! Roubaria um burro e iria até à praia envolta nas sombras da noite.

Roubar o burro não foi difícil. Nem montá-lo. Porém, quando cheguei à Porta Dardaniana - muito mais distante da cidadela do que a Porta Ceia - o burro recusou-se a avançar mais. Como era um animal habituado à cidade, desagradavam-lhe os perfumes do campo, os cheiros penetrantes que anunciavam o Outono, a aragem que vinha do mar. Chicoteei-o, mas ele desatou a zurrar - e que zurro triste aquele; quem o ouvisse, pensaria por certo que o asno estava a fugindo!

Não se finou ele, finou-me ele a mim. Os guardas da Porta Dardaniana correram investigar. Reconheceram-me e detiveram-me.

- Eu quero ir para junto do meu marido! - supliquei, chorosa. - Por favor! Deixem-me voltar para o meu marido!

Claro que não me deixaram ir. Em contrapartida, o maldito do burro, depois de tanto zurrar, decidiu que, agora, gostava dos cheiros da planície. Enquanto ele corria para a liberdade dos campos, eu era encerrada no palácio. Mas os guardas não foram acordar Príamo. Quando dei por mim, estava à porta do quarto de Deífobo.

Aguardei passivamente que ele se levantasse e assomasse à porta. Quando apareceu, fitei-o calmamente. Agradeceu cortesmente aos guardas e deu-lhes até uma prenda; mal os guardas acabaram de fazer as suas vênias, Deífobo ergueu a cortina do seu quarto.

- Entre - disse ele. Não me mexi.

- Queria ir para o teu marido, não era? Pois bem, aqui está o teu marido!

- O nosso casamento ainda não foi celebrado. Além disso, tanto quanto sei, você tem uma esposa!

- Já não tenho. Divorciei-me.

- Terá de esperar seis luas - foi o que o teu pai disse!

- Mas, minha querida, isso foi antes de você ter tentado fugir para os gregos e, em particular, para os braços de Menelau... Quando o meu pai souber disso, não me imporá nem uma lua, quanto mais seis! Especialmente quando eu o informar de que já consumiei a união....

- Não se atreveria ... ! - rosnei-lhe. A resposta de Deífobo foi puxar-me por uma orelha com uma mão e pelo nariz com a outra. Foi assim que me arrastou para o seu quarto. Aturdida de dor, incapaz de me libertar da força bruta dos seus braços, caí na cama como um peso morto. Só havia uma violação pior do que aquela: a morte. A última coisa em que pensei antes de entregar a minha mente nas mãos da Mãe foi que, um dia, violaria Deífobo da mais horrenda das maneiras: o mataria.

Capítulo Trigésimo Primeiro

Narrado por Diomedes

Pouco depois do malogrado ataque troiano, Agamêmnon convocou um conselho, apesar de Neoptolemo ainda não ter chegado. Uma atmosfera geral de otimismo impregnava o nosso acampamento. Só as muralhas nos detinham. Agora, porém, Ulisses não pensava noutra coisa senão nas muralhas. Esse era, naquele momento, o seu único objetivo. Quem sabe, talvez Ulisses conseguisse elaborar uma solução...

Os conselheiros tagarelavam bem-dispostos enquanto Agamêmnon se demorava a conversar com Nestor, divertido com qualquer coisa que o velho rei lhe segredara. Terminada a conversa, o rei supremo ergueu o cetro e bateu com o bastão, dando assim início à assembléia.

- Ulisses, creio que tem novidades....

- É verdade, rei supremo. Primeiro, creio que encontrei já um processo que nos permitirá entrar nas muralhas troianas, embora não possa ainda falar disso. Porém, há também notícias muito interessantes em outras áreas.

Fitou Menelau, aproximou-se dele, pôs a sua mão sobre o ombro do irmão de Agamêmnon, afagou-o.

- Chegaram aos meus ouvidos certos rumores. Rumores relativos a uma acesa discussão entre Príamo, Heleno e Deífobo. Por causa de uma mulher. Por causa de Helena, para ser mais preciso. Pobre Helena! Após a morte de Páris, solicitou que a deixassem dedicar-se ao serviço da Mãe Kubaba, mas Deífobo e Heleno pediram a Príamo a mão da viúva do irmão. Príamo decidiu a favor de Deífobo, que não esperou pela celebração do casamento para fazer dela sua mulher. A corte ficou furiosa, mas Príamo recusou-se a anular a união. É que, segundo me disseram, Helena foi detida pelos guardas da Porta Dardaniana quando se preparava para fugir de Tróia. Queria vir ter contigo, Menelau.

Aagitado, ofegante, Menelau disse qualquer coisa que ninguém entendeu e logo escondeu o rosto entre as mãos. Quanto a mim, pensava na bela e altiva Helena reduzida ao nível de uma vulgar concubina de Deífobo.

- Heleno ficou tão revoltado com o desfecho deste caso - prosseguiu Ulisses - que resolveu escolher o caminho do exílio. Interceptei-o nos arrabaldes da cidade, esperando que a desilusão que sentia o levasse a confiar-me os oráculos de Tróia. Encontrei-o no altar consagrado a Apolo Timbreu, o qual, segundo ele, o instruíra para que me revelasse tudo o que eu quisesse saber. Pedi-lhe que me revelasse os oráculos de Tróia - todos eles. Devo dizer-lhes que há muito tempo que não me sentia tão cansado...

Heleno recitou milhares de oráculos! Contudo, obtive aquilo que pretendia.

- Teve muita sorte - disse Agamêmnon.

- A sorte, rei supremo - replicou Ulisses, num tom neutro, apesar de não ter gostado nada da observação, - é algo que, infelizmente, sobrestimamos. Não é a sorte que conduz ao êxito, mas sim o trabalho duro. A sorte é aquilo que acontece no momento em que os dados caem na mesa. O trabalho duro é aquilo que acontece quando um troféu cai nas mãos de um homem apenas porque ele lutou para obtê-lo.

- Claro, claro, claro! - exclamou o rei supremo, arrependido do seu comentário. - Peço que me desculpe, Ulisses! Trabalho duro, sempre trabalho duro! Eu sei que é verdade, admito que é verdade. Mas fale-nos dos oráculos, te peço...

- No que nos diz respeito, apenas três dos oráculos de Tróia assumem uma importância evidente. Por sorte, nenhum deles representa um obstáculo intransponível. Muito resumidamente, eis o que rezam esses oráculos: Tróia cairá este ano, se os chefes gregos possuírem a omoplata de Pélops, se Neoptolemo combater e se Tróia perder o Paládio de Palas Atena.

Levantei-me de um salto, excitado.

- Ulisses, eu tenho a omoplata de Pélops! O rei Piteu me deu após a morte de Hipólito. O velho gostava muito de mim - a omoplata de Pélops era a mais preciosa das suas relíquias. Ou dava a mim, ou a Teseu. Preferiu dá-la a mim. Trouxe-a comigo para Tróia para me dar... enfim... para me dar sorte.

Ulisses arreganhou um sorriso.

- É caso para dizer: a sorte está do nosso lado! - disse ele para Agamêmnon. - Quanto a Neoptolemo, o caso já está tratado e nutrimos grandes esperanças de que ele venha combater ao nosso lado. Resta-nos o Paládio de Palas Atena, a qual, por sorte, é a minha protetora. Que tal, há?

- Não estou gostando nada das piadas, Ulisses - disse o rei supremo.

- Ah - onde ia eu? No Paládio. Pois bem: essa venerável imagem terá de ser nossa. É a imagem mais venerada em Tróia e a sua perda seria para Príamo o mais rude dos golpes. Tanto quanto sei, a estátua encontra-se em algum lugar nos subterrâneos da cidadela. Um segredo muito bem guardado... Mas estou certo de que conseguirei descobrir esse segredo... O mais difícil será mover a imagem - dizem que é muito pesada. Diomedes, irá comigo a Tróia?

- Vamos já, se quiser! Como não havia mais nada de importante a discutir, Agamêmnon dissolveu o conselho. À saída, Menelau aproximou-se de Ulisses.

- Crê que a verá? - perguntou ele, ansioso.

- É provável, Menelau, é provável - respondeu-lhe Ulisses, num tom delicado.

- Então, diga-lhe que eu vou pedir aos deuses que a ajudem a fugir e a vir ter comigo.

- Está bem, eu digo. - Porém, enquanto nos encaminhávamos para a sua casa, virou-se para mim e disse-me: - Não digo coisa nenhuma! O destino da cabeça de Helena é o machado, e não o travesseiro de Menelau.

Desatei a rir.

- Vai uma aposta? - perguntei-lhe.

- Entramos pela conduta? - foi a minha primeira pergunta quando começamos a traçar um plano.

- Entre você. Eu não posso. Tenho de chegar a Helena sem levantar suspeitas. Portanto, tenho de ir disfarçado.

Deixou a sala, mas logo voltou, trazendo um pequeno e terrível chicote. Este chicote era formado por quatro correias e, na ponta de cada correia, havia um globo de bronze eriçado de pequenas pontas. Perplexo, olhei para Ulisses e para o chicote. Até que ele me virou as costas e começou a despir a blusa.

- Açoite-me, Diomedes. Recuei, horrorizado.

- Mas você enlouqueceu, Ulisses? Eu, te açoitar a você? Não consigo! Ulisses virou-se para mim, manifestamente irritado.

- Nesse caso, feche os olhos e faça de conta que eu sou Deífobo. Eu tenho de ser açoitado, Diomedes - tenho de ficar bem marcado!

Pus o meu braço sobre os seus ombros nus.

- Peça-me o que quiser, mas não isso. Açoitar a você - um rei! - como se fosse um escravo rebelde?

Com um riso brando, encostou o seu rosto ao meu braço.

- Ora, Diomedes, que importância podem ter mais umas quantas cicatrizes na minha carcaça já tão flagelada? Eu quero que me confundam com um escravo rebelde, Diomedes. Um escravo que acabou de fugir do acampamento grego terá necessariamente de ter umas boas marcas nas costas... Vá, use o chicote.

Abanei a cabeça.

- Não.

- Use o chicote, Diomedes! - berrou-me ele, com um ar feroz. Sem que o desejasse, peguei no chicote; Ulisses curvou-se. Enrolei as quatro correias na mão, enchi-me de coragem e golpeei-lhe a pele. Cada um dos meus golpes deixava-lhe nas costas quatro vergões róseos; com um misto de repulsa e fascínio, os meus olhos fixavam-se no resultado da minha involuntária violência.

- Mais forte, Diomedes! Bata com mais força! - disse ele, impaciente. Sem sangue, não é nada!

Fechei os olhos e obedeci. Mais dez vezes o açoitei com aquele cruel objeto de tortura; de cada vez, o chicote arrancou mais sangue à sua carne, deixando-lhe cicatrizes para toda a vida, como se ele não fosse mais do que um escravo rebelde.

Quando terminei, beijou-me.

- Não fique triste, Diomedes. Para que me serve uma bela pele? - Estremeceu. - Por acaso até nem é desagradável... E o aspecto? Ficou com bom aspecto?

Acenei que sim, recusando-me a falar. Despiu o saíote e envolveu o baixo ventre com uma peça de linho muito suja; depois, desatou a mexer e a remexer no cabelo até ficar todo desganhado; mas só parou depois de tê-lo escurecido com a fuligem do tripode do fogo. Juro que os seus olhos brilhavam de puro gozo. Por fim, foi buscar um par de grilhetas.

- Prenda-me às tuas grilhetas, tirano de Argos! - disse-me ele, todo satisfeito. Obedeci de novo às suas ordens, ainda que as chicotadas me tivessem magoado muito, provavelmente mais do que a ele. Para Ulisses, aquilo era muito simplesmente um meio para alcançar um fim. Enquanto eu lhe prendia os tornozelos com as grilhetas de bronze, Ulisses delineava o seu plano.

- Tenho de entrar na cidadela logo que chegue a Tróia. Seguiremos juntos no carro de Ájax - é um carro forte, estável e silencioso. Paramos no bosque que fica perto da pequena torre de vigia contígua à Cortina Ocidental. Aí, separamo-nos. Farei o teatro necessário para que me deixem entrar pela Porta Ceia e, depois, pelas portas da cidadela - direi que tenho de falar com Polidamas com a máxima urgência. Creio que o nome dele me abrirá todas as portas.

- Mas - disse eu, erguendo-me -, você não vai falar com Polidamas.

- Não. Vou falar com Helena. Imagino que, depois do casamento forçado, Helena terá todo prazer em me ajudar. Com certeza que ela conhece os segredos dos subterrâneos da cidadela. Até pode ser que saiba onde se encontra o Paládio. Passeou-se um pouco pela sala, praticando.

- E eu?

- Você espera no bosque até que passe metade da noite. Depois, sobe pela conduta e mata todos os guardas que se encontrem nas proximidades da pequena torre de vigia. Eu tratarei de levar a imagem até às muralhas. Quando ouvir o canto da cotovia noturna com esta variação - e assobiou-a três vezes - corre para a conduta, a fim de me ajudares a fazer sair a estátua.

Ulisses deixou-me no bosque. Ninguém dera por nós. Trôpego e cambaleante, correu como um louco na direção da Porta Ceia, gritando, guinchando, rojando-se na poeira do chão, transformando-se, por obra e graça do seu teatro, no mais triste espécime humano que alguma vez vira em toda a minha vida. Ulisses sempre gostara de ser outras pessoas muito diversas dele, mas creio que a personagem do escravo fugitivo era precisamente aquela que mais lhe agradava.

Quando a noite chegou a meio, aproximei-me da conduta e rastejei lentamente por aquele espaço sinuoso e sufocante, sem fazer barulho. Quando saí da conduta, descansei um pouco e deixei que os meus olhos se habituassem ao luar, enquanto me mantinha alerta aos poucos sons que vinham da passagem superior das muralhas. Estava muito perto da pequena torre de vigia que Ulisses escolhera para o nosso encontro por ela se encontrar muito longe de outros pontos da muralha protegidos por guardas.

Cinco guardas estavam de sentinela, bem acordados e alerta; no entanto, tinham-se enfiado todos na guarita! Quem é que comandaria aqueles soldados? Permitiam que eles se refugassem do frio, negligenciando assim os bastiões? Ah, num acampamento grego, não teriam grande futuro!

Envergava um saiote de macio cabedal escuro e uma blusa, tinha um punhal entre os dentes e uma espada pequena na mão direita. Quando me aproximei da janela da guarita, tossi bem alto, para eles ouvirem.

- Vá ver quem está lá fora, Maio - disse alguém. Maio saiu, como se fosse dar um passeio; com efeito, um ataque de tosse não teria nada de alarmante quando ouvido no alto das muralhas mais poderosas do mundo. Não vendo ninguém, Maio ficou nervoso - embora, idiota como era, não tivesse pedido reforços. Era óbvio que, naquele momento, já pensava que a tosse não fora mais do que um produto da sua imaginação. Apesar de tudo, avançou com a lança preparada para o que desse e viesse. Deixei-o passar. Depois, ergui-me silenciosamente, calei-o com uma mão e ceifei-o com a espada que tinha na outra. Calmamente, sem fazer barulho, arrastei-o para um canto escuro.

Momentos depois, emergiu outro guarda, à procura de Maio. Cortei-lhe a garganta sem um único ruído: dois já estavam mortos, faltavam ainda três. Então, antes que os três comessem a ficar nervosos, aproximei-me de novo da janela e desatei a soluçar como se estivesse caindo de bêbado. Um dos homens soltou um suspiro exasperado; outro saiu correndo, impaciente. Envolvi-o com os meus braços como se estivesse completamente toldado pela bebida e, quando o bronze deslizou sob as suas costelas do lado esquerdo, o homem nem um ai deu. Mantendo-o direito, com ele rodopiei numa ébria dança, imitando uma voz troiana. Infalível: o quarto dos cinco homens saiu. Atirei-lhe o cadáver com um risinho sumido e, enquanto ele afastava o camarada morto, trespasssei-o com a espada. Arrastei-os pelo chão com um ligeiro tinido metálico, como se eles estivessem a internar-se na escuridão da noite. Então, espreitei pela janela.

Só faltava o capitão da torre, que estava sentado em uma mesa, resmungando baixinho para si mesmo. Vendo-se obviamente perante um dilema, o capitão estava de olhos fixos num alçapão. Estaria à espera de alguém com quem havia marcado algum encontro? Entrei imediatamente na guarita, saltei sobre ele por trás, detendo-lhe o grito com a mão. Morreu tão rapidamente como os outros e com os outros foi ter ao canto escuro. Depois, sentei-me lá fora à espera; se o visitante o capitão estava esperando aparecesse entretanto, seria preferível que não encontrasse ninguém na torre.

Pouco tempo depois, Ulisses assobiou a sua variação sobre o canto da cotovia - era imensa a sua inteligência! Claro que teria de ser uma variação e não o próprio canto da cotovia - pois poderia muito bem acontecer que uma cotovia decidisse desatar a cantar nas proximidades da torre. Em suma: não havia

nenhuma cotovia por perto; fazia votos para que também não aparecesse nenhuma visita, pois não poderia avisar Ulisses.

Levantei a porta do alçapão e desci pela escada. Ulisses estava à minha espera no fundo.

- Espere! - murmurei, e logo saí para ver se havia alguém por perto. Mas as ruas não podiam estar mais calmas e escuras.

- Tenho comigo, Diomedes, mas ela é tão pesada como Ájax! - disse-me Ulisses logo que voltei. - Vai ser difícil arrastá-la por uma escada de vinte e cinco cúbitos.

Ela - o Paládio - estava precariamente empoleirada sobre o dorso de um burro. Levamo-la para dentro da câmara inferior da torre e mandamos embora o burro. Assombrado, examinei a imagem à luz da lamparina. Oh, era tão antiga! Uma forma feminina, dificilmente reconhecível ao fim de tanto tempo, esculpida a partir de uma madeira escura, demasiado suja e gasta pela passagem de uma eternidade para que pudesse considerá-la bela - ah, bela é que ela não era! Tinha uns pés minúsculos, pontiagudos, umas ancas enormes, uma vulva obscena, uma barriga imensa e flácida, dois seios bulbosos, os braços colados ao corpo, uma cabeça redonda, uma boca saliente. Além disso, era tremendamente gorda. Mais alta do que eu e, de fato, muito pesada. Os pés minúsculos e pontiagudos permitiriam talvez rodopiar como se fosse um daqueles piões com que as crianças brincam; a verdade, porém, é que a estátua não se agüentava sobre aqueles pés; ou seja, não tínhamos alternativa senão pegar nela.

- Ulisses, acha que ela cabe na conduta? - perguntei.

- Cabe. A barriga dela não é maior do que os seus ombros. Além disso, ela é mais redonda do que você. Tal como a conduta.

Então, tive uma idéia brilhante. Fui à procura de uma corda. Felizmente, encontrei-a rapidamente. Depois, atei-a sob os seios da estátua, e ainda fiquei com corda bastante para enrolar nela a minha mão. Comecei a subir a escada, arrastando-a com a corda, enquanto Ulisses a segurava por baixo, com uma mão nas imensas e obesas nádegas e a outra dentro da vulva.

- Crê - disse eu, ofegante, quando chegamos à guarita -, crê que ela alguma vez nos perdoará os nossos abusos?

- Claro que perdoa - disse ele, descansando no chão ao lado dela. - Ela é a primeira Atena, que é Palas, e eu pertenço-lhe.

Fazê-la descer pela conduta revelou-se mais fácil do que fazê-la subir pela escada; Ulisses tinha razão. As suas formas redondas deslizavam melhor pela conduta do que os meus ombros largos e as minhas angulosidades masculinas. A mantivemos atada com a corda; a corda revelou-se um elemento precioso mal nos fizemos à planície, já que, com ela, pudemos arrastá-la até ao bosque e ao carro de quatro rodas de Ájax. Aí, gemendo baixinho, num derradeiro esforço, içamo-la para dentro do carro e caímos para o lado. A Lua encaminhava-se ainda para oeste, o que significava que dispúnhamos ainda de tempo suficiente para conduzi-la até ao acampamento grego.

- Consegui, Ulisses! - disse eu, exultante.

- Não teria conseguido nada sem a tua ajuda, meu amigo. Quantos guardas teve de matar?

- Cinco. - Bocejei. - Estou cansado.

- Como é que acha que me sinto? Você, pelo menos, tem as costas em boas condições...

- Não me fale mais disso! Conte-me o que aconteceu no interior da cidadela. Esteve com Helena?

- Foi fácil enganar os guardas. Ao fim de pouco tempo, já estava dentro da cidade. Nas portas da cidadela só havia um guarda - e estava dormindo. Peguei as correntes e passei por cima dele - parece incrível, mas é verdade. Encontrei Helena sozinha - Deífobo estava não sei onde. Ficou algo surpreendida quando viu um escravo imundo e ensangüentado prostrar-se aos seus pés; só que, um instante depois, viu-me os olhos e reconheceu-me. Quando lhe pedi que me conduzisse aos subterrâneos, não hesitou. Creio que estava à espera de Deífobo. Mas nós escapamos antes que ele chegasse. Logo que encontramos um lugar seguro, Helena ajudou a libertar-me das grilhetas. Depois, descemos aos subterrâneos. - Soltou um risinho malicioso. - Creio que os subterrâneos devem lhe ter dado muito jeito quando andava com Enéias... Helena conhecia aquilo tão bem como as palmas das suas mãos... Mal entramos na úmida e escura cripta, desatou a fazer-me perguntas - como é que estava Menelau - e você - e Agamêmnon - e mais este, e mais aquele... Tudo o que eu lhe pudesse dizer seria pouco...

- Mas... e o Paládio? Como é que conseguiu trazer a estátua se só tinhas Helena a para ajudá-lo? - perguntei.

Os ombros dele abanaram de riso.

- Enquanto eu dizia as orações e pedia o consentimento da deusa para levá-la para outro lugar, Helena desapareceu. Pouco depois, voltou com o burro! Então, ajudou-me a sair dos subterrâneos, por

uma porta que dava diretamente para a rua sob a muralha da cidadela, onde me beijou - um beijo perfeitamente casto, devo dizer! - e me desejou que tudo corresse o melhor possível.

- Pobre Helena... - disse eu. - Deífobo é por certo o motivo que a levou a juntar-se a nós na luta contra Tróia. A balança de Helena pende agora para o nosso lado.

- Tem toda razão, Diomedes.

Agamêmnon mandou erigir um altar magnífico na praça das assembléias e entronizou o Paládio no interior de um nicho de ouro. Depois, convocou todos os homens que pudessem caber naquela área e explicou-lhes como eu e Ulisses havíamos raptado a deusa. Agamêmnon havia nomeado um sacerdote especial para Palas Atena e o sacerdote ofereceu-lhe as melhores vítimas que pôde encontrar; o fumo era tão branco como a neve e ergueu-se tão rapidamente na direção dos céus que logo concluímos que a deusa adorava a sua nova casa. Ah, o que a pobre devia ter odiado a sua casa troiana, tão fria, tão úmida, tão escura! Sem a menor hesitação, a cobra sagrada coleou rumo à sua casa sob o altar, após o que esticou a cabeça para lamber o leite do pires e engolir o seu ovo. Uma cerimônia tão feliz quanto imponente.

Concluídos os rituais, Ulisses, eu e os outros reis deslocamo-nos a casa de Agamêmnon, a fim de festejarmos. Nenhum de nós recusaria um convite para jantar com o rei dos reis; os seus cozinheiros eram, sem sombra de dúvida, os melhores. Queijos, azeitonas, pães, fruta, carne assada, peixe, doces à base de mel, vinho.

A disposição era excelente, a conversação alegre, o vinho magnífico, a alegria muita; a certa altura, Menelau pediu ao harpista que cantasse. Já um pouco sentimentais por obra do vinho, instalamo-nos confortavelmente para ouvi-lo. Estava ainda para nascer um grego que não amasse as canções, os hinos, as baladas do seu país; nós preferíamos ouvir o bardo a ir para a cama com mulheres.

O harpista cantou-nos uma das baladas de Heracles, após o que esperou pacientemente até que os veementes aplausos se esbatessem. Era um poeta magnífico e um magnífico músico; Agamêmnon trouxera-o de Áulida dez anos antes, mas era originário do Norte e dizia-se que descendia do próprio Orfeu, o maior de todos os bardos.

Alguém pediu o Hino de Guerra de Tideu, outros queriam ouvir o Lamento de Dánao, Nestor exigia a História de Medeia; porém, a cada pedido, o bardo, com um sorriso terno, respondia que não. Então, ajoelhando diante de Agamêmnon, disse-lhe o seguinte:

- Rei supremo, eu compus uma canção que fala de acontecimentos muito mais próximos de nós do que os feitos dos antigos heróis. Permite-me que cante essa composição?

Agamêmnon inclinou a imperial cabeça já meio grisalha.

- Canta, Alfides de Salmidessos. Alfides passou ternamente com os dedos pelas cordas tensas e logo extraiu da sua lira uma lenta e sofrida melodia; a canção era simultaneamente triste e gloriosa, uma canção sobre Tróia e sobre o exército de Agamêmnon que combatia diante das suas muralhas. Extasiados, escutamos atentamente a longa canção, os queixos descansando nas mãos, os olhos cerrados, as faces molhadas. A composição terminava com a morte de Aquiles. O resto era demasiado doloroso. Apesar de ter passado algum tempo, continuávamos a evitar pensar no triste fim que Ajax tivera.

"O ouro da vida vestia-o na morte: Da vida despedido, não mais que uma sombra, A máscara perfeita cobria-lhe o rosto. Juntas, as suas mãos, eram já luvas de ouro; Todo o seu ser mortal em ouro transformado, Toda a sua glória em metal convertida: Aquiles, o Sem-Par, a tua voz calou-se! Ó divina musa, anima meu engenho, Deixa-me dar a vida àquele que morreu! Veste-o de ouro vivo com as minhas palavras, Deixa que os seus passos voltem a retumbar, Espalhando o terror entre os seus inimigos! Deixa que o seu carro atravesse a planície, O medo espalhando na soturna Tróia!"

"Deixa que eu o cante e às suas plumas de ouro, Deixa-me lembrá-lo fulgente como o Sol, Incansável correndo pela erva orvalhada, Com as rédeas na couraça o ritmo marcando! Deixa que Aquiles, o filho de Peleu, O nascido sem lábios, a glória reviva!"

Com os corações dilacerados, aplaudimos o harpista Alfides de Salmidessos durante longo tempo; o bardo nos fizera entrever a imortalidade, visto que a sua canção viveria muito mais tempo do que nós. Era como se, apesar de vivermos ainda, estivéssemos para lá da vida, inscritos na eternidade através das suas palavras. Uma carga demasiado pesada para os nossos ombros humanos.

Quando os aplausos finalmente terminaram, tive vontade de ficar a sós com Ulisses; uma assembléia de homens não me parecia o ambiente mais adequado, depois de o harpista ter instilado em nós tão terríveis emoções. Olhei para Ulisses, que entendeu imediatamente o meu pedido, sem ter de macular com palavras o recolhimento que as circunstâncias impunham. Levantou-se e caminhou na direção

da porta. De súbito, porém, deteve-se, com uma exclamação de puro espanto. Porque pairava sobre a sala o mais intenso dos silêncios, viramos-nos todos para ele. E ficamos tão assombrados como ele.

De início, era como se houvesse algo de sobrenatural naquela aparição. O sortilégio em que caíramos devido à canção de Alfides era ainda muito forte: parecia que o bardo chamara um fantasma para ouvir a sua música. Aquiles também veio para o ouvir!, pensei eu. Mas quem lhe dera o sangue para que a sua sombra ganhasse substância?

Então, examinei mais atentamente a aparição e concluí que não era Aquiles. Aquele homem era tão alto e corpulento como Aquiles, mas era muito mais jovem. A barba, não mais do que uma penugem, era loura também, mas mais escura; o âmbar dos olhos era também mais forte, mais intenso. E, mais importante que o resto, tinha dois lábios perfeitos.

Nenhum de nós sabia há quanto tempo estaria ali o rapaz; porém, pelo sofrimento que o seu rosto traduzia, não havia a menor dúvida de que ouvira pelo menos a parte final da canção. Agamêmnon levantou-se e caminhou para ele de braços abertos.

- Você é Neoptolemo, o filho de Aquiles! Seja bem-vindo!

O jovem aquiesceu com um ar grave.

- Obrigado. Vim para ajudar o exército grego, mas lancei-me ao mar antes de saber que o meu pai tinha morrido. Fiquei sabendo graças à canção.

Ulisses juntou-se aos dois.

- Haveria melhor maneira de ficar sabendo tão horrenda notícia?

Suspirando, Neoptolemo baixou a cabeça.

- Tem razão. A canção nos diz tudo o que haveria para dizer. E Páris? Já pagou?

Agamêmnon pegou-lhe nas mãos.

- Já, Páris já pagou.

- Quem o matou?

- Filoctetes, com as flechas de Heracles.

O rapaz fez um esforço para se mostrar polido, para manter uma expressão impassível.

- Lamento muito, mas eu não os conheço. Qual de vocês é Filoctetes?

- Sou eu - retorquiu imediatamente Filoctetes.

- Eu não estava aqui para vingar a morte do meu pai. Gostaria, por isso, de te agradecer.

- Eu sei, meu rapaz, eu sei. Preferia ter sido você, não é? Mas acontece que eu fiquei frente a frente com o patife por um mero acaso - ou com a conivência dos deuses; quem somos nós para saber? Bom, mas como você não nos conhece, deixe-me lhe apresentar os nossos chefes. O nosso rei supremo foi o primeiro a saudar-te. O segundo foi Ulisses. Quanto aos outros, eis os seus nomes: Nestor, Idomeneu, Menelau, Diomedes, Automedonte, Menesteu, Meriona, Macáon e Eurípilo.

Tão poucos que nós somos!, pensei nesse momento. Tantos que partiram! Tantos!

Ulisses, um extasiado Automedonte e eu conduzimos Neoptolemo à paliçada mirmidã. Era uma caminhada longa e as notícias da sua chegada já tinham se espalhado. Soldados saíam aos montes das casernas e juntavam-se sob os débeis raios de sol para o saudarem tão entusiasticamente como costumavam saudar o seu pai. Descobrimos que a sua semelhança com Aquiles não se limitavam ao físico; Neoptolemo reagia à desvairada alegria dos homens com o mesmo sorriso tranqüilo e o mesmo aceno desatento do pai; tal como o pai, Neoptolemo encerrava-se em si mesmo, evitando toda e qualquer exposição do seu caráter. Enquanto caminhávamos, fomos lhe contando aquilo que a parte final da canção não lhe revelara: o triste fim de Ájax, a morte de Antíloco e de tantos outros. Depois, falamos dos vivos.

Os Mirmidões estavam já formados. As aclamações só se ouviram depois do rapaz - teria, quando muito, dezoito anos - lhes ter falado. Depois, desataram a bater com as espadas nos escudos, produzindo um ruído tal que Ulisses e eu desandamos logo, a caminho do nosso acampamento.

- Estamos chegando ao fim, Diomedes.

- Se os deuses conhecem o significado da palavra "piedade", a todos peço que esse fim chegue depressa.

- Dez anos... - disse Ulisses, afastando dos olhos um cacho de cabelo mais rebelde. - É curioso... Calcas acertou em cheio... Terá sido uma questão de sorte? Ou será que Calcas possuía mesmo a Segunda Visão?

Estremeci ao ouvi-lo exprimir tais dúvidas.

- Não é correto duvidar-se das faculdades dos sacerdotes.

- Talvez, talvez. Ah, daria tudo para não voltar a ter no meu cabelo uma partícula que fosse desta maldita poeira! Para me fazer de novo ao mar! Para lavar todo o fedor desta planície com límpida água

salgada! Para ir para qualquer lugar do mundo em que não haja vento e em que as estrelas não tenham de competir com dez mil fogueiras! Para me purificar de tudo isto!

- Os seus anseios são os meus, Ulisses. Embora seja difícil acreditar que o fim se aproxima.
- O fim virá com um cataclismo capaz de rivalizar com aqueles que são obra de Poseidon.

Fitei-o.

- Já traçou o plano final?

- Já.

- Conte-me tudo!

- Antes de tempo? Diomedes, Diomedes! Nem mesmo a você eu contaria! Mas fique tranqüilo que já não terá de esperar muito...

- Vamos para dentro. Quero tratar dos vergões. Desatou a rir.

- Eles se curam sozinhos - disse. Na noite seguinte, Neoptolemo juntou conosco.

- Tenho uma coisa guardada para te dar, Neoptolemo - disse Ulisses logo que a refeição terminou. -

É a minha prenda para você.

Neoptolemo olhou para mim, confuso.

- Que ele quer dizer? Encolhi os ombros.

- Ninguém consegue adivinhar o que se passa naquela cabeça, Neoptolemo. Ulisses voltou à sala com um tripode enorme, sobre o qual se erguia a armadura de ouro que Tétis encomendara a Hefaisto. Neoptolemo levantou-se de um salto, murmurando qualquer coisa que não entendi; depois, com dedos delicados, apaixonados, tocou na couraça.

- Fiquei furioso - disse ele, com lágrimas nos olhos - quando Automedonte me disse que tinha ganho a armadura a Ajax. Tenho de lhe pedir perdão, Ulisses. Ganhou-a para me dar?

Ulisses sorriu.

- Esta armadura vai lhe assentar lindamente, rapaz. Ela deve ser usada, e não pendurada numa parede ou entregue aos parentes de um morto, que nunca se serviriam dela. Use-a, Neoptolemo. Que ela te dê sorte, são os meus sinceros votos! No entanto, vai precisar de algum tempo para se habituar a ela. Pesa sensivelmente o mesmo que você.

Nos cinco dias seguintes, envolvemo-nos numas quantas escaramuças menores; Neoptolemo teve o seu primeiro contato com os Troianos e não podia ter ficado mais satisfeito. O filho de Aquiles era um guerreiro, nascera para a guerra, tinha fome de guerra. O seu único inimigo era o tempo - e ele o sabia. Diziam-nos os seus olhos que ele compreendia que desempenharia um papel menor na guerra de Tróia; e que, além disso, iria participar apenas no desfecho dessa mesma guerra; as coroas de louros seriam para aqueles que haviam suportado dez anos de uma luta insana. Contudo, Neoptolemo era afinal o fator decisivo. Renovara a esperança, a fúria, o entusiasmo; os olhos dos soldados, fossem eles de Argos ou da Etólia ou da Tessália, seguiam-no com uma devoção canina sempre que ele subia no carro do pai, envergando a armadura do pai. Para eles, ele era Aquiles. E, enquanto os dias iam passando, eu continuava a observar Ulisses, ansiando pelo próximo conselho.

O conselho foi convocado meia lua depois de Neoptolemo ter chegado; segundo um dos arautos imperiais, se realizaria no dia seguinte, após a refeição do meio-dia. Eu sabia que era inútil tentar arrancar fosse o que fosse de Ulisses; por isso, depois de termos ceado, pus um ar completamente desinteressado, enquanto ele saltava de assunto em assunto tão destramente como o melhor dos atletas salta os mais difíceis obstáculos. Reagiu muito bem à minha indiferença; porém, quando eu me despedi dele com um ar algo altivo, rompeu num riso incontável. Tive vontade de dar-lhe um pontapé, mas ainda me doíam as chibatadas com que o marcara (doíam-me mais a mim do que a ele, de fato) e, por isso, contive-me; limitei-me a fazer uma acerba apreciação a propósito dos seus antepassados.

Todos apareceram bem cedo na casa de Agamêmnon, como cães acorrentados farejando sangue fresco, cuidadosamente vestidos com os seus melhores saiotes e jóias, como se tivessem sido convidados para uma recepção formal na Sala do Leão, em Micenas. O arauto-mor postou-se aos pés da Cadeira do Leão, clamando os nomes dos presentes para um subordinado cuja tarefa consistiria em decorá-los; a memória desse humilde funcionário seria o veículo que conduziria esses nomes à posteridade.

"Imperial Agamêmnon, rei supremo de Micenas, rei dos reis; Idomeneu, rei supremo de Creta; Menesteu, rei supremo da Ática; Nestor, rei de Pilos; Menelau, rei da Lacedemônia; Diomedes, rei de Argos; Ulisses, rei das Ilhas; Filoctetes, rei de Hestaiótis; Eurípilo, rei de Orménion; Toante, rei da Etólia; Agapenor, rei da Arcádia; Ajax, filho de Oileu, rei da Lócrida; Meríona, príncipe de Creta, herdeiro do trono de Creta; Neoptolemo, príncipe da Tessália, herdeiro do trono da Tessália; Teucro, príncipe de Salamina; Macáon, cirurgião; Podalírio, cirurgião; Epeu, engenheiro."

O rei dos reis acenou para que os seus arautos se retirassem e entregou a Meríona o Bastão do Debate. Dirigiu-se então a nós na linguagem rebuscada que é característica das declarações formais.

- Depois de Príamo, rei de Tróia, ter transgredido as sagradas convenções da guerra, solicitei a Ulisses, rei de Ítaca, que concebesse um plano que nos permita conquistar Tróia, ainda que, para tal, tenhamos de recorrer a estratégias. Ulisses, rei de Ítaca, comunicou-me que havia concluído o seu plano. Convoquei-os para que ouvissem o que ele tem para nos dizer. Régio Ulisses, tem a palavra.

Sorrindo para Meríona, Ulisses levantou-se.

- Faça-me um favor, Meríona, fica você com o Bastão. - Pegou depois num rolo de pele clara e macia que estava em cima da mesa no centro da sala e encaminhou-se para a parede defronte de nós. Desdobrou o rolo e pregou-o à parede com quatro pequenos punhais cravejados de jóias, cada um deles num dos cantos.

Ficamos todos olhando aquilo sem entender rigorosamente nada, perguntando-nos se não estaríamos sendo vítimas de uma brincadeira de mau gosto. O que tínhamos diante de nós era um esboço a carvão, representando um cavalo enorme, ao lado do qual se erguia uma linha vertical. Tendo em conta os materiais e o autor, até nem se podia dizer que o desenho estivesse mal feito. Mas para que serviria aquilo? Ulisses fitou-nos com um ar enigmático.

- É verdade, meus amigos, é o desenho de um cavalo. Devem ter ficado intrigados com o fato de Epeu, o engenheiro, se encontrar hoje entre nós. Pois bem: eu pedi que ele fosse convocado, porque quero fazer-lhe algumas perguntas e ouvir as respostas de um técnico especializado.

Virou-se para Epeu, que se sentia tão confuso quanto constrangido na companhia de tão augustas personagens.

- Epeu, você é considerado o melhor engenheiro que a Grécia produziu desde a morte de Éaco. Além disso, diz quem sabe que não há, em toda a Grécia, ninguém que trabalhe melhor a madeira do que você. Peço que examine atentamente o desenho. Repare na linha vertical junto ao cavalo. O comprimento dessa linha corresponde à altura das muralhas de Tróia.

Desconcertados, examinamos o desenho tão atentamente como Epeu.

- Em primeiro lugar, Epeu, gostaria de saber a sua opinião acerca do seguinte: durante dez anos, pode observar as muralhas de Tróia; crê que existe, em todo o mundo conhecido, algum aríete, algum engenho de cerco, capaz de abater a Porta Ceia?

- Não, rei Ulisses.

- Muito bem. Uma segunda questão: usando os materiais, os meios e os artifícios de que dispõe atualmente no nosso acampamento, seria capaz de construir um grande navio?

- Sem dúvida, rei Ulisses. Não faltam no nosso acampamento os carpinteiros navais, os pedreiros, os serralheiros, isto para não falar de trabalhadores não qualificados. E julgo que, num raio de cinco léguas, há madeira suficiente, e da melhor qualidade, para construir, não um navio, mas uma frota.

- Excelente! Eis a terceira pergunta: seria capaz de construir um cavalo de madeira do tamanho deste animal que vê desenhado na pele? Repare uma vez mais na linha negra. O comprimento dessa linha equivale aos trinta cúbitos de altura das muralhas troianas. Poderá, portanto, concluir que a altura do cavalo é de trinta e cinco cúbitos. E - quarta questão - poderia montar este cavalo sobre uma plataforma dotada de rodas, capaz de suportar todo o seu peso? E - quinta questão - o cavalo poderia ser oco?

Epeu começava a sorrir; era evidente que o projeto lhe agradava sobremaneira.

- A minha resposta a todas as suas questões é um "sim", rei Ulisses.

- E quanto tempo levaria executar tal trabalho?

- Seria... uma questão de dias, rei Ulisses. Ulisses desprende a pele e entregou-a ao engenheiro.

- Obrigado, Epeu. Pode retirar-te. Espere-me em minha casa.

Estávamos perfeitamente perplexos. Creio que os nossos rostos, naquele momento, exprimiam apenas desconcerto, apreensão e desconfiança; porém, enquanto esperávamos que Epeu abandonasse a sala, Nestor desatou num risinho, como se, de repente, tivesse ouvido a mais hilariante das anedotas - e Nestor, velho como era, ouvira já muitas.

Ulisses abriu muito os braços e parece que cresceu em altura, erguendo-se como uma torre. A sua corrida começara: nenhum dos atletas presentes poderia detê-lo ou fazê-lo vacilar. Sublinhada por gestos magníficos, a sua voz retumbou na sala.

- E é assim, meus amigos reis e príncipes, que vamos conquistar Tróia! Ficamos parados e calados olhando para ele.

- Sim, Nestor, tem razão. E você também, Agamêmnon. Em primeiro lugar, um cavalo com tais dimensões, segundo as minhas estimativas, poderá albergar cerca de cem homens na sua barriga. E se

esses cem homens saírem silenciosamente, na calada da noite e sem levantarem suspeitas, não precisaremos de mais ninguém para abrir a Porta Ceia.

De todos os cantos da sala, surgiu num ápice um vendaval de perguntas. Os cétricos berravam, os entusiastas aplaudiam - e o pandemônio só acabou quando Agamêmnon se levantou da Cadeira do Leão, tirou o Bastão a Meríona e desatou a bater com ele no chão.

- Podem fazer todas as perguntas que quiserem, mas, por todos os deuses, com alguma ordem! E só depois de mim! Ulisses, sente-se e beba uma taça de vinho. Depois, explique-nos o seu plano tintim por tintim.

Caía a noite quando a assembléia foi dissolvida; acompanhei Ulisses à sua casa. Epeu esperava pacientemente, com o rolo de pele desdobrado diante dele; o engenheiro, enquanto aguardava por nós, fizera um sem-número de pequenos desenhos. A partir desse instante, limitei-me a ouvir, pois só eles falavam... E tudo discutiram: questões técnicas, as coisas de que Epeu precisaria, o tempo aproximado que o trabalho demoraria, a necessidade de um segredo absoluto...

- Podes trabalhar no pequeno vale que fica por detrás desta casa - disse Ulisses a Epeu. - É uma cova profunda; e, como temos árvores a rodear-nos por todos os lados, ninguém verá a cabeça do cavalo. Por outro lado, das torres de vigia da cidade, também não conseguirão vê-lo. Mas esta localização apresenta outras vantagens. Há tantos anos que nos ocultamos neste vale que os curiosos já deixaram de nos importunar. Poderá recorrer aos homens que aqui vivem como mão-de-obra não qualificada. Os técnicos que vierem de outros locais do acampamento só poderão abandonar o vale quando o trabalho estiver pronto. Está de acordo em trabalhar nestas condições limitadas?

Os olhos do engenheiro cintilaram.

- Pode confiar em mim, rei Ulisses. Ninguém saberá o que aqui se passa.

Capítulo Trigésimo Segundo

Narrado por Príamo.

Vindo da gelada imensidão da Cítia, bóreas, o vento norte, abatia-se, uivante, sobre as terras de Tróia, tingindo as nossas árvores de âmbar e amarelo; o Verão do Décimo ano despedira-se e Agamêmnon continuava na praia, um cão sarnento guardando o osso fétido em que Tróia se havia transformado.

Tudo acabara. Pouco antes da morte de Heitor, ordenei que os últimos pregos de ouro fossem arrancados de portas, soalhos, persianas, dobradiças; o cadinho era o seu destino. O tesouro estava vazio; todas as oferendas votivas dos templos haviam sido usadas para fazer lingotes; ricos e pobres queixavam-se dos impostos; e, apesar de tudo isso, eu continuava sem os meios necessários para comprar aquilo de que Tróia precisava para manter acesa a chama da guerra - mercenários, armas, engenhos bélicos. Há dez anos que a fonte de rendimentos que era o Helesponto secara por completo. Não para Agamêmnon, que obrigava todos os navios gregos que se dirigiam para o mar Euxino a pagar uma pesada taxa. Quanto aos navios de outras nações, impedia-os pura e simplesmente de passarem o Helesponto. Não nos faltavam os alimentos, porque as nossas portas sul e nordeste se mantinham abertas e os camponeses tinham podido continuar a cultivar as suas terras; mas havia muito tempo que não tocávamos naqueles legumes e frutos que nas nossas terras não se davam. Quanto aos lendários cavalos de Laomedonte, poucos eram aqueles que ainda pastavam na planície sul de Tróia; fora obrigado a vender a maior parte desses belíssimos exemplares. O mal que fazemos outro mal atrai, verdade mais certa não há. Aquilo que, outrora, Laomedonte e eu havíamos negado aos Gregos, pertencia agora a esses mesmos Gregos, pois vim a saber que quase todos os meus cavalos tinham ido parar às mãos do rei Diomedes de Argos. Ah, a soberba, a vanglória... Quanto mais alto o voo, maior a queda...

Acenderam as lareiras do meu quarto para que a minha carne pudesse aquecer, mas não havia, em toda a terra, um único fogo que fosse capaz de dissolver o desespero que se apegara ao meu coração como um bebê esfomeado se aferra ao seio da mãe. Cinquenta filhos haviam gerado as minhas mulheres, cinquenta belos rapazes. Quase todos mortos agora. O deus da Guerra apartara de mim os melhores, deixando-me a escória para me consolar na velhice: triste consolo... Tinha oitenta e três anos e, quem me visse, diria por certo que eu sobreviveria a todos os filhos que me restavam. As lágrimas molhavam-me as faces sempre que via Deífobo pavoneando-se nos palácios ou nas paradas. Herdeiro do trono, aquilo? Não, não mais do que um pobre farsante, uma imitação barata! Ah, Heitor, Heitor, Heitor! A minha esposa

Hécuba enlouquecera; uivava como uma cadela velha a quem não davam sustento; a sua companhia preferida era Cassandra, mais louca ainda do que a mãe. Ainda que, estranho caso este, a beleza de Cassandra tivesse florido tanto como a sua demência. Duas grandes fitas brancas trespassavam-lhe agora a longa cabeleira negra, o rosto emagrecera, revelando os ossos, os olhos surgiam tão grandes e brilhantes que mais pareciam safiras tão negras como azeviche.

Por vezes, forçava-me a subir à torre de vigia da Porta Ceia, para ver os incontáveis tufos de fumo erguendo-se na praia, os navios dispostos, fila após fila, ao longo das areias. Os Gregos não se decidiam a lançar o assalto; nós estávamos à beira de um abismo e eles não nos permitiam a esmola de um consolo, pois não sabíamos que intenções eram as suas. Continuavam a dedicar-se às suas misteriosas tarefas como se o tempo não lhes pesasse. O que restava do exército de Tróia estava concentrado na Cortina Ocidental; era aí que Agamêmnon atacaria, se houvesse ataque.

Cada noite era para mim um tormento sem sono; cada manhã encontrava-me tão desperto como se, no mundo, nunca tivesse havido noite. Contudo, não estava ainda derrotado. Enquanto, na minha carcaça mirrada, vivesse um espírito, Tróia não cairia. Os dentes de Agamêmnon podiam ferrar-se nas nossas muralhas, mas Tróia seria sempre minha. Nem que tivesse de vender não só o ouro, mas também todas as pessoas que viviam dentro das suas muralhas.

Soprava o álgido bóreas há três dias; deitado na cama, os olhos fixos na janela e nos indícios de claridade que começavam a derramar-se sobre o Ida, chorava por Heitor. A luz cinzenta que antecede o dia raiava-se do brilho enevoadado das minhas lágrimas.

Ouvindo um grito que a distância esbatia, estremeci e obriguei-me a sair da cama. O grito parecia ter vindo da Cortina Ocidental. Vai ver o que se passa, Príamo, vai ver o que se passa, disse baixinho para mim mesmo. Instantes depois, ordenei que me trouxessem o carro.

O tumulto crescia, novas e muitas vozes se erguiam, mas eu estava ainda demasiado longe para saber se tal agitação seria causada pelo medo ou pela dor. Deífobo veio ter comigo, esfregando uns olhos cheios de sono, fazendo uma carranca desagradada.

- Vamos ser atacados, pai? - perguntou-me.

- Como quer que eu saiba? Vou até às muralhas, para saber o que se passa.

O cavaleiro-mor surgiu com o meu carro, o condutor avançou trôpego, entorpecido ainda pelo sono; depressa parti, deixando o herdeiro para trás. Ele que fizesse o que muito bem entendesse. Se queria voltar para a cama, que voltasse.

Formigava de gente toda a área à volta da Porta Ceia e da Cortina Ocidental; homens corriam em todas as direções, gesticulando e gritando, mas não via ninguém envergando apressadamente a sua armadura. Saltavam, rodopiavam, gritavam a todos que subissem no alto das muralhas e visse o que havia para ver.

Um soldado me ajudou a subir as escadas da torre de vigia da Porta Ceia; penetrei silenciosamente na guarita. O capitão vestia não mais do que uma tanga e as lágrimas corriam-lhe pelo rosto, enquanto que o seu lugar-tenente estava sentado numa cadeira, rindo desvairadamente.

- Que significa isto, capitão? - perguntei. Demasiado obcecado com aquilo que o afetava - fosse lá o que fosse para se dar conta do que estava fazendo, o capitão pegou-me no braço com toda força e levou-me sem demora, e sem qualquer cerimônia, até à passagem superior das muralhas. Aí chegados, virou-me na direção do acampamento grego e apontou para a praia com um dedo tremulo.

- Vê bem, rei Príamo! Apolo ouviu as nossas orações! Franzi os olhos (em muito bom estado, tendo em conta a minha idade) e perscrutei a praia, banhada de luz. Olhei, olhei, olhei! Como entender aquilo? Como acreditar naquilo? As chaminés gregas não deitavam fumo, não pairava no ar cheiro nenhum de madeira queimada; não havia no acampamento uma única formiga - pois era isso o que os Gregos pareciam, vistos dali - que se movesse; e, na praia, uma vasta faixa de seixos brilhava ao sabor do sol. O único indício de que ali houvera navios era aquela série imensa de sulcos profundos que se estendiam até às águas da lagoa. Os navios tinham partido! Os soldados tinham partido! De um exército de oitenta mil homens, restava apenas uma pequena cidade de casas cinzentas. Agamêmnon fizera-se ao mar de noite.

Gritei de júbilo. Não conseguia sair dali, não conseguia conter a minha alegria. Até que as minhas pernas cederam e caí desamparado na pedra da passagem superior da muralha. Rompi a rir e a chorar, a rolar nas duras pedras como se elas fossem tão macias como a lanugem do cardo, balbuciei os meus agradecimentos a Apolo, ri como um menino, como um menino desatei a dar aos braços. O capitão ergueu-me; abracei-o e beijei-o, prometendo-lhe qualquer coisa de que logo me esqueci.

Deífobo apareceu correndo, com o rosto transfigurado. Pegou em mim e comigo rodopiou numa dança demente, enquanto os guardas faziam um círculo à nossa volta e marcavam o ritmo.

Já não havia na praia nenhum monstro grego emboscado, pronto a lançar sobre nós as suas garras! Tróia estava finalmente livre!

Não houve nunca no mundo notícia que se tivesse espalhado tão depressa. Toda cidade estava acordada e bem acordada, toda a cidade corria para as muralhas para aclamar a boa nova, para cantar, para dançar. A luz do Sol ia apagando as sombras e os nossos olhos viam mais claro: sim, não havia qualquer dúvida, Agamêmnon partira, partira, partira! Ah, querido Senhor da Luz, obrigado! Obrigado!

Alerta agora, o capitão continuava a meu lado, protegendo-me. Subitamente tenso e apreensivo, puxou-me pela manga. Então, Deífobo se deu conta da ansiedade do capitão e aproximou-se de nós.

- Que se passa, capitão? - perguntei, inquieto.

- Rei Príamo, há qualquer coisa ali, ao longe, na planície... Já tinha me chamado a atenção antes do Sol nascer. Pensei que fosse uma árvore, pois está junto ao bosque do Simoente. Mas agora, com esta luz, se vê bem que não é uma árvore, mas sim um objeto enorme. Consegue ver, rei Príamo?

- Sim, estou vendo, estou vendo - retorqui, com a boca seca.

- Sim, há qualquer coisa... - disse Deífobo, lentamente. - Será um animal?

Outros homens estavam apontando para o misterioso objeto, discutindo a sua natureza; então, os raios oblíquos do Sol da manhã beijaram-no e revelaram uma superfície castanha e polida.

- Vou ver o que é aquilo - disse eu, encaminhando-me para a porta da guarita. - Capitão, mande abrir a Porta Ceia, mas não deixe que o povo saia. Eu próprio examinarei o estranho objeto. Deífobo, venha comigo.

Ah, que bem me sabia aquele vento, apesar de tão frio! Atravessar a planície era uma verdadeira panacéia para todos os meus males! Ordenei ao condutor que seguisse pela estrada de seixos. Os solavancos eram inevitáveis, mas, apesar de tudo, a viagem era agora muito mais suave do que em outros tempos. O progresso incessante de homens e carros gastara uniformemente a pedra e as fissuras entre elas haviam sido preenchidas pela lama em que as chuvas outonais tinham transformado a muita poeira dos campos de Tróia.

Claro que todos nós tínhamos percebido de que objeto se tratava; no entanto, nenhum de nós queria acreditar no que os olhos viam. Que estava aquilo fazendo ali? E para que estava ali? Ah, com certeza que não era o que pensávamos!

Quando nos aproximássemos dele, verificaríamos por certo que se tratava de outra coisa - um objeto muito mais estranho, completamente diferente. No entanto, quando Deífobo e eu nos acercamos daquilo, com alguns membros da corte na nossa esteira, concluímos que o objeto era efetivamente aquilo que parecia: um gigantesco cavalo de madeira!

Erguia-se muito acima das nossas cabeças, uma criatura castanha, de madeira de carvalho, de proporções imensas. Quem o fizera - deuses? Homens? - imitara escrupulosamente a anatomia do cavalo; impossível confundi-lo com uma mula ou um burro; no entanto, e como se tratava de um gigante, as pernas eram muito mais grossas do que as pernas dos vulgares cavalos, e os cascos, mais próprios de um mamute, assentavam sobre uma plataforma de toros. Esta plataforma dispunha de rodas pequenas mas sólidas - doze de cada lado. O meu carro encontrava-se sob a sombra da cabeça do cavalo; estiquei o pescoço o mais que pude para examinar a parte inferior da queixada. Construído com madeira polida, o cavalo era, ao mesmo tempo, corpulento e firme; as juntas entre as pranchas de madeira haviam sido seladas com pez, como se do casco de um navio se tratasse; essas linhas de junção haviam sido disfarçadas com um bonito padrão, pintado num tom ocre. A cauda e a crina tinham sido esculpidas; recuando para melhor examinar a cabeça, verifiquei que os olhos tinham sido incrustados com âmbar e azeviche, que as cavernas das narinas tinham sido pintadas de vermelho e que os dentes, abrindo-se num relincho, eram de marfim. Sim, era de fato uma estátua muito bela.

Um destacamento da Guarda Real juntara-se a nós, tal como a maior parte dos membros da corte.

- Deve ser oco, pai - disse Deífobo. - Se não fosse oco, as rodas não agüentariam.

Apontei para os quartos traseiros do cavalo.

- É um objeto sagrado, Deífobo. Está vendo? Uma coruja, a cabeça de uma serpente, um escudo e uma lança. Pertence a Palas Atena.

Alguns dos presentes mostravam-se céticos; Deífobo e Cápis resmungavam desconfiados, mas um outro filho meu, Timeta, não podia estar mais excitado.

- Pai, você tem razão! Os símbolos são mais eloqüentes do que todas as línguas. É uma prenda dos Gregos para substituir o Paládio.

O sumo-sacerdote de Apolo, Lacoonte, disparou, furioso:

- Com as prendas dos Gregos, todo o cuidado é pouco! Cápis envolveu-se imediatamente na discussão.
- Pai, este cavalo é uma armadilha! Porque haveria Palas Atena de obrigar os Gregos a tão duro trabalho? Palas Atena ama os Gregos! Os Gregos roubaram o Paládio porque ela consentiu que o roubassem! Palas Atena nunca trocaria os Gregos pelos Troianos! O cavalo é uma armadilha!
- Acalme-se, Cápis - disse-lhe eu, mais concentrado no cavalo do que nas palavras dele.
- Pai, te suplico que me ouça! - teimou ele. - Abra-lhe a barriga e vê o que ela contém!
- Não se deixe iludir por prendas gregas - disse Lacoonte. - O cavalo é uma armadilha.
- Concorro com Timeta - disse eu. - O cavalo foi construído para substituir o Paládio. - Lancei a Cápis um olhar feroz. - Chega de discussões, Cápis! Entendido?
- Seja como for - disse Deífobo, revelando um inusitado espírito prático, o cavalo não foi feito para entrar nas nossas muralhas. É demasiado alto para caber nas portas. Não sei qual foi o objetivo que presidiu à sua construção, mas de uma coisa estou certo: não pode ser uma cilada. O cavalo terá de ficar na planície. Portanto, não representa qualquer perigo para nós ou seja para quem for.
- É uma cilada! - exclamaram Cápis e Lacoonte, quase que em uníssono. As discussões continuaram inflamadas, enquanto mais e mais membros da corte de Tróia se juntavam à volta do assombroso cavalo, não só para exprimirem o seu deslumbramento, mas também para exporem as mais diversas teorias e me inundarem de opiniões. Para lhes fugir, decidi não ficar parado e dar voltas e mais voltas ao cavalo, examinando-o minuciosamente, sondando o significado dos símbolos, maravilhando-me com a qualidade do trabalho dos artífices. Encontrava-se exatamente no meio do caminho entre a praia e a cidade. Mas de onde viera? Se tinham sido os Gregos a construí-lo, nós teríamos percebido isso... Só poderia ser uma prenda da deusa... Sim, era por certo uma prenda da deusa!

Lacoonte enviara alguns dos guardas reais ao acampamento grego; eu continuava a dar as minhas voltas, quando dois guardas surgiram num carro de quatro rodas, com um homem entre eles. Os guardas desceram do carro e ajudaram o homem a descer.

A pobre criatura tinha os braços e as pernas acorrentados, farrapos eram a sua roupa, todo o seu corpo era uma imundície pegada. Um dos guardas ajoelhou diante de mim.

- Rei Príamo, encontramos este homem escondido numa das casas gregas. Estava como o vê agora, acorrentado. Foi açoitado há pouco tempo, como se pode ver pelos vergões ensangüentados. Quando o capturamos, suplicou que lhe poupássemos a vida e pediu-nos que o levássemos à presença do rei de Tróia, a fim de lhe comunicar aquilo que sabe.
- Fale, homem, eu sou o rei de Tróia - disse-lhe eu.

O homem molhou os lábios, gemeu, fez um esforço para falar mas não conseguiu. Um guarda deu-lhe água; ele bebeu-a avidamente e só então me saudou.

- Agradeço a tua bondade, rei Príamo - disse ele.
- Quem és você? - perguntou Deífobo.
- O meu nome é Sinão. Sou grego, natural de Argos, um nobre da corte do rei Diomedes, de quem sou primo. Mas fiz parte de uma unidade especial do rei supremo de Micenas comandada pelo rei Ulisses de Ítaca. - O homem calou-se, vacilou, teve de ser ajudado pelos guardas.

Desci do carro. - Soldado, sente-o na beira do seu carro. Eu vou sentar-me ao lado dele. Mas logo houve alguém que me trouxe um banco e por isso ficamos diante um do outro.

- Está melhor assim, Sinão?
- Obrigado, rei Príamo. Já tenho forças para continuar.
- Explique-me por que razão um nobre de Argos como você foi açoitado e acorrentado.
- Rei Príamo, eu conhecia o plano que Ulisses tramou para se livrar do rei Palamedes. Pelo visto, Palamedes insultara Ulisses antes da nossa expedição a Tróia ter começado. Diz-se que Ulisses é capaz de esperar uma vida inteira pela oportunidade ideal para se vingar dos seus inimigos. No caso de Palamedes, esperou apenas oito anos. Há cerca de dois anos, Palamedes foi executado por alta traição. Ulisses elaborou as acusações e fabricou as provas que levaram à condenação de Palamedes.

Fiquei sinceramente intrigado.

- Mas por que razão haveria um grego de conspirar contra outro, tendo em mente a sua morte? Eram vizinhos rivais? Disputavam algum território?
- Não, rei Príamo. Ulisses é rei das ilhas a oeste da ilha de Pélops, Palamedes era rei de uma importante cidade portuária da costa oriental. Tratou-se de um problema pessoal: Ulisses nutria por Palamedes um rancor desmedido. Porquê, não sei.

- Estou vendo. Nesse caso, porque te trataram como a um escravo? Se Ulisses foi capaz de fabricar acusações de traição contra outro rei grego, porque não fez o mesmo em relação a você, um mero nobre?

- Eu sou primo direto de um rei mais poderoso do que ele e por quem Ulisses nutre grande afeição. Além disso, eu contei a minha história a um sacerdote de Zeus. Se eu vivesse, o sacerdote não diria nada. Mas, se morresse, fosse qual fosse a causa da minha morte, o sacerdote divulgaria tudo o que sabia. Como Ulisses não sabia qual era o sacerdote que conhecia a verdade, julguei que estaria para sempre em segurança.

- Quer dizer então que o sacerdote nunca contou a história? - perguntei eu. - É o que posso concluir, visto que está vivo.

- Não, rei Príamo, nada disso - disse Sinão, bebendo mais água; parecia menos abatido agora, apesar da desgraça que lhe acontecera. - O tempo passou, Ulisses nada disse e nada fez, e - bom, rei Príamo, a verdade é que eu nunca mais pensei no assunto! Porém, nestes últimos tempos, o exército caiu num profundo desânimo. Após a morte de Aquiles e Ájax, Agamêmnon perdeu todas as esperanças de conseguir entrar em Tróia. Convocou por isso um conselho e propôs uma votação. O resultado da votação foi este: regressariam à Grécia.

- Mas esse conselho deve ter-se realizado no meio do Verão!

- É verdade, rei Príamo. Contudo, a frota não pôde partir porque os augúrios não eram auspiciosos. O sumo-sacerdote, Taltíbio, explicou-nos porquê. Era Palas Atena quem fazia soprar os ventos contrários. Ficara muito agastada conosco por causa do roubo do Paládio. E exigia uma compensação. Depois, foi Apolo quem declarou a sua ira. Queria um sacrifício humano. E o sacrificado seria eu! Apolo disse mesmo o meu nome! O sacerdote a quem tinha confiado a minha história já não se encontrava em Tróia: Ulisses tinha-o mandado numa missão a Lesbos. Por isso, quando contei a minha história, ninguém acreditou nela.

- O rei Ulisses não tinha esquecido de você....

- É verdade, rei Príamo. O rei Ulisses limitou-se a esperar pelo momento certo para desferir o seu golpe. Açoitaram-me e acorrentaram-me e deixaram-me aqui à mercê do seu povo. Bóreas começou a soprar: os navios gregos podiam finalmente partir. A raiva de Palas Atena e de Apolo fora aplacada.

Levantei-me, andei um pouco, voltei a sentar-me.

- Mas... e este cavalo de madeira, Sinão? Porque está ele aqui? Pertence a Palas Atena?

- Sim, rei Príamo. Palas Atena exigiu que o Paládio fosse substituído por este cavalo de madeira. Fomos nós mesmos que o construímos.

- Porque é que a deusa não exigiu muito simplesmente que devolvessem o Paládio? - perguntou Cápis, desconfiado.

Sinão pareceu surpreendido.

- Porque o Paládio fora maculado.

- Continue - ordenei-lhe.

- Taltíbio profetizou que, a partir do momento em que o cavalo de madeira entrasse na cidade de Tróia, esta resistiria a todos os ataques. Tróia não cairia nunca e recuperaria toda a sua antiga prosperidade. Ulisses sugeriu, por isso, que construíssemos um cavalo demasiado grande, um cavalo que não coubesse nas portas de Tróia. Dessa forma, disse ele, obedeceríamos a Palas Atena, mas faríamos com que a profecia nunca se cumprisse. O cavalo de madeira teria de permanecer na planície. - O pobre homem calou-se, gemeu, mexeu os ombros, tentou sentar-se mais confortavelmente. -Ai! Ai! Retalharam-me todo!

- Descanse, Sinão, que em breve trataremos das suas feridas - disse-lhe eu, procurando consolá-lo.

- Mas primeiro temos de ouvir a história toda.

- Sim, rei Príamo, eu compreendo. Mas não sei que possa fazer. Ulisses é muito esperto. O cavalo é demasiado grande.

- Veremos isso mais tarde - disse-lhe eu com um ar severo. - Termine a sua história.

- Já terminou, rei Príamo. Eles partiram e deixaram-me aqui.

- Partiram para a Grécia?

- É verdade, rei Príamo. Com este vento, chegam lá num instante.

- Explique-me uma coisa - disse Lacoonte, ainda muito céptico. - Porque é que puseram rodas no animal?

Sinão pestanejou, surpreso.

- Está vendo porquê - retorquiu. - Para o tirarmos do nosso acampamento!

Impossível duvidar do homem! O seu sofrimento era demasiado real, tal como aqueles vergões, tal como o seu extremo emagrecimento. E a história dele fazia todo o sentido.

Deífobo ergueu os olhos para a poderosa massa de madeira e suspirou.

- Que pena! Se ao menos pudéssemos levá-lo para dentro da -, Fez uma pausa. - Sinão - disse ele então -, que aconteceu ao Paládio? Foi... maculado?

- Depois de o terem levado para o nosso acampamento - Ulisses roubou-o...

- Era de esperar! - disse Deífobo, interrompendo o homem.

- A deusa foi colocada no seu altar - prosseguiu Sinão - e o exército reuniu-se para vê-la. Porém, quando os sacerdotes lhe fizeram as oferendas, por três vezes as chamas envolveram a deusa. Quando as chamas finalmente se esbateram, Palas Atena começou a transpirar sangue - gotas enormes de sangue ressumavam da sua pele de madeira e rolavam-lhe pelas faces e molhavam-lhe os braços e saíam-lhe dos olhos como se a pobre deusa estivesse chorando. O chão tremeu e, vinda do céu claro, uma bola de fogo caiu sobre as árvores para lá do Escamandro - com certeza que viram. Os homens, desvairados, desataram a dar punhadas no peito e a pedir perdão à deusa - o próprio rei supremo ajoelhou. Descobrimos depois que a deusa prometera um favor à sua irmã Afrodite - se o cavalo de madeira fosse levado para dentro de Tróia, a capital da Tróada conseguiria reunir todas as forças do mundo e conquistar a Grécia.

- Hah! - rosnou Cápis. - Tudo se encaixa demasiado bem na sua história! Esse Ulisses decide fazer um cavalo demasiado grande e depois se faz ao mar! Acreditam que os Gregos iam ter tanto trabalho para, logo a seguir, se fazerem ao mar? Porque haveriam eles de se preocupar com o tamanho do cavalo se, neste momento, estão a caminho de casa?

- Porque - disse Sinão, num tom de voz que indicava que estava perdendo a paciência -, na próxima Primavera, pretendem voltar!

- A menos que - disse eu, levantando-me - consigamos levar o cavalo para dentro de Tróia.

- Não conseguem - disse Sinão, encostando-se contra o resguardo do carro e fechando os olhos. - É muito grande.

- Conseguiremos, sim! - exclamei. - Capitão! Traga cordas, correntes, mulas, bois e escravos. A manhã ainda mal começou. Se começarmos agora, o cavalo entrará em Tróia ainda de dia.

- Não, não, não! - gritou Lacoonte, um profundo terror estampado no rosto.

- Por favor, rei Príamo! Deixe-me ao menos fazer as minhas súplicas a Apolo!

- Faça o que lhe aprouver, Lacoonte - disse-lhe eu, afastando-me.

- Entretanto, tratemos de cumprir a profecia.

- Não! - gritou o meu filho Cápis. Mas todos os outros atroaram, cheios de júbilo:

- Sim! Sim! Sim!

Passamos quase todo o dia naquela lida. Atamos cordas reforçadas com correntes à dianteira e aos lados da maciça plataforma de toros; depois, atrelamos mulas, bois e escravos; com uma lentidão quase infinita, o cavalo de madeira avançou pela estrada. Um trabalho penoso, frustrante, exasperante. Nenhum grego - homem nenhum! - esperaria de nós tamanha pertinácia, pois aquele era um trabalho para Hércules! A cada curva, o animal tinha de ser cuidadosamente guiado, para que não saísse da estrada de pedra; era essencial que as rodas não tocassem no terreno lamacento, pois poderiam afundar; não haveria no mundo rodas capazes de agüentar convenientemente aquela montanha de peso.

Ao meio-dia, tínhamos o cavalo diante da Porta Ceia, onde pudemos constatar que a cabeça tinha mais cinco cúbitos de altura do que a passagem arqueada que encimava a imensa porta de madeira.

- Timeta - disse eu para o meu filho, aquele que se mostrara mais entusiasmado com a misteriosa aparição -, diga aos soldados que tragam picaretas e martelos. Vamos deitar abaixo o arco.

Uma operação que pareceu durar uma eternidade! As pedras usadas por Poseidon, Construtor de Muralhas, não cediam facilmente aos golpes dos meros mortais; porém, a pouco e pouco, foram-se fracionando e caindo, até que, por sobre a Porta Ceia, havia já uma ampla abertura. Os animais e os homens que estavam atrelados à criatura puxaram então as correntes presas a cordas; a portentosa cabeça do cavalo voltou a avançar. Vendo os dentes do cavalo aproximando-se mais e mais da entrada de Tróia, sustive a respiração; então, gritei para avisar a todos, mas já era muito tarde. A cabeça não conseguia passar. Demolimos mais uma pequena porção do arco e tentamos de novo. Mas nem mesmo assim passou. Por quatro vezes, a cabeça do cavalo avançou até conseguir atravessar a Porta Ceia. Então, o gigantesco objeto rodou, gemendo, na direção da Praça Ceia. Hah, Ulisses! Os seus intentos haviam sido frustrados!

Para que não restassem dúvidas, decidi que o cavalo devia ser levado pela íngreme colina e conduzido para dentro da cidadela. Para executar tal operação, precisamos do dobro dos animais e demoramos o que me pareceu uma eternidade, ainda que o povo também ajudasse. A Porta da Cidadela não tinha qualquer arco a encimá-la; o cavalo coube corretamente.

Conduzimo-lo para o verdejante pátio consagrado a Zeus, onde para sempre ficaria. As lajes abriram fendas sob aquele peso imenso e as rodas afundaram no chão, no meio de fragmentos de pedras, mas o substituto do Paládio mantinha-se bem direito. Não havia na terra nenhuma força que pudesse movê-lo agora. Mostráramos a Palas Atena que éramos dignos do seu amor e respeito. Ali mesmo jurei publicamente que o cavalo seria mantido em perfeitas condições e que, na sua base, seria erigido um altar. Tróia estava a salvo. O rei Agamêmnon não regressaria na Primavera com um novo exército. E nós, depois de recuperarmos de dez anos de guerra, conduziríamos as forças do mundo para conquistarmos a Grécia. Mal terminei, ouvi o riso desvairado de Cassandra; correu para mim, o cabelo flutuando livre, os braços estendidos. Uivando, gemendo, guinchando, caiu no chão e agarrou-se aos meus joelhos.

- Pai, tire o cavalo da cidade! Leve-o para onde ele estava! Esta criatura é a morte de Tróia!

Lacoonte estava presente, acenando gravemente o seu acordo.

- Rei Príamo, os augúrios não são bons. Ofereci uma corça e três pombas a Apolo, mas ele rejeitou a todas. Esta coisa atrai a ruína para nossa cidade.

- Eu assisti à cerimônia. O que o meu pai diz é verdade - disse o mais velho dos dois filhos de Lacoonte, lívido e tremulo.

Temita logo avançou para me defender; eu já não suportava mais aquelas discussões e o medo começava a conquistar as vozes à minha volta.

- Venha comigo, rei Príamo - suplicou Lacoonte. - Venha comigo ao altar e veja com os seus próprios olhos! O cavalo está amaldiçoado! Destrua-o, queime-o, livre-se dele!

Com os dois filhos à sua frente, Lacoonte correu para o altar de Zeus. As minhas velhas pernas não me permitiam correr tanto como ele. De súbito, ao chegar ao estrado de mármore, deu um grito horrendo. Tal como os seus filhos. Quando um dos guardas o alcançou, Lacoonte estava caído, um corpo com forças apenas para gemer, as mãos procurando agarrar os filhos, que se contorciam em horrendas convulsões. Então, o guarda recuou num ápice e virou para nós um rosto horrorizado.

- Rei Príamo, não se aproxime! - exclamou. - É um ninho de víboras! Eles foram mordidos!

Ergui as mãos para o imenso firmamento que o Sol, ao despedir-se, tingia de carmim.

- Ó Pai dos Céus, tu nos enviaste um sinal! Abateste Lacoonte diante dos nossos olhos porque ele se opôs à oferenda da tua filha ao povo da minha cidade! O cavalo é bom! O cavalo é sagrado! O cavalo manterá os Gregos longe das nossas portas!

Tinham chegado ao fim aqueles dez anos de guerra contra um inimigo poderoso. Tínhamos sobrevivido e continuávamos a ser senhores do nosso próprio destino. O Helesponto e o Euxino voltavam a ser nossos. A cidadela teria de novo pregos de ouro. E nós voltaríamos a sorrir.

Conduzi os membros da corte ao meu palácio e ordenei que comessem os festejos; aplacados os derradeiros receios, os nossos corações abriram-se à euforia como se fôssemos escravos a quem o seu amo e senhor acabara de conceder a liberdade. Gargalhadas, canções, tambores, címbalos, clarins, trombetas - o alegre tumulto do povo chegava aos ouvidos da cidadela e a cidadela respondia ao povo com idêntico tumulto. Tróia estava livre! Dez anos, dez anos, dez anos! Tróia vencera! Tróia obrigara Agamêmnon a desaparecer das suas praias - para sempre!

No entanto, para mim, o melhor de tudo foi ver a cara de Enéias! O dardaniano não fora ver o cavalo, não saíra sequer do palácio enquanto nós andávamos naquela luta insana. Contudo, lhe seria difícil evitar a festa... Um triste espetáculo, o de Enéias: os dentes cerrados, o sobrolho muito franzido, os olhos sem brilho... Eu vencera, ele perdera. O sangue de Príamo permanecia vivo. Tróia seria governada pelos meus descendentes e não por Enéias.

Capítulo Trigésimo Terceiro

Narrado por Neoptolemo.

Fecharam-nos a porta do alçapão bastante antes do alvorecer, e nós, que conhecíamos a escuridão de tantas e tantas noites, só então descobrimos o que era realmente a escuridão. Eu abria muito os olhos, abria-os até não poder mais, procurando ver, procurando enxergar qualquer coisa, mas não havia nada para ver, nada para enxergar. Nada. Estava completamente cego e o mundo era um negrume tangível e insuportável. Um dia e uma noite dentro disto..., disse eu para mim mesmo. Quer dizer, se a sorte estivesse do nosso lado... Pelo menos um dia e uma noite, agachados no interior daquela prisão, sem uma réstia de luz para nos guiar - não tínhamos o sol para percebermos a passagem do tempo, cada instante era uma eternidade, os ouvidos estavam tão atentos, tão concentrados, que a mera respiração dos homens soava como uma trovoadas distante.

O meu braço roçou no de Ulisses; o meu corpo todo estremeceu, mais forte do que a mente que o governa. As minhas narinas contraíam-se, e com razão, pois era muito intenso o fedor de suor, de urina, de fezes, apesar dos baldes de couro cobertos que Ulisses distribuía a cada trio de homens. Compreendia agora por que razão Ulisses se mostrara tão inflexível quanto a esse pormenor que a muitos parecia irrelevante. Se não fossem os baldes, seria impossível não ficarmos sujos de excrementos. Cem homens de súbito atacados de cegueira - como era possível que alguns homens conseguissem sobreviver a toda a uma vida de cegueira?

Nunca mais voltarei a ver, pensei eu a certa altura. Os meus olhos se adaptarão à luz? O choque que sofrerão quando de novo virem a luz não os condenará a uma escuridão permanente? Sentia a minha pele retesada, sentia o terror devorando tudo à minha volta, consumindo o ânimo de cem dos mais corajosos homens vivos, agora encarcerados, agora vencidos por um pavor de morte. A minha língua aferrava-se ao céu da boca; procurei o odre para beber um pouco de água, não porque tivesse sede, mas apenas porque era preciso não estar parado, porque era preciso fazer qualquer coisa.

Claro que tínhamos ar: abençoado ar, engenhosamente filtrado através de um labirinto de minúsculos orifícios que percorriam todo o corpo do cavalo. No entanto, Ulisses avisara-nos de que não veríamos a luz através desses orifícios enquanto fosse dia, porque o labirinto fora protegido por várias camadas de panos. Por fim, fechei os olhos. Doíam-me tanto, por causa do muito esforço que fizera para tentar descortinar o que quer que fosse, que, ao fechá-los, me senti profundamente aliviado. Assim, descobri, era mais fácil suportar a escuridão.

Ulisses e eu estávamos sentados costas contra costas, como todos os outros. Naquela prisão, os nossos próprios corpos eram os únicos descansos para as costas uns dos outros. Procurando descontraí-me, repousei contra as costas dele e tratei de me lembrar de todas as moças que havia conhecido. Fiz um catálogo meticuloso - a mais bela e a mais feia - a mais alta e a mais baixa - a primeira e a última com quem tinha ido para a cama - uma que desatara num risinho nervoso por causa da minha pouca experiência e outra que quase nem tinha forças para revirar os olhos depois de uma noite nos meus braços. Concluído o capítulo das moças, dei início a um outro, o de todos os animais que tinha caçado, o de todas as caçadas em que havia participado - leões, javalis, veados. Expedições marítimas, em busca de golfinhos e serpentes enormes e muitos outros monstros das profundezas aquáticas, ainda que não tivéssemos apanhado mais do que uns quantos atuns e percas-do-mar. Revivi os meus dias de treino para a guerra com os jovens mirmidões. As pequenas guerras que travei na companhia deles. Os momentos em que conheci grandes homens, e quem eles eram. Conte os navios e os reis que haviam partido para Tróia. Recapitulei os nomes de todas as cidades e aldeias da Tessália. Cantei mentalmente as baladas dos heróis. E assim foi o tempo passando - a passo de caracol.

O silêncio tornou-se mais intenso, mais profundo. Devo ter dormido, pois acordei com um estremecimento, logo descobrindo que, nesse mesmo instante, Ulisses me tapara a boca. Descansei a cabeça no seu colo, os olhos quase saindo das órbitas, tal era o meu pânico, até que me lembrei da razão por que não conseguia ver nada. Eu tinha acordado devido a um repentino movimento da imponente construção; ao recuperar a calma, me dei conta de um novo movimento - um suave solavanco. Soergui-me, procurei as mãos de Ulisses e apertei-as com toda a minha força. Ele baixou a cabeça, encostando o cabelo à minha face. Encontrei a orelha dele e segredei-lhe: - Já começaram a puxá-lo? Senti o sorriso dele contra o meu rosto.

- Claro. Nunca duvidei que eles levassem o cavalo para Tróia. Como eu previa, acreditaram piamente na história de Sinão - sussurrou ele.

A súbita atividade acabou com a sufocante inércia do nosso cárcere; por um longo tempo, sentimo-nos mais animados, mais alegres, enquanto o cavalo avançava ao sabor de guinadas e solavancos; pusemo-nos a calcular a velocidade a que iríamos, estimando quanto tempo demoraríamos para chegar às muralhas, a debater o que faria Príamo quando confirmasse que o cavalo era demasiado grande. E, ao longo desse tempo, rejubilamos com o fato de podermos falar uns com os outros, numa voz baixa mas não sumida, pois sabíamos que os ruídos produzidos pela nossa construção não deixariam que as nossas conversas chegassem aos ouvidos troianos. Ouvíamos o cavalo avançando, mas não conseguíamos ouvir nem os homens, nem os bois. Apenas as rodas rodando, atroando, guinchando.

Não foi difícil percebermos o momento em que o nosso transporte chegou à Porta Ceia. O cavalo parou, todo o movimento cessou. Não sei quanto tempo estivemos ali parados - eu tive a sensação de que foram vários dias, mas por certo estava errado. Em silêncio, desatamos a rezar a todos os deuses que conhecíamos, pedindo-lhes que convencessem os Troianos a não desistirem; e que os convencessem a destruir o arco que encimava a porta, tal e qual como Ulisses previra. Até que, por fim, o cavalo voltou a mover-se. Um solavanco estridente que nos lançou por terra: com os rostos colados ao chão, deixamo-nos ficar quietos, parados, calados.

- Idiotas! - rosnou Ulisses. - Fizeram mal os cálculos. Após quatro solavancos idênticos, o cavalo avançou de novo, rodando normalmente. Quando viu o chão começando a inclinar-se, Ulisses não conseguiu impedir um risinho de puro gozo.

- Estamos subindo a colina que conduz à cidadela - disse-me ele. - Imagine só! Conduzem-nos ao palácio!

Então, uma vez mais, um pesado silêncio caiu sobre tudo. Depois de a construção ter parado com um portentoso gemido, víamo-nos de novo entregues aos nossos próprios pensamentos. O gigantesco cavalo demorou algum tempo a firmar-se no seu novo terreno, como se fosse um animal monstruoso descansando na lama; perguntei-me em que lugar estaríamos realmente. Pelos orifícios, chegava-nos um perfume de flores. Tentei avaliar quanto tempo demorara o cavalo para chegar ali, mas não consegui. Sem vermos o Sol, ou a Lua, ou as estrelas, como poderíamos estimar a passagem do tempo? Decidi encostarme de novo às costas de Ulisses e envolver os joelhos com os braços. Estávamos mesmo ao pé da porta do alçapão, ao passo que Diomedes ficara no extremo oposto, a fim de manter a ordem (tínhamos instruções para matar todo e qualquer homem que cedesse ao pânico). Ainda bem que ficara com Ulisses. Ulisses era tão firme como uma rocha; o fato de o ter a meu lado era o bastante para aplacar todos os meus receios.

Quando me pus a pensar no meu pai, o tempo voou. Não queria pensar nele, pois temia a dor que o meu coração prenunciava; contudo, o anticlímax da nossa última espera desprende-me inexoravelmente o pensamento. E não senti qualquer dor, pois, quando abri as janelas da minha mente para que ele entrasse, senti-o fisicamente comigo. Eu era de novo um menino e ele um gigante erguendo-se muito acima da minha cabeça, um deus e um herói aos olhos de uma criança. Tão belo... Tão estranho, com aquela boca sem lábios... Tenho ainda nos meus lábios aquela cicatriz... Certo dia, tentara cortar os meus lábios, pois pensava que, assim, ficaria mais parecido com ele; o avô Peleu surpreendera-me em flagrante delito e, por castigo, aplicou-me uns valentes açoites. Você não pode ser outra pessoa, disse-me ele. Você é você mesmo e mais ninguém. Com ou sem lábios. Ah, e o que eu rezei para que a guerra contra Tróia durasse o suficiente, para que eu pudesse juntar-me a ele! Quando fiz catorze anos e me tornei um homem, supliquei aos meus avós, Peleu e Licomedes, que me deixassem partir para Tróia. Ambos recusaram.

Até àquele dia em que o avô Peleu entrou nos meus aposentos, com o rosto abatido de um homem moribundo, e me disse que podia partir. Não me disse mais nada. Apenas que podia partir. Não me falou da mensagem que Ulisses lhe enviara - aquela que dizia que Aquiles tinha os dias contados.

Enquanto viver, não esquecerei nunca a balada que o bardo cantou diante de Agamêmnon e dos outros reis. Sem que dessem por mim, entrei e fiquei à porta; bebi sequioso todas as palavras do bardo, deleitando-me com os feitos de meu pai. Até que o bardo falou da sua morte, da minha avó e da escolha que ela lhe oferecera, uma escolha que, para ele, não o era: viver uma longa e próspera vida na mais total obscuridade, ou morrer jovem e coberto de glória. O meu pai escolhera a morte. Mas a morte era um fim que eu nunca conseguira associar ao meu pai. Para mim, Aquiles estava acima do mortal destino dos homens; nenhuma mão humana poderia abatê-lo. No entanto, Aquiles era um homem mortal; Aquiles morrera. Morrera antes que eu pudesse vê-lo, antes que eu pudesse beijar a sua boca sem precisar que ele pegasse em mim, sem precisar de me pôr em ponta de pés enquanto ele se baixava. Diziam-me os soldados que, agora, eu tinha praticamente a mesma estatura que ele.

Ulisses adivinhara as minhas inquietações e contara-me tudo o que sabia ou suspeitava. Contara-me o plano que havia urdido, não poupando ninguém - e muito menos ele mesmo; explicara-me as razões da desavença entre o meu pai e Agamêmnon e da retirada do exército da Tessália. Perguntei-me se teria suportado aquilo que o meu pai suportou: ver a sua reputação para sempre maculada. Talvez eu não tivesse tanta força como ele, tanta determinação, em circunstâncias tão terríveis. Com o coração dilacerado, jurei a Ulisses que não revelaria a ninguém aquele segredo; uma voz dentro de mim dizia-me que o meu pai queria que as coisas ficassem como estavam. Ulisses pensava que era uma expiação para um grande pecado que o meu pai pensava ter cometido.

Porém, nem mesmo naquela escuridão eu conseguia chorar pelo meu pai. Os meus olhos estavam secos. Páris, o assassino de Aquiles, estava morto. Teria de matar Príamo. Talvez então conseguisse chorar.

Cochilei de novo. O som do alçapão abrindo-se me acordou. Ulisses movia-se como um relâmpago, mas tinha de ser ainda mais rápido. Uma luz desmaiada, estonteante, coava-se pelo buraco no chão do cavalo, fazendo brilhar alguns pares de pernas muito juntas. Ouviram-se sons de um tumulto sumido; então, um dos pares de pernas tombou. Senti um corpo caindo por terra; depois, um ruído surdo. Dentro do cavalo, houvera alguém que não conseguira suportar aquela prisão um momento mais que fosse; quando Sinão, que estava lá fora, puxara a alavanca que abria o alçapão, ninguém dera ordens para avançarmos, mas um dos homens estava já pronto para sair.

Ulisses olhou para baixo e logo desenrolou a escada de corda. Avancei para ele. As nossas armaduras estavam guardadas na cabeça do cavalo e tínhamos uma ordem de saída rigorosa; enquanto fazíamos fila para descer do cavalo, a primeira coisa em que as mãos dos homens tocavam era a sua própria armadura.

- Eu sei quem caiu - disse-me Ulisses. - Levarei por isso a minha armadura e esperarei até que chegue a sua vez; depois, levarei a dele. Caso contrário, os homens que deveriam sair depois dele não receberão a armadura certa.

Fui eu o primeiro a pisar terra firme. Não tão firme como isso, afinal: um tapete de flores outonais, cujo perfume deixaria qualquer um estonteado.

Depois de todos terem descido, Ulisses e Diomedes trataram de saudar Sinão com abraços e beijos. O astuto Sinão, que era primo de Ulisses. Como não o vira antes de termos entrado no cavalo, fiquei espantado com a sua presença ali. Não admirava que os Troianos tivessem acreditado na história que ele lhes impingira! Estava imundo, cheio de sangue, tinha um ar miserável, enfermo. Nem o mais rebelde dos escravos seria tratado de forma tão abominável! Ulisses diria mais tarde que Sinão, por sua livre vontade, passara fome durante duas luas, a fim de ficar com um ar verdadeiramente doente.

Sinão tinha um sorriso de orelha a orelha; aproximei-me deles quando ele começou a falar.

- Príamo acreditou em tudo, primo! E os deuses estavam do nosso lado - Zeus mandou um agouro terrível! Lacoonte e os seus dois filhos morreram ao pisarem um ninho de víboras! Não poderia ter corrido melhor.

- Deixaram a Porta Ceia aberta? - perguntou Ulisses.

- Claro. Toda a cidade está dormindo, ou melhor, curando a bebedeira - o que eles celebraram! Logo que as festividades no palácio começaram, nunca mais se lembraram da pobre vítima do acampamento grego. Por isso, não tive qualquer dificuldade em chegar ao promontório de Sigeu, onde acendi uma fogueira para avisar Agamêmnon. À minha fogueira, respondeu imediatamente a do rei supremo, nas encostas de Ténedo - neste momento, Agamêmnon deve estar chegando à praia de Sigeu.

Ulisses abraçou-o de novo.

- Fez um trabalho magnífico, Sinão. Será recompensado!

- Eu sei. - Fez uma pausa, pôs um ar inchado de satisfação. - Sabe, primo, creio que teria feito o que fiz mesmo que não houvesse recompensa nenhuma.

Ulisses mandou cinquenta homens para a Porta Ceia: era preciso impedir os Troianos de fecharem a porta antes que Agamêmnon entrasse; os restantes ficaram onde estavam, armados e prontos para a ação, vendo os tons rosa e dourado do alvorecer erguendo-se lentamente por sobre a alta muralha que rodeava o pátio principal, aspirando profundamente o ar da manhã, saboreando o perfume das flores sob os nossos pés.

- Quem caiu do cavalo? - perguntei a Ulisses.

- Equíon, o filho de Porteu - informou-me ele, sem mais, claramente concentrado em outro problema. Não parava quieto, pigarreava ansioso. Ulisses, ansioso? Nem parecia dele! - Agamêmnon, Agamêmnon, onde você está? - perguntou ele em voz alta. - Já devia aqui!

Nesse exato momento, o som de uma única trombeta espalhou-se pela quietude do alvorecer. Agamêmnon chegara à Porta Ceia. Podíamos finalmente avançar.

Dividimo-nos. Ulisses, Diomedes, Menelau, Automedonte e eu, comandando mais uns quantos, avançamos tão suavemente quanto nos era possível na direção da colunata; depois, viramos para um alto e amplo corredor que conduzia à área do complexo de palácios que pertencia a Príamo. Aí, Ulisses, Menelau e Diomedes deixaram-me, seguindo por uma passagem que levava aos aposentos que albergavam Helena e Deífobo.

Um grito imenso, solitário, desvairado, rasgou o profundo silêncio em que a cidade se encontrava mergulhada e abateu-se sobre a cabeça de Tróia como uma águia caindo sobre a sua presa. De súbito, os corredores do palácio encheram-se de gente, homens ainda nus, acabados de sair das camas, empunhando espadas, aturdidos devido ao vinho que tinham bebido. O que nos permitia levar a cabo a nossa missão com uma calma extrema; era fácil aparar aquelas investidas tontas e abatê-los logo em seguida. Mulheres uivavam e guinchavam, o mármore debaixo dos nossos pés depressa ficou escorregadio por causa do sangue - não, os Troianos não tinham escapatória possível. Poucos eram aqueles que se davam conta do que estava acontecendo. Alguns, no entanto, estavam despertos o suficiente para me confundirem com o meu pai, tanto mais que eu envergara a armadura dele; desatavam a fugir, gritando a plenos pulmões que Aquiles voltara do mundo dos mortos e comandava aquele exército de sombras.

A ânsia de matar era o que me movia: não poupava ninguém. Com o aparecimento dos guardas, a resistência começou a ganhar alguma firmeza; finalmente, tínhamos de enfrentar alguns bons combatentes, ainda que o estilo do combate não fosse o de um campo de batalha. As mulheres contribuíam para o pânico e a confusão, dificultando as manobras dos homens da cidadela. Na minha esteira, vinham alguns dos homens que haviam entrado em Tróia graças ao cavalo; ansiando pelo fim de Príamo, deixei-os chacinar a seu bel-prazer. Só Príamo me interessava: só Príamo poderia pagar a morte de Aquiles.

Mas eles adoravam aquele rei velho tonto. Aqueles que haviam acordado com as idéias mais ou menos assentes, tinham envergado uma armadura e corrido por atalhos através daquele labirinto, decididos a protegê-lo. Uma muralha de homens armados barrava o meu caminho, as lanças apontadas, as suas expressões dizendo-me que estavam dispostos a morrer a serviço de Príamo. Automedonte e alguns outros se juntaram a mim; permaneci quieto por um momento, estudando a situação. Com as pontas das lanças apontadas para o meu peito, esperavam que eu me movesse. Afastei um nada o meu escudo e olhei por cima do ombro.

- Vamos a eles! Saltei em frente tão rapidamente que o homem que estava diante de mim, instintivamente, se afastou para o lado, desse modo perturbando todos os outros.

Usando o escudo como uma muralha, choquei estrondosamente contra eles. Os soldados de Príamo não poderiam resistir a tremendo peso; ao cair em cima deles, a linha desfez-se, as lanças caíram ao chão, inúteis. Ergui-me, fazendo rodopiar o machado; um homem perdeu um braço, outro metade do peito, um terceiro o cocuruto da cabeça. Aquilo era como abater árvores novas. Em combates corpo a corpo, a minha estatura e o poder do meu braço deixavam-me sem rival. O meu machado não parava de ceifar inimigos.

Coberto de sangue da cabeça aos pés, passei por cima dos cadáveres e sai numa colunata que rodeava um pequeno pátio. No centro desse pátio, havia um altar erguido sobre um estrado com degraus; um frondoso loureiro protegia do sol a mesa do altar.

Príamo, o rei de Tróia, estava encolhido no degrau superior, a barba e o cabelo brancos brilhando como prata sob a luz que se coava através dos ramos do loureiro, o corpo esquelético envolto na túnica de linho com que se deitara.

- Pegue uma espada e morra, Príamo! - gritei-lhe, baixando o machado.

Príamo não olhava para mim; aqueles olhos remelosos, molhados de lágrimas, como que fitavam o vazio; não me via, não me ouvia, estava longe, muito longe de mim. O ar estava saturado de ruídos de morte e sangue e a fumaça espalhava-se como uma bruma, baixando as lonjuras do céu. À sua volta, Tróia morria - e Príamo encolhia-se nos degraus do altar de Apolo, a um passo da loucura. Creio que não chegou nunca a compreender que tínhamos entrado em Tróia graças ao cavalo - o deus poupou-o disso. Tudo o que Príamo entendia era que já não havia razão nenhuma para que continuasse vivendo.

Uma mulher muito velha estava agachada a seu lado, febrilmente agarrada ao braço dele, a boca aberta numa constante sucessão de uivos. Digo bem: uivos. Os gritos dela assemelhavam-se mais aos uivos dos lobos do que a qualquer grito humano. Uma jovem com uma longuíssima cabeleira negra estava de costas para mim, junto à mesa do altar, as mãos sobre a laje, a cabeça inclinada para trás em oração.

Mais homens surgiram para defender Príamo; enfrentei com desdém aquela investida. Alguns exibiam as insígnias dos filhos de Príamo - um fato que me acicatou ainda mais. Matei-os todos até que só um restava, não mais do que um garoto - seria Ílio? Que me importava quem ele era? Quando tentou me atacar com a sua espada, arranquei-a facilmente; depois, peguei nele pelas longas tranças com a mão esquerda, abandonando o escudo. O rapaz debateu-se, cansou de esmurrar as minhas grevas, mas eu arrastei-o até os degraus do altar. Príamo e Hécuba agarraram-se ainda mais um ao outro; a jovem não se virou para ver.

- Aqui está o teu último filho, Príamo! Vai assistir à sua morte! Finquei o calcanhar no peito do jovem, com tanta força que o pobre se viu obrigado a erguer os ombros do chão, para logo morrer com a cabeça esmagada pela pá do machado. De súbito, pela primeira vez, Príamo pareceu se dar conta que eu estava ali. Levantou-se de um salto. Com os olhos fixos no cadáver do seu último filho, procurou uma lança que estava encostada em um dos lados do altar. Hécuba tentou detê-lo, uivando como uma loba.

Mas o pobre velho mal conseguia andar. Tropeçou e caiu aos meus pés com a cara enterrada nos braços, oferecendo o pescoço à lâmina do machado. A velha agarrara-se às coxas dele; a jovem virara-se finalmente, mas não era para mim que olhava, era para o rei, uma profunda compaixão estampada no rosto. Ergui o machado. Avaliei bem o golpe: era fundamental que não houvesse o mínimo erro. A lâmina dupla abateu-se tão leve como uma fita tremulando ao sabor do vento e eu senti dentro de mim, naquele instante sublime, o sacerdote que vive nos corações de todos os homens nascidos para reinarem. O machado do meu pai cumpriu a sua parte brilhantemente. O pescoço de Príamo rasgou-se sob a cabeleira cor de prata, a lâmina cravou-se na pedra do chão, a cabeça saltou bem alto. Tróia estava morta. O seu rei morrera como os reis costumavam morrer nos tempos da Velha Religião: decapitados pelo sagrado machado. Quando me virei para ver o que se passava à minha volta, só encontrei gregos.

- Procure um quarto que possa trancar bem trancado - disse eu a Automedonte. - Depois, volte aqui e leva as duas mulheres para esse quarto.

Subi os degraus do altar.

- O teu rei está morto - disse eu para a jovem - uma mulher extremamente bela. - É minha cativa. Quem é você?

- Andrômaca da Cilícia, a viúva de Heitor - disse ela, num tom de voz firme.

- Nesse caso, cuida da tua sogra enquanto puder. Em breve serão separadas.

- Deixe-me ir ter com o meu filho - disse ela, sem qualquer agitação, perfeitamente controlada.

Abanei a cabeça.

- Não, Andrômaca, isso não é possível.

- Por favor! - exclamou, com uma expressão tão firme e controlada como antes.

Os últimos resquícios de fúria evaporaram-se; senti por ela uma imensa compaixão. Agamêmnon nunca permitiria que o rapaz vivesse. As suas ordens eram claras: toda a Casa de Príamo teria de perecer. Antes que eu me visse obrigado a responder-lhe que não uma segunda vez, Automedonte regressou ao pátio de Apolo. As duas mulheres, a mais velha uivando ainda e sempre, a outra implorando serenamente que a deixassem ver o filho, foram levadas dali para fora.

Depois disso, abandonei o pátio e tratei de explorar o labirinto de corredores, abrindo cada uma das muitas portas e espreitando para ver se haveria mais troianos que as minhas armas pudessem abater. Mas não encontrei ninguém. Até que cheguei a um outro pátio e abri mais uma porta.

Deitado numa cama, dormindo profundamente, estava um homem dotado de uma constituição física poderosa. Um homem bem-apessoado, moreno o suficiente para passar por um filho de Príamo; no entanto, tirando a cor da pele, não havia nele mais nada que fizesse pensar na prole da Casa Real de Tróia. Entrei no quarto sem produzir um único ruído e coloquei-me próximo a ele, com o machado roçando-lhe o pescoço. Nem assim acordou. Então, abanei-o violentamente pelo ombro esquerdo. Os efeitos da bebedeira da noite anterior ainda se faziam sentir - e de que maneira! O homem resmungou qualquer coisa, as suas pálpebras tremeram um nada. Continuaria a dormir se, de repente, os seus olhos não tivessem entrevisto uma inesperada criatura envergando a armadura de Aquiles. Despertou num ápice e só a lâmina do machado o impediu de correr para a sua espada. Lançou-me um olhar feroz.

- Quem é você? - perguntei, com um sorriso.

- Enéias da Dardânia.

- Sim senhor! Enéias da Dardânia! É meu prisioneiro, Enéias. Eu sou Neoptolemo.

Um clarão de esperança iluminou-lhe os olhos.

- O quê? Quer dizer que não vão me matar?

- Porque haveria eu de querer matá-lo? É meu prisioneiro - e eu não mato os meus prisioneiros. Se os Dardanianos nutrirem ainda alguma estima por você e estiverem, por isso, dispostos a pagar o exorbitante resgate que tenciono exigir, poderá ser de novo um homem livre. Será um prêmio para quem, por vezes, se mostrou... enfim... tão simpático para com o inimigo no campo de batalha.

Uma explosão de alegria inundou-lhe o rosto.

- Nesse caso... nesse caso serei rei de Tróia! Desatei a rir.

- Quando o teu resgate for pago, Tróia já não existirá... Vamos arrasar a cidade e vender os seus habitantes como escravos. Na planície de Tróia, haverá apenas sombras... Creio que, no seu caso, a decisão mais sensata seria emigrar. Desvie o machado. - Levante-se. Virá comigo, nu e acorrentado.

Enéias protestou, mas fez exatamente o que lhe mandei. Portou-se como um cordeirinho. Um soldado mirmidão trouxe-me o meu carro por entre a fumarada imensa que se espalhava pelas ruas e as chamas que consumiam as casas. Libertei as duas mulheres da sua prisão e amarrei-lhes os braços com cordas. Por sua própria iniciativa, Enéias estendeu as mãos para que o prendesse. Com os meus três cativos convenientemente amarrados, ordenei a Automedonte que conduzisse o meu carro para fora da cidadela, na direção da Praça Ceia. O saque da cidade consumava-se agora - não era um trabalho digno para o filho de Aquiles. Alguém enganchara o cadáver decapitado de Príamo à traseira do carro, tal como sucedera com o cadáver de Heitor; aquele resto, não mais do que um boneco ensangüentado, deslizava pelas pedras, por entre os pés dos meus três cativos vivos. A cabeça de Príamo estava espetada na Velha Pélion, a cabeleira e a barba prateadas empapadas em sangue, os olhos escuros esbugalhados, petrificados na dor e na ruína, mirando cegos as casas que as chamas devoravam e os corpos mutilados que juncavam as ruas. Crianças pequenas choravam em vão pelas suas mães, mulheres corriam como loucas à procura dos seus bebês ou fugiam de soldados que só ficariam satisfeitos depois de as violarem e matarem.

Impossível conter a fúria irracional do exército. Naquele dia de triunfo, os homens vingavam-se de todo o sofrimento por que haviam passado ao longo de dez anos de exílio, dez longos anos de saudades da pátria e dos seus, de muitos camaradas mortos e de muitas esposas infiéis, de ódio por todas as pessoas e coisas troianas; como animais selvagens, lançavam-se sobre as suas presas no meio daquelas ruas que a fumaça amortalhava. De Agamêmnon, nem sinal. É possível que alguma da minha pressa em deixar a cidade resultasse da relutância que sentia em encontrar-me com ele naquele dia de total devastação. É que aquela vitória era dele - não minha.

Não muito longe da cidadela, Ulisses emergiu de uma rua secundária, saudando-me calorosamente.

- Já de partida, Neoptolemo? Concordei sem a menor alegria.

- Sim, e tão depressa quanto puder. Agora que a minha fúria se foi, creio que o meu estômago não aguenta tanto sangue e devastação.

Apontou para a cabeça.

- Estou vendo que encontrou Príamo.

- Sim.

- E os outros, quem são? - Inspecionou os meus prisioneiros, presenteando Enéias com uma vênha muito exagerada. - Não esperava encontrá-lo vivo! Estava certo e seguro de que ia ter muitos problemas com o príncipe Enéias.

Não resisti a mirar com escárnio o dardanio.

- Dormia que nem um bebê, enquanto Tróia caía! Encontrei-o a ressonar na cama, tão nu como veio ao mundo!

Ulisses desatou a rir; Enéias ergueu-se furioso, os músculos dos braços retesando-se num combate insano contra as cordas que os prendiam. De súbito, dei-me conta de que dera a Enéias o mais mortificante dos destinos. O antigo pretendente ao trono de Tróia era demasiado orgulhoso para suportar o escárnio. No instante em que o acordara, não conseguira pensar em outra coisa senão no trono de Tróia. Agora, começava a entender o que significaria o seu cativo - os insultos, a chacota, a hilaridade, a história, vezes sem conta contada, de como fora encontrado dormindo, e ainda bêbado que nem um cacho, enquanto todos os outros combatiam.

Desamarrei as cordas que prendiam a velha Hécuba e obriguei-a a avançar. A loba continuava a uivar. Depois, estendi a Ulisses a ponta da corda.

- Uma prenda especial para você, Ulisses. Leva-a contigo e oferece-a a Penélope: dará uma boa criada. Além disso, uma cativa que foi rainha contribuirá, e não pouco, para o prestígio da tua rochosa ilha.

Ulisses pestanejou, sinceramente surpreendido.

- Para quê, Neoptolemo? Deixe, não é preciso...
- Eu quero que ela seja tua serva, Ulisses. Se eu tentasse levá-la comigo, Agamêmnon se oporia e acabaria por ficar com ela. Mas a você, não ousará disputar Hécuba... Não faz sentido que seja só a casa de Atreu a exibir régios cativos.

- E a jovem? Sabe quem ela é, não sabe?
- Sei. Mas Andrômaca não me escapará. - Curvei-me para lhe segredar ao ouvido: - Ela queria ir ter com o filho, mas isso era impossível... Que aconteceu ao filho de Heitor?

Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Fitou-me com uma expressão soturna.
- Astianacte está morto. Não podíamos permitir-lhe que vivesse. Fui eu próprio que o encontrei. Atirei-o da torre da cidadela. Filhos, netos, bisnetos - todos tinham de morrer.

Mudei de assunto.
- Encontraram Helena? A soturnidade logo se esbateu com uma imensa gargalhada.
- Claro que encontramos!
- Como morreu ela?

- Helena, morta? Helena? Ela nasceu para chegar a velhice e morrer serenamente na cama, rodeada por filhos, netos e criados lavados em lágrimas! Consegue imaginar Menelau cravando o seu punhal no coração de Helena? Ou permitindo a Agamêmnon que ordene a execução de Helena? Por todos os deuses, Menelau tem mais amor àquela criatura do que todo o amor que poderia ter por si mesmo!

As gargalhadas esbateram-se, mas, de quando em quando, ainda vinha um risinho.
- Nós a encontramos nos seus aposentos, rodeada por vários guardas. Deífobo estava pronto para matar o primeiro grego que visse. Mas Menelau mais parecia um touro enraivecido! Enfrentou sozinho os troianos e saiu-se muito bem! Eu e Diomedes não passamos de meros espectadores... Quando acabou com os guardas, desafiou Deífobo para um duelo. Helena estava a um canto, com a cabeça para trás, os seios muito espetados, os olhos tão brilhantes como sóis verdes. Tão bela como Afrodite! Nunca haverá no mundo uma mulher capaz de lhe fazer sombra, Neoptolemo! Menelau estava pronto para o duelo, mas a verdade é que não houve duelo nenhum... Helena foi mais rápida do que ele: pegou um punhal e cravou-o nas costas de Deífobo, entre as omoplatas. Depois, caiu de joelhos. Com o peito bem espetado.

- "Mate-me, Menelau! Mate-me!" - exclamou. "Eu não mereço viver! Mate-me já!"
- Claro que ele não a matou. Aqueles seios foram mais fortes do que toda a sua raiva. Abandonaram juntos o quarto, sem sequer olharem para nós!

Acabei também por rir.
- Que estranha ironia! Pensar que vocês combateram um grupo de nações durante dez anos, decididos a que Helena morresse, para agora a verem partir para Amiclas, tão livre como antes - e de novo rainha ... !

- Bom, a morte não costuma vir quando a esperamos, não é? - disse Ulisses. Os ombros dele vacilaram e, pela primeira vez, me dei conta que Ulisses era um homem com quase quarenta anos, que ele sentia amargamente a sua idade e o seu exílio, que, apesar de todo o seu apetite pela intriga, tudo o que ele queria era voltar para casa. Saudou-me e logo se afastou, levando atrás de si aquela loba velha que continuava a uivar. Acenei para Automedonte e seguimos na direção da Porta Ceia.

Os cavalos avançaram lentamente pela estrada que conduzia à praia. Enéias e Andrômaca vinham a pé, atrás de nós, o cadáver de Príamo entre os dois, saltando ao sabor dos acidentes da estrada. No interior do acampamento, contornei a base dos Mirmidões, rumo ao Escamandro, que passamos a pé. Por fim, tomei o caminho que levava aos túmulos.

Quando os cavalos não puderam avançar mais, desprendi o cadáver de Príamo da barra a que viera amarrado, peguei nele pela túnica que o cobria e assim o arrastei até ao túmulo do meu pai. Deixei aquela massa mole e sem vida na pose de um suplicante, ajoelhada, e enterrei a base da Velha Pélion no chão, empilhando depois pedras à sua volta, como se fosse um pequeno monumento funerário. Concluído esse trabalho, virei-me para ver Tróia lá em baixo, na planície, as casas jorrando chamas para o céu sombrio, a porta escancarada como a boca de um cadáver depois da sua sombra ter se refugiado nas obscuras vastidões subterrâneas. E então, por fim, chorei por Aquiles.

Tentei imaginá-lo quando estivera em Tróia, mas correria demasiado sangue; uma bruma de morte pairava sobre a terra. No fim de tudo, só um Aquiles consegui evocar: aquele que eu vira muitos anos antes, a pele brilhante depois do banho, os olhos amarelos cintilando de prazer porque era para mim, o seu filho ainda pequeno, que ele estava olhando.

Sem me preocupar que vissem as minhas lágrimas, regressei ao carro e subi para junto de Automedonte.

- Para os navios, amigo do meu pai! Voltaremos para casa! - disse-lhe eu.
- Para casa! - ecoou o fiel Automedonte, que partira de Áulida com Aquiles. Para casa!
Na planície, as chamas devoravam Tróia, mas os nossos olhos não viam outra coisa senão o sol que reverberava no mar tão escuro como vinho e que nos dizia que aquele era o caminho para casa.

EPÍLOGO

O destino de alguns sobreviventes.

Agamêmnon regressou são e salvo a Micenas, sem saber que a sua esposa, Clitemenestra, usurpara o trono e casara com Egisto. Depois de uma agradável recepção, Clitemenestra convenceu-o a tomar banho. Enquanto ele chapinhava feliz na água quente do banho, a rainha pegou o machado sagrado e matou-o.

Depois, matou a concubina de Agamêmnon, Cassandra, a profetisa. Temendo que Egisto matasse Orestes, Electra, a filha mais velha de Agamêmnon e Clitemenestra, levou para bem longe o irmão. Orestes viria a vingar o pai, matando a mãe e o amante desta. Porém, fizesse o que fizesse, Orestes não tinha saída: os deuses exigiram-lhe que vingasse a morte do pai, mas condenaram-no por matricídio. O irmão de Electra acabou por enlouquecer.

Segundo a tradição latina, **Enéias** fugiu do incêndio de Tróia com o pai, o velho Anquises, empoleirado nos seus ombros, e com o Paládio debaixo do braço. Fez-se depois ao mar, tendo acabado por aportar a Cartago, no norte de África, onde a rainha, Dido, se apaixonou perdidamente por ele. Quando Enéias abandonou Cartago, Dido suicidou-se. O destino final de Enéias teria sido, ainda segundo a mesma tradição, a planície do Lácio, na Itália Central, onde se instalou após ter travado uma guerra. Iúlio, filho de Enéias e da princesa Lavínia do Lácio, tornou-se rei de Alba Longa e dele descenderia Júlio César. Contudo, a tradição grega nega tudo isto. Diz que Enéias foi levado como cativo pelo filho de Aquiles, Neoptolemo, o qual, posteriormente, negociou com os Dardanianos o seu resgate; segundo a tradição grega, Enéias teria se instalado mais tarde na Trácia.

Andrômaca, a viúva de Heitor, foi feita prisioneira por Neoptolemo, que fez dela ou sua esposa, ou sua concubina. Andrômaca deu-lhe pelo menos dois filhos.

Antenor, juntamente com a esposa, a sacerdotisa Teano, e os filhos, pôde abandonar livremente Tróia, após a queda da cidade. A família viria a instalar-se na Trácia - ou, segundo alguns, na Cirenaica, no norte de África.

Ascânio, o filho de Enéias e da princesa troiana Creúsa, permaneceu na Ásia Menor depois do seu pai ter partido com Neoptolemo. O trono de Tróia viria a ser seu, mas Tróia havia perdido todo o seu antigo esplendor e poder.

O navio de **Diomedes** foi afastado da sua rota por uma tempestade e acabou por naufragar na costa da Lícia, na Ásia Menor. Diomedes, no entanto, sobreviveu. Acabou por chegar a Argos, onde descobriu que a mulher cometera adultério e lhe usurpara o trono. Foi derrotado e banido para Corinto, tendo travado depois uma guerra na Etólia. Aparentemente, Diomedes nunca mais teve um reino. O seu último paradeiro conhecido foi a cidade de Luceria, na Apúlia, Itália.

Hécuba acompanhou Ulisses ao Quersoneso da Trácia. Os seus uivos perpétuos deixaram tão aterrado o rei de Ítaca que este acabou por abandoná-la na praia. Apiedando-se dela, os deuses transformaram-na numa cadela preta.

Helena participou em todas as aventuras de Menelau.

Idomeneu teve o mesmo problema que Agamêmnon e Diomedes. A rainha usurpou o trono de Creta e partilhou-o com o amante, que expulsou Idomeneu. O antigo rei de Creta viria a instalar-se na Calábria, Itália.

Cassandra, a profetisa, rejeitara na sua juventude as propostas amorosas de Apolo. O deus vingou-se, amaldiçoando-a: Cassandra profetizaria sempre a verdade, mas ninguém acreditaria nela. Foi de início cativa do Pequeno Ájax; contudo, foi-lhe tirada depois de Ulisses ter jurado que a violara no altar de Atena. Agamêmnon também a queria e levou a melhor sobre os outros. Cassandra seguiu para Micenas no navio do rei supremo. A profetisa troiana avisou-o de que a morte os aguardava em Micenas, mas Agamêmnon não acreditou em tais palavras. A maldição de Apolo manteve-se até ao fim: Cassandra foi assassinada por Clitemenestra.

O navio do pequeno **Ájax** naufragou durante a viagem de regresso à Grécia. O príncipe morreu afogado.

O navio de **Menelau** foi desviado da sua rota pelos ventos e acabou por aportar ao Egito, onde (com Helena) visitou muitas terras, permanecendo nessa região durante oito anos. Regressou à Lacedemônia no mesmo dia em que Orestes matou a mãe. Menelau e Helena reinaram na Lacedemônia e lançaram as bases do futuro estado de Esparta.

Menesteu não voltou a Atenas. No regresso para casa, aceitou a ilha de Melo como o seu novo reino.

Neoptolemo sucedeu no trono a Peleu, mas, após um conflito com os filhos de Ascasto, abandonou a Tessália e foi viver para Dodona, no Epiro. Viria a ser morto quando saqueava o santuário da pitonisa de Delfos.

Nestor regressou a Pilos rapidamente e em segurança. Passou o resto da sua longuíssima vida no trono de Pilos, na mais absoluta paz e prosperidade.

Como o seu oráculo doméstico previra, **Ulisses** esteve vinte anos sem ver Ítaca. Depois de ter deixado Tróia, vagou pelo Mediterrâneo e teve um sem-número de aventuras com sereias, feiticeiras e monstros. Quando finalmente chegou a Ítaca, encontrou o palácio cheio de pretendentes à mão de Penélope, desejosos de lhe usurparem o trono através do casamento com a rainha. No entanto, Penélope conseguira protelar um compromisso, insistindo que só voltaria a casar-se quando acabasse de tecer a sua própria mortalha. Todas as noites, Penélope desmanchava o trabalho que tinha feito no dia anterior. Ajudado pelo filho, Telêmaco, Ulisses matou todos os pretendentes. O rei e a rainha de Ítaca viveram felizes até ao fim dos seus dias.

Filoctetes foi expulso do seu reino de Hestaiótis, tendo decidido emigrar para a cidade de Crotona (Lucânia, Itália). Levou consigo o arco e as flechas que tinham pertencido a Heracles.

POSFÁCIO

São muitas as fontes da história de Tróia. A *Ilíada* de Homero é apenas uma delas; abarca apenas cinquenta e alguns dias de uma guerra que (todas as fontes concordam quanto a este ponto) durou dez anos. O outro poema épico atribuído a Homero, a *Odisséia*, contém também muitas informações acerca da guerra e daqueles que a travaram. As outras fontes são freqüentemente fragmentárias e incluem, entre outros, Eurípides, Píndaro, Higino, Hesíodo, Virgílio, Apolodoro de Atenas, Tzetzes, Diodoro Sículo, Dionísio de Halicarnasso, Sófocles, Heródoto.

Crê-se que o saque verdadeiramente importante de Tróia (com efeito, houve vários) ocorreu por volta do ano 1184 a. C., uma época de grandes convulsões no extremo oriental do Mediterrâneo, em consequência de catástrofes naturais, designadamente terremotos, e da migração de novos povos, tanto para essa zona como de partes dessa zona para outras partes. Das regiões a sul do Danúbio, vários povos deslocavam-se para a Macedônia e para a Trácia, ao passo que alguns povos gregos colonizavam as

costas do mar Egeu e do mar Negro da atual Turquia. Estes movimentos convulsivos sucederam-se a migrações mais antigas e precederam outras migrações; viriam, aliás, a persistir até épocas relativamente recentes. Foram eles que deram origem a muitas das mais ricas tradições da história da Europa, da Ásia Menor e da bacia do Mediterrâneo.

Os dados arqueológicos surgiram com as descobertas de Heinrich Schliemann em Hissarlik, na Turquia, e de Sir Arthur Evans, em Cnossos, na ilha de Creta. Parecem restar poucas dúvidas de que foi travada uma guerra entre os Gregos Aqueus e os habitantes de Tróia (também chamada Ílio). É praticamente seguro que o objetivo dessa guerra era o controle dos Dardanelos, esse estreito vital entre o mar Negro (Euxino) e o Mediterrâneo (Egeu), já que o controle dos Dardanelos (o Helesponto) implicava um monopólio do comércio entre os dois mares. Era difícil obter certos produtos importantes, nomeadamente o estanho, sem o qual o cobre não poderia ser transformado em bronze.

O comércio, a economia e a necessidade de sobrevivência foram muito provavelmente as razões desta guerra, mas isso não implica que prescindamos de todos aqueles ornamentos que relevam da lenda, como é o caso da história de Helena ou do Cavalo de Madeira.

Algumas das personagens deste romance são mais conhecidas pelas versões latinas dos seus nomes: é o caso de Hércules (Heracles), Vênus (Afrodite), Júpiter (Zeus), Vulcano (Hefaiсто) ou Marte (Ares).

Apesar da existência de tábuas de argila (Linear A, Linear B, etc.) descobertas em Pilos e em outros locais de Micenas, os povos do Egeu do final da Idade do Bronze não eram letrados (no sentido que hoje damos a esta palavra). Entre estes povos, a capacidade de escrita, e não as “listas de mantimentos”, como Ulisses as denomina desdenhosamente (as tábuas acima referidas - que eram uma forma de Grego), só viria a surgir pouco antes do século VII a. C.

As moedas pertencem também ao século VII a. C. Portanto, no tempo da guerra de Tróia, o dinheiro enquanto tal não existia, ainda que o ouro, a prata e o bronze fossem usados como instrumentos de permuta.

No que toca a unidades de sistemas de medição, escolhi termos como “talento”, “légua”, “passo”, “cúbico” ou “dedo”. Em épocas muito posteriores, a légua viria a equivaler a três milhas; contudo, no âmbito deste livro, a légua poderá ser considerada como equivalendo apenas a uma milha, ou seja, 1,6 quilômetros.

O passo era um duplo passo, medindo cerca de cinco pés britânicos, ou seja, 1,6 metros. Quanto ao cúbito, discute-se se seria a distância desde o cotovelo ao pulso, ou desde o cotovelo aos ossos do punho fechado, ou desde o cotovelo às pontas dos dedos. No contexto deste livro, dever-se considerar que um cúbito equivalia a quinze polegadas (375 milímetros). Comprimentos menores eram medidos com o dedo médio (um pouco menos de uma polegada, cerca de 20 mm). Um talento era a carga que um homem podia transportar às costas: cerca de cinquenta e seis libras modernas (ou 25 quilos). O grão era uma medida de capacidade: considere-se que o recipiente usado para retirar de uma ânfora uma determinada quantidade de grãos (ou de água) continha cerca de quatro pints americanos, ou seja, um litro. Os anos, provavelmente, eram determinados de acordo com os ciclos das estações, ao passo que o mês era medido de acordo com a Lua - corresponderia talvez ao período entre duas luas novas. Horas, minutos e segundos eram desconhecidos.

FIM